Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Fernando Pedro Penarroias Vaz

Arte rupestre e povoamento pré-histórico e proto-histórico na margem esquerda da ribeira da Vilariça (nordeste transmontano)

maio de 2025

Arte rupestre e povoamento pré-histórico e proto-histórico na margem esquerda da ribeira da Vilariça (nordeste transmontano)

Fernando Pedro Penarroias Vaz

UMinho | 2025

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Fernando Pedro Penarroias Vaz

Arte rupestre e povoamento pré-histórico e proto-histórico na margem esquerda da ribeira da Vilariça (Nordeste transmontano)

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

maio de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho

[Caso o autor pretenda usar uma das licenças Creative Commons, deve escolher e deixar apenas um dos seguintes ícones e respetivo lettering e URL, eliminando o texto em itálico que se lhe segue. Contudo, é possível optar por outro tipo de licença, devendo, nesse caso, ser incluída a informação necessária adaptando devidamente esta minuta]



Atribuição
CC BY

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Agradecimentos

Esta dissertação de mestrado não é apenas o resultado de uma jornada académica, mas sim um caminho de vida partilhado com pessoas que me apoiaram nos momentos mais difíceis.

Agradeço profundamente à minha orientadora, Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt, pela paciência, pelo apoio intelectual e, sobretudo, pelo enorme incentivo ao longo deste percurso. Os vários telefonemas foram fundamentais para que esta dissertação fosse terminada. Muito obrigado por tudo.

À minha família, sobretudo à minha mulher Alexandra e ao meu filho Nelson, agradeço o amor, paciência e apoio ao longo destes anos. Sem eles, este trabalho não seria possível.

Uma palavra de agradecimento a um conjunto de pessoas que tornaram esta dissertação mais completa e, sem eles, muito do que aqui está escrito não seria possível. Quero agradecer à Palimpsesto – Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda., sobretudo a três pessoas que, sem eles, este trabalho seria mais difícil de concretizar. Deste modo, quero agradecer ao Ricardo Oliveira pela ajuda na elaboração de cartografia fundamental. Ao João Madureira pelo apoio prestado no layout e, por fim, com um agradecimento muito especial, ao Rui Barbosa. Foi de facto, um dos grandes impulsionadores para que esta dissertação terminasse em tempo útil, proporcionando os serviços necessários. A ti Rui, um muito obrigado.

Ao professor Francisco José Lopes, historiador de Alfândega da Fé que, para além de fornecer algum registo fotográfico indispensável, foi muito importante nas nossas conversas sobre o património arqueológico deste concelho.

Por fim, Ao José Moreira pelas informações prestadas e pela partilha de ideias, muito importantes na forma como encarei algumas das rochas gravadas.

A todos os que me ajudaram, um muito obrigado!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Arte rupestre e povoamento pré-histórico e proto-histórico na margem esquerda da ribeira da Vilariça (Nordeste transmontano)

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo aumentar o conhecimento sobre arte rupestre do Vale da Vilariça e a sua correlação com o povoamento pré-histórico e proto-histórico regional.

Na metodologia de investigação deste tema, foi necessário trabalho prévio de gabinete, trabalho de campo, que teve como base a prospeção arqueológica e trabalho avançado de gabinete.

Foram identificadas 68 rochas com arte rupestre nos concelhos de Alfândega da Fé e de Torre de Moncorvo, maioritariamente inéditos, de cronologia entre o Paleolítico Superior e, pelo menos, o séc. XIX, mas é, sobretudo, na Pré-história Recente e na Proto-história que se insere uma boa parte dos sítios gravados.

As temáticas representadas são naturalistas, esquemáticas e subnaturalistas. Para além da arte Paleolítica, há rochas inseríveis na arte esquemática tardia e na arte figurativa, tal como foram definidas por Bettencourt (2017a, 2017b, 2021, 2023). Há também motivos inseríveis na arte sidérica do Douro. As técnicas de gravação são as de incisão, incisão filiforme, picotado e raspagem e apenas num caso, a pintura.

Relativamente ao povoamento, este foi inventariado em ambas as margens da ribeira da Vilariça. Foram identificados, além de 19 povoados, entre o Calcolítico e a romanização, sete monumentos megalíticos, o recinto de estelas do Cabeço da Mina e as estelas isoladas da Quinta do Couquinho, da Quinta da Vila Maior e de Torre de Moncorvo.

Em relação às inter-relações entre povoamento e arte rupestre, verificou-se que a maioria das rochas gravadas se relacionam com povoados nos percursos pedestres de 2 h, sendo as da Idade do Ferro aquelas que mantêm uma maior proximidade. Quanto ao santuário do Cabeço da Mina, este apresenta alguma variedade de sítios no aro de 2 h. Para além de algumas rochas com arte rupestre, no seu aro de 30 minutos, a 60 minutos há, também, outras rochas gravadas e monumentos megalíticos, sendo de destacar que o povoado com possibilidade de ser contemporâneo (Castro de Santa Justa) se encontra no aro de 30 minutos. Estes dados parecem evidenciar a existência de um território "sagrado" ou significante em redor do Cabeço da Mina, pelo menos no seu aro de 60 minutos.

Palavras-chave: Vale da Vilariça; artes paleolítica, esquemática, figurativa e sidérica; arte *versus* povoados; Cabeço da Mina *versus* arte rupestre.

Rock Art and Prehistoric and Protohistoric Settlement on the Left Bank of the Vilariça Stream (Northeast Trás-os-Montes)

Abstract

This dissertation aims to enhance the understanding of rock art in the Vilariça Valley and its correlation with regional prehistoric and protohistoric settlement. The research methodology included preliminary desk work, archaeological field survey, and advanced analysis in the office.

A total of 68 rock art sites were identified in the municipalities of Alfândega da Fé and Torre de Moncorvo, most of them previously undocumented. Their chronology ranges from the Upper Paleolithic to at least the 19th century, though the majority of the engraved sites are dated to the Late Prehistory and Protohistory.

The represented themes include naturalistic, schematic, and sub-naturalistic styles. In addition to Paleolithic art, there are panels assigned to Late Schematic and Figurative art, as defined by Bettencourt (2017a, 2017b, 2021, 2023), as well as motifs linked to the so-called "sidereal art" of the Douro region. The engraving techniques identified include incision, fine-line incision, pecking, and scraping, with only one example of painting.

Regarding settlement, 19 sites dating from the Chalcolithic to the Romanization period were recorded on both banks of the Vilariça stream, along with seven megalithic monuments, the stelae enclosure at Cabeço da Mina, and isolated stelae at Quinta do Couquinho, Quinta da Vila Maior, and Torre de Moncorvo.

The analysis of the relationship between settlement and rock art revealed that most engraved rocks are located within a two-hour walking distance from settlements, with Iron Age sites showing the closest proximity. At the Cabeço da Mina sanctuary, several types of archaeological sites are found within this radius: engraved rocks within 30 minutes, and additional engraved panels and megalithic monuments up to 60 minutes away. Notably, the Santa Justa hillfort, which may be contemporaneous, is situated just 30 minutes away. These findings suggest the existence of a symbolic or "sacred" territory around Cabeço da Mina, at least within a 60-minute walking radius.

Keywords: Vilariça Valley; Paleolithic, schematic, figurative, and sidereal art; art-settlement relationships; Cabeço da Mina *versus* rock art.

ÍNDICE

AGRADECIMENTO ii

RESUMO iv

ABSTRACT v

ÍNDICE DE FIGURAS ix

ÍNDICE DE TABELAS xxxii

PARTE I. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS 1

1. Introdução 2

2. Quadro dos conhecimentos sobre a Pré-história Recente e a Proto-história no Vale da Vilariça 3

2.1 Introdução 3

3. Breve inventário sobre os vestígios da Pré-história Recente e da Proto-história do Vale da Vilariça 6

3.1 Monumentos megalíticos 6

3.1.1 Concelho de Alfândega da Fé 7

3.1.2 Concelho de Torre de Moncorvo 8

3.1.3 Concelho de Vila Flor 9

3.2 Estelas antropomórficas 10

3.2.1 Concelho de Torre de Moncorvo 11

3.2.2 Concelho de Vila Flor 15

3.3 Povoamento 18

3.3.1 Concelho de Alfândega da Fé 19

3.3.2 Concelho de Torre de Moncorvo 28

3.3.3 Concelho de Vila Flor 38

3.4 Estatuárias zoomórficas 41

3.4.1 Concelho de Torre de Moncorvo 41

4. Objetivos 44

PARTE II. METODOLOGIA 45

1. Praxis 46

1.1 Trabalho inicial de gabinete 46

1.2 Trabalho de campo 46

1.3 Trabalho avançado de gabinete 52

PARTE III. ESPAÇO DE TRABALHO: VALE DA VILARIÇA 53

1. Introdução 54

2. A área de estudo: o Vale da Vilariça 56

2.1 Litologia 56

2.2 A rede hidrográfica 58

2.3 O clima 58

2.4 Recursos mineiros 59

PARTE IV. OS DADOS 62

1. Catálogo de arte rupestre 63

1.1 Critérios descritivos 63

1.2 Inventário 64

1.2.1 Concelho de Alfândega da Fé 64

1.2.1.1 União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde 64

1.2.1.1.1 Eucísia 64

1.2.1.1.2 Gouveia 205

1.2.1.1.3 Santa Justa 337

1.2.1.2 Freguesia de Vilarelhos 399

1.2.2 Concelho de Torre de Moncorvo 405

1.2.2.1 União de Freguesias de Adeganha e Cardanha 405

1.2.2.1.1 Adeganha 405

PARTE V. DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES 410

1. Introdução 411

2. Povoamento pré-histórico e proto-histórico 411

3. Arte rupestre 414

3.1 Distribuição geográfica 414

3.2 Contexto geomorfológico 417

3.3 Tipo de superfícies gravadas 417

3.4 Técnicas 419

3.4.1 A arte pintada 426

3.4.1.1 Distribuição geográfica e contexto físico 426

3.4.1.2 Localização e características 428

3.4.1.3 Sobreposições de motivos e problemáticas cronológicas 431
3.4.2 As gravuras rupestres por raspagem 433
3.4.2.1 Distribuição geográfica e contexto físico 433
3.4.2.2 Condições de visibilidade e de visualização das gravuras 438
3.4.2.3 Características 439
3.4.2.4 Sobreposição de motivos e problemáticas cronológicas 445
3.4.3 Gravuras rupestres por incisão 448
3.4.3.1 Distribuição geográfica e contexto físico 448
3.4.3.2 Condições de visibilidade e visualização das gravuras 452
3.4.3.3 Motivos 454
3.4.3.4 Sobreposição de motivos e problemáticas cronológicas 466
3.4.4 Gravuras rupestre por picotado 468
3.4.4.1 Distribuição geográfica e contexto físico 468
3.4.4.2 Condições de visibilidade e visualização das gravuras 474
3.4.4.3 Motivos 475
3.4.4.4 Sobreposição de motivos e problemáticas cronológicas 482
3.5 Síntese cronológica 483
3.6 Arte rupestre e povoamento 498
4. Considerações finais 506

BIBLIOGRAFIA 509

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Monumentos megalíticos ainda existentes no Vale da Vilariça. 7
Figura 2 – O polígono a vermelho corresponde à área prospetada do sítio Chã Grande. Fotografia do autor. 9
Figura 3 – Mamoa da Chã da Senhora da Rosa 1. As setas indicam os esteios. Fotografia do autor... 10
Figura 4 – Esquerda: representação da estela antropomórfica de Torre de Moncorvo, segundo José Leite de Vasconcelos (1910). Centro: representação segundo Arnal (em Jorge e Jorge, 1990: 321). Direita: representação segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996). 12
Figura 5 –Esquerda: Estela antropomórfica da Quinta do Couquinho (Horta da Vilariça, Torre de Moncorvo), segundo Orlando Sousa, (SOUSA, 1996). Direita: Desenho da estela da Quinta do Couquinho (Vasconcelos, 1910). 13
Figura 6 – Esquerda: fotografia da estela (CAMPOS, 2002, in Correia, 2010: 77). Direita: Representação gráfica da estela antropomórfica de Quinta de Vila Maior (Cabeça Boa, Torre de Moncorvo) com levantamento sobre fotografia de Díaz-Guadarmino Uribe (CORREIRA, 2010: 77)..... 15
Figura 7 – Estelas 1 a 5 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996). 16
Figura 8 – Estela 5 a 12 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa, (SOUSA, 1996). 16
Figura 9 – Estela 13 a 20 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996). 17
Figura 10 – Estela 21 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996). 17
Figura 11 – Registo fotográfico da estela identificada em 2015 (FIGUEIREDO, 2015: 1639). 18
Figura 12 - Laje do Cabeço da Mina identificada em 2015 (FIGUEIREDO et. al., 2015: 1640)..... 18
Figura 13 – Esquerda: Vista aérea a partir de sul do Curral da Cerca onde é possível ver a linha de muralha. Fotografia do autor. Direita: Vista geral da linha de muralha nordeste do povoado do Pinhal Grande. Fotografia do autor. 21
Figura 14 – Vista aérea a partir de nordeste do povoado do Rebentão, onde é possível ver um troço da linha de muralha. Fotografia do autor..... 21
Figura 15 – Esquerda: vista aérea a partir de sul do Castro de Santa Justa. Fotografia do autor. Direita: possível torreão do Castro de Santa Justa. Fotografia do autor. 22
Figura 16 – Vista aérea a partir de norte da plataforma onde a concentração de materiais cerâmicos são mais numerosos. Fotografia do autor..... 24
Figura 17 - Cerâmicas de pastas manuais lisas identificadas na Casa dos Mouros. Fotografia do autor. 24
Figura 18 – Esquerda: fragmento de cerâmica manual com decoração penteada. Direita: machado de pedra polida em anfibolito. Fotografias do autor. 25
Figura 19 – Vista aérea a partir de noroeste do Castelo de Gouveia onde é possível ver um troço de muralha junto aos afloramentos. Fotografia do autor. 26
Figura 20 – Vista aérea a partir de sudeste do cabeço da Nossa Senhora dos Anúncios. Fotografia do autor. 28
Figura 21 – Cabeça de guerreiro encontrada no Castro da Nossa Senhora dos Anúncios. Fotografia do autor. 28
Figura 22 – Vista aérea a partir de sul da Senhora do Castelo. Fotografia do autor. 30
Figura 23 – Vista aérea a partir de sudoeste do Baldoeiro. Fotografia do autor. 32
Figura 24 – Vista aérea a partir de sudeste do Cabeço de Alfarela. Fotografia do autor. 33
Figura 25 – Vista aérea a partir de noroeste do Cabeço dos Apostolónios. Fotografia do autor. 34

Figura 26 – Vista aérea a partir de sul de Cabanas de Cima. Fotografia do autor. 35
Figura 27 – Vista aérea a partir de sul do Castelo da Junqueira. A seta indica o sítio arqueológico Fotografia do autor. 36
Figura 28 – Vista aérea a partir de sul do Castelo da Mina. A seta indica a localização deste sítio. Fotografia do autor. 37
Figura 29 – Vista aérea a partir de este do Castelo Velho. Fotografia do autor. 38
Figura 30 – Vista aérea a partir de oeste de Santa Marinha. Fotografia do autor. 39
Figura 31 – Esquerda: vista geral do Castro de Sampaio, a partir de sudeste. Fotografia do autor. Direita: Aspeto geral do castro de Sampaio e perfis transversal e longitudinal do cabeço de S. Pedro, segundo Santos Júnior (1952). 41
Figura 32 – Vista do Olival dos Berrões, a partir de sul. Fotografia do autor. 43
Figura 33 – Estatuária zoomórfica do Olival dos Berrões. Em cima da esquerda para a direita: escultura E 5245, E 5246 e E5247. Em baixo da esquerda para a direita: E 5248, E 5249 e E 5251. (SANTOS JÚNIOR, 1975). 43
Figura 34 – Pormenor das gravuras no lado esquerdo da cabeça da escultura E 5249 (SANTOS JÚNIOR, 1975). 43
Figura 35 – Exemplo de registo fotográfico diurno de Ferraduras 2. 48
Figura 36 – Utilização de plástico polivinílico no levantamento de gravuras. 49
Figura 37 – Vectorização das gravuras através de tablet. 49
Figura 38 – Utilização do software 3D Zephyr para o processamento fotogramétrico. 50
Figura 39 – Vale da Vilariça no contexto do Norte de Portugal e do Nordeste português. 56
Figura 40 – Fotografia aérea do Vale da Vilariça a partir de norte. Fotografia do autor. 57
Figura 41 – Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 1. 65
Figura 42 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 1. 66
Figura 43 – Rocha Favecas 1 com a área assinalada onde se encontram os painéis gravados A e B. Fotografia do autor. 67
Figura 44 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: motivos gravados: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia. 68
Figura 45 – Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: Motivos gravados: pontos raspados e linhas incisas filiformes a preto. Apesar do levantamento sugerir picotado, devido aos pequenos pontos, a técnica é a raspagem. Levantamento sobre fotografia. 69
Figura 46 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 2. 70
Figura 47 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 2. 71
Figura 48 - Rocha Favecas 2 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 72
Figura 49 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 2. Em baixo: motivos raspados com possível antropomorfo, assinalado dentro da oval amarela. Apesar do levantamento sugerir picotado, devido aos pequenos pontos, a técnica é a raspagem. Levantamento sobre fotografia. 73
Figura 50 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 3. 74

Figura 51 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 3. 75
Figura 52 - Rocha Favecas 3 com a área assinalada onde se encontra o painel A gravado. Fotografia do autor. 76
Figura 53 - Rocha Favecas 3 com a área assinalada onde se encontram o painel B gravado. Fotografia do autor. 77
Figura 54 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: motivos gravados que correspondem a linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia. 79
Figura 55 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: motivos gravados que correspondem a linhas raspadas a amarelo, motivo em U (ferradura) a vermelho e picotados a preto. Levantamento sobre fotografia. 81
Figura 56 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 4. 82
Figura 57 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 4. 83
Figura 58 - Rocha Favecas 4 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 84
Figura 59 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 4. Em baixo: traços aleatórios. Levantamento sobre fotografia. 85
Figura 60 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 5. 86
Figura 61 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 5. 87
Figura 62 - Rocha Favecas 5 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 88
Figura 63 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: sulcos retos no grupo da esquerda e sulcos ondulados no grupo da direita, acompanhados de dois sulcos retos verticais e um horizontal. Levantamento sobre fotografia. 89
Figura 64 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: triângulos abertos num dos lados e ziguezagues. As gravuras efetuadas através da raspagem encontram-se a amarelo e as incisas filiformes a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 91
Figura 65 - Em cima: pormenor das gravuras do painel C. Em baixo: triângulos abertos num dos lados, linhas paralelas, um “P” na horizontal e alguns pontos circunscritos à parte superior esquerda do painel. A amarelo encontram-se as gravuras raspadas e a vermelho as incisões filiformes. Levantamento sobre fotografia. 92
Figura 66 - Em cima: pormenor das gravuras do painel D. Em baixo: linhas paralelas entre si, vários motivos triangulares, um deles acompanhado de um sulco horizontal. Poderá corresponder a uma ponta de seta ou lança (?). Também é possível verificar o que parece ser um “M” na diagonal. Levantamento sobre fotografia. 93
Figura 67 - Em cima: pormenor das gravuras do painel E. Em baixo: quatro pequenas linhas oblíquas paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia. 94
Figura 68 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 6. 95
Figura 69 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 6. 96

Figura 70 - Rocha Favecas 6 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 97
Figura 71 - Em cima: vista geral das gravuras da rocha de Favecas 6. Ao centro: fotogrametria do painel com gravuras e pormenor do eventual antropomorfo. Em baixo: linhas horizontais, verticais e oblíquas, um eventual antropomorfo de menores dimensões assinalado com a seta branca. Na parte central identifica-se um eventual antropomorfo, assinalado com a seta verde. As gravuras a vermelho foram efetuadas através da técnica de raspagem e a amarelo através da incisão filiforme. Levantamento sobre fotografia. 100
Figura 72 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 7 101
Figura 73 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 7. 102
Figura 74 - Rocha Favecas 7 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 103
Figura 75 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 7. Em baixo: rosetas quadripétalas. Levantamento sobre fotografia. 104
Figura 76 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 8 105
Figura 77 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 8. 106
Figura 78 - Rocha Favecas 8 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 107
Figura 79 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 8. Em baixo: linhas paralelas entre si na horizontal, vertical e diagonal e dois grupos de picotados. A vermelho foram efetuadas incisões filiformes, a amarelo estão representadas as linhas raspadas e a branco pequenos picotados. Levantamento sobre fotografia. 108
Figura 80 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 9 109
Figura 81 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 9. 110
Figura 82 - Rocha Favecas 9 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 111
Figura 83 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 9. Em baixo: linhas raspadas a amarelo e quatro pequenos picotados a vermelho. Dentro do quadrado parece estar uma ponta de lança. A seta branca indica um possível reticulado com linha superior curva. Levantamento sobre fotografia. 112
Figura 84 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 10 113
Figura 85 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 10. 114
Figura 86 - Rocha Favecas 10 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 115
Figura 87 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 10. Em baixo: linhas raspadas a amarelo, formando dois grupos de gravuras. Levantamento sobre fotografia 116
Figura 88 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 11 117

Figura 89 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 11. 118
Figura 90 - Rocha Favecas 11 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 119
Figura 91 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: antropomorfo (?), reticulado e linhas curvas e retas. Levantamento sobre fotografia. 120
Figura 92 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas incisas que se interligam. Levantamento sobre fotografia. 121
Figura 93 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 12. 122
Figura 94 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 12. 123
Figura 95 – Favecas 12 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 124
Figura 96 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas incisas filiformes paralelas. Levantamento sobre fotografia. 125
Figura 97 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: picotados nas fraturas naturais do afloramento. Parecem motivos em U, pelo menos o de cima, cuja reprodução do picotado terá saído da sua ordem. Outros estão incompletos ou perturbados por estalamentos. Levantamento sobre fotografia. 126
Figura 98 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 13. 127
Figura 99 - Excerto da folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 13. 128
Figura 100 - Favecas 13 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 129
Figura 101 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 13. Em baixo: levantamento sobre fotografia onde é possível verificar um possível antropomorfo no centro do painel. Levantamento sobre fotografia. 130
Figura 102 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 14. 131
Figura 103 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 14. 132
Figura 104 - Rocha Favecas 14 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 133
Figura 105 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas raspadas verticais e pequenas áreas raspadas densamente entre estas linhas. Levantamento sobre fotografia. 134
Figura 106 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas curvas incisas. Levantamento sobre fotografia. 135
Figura 107 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 15. 136
Figura 108 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 15. 137
Figura 109 – Favecas 15 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 138

Figura 110 – Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 15. Em baixo: motivo triangular. Levantamento sobre fotografia. 139
Figura 111 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 15. Em baixo: picotados dispersos longitudinalmente. Levantamento sobre fotografia. 140
Figura 112 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 16. 141
Figura 113 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 16. 142
Figura 114 - Rocha Favecas 16 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 143
Figura 115 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 16. Em baixo: cruciforme e pequenas linhas raspadas a amarelo e picotados a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 144
Figura 116 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 17. 145
Figura 117 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 17. 146
Figura 118 - Rocha Favecas 17 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 147
Figura 119 - Em cima: fotogrametria do painel com as gravuras da rocha Favecas 17. Ao centro: pormenor das gravuras. Em baixo: linhas incisas filiformes a vermelho e linhas raspadas a amarelo. Levantamento sobre fotografia. 149
Figura 120 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 18. 150
Figura 121 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 18. 151
Figura 122 - Rocha Favecas 18 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 152
Figura 123 – À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Favecas 18. À direita: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia. 153
Figura 124 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 19. 154
Figura 125 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 19. 155
Figura 126 - Rocha Favecas 19 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 156
Figura 127 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas raspadas em ziguezague com terminal inferior raiado. Levantamento sobre fotografia. 157
Figura 128 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas raspadas verticais. Levantamento sobre fotografia. 158
Figura 129 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 20. 159
Figura 130 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 20. 160
Figura 131 - Rocha Favecas 20 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 161

Figura 132 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 20. Em baixo: linhas incisas filiformes em dois grupos distintos. Levantamento sobre fotografia. 162
Figura 133 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 21. 163
Figura 134 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 21. 164
Figura 135 - Rocha Favecas 21 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 165
Figura 136 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 21. Em baixo: motivo retangular preenchido por linhas oblíquas, verticais e áreas com raspagem da superfície. Levantamento sobre fotografia. 166
Figura 137 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 22. 167
Figura 138 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de favecas 22. 168
Figura 139 – Favecas 22 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 169
Figura 140 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha de Favecas 22. Em baixo: linhas paralelas incisas e linhas verticais e horizontais entrecruzadas. Levantamento sobre fotografia. 171
Figura 141 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 23. 172
Figura 142 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, com a localização de Favecas 23. 173
Figura 143 - Rocha Favecas 23 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 174
Figura 144 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 23. Em baixo: reticulado, triangulo aberto de um dos lados, linhas paralelas entre si e linhas curvas. Levantamento sobre fotografia. ... 175
Figura 145 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 24. 176
Figura 146 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 24. 177
Figura 147 – Favecas 24 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 178
Figura 148 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 24. Em baixo: dois grupos de linhas incisas oblíquas, paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia. 179
Figura 149 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Fraga das Ferraduras. 180
Figura 150 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, a localização de Fraga das Ferraduras. 181
Figura 151 - Levantamento de um dos painéis da Fraga das Ferraduras efetuado por Mila Simões de Abreu (ABREU, 2012: 105). 182
Figura 152 - Vista geral da Fraga das Ferraduras a partir de sudoeste. A seta a vermelho indica o painel A, a seta a laranja o painel B, a seta verde o painel C e a seta azul o painel D. Fotografia do autor. . 183
Figura 153 - Esquerda: motivos gravados no painel A: motivos em U. O retângulo a vermelho indica o painel A. A seta indica a localização dos motivos pintados. Direita: motivos gravados no topo superior

do painel A. É possível identificar motivos em U e alguns pontos picotados dispersos. Fotografias do autor. 185
Figura 154 - Motivos pintados identificados recentemente no painel A. Os picotados sobrepõem-se às pinturas. A imagem superior esquerda corresponde a uma fotografia sem filtros. A imagem superior direita tem um filtro CRGB e a inferior esquerda, um filtro YRE. 186
Figura 155 - Motivos gravados no painel B: "ferraduras" ou motivos em U e podomorfos. Fotografia do autor. 187
Figura 156 - Grupos de gravuras assinaladas no painel C. Fotografia do autor. 188
Figura 157 - Pormenor das gravuras do grupo A do painel C onde são visíveis picotados e incisões filiformes. Fotografia do autor. 188
Figura 158 - Pormenor das gravuras do grupo B do painel C onde se verificam motivos circulares, em U picotados e incisões filiformes. Fotografia do autor. 189
Figura 159 - Pormenor das gravuras do grupo C do painel C onde se verificam motivos em U picotados e incisões filiformes. Fotografia do autor. 189
Figura 160 - Pormenor das gravuras do grupo D do painel C com motivos picotados em que o da direita parece ser um podomorfo. Fotografia do autor. 190
Figura 161 - Pormenor das gravuras do grupo E do painel C onde se verifica alguns picotados dispersos e um motivo em U, também picotado, bem como incisões filiformes. Alguns destes picotados dispersos poderão ser históricos. Fotografia do autor. 190
Figura 162 - Motivos gravados no painel D: "ferraduras" ou motivos em U e podomorfos. A seta indica um dos podomorfos. Fotografia do autor. 191
Figura 163 - Pormenor dos podomorfos do painel D. Fotografia do autor. 191
Figura 164 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Ferraduras 2. 192
Figura 165 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Fraga das Ferraduras 2. 193
Figura 166 - Ferraduras 2 com a localização dos painéis gravados. Fotografia do autor. 194
Figura 167 - Motivos gravados no painel A: "ferraduras" ou motivos em U. Fotografias do autor. 195
Figura 168 - Motivos gravados no painel B: "ferraduras" ou motivos em U. A seta assinala o painel com as gravuras no lado direito da imagem. Fotografia do autor. 195
Figura 169 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Ridevides 4. 196
Figura 170 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Ridevides 4. 197
Figura 171 - Rocha Ridevides 4 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. A seta indica a posição do painel C. À esquerda: vista a partir de sudoeste. À direita: vista a partir de noroeste. Fotografias do autor. 198
Figura 172 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas filiformes a vermelho e picotados a preto. Levantamento sobre fotografia. 199
Figura 173 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel B. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 199
Figura 174 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C. À direita: linhas incisas a vermelho e picotados a preto. Levantamento sobre fotografia. 200
Figura 175 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 200

Figura 176 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Serrinha 1. 201
Figura 177 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Serrinha 1. 202
Figura 178 - Rocha Serrinha 1 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor. 203
Figura 179 - À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Serrinha 1. À direita: pormenor de um dos motivos em U. Fotografia do autor. 204
Figura 180 - Pormenor das incisões da rocha Serrinha 1. Fotografia do autor. 204
Figura 181 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Coutada 1. 205
Figura 182 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Coutada 1. 206
Figura 183 - Rocha Coutada 1 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 207
Figura 184 - Em cima: pormenor das gravuras do grupo A. Em baixo: linhas incisas a vermelho e picotados a lilás do grupo A. Levantamento sobre fotografia. 208
Figura 185 - Esquerda: pormenor das gravuras do grupo B. Direita: motivo em ziguezague, gravado através da técnica de incisão filiforme do grupo B. Levantamento sobre fotografia. 209
Figura 186 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Coutada 2. 210
Figura 187 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Coutada 2. 211
Figura 188 - Rocha Coutada 2 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 212
Figura 189 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Coutada 2. Fotografia noturna com luz rasante. Em baixo: “tabuleiro de jogo” a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 213
Figura 190 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 28. 214
Figura 191 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 28. 215
Figura 192 - Rocha Favecas 28 com as áreas onde se encontram as gravuras assinaladas. A seta indica a posição do painel D. Vista a partir de sudoeste. Fotografia do autor. 216
Figura 193 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 217
Figura 194 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel B. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 217
Figura 195 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C. À direita: linhas incisas a vermelho e raspadas a amarelo. Levantamento sobre fotografia. 218
Figura 196 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 218
Figura 197 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas a vermelho indicam um antropomorfo, a amarelo incisões e a verde raspagem. Levantamento sobre fotografia. 219
Figura 198 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: caracteres (?) incisos a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 219

Figura 199 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 220
Figura 200 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 29. 221
Figura 201 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 29. 222
Figura 202 - Rocha Favecas 29 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Vista a partir de sudoeste. Fotografia do autor. 223
Figura 203 - À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Favecas 29. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 224
Figura 204 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 1. 225
Figura 205 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 1. 226
Figura 206 - Vista geral da rocha Moinhos 1. Os retângulos a vermelho assinalam as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor. 227
Figura 207 - À esquerda: pormenor das gravuras do grupo A. À direita: pormenor das gravuras do grupo B. Fotografias do autor. 227
Figura 208 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 2. 228
Figura 209 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 2. 229
Figura 210 - Vista geral da rocha Moinhos 2. Os retângulos a vermelho assinalam as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor. 230
Figura 211 - Em cima: pormenor das gravuras do grupo A. Em baixo: levantamento sobre o painel onde estão representadas a verde as gravuras do grupo A. Os picotados são as fraturas naturais da rocha. Levantamento do autor. 231
Figura 212 - Em cima: pormenor das gravuras do grupo B. em baixo: levantamento sobre o painel onde estão representadas a preto as gravuras do grupo B. Os picotados são as fraturas naturais da rocha. Levantamento do autor. 232
Figura 213 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 3. 233
Figura 214 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 3. 234
Figura 215 - Vista geral da rocha Moinhos 3. O retângulo a vermelho assinala as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor. 235
Figura 216 - Pormenor das gravuras da rocha Moinhos 3. Fotografia do autor. 236
Figura 217 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 4. 237
Figura 218 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 4. 238
Figura 219 - Vista geral da rocha Moinhos 4. O quadrado a vermelho assinala as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor. 239
Figura 220 - Pormenor das gravuras da rocha Moinhos 4. Fotografia do autor. 240

Figura 221 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 5. 241
Figura 222 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 5. 242
Figura 223 - Vista geral da rocha Moinhos 5. O quadrado a vermelho assinala as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor. 243
Figura 224 - Pormenor das gravuras da rocha Moinhos 5. Fotografia do autor. 244
Figura 225 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 1. 245
Figura 226 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000 com a localização de Pias 1. 246
Figura 227 - Vista geral da rocha Pias 1 onde estão assinalados os seis painéis com gravuras. Fotografia do autor. 247
Figura 228 - Em cima: Pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: possível antropomorfo picotado e linhas incisas. Levantamento do autor. 248
Figura 229 - Linhas incisas filiformes do painel B. Levantamento do autor. 248
Figura 230 - Em cima: pormenor das gravuras do painel C. Em baixo: linhas incisas, picotados e fusiformes. Levantamento do autor. 249
Figura 231 - Em cima: pormenor das gravuras do painel D. Em baixo: motivo em U ou “ferradura” picotado. Levantamento do autor. 249
Figura 232 - Em cima: pormenor das gravuras do painel E. Em baixo: provável motivo em U picotado. Levantamento do autor. 250
Figura 233 - Painel F com linhas incisas filiformes. Levantamento do autor. 250
Figura 234 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 2. 251
Figura 235 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal com a localização de Pias 2. 252
Figura 236 - Vista geral da rocha Pias 2 onde estão assinalados os três painéis com gravuras. Fotografia do autor. 253
Figura 237 - Em cima: pormenor do painel A. Em baixo: linhas incisas filiformes, linhas raspadas, picotados e um pentagrama raspado. Levantamento do autor. 255
Figura 238 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas raspadas, picotados e um cruciforme picotado. Levantamento do autor. 256
Figura 239 - Em cima: pormenor das gravuras do painel C. em baixo: cruciforme picotado. Levantamento do autor. 256
Figura 240 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 3. 257
Figura 241 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 3. 258
Figura 242 - Vista geral da rocha Pias 3 onde está assinalado o painel com gravuras. Fotografia do autor. 259
Figura 243 - Linhas incisas filiformes da rocha Pias 3. Fotografia do autor. 260
Figura 244 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 4. 261
Figura 245 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 4. 262

Figura 246 - Vista geral da rocha Pias 4 onde está assinalado o painel com gravuras. Fotografia do autor. 263
Figura 247 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Pias 4. Em baixo: linhas incisas filiformes. Levantamento do autor. 264
Figura 248 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 5. 265
Figura 249 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 5. 266
Figura 250 - Vista geral da rocha Pias 5 onde está assinalado o painel com gravuras. Fotografia do autor. 267
Figura 251 - Pormenor de parte de uma data picotada e um tabuleiro de jogo efetuado através da incisão filiforme. Fotografia do autor. 268
Figura 252 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 6. 269
Figura 253 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 6. 270
Figura 254 - Vista geral da rocha Pias 6. Fotografia do autor. 271
Figura 255 - Em cima: pormenor de alguns motivos em U da rocha de Pias 6 fotografados com luz rasante. Em baixo: a seta azul indica um eventual antropomorfo e a seta vermelha um outro antropomorfo, de maiores dimensões. Fotografias do autor. 272
Figura 256 – Fotogrametria da rocha de Pias 6. A seta indica um eventual antropomorfo. 273
Figura 257 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 7. 274
Figura 258 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 7. 275
Figura 259 - Vista geral da rocha Pias 7 com os grupos de gravuras assinalados no mesmo painel. Fotografia do autor. 276
Figura 260 - Em cima à esquerda: gravuras do grupo A que podem corresponder a um tabuleiro de jogo. Em cima à direita: grupo B constituído por linhas raspadas paralelas entre si e algumas entrecruzadas. Em baixo: grupo C que corresponde a linhas raspadas paralelas entre si, também com algumas entrecruzadas. Fotografias do autor. 277
Figura 261 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 8. 278
Figura 262 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 8. 279
Figura 263 - Vista geral da rocha Pias 8 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 280
Figura 264 - Pormenor das gravuras da rocha Pias 8. Fotografia do autor. 281
Figura 265 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 9. 282
Figura 266 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, com a localização de Pias 9. 283
Figura 267 - Vista geral da rocha Pias 9 com os painéis gravados assinalados a partir de sul. Fotografia do autor. 284
Figura 268 - Vista geral da rocha Pias 9 com os painéis gravados assinalados a partir de sudeste. Fotografia do autor. 284

Figura 269 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas paralelas na parte central e linhas dispersas abaixo e na parte direita destas. No canto superior esquerdo existe um pequeno grupo de linhas oblíquas, paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia. 286
Figura 270 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel B (seta a vermelho). À direita: linhas incisas dispersas um pouco por todo o painel. Existem algumas gravuras agrupadas, sobretudo na parte central. Levantamento sobre fotografia. 286
Figura 271 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C. À direita: linhas um pouco por todo o painel. Há um motivo que se repete algumas vezes, semelhante a um A. As setas indicam esses motivos. Há um pequeno grupo de linhas oblíquas, paralelas entre si na parte superior do painel. As gravuras a preto correspondem a linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia. 287
Figura 272 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a amarelo, dispersas pela parte direita do painel. A preto linhas raspadas, ocupando quase todo o painel. A vermelho está identificado um eventual antropomorfo com uma linha horizontal à cintura. Do lado direito deste motivo, encontram-se dois pequenos picotados a rosa. Levantamento sobre fotografia. 288
Figura 273 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel E. À direita: linhas incisas filiformes com a representação de um eventual antropomorfo na parte superior, semelhante ao do painel D, com picotados junto a este motivo. A seta a vermelho indica este possível antropomorfo. Há um pequeno grupo de gravuras raspadas, assinalado pelo círculo. Levantamento sobre fotografia. 289
Figura 274 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel F. À direita: linhas raspadas horizontais paralelas entre si com duas linhas verticais curvas e uma oblíqua, de menores dimensões, no grupo da direita. No grupo da esquerda, linhas dispersas. Levantamento sobre fotografia. 290
Figura 275 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel G. À direita: linhas paralelas entre si numa posição oblíqua e, perpendiculares a estas, outras linhas, quase como se formasse um axadrezado aberto. Na parte lateral esquerda deste painel, foi gravado, um motivo picotado semelhante a um báculo (?), para além de pontos dispersos. Levantamento sobre fotografia. 291
Figura 276 - Pormenor das gravuras do painel G. Fotografia do autor. 292
Figura 277 - Em cima: pormenor das gravuras do painel H. Em baixo: linhas incisas paralelas entre si, um ziguezague e, no fundo do painel, uma linha horizontal, com linhas perpendiculares a esta, para além de picotados dispersos. Levantamento sobre fotografia. 293
Figura 278 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel I. À direita: forma quase quadrada, com linhas incisas filiformes dispersas no seu interior. Levantamento sobre fotografia. 294
Figura 279 - Pormenor das gravuras picotadas do painel J. 295
Figura 280 - Em cima: pormenor das gravuras do painel K. Em baixo: linhas incisas filiformes, curvas, e na parte inferior esquerda do painel, um pequeno motivo em “espinha”. Levantamento sobre fotografia. 296
Figura 281 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 10. 297
Figura 282 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 10. 298
Figura 283 - Vista geral da rocha Pias 10 com os oito painéis gravados assinalados. Fotografia do autor. 299
Figura 284 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Fotografia noturna com luz rasante. Em baixo: sulcos incisos filiformes, alguns deles parecendo alfabetiformes, e linhas paralelas raspadas. Levantamento do autor. 301
Figura 285 - Pormenor das gravuras do painel B com sulcos em ziguezague. 302

Figura 286 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C: À direita: pentagrama gravado através de incisão filiforme. Levantamento do autor. 302
Figura 287 - Pormenor das gravuras do painel D com pequeno reticulado na parte inferior. Fotografia do autor. 303
Figura 288 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel E. À direita: linhas incisas filiformes verticais, horizontais e um motivo triangular aberto. Levantamento do autor. 303
Figura 289 – À esquerda: pormenor das gravuras do painel F. Fotografia noturna com luz rasante. À direita: sulcos incisos filiformes na vertical. Levantamento do autor. 304
Figura 290 - Vista geral das gravuras do painel G com linhas incisas filiformes de difícil perceção. O retângulo assinala a área gravada. Fotografia do autor. 304
Figura 291 - Em cima: pormenor das gravuras na parte proximal do painel H. Ao centro: pormenor do eventual zoomorfo. Em baixo: sulcos incisos ao longo de quase todo o painel. No topo há, pelo menos, dois motivos que parecem alfabetiformes. Na base do painel (canto inferior esquerdo) parece existir um zoomorfo muito estilizado, com cauda curta (caprídeo?). Levantamento do autor. 306
Figura 292 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 11. 307
Figura 293 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 11. 308
Figura 294 - Vista geral da rocha Pias 11 com a representação sítios gravados. Fotografia do autor. 309
Figura 295 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas incisas filiformes e raspadas (linhas ténues). Levantamento do autor. 310
Figura 296 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: cruciformes incisos. Levantamento do autor. 311
Figura 297 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 12. 312
Figura 298 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 12. 313
Figura 299 - Vista geral da rocha Pias 12 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 314
Figura 300 - Pormenor dos picotados da rocha Pias 12. Fotografia do autor. 315
Figura 301 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 1. 316
Figura 302 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 1. 317
Figura 303 - Vista geral da rocha Vale Concelho 1 com os dois painéis gravados assinalados. Fotografia do autor. 318
Figura 304 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia. 319
Figura 305 - Á esquerda: pormenor das gravuras do painel B. À direita: motivos efetuados através da técnica de raspagem em forma de “folha” com algumas linhas e pontos a preenchê-lo. Levantamento sobre fotografia. 319
Figura 306 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 2. 320
Figura 307 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 2. 321

Figura 308 - Vista geral da rocha Vale Concelho 2 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 322
Figura 309 - À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Vale Concelho 2. À direita: motivo triangular inciso. Levantamento sobre fotografia. 323
Figura 310 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 3..... 324
Figura 311 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 3..... 325
Figura 312 - Vista geral da rocha Vale Concelho 3 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 326
Figura 313 - Á esquerda: pormenor das gravuras da rocha Vale Concelho 3. Á direita: linhas raspadas com várias disposições. Levantamento sobre fotografia. 326
Figura 314 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 4..... 327
Figura 315 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 4..... 328
Figura 316 - Vista geral da rocha Vale Concelho 4 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 329
Figura 317 – Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vale Concelho 4. Em baixo: linhas incisas verticais, paralelas e entrecruzadas no grupo da esquerda e linhas verticais, oblíquas e horizontais no grupo da direita. Levantamento sobre fotografia. 331
Figura 318 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 5..... 332
Figura 319 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 5..... 333
Figura 320 - Vista geral da rocha Vale Concelho 5 com as gravuras assinaladas. Fotografias do autor. 334
Figura 321 - Pormenor das eventuais gravuras do painel A, com dois grupos de linhas incisas filiformes verticais paralelas entre si. Fotografia do autor. 335
Figura 322 - Pormenor das gravuras do painel B com incisões filiformes, formando dois pequenos grupos de linhas paralelas, um horizontal e o outro oblíquo. Fotografia do autor. 336
Figura 323 - Pormenor das gravuras do painel C com linhas incisas filiformes, de difícil interpretação. Fotografia do autor. 337
Figura 324 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pedra Nova..... 338
Figura 325 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pedra Nova..... 339
Figura 326 - Vista geral da rocha Pedra Nova com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 340
Figura 327 - Pormenor das gravuras do painel A, com incisões filiformes paralelas entre si. Fotografias do autor. 341
Figura 328 - Pormenor do grupo de motivos em U, picotados, do painel B. Fotografia do autor..... 341
Figura 329 - Pormenor das gravuras do painel B onde se identificam motivos em U, picotados..... 342
Figura 330 - Pormenor de um grupo de sulcos fusiformes do painel B. Fotografia noturna com luz rasante do autor. 342

Figura 331 - Pormenor das gravuras do painel B onde se encontram incisões filiformes e fusiformes. Fotografia noturna com luz rasante do autor. 343
Figura 332 - Pormenor de um grupo de linhas fusiformes do painel B. Fotografia noturna com luz rasante do autor. 343
Figura 333 - Pormenor de um grupo de linhas fusiformes do painel B. Fotografia noturna com luz rasante do autor. 344
Figura 334 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Bogalheira 1. 345
Figura 335 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Bogalheira 1. 346
Figura 336 - Vista geral da rocha Bogalheira 1 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 347
Figura 337 - Pormenor das incisões filiformes da rocha da Bogalheira 1. Fotografia do autor. 348
Figura 338 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Bogalheira 2. 349
Figura 339 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Bogalheira 2. 350
Figura 340 - Vista geral da rocha Bogalheira 2 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor. 351
Figura 341 - Pormenor das gravuras da rocha da Bogalheira 2. Fotografia do autor. 352
Figura 342 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Cabeço da Mina 1. 353
Figura 343 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Cabeço da Mina 1. 354
Figura 344 - Rocha Cabeço da Mina 1 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 355
Figura 345 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha do Cabeço da Mina 1. Em baixo: a amarelo, linha incisa com secção em U, a vermelho linhas incisas filiformes e a preto picotados. Levantamento sobre fotografia. 356
Figura 346 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização do Abrigo do Castro de Santa Justa. 357
Figura 347 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização do Abrigo do Castro de Santa Justa. 358
Figura 348 - Abrigo do Castro de Santa Justa com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 359
Figura 349 - Motivos gravados no painel A indicado pela seta azul: uma covinha. Fotografia do autor. 360
Figura 350 - Motivos gravados no painel B indicados pela seta laranja: três covinhas. Fotografia do autor. 361
Figura 351 - Esquerda: motivos gravados no painel C indicado pela seta amarela. Direita: linhas incisas filiformes. As linhas raspadas não constam neste levantamento devido à sua difícil perceção neste painel. Levantamento sobre fotografia. 361
Figura 352 - Esquerda: Motivos gravados no painel D indicado pela seta verde: linhas incisas que formam losangos. Levantamento sobre fotografia. 362
Figura 353 - Esquerda: motivos gravados no painel E. Direita: linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia. 362

Figura 354 - Esquerda: motivos gravados no painel F. Direita: linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia. 363
Figura 355 - Esquerda: motivos gravados no painel G indicados pela seta vermelha. Direita: linhas incisas filiformes com picotado sobre estas. Levantamento sobre fotografia. 363
Figura 356 - Esquerda: motivos gravados no painel H. Direita: linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia. 364
Figura 357 - Esquerda: motivos gravados no painel I indicado pela seta cinza. Direita: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia. 364
Figura 358 - Motivos gravados no painel J indicado pela seta lilás: a seta indica o eventual axadrezado raspado. Levantamento sobre fotografia. 365
Figura 359 - Esquerda: motivos gravados no painel K indicado pela seta branca. Direita: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia. 365
Figura 360 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pedra Escrita de Ridevides 1. 366
Figura 361 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização da Pedra Escrita de Ridevides 1. 367
Figura 362 - Levantamentos efetuado pelo Abade de Baçal da Pedra Escrita de Ridevides, na primeira metade do século XX (ALVES, 2000: 650). 369
Figura 363 - Decalque de Santos Júnior (1963, n.p). 369
Figura 364 - Decalque efetuado por Emília Simões de Abreu e equipa, no contexto do Projeto Gravado no Tempo (Fotografia cedida por Francisco José Lopes). 370
Figura 365 - Decalque parcial da Pedra Escrita de Ridevides, em Abreu (2012, vol. IV, 110) onde se verifica a sobreposição de um motivo em U sobre o cabo de uma alabarda invertida. 370
Figura 366 - Vista geral da Pedra Escrita de Ridevides 1 a partir de sudoeste. Fotografia do autor.... 371
Figura 367 – Fotogrametria da Pedra Escrita de Ridevides 1. 372
Figura 368 - Exemplos de alabardas com e sem cabo da Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografias do autor. 373
Figura 369 - A seta indica um escalariforme da Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor.... 373
Figura 370 - Um exemplo de axadrezado da Pedra Escrita de Ridevides. Fotografia do autor. 374
Figura 371 - Alguns exemplos de sulcos incisos paralelos e convergentes da Pedra Escrita de Ridevides 1, bem como covinhas e covinha associada a sulcos retilíneos. Fotografia do autor. 374
Figura 372 - Esquerda: possível idoliforme da Pedra Escrita da Ridevides 1. Direita: levantamento do autor sobre fotografia deste possível idoliforme. 375
Figura 373 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pedra Escrita de Ridevides 2. 376
Figura 374 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização da Pedra Escrita de Ridevides 2. 377
Figura 375 - Levantamento de Santos Júnior (1963: 116) onde se nota uma alabarda, escalariformes e reticulados, incisos, além de uma covinha associada, um sulco retilíneo e, do lado direito, alguns traços associados, formando um A e dois M, um maior do que o outro. 378
Figura 376 - Vista aérea vertical de Pedra Escrita de Ridevides 2. Fotografia do autor. 379
Figura 377 - As setas indicam os axadrezados da Pedra Escrita de Ridevides 2. Também se observa a lâmina de uma alabarda. Fotografia do autor. 380
Figura 378 - A seta indica uma possível lâmina de alabarda da Pedra Escrita de Ridevides 2. Fotografia do autor. 380

Figura 379 - Pequenas incisões em forma de M e de A e pequenos traços fusiformes da Pedra Escrita de Ridevides 2. Fotografia do autor. 381
Figura 380 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 1. 382
Figura 381 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 1. 383
Figura 382 - Rocha Vilariça 1 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 384
Figura 383 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vilariça 1. Em baixo: dois pentagramas abaixo do lado direito e linha vertical entrecruzada por linhas horizontais. Levantamento sobre fotografia. .. 385
Figura 384 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 2. 386
Figura 385 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 2. 387
Figura 386 - Rocha Vilariça 2 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 388
Figura 387 - Motivos gravados na rocha Vilariça 2: linhas raspadas oblíquas e picotados. Fotografia do autor. 389
Figura 388 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 3. 390
Figura 389 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 3. 391
Figura 390 - Rocha Vilariça 3 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 392
Figura 391 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vilariça 3. Em baixo: linhas paralelas oblíquas e reticulado parcial. Levantamento sobre fotografia. 393
Figura 392 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 4. 394
Figura 393 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 4. 395
Figura 394 - Rocha Vilariça 4 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 396
Figura 395 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vilariça 4. Em baixo: possível face de auroque inciso, a amarelo. A vermelho há dúvida se há incisão, uma vez que também é o sítio de uma fratura natural. Levantamento sobre fotografia. 397
Figura 396 - Registos fotográficos do possível zoomorfo de Vilariça 4 em diferentes ângulos. Fotografias do autor. 398
Figura 397 - Fotogrametria da rocha da Vilariça 4. As elipses assinalam as gravuras deste painel.... 398
Figura 398 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Poço da Moura. 399
Figura 399 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização do Poço da Moura. 400
Figura 400 - Fotografia captada por Santos Júnior, em 1942, da rocha do Poço da Moura onde é possível ver as gravuras existentes adaptada de Abreu (2012: 106). 402

Figura 401 - Aspeto geral da rocha do Poço da Moura, nos inícios deste século (ABREU, 2012: 106). 403
Figura 402 - Vista atual da rocha Poço da Moura. Fotografia do autor. 403
Figura 403 - Motivos solares, incisos e motivos em U, picotados do Poço da Moura, segundo Abreu (2012: 107). As setas indicam eventuais motivos solares. 404
Figura 404 - Rocha Poço da Moura parcialmente destruída (ABREU, 2012: 107). 405
Figura 405 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização do Penedo do Cobrão. 406
Figura 406 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização do Penedo do Cobrão. 407
Figura 407 - Rocha do Penedo do Cobrão com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor. 408
Figura 408 - Pormenor do serpentiforme gravado no Penedo do Cobrão. Fotografia do autor. 409
Figura 409 - Povoados do Cabeço dos Apostolónios e da Alfarela na margem esquerda do rio Sabor, no seu curso final, na escala 1:50 000. 413
Figura 410 - Mapa geral com a arte rupestre, as estelas antropomórficas do Cabeço da Mina, a estatuária zoomórfica do Olival dos Berrões, os monumentos megalíticos e o povoamento, na escala 1:200 000. 414
Figura 411 - Distribuição da arte rupestre nos tributários da margem esquerda da ribeira da Vilariça, na escala 1:50 000. 415
Figura 412 - Esquerda: contexto geomorfológico em xisto. Direita: contexto geomorfológico em granito. Fotografia do autor. 417
Figura 413 - Da esquerda para a direita: exemplos de superfície horizontalizada, com pendente ou subvertical e verticalizada. Fotografia do autor. 419
Figura 414 - Painel A da Fraga das Ferraduras com as técnicas de pintura e incisão filiforme. Fotografia do autor. 420
Figura 415 - Alguns exemplos das várias técnicas de gravação. Em cima: incisão fusiforme na rocha da Vilariça 4. Ao centro: incisão filiforme da rocha de Pias 11. Em baixo da esquerda para a direita: covinha do abrigo do Castro de Santa Justa e picotados da Fraga das Ferraduras. Fotografias do autor. 421
Figura 416 - Painel A da Fraga das Ferraduras com pinturas. Esquerda: fotografia sem filtro. Direita: fotografia com filtro CRGB. 423
Figura 417 - Em cima: o motivo em U picotado sobrepõe-se às incisões filiformes do painel B de Favecas 3. Em baixo: pontos dispersos picotados sobre a incisão filiforme de Moinhos 4. Fotografias do autor. 424
Figura 418 - Esquerda: os pontos picotados sobrepõem-se às linhas filiformes, em Pias 1. Direita: o cruciforme foi picotado sobre linhas incisas filiformes em Pias 2. 425
Figura 419 - Motivos picotados sobrepostos a incisões filiformes em Pias 6. A seta indica os filiformes. Fotografia do autor. 425
Figura 420 - Localização da Fraga das Ferraduras com pintura, na escala 1:50 000. 426
Figura 421 - Vista geral a partir de sudoeste da rocha Fraga das Ferraduras. A seta indica onde se encontram as pinturas. Fotografia do autor. 427
Figura 422 - Painel A da Fraga das Ferraduras onde é possível verificar a verticalidade da superfície. A seta indica a localização da pintura. Fotografia do autor. 428
Figura 423 - Pintura da Fraga das Ferraduras com filtro CRGB aplicado através do iDStretch. 429

Figura 424 – Aplicação de filtro a preto e branco sobre a fotografia das pinturas da Fraga das Ferraduras. 430
Figura 425 - Levantamento das pinturas da Fraga das Ferraduras através de filtro no *Adobe Photoshop*. 431
Figura 426 - Pormenor das pinturas da Fraga das Ferraduras. É possível verificar a sobreposição das incisões filiformes e dos picotados, bem com o destacamento de uma parte da rocha onde, muito provavelmente, ainda existia pintura. Fotografia do autor. 432
Figura 427 - Rochas com gravuras efetuadas através da técnica de raspagem, na escala 1:50 000. 433
Figura 428 - Alguns exemplos de afloramentos destacados e pouco impressivos. A escala é de 50 cm. Só são visíveis a partir de um ponto cardeal. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 1 e Vilariça 1. Em baixo da esquerda para a direita: Moinhos 1 e Vale Concelho 3. Fotografias do autor. 435
Figura 429 - Alguns exemplos de afloramentos gravados, destacados e impressivos no meio físico. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 3 e Vilariça 2. Em baixo da esquerda para a direita: Favecas 28 e Pias 10. Fotografias do autor. 436
Figura 430 - Alguns exemplos de linhas dispersas raspadas, eventualmente gravados aleatórios. Em cima, da esquerda para a direita: painel B de Favecas 1 e painel B de Favecas 3. Em baixo, da esquerda para a direita: painel A de Favecas 5 e Favecas 8. Levantamento sobre fotografia. 440
Figura 431 - Alguns exemplos de linhas paralelas efetuadas através da técnica de raspagem, eventualmente gravados aleatórios. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 8, Favecas 9 e Favecas 19. Levantamento sobre fotografia. Em baixo: painel de A Pias 10. 441
Figura 432 - Linhas em ziguezague raspadas, em Favecas 5, eventualmente gravados aleatórios. Levantamento sobre fotografia. 441
Figura 433 - Exemplo de um grande retângulo preenchido, efetuadas através da técnica de raspagem de Favecas 21. Gravura aleatória? Levantamento sobre fotografia. 442
Figura 434 - Pontos dispersos, raspados, em duas rochas distintas. Da esquerda para a direita: Favecas 15 e Favecas 28. Nesta rocha, os pontos sobrepõem-se a um antropomorfo raspado. Estes dois motivos têm patines diferentes. Os pontos poderão ser vandalizações ou gravuras aleatórias. Fotografias do autor. 442
Figura 435 - Esquerda: representação de um possível cruciforme raspado, em Favecas 26. Direita: possível representação de uma arma, em Favecas 9. Levantamento sobre fotografia. 443
Figura 436 - Pentagramas raspados. Da esquerda para a direita: Favecas 1, Pias 2 e Vilariça 1. Levantamento sobre fotografia. 443
Figura 437 - Várias linhas raspadas sobrepõem-se a um eventual antropomorfo inciso filiforme, na rocha Favecas 6. Levantamento sobre fotografia. 445
Figura 438 - Duas linhas raspadas (verde) sobrepõem-se a um cruciforme picotado na rocha Pias 2. Levantamento sobre fotografia. 446
Figura 439 - Uma das linhas raspadas sobrepõe um motivo em U, na rocha Favecas 3. Fotografia do autor. 446
Figura 440 - Exemplos de zoomorfos gravados com a técnica de raspagem combinada com a incisão filiforme, datados do Magdalenense, no Vale do Côa. Da esquerda para a direita: rocha 18 da Bulha com traço inciso e raspagem e rocha 10 da Foz do Côa efetuado através da técnica de raspagem (BAPTISTA et. al., 2008: 177). 447
Figura 441 - Rochas com gravuras efetuadas através da técnica de incisão, na escala 1:100 000. .. 448
Figura 442 - Alguns exemplos rasantes ao solo atual e pouco impressivos. Esquerda: Pedra Escrita de Ridevides 1 (vista de cima). Direita: Vilariça 4. Fotografias do autor. 450

Figura 443 - Alguns exemplos de afloramentos destacados e impressivos no meio. Em cima da esquerda para a direita: Favecas e Fraga das Ferraduras. Em baixo da esquerda para a direita: Favecas 28 e Penedo do Cobrão. Fotografias do autor. 451
Figura 444 - Alguns exemplos de afloramentos destacados e pouco impressivos no meio. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 1 e Favecas 6. Em baixo da esquerda para direita: Favecas 7 e Favecas 8. Fotografias do autor. 451
Figura 445 - Alguns exemplos de linhas dispersas. Da esquerda para a direita: Favecas 13 e Moinhos 4. Levantamento sobre fotografia. 458
Figura 446 - Alguns exemplos de linhas paralelas. Da esquerda para a direita: Favecas 1 e Favecas 11. Levantamento sobre fotografia. 458
Figura 447 - Alguns exemplos de linhas curvas em Favecas 14 (à esquerda) e de um ziguezague na Coutada 1 (à direita). Levantamento sobre fotografia. 458
Figura 448 – A seta indica o reticulado aberto de Favecas 11. Levantamento sobre fotografia. 459
Figura 449 – Triangulo de Favecas 15. Levantamento sobre fotografia. 459
Figura 450 - Alguns exemplos de possíveis antropomorfos incisos. Da esquerda para a direita: Favecas 6 (a amarelo) e Moinhos 2. Levantamento sobre fotografia. 460
Figura 451 - Alguns exemplos de zoomorfos. Da esquerda para a direita: Moinhos 2, Pias 10 e Vilariça 4. Levantamento sobre fotografia. 460
Figura 452 - Motivo em U, inciso, de Moinhos 3. Fotografia do autor. 460
Figura 453 - Esquerda: tentativa de escrita ibérica do painel A de Pias 10. Direita: tentativa de escrita ibérica no painel D de Favecas 28. Levantamento sobre fotografia. 461
Figura 454 - Rosetas quadripétalas de Favecas 7. Fotografia do autor. 461
Figura 455 - Tabuleiro de jogo de Moinhos 5 e pentagrama em Pias 10. Fotografias do autor. 461
Figura 456 - Exemplo de motivo em X, em Pias 8. Fotografia do autor. 462
Figura 457 – Cruciformes de Pias 11. Levantamento sobre painel. 462
Figura 458 - Alguns exemplos de fusiformes paralelos. Em cima, da esquerda para a direita: Pias 1 e Pedra Nova. Em baixo: Ridevides 4. Fotografia do autor. 464
Figura 459 - Representações de alabardas e de lâminas de alabardas, na Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor. 465
Figura 460 - Escalariforme e reticulado da Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor. 465
Figura 461 - Esquerda: eventual idoliforme da Pedra Escrita de Ridevides 1. Direita: zoomorfo que corresponde a um auroque de Vilariça 4. 465
Figura 462 - A seta indica um motivo solar da rocha Poço da Moura. Fotografia de Mila Simões de Abreu (2012: 107). As setas indicam os motivos solares. 466
Figura 463 - Exemplo de picotados sobrepostos a fusiformes na rocha Pias 1. Fotografia do autor. . 467
Figura 464 - Rochas com gravuras efetuadas através da técnica de picotado, na escala 1:50 000. .. 469
Figura 465 - Exemplo de afloramento rasante e pouco impressivo. Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor. 471
Figura 466 - Alguns exemplos de afloramentos destacados do solo e impressivos. Esquerda: Abrigo do Castro de Santa Justa. Direita: Favecas 3. Fotografias do autor. 471
Figura 467 - Alguns exemplos de afloramentos gravados, destacados do solo, mas pouco impressivos. Da esquerda para a direita: Favecas 8, Favecas 9 e Favecas 15. Fotografias do autor. 472
Figura 468 - Alguns exemplos de picotados dispersos. Da esquerda para a direita: Favecas 8 (a branco) e Coutada 1 (a lilás). Levantamento sobre fotografia. 476

Figura 469 - Grupos de picotados. Da esquerda para a direita: Favecas 12 e Favecas 16 (a vermelho). A figura da direita apresenta picotados a vermelho. Levantamento sobre fotografia. 477
Figura 470 - Picotados associados elemento natural da superfície – um veio de quartzo branco. Ridevides 4 (a preto). Levantamento sobre fotografia. 477
Figura 471 - Alguns exemplos de motivos em U. Em cima: Fraga das Ferraduras. Em baixo: Ferraduras 2. Fotografias do autor. 478
Figura 472 - Podomorfo da Fraga das Ferraduras. Fotografia do autor. 479
Figura 473 - Esquerda: antropomorfo de Pias 6. Direita: possível antropomorfo ou vulva de Pias 1. Fotografias e levantamento do autor. 479
Figura 474 - Covinhas do abrigo do Castro de Santa Justa. Fotografias do autor. 480
Figura 475 - Cruciformes de Pias 2. Fotografias do autor. 480
Figura 476 - Alguns exemplos de datas. Da esquerda para a direita: Moinhos 1 e Pias 6. Fotografias do autor. 480
Figura 477 - Alguns exemplos de picotados que se sobrepõem a outras técnicas, nomeadamente a incisão filiforme (três casos) e à incisão fusiforme (um caso, em baixo, à direita). Em cima da esquerda para a direita: Fraga das Ferraduras. Em baixo: Pias 6 e Pias 1. Fotografias do autor. 483
Figura 478 – Arte paleolítica na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000. 484
Figura 479 – Em cima: possível cabeça de auroque de Vilariça 4. Fotografia do autor. Em baixo, da esquerda para a direita: Rocha 13 da Ribeira de Piscos (BAPTISTA et al., 2008: 118), rocha 40 da Canada do Inferno (BAPTISTA et al., 2008: 130), rocha de Redor do Porco (BAPTISTA et. al., 2011: 16) e o auroque do painel 4 de Siega Verde (MARCOS, 2018: 71). 485
Figura 480 - Arte da passagem do Paleolítico Superior para o Epipaleolítico/Mesolítico na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000. 486
Figura 481 – Em cima: "unhadas do diabo" de Pedra Nova. Fotografia do autor. Em baixo: painel 6 do Abrigo Rupestre da Foz do Tua (TEIXEIRA et. al., 2017: 41). 487
Figura 482 – Arte da Pré-história Recente na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1: 50 000. 488
Figura 483 – Em cima: pinturas da Fraga das Ferraduras. Em baixo: Gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (GOMES, 2025: 251). 488
Figura 484 – Fotogrametria da Pedra Escrita de Ridevides 1, com as alabardas assinaladas. 489
Figura 485 – Pormenor fotogramétrico de algumas alabardas da Pedra Escrita de Ridevides 1. 489
Figura 486 - Arte da Idade do Bronze a inícios da Idade do Ferro na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000. 490
Figura 487 – Fotogrametria geral da Fraga das Ferraduras, onde se podem observar inúmeros motivos em U. 490
Figura 488 - Em cima: fotogrametria geral de Ferraduras 2. Em baixo: pormenor fotogramétrico dos painéis A e B com três grupos de motivos em U, assinalados. 491
Figura 489 – Fotogrametria de Pias 6, com motivos em U e covinha central. 492
Figura 490 - Fotogrametria de Serrinha 1, onde os ténues motivos em U, picotados, não são visíveis. 492
Figura 491 - Arte rupestre da Proto-história na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000. 493
Figura 492 - Pormenor das gravuras do painel A de Moinhos 2. Levantamento do autor. 493
Figura 493 - Possíveis alfabetiformes de Pias 10 (esquerda) e de Favecas 28 (direita). 494

Figura 494 – À esquerda: alfabetiformes do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), segundo Mário Varela Gomes (2013: 78). À direita: quadro de alfabetos gregos arcaicos, etrusco e romano antigo e os identificados em Vale da Casa (GOMES, 2013: 85). 495
Figura 495 - Arte rupestre de época romana ou medieval na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000. 496
Figura 496 – Em cima: tabuleiro de jogo de Moinhos 5. Em baixo: possível tabuleiro de jogo de Coutada 2. Fotografia e levantamento do autor. 497
Figura 497 – Pentagrama inciso de Pias 10. Fotografia do autor. 498
Figura 498 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:110 000, entre o santuário de estelas do Cabeço da Mina (triângulo a preto), os povoados do Castro de Santa Justa, Senhora do Castelo e Castelo da Junqueira (quadrados a vermelho), os monumentos megalíticos (pontos a branco) e as rochas com arte rupestre Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, Pedra Nova e Pias 9 (losangos azuis). .. 499
Figura 499 – Territórios teóricos de circulação, na escala 1:150 000, entre Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2 (triângulo a preto) e os povoados da Senhora do Castelo e Baldoeiro (quadrados a vermelho). 500
Figura 500 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Serrinha 1 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho). 501
Figura 501 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pedra Nova (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho). 501
Figura 502 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pias 1 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho). 502
Figura 503 – Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pias 6 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho). 502
Figura 504 – Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Fraga das Ferraduras (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho). 503
Figura 505 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Ferraduras 2 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho). 503
Figura 506 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Moinhos 2 (triângulo a preto) e os povoados da Idade do Ferro do Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia (quadrados a vermelho). 504
Figura 507 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pias 10 (triângulo a preto) e os povoados da Idade do Ferro do Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia (quadrados a vermelho). 505
Figura 508 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Favecas 28 (triângulo a preto) e os povoados da Idade do Ferro do Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia (quadrados a vermelho). 505

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Monumentos megalíticos identificados no Vale da Vilariça 7
Tabela 2 - Estelas antropomórficas encontradas no Vale da Vilariça 11
Tabela 3 - Povoados da Pré-história Recente e Proto-história do Vale da Vilariça 19
Tabela 4 - Estatuárias zoomórficas encontradas no Vale da Vilariça 41
Tabela 5 – Métodos de registo da arte rupestre 50
Tabela 6 - Distribuição da arte rupestre por concelhos 415
Tabela 7 - Tipo de superfície gravada relativamente ao seu destacamento 418
Tabela 8 - Tipo de superfície dos painéis gravados 418
Tabela 9 - Várias técnicas existentes na área de trabalho 422
Tabela 10 - Tipo de afloramento com raspagem relativamente ao seu destacamento no meio físico. 434
Tabela 11 - Forma das superfícies com motivos efetuados por raspagem 436
Tabela 12 - Orientação dos painéis com motivos efetuados por raspagem 437
Tabela 13 - Alcance visual a partir das rochas com motivos efetuados por raspagem 438
Tabela 14 - Principais motivos efetuados através da técnica de raspagem 443
Tabela 15 - Tipo de afloramento com incisão relativamente ao seu destacamento do solo atual 449
Tabela 16 - Orientação dos painéis com a técnica de incisão 452
Tabela 17 - Alcance visual a partir das rochas com a técnica de incisão 453
Tabela 18 - Principais motivos efetuados através da técnica de incisão filiforme 456
Tabela 19 - Principais motivos efetuados através da técnica de incisão fusiforme 463
Tabela 20 - Tipo de afloramento com picotado relativamente ao seu destacamento no contexto físico 470
Tabela 21 - Inclinação dos painéis gravados 472
Tabela 22 - Orientação dos painéis com motivos picotados 473
Tabela 23 - Alcance visual a partir das rochas com motivos picotados 475
Tabela 24 - Principais motivos efetuados através da técnica de picotado 481

PARTE I.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

1. Introdução

Esta dissertação, que tem como título *Arte rupestre e povoamento pré-histórico e proto-histórico, na margem esquerda da ribeira da Vilariça (Nordeste transmontano)*, estrutura-se em diversas partes e capítulos. A Parte I, intitulada Considerações Introdutórias tem três capítulos que correspondem à Introdução, ao Quadro dos Conhecimentos sobre a Pré-história e Proto-história no Vale da Vilariça e ao Breve inventário sobre os vestígios da Pré-história Recente e da Proto-história do Vale da Vilariça. A Parte II, designada Metodologia, tem, apenas, um capítulo. A Parte III, corresponde ao Espaço de Trabalho, com dois capítulos: um referente à Introdução e o outro à Área de Estudo. A Parte IV, designada os Dados, apresenta um capítulo que corresponde ao Catálogo da Arte Rupestre. Por fim, a Parte V, sobre a Discussão dos Dados e Interpretações, subdivide-se em cinco capítulos: Introdução, Povoamento pré-histórico e proto-histórico, Arte Rupestre, Discussão dos Dados e Considerações Finais.

Os objetivos centram-se no estudo da arte rupestre de parte do Vale da Vilariça, numa perspetiva diacrónica, e da sua articulação com o povoamento.

Relativamente à metodologia a ser utilizada, esta contou com levantamentos vetorizados sobre fotografia com escala, levantamentos clássicos, com a utilização de polivinilo diretamente sobre os painéis gravados, fotografias de alta resolução, fotogrametria (quando possível), contextualização dos sítios de arte rupestre e a sua articulação com o povoamento através de novas tecnologias de informação e de métodos da arqueologia espacial.

Foram registados 68 sítios com arte rupestre (62 inéditos) de diferentes cronologias, técnicas e temáticas.

Verificou-se que existe uma longa diacronia com gravuras do Paleolítico Superior, com a rocha Vilariça 4, até à Contemporaneidade, materializada através das datas, dos finais do século XIX, das rochas de Moinhos 1 ou Pias 6. É durante a Pré-história Recente que esta área é gravada mais intensamente, aparecendo também a pintura. Destacamos a Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, onde aparece um número considerável de alabardas. Posteriormente, já da Idade do Bronze ou na passagem da Idade do Bronze para a Idade do Ferro, vemos emergir os motivos em U (inseríveis na arte esquemática) sendo o motivo mais gravado na área de estudo, onde aparece na Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Pedra Escrita de Ridevides 1, Pedra Nova, Pias 1, Pias 6 e Serrinha 1 e os podomorfos que só aparecem uma vez.

Em todos os casos nota-se uma relação hipotética com povoados genericamente contemporâneos, quase sempre, localizados na periferia do território, a mais de 90 minutos, à exceção do Castro de Santa Justa que fica a cerca de 30 minutos.

O único local onde se nota uma maior proximidade de arte rupestre com um sítio arqueológico, é com o Recinto de Estelas do Cabeço da Mina, o que poderá revelar uma área cerimonial muito maior do que a área física do próprio recinto.

2. Quadro dos conhecimentos sobre a Pré-história Recente e a Proto-história do Vale da Vilariça

2.1 Introdução

As primeiras referências arqueológicas para a Terra Quente Transmontana, onde está inserido o Vale da Vilariça, datam de 1549 e são da autoria de João de Barros. A sua obra intitula-se *Libro das Antiguidades e Cousas Notáveis de Antre Douro e Minho e de Outras Muitas de Hespanha e Portugal* (CRUZ, 2000: 9). Também do século XVI é a primeira referência arqueológica para este vale, referente ao período romano, que tem como autor António Gasco. Refere uma ara da *Civitas Baniensium*, relacionando-a com o povoado do Baldoeiro (Adeganha) (*idem*).

No século seguinte, fruto da criação da Academia Real de História de Lisboa (1721), há todo um manancial de informação sobre antiguidades que os párocos locais vão noticiando. É neste cenário que Jerónimo Contador de Argote (ARGOTE, 1734, tomo II) surge com uma obra basilar da historiografia desta região. Há, de facto, uma mudança tanto no discurso sobre antiguidades, como na quantidade de informações fornecidas. Também nesse século, após o terramoto de 1755, surgem as *Memórias Paroquiais*, que relatam notícias de achados e monumentos (LEMOS, 1993: 35).

Neste período, que pode ser entendido entre o Renascimento e o Romantismo, vemos emergir uma fase dos antiquários. Apresentam discursos alusivos à história dos imperadores romanos, reis cristãos, mártires da igreja ou à mitologia clássica. No entanto, também fazem alusões, ainda que dispersas, a monumentos ou achados concretos (*idem*).

É num importante manuscrito de João Pinto de Morais e de António de Sousa Pinto e Magalhães, de 1721, intitulado *Memórias de Ansiães* (MORAIS *et. al.*, 1985: 60), que o pároco das freguesias de S.

João de Ansiães e Marzagão divulga as pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa pormenorizadamente, para além da referência a outros sítios arqueológicos da região (LEMOS, 1993: 40).

Carneiro de Fontoura (1784 – 1856) foi mais um erudito que também escreveu sobre história e arqueologia tendo registado sítios arqueológicos, epígrafes e outros achados. Mais tarde, José Leite de Vasconcelos extrai informações das notas de Carneiro de Fontoura e acaba por divulgá-las na revista *O Arqueólogo Português* (LEMOS, 1993: 43). Aliás, as informações que os antiquários foram obtendo ao longo do tempo, acabam por ser aproveitadas pelos autores da segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, como importante fonte arqueológica.

Na segunda metade do século XIX, nomeadamente a partir de 1880, a Arqueologia em Portugal estabelece-se como disciplina científica. Prova disso são as revistas que vão surgindo, sendo *O Arqueólogo Português* aquela que terá maior projeção e onde diversos autores publicam sobre Trás-os-Montes. Tal é o caso de nomes como Celestino Beça (1904, 1905, 1915), Albino Pereira Lopo (1896, 1897, 1898, 1899/1900, 1901, 1902, 1905, 1906, 1908, 1909, 1910, 1911) ou José Augusto Tavares (1895). Este último autor é responsável por estudos nas áreas de Vila Flor e de Torre de Moncorvo (TAVARES, 1895: 126 – 129). É neste último concelho que dá a conhecer as estelas antropomórficas pré-históricas da Quinta do Couquinho e de Torre de Moncorvo e que José Leite de Vasconcelos publica na revista *O Arqueólogo Português* (VASCONCELOS, 1910: 33 – 34). Também dá a conhecer o povoado do Castelo da Mina (CRUZ, 2000: 10) e as esculturas zoomórficas do Olival dos Berrões (TAVARES, 1895: 127 – 128).

Na década de 30 do século XX, vai ser produzida por Francisco Manuel Alves, também conhecido por Abade de Baçal, uma obra de referência para o estudo da arqueologia em Trás-os-Montes (ALVES, 2000). O manancial de informação divulgada por este autor tornou-se uma referência para o estudo da arqueologia em Trás-os-Montes, nomeadamente o Tomo IX da sua obra.

Além do Abade de Baçal, também Joaquim Neto (1975) e Santos Júnior (1952, 1963, 1975, 1978), fazem estudos nesta região. No entanto, é com este último autor que surgem trabalhos arqueológicos mais numerosos e importantes em Trás-os-Montes, como veremos mais à frente. Santos Júnior estuda esta região quase até à década de 80 do século XX. De facto, a década de 80 é o virar de página no panorama da Arqueologia nacional e, deste modo, a região transmontana não é exceção. Com o surgimento de vários projetos de investigação, dá-se o incremento da descoberta de sítios arqueológicos, bem como um salto qualitativo na investigação. Foi efetuado o *Inventário dos Sítios Arqueológicos do Planalto de Miranda* por Domingos Marcos (1983). Também é criado o *Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo (P.A.R.M.)* liderado por Nelson Rebanda e Miguel Rodrigues.

Embora este projeto tivesse o intuito de estudar os sítios medievais da região, a verdade é que colocou a descoberto novos dados sobre outros períodos, nomeadamente da Pré-história. Também Francisco Sande Lemos, em 1984, faz o Inventário Arqueológico da Terra Quente Transmontana (CRUZ, 2000: 12).

Mais tarde, Maria de Jesus Sanches faz trabalhos de prospeção e escavação muito significantes para a região. Escava o Buraco da Pala (Mirandela), um sítio muito importante no contexto da Pré-história Recente do Nordeste transmontano. Consequentemente, escreve a sua tese de doutoramento sobre este sítio e também regista e estuda outros sítios pré-históricos através de artigos e monografias que são uma referência para o estudo da Pré-história Recente transmontana (SANCHES, 1986, 1987, 1996, 1997, 1999, 2000, 2006, 2007, 2014, 2017, 2019).

Relativamente à arte rupestre, as primeiras referências a este tipo de sítios identificados no Vale da Vilariça remontam à primeira metade do século XX com os trabalhos do Abade de Baçal (1934) e de Santos Júnior (1930, 1940, 1963), fazendo-se referência ao *Penedo do Cobrão* (Estevais, Torre de Moncorvo)[1], à *Pedra Escrita do Poço da Mour*a (Vilarelhos, Alfândega da Fé) e à *Pedra Escrita de Ridevides* (Santa Justa, Alfândega da Fé). No povoado do Baldoeiro, Santos Júnior refere a existência de gravuras com motivos serpentiformes e publica, em 1931, o artigo: *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro*. Algumas décadas mais tarde, mais propriamente em 1963, este autor publica um estudo monográfico da Pedra Escrita de Ridevides, embora o primeiro contacto com esta rocha remonte aos primeiros anos da década de 30 (SANTOS JÚNIOR, 1963). Nesta publicação expõe um levantamento mais pormenorizado do que aquele apresentado pelo Abade de Baçal.

Segundo Maria Emília Simões de Abreu (2006), e no âmbito do *"Projecto Gravado no Tempo – Inventário total da arte rupestre Portuguesa"* a Pedra Escrita de Ridevides foi visitada e estudada, sendo apresentada nesta pequena brochura, uma parte do levantamento efetuado. O mesmo ocorreu na sua tese de doutoramento (ABREU, 2012).

Também o historiador local, Francisco José Lopes (2006), no seu livro *"Alfândega da Fé – registos de um percurso histórico. Vol. I"* dedica alguns parágrafos a rochas com arte rupestre como são os casos da *Fraga das Ferraduras*, *Poço da Moura* e *Pedra de Ridevides,* já conhecidas, mas também refere outras, entretanto identificadas e inéditas, como a *Pedra Nova* e a *Pedra do David*.

Posteriormente, no âmbito da elaboração da Carta Concelhia do Património do concelho de Alfândega da Fé, foi possível identificar novas rochas com gravuras nas freguesias de Eucísia e Gouveia,

[1] O Penedo do Cobrão está inserido no povoado do Baldoeiro e apresenta um motivo serpentiforme com quase 2 metros de comprimento. Santos Júnior refere a existência de outras rochas com estes motivos.

ainda inéditas. Estes achados efetuaram-se aquando da identificação dos moinhos hidráulicos nas várias linhas de água existentes no concelho. Não será de estranhar que nesta área existam mais rochas com gravuras rupestres e, deste modo, seja necessária uma prospeção sistemática para a sua identificação e estudo e a sua articulação com o povoamento.

Para a nossa área de estudo, importa referir que a ocupação pré-histórica e proto-histórica do Vale da Vilariça tem sido documentada em algumas teses de doutoramento (LEMOS, 1993; SANCHES, 1997; JORGE, 1986; GUADARMINO-URIBE, 2010; ABREU, 2012; VIEIRA, 2015), dissertações de mestrado (SOUSA, 1996; CRUZ, 2000) e artigos (FIGUEIREDO *e* MACIEL, 2015; NEVES, 2012) que tanto se referem ao povoamento, como à arte rupestre. No entanto, o que se tem verificado, é a separação destas duas realidades, não existindo articulação entre os diferentes tipos de vestígios entre si. Deste modo, este trabalho tem como objetivo tentar colmatar esta situação, como se verá nos objetivos.

Com exceção da arte rupestre que irá ser estudada de modo detalhado, este estado da arte compreende, igualmente, um breve inventário de sítios da pré-história recente e da proto-história. Esta opção justifica-se, na medida em que se pretende articular a arte rupestre às outras evidências arqueológicas.

3. Breve inventário sobre os vestígios da Pré-história Recente e da Proto-história do Vale da Vilariça

3.1 Monumentos megalíticos

São raros os monumentos megalíticos identificados no Vale da Vilariça (Fig. 1), o que é uma característica desta região. Conhecem-se apenas referências a sete (Tab. 1).

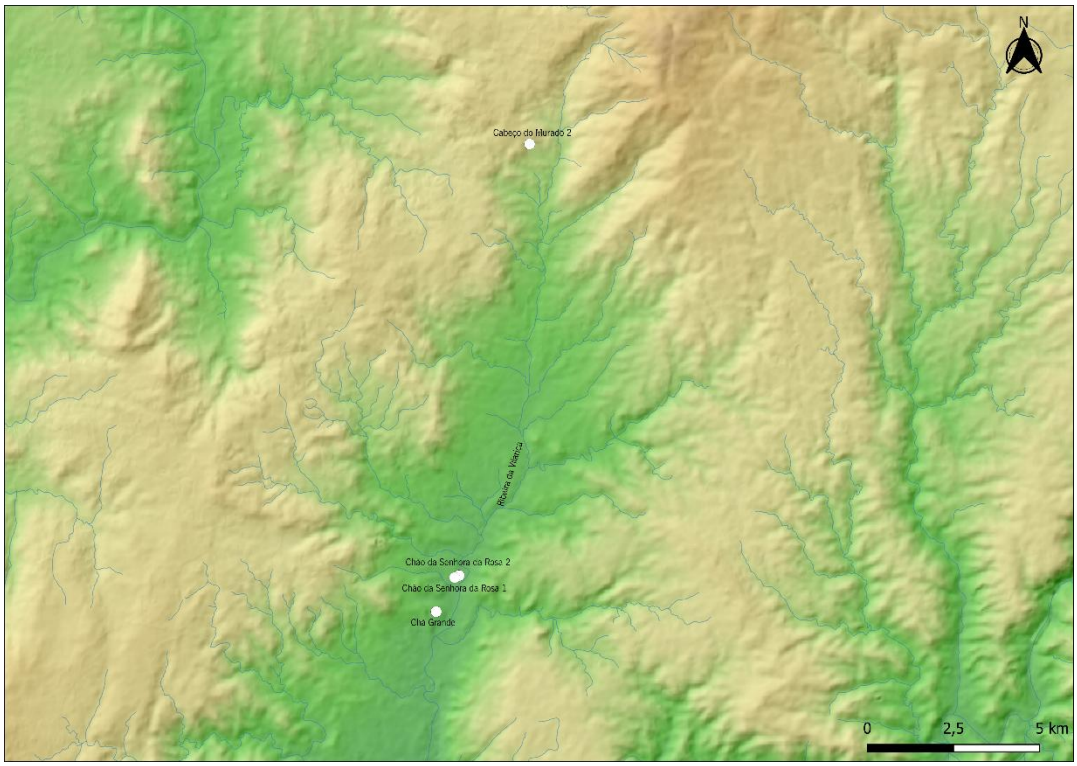


Figura 1 – Monumentos megalíticos ainda existentes no Vale da Vilariça.

Tabela 1 - Monumentos megalíticos identificados no Vale da Vilariça

Designação	Localidade	Concelho	Tipo de sítio	Cronologia
Cabeço do Murado 2	Vilares da Vilariça	Alfândega da Fé	Monumento megalítico	Pré-história Recente
S. Martinho do Prado/Junqueira	Junqueira	Torre de Moncorvo	Monumento megalítico	Neolítico (?)/Calcolítico(?)
Outeiro da Mula	Junqueira	Torre de Moncorvo	Monumento megalítico	Pré-história Recente
Cimo de Valongo	Junqueira	Torre de Moncorvo	Monumento megalítico	Pré-história Recente
Chã Grande	Sampaio	Vila Flor	Monumento megalítico	Neolítico/Calcolítico
Chã da Senhora da Rosa 1	Sampaio	Vila Flor	Monumento megalítico	Neolítico/Calcolítico
Chã da Senhora da Rosa 2	Sampaio	Vila Flor	Monumento megalítico	Neolítico/Calcolítico

3.1.1 Concelho de Alfândega da Fé

Cabeço do Murado 2 (Vilares da Vilariça)

O Cabeço do Murado corresponde a um monumento megalítico que, segundo a descrição da base de dados do *Endovélico* da DGPC, encontra-se no sopé do monte com o mesmo nome. A descrição

efetuada sobre este sítio é curta, mas objetiva, referindo que é uma *Anta onde é possível observar alguns esteios, de dimensões médias, dispostos de forma circular*. Foi prospetado em 2005 no âmbito do projeto *Subconcessão Douro Interior – EIA – IP2 Vale Benfeito/Junqueira/Ponte do Sabor – Lote 1*.

Aquando da atualização do Plano Diretor Municipal do concelho de Alfândega da Fé, efetuámos uma visita ao local, em 2010, seguindo as coordenadas fornecidas pelo arqueólogo Luís Pereira da DRCN, mas, infelizmente, não conseguimos identificar este sítio. O local, de inclinação acentuada, não parece corresponder ao padrão de assentamento deste tipo de sítios. Admitimos que este monumento megalítico possa já não existir, uma vez que uma prospeção nas imediações também não revelou quaisquer indícios de monumentos megalíticos. É de referir, também, que o povoado do Cabeço do Murado se encontra no topo do monte.

3.1.2 Concelho de Torre de Moncorvo

Anta de S. Martinho do Prado/Junqueira

Este monumento megalítico encontrava-se próximo da localidade de Junqueira, mas já não existem indícios da sua existência. Estaria inserido em pleno Vale da Vilariça, relativamente próximo da margem esquerda da ribeira da Vilariça.

O Abade Tavares refere a sua localização no sítio chamado *Prado*, referindo que ainda o viu, embora sem a mesa, mas afirma, também, que já naquela altura estava completamente destruído (TAVARES, 1928 *apud ALVES*, 2000: 683).

Por sua vez, o Abade de Baçal refere a existência de três monumentos megalíticos. A anta de S. Martinho do Prado, que corresponderá a esta referida pelo Abade Tavares, a anta do Outeiro da Mula e a anta do Cimo de Valongo (ALVES, 2000: 701). Carlos Cruz também refere estes monumentos megalíticos, mas com as informações contidas no Tomo IX do Abade de Baçal (CRUZ, 2000: 144).

3.1.3 Concelho de Vila Flor

Chã Grande (Sampaio)

A anta da Chã Grande, localizada na freguesia de Sampaio, surge, pela primeira vez, no catálogo de sítios arqueológicos da dissertação de mestrado de Orlando Sousa (SOUSA, 1996: 69). Segundo o autor, este monumento megalítico é de grandes dimensões e possui nove esteios em xisto (SOUSA, 1996: 88). Carlos Cruz também faz referência a este sítio, pegando na descrição efetuada por Orlando Sousa (CRUZ, 2000: 145).

Partindo das coordenadas existentes na base de dados *Endovélico* da DGPC, foram efetuadas prospeções arqueológicas nas imediações, mas não foi possível identificar este monumento megalítico (Fig. 2). Admitimos que a densa vegetação não permite uma melhor visualização desta área, dificultando a sua localização.

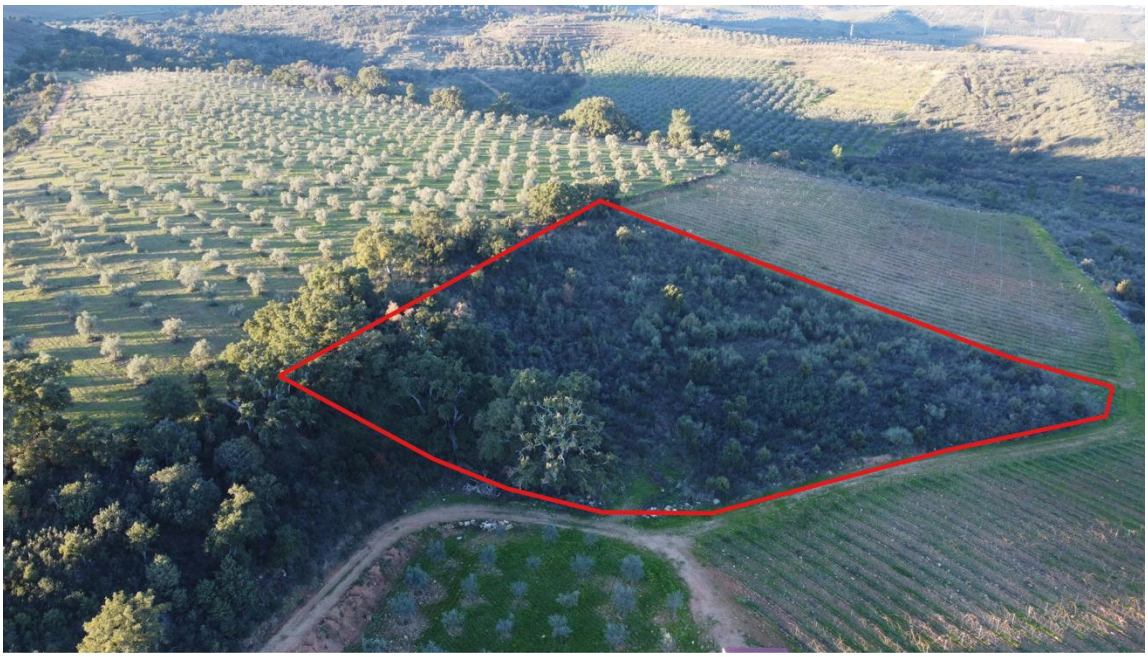


Figura 2 – O polígono a vermelho corresponde à área prospetada do sítio Chã Grande. Fotografia do autor.

Chã da Senhora da Rosa 1 e 2 (Sampaio)

No sítio da Chã da Senhora da Rosa, localizado na freguesia de Sampaio, foram identificados dois monumentos megalíticos. Tal como acontece, com o monumento da Chã Grande, também é na

dissertação de mestrado de Orlando Sousa que estes dois sítios surgem pela primeira vez (SOUSA, 1996: 69). Refere que um destes monumentos corresponde a uma pequena mamoa e o outro apresenta seis esteios e é de maiores dimensões (SOUSA, 1996: 88). Carlos Cruz também cataloga este sítio, mas apenas refere o que Orlando Sousa escreveu na sua dissertação de mestrado (CRUZ, 2000: 145).

Partindo das coordenadas existentes na base de dados *Endovélico* da DGPC, foram efetuadas prospeções arqueológicas nas imediações e apenas foi identificado o monumento megalítico que corresponde a Chã da Senhora da Rosa 1. Encontra-se coberto por vegetação, mas ainda é possível identificar alguns esteios (Fig. 3). Relativamente à Chã da Senhora da Rosa 2, a sua localização seria num olival que, após prospeção com veículo aéreo não tripulado, não foi possível identificar este sítio.



Figura 3 – Mamoa da Chã da Senhora da Rosa 1. As setas indicam os esteios. Fotografia do autor.

3.2 Estelas antropomórficas

São várias as estelas antropomórficas no Vale da Vilariça, sendo conhecidas nos concelhos de Torre de Moncorvo e de Vila Flor (Tab. 2), a jusante e montante do vale, respetivamente.

Tabela 2 - Estelas antropomórficas encontradas no Vale da Vilariça

Designação	Localidade	Concelho	Tipo de sítio	Cronologia
Quinta do Couquinho	Horta da Vilariça	Torre de Moncorvo	Achado isolado	Pré-história Recente
Quinta de Vila Maior	Cabeça Boa	Torre de Moncorvo	Achado isolado	Pré-história Recente
Torre de Moncorvo		Torre de Moncorvo	Achado isolado	Pré-história Recente
Cabeço da Mina	Assares	Vila Flor	Santuário / Recinto	Pré-história Recente

3.2.1 Concelho de Torre de Moncorvo

Estela de Torre de Moncorvo - Calcolítico

A estela de Torre de Moncorvo (Fig. 4) tem como suporte o granito e as suas dimensões são de 35 cm x 19 cm x 7 cm. Esta estela estaria na posse do Abade Tavares que acabaria por oferecer ao Museu Nacional de Arqueologia (SOUSA, 1996: 56) e cujo local de proveniência não se sabe.

A primeira vez que esta estela é publicada, nos inícios do século XX por José Leite de Vasconcelos, o autor refere que a rocha foi afeiçoada e gravada uma face humana de forma *tosca* onde identifica os olhos e a boca (VASCONCELOS, 1910: 34).

Em publicações posteriores, não foram representados os olhos, sugerindo, desde logo, que não houve contacto direto com a peça (SOUSA, 1996: 56). A forma um pouco "imperfeita" da parte onde estará representada a face humana, é-o assim porque esta está em baixo-relevo, sendo percetível o nariz e as arcadas supraciliares (*idem*). Outro dado curioso, é a relativa raridade desta peça, ou seja, foi gravada uma moldura subretangular rodeando a cabeça que, do ponto de vista formal, é relativamente rara (SOUSA, 1996: 57), com paralelismos na França (grupo provençal) e com outro exemplar em Granada, mais propriamente a estela de Asquerosa (JORGE e JORGE., 1990: 304).

Outra questão importante tem a ver com os dados cronológicos. As características desta peça podem submeter para uma inspiração noutras, como as placas de xisto, pequenos ídolos ou até as cerâmicas calcolíticas e até neolíticas (VILAÇA, 2011: 154). Esta peça pode pertencer ao grupo de estelas produzidas durante o Calcolítico, num processo de circulação transregional e, portanto, com influências mediterrânicas (VILAÇA, 2010: 104). Para Maria de Jesus Sanches, esta estela insere-se no III milénio a. C. (SANCHES, 1997: 225).

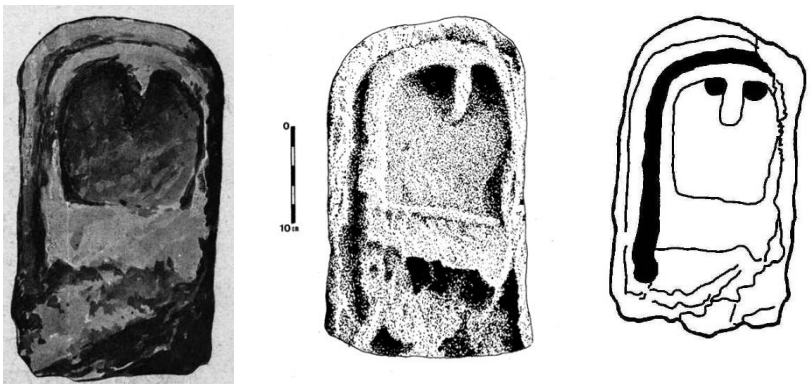


Figura 4 – Esquerda: representação da estela antropomórfica de Torre de Moncorvo, segundo José Leite de Vasconcelos (1910). Centro: representação segundo Arnal (em Jorge e Jorge, 1990: 321). Direita: representação segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996).

Quinta do Couquinho (Horta da Vilariça) – Neo-Calcolítico ou Idade do Bronze

A estela da Quinta do Couquinho (Fig. 5) tem como suporte o granito e apresenta medidas relativamente pequenas de 32,5 cm x 23 cm x 8 cm. Foi descoberta pelo Abade de Tavares na quinta com o mesmo nome, mas não se sabe em que circunstâncias.

Esta quinta encontra-se em pleno Vale da Vilariça, próxima do ribeiro Grande, afluente da margem direita da ribeira da Vilariça.

A primeira referência a esta estela fez-se na revista *O Arqueólogo Português* por José Leite de Vasconcelos, dando conta deste achado, embora se encontrasse na posse do Abade Tavares. Descreve a peça através das suas dimensões e que partes do corpo humano estão representadas. Segundo J. L. de Vasconcelos, é possível identificar os olhos, nariz e sobrancelhas, para além de uma linha horizontal mais abaixo da estela que poderá representar o pescoço (VASCONCELOS, 1910: 33).

Nos meados dos anos 90 do século passado, Orlando Sousa descreve esta peça mais pormenorizadamente e nela identifica outros motivos. Para além do descrito por J. L. de Vasconcelos, sugere a presença de 3 semicírculos que interpreta como sendo colares e uma moldura na cabeça (SOUSA, 1996: 54). Entre o nariz e os colares há uma linha horizontal que, para o autor, pode ser a boca, embora não descarte a possibilidade avançada por J. L. de Vasconcelos como sendo o pescoço e aqui estariam os colares (*idem*).

Esta peça encontra paralelismos com outras mais a sul, nomeadamente as do Crato (Portalegre), Nossa Senhora da Esperança (Arronches) e, do lado espanhol, Ciudad Rodrigo I (Salamanca) (JORGE *et. al.*, 1990: 304).

Carlos Cruz também refere esta estela, seguindo o que Orlando Sousa escreve sobre a mesma (CRUZ, 2000: 152).

Guadarmino-Uribe, na sua tese de doutoramento, faz considerações mais abrangentes sobre esta peça, tal como acontece com outras identificadas no Vale da Vilariça. Para a autora, enquadra-se no grupo Centro-ocidental onde se incluem as estelas com toucado (GUADARMINO-URIBE, 2010: 36). Do ponto de vista cronológico existem algumas divergências quanto a este tipo de esculturas. Se para Guadarmino-Uribe poderia balizar-se entre 2200/2000 – 1500/1400/1200 a. C. (GUADARMINO-URIBE, 2010: 174), para outros autores, a cronologia pode ser mais precoce. Neste caso, para Primitiva Bueno, a cronologia das estelas do tipo da Quinta do Couquinho poderia enquadrar-se entre 4500 – 2000 a. C. (BUENO, BALBÍN, BARROSO, 2005: figs. 42 e 45 *apud* GUADARMINO-URIBE, 2010, 179). Para Maria de Jesus Sanches, esta estela insere-se no III milénio a. C. (SANCHES, 1997: 225). Mais recentemente, António Correia, na sua dissertação de mestrado, baliza esta peça entre o Calcolítico e o Bronze Médio (CORREIA, 2010: 76).

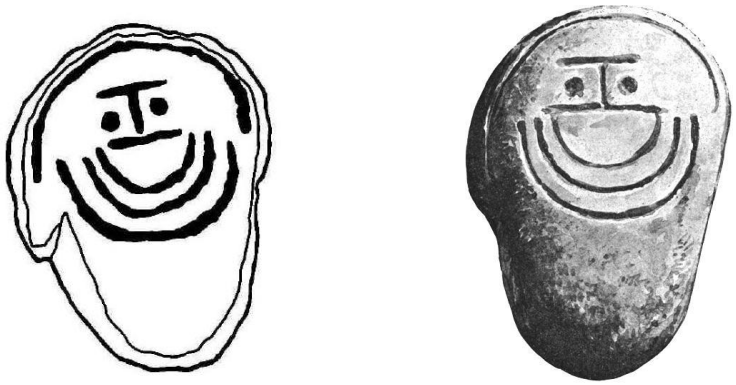


Figura 5 –Esquerda: Estela antropomórfica da Quinta do Couquinho (Horta da Vilariça, Torre de Moncorvo), segundo Orlando Sousa, (SOUSA, 1996). Direita: Desenho da estela da Quinta do Couquinho (Vasconcelos, 1910).

Quinta de Vila Maior (Cabeça Boa) – Idade do Bronze (?)

A estela da Quinta de Vila Maior (Fig. 6) tem como suporte o granito e as suas dimensões são 157 cm x 45 cm x 24 cm. Foi descoberta nas imediações desta quinta, em 1991, através de prospeção geofísica (SOUSA, 1996: 55). Francisco Sande Lemos refere que esta peça pode ter vindo de outro local, eventualmente de um possível santuário existente nas imediações (LEMOS, 1993: 160). Carlos Cruz na sua dissertação de mestrado cataloga esta estela, referindo o descrito por Francisco Sande Lemos e Orlando Sousa (CRUZ, 2000: 151).

Nesta estela estão representados os olhos, o nariz e a boca, sendo estes traços relativamente frequentes. Também é possível verificar a representação das sobrancelhas em T (GUADARMIN-URIBE,

2010: 138). Tal como parece acontecer com a estela da Quinta do Couquinho, também nesta estela está representado uma espécie de colar, sete semicírculos e até um cinturão (GUADARMINO-URIBE, 2010: 170). Esta estela também tem um motivo retangular gravado sobre o cinturão e pode ser interpretado tanto como símbolos a evocar a masculinidade ou a feminidade (GUADRAMINO-URIBE, 2010, 234). A disposição dos motivos representados, submete esta estela para o grupo das peças com círculos entre o toucado e os colares (GUADRAMINO-URIBE, 2010: 274).

A cronologia avançada por Guadarmino-Uribe baliza-se entre 2200/2000 – 1500/1400/1200 a. C. (GUADARMINO-URIBE, 2010: 174). Por sua vez, António Correia coloca esta peça num momento mais precoce, atribuindo-lhe uma cronologia calcolítica (CORREIA, 2010: 78).

Se atendermos à localização desta peça, e admitirmos que estaria sensivelmente no seu local original, o Barral dos Passadores, habitat pré-histórico, encontra-se bastante próximo do local onde foi identificada, para além do Cabeço da Mina que, também relativamente próximo, encontra-se a norte do local de achado desta estela. Sobre esta questão, Raquel Vilaça faz uma interpretação interessante ao tentar relacionar os diferentes locais com a vida comunitária procurando uma ligação da estela da Quinta de Vila Maior e da Quinta do Couquinho com o santuário do Cabeço da Mina (VILAÇA, 2011: 162), onde foram identificadas dezenas de estelas.



Figura 6 – Esquerda: fotografia da estela (CAMPOS, 2002, in Correia, 2010: 77). Direita: Representação gráfica da estela antropomórfica de Quinta de Vila Maior (Cabeça Boa, Torre de Moncorvo) com levantamento sobre fotografia de Díaz-Guadarmino Uribe (CORREIRA, 2010: 77).

3.2.2 Concelho de Vila Flor

Cabeço da Mina (Assares) – Neo-Calcolítico

O Cabeço da Mina tem sido abordado em várias publicações. Este sítio foi identificado por Nelson Rebanda, em 1984, embora a população das aldeias vizinhas tenha referido o aparecimento de *lajes com sinais ilegíveis,* na década de 40 do século XX (SOUSA, 1996: 72 e 73). Nos meados dos anos 80, na sua tese de doutoramento, Susana Oliveira Jorge defende que as estelas do Cabeço da Mina, do concelho de Torre de Moncorvo e da Quinta do Couquinho, pela sua morfologia, enquadram-se no grupo de tradição "calcolítica mediterrânica" (JORGE, 1986: 953). A autora também defende uma ligação dos motivos representados nas estelas do Cabeço da Mina com contextos megalíticos e com outros

exemplares das províncias de Cáceres e Salamanca (JORGE,1999a) e coloca a hipótese de o Cabeço da Mina ter uma ocupação inicial no IV – III milénios a.C. (JORGE,1999a).

As estelas do Cabeço da Mina foram efetuadas em suportes tanto em xisto, como em granito e Vítor Oliveira Jorge e Susana Oliveira Jorge avançam com a possibilidade de se se tratar de um santuário (JORGE e JORGE, 1990: 303).

Em 1996, Orlando Sousa, escreve a sua dissertação de mestrado sobre as estelas antropomórficas do Cabeço da Mina e estuda-as aprofundadamente. Para além das escavações aí realizadas, também efetuou prospeções no local embora não tendo identificado outros vestígios para além daqueles já conhecidos (SOUSA, 1996: 84). As escavações arqueológicas permitiram aferir um alinhamento de estelas antropomórficas (SOUSA, 1996: 82), embora o aparecimento de uma boa parte das peças tenha mais a ver com os trabalhos agrícolas do que propriamente com a escavação arqueológica de 1985 (SANCHES, 1996: 83). Verifica que são feitas em suportes tanto de granito como de xisto, com heterogeneidade no tamanho, na forma e na decoração. Nalguns exemplares, há a ausência de decoração (SOUSA, 1996: 84).

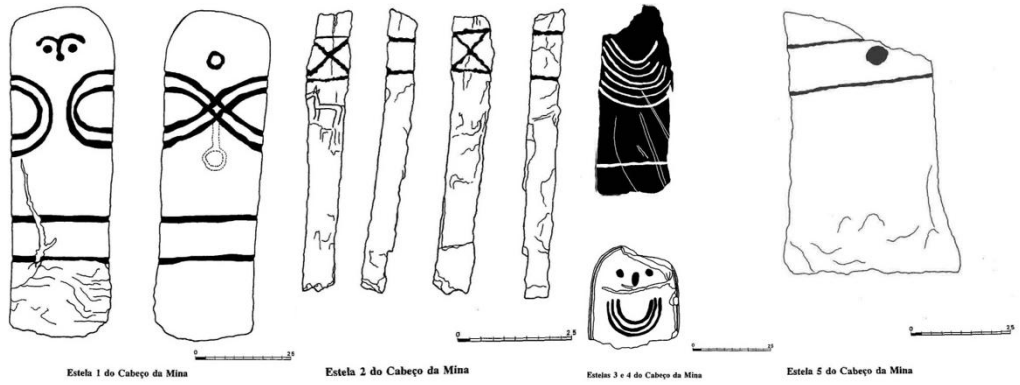


Figura 7 – Estelas 1 a 5 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996).

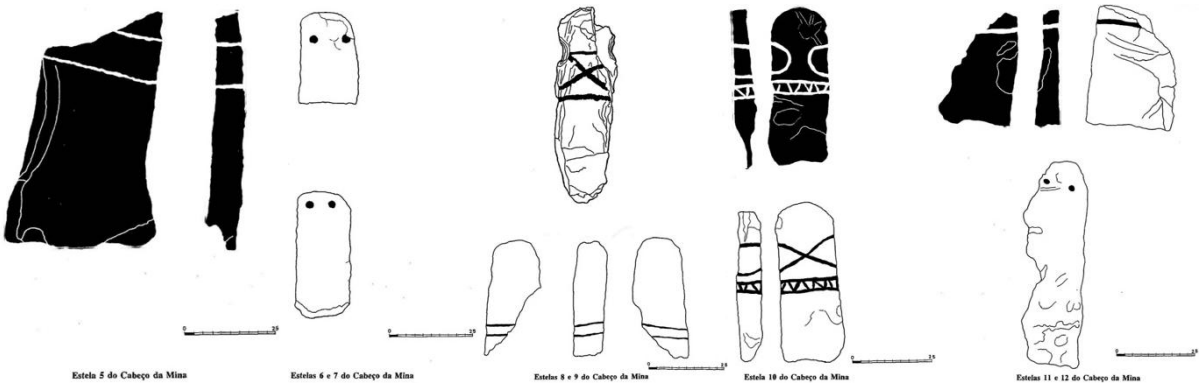


Figura 8 – Estela 5 a 12 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa, (SOUSA, 1996).

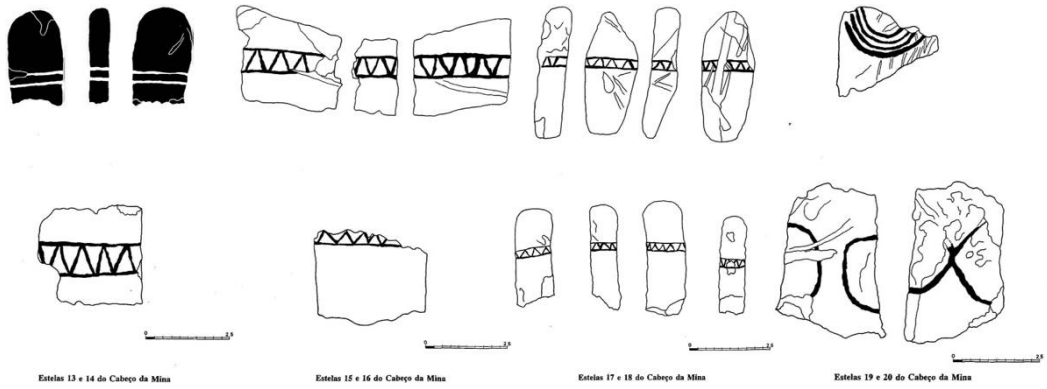


Figura 9 – Estela 13 a 20 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996).

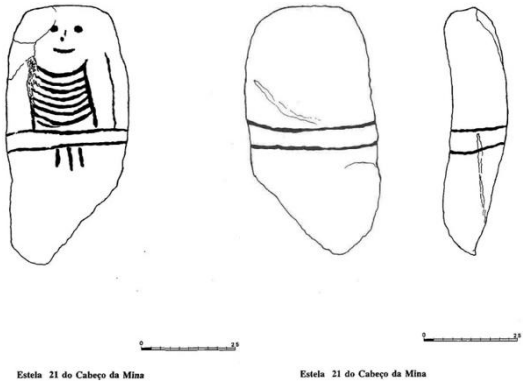


Figura 10 – Estela 21 do Cabeço da Mina, segundo Orlando Sousa (SOUSA, 1996).

Em 2010, Guadarmino-Uribe, na sua tese de doutoramento sobre as estelas pré-históricas decoradas da Península Ibérica, classifica-as com cronologias distintas, interligadas à sua iconografia. Por exemplo, a estela Cabeço da Mina 4 (Fig. 7), tendo em conta o corpo e o rosto, e por paralelismos efetuados pela autora, pode enquadrar-se no Bronze Médio (2200 – 1700/1600 a. C.) (GUADARMINO-URIBE, 2010: 259). Aquelas que apresentam armas associadas a elementos retangulares e até paralelismos formais com colares, balizou entre 2200 – 1200 a.C. e até avançarem em cronologias mais tardias (GUADARMINO-URIBE, 2010: 169, 174). A autora, de facto, coloca as estelas do Cabeço da Mina em cronologias mais recentes comparativamente àquelas avançadas por Primitiva Bueno *et. al.* onde defendem datas entre 4500 – 2000 a. C. (GUADARMINO-URIBE, 2010: 179).

Mais recentemente, Sofia Figueiredo e José Maciel dão a conhecer mais uma estela antropomórfica decorada e uma laje gravada, encontradas no Cabeço da Mina (Fig. 11 e 12). Estas peças foram identificadas por Sérgio Simões Pereira e por Luís Pereira, técnico da Direção Geral do Património Cultural aquando da sua visita ao local (FIGUEIREDO *et. al.*, 2015: 1639). A laje apresenta

duas figuras antropomórficas e com linhas na parte inferior da peça (FIGUEIREDO *et. al.*, 2015: 1640). Apesar dos autores não avançarem com uma cronologia para esta nova descoberta, referem a importância do estudo das estelas antropomórficas na passagem do IV° para o III° milénio a.C. (FIGUEIREDO *et. al.*, 2015: 1641).



Figura 11 – Registo fotográfico da estela identificada em 2015 (FIGUEIREDO, 2015: 1639).

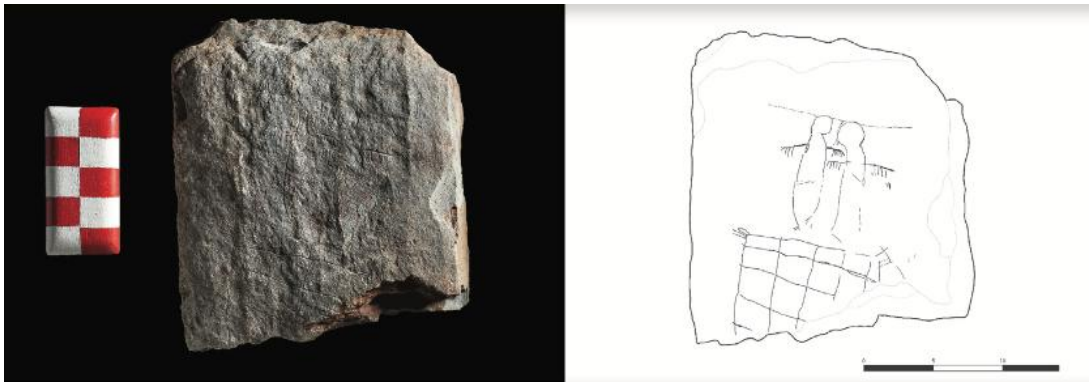


Figura 12 - Laje do Cabeço da Mina identificada em 2015 (FIGUEIREDO et. al., 2015: 1640).

3.3 Povoamento

Nos diversos concelhos que abarcam o Vale da Vilariça, conhecem-se povoados desde o Calcolítico até à Idade do Ferro e romanização (Tab. 3).

Um resumo de cada um dos povoados da Pré-história Recente e Proto-história será efetuado para cada concelho, por ordem cronológica.

Tabela 3 - Povoados da Pré-história Recente e Proto-história do Vale da Vilariça

Designação	Localidade	Concelho	Tipo de sítio	Cronologia
Barral dos Passadores	Cabeça Boa	Torre de Moncorvo	Habitat	Pré-história Recente
Castelo dos Mouros	Adeganha	Torre de Moncorvo	Povoado fortificado	Pré-história Recente
Fraga Amarela	Adeganha	Torre de Moncorvo	Abrigo natural	Pré-história Recente
Moinho 2	Roios	Vila Flor	Habitat	Pré-história Recente
Curral da Cerca	Gouveia	Alfândega da Fé	Povoado fortificado	Pré-história Recente - Calcolítico (?)
Castro de Nossa Senhora dos Anúncios	Vilarelhos	Alfândega da Fé	Povoado fortificado	Pré-história Recente e Idade do Ferro
Senhora do Castelo	Adeganha	Torre de Moncorvo	Povoado fortificado	Pré-história Recente e Idade do Ferro
Castro de Santa Justa	Eucísia	Alfândega da Fé	Povoado fortificado	Pré-história Recente e Idade do Ferro (?)
Baldoeiro	Estevais da Vilariça	Torre de Moncorvo	Povoado	Calcolítico e Idade do Ferro
Castelo da Junqueira	Junqueira	Torre de Moncorvo	Povoado fortificado	Bronze Final/Ferro Inicial
Castelo de Gouveia	Gouveia	Alfândega da Fé	Povoado fortificado	Idade do Ferro (?)
Cabeço do Murado	Vilares da Vilariça	Alfândega da Fé	Povoado fortificado	Idade do Ferro (?)
Cabeço de S. Pedro	Assares	Vila Flor	Povoado fortificado	Idade do Ferro (?)
Castelo da Mina	Cabanas de Baixo	Torre de Moncorvo	Povoado fortificado	-
Cabanas de Cima	Cabanas de Cima	Torre de Moncorvo	-	-
Cabeço da Alfarela	Torre de Moncorvo	Torre de Moncorvo	Povoado fortificado (?)	-
Cabeço dos Apostolónios	Torre de Moncorvo	Torre de Moncorvo	-	-
Santa Marinha	Sampaio	Vila Flor	Povoado fortificado	-

3.3.1 Concelho de Alfândega da Fé

Curral da Cerca (Gouveia) – Calcolítico (?)

O Curral da Cerca é um povoado fortificado que se encontra na serra de Gouveia (Fig. 13). O único indício apresentado é uma linha de muralha em formato oval, já bastante derrubada. Tal como acontece com o Castelo de Gouveia, este também apresenta boas condições de visibilidade, mas do ponto de vista da defesa natural, esta é bastante escassa. Encontra-se a 635 metros de altitude máxima sendo, deste modo, o povoado da bacia hidrográfica da ribeira da Vilariça a maior altitude.

Francisco José Lopes identificou-o em 2006 através de informação do então Presidente de Junta de Freguesia de Gouveia, dizendo que o topónimo era *Monte do Curral da Cerca* (LOPES, 2006: 63)[2]. Embora este autor refira que o muro tem as mesmas características construtivas que os castelos de Gouveia e Picões e que poderá ter uma ocupação a partir da Idade do Ferro com continuidade para períodos posteriores (LOPES, 2006: 64), parece-nos que as semelhanças são maiores com outro tipo de povoados nas proximidades e que apresentam, até ao momento, cronologias mais antigas. Estas semelhanças encontram-se no povoado do Pinhal Grande (Cabreira, Alfândega da Fé) (Fig. 13) e Rebentão (Cabreira, Alfândega da Fé) (Fig. 14). Estes povoados já se encontram sobranceiros à margem direita do rio Sabor e, portanto, não entram neste estudo. Nestes dois sítios foram identificados vários materiais à superfície. No povoado do Pinhal Grande, foi identificado um machado de pedra polida, pequenos fragmentos de cerâmica manual lisa e uma mó dormente. No Rebentão, surgiram fragmentos de cerâmica manual lisa e decorada, nomeadamente com decoração incisa penteada ondulante, machados de pedra polida, líticos e uma ponta de seta em xisto de aletas e pedúnculo. Apenas foram identificados materiais pré-históricos e não com cronologias posteriores. Não quer dizer que com este paralelismo o Curral da Cerca seja um povoado pré-histórico, mas a muralha é semelhante aos povoados do Pinhal Grande e Rebentão, tanto no tipo de aparelho como no estado atual de conservação conferindo uma cronologia relativamente aproximada.

No Curral da Cerca não foram identificados materiais arqueológicos à superfície, mas, tal como acontece com a maioria dos povoados da região, a vegetação não permite visualizar corretamente o solo para a aferição de vestígios.

[2] Este povoado já teria sido referido por Carlos Pinheiro em 2000 através do sítio www.bragancanet.pt mas sem mencionar a fonte de informação. Atualmente o sítio já não se encontra disponível para que possamos pesquisar esta referência.



Figura 13 – Esquerda: Vista aérea a partir de sul do Curral da Cerca onde é possível ver a linha de muralha. Fotografia do autor. Direita: Vista geral da linha de muralha nordeste do povoado do Pinhal Grande. Fotografia do autor.



Figura 14 – Vista aérea a partir de nordeste do povoado do Rebentão, onde é possível ver um troço da linha de muralha. Fotografia do autor.

Castro de Santa Justa (Santa Justa) - Calcolítico e Idade do Ferro

O castro de Santa Justa localiza-se praticamente no extremo noroeste da serra de Gouveia (Fig. 15). Apresenta uma área escarpada a sul e um colo de acesso a este. As condições de visibilidade são excelentes para o Vale da Vilariça e para a serra de Bornes, dominando uma vasta área deste vale.

Francisco José Lopes, em 1995, identifica o Castro de Santa Justa e integra-o numa cronologia que pode remontar ao Calcolítico (LOPES, 2006: 63).

Alexandra Vieira, na sua tese de doutoramento, cataloga o castro de Santa Justa com informação retirada da base de dados do Portal do Arqueólogo da DGPC (VIEIRA, 2015: 72).

Aquando da atualização do Plano Diretor Municipal em 2011, prospetámos este sítio e foi possível identificar estruturas e materiais arqueológicos à superfície. Os materiais resumem-se a fragmentos de

cerâmica com várias cronologias, mas destacamos um fragmento de cerâmica manual decorada com incisões penteadas ondulantes e um fragmento com um triângulo preenchido por bandas horizontais, também preenchidas com pequenos traços. Esta decoração é incisa e poderá ser do Neo-Calcolítico[3]. Para além dos fragmentos decorados, também foram identificados alguns de fabrico manual liso e líticos para uma fase mais antiga que poderá corresponder à Pré-história Recente. A cerâmica penteada pode submeter a ocupação deste sítio desde o Calcolítico. Também surgem alguns fragmentos de cerâmica com cozeduras redutoras, micáceas e que podem corresponder à Idade do Ferro. O material mais recente identificado, corresponde a um fragmento de cerâmica com decoração plástica com um cordão com dedadas de cronologia medieval.

Relativamente às estruturas, estas circunscrevem-se ao topo deste promontório. É possível ver duas linhas de muralha, algumas estruturas quadrangulares, pequenos arruamentos e, já a cota superior, aquilo que parece ser um torreão (Fig. 15). Uma vez que este sítio também parece ter conhecido uma ocupação durante a Idade Média, é provável que as alterações efetuadas tenham tornado o lugar diferente daquele existente durante a Idade do Ferro.

Posto isto, o Castro de Santa Justa conheceu uma ocupação durante a Pré-história Recente, nomeadamente no Calcolítico e, provavelmente, durante a Idade do Ferro, para além da de época histórica.



Figura 15 – Esquerda: vista aérea a partir de sul do Castro de Santa Justa. Fotografia do autor. Direita: possível torreão do Castro de Santa Justa. Fotografia do autor.

[3] A cronologia para este fragmento de cerâmica foi sugerida por Susana Soares Lopes, após a sua observação.

Cabeço do Murado (Vilares da Vilariça) – Idade do Bronze (?)

O Cabeço do Murado é um povoado fortificado que se situa no topo de um monte sobranceiro à margem direita da ribeira da Burga, num dos contrafortes da serra de Bornes, com amplo domínio visual para o Vale da Vilariça que lhe fica a sul. Na prospeção efetuada em 2005 no âmbito da *Subconcessão Douro Interior – EIA – IP2 Vale Benfeito/Junqueira/Ponte do Sabor – Lote 1*, foram identificados fragmentos de cerâmica manual que poderão corresponder à Idade do Bronze[4].

Casas dos Mouros (Vilares da Vilariça) – Idade do Bronze (?)

Casas dos Mouros é um habitat pré-histórico que se localiza na encosta da margem direita da ribeira do Cerejal, num dos contrafortes da serra de Bornes (Fig. 16). O domínio visual para o Vale da Vilariça é relativamente escaço. Situa-se numa zona de granitos com pequenos abrigos e palas.

Em 2011, no âmbito da atualização do Plano Diretor Municipal do concelho de Alfândega da Fé, foram realizadas prospeções nesta encosta. Identificámos numerosos fragmentos de cerâmica manual lisa (Fig. 17) e decorada, líticos e machados de pedra polida (Fig. 18). A cerâmica decorada resume-se a linhas penteadas, pressupondo uma cronologia calcolítica. A área de dispersão dos materiais é bastante ampla, embora a sua concentração seja numa pequena plataforma alongada a meia encosta.

Não é possível identificar com rigor este sítio arqueológico uma vez que a dispersão dos materiais ocorre numa área bastante grande.

[4] Informação retirada da base de dados da Direção Geral do Património Cultural. O relatório de prospeção foi aprovado em 2005 tendo como responsável Margarida da Silva Monteiro.



Figura 16 – Vista aérea a partir de norte da plataforma onde a concentração de materiais cerâmicos são mais numerosos. Fotografia do autor.



Figura 17 - Cerâmicas de pastas manuais lisas identificadas na Casa dos Mouros. Fotografia do autor.

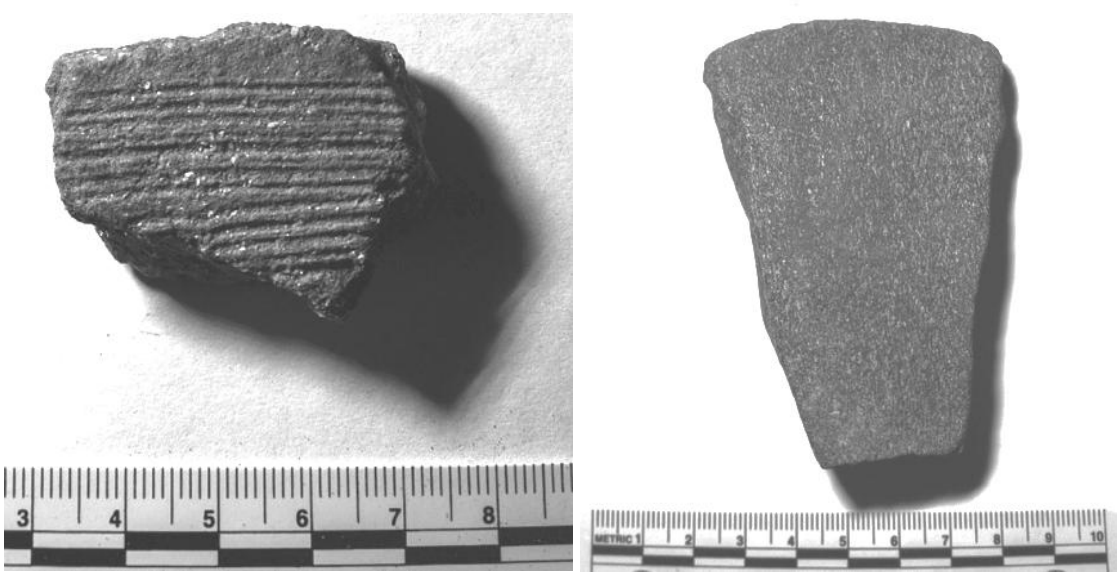


Figura 18 – Esquerda: fragmento de cerâmica manual com decoração penteada. Direita: machado de pedra polida em anfibolito. Fotografias do autor.

Castelo de Gouveia (Gouveia) – Idade do Ferro (?)

O Castelo de Gouveia situa-se na serra de Gouveia, num ponto com amplo domínio visual sobre o planalto de Adeganha/Cardanha, a sudoeste, e sobre uma parte do Vale da Vilariça a oeste (Fig. 19). Apresenta uma linha de muralha já bastante destruída, parecendo percorrer a inclinação do monte até uma parte mais alta que pode corresponder a um torreão. Neste local existe uma zona escarpada a oeste de pequenas dimensões onde se verifica alguns derrubes entre os afloramentos de um possível muro e o restante monte praticamente amuralhado. Apesar das dúvidas cronológicas deste sítio, e atendendo à sua localização e características das prováveis estruturas defensivas, é possível que estejamos perante um povoado da Idade do Ferro.

A primeira referência ao Castelo de Gouveia foi efetuada pelo Abade de Baçal em 1934, apesar de não o descrever, colocando-o no grupo dos castelos, torres, cigadonhas, ciradelhas, terronhas e casarelhos (ALVES, 2000: 566). Estes termos são muitas vezes usados e que se referem a "castros" ou povoados fortificados.

Francisco Sande Lemos, no âmbito da sua tese de doutoramento, tece algumas considerações sobre este sítio arqueológico, mas com as devidas reservas quanto ao tipo de sítio e à sua cronologia, referindo que pode ser um castro da Idade do Ferro. Apenas faz referência a um talude de pedra e terra que pode corresponder a uma muralha e refere a ausência de cerâmicas antigas ou de qualquer outro

material (LEMOS, 1993: 24). Essa dificuldade pode relacionar-se com o facto de o sítio estar praticamente coberto de vegetação, impossibilitando uma prospeção adequada para a aferição de materiais à superfície.

Carlos Cruz, na sua dissertação de mestrado, também faz referência ao Castelo de Gouveia, apontando-lhe uma cronologia da Idade do Ferro, seguindo, nas suas linhas gerais, aquilo que Francisco Sande Lemos refere na sua tese de doutoramento. Carlos Cruz divide os vários povoados fortificados da região em áreas de implantação e inclui o Castelo de Gouveia na subdivisão de zona planáltica de média altitude (CRUZ, 2000: 353). Este povoado encontra-se a 629 metros de altitude, no seu ponto mais elevado.

Francisco José Lopes, historiador local, refere o seguinte relativamente ao Castelo de Gouveia:

> Estamos mesmo em crer que este povoado fortificado, pois interiormente tem área para ter sido isso, apresenta uma técnica de construção do muro algo diferente dos restantes, com utilização de pedra muito miúda (tipo cascalho) para fazer enchimento de duas paredes construídas com pedras de maior dimensão. Esta técnica, pela exigência dos instrumentos metálicos que pressupõe, indica um povoamento mais recente do que os já mencionados (LOPES, 2006: 62).

Em prospeções recentes (2021/2022), no âmbito da atualização do Plano Diretor Municipal do Município de Alfândega da Fé, foi possível identificar, à superfície, um fragmento de granito e um fragmento de cerâmica cuja caracterização é difícil devido ao tamanho reduzido do mesmo. Relativamente ao fragmento de granito, não sabemos qual seria a sua função. Não é endógeno, uma vez que a geologia local é o xisto quartzítico. Estes objetos podem indiciar a ocupação do local, a par das estruturas identificadas, ainda que num período indefinido.



Figura 19 – Vista aérea a partir de noroeste do Castelo de Gouveia onde é possível ver um troço de muralha junto aos afloramentos. Fotografia do autor.

Castro da Nossa Senhora dos Anúncios (Vilarelhos) – Pré-história Recente, Idade do Ferro e Romanização

O Castro da Nossa Senhora dos Anúncios situa-se num promontório em pleno Vale da Vilariça com amplo domínio visual para todo o vale (Fig. 20). A única defesa natural deste cabeço são as escarpas existentes no lado sul.

Este sítio conheceu vários momentos de ocupação balizando-se entre a Pré-história Recente e a romanização. Atualmente, existe um pequeno santuário que, em grande parte, terá sido a sua construção e as plataformas para parques de estacionamentos nas imediações, também responsáveis pela destruição deste sítio.

Relativamente aos estudos efetuados sobre este castro, é nos finais da década de 70 do século XX que Santos Júnior publica o aparecimento de uma necrópole romana e uma cabeça de guerreiro onde é possível ver um torques e, provavelmente, um elmo (Fig. 21) (SANTOS JÚNIOR, 1982: 347). Este elemento já se encontrava guardado na capela da Nossa Senhora dos Anúncios aquando das escavações arqueológicas levadas a cabo por Santos Júnior, sendo, portanto, uma descoberta fortuita.

Francisco Sande Lemos também faz referência à cabeça de guerreiro encontrada no cabeço da Nossa Senhora dos Anúncios e considera que este local, não descartando o povoado do Baldoeiro, possa ter sido a sede de um chefado (LEMOS, 1993: 238). Relativamente ao elemento de estatuária antropomórfica, Sande Lemos refere que a sua cronologia é romana, mas admite uma inspiração indígena que remontaria à Idade do Ferro (LEMOS, 1993: 31).

Em 2011, no âmbito da atualização do Plano Diretor Municipal do concelho de Alfândega da Fé, foram efetuadas prospeções arqueológicas no cabeço e nas encostas envolventes. Para além dos muitos materiais romanos identificados um pouco por toda a área, é de destacar que apenas na encosta sudoeste foram encontrados fragmentos de cerâmica manual lisa, algo atípicos, e um machado de pedra polida em anfibolito. Recentemente, em 2022, fruto de nova visita ao local, sobretudo nas encostas superiores do cabeço, surgiu, à superfície, um fragmento de cerâmica que corresponde a um bordo de pasta escura e micácea que, pelas suas características, poderíamos enquadrá-la na Idade do Ferro.



Figura 20 – Vista aérea a partir de sudeste do cabeço da Nossa Senhora dos Anúncios. Fotografia do autor.



Figura 21 – Cabeça de guerreiro encontrada no Castro da Nossa Senhora dos Anúncios. Fotografia do autor.

3.3.2 Concelho de Torre de Moncorvo

Senhora do Castelo (Adeganha) – Neolítico (?)/Calcolítico/Idade do Bronze

O povoado da Senhora do Castelo encontra-se a meia encosta da margem esquerda da ribeira da Vilariça e apresenta um amplo domínio visual sobre o Vale da Vilariça (Fig. 22). As muralhas são maioritariamente visíveis a este e facilmente se encontram fragmentos de cerâmica à superfície que podem corresponder à Pré-história Recente e também à Idade do Ferro.

A referência mais antiga a este sítio data do século XVIII através das Memórias Paroquiais de 1758. A. Mesquita de Figueiredo na revista *O Arqueólogo Português* refere o seguinte para este sítio arqueológico:

> E mais adeante, no sitio em que hoje se acha a *Senhora do Castello*, dizem que houvera antigamente uma grande Cidade, cujo nome se ignora, da qual ainda de descobrem parte dos seus muros arruinados (FIGUEIREDO, 1895:143).

Também Pedro de Azevedo, na mesma revista, tece algumas considerações sobre a Senhora do Castelo:

> Dize-se que fora povoado de mouros, que bem se ve os sítios donde abitavam, principalmente no sitio donde está a capella de N. Senhora do Castello, que ali tinham o Castello, em o alto de hum monte de fragas, e no fundo a villa, donde se tem achado, e acham ainda metaes, cunhos d´elle, e outras cousas mais de que se nam faz caso, e se acha muyta escoria de o fabricarem. Tem logo junto hum sitio que se chama o Vale do Ouro (AZEVEDO, 1896: 64).

Na década de 30 do século XX, o Abade de Baçal não acrescenta nada de novo sobre este sítio, transcrevendo, apenas, o que Pedro A. de Azevedo refere no Tomo II da revista *O Arqueólogo Português* (ALVES, 2000: 95).

Com os estudos efetuados pelo Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo, identificaram cerâmicas com decoração penteada, com puncionamento simples ou arrastado, com uma cronologia, pelo menos, do Calcolítico (RODRIGUES, 1990 *apud* CRUZ, 2000: 110). Maria de Jesus Sanches, nos finais da década de 80 do século passado refere que há a possibilidade de uma maior permanência nos habitats desde o III/II milénio a. C., devido aos materiais calcolíticos em povoados que acabam por conhecer uma ocupação proto-histórica (SANCHES, 1988: 278 – 279).

Para Francisco Sande Lemos, as cerâmicas de tipo bouquique e Cogotas I enquadram-se no Bronze Final (LEMOS, 1993: 173), mas Ana M. S. Bettencourt propõe uma cronologia do Bronze Médio (BETTENCOURT, 1995: 111). Deste modo, Francisco Sande Lemos refere que o povoado da Senhora do Castelo poderá ter surgido no Bronze Final (LEMOS, 1993: 204). No âmbito da sua tese de doutoramento, para além do que referiu sobre as cerâmicas[5] aí encontradas e que ficou exposto nas linhas anteriores, também classifica este povoado como de "assentamento em castelos graníticos em pontos destacados, com ampla visibilidade e domínio sobre o meio envolvente" (LEMOS, 1993: 203).

Orlando Sousa cataloga este sítio arqueológico classificando-o apenas como habitat pré-histórico (SOUSA, 1996: 68).

Maria de Jesus Sanches, na sua tese de doutoramento (SANCHES, 1997), faz algumas considerações e interpretações cronológicas sobre alguns povoados do Vale da Vilariça. Deste modo, a Senhora do Castelo é estudada de forma intensiva, à luz dos dados até então existentes. Para a autora,

[5] Informação retirada dos estudos anteriormente efetuados, sobretudo por Maria de Jesus Sanches (1988).

a ocupação da Senhora do Castelo da Adeganha pode remontar ao IV milénio a.C. devido às cerâmicas de tradição neolítica aí encontradas (CRUZ, 2000: 16), embora considere que este sítio e o Baldoeiro poderão ter-se prolongado para os meados do II milénio a.C. (SANCHES, 1995: 197). Refere, também, a existência de duas linhas de muralha que correspondem à Idade do Bronze (SANCHES, 1997 *apud* CRUZ, 2000: 110) estando em linha com o que foi referido por Francisco Sande Lemos (LEMOS: 1993: 204).

Mais tarde, Carlos Cruz cataloga este sítio arqueológico e apoia-se na bibliografia existente, compilando a informação dos autores referidos anteriormente (CRUZ, 2000: 110).



Figura 22 – Vista aérea a partir de sul da Senhora do Castelo. Fotografia do autor.

Barral dos Passadores (Foz do Sabor) – Pré-história Recente

O Barral dos Passadores é um sítio arqueológico descoberto por Nelson Rebanda e Higino Tavares aquando das prospeções realizadas em 1989 no âmbito dos estudos do Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo. Sobre este sítio, Miguel Rodrigues refere o seguinte:

> Desprendimentos de terras em dezembro de 1988 provocaram cortes no terreno, onde foram detectados, a um metro de profundidade, em associação com lajes de xisto e blocos de granito rolados, fragmentos de cerâmica manual e ossos (RODRIGUES, 1990 *apud* CRUZ, 2000: 110).

Esta é a única informação conhecida sobre este sítio. No entanto, Carlos Cruz refere este sítio como sendo um povoado calcolítico, ainda que com as devidas reservas do autor (CRUZ, 2000: 110, 111).

Baldoeiro (Estevais) – Calcolítico e Bronze

O Baldoeiro situa-se a meia encosta da margem esquerda da ribeira da Vilariça e, a partir daí, o domínio visual sobre o Vale da Vilariça é excecional (Fig. 23). Este sítio apresenta ocupações pré e proto-histórica, para além dos materiais romanos, um templo românico e sepulturas escavadas na rocha com cronologia medieval.

Na década de 30 do século XX, o Abade de Baçal refere-se ao Baldoeiro como *povoado arcaico* e *castro* (ALVES, 2000: 640). Aí surgem gravuras, epígrafes romanas, um templo românico e sepulturas escavadas na rocha, mas nunca uma ocupação inequívoca da Idade do Ferro.

Armando Coelho Ferreira da Silva, também cataloga este sítio na sua tese de doutoramento e refere-o como sendo um castro, pegando na bibliografia de inícios do século XX e seguindo-a (SILVA, 1986: 103).

Nas escavações efetuadas por Miguel Rodrigues e Nelson Rebanda, em 1990 e 1991, identificaram cerâmicas de transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro (LEMOS, 1993: 149). No entanto, sobre estas escavações, Maria de Jesus Sanches refere a existência de um nível Calcolítico onde foram recolhidos fragmentos de cerâmica manual com decoração penteada (SANCHES, 1997: 283), para além de decoração com puncionamento simples e arrastado e materiais líticos (duas enxós e um machado) (CRUZ, 2000: 109). Maria de Jesus Sanches inclui, em termos cronológicos, o Baldoeiro na primeira metade do III° milénio a.C., prolongando essa ocupação para finais do III° milénio ou meados do II° milénio a.C. (SANCHES, 1997: 195).

Orlando Sousa também cataloga o Baldoeiro nas estações pré-históricas da sua dissertação (SOUSA, 1996: 69).

Com estudos mais pormenorizados sobre o Baldoeiro, Maria de Jesus Sanches avança com considerações bastante interessantes. Para a autora, existem vários povoados ao longo da Vilariça que poderiam suportar uma economia agro-pastoril de longa duração e aqui refere-se aos povoados da Nossa Senhora do Castelo e Baldoeiro, ambos no concelho de Torre de Moncorvo (SANCHES, 1997: 219). Também são estes dois povoados que poderiam ter uma maior capacidade de renovação florística (SANCHES, 1997: 192) e ótimas condições para a criação de gado devido à disponibilidade de água corrente nas imediações (SANCHES, 1997: 194). Pela sua posição geográfica, o Baldoeiro permitia uma relativa intensificação económica através da pastorícia e até uma certa intensificação agrícola (SANCHES, 1997: 196) pela proximidade ao Vale da Vilariça e, consequentemente, aos seus solos férteis. Maria de Jesus Sanches avança a hipótese de que o desenvolvimento agro-pastoril permitisse um incremento

demográfico que poderia ser "colmatado" através da expansão da população para outras áreas, traduzindo-se na fundação de novos povoados, eventualmente alguns sazonais, satélites de outros de maiores dimensões (*idem*).



Figura 23 – Vista aérea a partir de sudoeste do Baldoeiro. Fotografia do autor.

Cabeço da Alfarela (Torre de Moncorvo) – Pré-história Recente

O Cabeço da Alfarela localiza-se num promontório inserido no Vale da Vilariça a uma altitude máxima de 229 metros. A partir do ponto mais alto, é possível obter um amplo domínio visual sobre este vale, principalmente para noroeste (Fig. 24).

Francisco Sande Lemos aponta uma ocupação deste sítio para a Idade Média afirmando tratar-se de um local onde terá existido uma atalaia com formato subcircular (LEMOS, 1993: 375) e no sopé do monte também há indícios de romanização e a existência de uma necrópole medieval (LEMOS, 1993: 376).

Carlos Cruz também refere este sítio, retirando a informação publicada por Miguel Rodrigues e Nelson Rebanda a propósito deste sítio arqueológico (CRUZ, 2000: 113).

Até aqui não foi referido o tipo de ocupação durante a Pré-história, ou seja, se era um povoado, um habitat aberto ou de outro tipo. No entanto, no âmbito da dissertação de mestrado de João Muralha Cardoso sobre um sítio arqueológico a sul do Douro (Castanheiro do Vento), o autor refere um dado diferenciador para o Cabeço da Alfarela. Menciona que este sítio seria um recinto semelhante a Castanheiro do Vento ou Castelo Velho (CARDOSO, 2007: 334). Elabora um estudo interessante do ponto de vista da intervisibilidade dos vários recintos estudados e inclui o Cabeço da Alfarela naqueles cuja visibilidade é maioritariamente aberta (CARDOSO, 2007: 358). Embora João Muralha Cardoso não

elabore estudos pormenorizados sobre este sítio, a verdade é que, por comparação com outros existentes a sul do rio Douro, refere que este tipo de locais teriam desempenhado um papel importante na estruturação das comunidades (CARDOSO, 2007: 360).



Figura 24 – Vista aérea a partir de sudeste do Cabeço de Alfarela. Fotografia do autor.

Fraga Amarela (Adeganha) – Pré-história Recente

A Fraga Amarela é um habitat pré-histórico que tem vindo a ser referido na bibliografia ao longo do tempo por Rodrigues e Brandão (RODRIGUES *et. al.* 1962: 6), Orlando Sousa (SOUSA, 1996: 68), Miguel Rodrigues e Nelson Rebanda (RODRIGUES *et. al.*, 1998) e por Carlos Cruz (CRUZ, 2000: 109). No entanto, atualmente, ainda não foi possível identificar a localização exata deste sítio onde Miguel Rodrigues e Nelson Rebanda referem o aparecimento de achados cerâmicos. Ficaria na encosta entre o Baldoeiro e a Senhora do Castelo (RODRIGUES *et. al.*, 1998). Orlando Sousa acaba por seguir aquilo que diz Rodrigues e Brandão.

Pelo exposto, é bastante difícil identificar este sítio sem uma prospeção arqueológica sistemática, pese embora o facto de Carlos Cruz acreditar que a Fraga Amarela se encontra muito próxima do Baldoeiro (CRUZ, 2000: 109).

Cabeço dos Apostolónios (Torre de Moncorvo) – Pré-história Recente

O Cabeço dos Apostolónios é um habitat pré-histórico que, tal como acontece no Cabeço da Alfarela, também é possível obter um amplo domínio visual sobre o Vale da Vilariça (Fig. 25). Distam um do outro cerca de 2670 metros.

Este sítio foi identificado por Higino Tavares, em 1991, e os indícios resumem-se a fragmentos de cerâmica manual e mós (CRUZ, 2000: 114).

Orlando Sousa cataloga-o como habitat pré-histórico pegando, certamente, na informação recolhida pelo Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo (SOUSA, 1996: 69).

Numa visita efetuada em 2010 pelo autor, no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, não foram identificados materiais arqueológicos à superfície, embora o local tenha sido bastante alterado devido aos trabalhos mecânicos aí realizados na década de 90 do século passado.



Figura 25 – Vista aérea a partir de noroeste do Cabeço dos Apostolónios. Fotografia do autor.

Cabanas de Cima (Cabanas de Cima) – Pré-história Recente (?)/Idade do Bronze

No âmbito do projeto *EIA – Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua: Linha Foz Tua – Armamar a 400 Kv*, foram efetuadas, em 2013, prospeções arqueológicas direcionadas. Estes trabalhos tiveram como responsável Mário Jorge Mascarenhas Monteiro.

O local caracteriza-se por se encontrar numa zona abrigada, de fundo de vale, com blocos graníticos a "circundar" uma pequena sobrelevação (Fig. 26). É neste local e nas imediações que se encontra uma mancha de ocupação caracterizada por bordos e bojos, líticos em quartzo leitoso, lascas retocadas em sílex, com destaque para um buril também efetuado nesta matéria-prima. Na zona mais elevada, os fragmentos de cerâmica são de maiores dimensões e pouco rolados. A cronologia deste sítio,

aponta para uma ocupação identificável do Bronze Final devido aos bordos simples e uma carena bastante pronunciada aí encontrada[6].



Figura 26 – Vista aérea a partir de sul de Cabanas de Cima. Fotografia do autor.

Castelo da Junqueira (Junqueira) – Idade do Bronze/Idade do Ferro

O Castelo da Junqueira é um povoado fortificado que se encontra a meia encosta da margem esquerda da ribeira da Vilariça (Fig. 27). As condições de visibilidade são excelentes para todo o vale. No âmbito do levantamento arqueológico do concelho de Torre de Moncorvo, os arqueólogos do Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo identificaram muralhas em duas zonas distintas[7]. Uma linha de muralha encontra-se a uma cota mais baixa, limitada a norte, sul e oeste e a outra encontra-se a uma cota mais elevada a este.

Este povoado é referido pelo Abade de Baçal no Tomo IX da sua obra e, de facto, refere a existência de *fortes muralhas*. Também refere os indícios medievais, sendo de destacar as sepulturas escavadas na rocha (ALVES, 2000: 154).

Este sítio foi escavado sob a orientação de Miguel Rodrigues nos finais da década de 80 e inícios da de 90 do século XX. Segundo Miguel Rodrigues e Nelson Rebanda, nas escavações arqueológicas efetuadas, identificaram vestígios do Bronze Final/Ferro Inicial (RODRIGUES *et. al.*, 1998). A testemunhar estas cronologias estão os materiais cerâmicos de fabrico manual e decorações plásticas (mamilos e cordões) e com a técnica de *bouquique* em forma de grinalda. Estes são os indícios do Bronze

[6] Esta informação foi retirada da Base de Dados *Endovélico* da Direção Geral do Património Cultural. Não é referida a bibliografia consultada, uma vez que este sítio, aparentemente, foi relocalizado. O CNS de Cabanas de Cima é o 34957.

[7] Segundo a base de dados Endovélico da Direção Geral do Património Cultural, este trabalho foi realizado por António da Cunha Leal, Miguel Rodrigues, Nelson Rebanda, Paulo Dórdio e Ricardo Teixeira em 1983.

Final. Para o Ferro Inicial, os dados circunscrevem-se a fragmentos de cerâmica com decorações impressas (dedadas) e incisões sobre o bordo, para além de fragmentos com pastas heterogéneas de acabamentos rugosos (CRUZ, 2000: 184).



Figura 27 – Vista aérea a partir de sul do Castelo da Junqueira. A seta indica o sítio arqueológico Fotografia do autor.

Castelo da Mina (Cabanas de Baixo) – Idade do Ferro (?)

A referência mais antiga ao Castelo da Mina remonta aos finais do século XIX, através de uma publicação do Abade Tavares na revista *O Arqueólogo Português*. O Pe. José Augusto Tavares refere o seguinte sobre este sítio arqueológicos:

> No sítio denominado *Castello*, freguesia de Cabeça Boa, concelho de Moncorvo, ainda hoje se vêem grandes vestígios de sólidos e extensos muros de granito.
> ...houve antigamente dois castelos no recinto d´estes muros, estando colocados em dois montes, mas actualmente só existem d´elles alguns destroços: restos de muralhas, caliça, tijolos, escumalha de ferro, etc. (TAVARES, 1895: 126).

Mais tarde, na década de 30 do século XX, o Abade de Baçal refere o Castelo da Mina, mas sem novos dados, acabando por seguir o que o Abade Tavares já tinha escrito nos finais do século XIX (ALVES, 2000: 140).

Armando Coelho da Silva, no âmbito da sua tese de doutoramento, coloca este povoado no catálogo de sítios da Idade do Ferro avançando, assim, com uma cronologia (SILVA, 1986: 103).

Francisco Sande Lemos classifica este povoado, tal como o da Senhora do Castelo como *"assentamento em castelos graníticos em pontos destacados, com ampla visibilidade e domínio sobre o meio envolvente"* (LEMOS, 1993: 203). Este autor, também refere que no Castelo da Mina existem troços

de muralha mais cuidados que poderão corresponder a uma fase posterior da Idade do Ferro (LEMOS, 1993: 204). De facto, é provável que partes da muralha tenham sido reconstruídas já durante a Idade Média, uma vez que este sítio foi ocupado durante este período, observável através dos vestígios no interior da muralha (LEMOS, 1993: 349). Para além das estruturas ainda visíveis, este autor também identificou cerâmicas de fabrico manual da Idade do Ferro (LEMOS, 1993: 350).

Mais tarde, Carlos Cruz também refere que este povoado apresenta um torreão com uma linha de muralha que poderia ser da Idade do Ferro, mas a ocupação medieval dificulta tal interpretação (CRUZ, 2000: 186). Não existem novos dados, até ao momento, sobre este sítio.



Figura 28 – Vista aérea a partir de sul do Castelo da Mina. A seta indica a localização deste sítio. Fotografia do autor.

Castelo dos Mouros/Castelo Velho (Adeganha) – Idade do Ferro ou posterior

A primeira referência ao Castelo dos Mouros é das Memórias Paroquiais de 1758. Em 1895, através da revista *O Arqueólogo Português* foi referido o seguinte por A. Herculano:

> No limite desta Freguesia ha hum monte a que chamão *Castello-Velho*, povoado de arvoredo silvestre; e no mais alto delle está muita quantidade de pedra, que parece ser ruina de alguma antiga fortaleza; e dizem que era hum *castello de Mouros* (HERCULANO, 1895: 143).

No ano seguinte, Pedro A. de Azevedo também faz referência e este povoado, pegando na informação retirada por A. Herculano (AZEVEDO, 1896: 64).

Mais tarde, já na década de 30 do século XX, o Abade de Baçal volta a referir o Castelo dos Mouros pegando na informação avançada por Pedro A. de Azevedo em 1896, não acrescentando nenhuma informação para além daquela conhecida até então (ALVES, 2000: 95).



Figura 29 – Vista aérea a partir de este do Castelo Velho. Fotografia do autor.

3.3.3 Concelho de Vila Flor

Moinho 2 (Roios) – Pré-história Recente

Este sítio arqueológico encontra-se a sudeste da localidade de Roios, muito próximo da estrada IC5. Na informação obtida na base de dados do *Endovélico* da Direção Geral do Património Cultural, pode ler-se o seguinte:

> Habitat aberto pré-histórico, cortado em dois pela estrada que liga Roios a Lodões. Do lado esquerdo da estrada fica um cabeço arredondado, de vertentes pouco pronunciadas. No topo do cabeço, muito remexido pela agricultura, não se encontraram vestígios arqueológicos, mas, na encosta virada à ribeira de Roios, encontram-se alguns escassos fragmentos de cerâmica manual pré-histórica. Do lado direito da estrada, nas plataformas agricultadas que formam o sopé sul do cabeço, e que ocupam o espaço entre o cabeço e a ribeira, aparecem abundantes fragmentos de cerâmica manual pré-histórica, junto com um ou outro fragmento de mó manual de granito. As cerâmicas são de pastas claras, de cores castanha, bege ou avermelhadas. Muitas são brunidas e há grande quantidade de cerâmicas decoradas, essencialmente decoração penteada, tanto retilínea como ondulada.

Também na base de dados do *Endovélico* estão reportadas as sondagens arqueológicas efetuadas no âmbito dos *Trabalhos arqueológicos integrados no EIA – Concessão do Douro Interior – Lote 7 – IC5 Nó de Pombal/Nozelos IP2 – Vila Flor*. Nas catorze sondagens efetuadas, não identificaram contextos arqueológicos conservados, ficando o registo da recolha de alguns materiais, eventualmente associados à ocupação deste sítio.

Santa Marinha (Sampaio) – Idade do Ferro

Santa Marinha localiza-se no topo de um monte bem destacado na paisagem, na bordadura da encosta oeste do Vale da Vilariça (Fig. 30). A partir deste local, o domínio visual faz-se por uma vasta área, sobretudo para todo o corredor deste vale.

Joaquim Neto refere que este sítio seria um povoado da Idade do Ferro (NETO, 1975: 309), embora Francisco Sande Lemos não tenha identificado vestígios deste período, aquando da prospeção aí efetuada (LEMOS, 1993: 396). Aliás, este autor sugere uma ocupação calcolítica, apoiando-se no aparecimento de fragmentos de cerâmica manual de pastas grosseiras (LEMOS, 1993: 158). Carlos Cruz também refere este sítio, pegando na informação veiculada por Francisco Sande Lemos (CRUZ, 2000: 115).

Na prospeção por nós efetuada em 2010, no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, não foram identificados materiais arqueológicos à superfície que pudessem atestar o que acima ficou escrito.



Figura 30 – Vista aérea a partir de oeste de Santa Marinha. Fotografia do autor.

Castro de Sampaio/Cabeço de S. Pedro (Sampaio) – Idade do Ferro e Romanização

O Castro de Sampaio localiza-se no Cabeço de S. Pedro entre as localidades de Sampaio e Lodões, ambas no concelho de Vila Flor. A partir deste cabeço, o controlo visual sobre o Vale da Vilariça é excelente, dominando uma vasta área (Fig. 31). A defesa natural faz-se em algumas partes, sobretudo a sudeste e a noroeste.

A primeira informação relativamente a este povoado deve-se a Albino Pereira Lopo que, em 1911, escreve na revista *O Arqueólogo Português* sobre os achados na freguesia de Roios. Desta forma, faz algumas considerações sobre o Cabeço de S. Pedro referindo que há vestígios do povoado onde ainda seria percetível alicerces na zona mais alta do cabeço e refere, também, pequenas estruturas circulares e retangulares, para além dos materiais cerâmicos em que alguns seriam de cronologia romana (LOPO, 1911: 49).

Em 1935, Santos Júnior visita o castro de Sampaio, localizado no cabeço de S. Pedro, embora só em 1952 é que faz uma pequena publicação sobre o mesmo. Nele, identifica uma linha de muralha já bastante destruída, fragmentos de cerâmica "*escura e micácea*", um fragmento de uma mó manual e machados de pedra polida encontrados pelo proprietário do terreno (SANTOS JÚNIOR, 1952: 4 – 5).

Em 1938, o Abade de Baçal refere o seguinte sobre o Cabeço de S. Pedro:

> Mais abaixo coisa de três quilómetros fica o Cabeço de São Pedro, da capela que este Santo teve ali e por todo ele aparecem vestígios de povoado: restos de telhas de rebordo, mós manuárias, cerâmicas, lousinhas, alicerces de casas circulares e rectangulares feitas de pedra solta... (ALVES, 2000: 43).

Armando Coelho Ferreira da Silva, na sua tese de doutoramento, cataloga este povoado (SILVA, 1986: 101). Na tese de doutoramento de Francisco Sande Lemos, o autor também cataloga este povoado como Cabeço de S. Pedro. Refere a existência de uma muralha adaptada aos afloramentos e, também, a existência de um torreão, embora coloque a hipótese desta estrutura ter sido uma atalaia. Recolheu fragmentos de cerâmica manual da Idade do Ferro (LEMOS, 1993: 388), indo ao encontro do mesmo tipo de cerâmicas que Santos Júnior identificou na década de 30 do século passado. Mais tarde, Carlos Cruz, no âmbito da sua dissertação de mestrado, refere a mesma informação veiculada por Francisco Sande Lemos (CRUZ, 2000: 190).

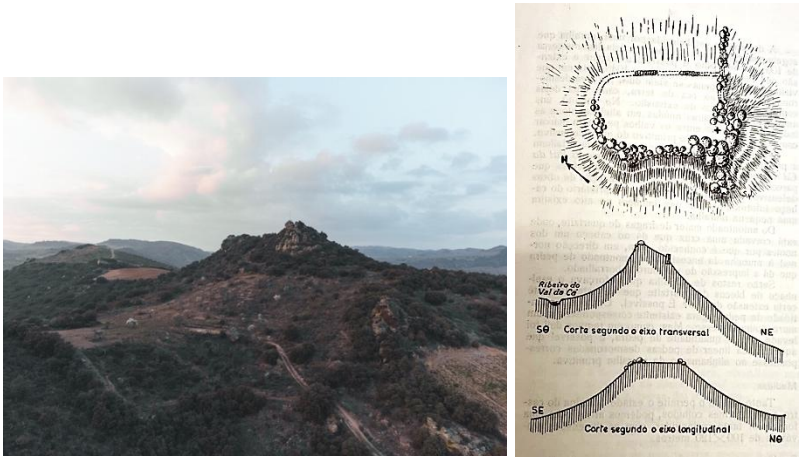


Figura 31 – Esquerda: vista geral do Castro de Sampaio, a partir de sudeste. Fotografia do autor. Direita: Aspeto geral do castro de Sampaio e perfis transversal e longitudinal do cabeço de S. Pedro, segundo Santos Júnior (1952).

3.4 Estatuárias zoomórficas

Apenas se conhece uma local com esculturas zoomórficas no Vale da Vilariça. Trata-se do que foi encontrada no Olival dos Berrões, em Cabanas de Cima, no concelho de Torre de Moncorvo.

Tabela 4 - Estatuárias zoomórficas encontradas no Vale da Vilariça

Designação	Localidade	Concelho	Tipo de sítio	Cronologia
Olival dos Berrões	Cabanas de Cima	Torre de Moncorvo	Achado isolado	Idade do Ferro (?)

3.4.1 Concelho de Torre de Moncorvo

Olival dos Berrões (Cabanas de Cima)

Relativamente às esculturas zoomórficas, é no Olival dos Berrões (Cabanas de Cima, Torre de Moncorvo) (Fig. 32) que são encontradas este tipo de estatuárias no Vale da Vilariça, num total de seis. É com o Abade Tavares que vemos surgir a primeira publicação sobre o assunto, na revista *O Arqueólogo Português* (TAVARES, 1895: 126 - 128) que diz que a sul do Castelo de Cabeça Boa, a poucas dezenas de metros, surgiram peças em granito a representar porcos em que algumas estão bem conservadas e outras partidas. Faz também menção ao aparecimento de *um rebanho de bacorinhos* (leitões) em granito, mas sem os conseguir ver. Duas das seis peças correspondem a uma fêmea e a um *bacorinho*.

As dimensões são pouco variáveis, ou seja, uns medem 1.50 metros e outros 1.20 metros de comprimentos (TAVARES, 1895: 127).

No entanto, é com Santos Júnior (1975) que as esculturas são estudadas de forma mais aprofundada. O autor refere a existência de sete berrões. Estas peças foram registadas com a numeração de E 5245 a E 5251. A peça E 5245 corresponde a um porco em granito, bastante fraturado e com cerca de 41 cm de altura por 33 cm de largura, a meio da barriga (Fig. 33). É de referir que também foram gravadas algumas covinhas nesta escultura (SANTOS JÚNIOR, 1975: 458 – 459). Quanto à peça E 5246, esta também se encontra incompleta nalgumas partes. Também é em granito e nela é possível verificar algo semelhante a uma sela lombar, o espinhaço bem marcado, bem como o ânus e as bolsas testiculares. O comprimento é de 1.12 m (SANTOS JÚNIOR, 1975: 459 – 460) (Fig. 33). Relativamente à peça E 5247, esta também é em granito, bastante mutilada. As bolsas testiculares foram quebradas, assim como parte do espinhaço. Também apresenta covinhas. Tem 1 metro de comprimento e de altura máxima 65 cm (SANTOS JÚNIOR, 1975: 460 – 461) (Fig. 33). Quanto à peça E 5248, Santos Júnior refere um javali, também bastante mutilado, é possível ver dois dentes caninos para cima, com espinhaço saliente. Esta peça mede 1.07 m de comprimento (SANTOS JÚNIOR, 1975: 462 – 463) (Fig. 33). A escultura E 5249, também corresponde a um javali em granito, sem membros posteriores. Apresenta olhos, contrastando com as anteriores, sem olhos. Também é possível verificar os dentes caninos para cima. Tem um comprimento de 1.35 m (SANTOS JÚNIOR, 1975: 463 – 465) (Fig. 33). Esta escultura é curiosa devido ao facto de apresentar gravuras do lado esquerdo da cabeça (Fig. 34). A peça E 5250 é um pouco distinta e que segundo Santos Júnior, estaria por finalizar. O seu comprimento é de 1.05 metros (SANTOS JÚNIOR, 1975: 465 – 466) (Fig. 33). Por fim, temos a peça E 5251 que corresponde a um porco em granito, apenas com o focinho mutilado. O espinhaço é saliente e, uma vez mais, parte da bolsa testicular mutilada. Tem 95 cm de comprimentos (SANTOS JÚNIOR, 1975: 466 – 467) (Fig. 33).



Figura 32 – Vista do Olival dos Berrões, a partir de sul. Fotografia do autor.

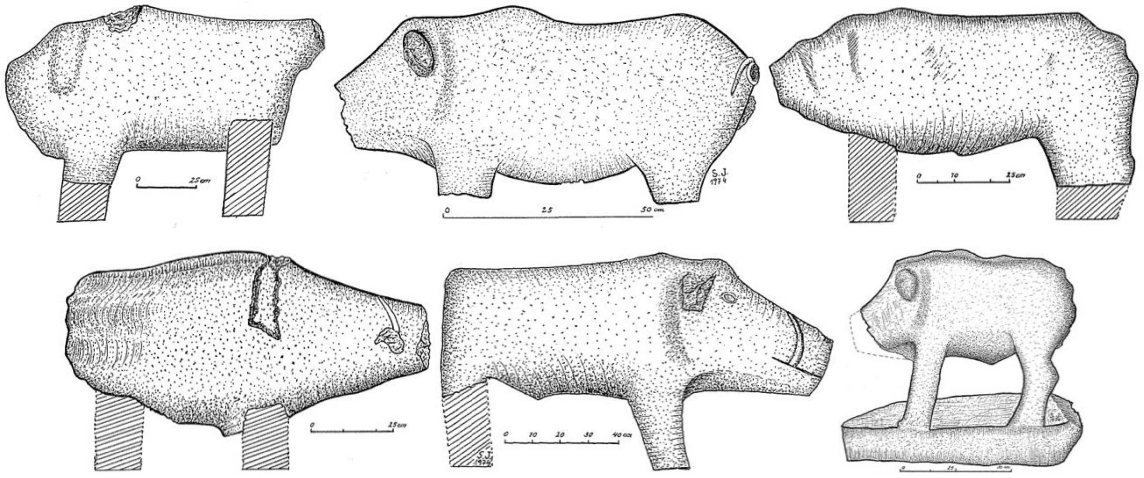


Figura 33 – Estatuária zoomórfica do Olival dos Berrões. Em cima da esquerda para a direita: escultura E 5245, E 5246 e E5247. Em baixo da esquerda para a direita: E 5248, E 5249 e E 5251. (SANTOS JÚNIOR, 1975).

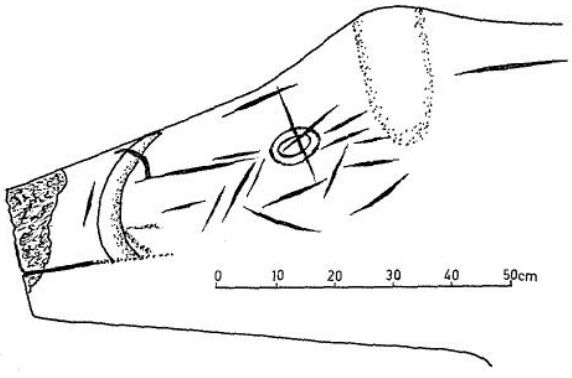


Figura 34 – Pormenor das gravuras no lado esquerdo da cabeça da escultura E 5249 (SANTOS JÚNIOR, 1975).

Estas peças são todas de dimensões consideráveis e das sete, duas representam javalis. Santos Júnior avança com duas hipóteses para o Olival dos Berrões. Refere que pode ter sido um santuário proto-histórico (SANTOS JÚNIOR, 1975: 467) e, por outro lado, considera que poderá ter sido uma oficina de estatuário (SANTOS JÚNIOR, 1975: 468).

Próximo do Olival dos Berrões, encontra-se o povoado do Castelo da Mina. Segundo Francisco Sande Lemos este tipo de esculturas zoomórficas (berrões) encontra-se associado a povoados romanizados e nunca a povoados com ocupações exclusivamente da Idade do Ferro (LEMOS, 1993: 254).

4 Objetivos

O estudo da Pré-história e da Proto-história do Vale da Vilariça tem sido abordado, sempre, numa perspetiva diacrónica. Esta constatação é fruto dos vários paradigmas arqueológicos vigentes no momento em que estes locais foram identificados ou estudados. Deste modo, com este trabalho pretende-se, na medida do possível, articular a arte rupestre desta área geográfica com os demais sítios arqueológicos que lhe sejam genericamente contemporâneos. Pretende-se, pois, privilegiar, uma perspetiva sincrónica.

Assim, o grande objetivo geral deste trabalho é o de aumentar os conhecimentos sobre as comunidades da Pré-história e da Proto-história do Vale da Vilariça através do estudo da arte rupestre e da sua articulação com o povoamento.

- Para a realização deste trabalho é necessário a inventariação detalhada dos sítios, que constitui um outro grande objetivo desta dissertação. Este compreende objetivos mais particulares como: o estudo de cada um destes sítios gravados, em termos técnicos e estilísticos; e em termos da sua contextualização física e arqueológica.
- Para se concretizar o objetivo geral é, também, necessário proceder-se à tentativa de inserção cronológica de cada sítio gravado, por forma a que possa ser correlacionado com as demais manifestações das comunidades no espaço. Esta correlação será importante, entre outras metodologias para atingir um outro importante objetivo: o das interpretações dos significados sociais e simbólicos dos sítios gravados.

PARTE II.

METODOLOGIA

1. Praxis

As diferentes etapas que possibilitaram este trabalho podem subdividir-se em trabalho inicial de gabinete; trabalho de campo e trabalho avançado de gabinete.

1.1 Trabalho inicial de gabinete

Esta primeira fase relacionou-se com a aquisição de conhecimentos e com a pesquisa e revisão bibliográfica, assim como a aquisição de conceitos teóricos importantes para este estudo, como o de arte rupestre, superfície *versus* suporte, paisagem e lugar.

Iniciou-se este estudo através de uma revisão bibliográfica extensiva sobre a Pré-história Recente e a Proto-história do Vale da Vilariça e sobre a arte rupestre, percebendo-se o estado dos conhecimentos e quais os principais aspetos que podiam ser colmatados com este estudo.

Posteriormente, foram efetuadas leituras teóricas sobre os conceitos fundamentais a ter em conta no âmbito desta temática e que se prendem com os conceitos de arte em arqueologia: seu valor e significado; o conceito de paisagem e perspetiva de como encaramos o conhecimento em arqueologia.

Foi nesta fase inicial que se consultou, igualmente, cartografia diversa para um melhor conhecimento da região de trabalho, nomeadamente as Cartas Militares de Portugal, na escala 1: 25 000 e as Cartas Geológicas de Portugal, em diversas escalas, estas últimas acompanhadas das suas respetivas notícias explicativas. Estas foram muito importantes para a deteção de jazidas primárias e secundárias de cobre, estanho e ouro.

Estabelecemos, ainda, as bases para prospeções de campo e os critérios a usar no inventário que consta da Parte IV desta dissertação.

Quanto à base de dados para o estudo da arte rupestre, usámos a que foi efetuada no âmbito do projeto *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história* que deu origem ao *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste*, atualmente desativado online.

1.2 Trabalho de campo

O trabalho de campo incidiu em prospeções arqueológicas direcionadas para o inventário de locais gravados já conhecidos e inéditos, descrição dos seus contextos físicos e arqueológicos, descrição da

superfície gravada, do número de painéis e dos motivos e técnicas usadas. Esta prospeção contou com apoio de cartografia topográfica e geológica, previamente analisada.

Não se efetuaram limpezas profundas das rochas gravadas, dado a área geográfica abarcada por esta dissertação, o número de rochas a inventariar, a característica das superfícies, maioritariamente em xisto e, por vezes, frágeis, bem como a ausência de um Projeto de Investigação Plurianual específico para intervir nas rochas gravadas. Estas foram limpas a seco e com vassouras de pelo macio. Foram retirados alguns musgos ou líquenes com espátulas de madeira. Estas limpezas superficiais permitiram o levantamento fotográfico e fotogramétrico e a sua descrição física e iconográfica da maioria das rochas.

A metodologia de análise da arte rupestre assentou, sobretudo, no registo fotográfico e decalque da própria fotografia das gravuras mais difíceis de se verem apenas com o registo fotográfico. Em quatro casos procedeu-se ao decalque das gravuras sobre plástico polivinílico. Devido à grande quantidade de rochas com gravuras e ao escasso tempo disponível, abandonou-se este tipo de registo.

No registo fotográfico das rochas, foi utilizada uma câmara fotográfica *full frame,* com lentes de 35 mm e de 50 mm, bem como uma teleobjetiva a 2x e 3x de telemóvel, na fotografia dos painéis. Para as fotografias gerais das rochas não foi usada teleobjetiva (Fig. 35). Nalguns casos, procedeu-se à utilização de fotografias com luz rasante com recurso ao dispositivo *Light Emitting Diode,* nas fotografias noturnas, embora a maioria dos registos fotográficos tivessem sido efetuados ao nascer e ao pôr do sol. Nalguns casos, efetuaram-se fotografias como sol no zénite, para não evitar sombras. Devido à disposição e vegetação que circundava algumas rochas, foi impossível, por vezes, posicionar corretamente a luz para as fotografias ou mesmo tirar as fotografias com ângulos desejáveis, o que não permitiu, em alguns casos com gravuras filiformes, obter imagens pormenorizadas das gravuras.



Figura 35 – Exemplo de registo fotográfico diurno de Ferraduras 2.

Quanto ao registo em plástico polivinílico, este foi cortado de modo a abranger a totalidade do painel (normalmente pequenos) ou apenas as gravuras, quando os painéis eram de dimensões consideráveis, por motivos de tempo. Procedeu-se ao levantamento das gravuras sobre este plástico através de canetas de acetato com quatro cores distintas. O vermelho foi utilizado para marcar os elementos naturais do painel, ou seja, fraturas e estalamentos, o verde foi usado no decalque das gravuras efetuadas através da técnica de raspagem, o azul nas efetuadas através da picotagem e o preto nas gravuras com a técnica de incisão filiforme e fusiforme (Fig. 36). Procedeu-se à digitalização do levantamento sobre plástico para posterior processamento vetorial das gravuras com o *software Adobe Illustrator* e *Inkscape*.

No caso do levantamento sobre fotografia, este foi efetuado com a aplicação *Adobe Illustrator* para *tablet* através da vectorização das gravuras com caneta digital (Fig. 37). As cores usadas variaram para permitir uma melhor visualização das gravuras, sobretudo com as incisões filiformes.

No caso das pinturas da Fraga das Ferraduras, o registo foi efetuado com a aplicação *iDStretch* e posterior adição de filtro. O levantamento das pinturas foi efetuado com um filtro do *software Adobe Photoshop* de modo a realçar as cores avermelhadas que correspondem à pintura.



Figura 36 – Utilização de plástico polivinílico no levantamento de gravuras.



Figura 37 – Vectorização das gravuras através de tablet.

Um outro tipo de registo utilizado foi a fotogrametria, apenas nalgumas rochas. No caso das rochas com incisões filiformes mais ténues, este método mostrou-se pouco informativo, para além de fornecer uma visão tridimensional da rocha. Para a fotogrametria utilizaram-se os *softwares Agisoft Photoscan*,

RealityScan e *3DF Zephyr,* no processamento das fotografias para visualização tridimensional das rochas, e o *Meshlab* para a criação de filtros que permitiram uma melhor visualização das mesmas (Fig. 38). Foram ainda feitos registos fotográficos a diferentes horas do dia e em momentos do ano distintos.

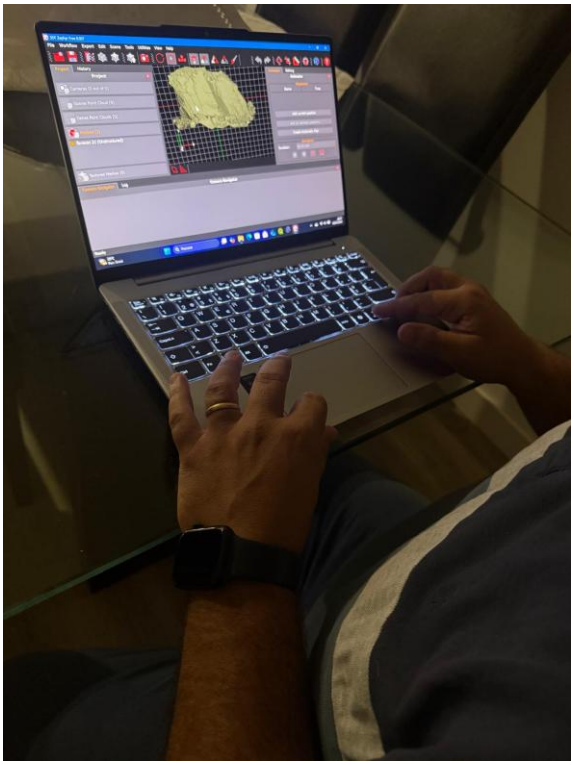


Figura 38 – Utilização do *software 3D Zephyr* para o processamento fotogramétrico.

Tabela 5 – Métodos de registo da arte rupestre

Sítios com arte rupestre	**Métodos de registo da arte rupestre**
Favecas 1	Levantamento sobre fotografia
Favecas 2	Levantamento sobre fotografia
Favecas 3	Levantamento sobre fotografia
Favecas 4	Levantamento sobre fotografia
Favecas 5	Levantamento sobre fotografia
Favecas 6	Levantamento sobre fotografia
Favecas 7	Levantamento sobre fotografia
Favecas 8	Levantamento sobre fotografia
Favecas 9	Levantamento sobre fotografia
Favecas 10	Levantamento sobre fotografia
Favecas 11	Levantamento sobre fotografia
Favecas 12	Levantamento sobre fotografia
Favecas 13	Levantamento sobre fotografia
Favecas 14	Levantamento sobre fotografia

Favecas 15	Levantamento sobre fotografia
Favecas 16	Levantamento sobre fotografia
Favecas 17	Levantamento sobre fotografia
Favecas 18	Levantamento sobre fotografia
Favecas 19	Levantamento sobre fotografia
Favecas 20	Levantamento sobre fotografia
Favecas 21	Levantamento sobre fotografia
Favecas 22	Levantamento sobre fotografia
Favecas 23	Levantamento sobre fotografia
Favecas 24	Levantamento sobre fotografia
Fraga das Ferraduras	Levantamento sobre fotografia/ *iDStretch*/ Registo fotográfico
Ferraduras 2	Registo fotográfico
Ridevides 4	Levantamento sobre fotografia
Serrinha 1	Registo fotográfico
Coutada 1	Levantamento sobre fotografia
Coutada 2	Levantamento sobre fotografia
Favecas 28	Levantamento sobre fotografia
Favecas 29	Levantamento sobre fotografia
Moinhos 1	Registo fotográfico
Moinhos 2	Levantamento com plástico polivinílico
Moinhos 3	Registo fotográfico
Moinhos 4	Registo fotográfico
Moinhos 5	Registo fotográfico
Pias 1	Levantamento sobre plástico polivinílico
Pias 2	Levantamento sobre plástico polivinílico
Pias 3	Registo fotográfico
Pias 4	Levantamento sobre plástico polivinílico
Pias 5	Registo fotográfico
Pias 6	Registo fotográfico e fotogrametria
Pias 7	Registo fotográfico
Pias 8	Registo fotográfico
Pias 9	Levantamento sobre fotografia
Pias 10	Levantamento sobre plástico polivinílico
Pias 11	Levantamento sobre plástico polivinílico
Pias 12	Registo fotográfico
Vale Concelho 1	Levantamento sobre fotografia
Vale Concelho 2	Levantamento sobre fotografia
Vale Concelho 3	Levantamento sobre fotografia
Vale Concelho 4	Levantamento sobre fotografia
Vale Concelho 5	Registo fotográfico
Pedra Nova	Registo fotográfico e fotogrametria
Bogalheira 1	Registo fotográfico

Bogalheira 2	Levantamento sobre fotografia
Cabeço da Mina 1	Levantamento sobre fotografia
Abrigo do Castro de Santa Justa	Levantamento sobre fotografia
Pedra Escrita de Ridevides 1	Registo fotográfico/Fotogrametria/Levantamento sobre fotografia/Levantamentos anteriores publicados
Pedra Escrita de Ridevides 2	Registo fotográfico
Vilariça 1	Levantamento sobre fotografia
Vilariça 2	Registo fotográfico
Vilariça 3	Levantamento sobre fotografia
Vilariça 4	Levantamento sobre fotografia e fotogrametria
Poço da Moura	Levantamento em bibliografia
Penedo do Cobrão	Registo fotográfico

1.3 Trabalho avançado de gabinete

Nesta etapa a distribuição geográfica, tanto dos sítios com arte rupestre, como dos demais vestígios arqueológicos pré e proto-históricos foram registados e tornados visíveis através de programas informáticos, como o *Quantum GIS* ou o *Google Earth.* Estas ferramentas possibilitaram a obtenção de uma visão mais ampla da distribuição destes sítios no espaço e em relação à topografia regional. Posteriormente foram aplicadas diversas metodologias da arqueologia espacial através dos Sistemas de Informação Geográfica, nomeadamente o *Site Catchment Analysis* que possibilitou a análise da articulação dos sítios arqueológicos (povoados e o santuário do Cabeço da Mina) com a arte rupestre e outros vestígios arqueológicos considerados genericamente contemporâneos. Esta análise foi feita num raio de 2 h pedestres.

Também foram elaborados mapas de análise relativamente ao nível de visualização. Deste modo, foi utilizado o programa *open source Quantum GIS*, para toda a cartografia produzida.

Finalmente, na posse de todos os dados foi escrita esta dissertação.

PARTE III.

ESPAÇO DE TRABALHO: VALE DA VILARIÇA

1. Introdução

Este capítulo incide, genericamente, na caracterização geomorfológica da região transmontana e, em particular, sobre o Vale da Vilariça. Deste modo, faz todo o sentido subdividir Trás-os-Montes e Alto Douro em "Terra Fria" e "Terra Quente", ainda que esta dicotomia seja extensível às províncias das Beiras Baixa e Alta. A climatologia, hipsometria, hidrologia, pedologia e recursos mineiros que, de um modo ou de outro, influenciam a compreensão da exploração dos recursos endógenos, bem como o enquadramento do povoamento pré-histórico e proto-histórico, são estudos imperativos no tema abordado nesta dissertação.

Antes de caracterizarmos a geomorfologia do Vale da Vilariça, é importante um enquadramento regional mais amplo para percebermos a inter-relação dos contextos geológicos mais próximos à área de estudo.

O Nordeste transmontano, tal como as partes central e ocidental da Península Ibérica, insere-se no Soco Hercínico peninsular, atualmente designado por Maciço Hespérico e que se caracteriza pela presença de rochas ante-mesozóicas, nomeadamente as metamórficas, ígneas e sedimentares. Devido aos movimentos hercínicos, e a par do metamorfismo decursivo, foram gerados fenómenos de granitização em grandes partes da região transmontana, decorrentes no final do Paleozoico (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 27).

Esta região encontra-se inserida na Zona Centro Ibérica, uma das cinco faixas rochosas que se formaram em períodos e ritmos diferentes com particularidades distintas como é o caso dos maciços de Morais e de Bragança ou os afloramentos de gnaisse do tipo "olho-de-sapo", em Miranda do Douro (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 29).

Fruto de várias transgressões marítimas nos períodos acima referidos, fazem com que o substrato Paleozoico acabe por ficar coberto de depósitos sedimentares. No entanto, em algumas partes da Meseta, nomeadamente as zonas mais periféricas, e em Trás-os-Montes Oriental, é possível aferir este substrato nas áreas mais planas (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 27).

Outro aspeto geomorfológico importante da área estudada tem a ver com a orogenia alpina, i. e., verificou-se uma inclinação no sentido Este-Oeste por parte do bloco da Meseta devido às movimentações alpinas. A consequência deste fenómeno levou ao incremento da altitude de alguns elementos do Maciço Hespérico, originando relevos importantes como são, a título de exemplo, as serras do Gerês, Marão e Alvão e os planaltos transmontanos. Para além destes relevos marcantes, verificou-se a origem de

grabens que, para a área em questão, culminou no Vale da Vilariça. Esta estrutura deu-se devido à fragmentação e consequente deslocação do soco hercínico (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 28).

As formações predominantes em Trás-os-Montes e Alto Douro são as de tipo granitoide formando, assim, terraços e as metamórficas, onde os xistos têm particular relevo. No entanto, a paisagem também é pautada pela presença de alguns materiais detríticos, fruto de erosões episódicas, e que se encontram em cursos de água ou em depressões mais escarpadas (RODRIGUES *et.al.*, 2006: 29).

Em Trás-os-Montes e Alto Douro, é possível verificar o grande predomínio dos leptossolos, seguindo-se os cambissolos. Os menos representativos são os luvissolos, alissolos e pódzois. A estes, também podemos juntar os antrossolos, de génese antrópica, quase por toda a região, mas que se concentram, sobretudo, no vale do Douro (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 42).

Sendo os xistos e os granitos as principais formações geológicas na região transmontana, estes últimos caracterizam-se por granitos alcalinos de duas micas com uma área abrangente, percetível desde Montalegre até Mirandela, prolongando-se mais para sul até Carrazeda de Ansiães. Apesar dos granitos alcalinos serem os mais comuns, também os granitos ricos em biotite e moscovite são relativamente representativos e estendem-se desde a região do Peso da Régua até a uma parte do concelho de Miranda do Douro. Ainda relativamente aos granitos, é possível verificar a ocorrência de granitos gnáissicos, presentes na faixa Bragança/Miranda do Douro, ou seja, na parte mais oriental de Trás-os-Montes (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 30).

No que à formação das rochas metamórficas diz respeito, é possível verificar formações de xistos-grauvaques onde a litologia apresenta um elevado grau de laminação e estratificação e que se estende entre Freixo de Espada-à-Cinta a Vila Real, na sub-região duriense. No entanto, também são identificáveis xistos-grauváquicos noutras regiões de Trás-os-Montes como são os casos de Murça e uma parte de Mogadouro e Miranda do Douro. Uma outra formação importante de xistos são os xistos quartzíticos que ocupam áreas mais extensas, nomeadamente a parte mais oriental do Nordeste transmontano e que corresponde, na sua maioria, aos concelhos de Mogadouro e Miranda do Douro. Os xistos mais raros na região circunscrevem-se aos concelhos de Vimioso, Macedo de Cavaleiros e Bragança e correspondem a xistos verdes, micaxistos, gnaisses, anfibolitos, etc. (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 30). É neste contexto que surge o Maciço de Morais.

2. A área de estudo: o Vale da Vilariça

2.1 Litologia

Relativamente ao Vale da Vilariça (Fig. 39), integrado no acidente tectónico Manteigas – Vilariça – Bragança, é um dos maiores prolongamentos da Península Ibérica com uma extensão de mais de 180 km. Esta falha tectónica apresenta uma orientação NNE-SSW com desligamento esquerdo e coloca-se entre zonas planálticas (ARAÚJO, 2019: 21), constituindo-se como uma das bacias de desligamento cenozoicas (PEREIRA *et. al.*, 1995: 124). O Vale da Vilariça, com uma separação tectónica horizontal de cerca de 8 km, é fruto dos movimentos ocorridos há cerca de 300 Ma, desde os finais da orogenia varisca (EIA, 2002: 419). Devido à reativação dos desligamentos tardi-hercínicos, nomeadamente em variadas fases alpinas, originaram-se levantamentos de blocos e depressões. Na nossa área de estudo, formou-se o *horst* que corresponde à serra de Bornes, com a sua génese no Quaternário, e o *graben* da Vilariça (ARAÚJO, 2019: 28).

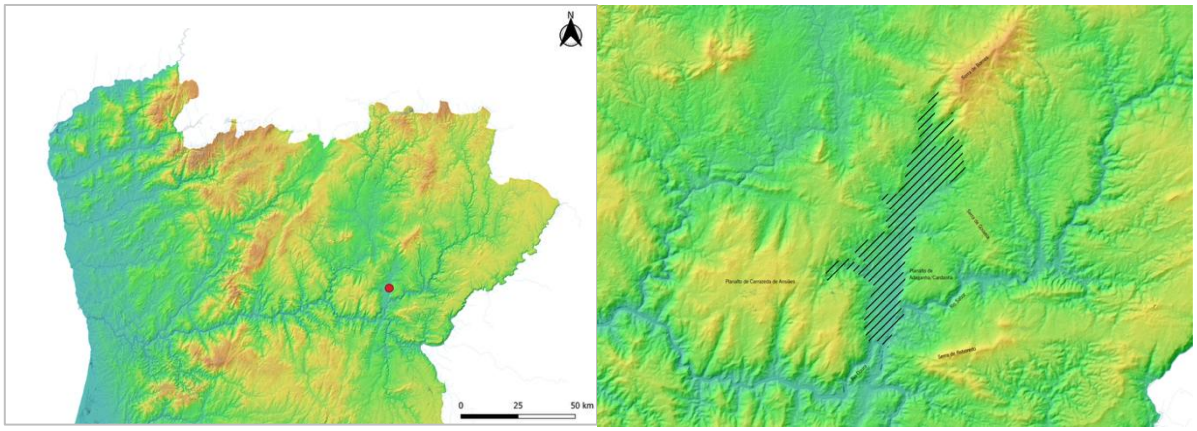


Figura 39 – Vale da Vilariça no contexto do Norte de Portugal e do Nordeste português.



Figura 40 – Fotografia aérea do Vale da Vilariça a partir de norte. Fotografia do autor.

Os depósitos da Vilariça terão ocorrido durante o Pleistoceno com leques aluviais (PEREIRA *et. al.*, 1995: 125) e a envolvente deste vale, com erosão diferencial em períodos mais recuados, expõe relevos quartzíticos ordovícicos, prolongando-se tanto para norte de Vila Flor como na direção da serra de Reboredo, em Torre de Moncorvo (PEREIRA *et. al.*, 1995: 126). As aluviões ocorrem, geralmente, ao longo da ribeira da Vilariça e são constituídos por areias relativamente argilosas acompanhadas de cascalheiras. Em alguns pontos da ribeira, são formadas praias fluviais (EIA, 2002: 420). Merecem destaque os terraços fluviais da margem direita, entre Cabanas de Cima e Cabanas de Baixo (EIA, 2002: 420).

Os fluvissolos, mais ou menos desenvolvidos, correspondem a manchas consideráveis e os antrossolos representam apenas 2,8 % da totalidade dos solos (EIA, 2002: 430).

O substrato menos resistente à erosão apresenta fácies xisto-grauváquicos do Câmbrico, originando, deste modo, zonas mais largas do vale e vertentes mais suaves como acontece a este de Sampaio e Horta da Vilariça. Na zona de Sampaio predominam os quartzitos nas vertentes e há um forte entalhe das linhas de água. Mais a sul o maciço granítico entra em contacto a meia encosta com os xisto-grauvaques provocando superfícies mais abruptas (PEREIRA *et. al.*, 1995: 126). O limite sul do Vale da Vilariça é ocupado pelo rio Douro; a norte pelos contrafortes da serra de Bornes; a este pelo planalto de Adeganha/Cardanha e a oeste pelo planalto de Carrazeda de Ansiães. Apresenta um comprimento máximo de 20 km e uma largura média do vale na ordem dos 2 km.

Relativamente aos depósitos do *graben* da Vilariça, estes são de cor castanho-avermelhada ou avermelhada, cuja superfície situa-se entre os 25 e os 60 metros relativamente ao talvegue. Os fácies predominantes são os fluxos de detritos, provenientes de escorrências de vertente formando, assim paleocorrentes transversais ao vale (PEREIRA *et. al.*, 1995: 126). O regime torrencial permitiu a formação de leques aluviais. Já no Holoceno, existem depósitos provenientes de aluviões do leito de inundação e com a formação de terraços a cotas pouco superiores relativamente a este. No entanto, os depósitos do graben da Vilariça apontam para uma formação pleistocénica (PEREIRA *et. al.*, 1995: 132). Segundo Pereira:

> Os depósitos da Vilariça dispõem-se na base de vertentes jovens e aparente relação com a morfologia quaternária, na qual se inclui a incisão da ribeira da Vilariça e afluentes dispostos transversalmente; as características sedimentológicas dos depósitos da Vilariça variam ao longo do vale em concordância com as características litológicas e morfológicas dos relevos actuais envolventes; a rubefação dos depósitos da Vilariça não é uma característica constante, sendo observadas variações laterais de cor, entre vermelho e castanho; o topo dos depósitos define uma superfície situada entre os 60 e os 50 metros acima do talvegue, valor próximo da superfície dos terraços do Douro situados entre a foz do rio Sabor e o Pocinho (PEREIRA *et al.*, 1995: 133).

2.2 A rede hidrográfica

Para a área de estudo, a principal linha de água é a ribeira da Vilariça, afluente da margem direita do rio Sabor, com vários afluentes em ambas as margens, uns mais caudalosos que outros, para além das escorrências de vertente.

2.3 O clima

O regime climático de Trás-os-Montes é fortemente marcado por uma continentalidade e, devido à sua localização geográfica, dá origem a microclimas, genericamente denominados de Terra Fria e Terra Quente. Esta dualidade apresenta um denominador comum, ou seja, um clima mediterrânico onde as chuvas são bastante irregulares e os verões são secos e bastante prolongados. Se é um facto que este clima pode ser extensível ao Minho e até a uma parte da Galiza, Trás-os-Montes encontra-se a Leste das principais serras ocidentais como são os casos das serras do Marão e do Alvão e que, desde logo, a influência oceânica não é extensível a esta última província. O mesmo acontece no Norte de Espanha, uma vez que esta mesma influência encontra um "obstáculo" nas montanhas de Trás-os-Montes Ocidental (LEMOS, 1993: 92).

A distinção entre as sub-regiões da "Terra Fria" e da "Terra Quente" tem a ver, sobretudo, com a heterogeneidade característica deste amplo território. Os índices de pluviosidade nestas duas regiões, ou sub-regiões, são bastante distintos acarretando uma substancial diferenciação na vertente ecológica. Apesar de não querermos entrar em pormenores relativamente a este aspeto que, em grande medida, fogem um pouco à centralidade e genérica caracterização destas regiões, é possível subdividir a Terra Fria e Terra Quente em Terra Fria de Alta Montanha; Terra Fria de Montanha, Terra Fria de Planalto, Terra de Transição e Terra Quente (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 15).

Deste modo, os concelhos abrangidos na "Terra Fria" são os de Bragança, Miranda do Douro, Mogadouro e Vinhais no distrito de Bragança e os de Montalegre e Vila Pouca de Aguiar no distrito de Vila Real. No entanto, para além destes concelhos, poderão ser incluídos uma boa parte dos concelhos de Chaves e Vila Real e que, se por um lado Chaves já apresenta um clima de transição devido à sua localização geográfica na Veiga de Chaves, o concelho de Vila Real também apresenta particularidades, inserido na zona do Baixo e Cima Corgo (RODRIGUES *et. al.*, 2006: 15).

Relativamente aos concelhos geograficamente localizados na Terra Quente, são os de Alfândega da Fé, Freixo de Espada à Cinta, Torre de Moncorvo, Carrazeda de Ansiães, Vila Flor e Mirandela. No entanto, há concelhos em que algumas freguesias fazem parte da Terra Quente devido aos microclimas. Deste modo, fazem parte da Terra Quente todas as freguesias do concelho de Alfândega da Fé à exceção das de Sambade, Soeima e Gebelim, uma vez que já se encontram em plena serra de Bornes; em Freixo de Espada à Cinta as freguesias de Lagoaça e Fornos também não fazem parte da Terra Quente e o mesmo acontece com as freguesias de Castro Vicente e Estevais, no concelho de Mogadouro. Já no distrito de Vila Real, apenas a parte Leste do concelho de Valpaços e algumas freguesias de Murça e Alijó, fazem parte da Terra Quente (LEMOS, 1993: 117).

O Vale da Vilariça integra-se na Terra Quente Transmontana e a temperatura média máxima anual, geralmente, ultrapassa os 20°C e a precipitação média anual é inferior a 600 mm (CRUZ, 2000: 77).

2.4 Recursos mineiros

Relativamente aos minérios metálicos, em Trás-os-Montes e Alto Douro verificaram-se importantes jazigos estano-volfrâmicos em Montesinho, Vale das Gatas e Argozelo (RODRIGUES *et al.*, 2006: 32), todos situados na bacia hidrográfica do rio Sabor. Também os metais preciosos concentram-se em quantidades bastante importantes e há a referência a alguns jazigos auro-argentíferos na região. Identificam-se em Vale do Seixo e Freixeda, ambos em Mirandela e, também, nos acidentes tardi-

hercínicos existentes no Vale da Vilariça (RODRIGUES *et al.*, 206: 33). Mais a ocidente, também ocorrem explorações mineiras relacionadas com extrações auríferas, muito provavelmente desde a Pré-História, ainda que, as grandes evidências remontam ao período romano. Aqui referimo-nos às minas de Jales, no concelho de Vila Pouca de Aguiar (ALMEIDA, 1973).

A região de Trás-os-Montes e Alto Douro apresenta uma relativa complexidade de recursos mineiros, mas podemos apontar como os mais frequentes a prata, o ouro, o chumbo, o estanho (LEMOS, 1993: 328) e o ferro onde, aliás, em Torre de Moncorvo existe uma das jazidas mais importantes a nível europeu.

É de referir que são as mineralizações post-hercínicas aquelas que nos interessam para este trabalho. Deste modo, há a identificação de jazidas secundárias de cariz coluvionar e aluvionar, fruto de filões de quartzo com presença de cassiterites e que, em alguns casos, justificou a implementação de assentamentos tanto pré-históricos como proto-históricos; também são identificadas jazidas com pirites auro-argentíferas (serra de Montesinho, Penhas Juntas, vale do rio Tuela, Freixeda, Vila Verde e Macedinho), de cobre, antimónio, zinco e chumbo (THADEU, 1965: 35-36 *apud* LEMOS, 1993: 94); as jazidas de shilite, ou seja, aquelas onde há a presença de prata e estanho e que ocorrem em Coelhoso e Paredes (concelho de Bragança).

Em Santa Maria da Ribeira e Urros, nos concelhos de Carrazeda de Ansiães e de Torre de Moncorvo, respetivamente, há a referência a explorações auríferas no período romano, cujos filões deveriam ser de pequena dimensão ou, em última análise, acabaram por ser esgotados (LEMOS, 1993: 119).

Seguindo um pouco o trabalho desenvolvido por Francisco Sande Lemos para Trás-os-Montes Oriental, no que à mineração diz respeito, e ainda que os dados não sejam referentes a explorações mineiras durante a Pré-história Recente, a verdade é que nos pareceu de suma importância ter como base as explorações efetuadas durante a proto-história e a romanização. Deste modo, podemos referir os seguintes locais onde há indícios de minerações auríferas. A saber: Montesinho, Santa Maria da Ribeira, a faixa de Macedinho/S. Salvador e Urros (LEMOS, 1993: 332).

Relativamente às minas de estanho, existem evidências da exploração deste mineral no período romano. No concelho de Bragança identificou-se a mina de Montesinho/Portelo e em 1865 o relatório alusivo a esta jazida referia a existência de galerias e outras estruturas necessárias à exploração daquela mina. No entanto, não há a referência ao aparecimento de objetos arqueológicos (ALVES, 1911: 413-422 *apud* LEMOS, 1993: 359). Também em Argozelo existe uma mina de estanho e volfrâmio, ainda que não haja indícios diretos da sua exploração no período romano ou até anteriormente. Também nas

minas de estanho de Ervedosa foi encontrado um triturador, semelhante aos encontrados em Três Minas e, se para Octávio da Veiga Ferreira e Albuquerque e Castro esta peça seria pré-histórica (FERREIRA e CASTRO, 1949: 44-48 *apud* LEMOS, 1993: 359), para Francisco Sande Lemos a datação destes objetos seria do período romano (LEMOS, 1993: 360).

Relativamente ao Vale da Vilariça, as ocorrências mineiras de ouro, prata, arsénio e tungsténio, ocorrem a montante do vale, sobretudo a noroeste, onde existe uma grande concentração dos dois primeiros minerais da Mina de Freixeda. Embora a sua posição próxima a este vale, estas minas já se encontram na rede hidrográfica do rio Tua e da Bacia de Mirandela. Na bacia hidrográfica da ribeira da Vilariça, e praticamente no vale, há ocorrências de ouro e prata, para além do urânio, segundo a Carta de Depósitos Minerais de Portugal.

PARTE IV.

OS DADOS

1. Catálogo de arte rupestre

Este catálogo de sítios será dividido em dois capítulos. O que descreve os critérios de inventário e o inventário propriamente dito.

1.1 Critérios descritivos

O presente catálogo foi dividido por concelhos, freguesias e localidades, uma vez que todos partilham a rede hidrográfica da ribeira da Vilariça. Deste modo, os concelhos abrangidos são os de Alfândega da Fé, Torre de Moncorvo e Vila Flor.

A cada entrada foi atribuído um número de inventário, bem como descritores de caracterização num total de treze, a saber: (a) tipo de sítio; (b) cronologia; (c) localização administrativa; (d) coordenadas geográficas decimais (sistema WGS 84) e altitude; (e) acessos; (f) localização física e ambiental; (g) contexto arqueológico; (h) historial; (i) descrição do afloramento gravado; (j) descrição dos motivos gravados; (k) atribuição de crenças; (l) conservação; (m) bibliografia.

A designação dos sítios corresponde ao topónimo que vem referenciado na bibliografia ou nas Cartas Militares de Portugal, na escala 1:25 000. É de referir que, nalgumas entradas, é-lhes associado o CNS (Código Nacional de Sítio) existente na base de dados do Endovélico da DGPC (Direção Geral do Património Cultural).

A cronologia, ainda que genérica, foi atribuída segundo as técnicas de gravação utilizadas, os motivos gravados e o apoio da bibliografia. Quando a atribuição cronológica dos sítios com arte rupestre é bastante vaga, optámos por colocá-los na "Pré-história Antiga ou Recente", "Moderno/Contemporâneo", etc., uma vez que sabemos que as gravuras se inserem num determinado período cronológico, ainda que não consigamos atribuir-lhe uma cronologia mais fina. Noutras situações, não é possível atestar, de todo, uma cronologia segura, pelo que optámos pela designação de "indeterminada".

Quanto à localização administrativa há que referir que, para além do concelho e da freguesia, também colocámos o lugar, quando existe, de modo a pormenorizarmos os sítios dos achados.

As coordenadas utilizadas neste catálogo foram retiradas a partir de GPS GARMIN GPS 12 e as altitudes foram atribuídas com a ajuda do *open source* Google Earth e também de GPS GARMIN GPS 12.

O contexto físico e ambiental refere-se às características físicas do local em que o achado foi encontrado (topografia, hidrologia, geologia, recursos mineiros nas proximidades e ambiente).

Nos acessos, explicamos, ainda que não de forma exaustiva, como se chega aos sítios arqueológicos.

No contexto arqueológico referir-se-ão povoados, contextos funerários e depósitos metálicos, numa cronologia desde o Neolítico à Idade do Bronze.

A recolha de atribuição de crenças, teve como base o Arquivo Português de Lendas, disponível em linha em https://lendarium.org/pt/ e as informações populares.

O último ponto, referente à bibliografia, respeita a ordem cronológica das referências.

1.2 Inventário

1.2.1 Concelho de Alfândega da Fé

1.2.1.1 União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde

1.2.1.1.1 Eucísia

(1) Favecas 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada e histórica.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29657 N; Longitude: -7.03656 O; Altitude: 433 m.

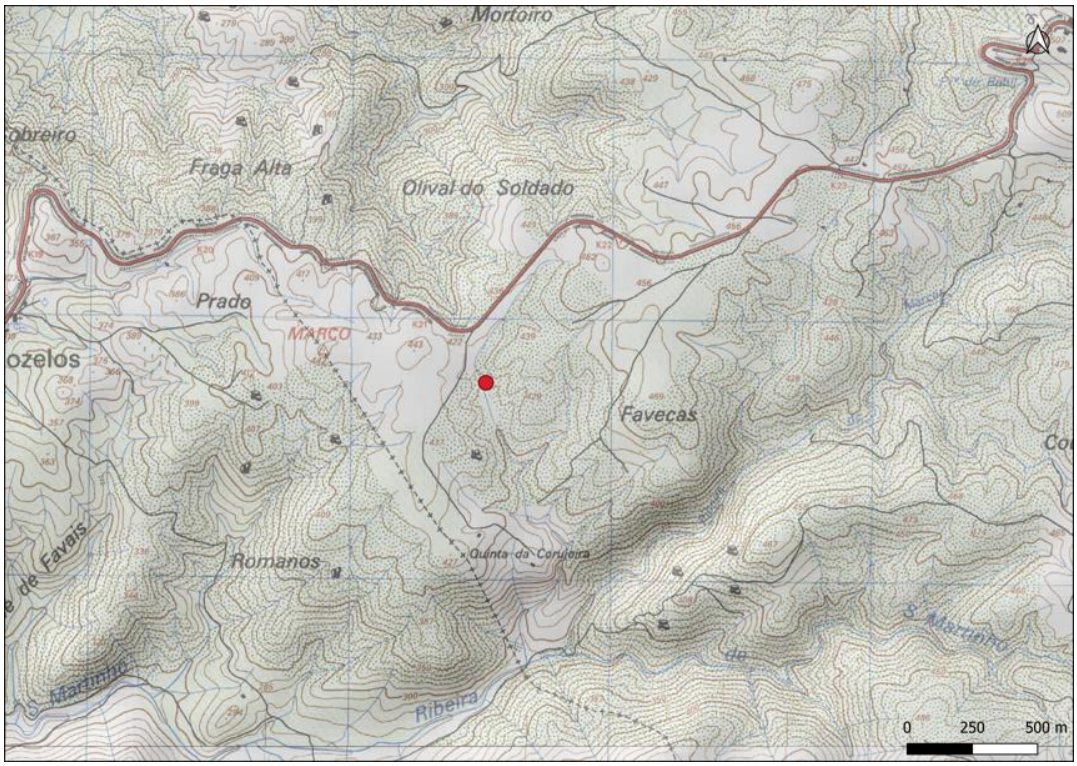


Figura 41 – Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 1.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, seguir um caminho a partir da estrada N215 e a aproximadamente 135 metros fazer um desvio para este junto a uma plantação de sobreiros em direção a um lameiro. Atravessar o lameiro e a cerca de 10 metros deste encontram-se as gravuras de Favecas 1.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada na vertente do vale. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste local, é possível ver, a nordeste, a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a Serra da Gouveia. Os afloramentos são verticais e subverticais de tamanhos variados, alguns ravinosos, próximos da ribeira de S. Marcos. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 42) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

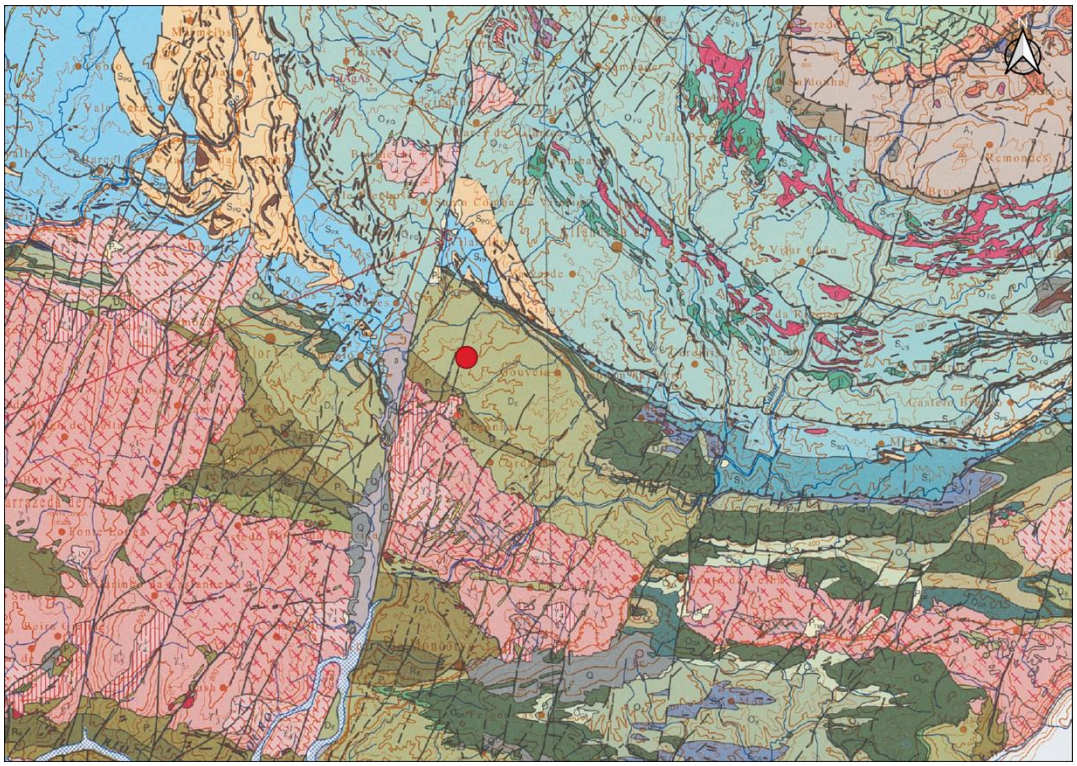


Figura 42 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 43). O painel gravado encontra-se orientado para oeste e é visível na paisagem. As suas dimensões são de cerca de 2 metros de altura por 1.5 metros de largura. As gravuras distribuem-se em dois painéis retangulares e verticais com algumas fraturas naturais, orientados para oeste. O painel A fica a cerca de 50 cm do solo. O painel B, mais pequeno, fica a cerca de 70 cm do solo e a 30 cm do painel A.

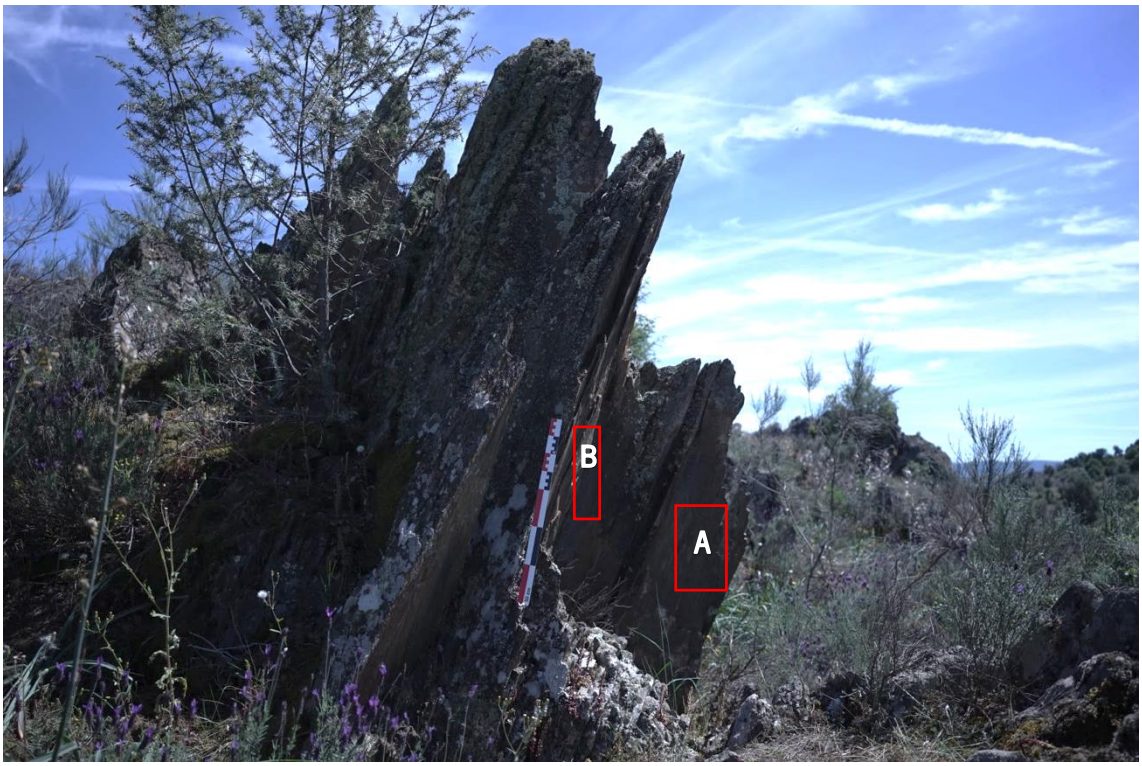


Figura 43 – Rocha Favecas 1 com a área assinalada onde se encontram os painéis gravados A e B. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados no painel A (Fig. 44) estão circunscritos a algumas partes do mesmo e são constituídos por linhas horizontais e paralelas entre si dividindo-se em dois grupos: um com maior quantidade de sulcos, na parte mesial direita e o outro na mesial esquerda, com menor número de linhas. Foram efetuadas através da técnica de incisão filiforme. Quanto ao painel B (Fig. 45) as gravuras correspondem a linhas entrecruzadas entre si dispostas verticalmente e algumas ligeiramente oblíquas. No grupo mais à esquerda do painel, também foram identificadas linhas entrecruzadas. É possível distinguir um pentagrama inacabado. As gravuras foram efetuadas na diagonal, de forma a aproveitar a orientação dos painéis. As linhas entrecruzadas são difíceis de definir, mas a intencionalidade do pentagrama é óbvia. A técnica utilizada foi a incisão filiforme (em menor quantidade) e a raspagem e caracterizam-se, sobretudo, por pontos, devido à irregularidade da superfície.



Figura 44 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: motivos gravados: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia.

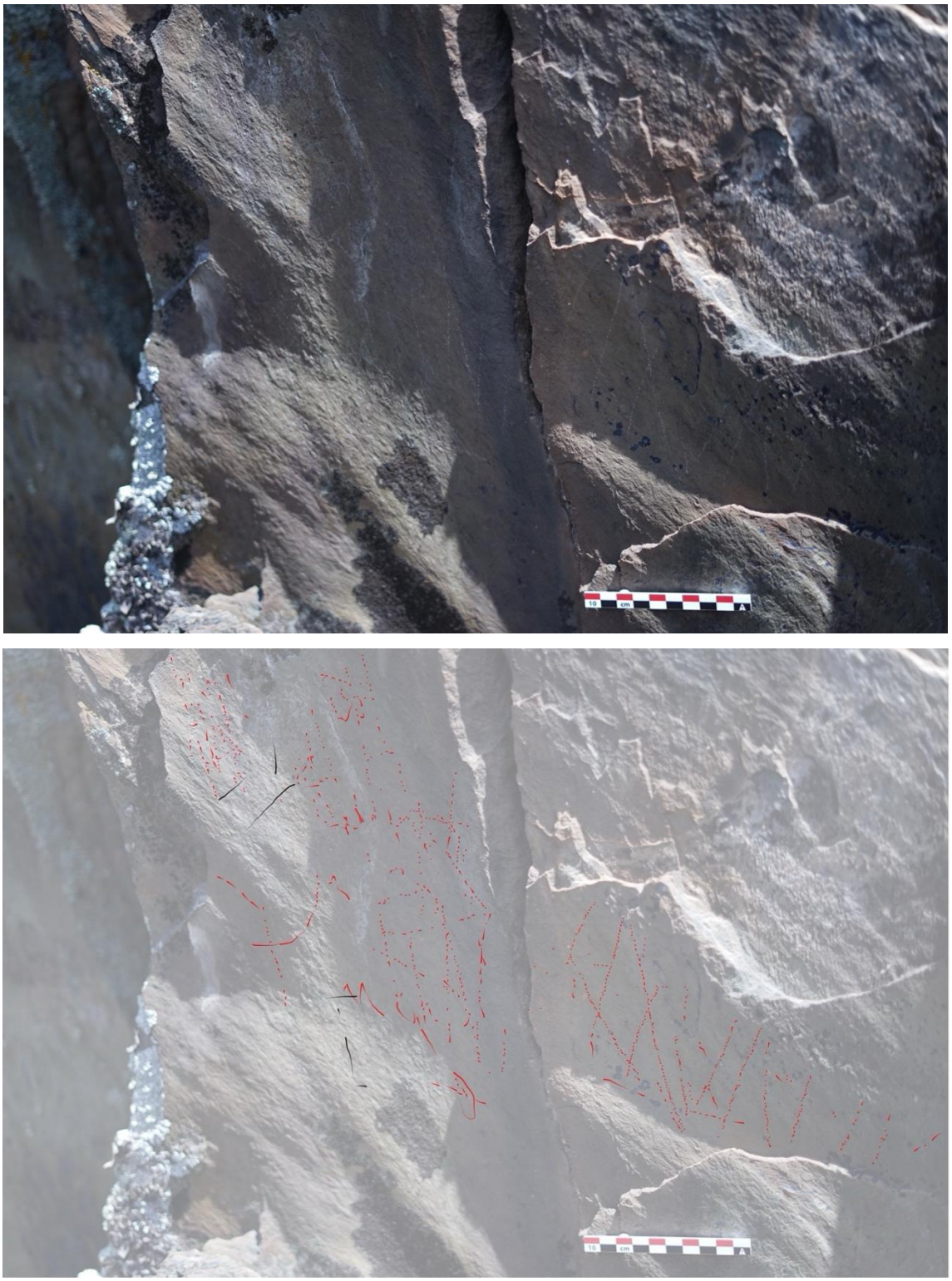


Figura 45 – Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: Motivos gravados: pontos raspados e linhas incisas filiformes a preto. Apesar do levantamento sugerir picotado, devido aos pequenos pontos, a técnica é a raspagem. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(2) Favecas 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29657 N; Longitude: -7.03656 O; Altitude: 433 m.

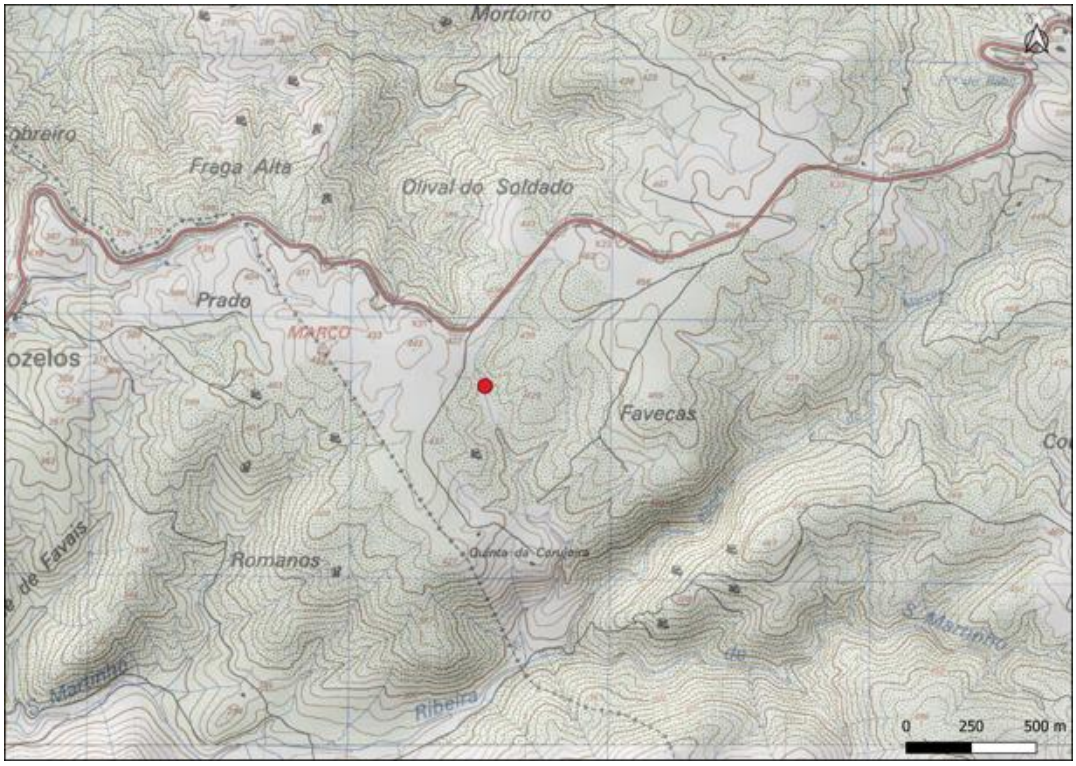


Figura 46 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 2.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215 e a aproximadamente 135 metros fazer um desvio para este junto a uma plantação de sobreiros em direção a um lameiro. Atravessar o lameiro e próximo deste encontram-se as gravuras de Favecas 2.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver, a nordeste, a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a Serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 2, é possível visualizar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. É a este destes lameiros que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 47) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

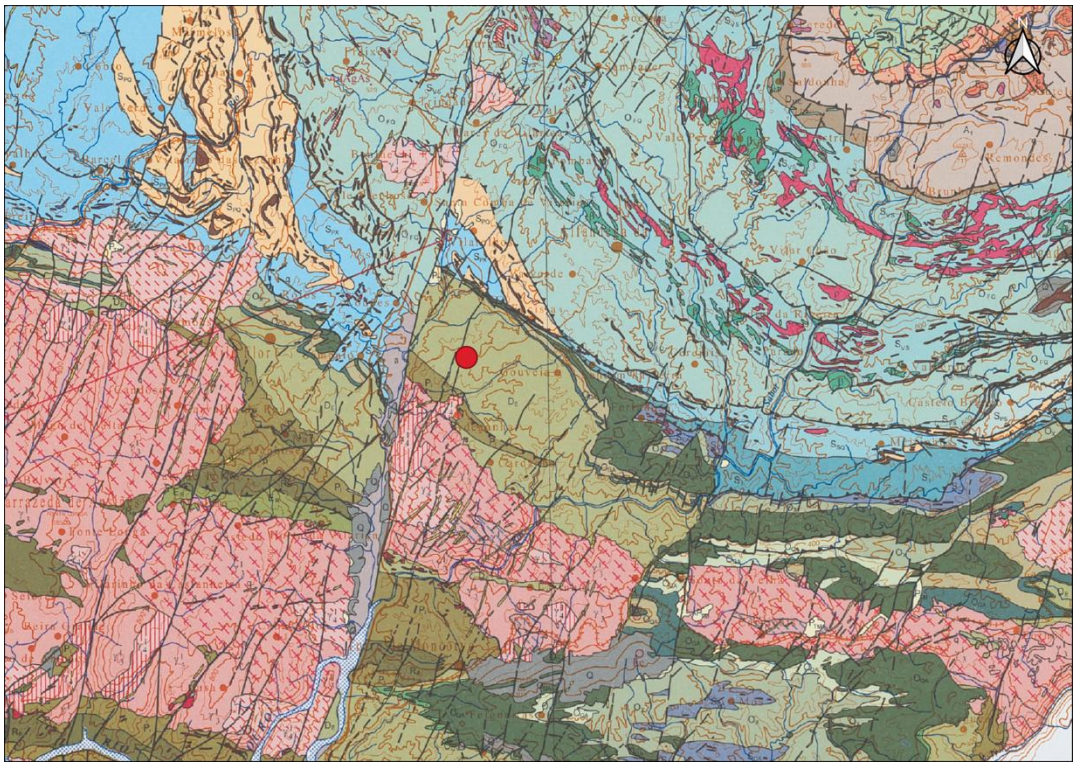


Figura 47 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 48). O painel gravado encontra-se orientado para oeste e é bem visível na paisagem. As suas dimensões são de cerca de 3 metros de altura por 7 metros de largura. As gravuras encontram-se apenas num painel retangular e vertical com algumas fraturas naturais. O painel gravado fica a cerca de 1.50 m do solo.



Figura 48 - Rocha Favecas 2 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados neste painel estão circunscritos à parte central do mesmo (Fig. 49). Dividem-se em dois grupos e caracterizam-se por linhas verticais, horizontais e diagonais que, em alguns casos, cruzam-se. O grupo da esquerda é de difícil compreensão. O grupo da direita parece conter traços que poderão corresponder a um antropomorfo esquemático. A técnica de gravação é a raspagem, ou seja, foi utilizado um objeto com dureza igual ou inferior à do suporte, não provocando, assim, incisão no mesmo.

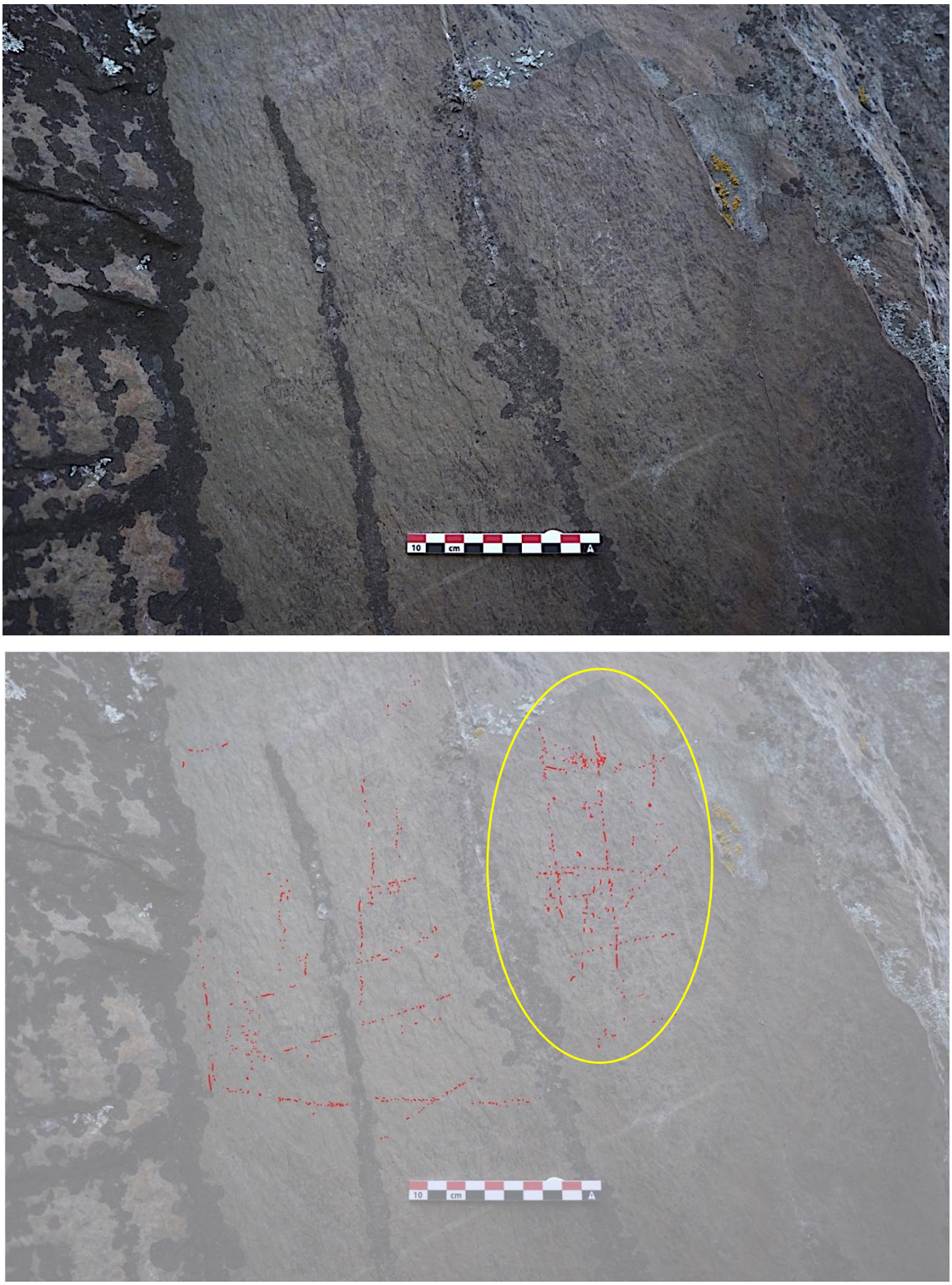


Figura 49 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 2. Em baixo: motivos raspados com possível antropomorfo, assinalado dentro da oval amarela. Apesar do levantamento sugerir picotado, devido aos pequenos pontos, a técnica é a raspagem. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(3) Favecas 3

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e traços aleatórios?

Cronologia: Pré-história; Proto-história.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29657 N; Longitude: -7.03656 O; Altitude: 433 m.

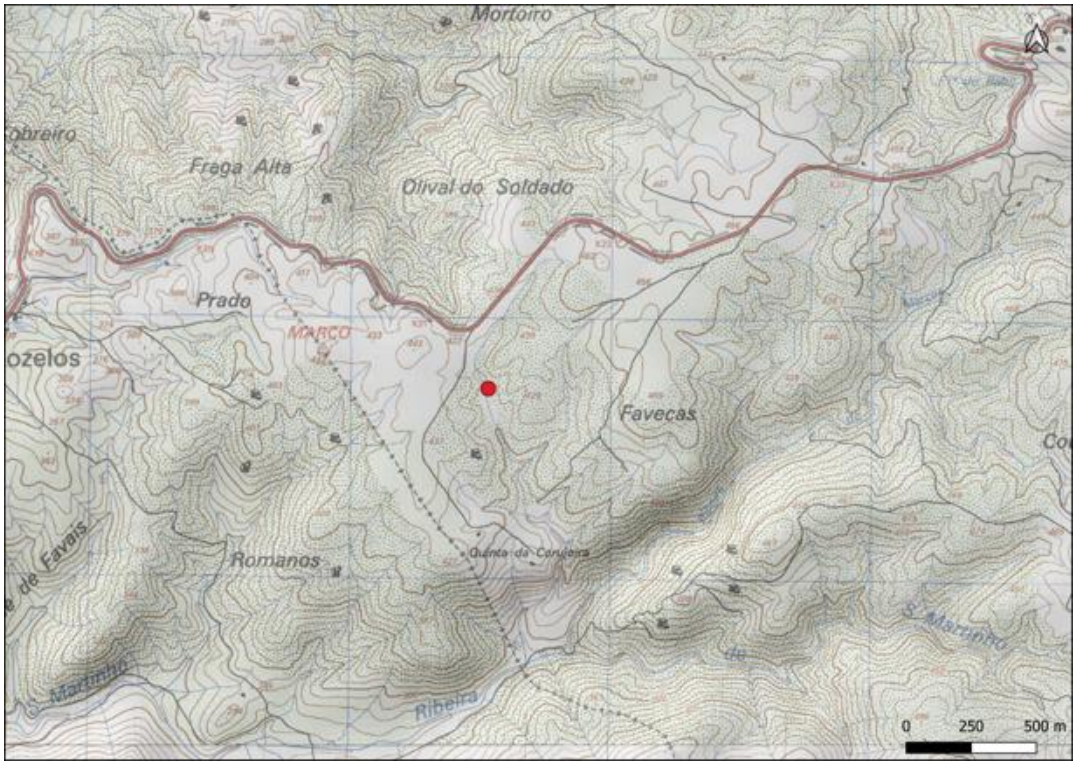


Figura 50 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 3.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215 e a aproximadamente 135 metros fazer um desvio para este junto a uma plantação de sobreiros em direção a um lameiro. Atravessar o lameiro e a cerca de 15 metros deste encontram-se as gravuras de Favecas 3.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver a nordeste a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 3, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É a este destes lameiros que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 51) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

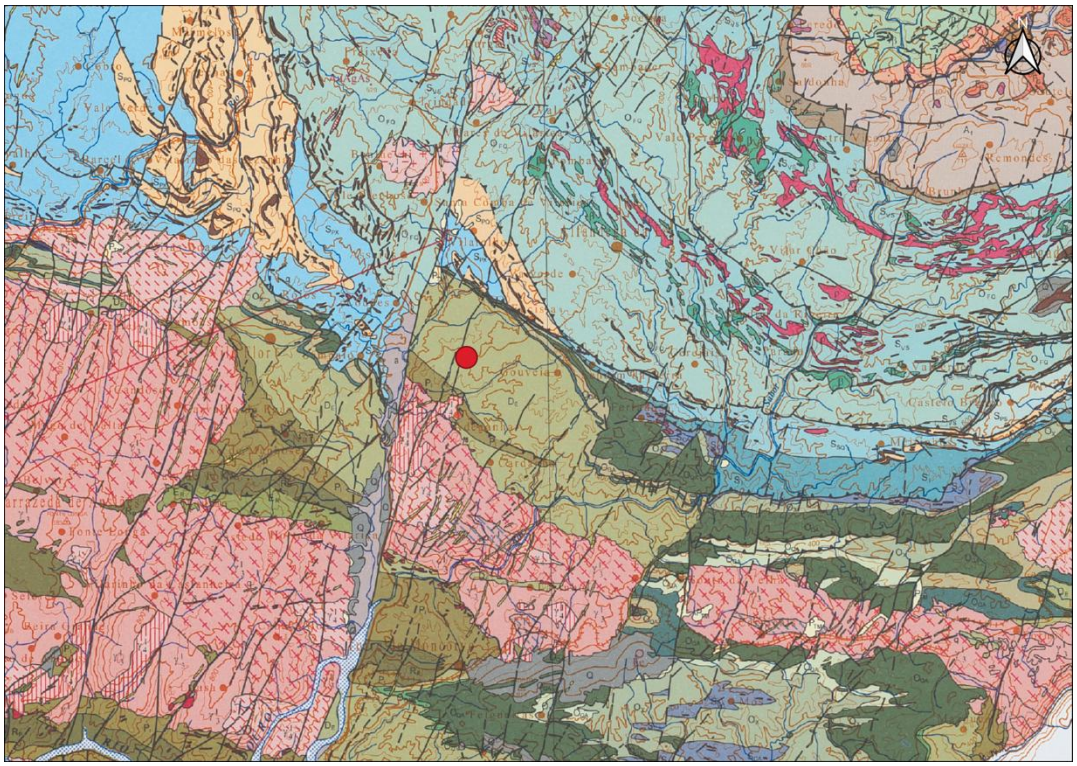


Figura 51 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 3.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a norte, e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 52 e 53). Os painéis gravados apresentam orientações distintas. O painel A está orientado para sul e o painel B para oeste, ambos bem visíveis na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 3 metros de altura por 7 metros de largura. As gravuras do painel A encontram-se numa superfície com algumas fraturas naturais. As do painel B, foram gravadas numa superfície lisa. O painel A encontra-se a cerca de 50 cm do solo e o painel B a 70 cm. Distam um do outro cerca de 5 metros.



Figura 52 - Rocha Favecas 3 com a área assinalada onde se encontra o painel A gravado. Fotografia do autor.

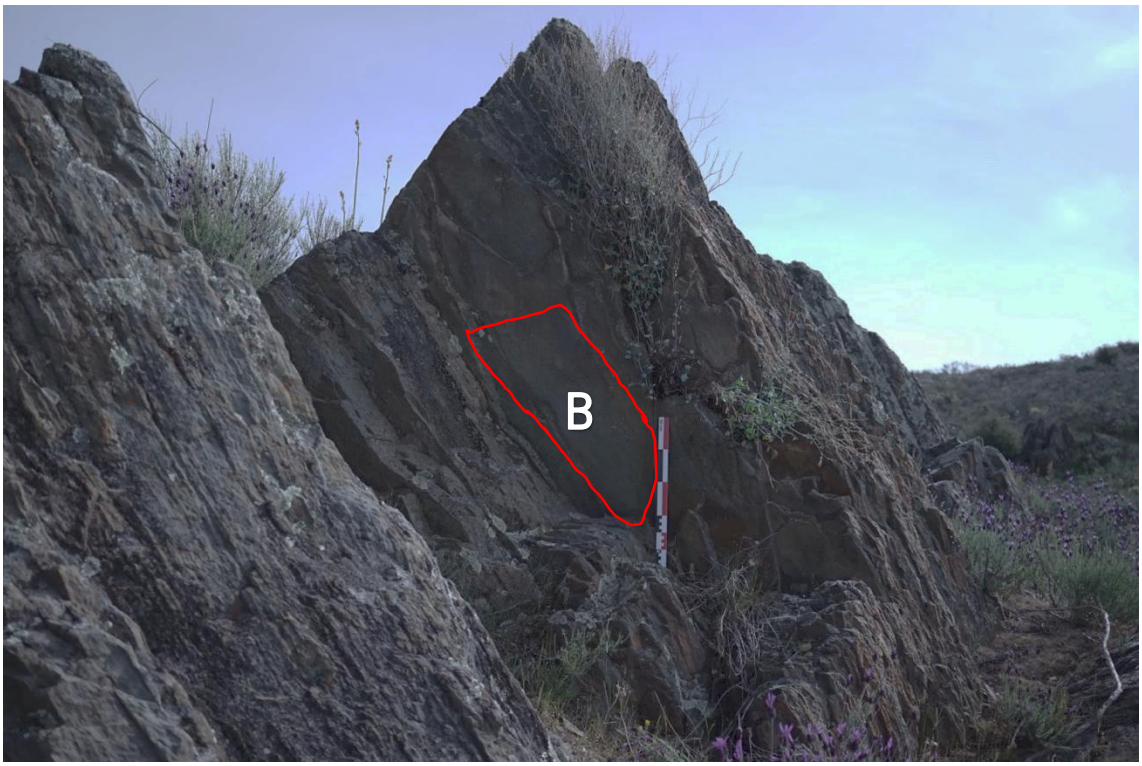


Figura 53 - Rocha Favecas 3 com a área assinalada onde se encontram o painel B gravado. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados no painel A estão circunscritos à parte central do mesmo e os do painel B à parte proximal e mesial. No painel A é possível verificar três grupos de gravuras (Fig. 54). Um grupo no topo do painel, com linhas incisas verticais, mais alongadas relativamente às perpendiculares, que são em menor número. O grupo central apresenta, maioritariamente, linhas horizontais, de menor dimensão relativamente às do grupo superior, para além de outras linhas mais dispersas. O grupo mais à direita, também apresenta linhas horizontais com menor espaçamento entre si e outras, em menor quantidade, na diagonal. No painel B há uma maior complexidade de traços (Fig. 55). O único motivo identificável é um motivo em U (normalmente designado por "ferradura") efetuado através de picotados ténues. Ao lado direito deste motivo, também existe um pequeno grupo de picotados e, acima deste, mais picotados, ainda que pontualmente. As restantes gravuras formam um "caos" de traços raspados de difícil compreensão. No entanto, é possível verificar linhas horizontais, por vezes paralelas entre si, algumas verticais e outras diagonais, de dimensões variadas. Também se identificam linhas curvas, sendo estas as de maior dimensão. Alguns deles parecem formar um grande motivo com uma linha cervico-dorsal e o esboço de uma cabeça (zoomorfo inacabado?). É nítida a sobreposição do motivo em U, picotado, sobre os motivos filiformes.





Figura 54 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: motivos gravados que correspondem a linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia.



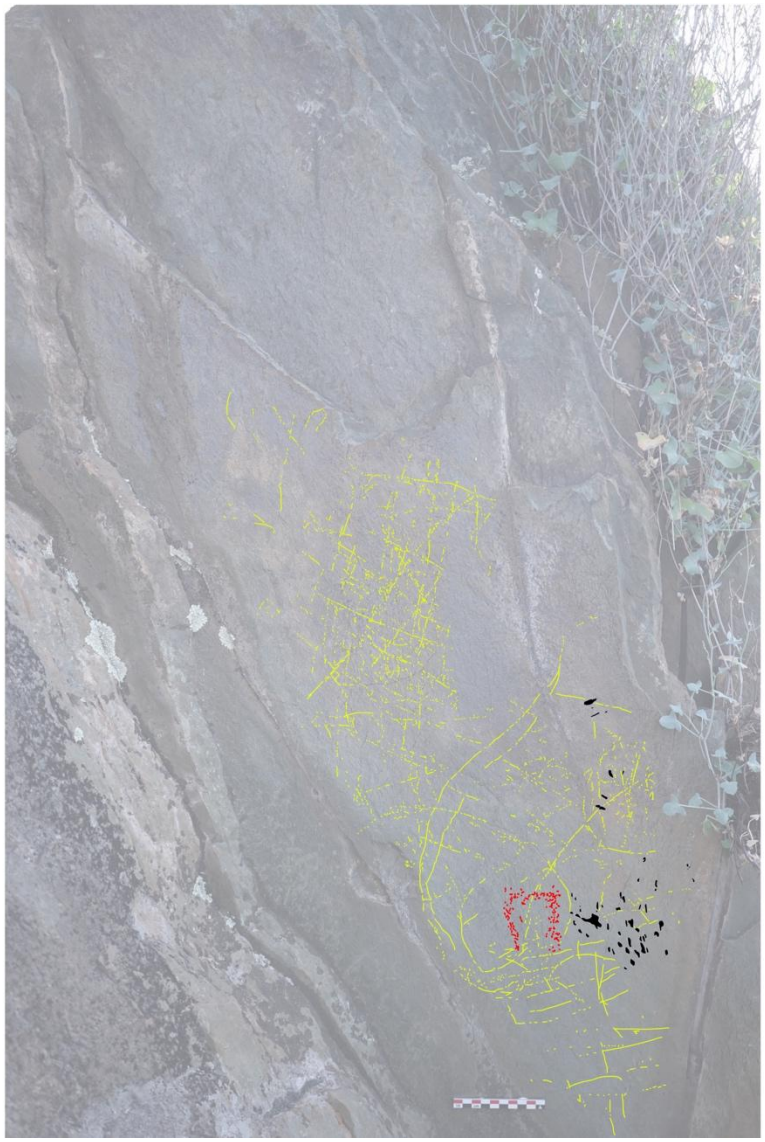


Figura 55 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: motivos gravados que correspondem a linhas raspadas a amarelo, motivo em U (ferradura) a vermelho e picotados a preto. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(4) Favecas 4

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29637 N; Longitude: -7.03663 O; Altitude: 417 m.

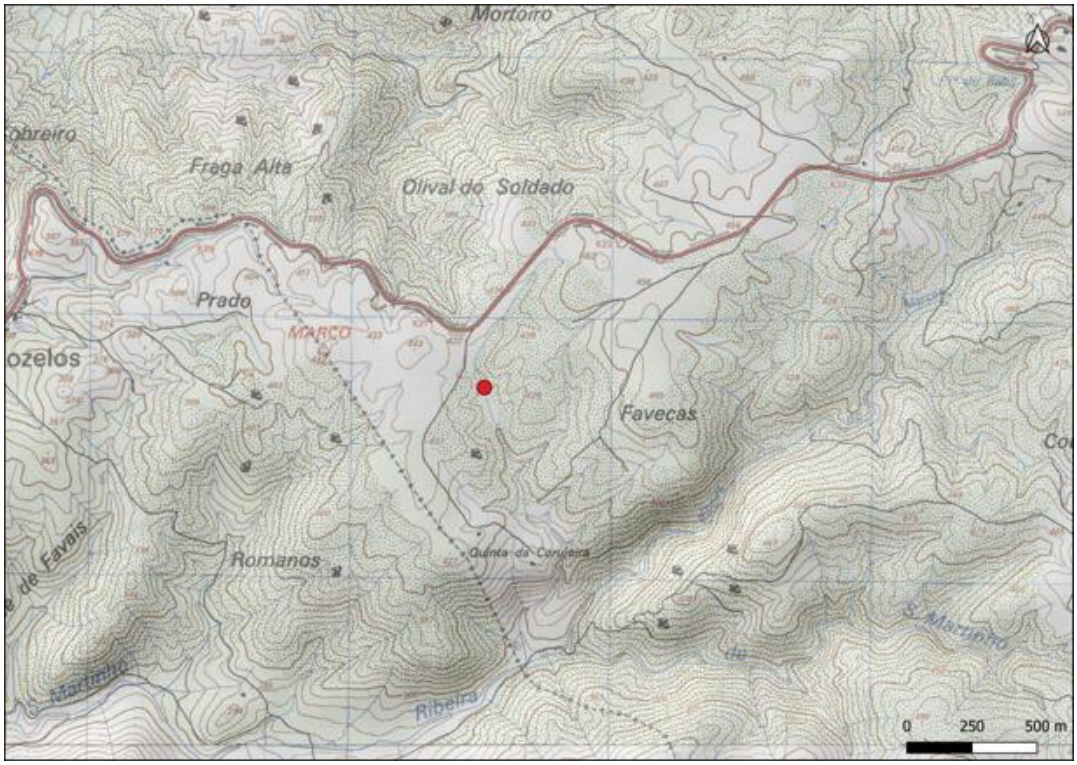


Figura 56 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 4.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215 e a aproximadamente 135 metros fazer um desvio para este junto a uma plantação de sobreiros em direção a um lameiro. Atravessar o lameiro e a cerca de 4 metros deste encontram-se as gravuras de Favecas 4.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver a nordeste a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 4, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É a este destes lameiros que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não

foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 57) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

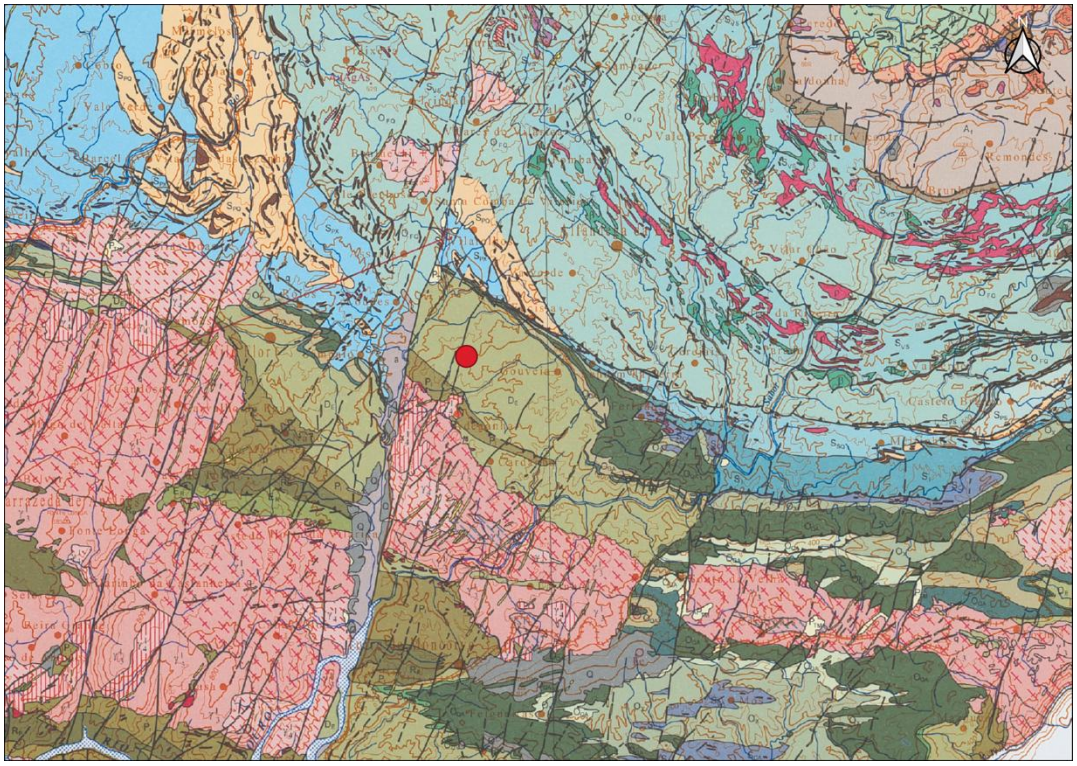


Figura 57 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 4.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.
Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.
Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 58). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 2 metros de altura por 1.5 metros de largura. As gravuras encontram-se apenas no painel de maior dimensão, vertical com algumas fraturas naturais. O painel com as gravuras encontra-se a cerca de 30 cm do solo.

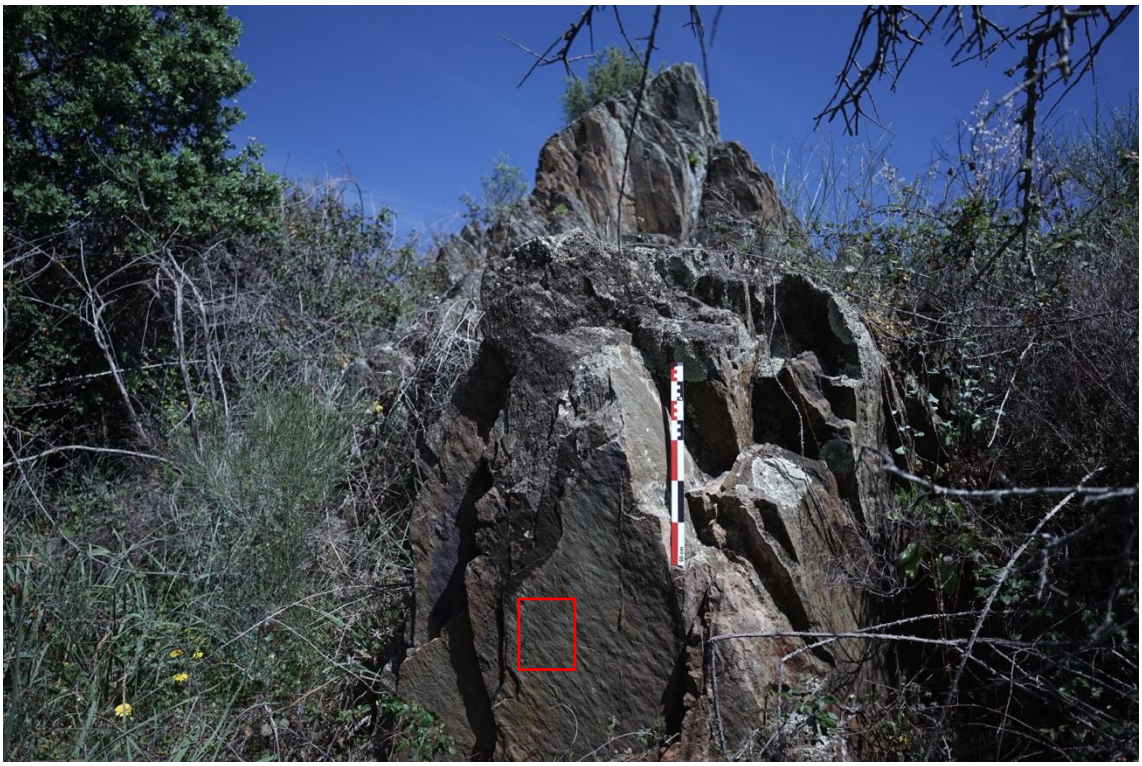


Figura 58 - Rocha Favecas 4 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados no painel estão circunscritos à parte superior do mesmo (Fig. 59). É possível verificar algumas linhas oblíquas de pequena dimensão e, acima destas, há traços aleatórios, difíceis de identificar, eventualmente efetuados por populações históricas. Estas gravuras são pouco percetíveis devido à "leveza" dos traços e porque foram efetuadas num espaço muito pequeno do painel. A técnica de gravação é a raspagem.

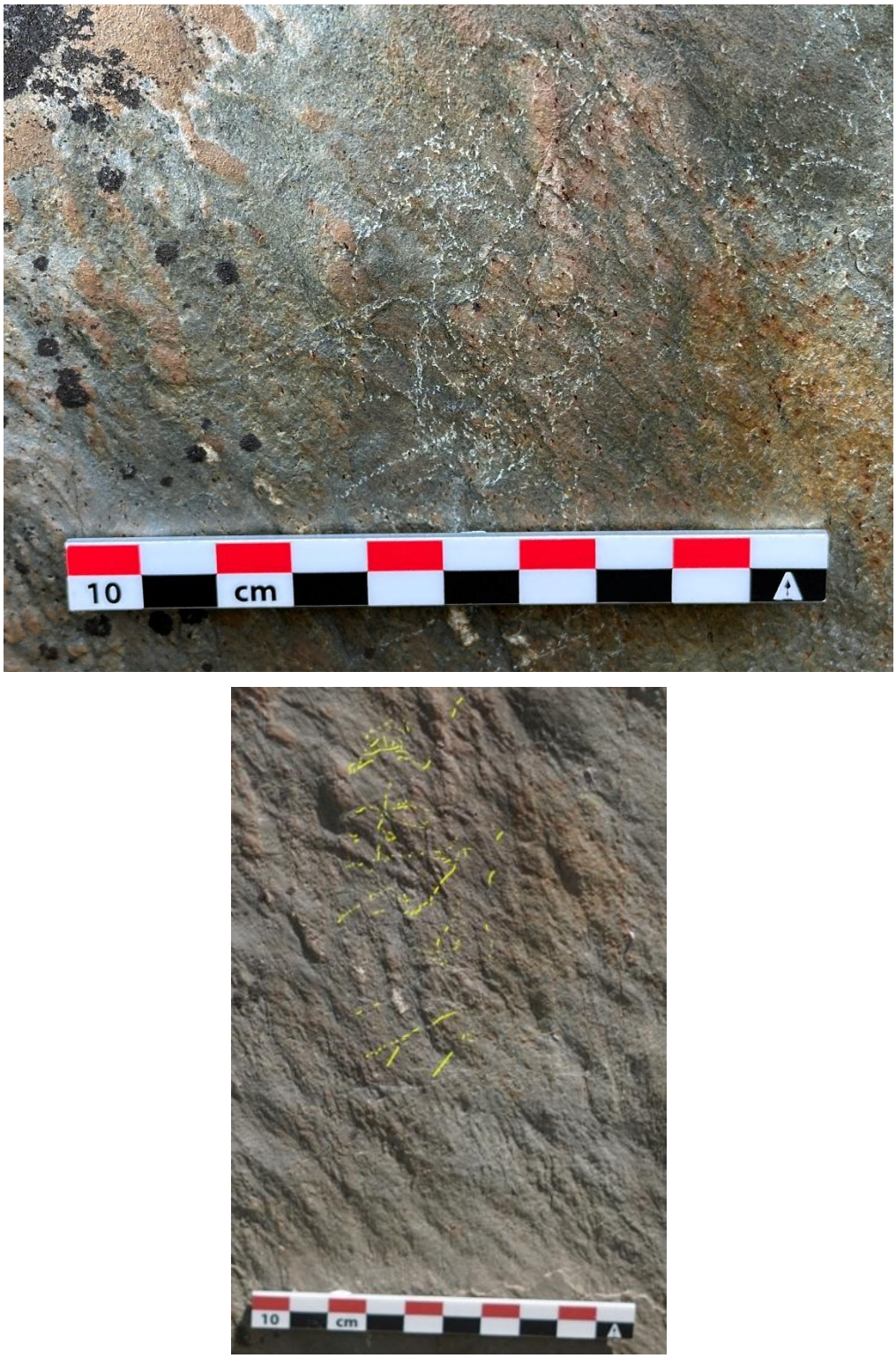


Figura 59 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 4. Em baixo: traços aleatórios. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(5) Favecas 5

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre, inscrição e traços aleatórios?

Cronologia: Proto-histórica (?).

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29494 N; Longitude: -7.03266 O; Altitude: 405 m.

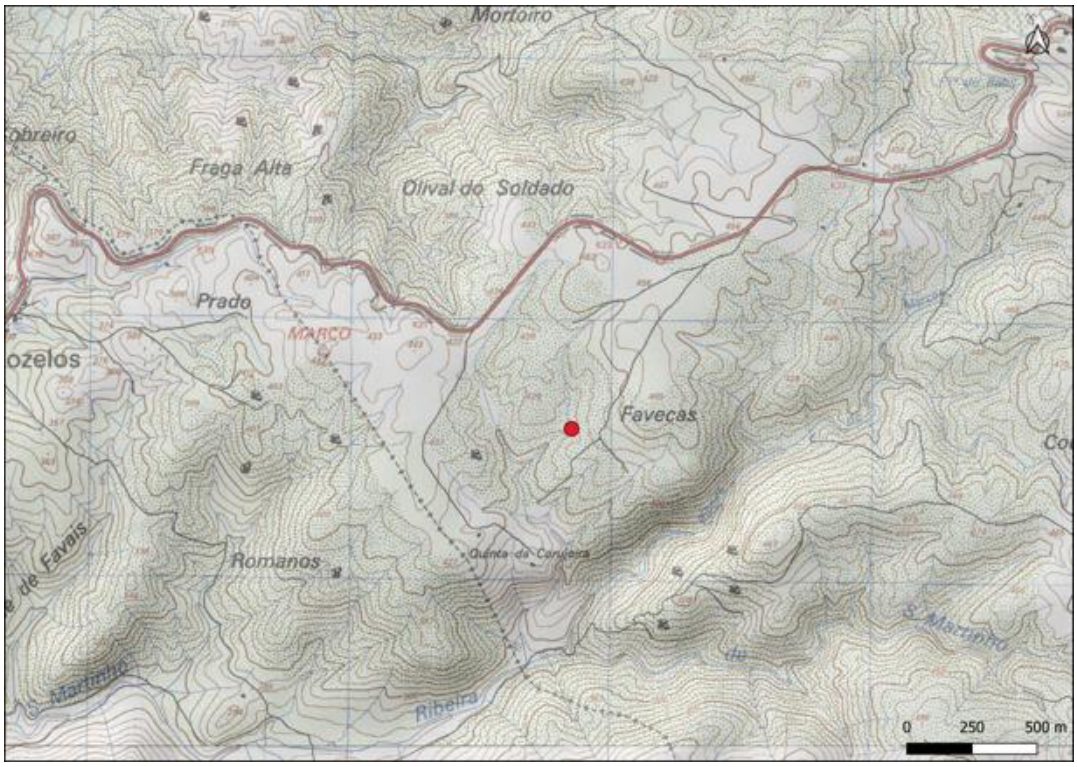


Figura 60 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 5.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215, entre o Olival do Soldado e Favecas. Na bifurcação deste caminho, seguir a linha de água para oeste.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de

visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver a nordeste a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 5, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É a este destes lameiros que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 61) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

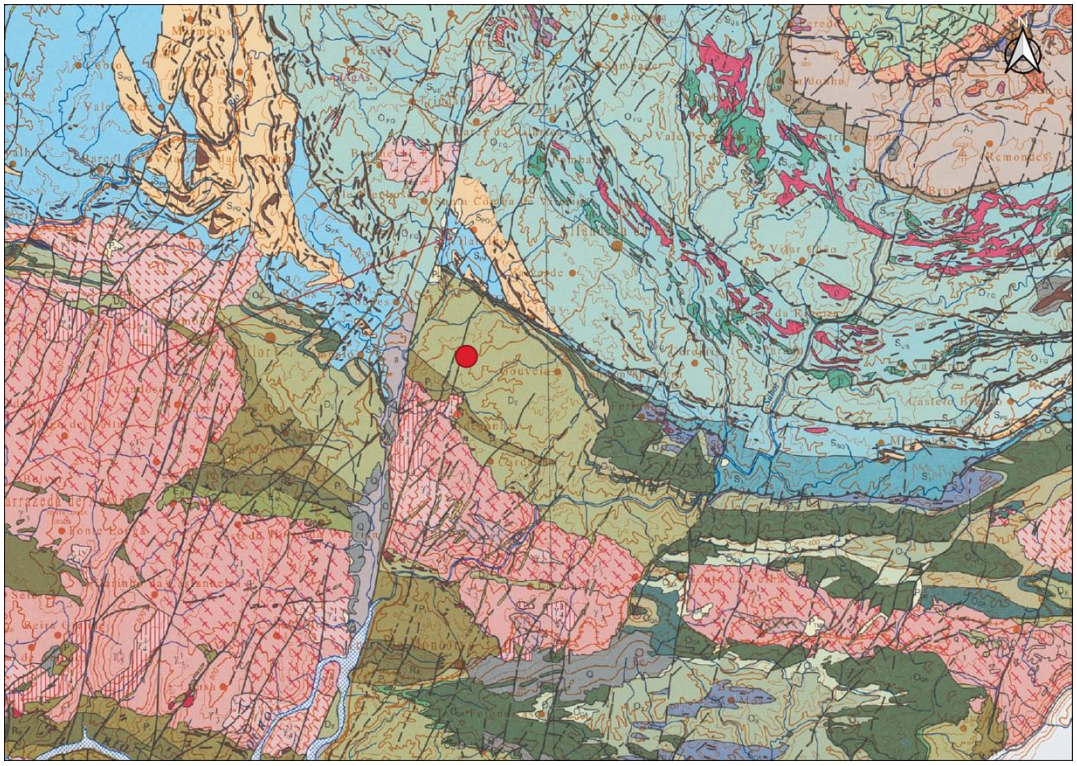


Figura 61 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 5.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.
Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 62). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 3 metros de altura por 2.5 metros de largura. As gravuras encontram-se em pequenos painéis oblíquos com a superfície virada para cima. Os painéis gravados encontram-se entre os 70 cm e 1.20 m do solo, pelo que podem ser vistos de cima para baixo.



Figura 62 - Rocha Favecas 5 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se distribuídos por cinco painéis de pequenas dimensões. No painel A existem dois grupos de gravuras (Fig. 63). Um com sulcos horizontais no grupo da esquerda e sulcos ondulados, acompanhados de retos, no grupo da direita. A técnica de gravação é a raspagem. No painel B (Fig. 64) existem pequenos sulcos conectados entre si formando motivos triangulares e em ziguezagues. A técnica utilizada foi a raspagem e a incisão filiforme. No painel C (Fig. 65) existem pequenas gravuras triangulares, linhas paralelas, o que parece um "P" na horizontal e alguns pontos circunscritos à parte superior esquerda do painel. A técnica de gravação foi a raspagem e a incisão filiforme. O painel D (Fig. 66) apresenta sulcos paralelos entre si e três motivos triangulares, um deles acompanhado de um sulco horizontal. Poderá corresponder a uma arma de arremesso. Também é possível verificar o que parece um "M" na diagonal. A técnica de gravação foi a

raspagem. Por fim, no painel E temos pequenos sulcos oblíquos paralelos entre si (Fig. 67). A técnica de gravação é a raspagem.

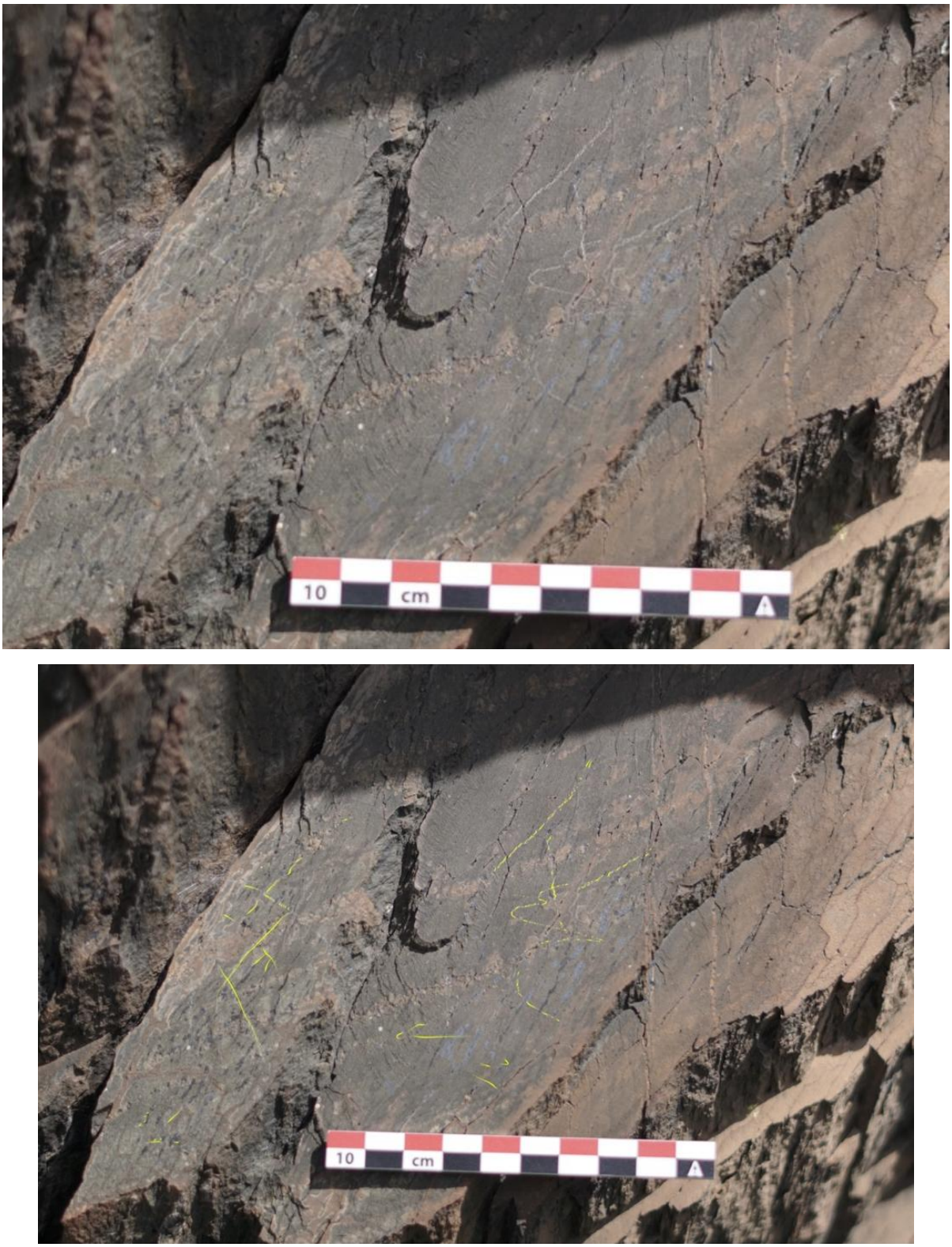


Figura 63 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: sulcos retos no grupo da esquerda e sulcos ondulados no grupo da direita, acompanhados de dois sulcos retos verticais e um horizontal. Levantamento sobre fotografia.

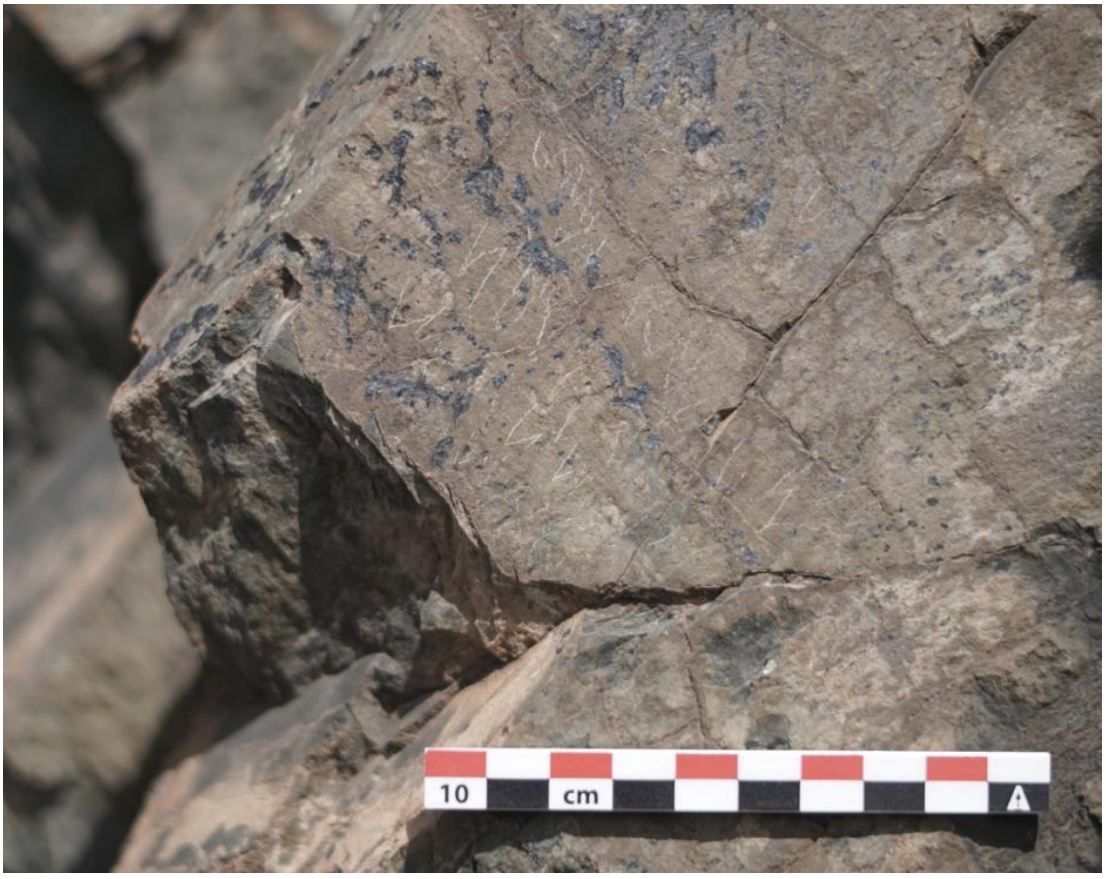

10
cm



Figura 64 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: triângulos abertos num dos lados e ziguezagues. As gravuras efetuadas através da raspagem encontram-se a amarelo e as incisas filiformes a vermelho. Levantamento sobre fotografia.



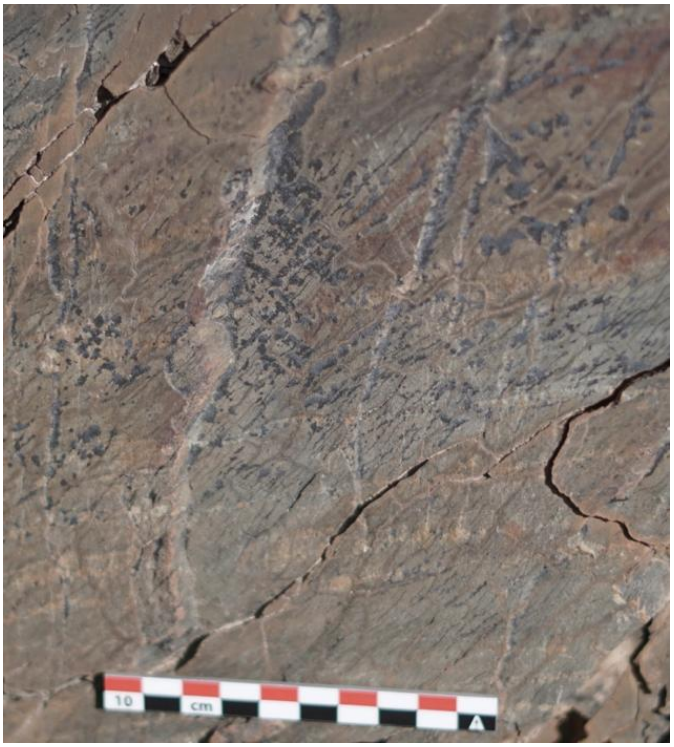


Figura 65 - Em cima: pormenor das gravuras do painel C. Em baixo: triângulos abertos num dos lados, linhas paralelas, um “P” na horizontal e alguns pontos circunscritos à parte superior esquerda do painel. A amarelo encontram-se as gravuras raspadas e a vermelho as incisões filiformes. Levantamento sobre fotografia.





Figura 66 - Em cima: pormenor das gravuras do painel D. Em baixo: linhas paralelas entre si, vários motivos triangulares, um deles acompanhado de um sulco horizontal. Poderá corresponder a uma ponta de seta ou lança (?). Também é possível verificar o que parece ser um "M" na diagonal. Levantamento sobre fotografia.



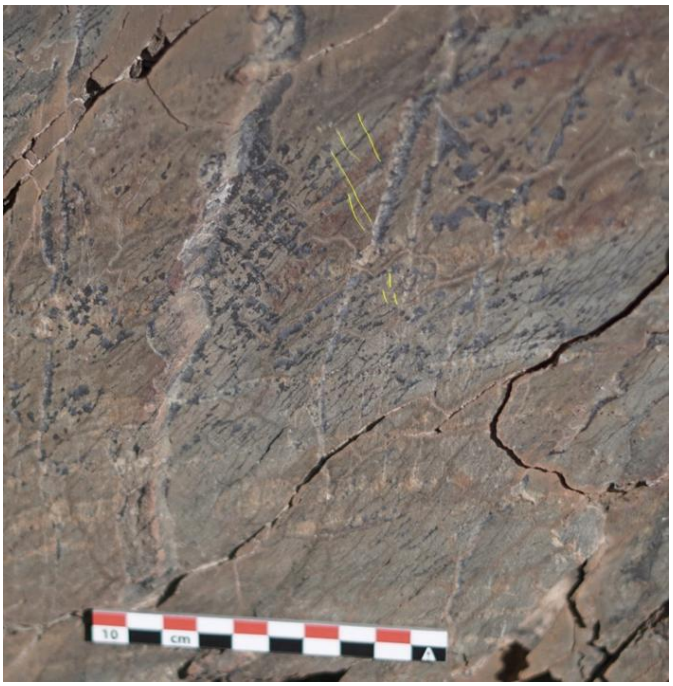


Figura 67 - Em cima: pormenor das gravuras do painel E. Em baixo: quatro pequenas linhas oblíquas paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(6) Favecas 6

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Pré-história Recente (Calcolítico?) e indeterminado.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29385 N; Longitude: -7.03392 O; Altitude: 390 m.

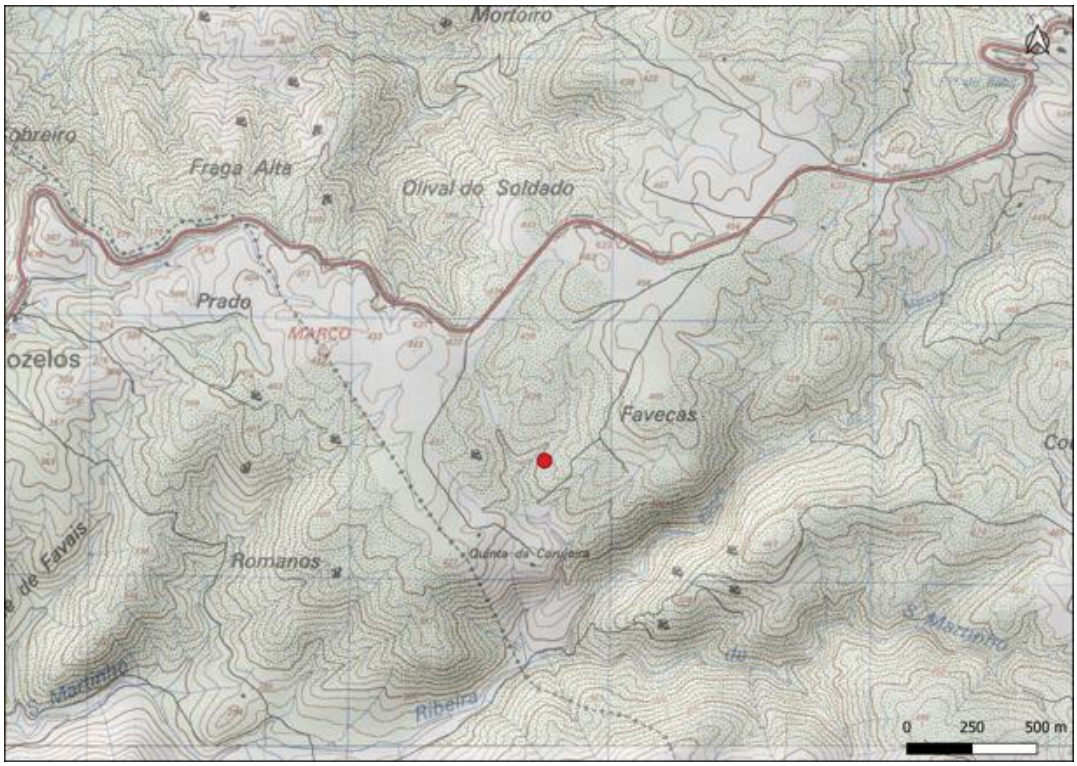


Figura 68 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 6.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215, entre o Olival do Soldado e Favecas. Na bifurcação deste caminho, seguir a linha de água para oeste.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver a nordeste a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 6, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. Esta zona tem um pequeno vale de pendente suave para sul e é a este desta depressão que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 69) (PEREIRA, 2000).

Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

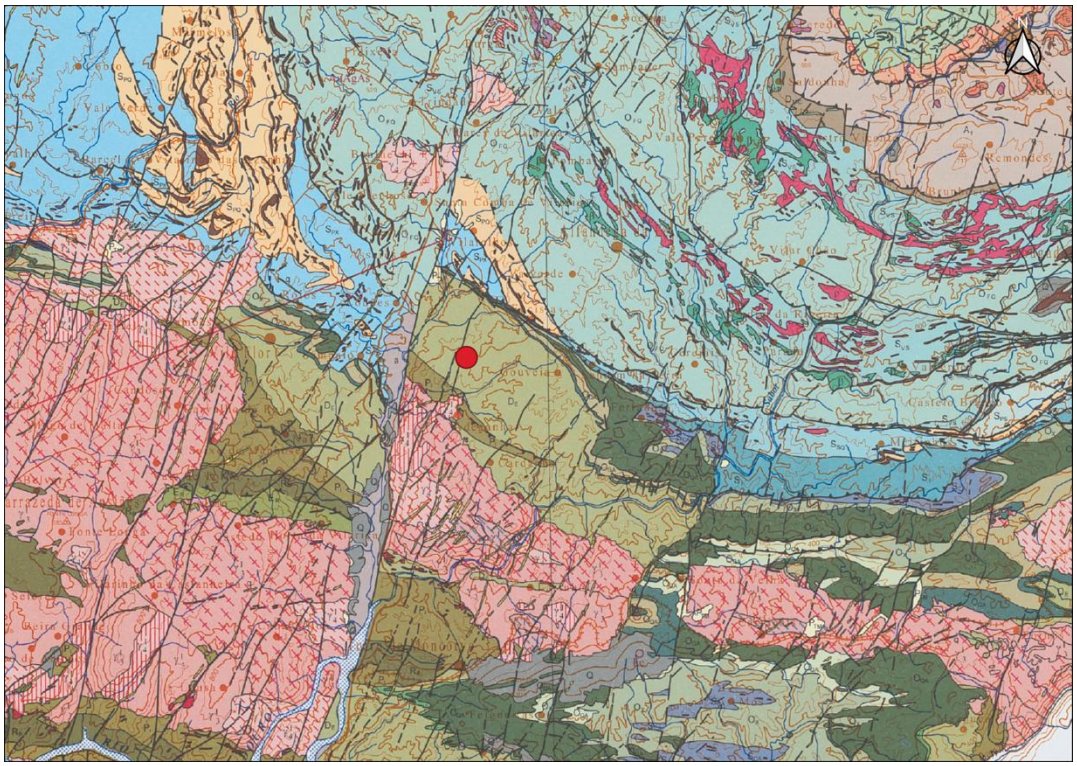


Figura 69 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 6.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

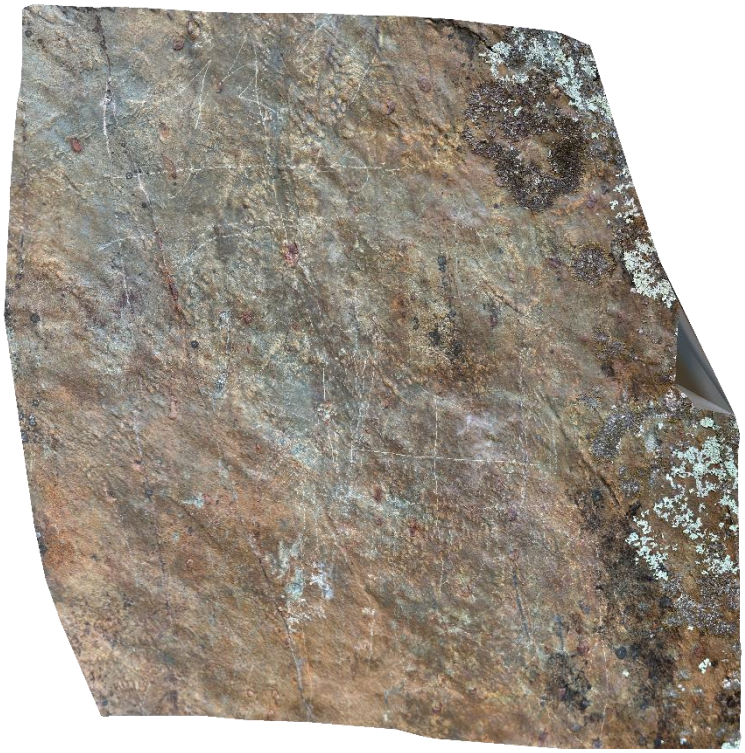
Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 70). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 2.70 metros de altura por 3 metros de largura. As gravuras encontram-se no painel de maior dimensão e ocupam uma pequena parte central do mesmo. O painel gravado encontra-se entre 30 cm a 1 metro do solo.



Figura 70 - Rocha Favecas 6 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se distribuídos por um painel (Fig. 71). Neste painel existe um grupo de gravuras com sulcos horizontais, verticais e oblíquas. É possível verificar um antropomorfo esquemático, cuja cabeça se define por um semicírculo e por dois pontos que poderão representar os olhos. Os braços, definem-se por um traço na horizontal. Um deles parece estar a segurar um objeto que se ergue na vertical. Encontra-se na parte central das gravuras, efetuado com incisão filiforme e foi sobreposto pelas gravuras efetuadas através de raspagem. As gravuras efetuadas através desta técnica, são de difícil interpretação, mas nota-se, pelo menos, na parte inferior do painel, outro antropomorfo esquemático, de pequenas dimensões, cuja cabeça é definida por um traço horizontal (toucado?), os braços por outro traço horizontal e as pernas em V invertido. Numa das extremidades do braço, este antropomorfo parece associar-se a um motivo semicircular (um arco?).






10 cm

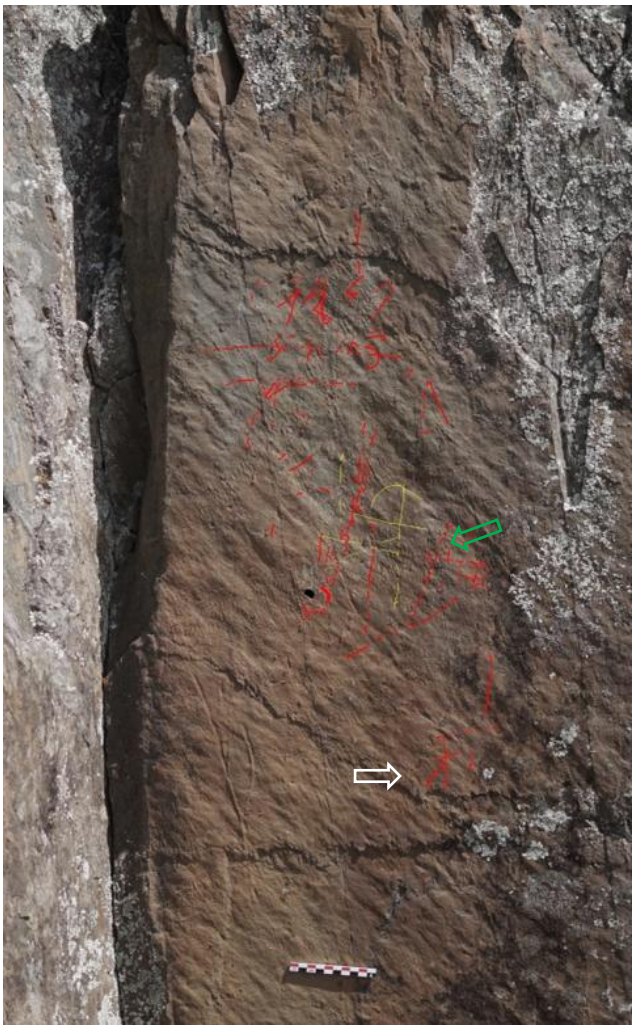


Figura 71 - Em cima: vista geral das gravuras da rocha de Favecas 6. Ao centro: fotogrametria do painel com gravuras e pormenor do eventual antropomorfo. Em baixo: linhas horizontais, verticais e oblíquas, um eventual antropomorfo de menores dimensões assinalado com a seta branca. Na parte central identifica-se um eventual antropomorfo, assinalado com a seta verde. As gravuras a vermelho foram efetuadas através da técnica de raspagem e a amarelo através da incisão filiforme. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(7) Favecas 7

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Histórico.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29930 N; Longitude: -7.03732 O; Altitude: 419 m.

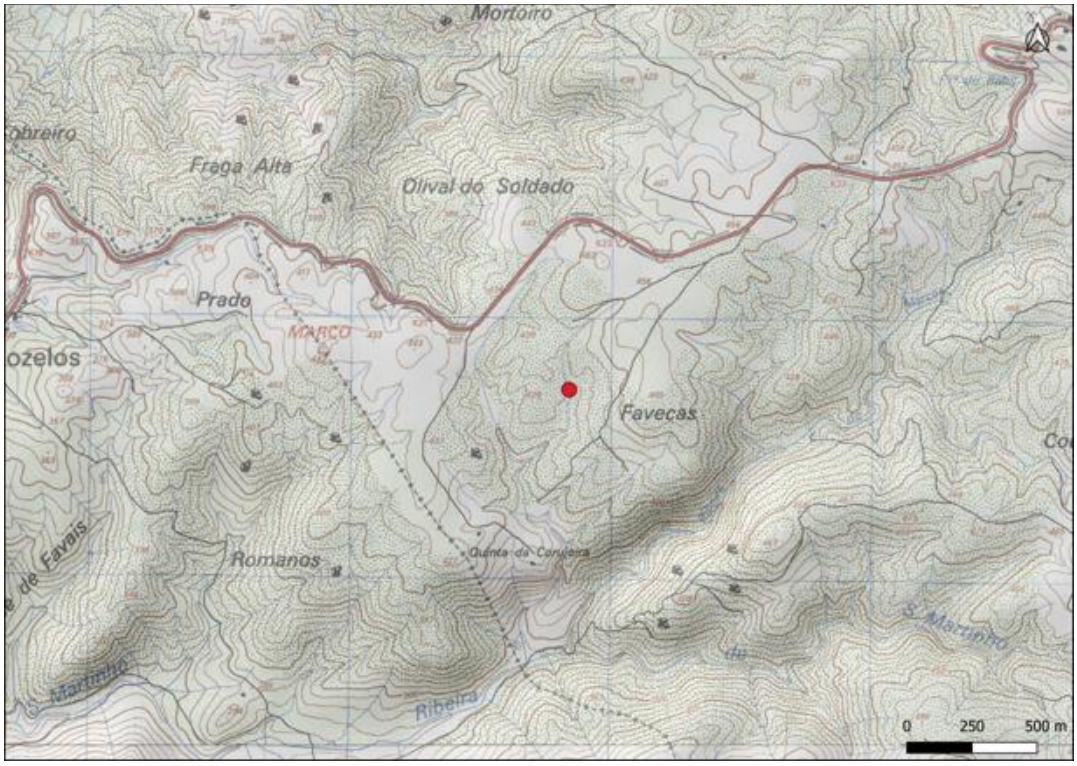


Figura 72 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 7.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215, entre o Olival do Soldado e Favecas. Na bifurcação deste caminho, seguir a linha de água para oeste.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver, a nordeste, a serra de Bornes; a norte o Vale da Vilariça e a este, a serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 7, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É a este destes lameiros que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de

vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 73) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

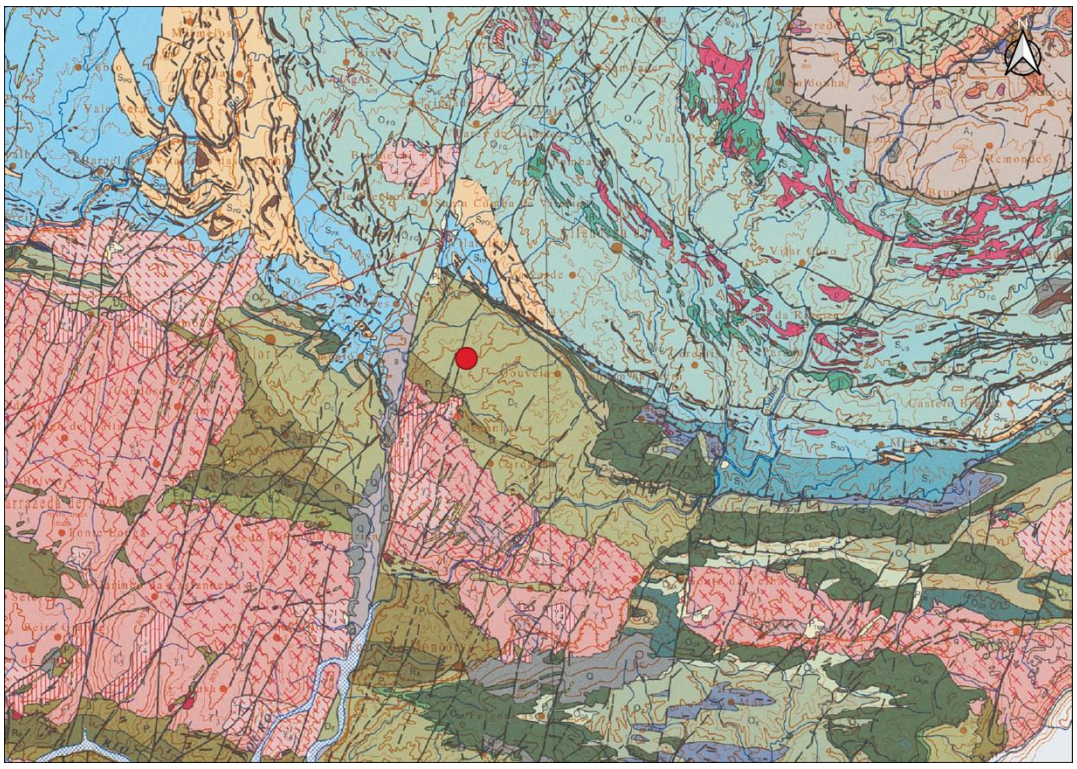


Figura 73 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 7.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.
Historial: Descoberto no âmbito destes trabalhos.
Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 74). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 1.90 metros de altura por 4 metros de largura. As gravuras encontram-se no painel de maior dimensão e ocupam a parte superior do mesmo. O painel gravado encontra-se entre 1.50 metros a 1.70 metros do solo.



Figura 74 - Rocha Favecas 7 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se inserido apenas num painel (Fig. 77). Identificaram-se dois motivos circulares em que o da esquerda tem, no seu interior, sulcos oblongos que se assemelham a folhas. O motivo da direita, mais imperfeito, parece estar inacabado. No entanto, há a clara intenção de ambos representarem o mesmo. Poderão ser motivos que correspondem a rosetas quadripétalas. Foi considerada arte histórica pelo tipo de motivo, muito comum em contextos de romanização e medievais, associados ao mundo funerário, como se poderá verificar em inúmeras publicações (Calo Lourido 1994; Redentor, 2002; Barroca, 2000). A técnica de gravação é a incisão. No motivo da esquerda, foram efetuados vários sulcos incisos, ao contrário do da direita, apenas com um sulco, para definir o círculo exterior.



Figura 75 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 7. Em baixo: rosetas quadripétalas. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(8) Favecas 8

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.20065 N; Longitude: -7.03860 O; Altitude: 393 m.

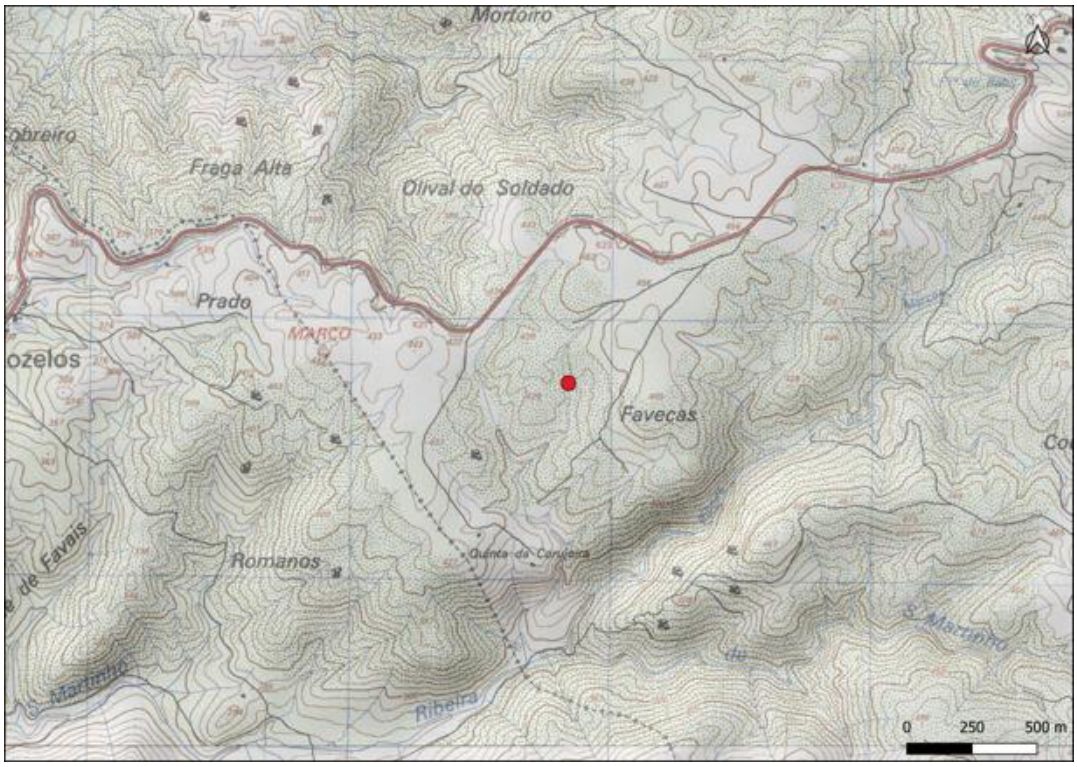


Figura 76 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 8.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, numa curva onde funcionou uma pequena pedreira, tomar um caminho a partir da estrada N215, entre o Olival do Soldado e Favecas. Na bifurcação deste caminho, seguir a linha de água para oeste.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Apesar desta zona se encontrar num pequeno planalto, as condições de

visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sul, em direção à ribeira de Marcos. No entanto, é para oeste que o domínio visual é predominante. A partir deste pequeno planalto é possível ver a nordeste a serra de Bornes, a norte o Vale da Vilariça e a este a serra da Gouveia. Onde está implantada a rocha Favecas 8, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É a este destes lameiros que se encontram a maior parte dos afloramentos. A oeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Com a aproximação da ribeira de Marcos, alguns afloramentos tornam-se pequenas ravinas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 77) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

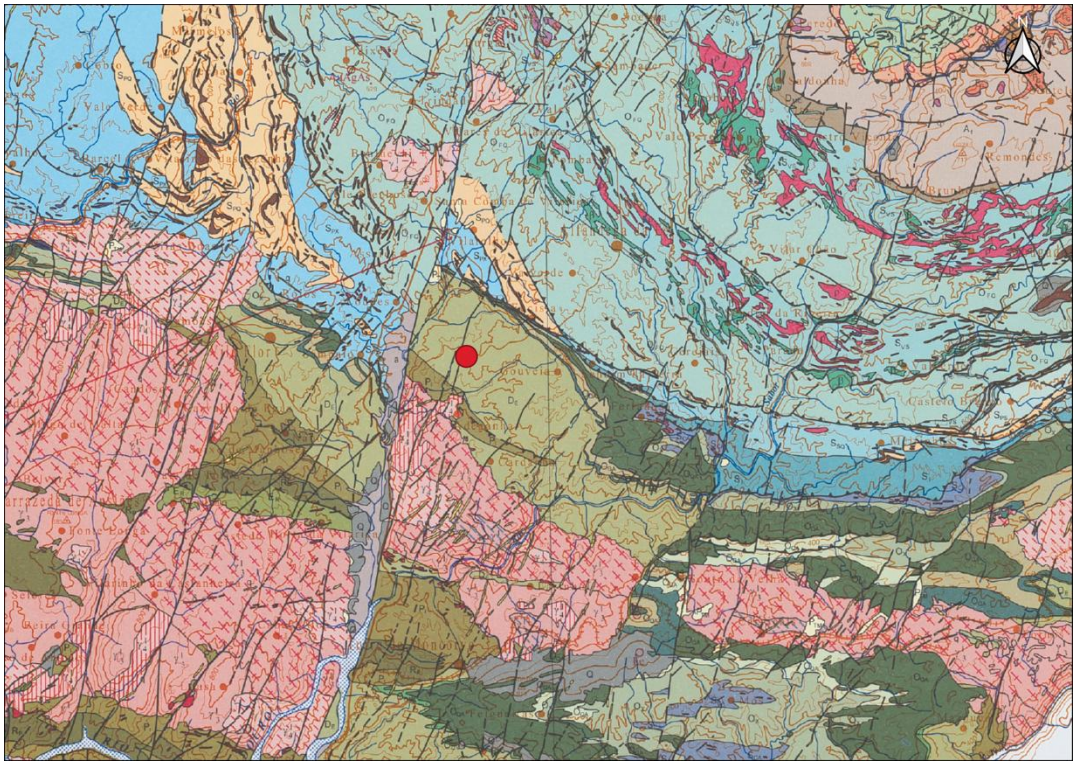


Figura 77 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 8.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.
Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 78). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 2.50 metros de altura por 4 metros de largura. As gravuras encontram-se no painel central ocupando-o quase na sua totalidade. O painel gravado encontra-se a cerca de 1 metro do solo.



Figura 78 - Rocha Favecas 8 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se distribuídos num painel (Fig. 79). Identificaram-se, aí, três grupos de gravuras de modo a aproveitarem as faces lisas. Estas correspondem a sulcos paralelos entre si na horizontal, à exceção de um pequeno grupo que se encontra na diagonal. A técnica utilizada foi a incisão filiforme. Através da técnica de raspagem também foram efetuadas linhas verticais, horizontais e oblíquas. Também se identificam alguns picotados abaixo das linhas incisas e raspadas. Apesar da dificuldade em interpretar estas gravuras, tratam-se efetivamente de traços gravados na rocha que não se podem confundir com características típicas do xisto, por terem orientações contrárias. Poderão, contudo, ser traços aleatórios, eventualmente provocados por populações históricas.

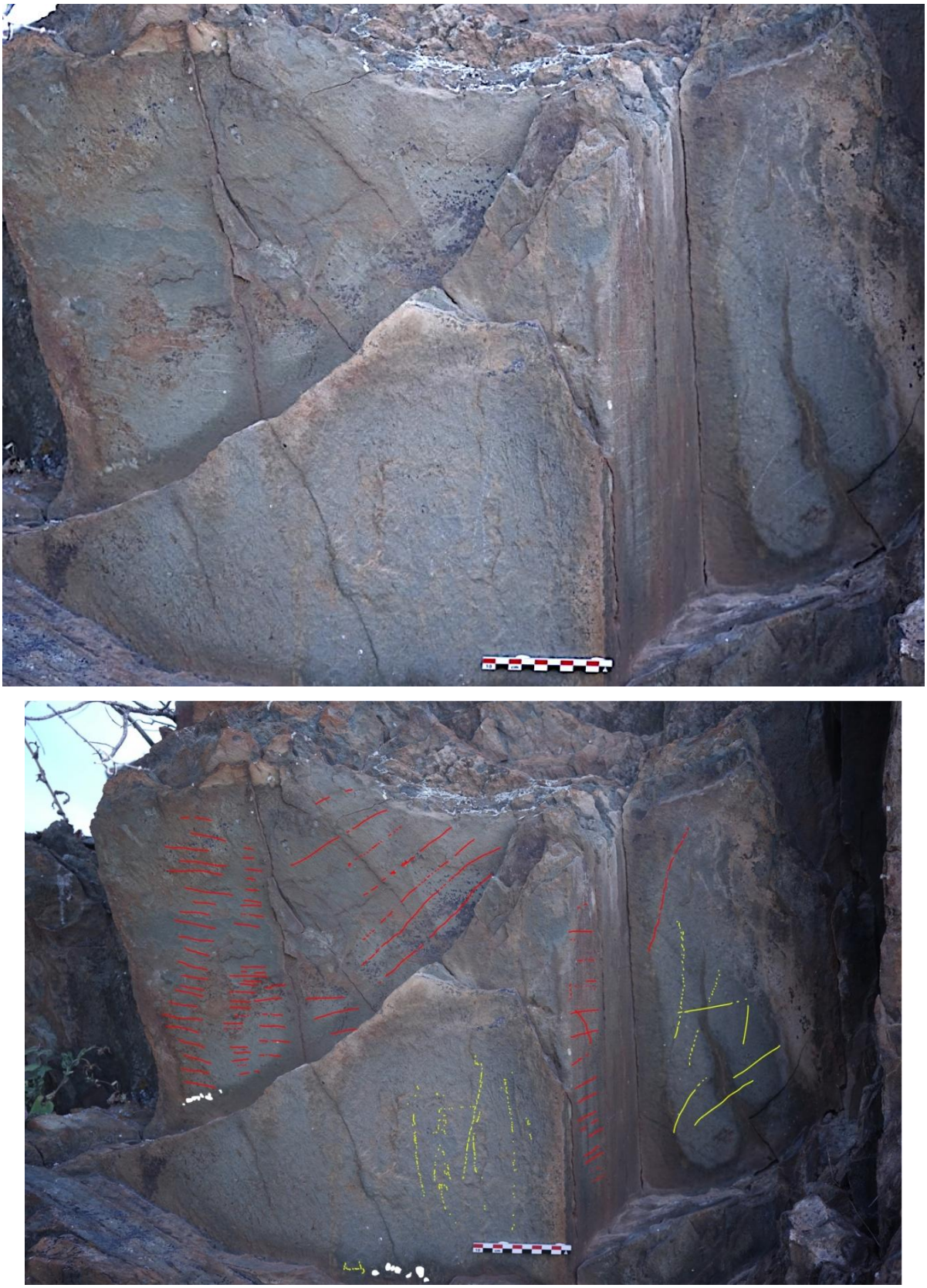


Figura 79 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 8. Em baixo: linhas paralelas entre si na horizontal, vertical e diagonal e dois grupos de picotados. A vermelho foram efetuadas incisões filiformes, a amarelo estão representadas as linhas raspadas e a branco pequenos picotados. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(9) Favecas 9

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Idade do Ferro (?).

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.300691 N; Longitude: -7.03866 O; Altitude: 393 m.

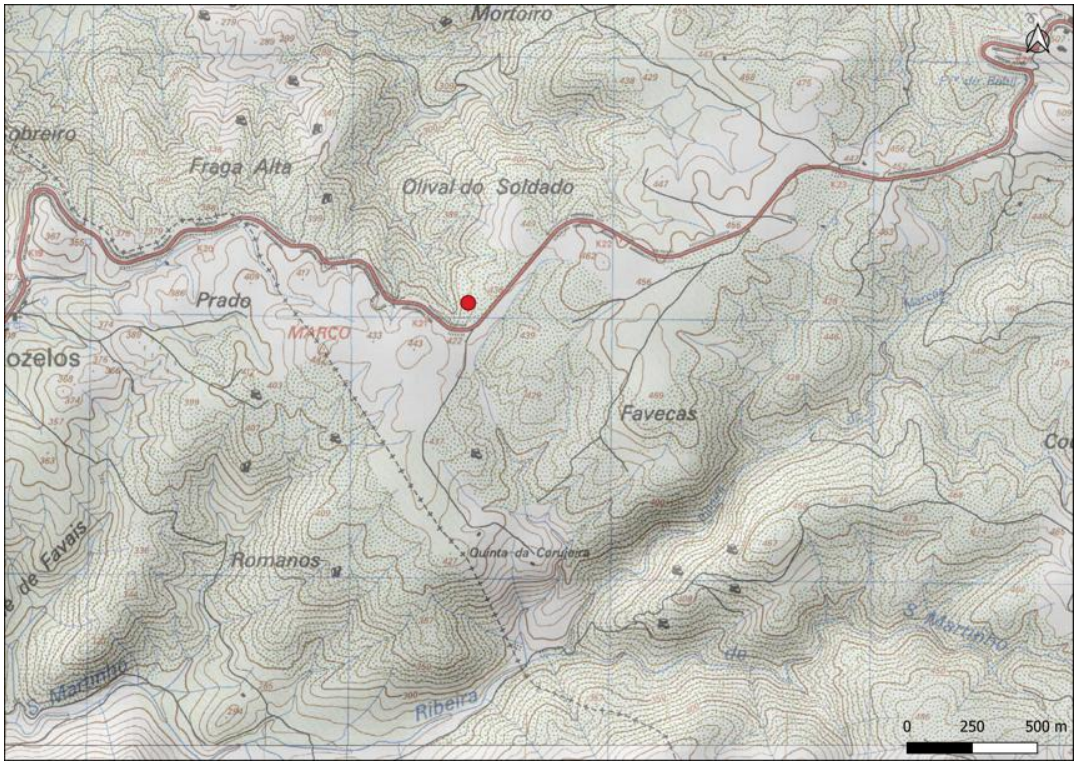


Figura 80 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 9.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 9, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 9, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 81) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

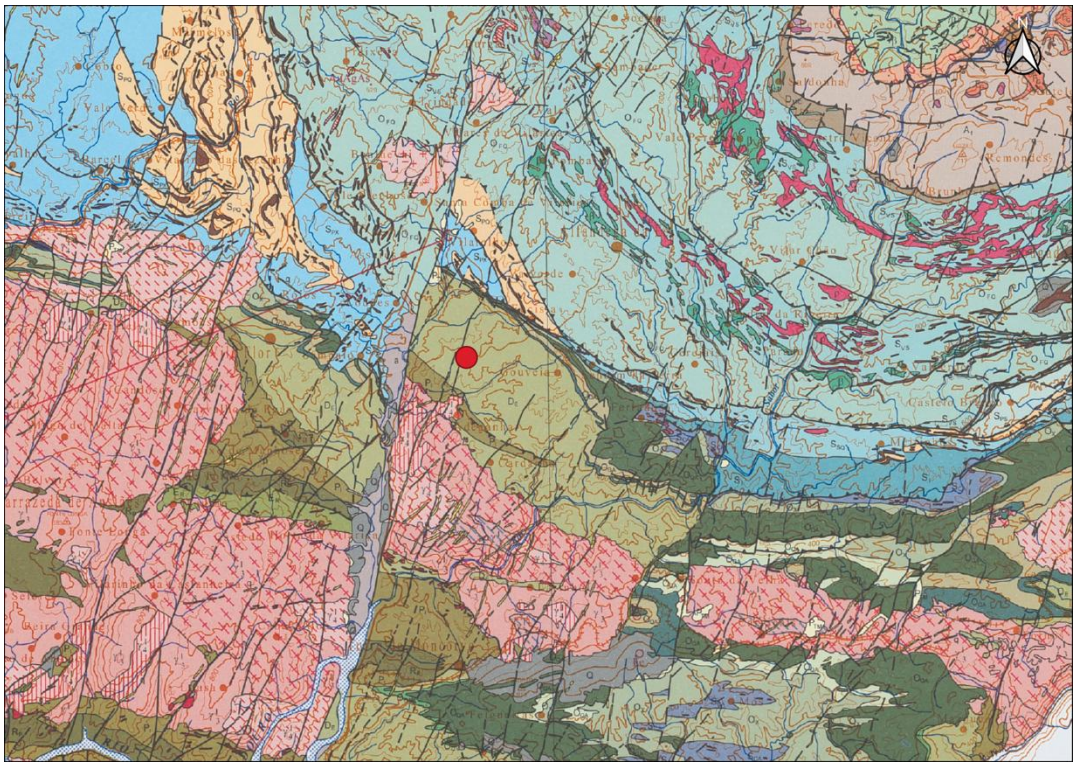


Figura 81 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 9.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 82). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 2 metros de altura por 2 metros de largura. As gravuras encontram-se no painel central ocupando-o quase na sua totalidade. O painel gravado está a cerca de 1 metro do solo.



Figura 82 - Rocha Favecas 9 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um pequeno painel vertical (Fig. 83). Aí foram identificados sulcos verticais e horizontais, paralelos entre si, feitos através de raspagem. Na parte esquerda do painel, há um motivo, logo abaixo de uma linha curva, que pode corresponder a um reticulado com linha superior curva, também por raspagem. Apenas foram efetuados quatro pontos: dois centrais e outros dois na parte direita do painel. As técnicas de gravação são a raspagem, esta em maior quantidade, e a picotagem.



Figura 83 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 9. Em baixo: linhas raspadas a amarelo e quatro pequenos picotados a vermelho. Dentro do quadrado parece estar uma ponta de lança. A seta branca indica um possível reticulado com linha superior curva. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(10) Favecas 10

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30073 N; Longitude: -7.03878 O; Altitude: 397 m.

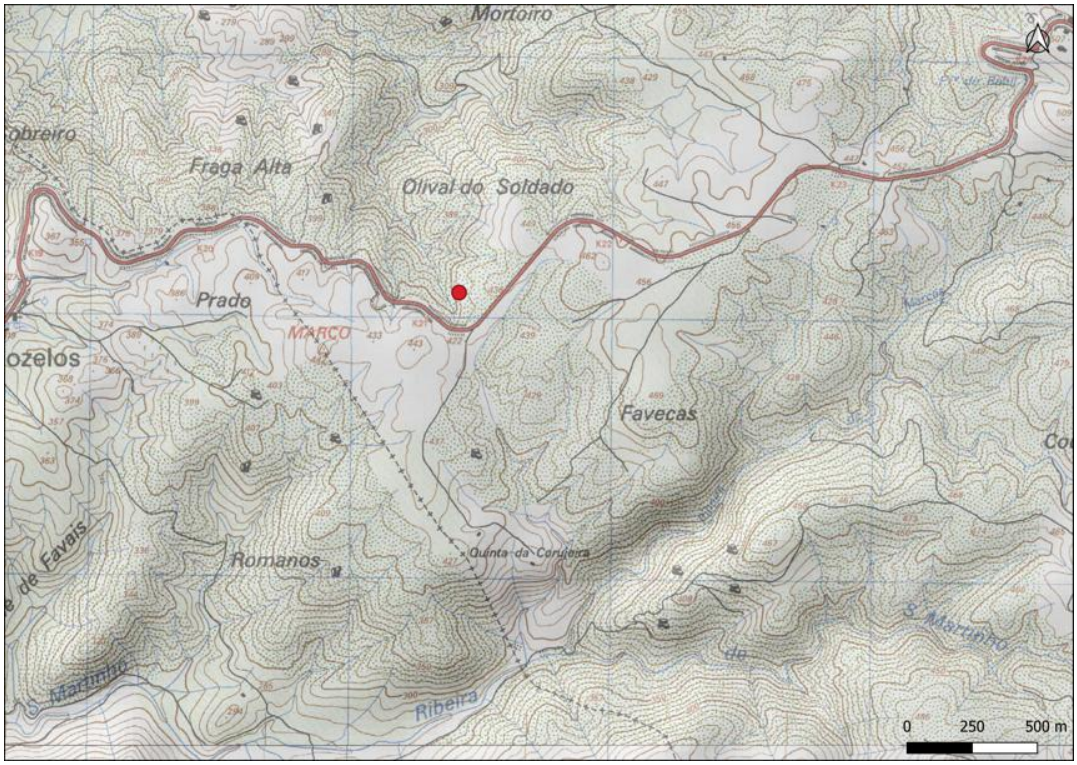


Figura 84 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 10.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 10, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes.

Onde está implantada a rocha Favecas 10, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 85) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

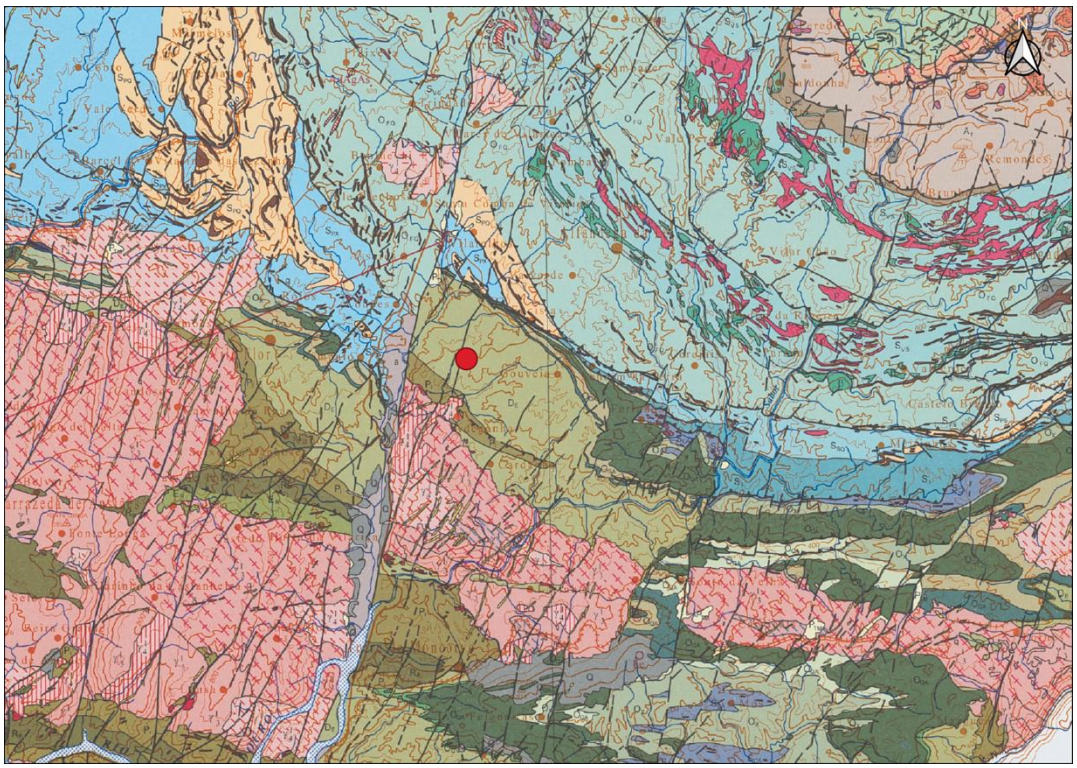


Figura 85 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 10.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e

Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 86). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 1 metro de altura por 1 metro de largura. As gravuras encontram-se no painel da esquerda ocupando a parte superior do mesmo. Este encontra-se a cerca de 50 cm do solo.



Figura 86 - Rocha Favecas 10 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados dividem-se em dois grupos distintos (Fig. 87). O conjunto do lado esquerdo caracteriza-se pela presença de sulcos verticais, horizontais e oblíquos, alguns paralelos entre si. O grupo da esquerda é onde há maior presença de traços, embora de difícil compreensão. O da direita, com menos traços gravados, apenas tem algumas linhas onduladas. Estes motivos são difíceis de interpretar, talvez aleatórios e eventualmente provocados por populações históricas. A técnica utilizada foi a raspagem.



Figura 87 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 10. Em baixo: linhas raspadas a amarelo, formando dois grupos de gravuras. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(11) Favecas 11

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Proto-histórica (?).

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30100 N; Longitude: -7.03767 O; Altitude: 408 m.

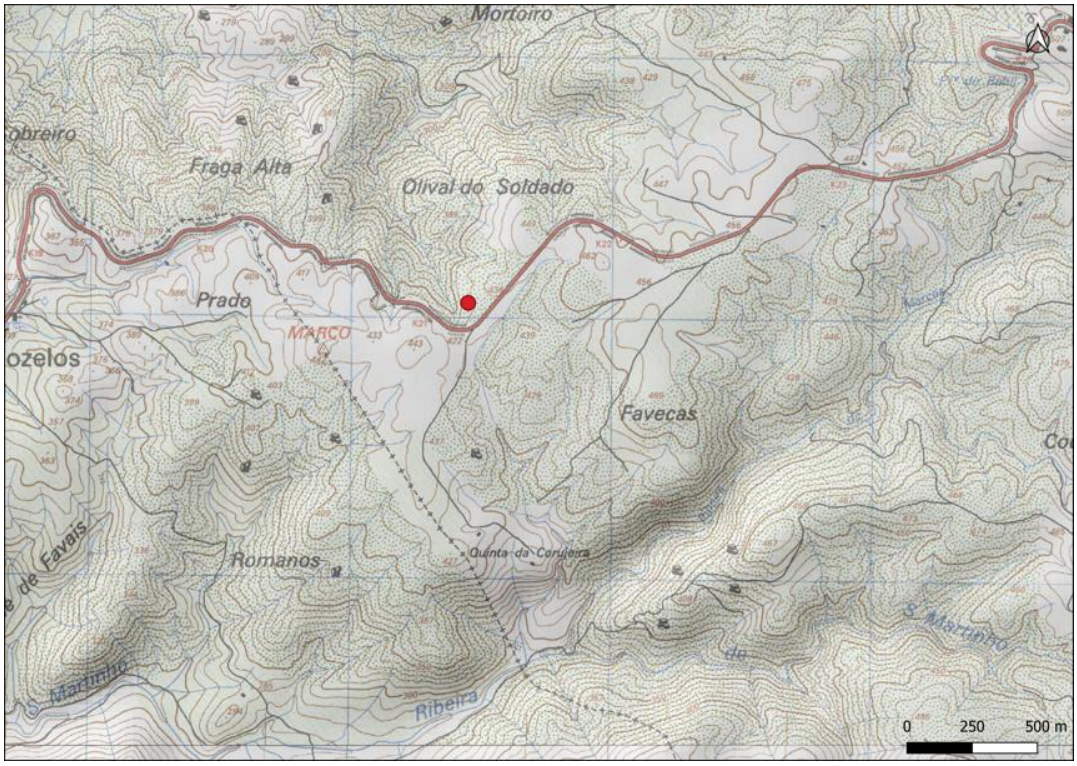


Figura 88 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 11.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 11, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto

cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 11, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 89) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

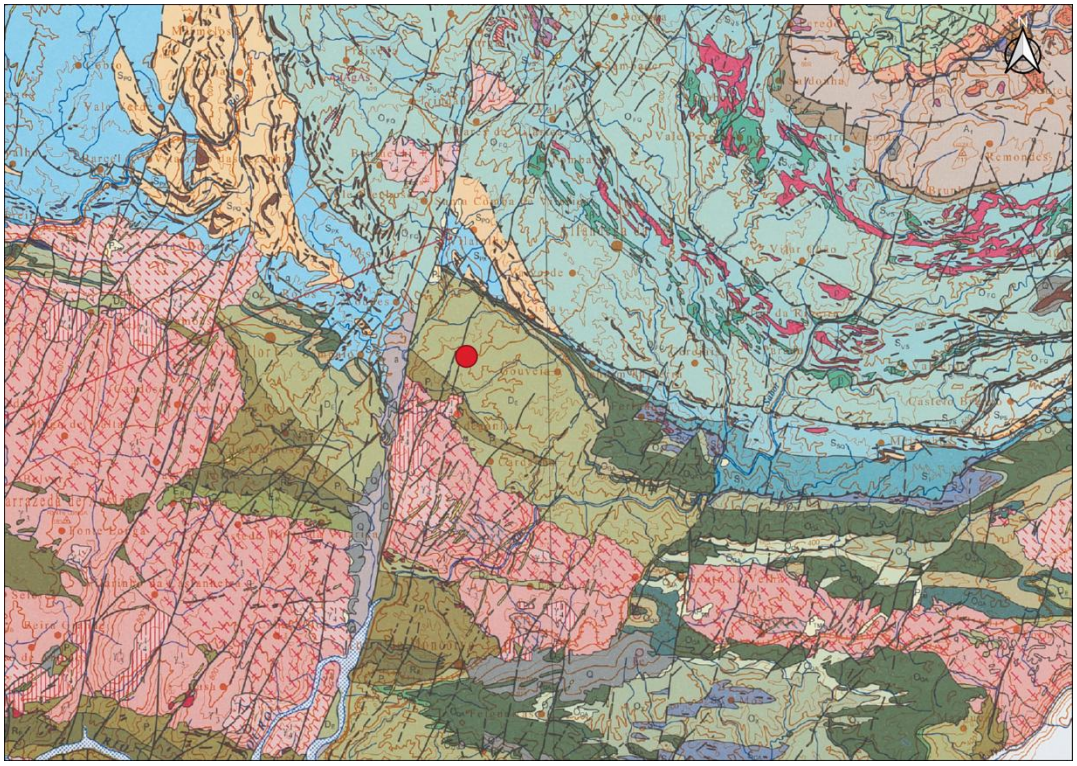


Figura 89 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 11.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 90). Os painéis gravados estão orientados para oeste, bem visíveis na paisagem. A sua dimensão é

de cerca de 1.40 metros de altura por 1.50 metros de largura. As gravuras encontram-se nos dois painéis mais superiores do afloramento. O painel A encontra-se a cerca de 1m do solo e o painel B a cerca de 90 cm.



Figura 90 - Rocha Favecas 11 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados dividem-se em dois painéis. No painel A identificaram-se dois motivos que correspondem a um reticulado, a traços de difícil interpretação (antropomorfos?) e motivos grosseiramente triangulares (Fig. 91). O reticulado encontra-se dentro de um motivo ovalado. É difícil identificar outros motivos, uma vez que existe um "emaranhado" de linhas, algumas delas curvas. O reticulado e os outros motivos, apresentam linhas incisas maiores e com o traço mais "vivo". Motivos muito sobrepostos são frequentes na arte sidérica do Nordeste transmontano como também acontece no Vale da Casa (BAPTISTA, 1982), em Vila Nova de Foz Côa, pelo que se consideram, embora provisoriamente, arte proto-histórica. No painel B, há um motivo com linhas interligadas de variadas orientações e dimensões, mas de difícil compreensão (Fig. 92). A técnica utilizada foi a incisão filiforme.



Figura 91 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: antropomorfo (?), reticulado e linhas curvas e retas. Levantamento sobre fotografia.



Figura 92 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas incisas que se interligam. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(12) Favecas 12

Tipo de sítio: Arte rupestre e ar livre e traços aleatórios?

Cronologia: Proto-histórica (?) e indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30119 N; Longitude: -7.03756 O; Altitude: 421 m.

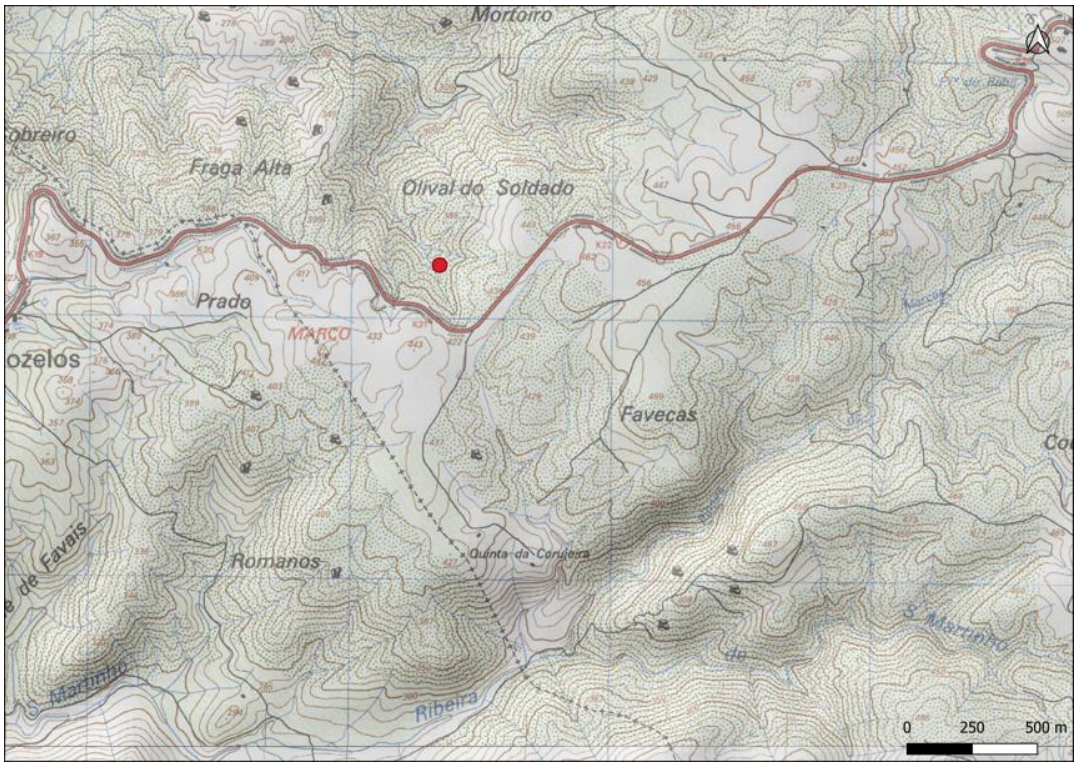


Figura 93 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 12.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 12, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de

Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 12, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 94) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

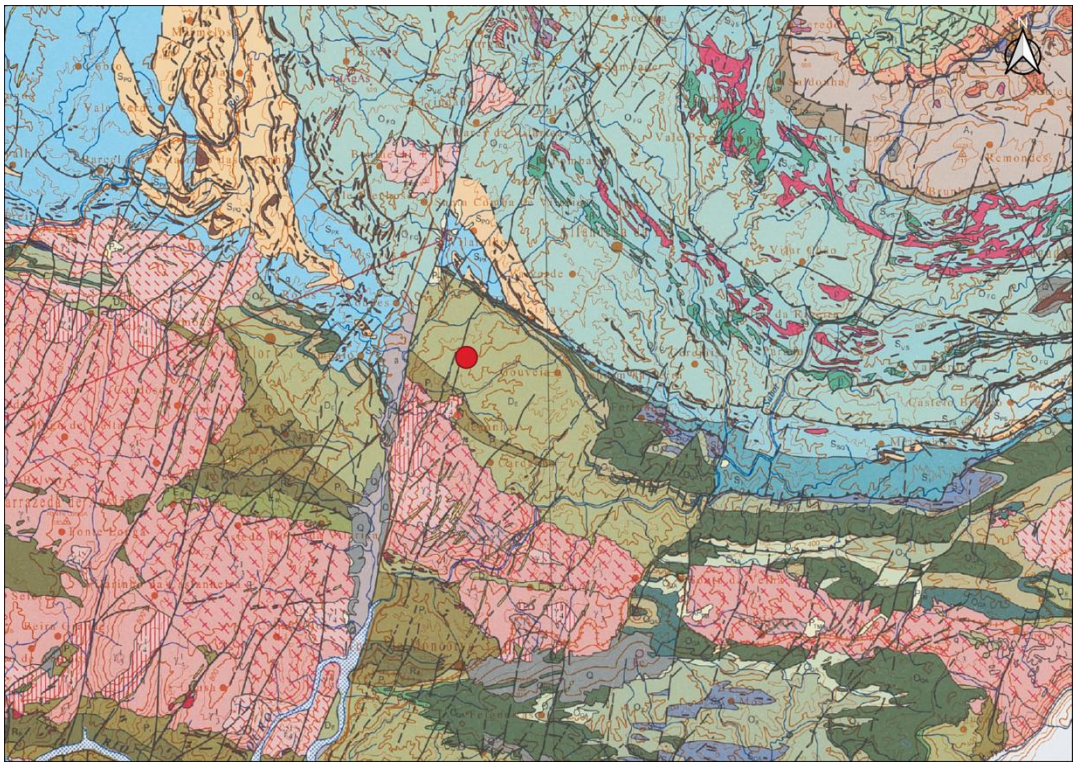


Figura 94 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 12.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subvertical (Fig. 95). O painel A está orientado para noroeste, bem visível na paisagem e o painel B, mais "resguardado", encontra-se orientado para sudoeste. A dimensão do afloramento é de cerca de 1.90 metros de altura

por 1.30 metros de largura. As gravuras encontram-se na parte central do painel A e mais próximo do chão no painel B. O painel A encontra-se a cerca de 70 cm do solo e o painel B a cerca de 30 cm.

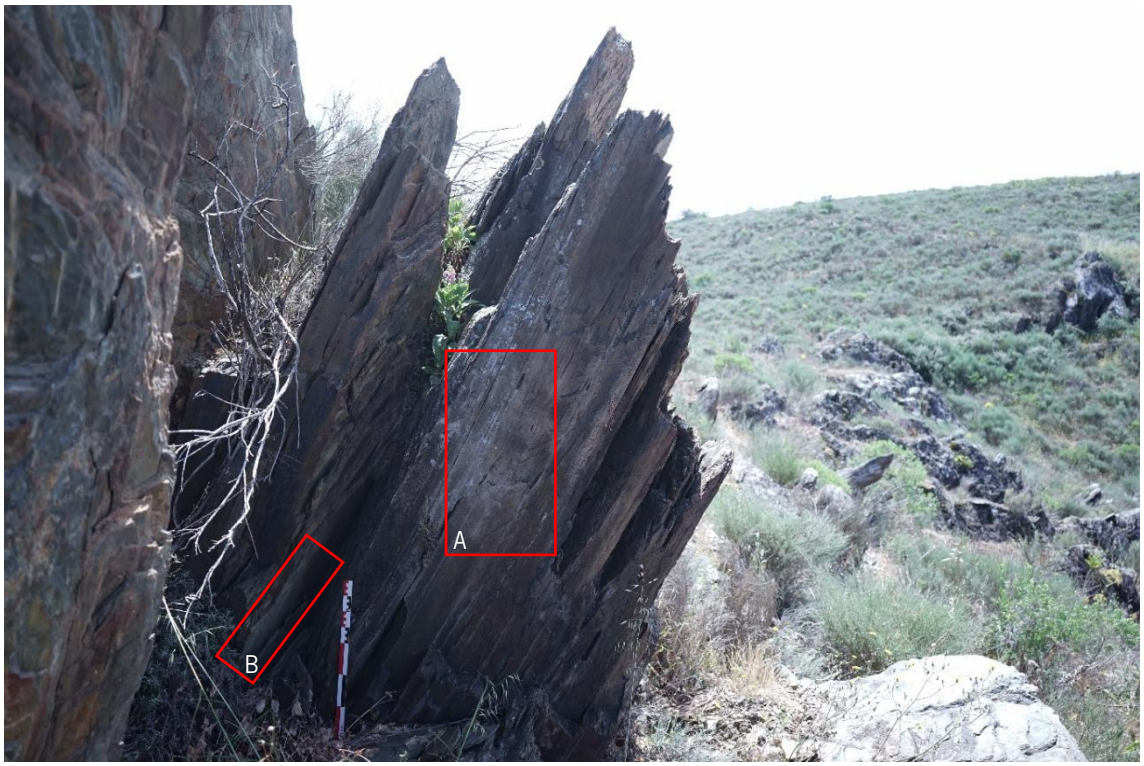


Figura 95 – Favecas 12 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados dividem-se em dois painéis. No painel A identificaram-se linhas incisas filiformes paralelas entre si e algumas entrecruzadas (Fig. 96). No painel B, foram efetuados picotados, seguindo as pequenas fraturas naturais do afloramento, alguns deles parecendo motivos em U (Fig. 97).



Figura 96 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas incisas filiformes paralelas. Levantamento sobre fotografia.

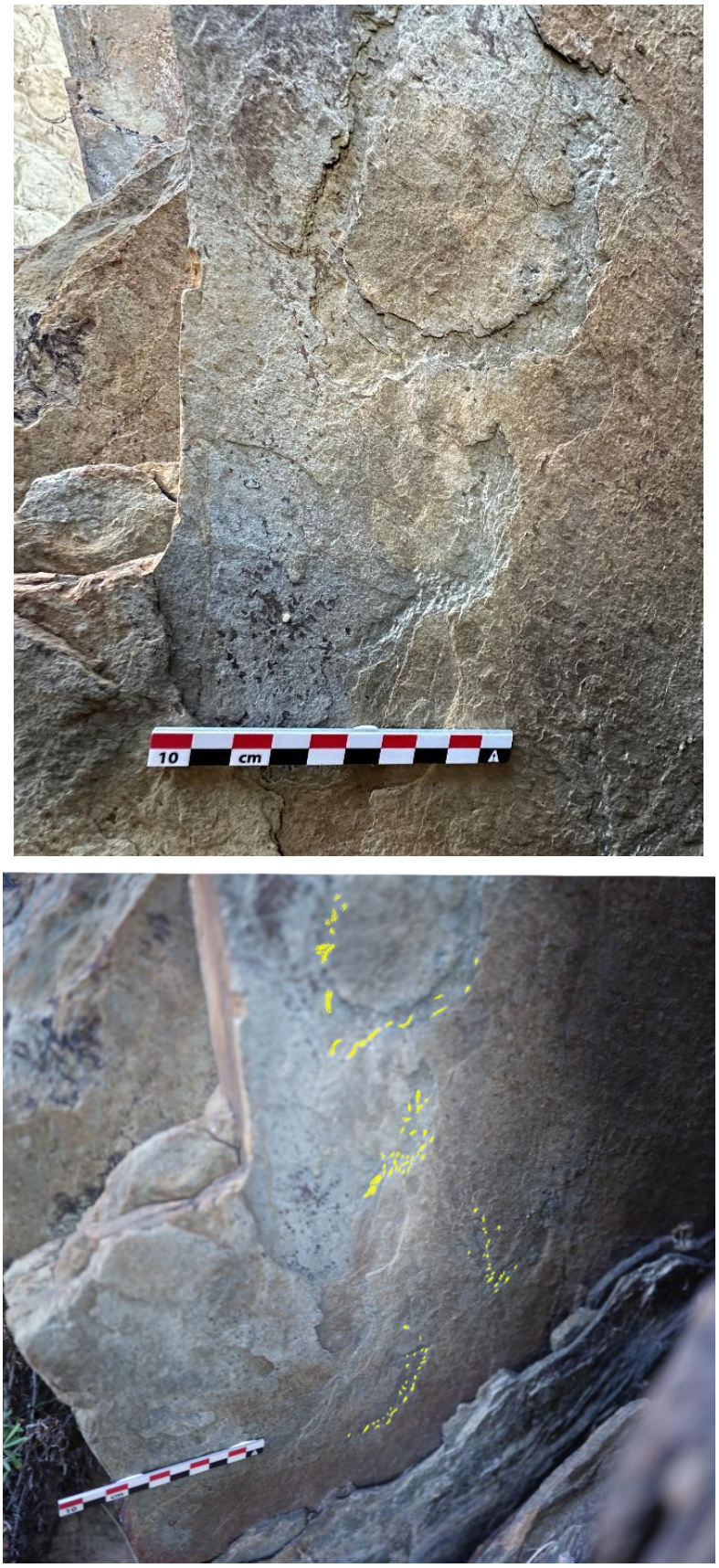


Figura 97 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: picotados nas fraturas naturais do afloramento. Parecem motivos em U, pelo menos o de cima, cuja reprodução do picotado terá saído da sua ordem. Outros estão incompletos ou perturbados por estalamentos. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(13) Favecas 13

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30124 N; Longitude: -7.03751 O; Altitude: 413 m.

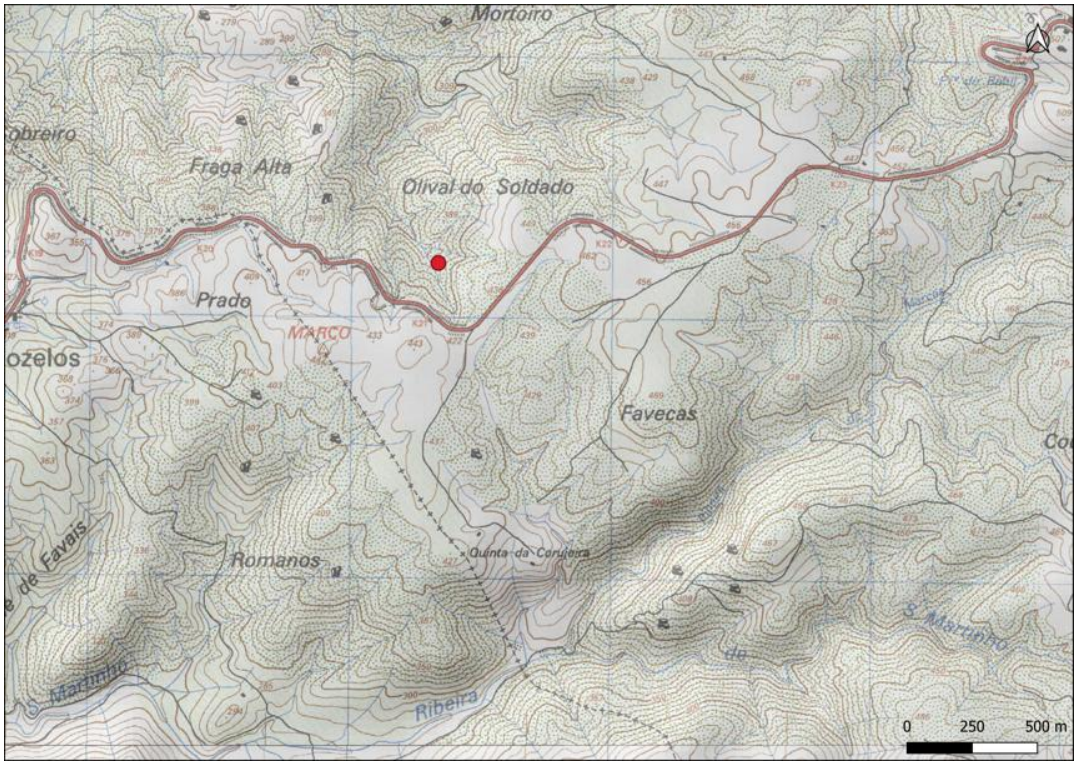


Figura 98 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 13.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha de Favecas 13, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 13, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontra a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 99) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

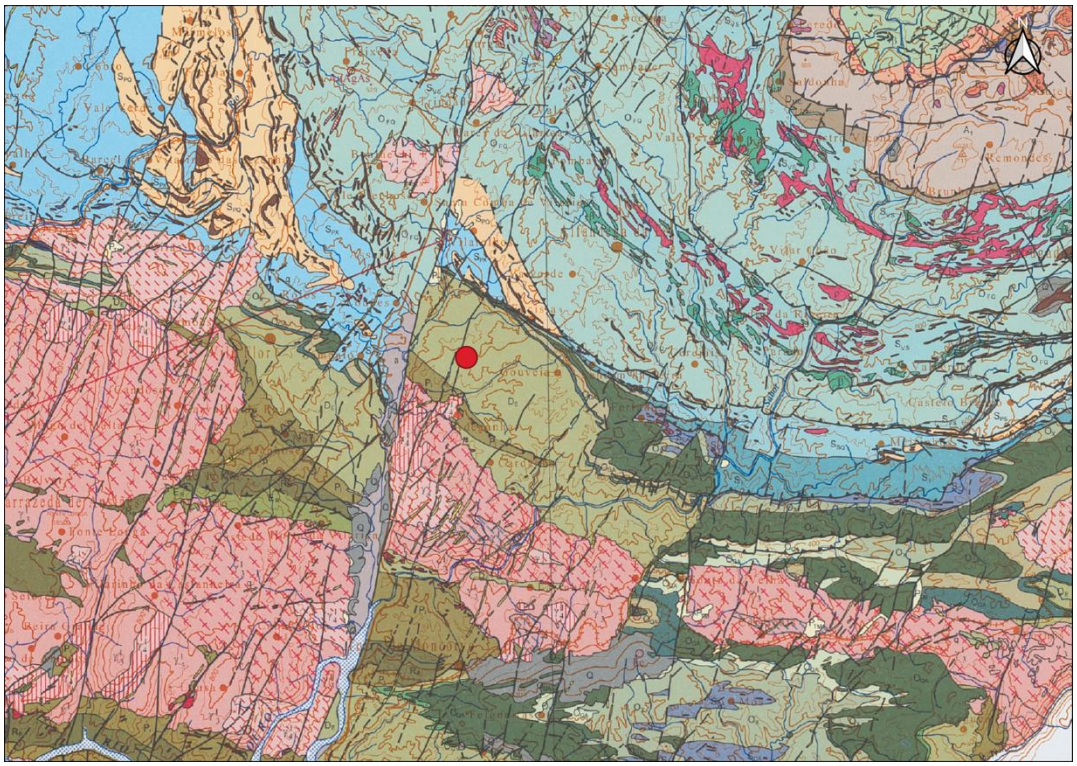


Figura 99 - Excerto da folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 13.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a norte, e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul ficam os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente. Os painéis gravados encontram-se orientados para sudoeste (Fig. 100). Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais. Apresenta painéis de tamanhos variados, embora de pequena dimensão e separados por fraturas naturais. Apenas um destes painéis foi gravado. Trata-se de uma área que corresponde ao canto superior direito do painel principal, ou seja, o maior e com uma cor distinta dos restantes - cinza-escuro. As dimensões da área gravada são de 50 cm de largura por 50 cm de altura máxima, a cerca de 20 cm do solo.



Figura 100 - Favecas 13 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a incisões filiformes em que não se reconhecem motivos precisos (Fig. 101), talvez aleatórios e, eventualmente, efetuados por populações históricas.



Figura 101 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 13. Em baixo: levantamento sobre fotografia onde é possível verificar um possível antropomorfo no centro do painel. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(14) Favecas 14

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30106 N; Longitude: -7.03689 O; Altitude: 416 m.

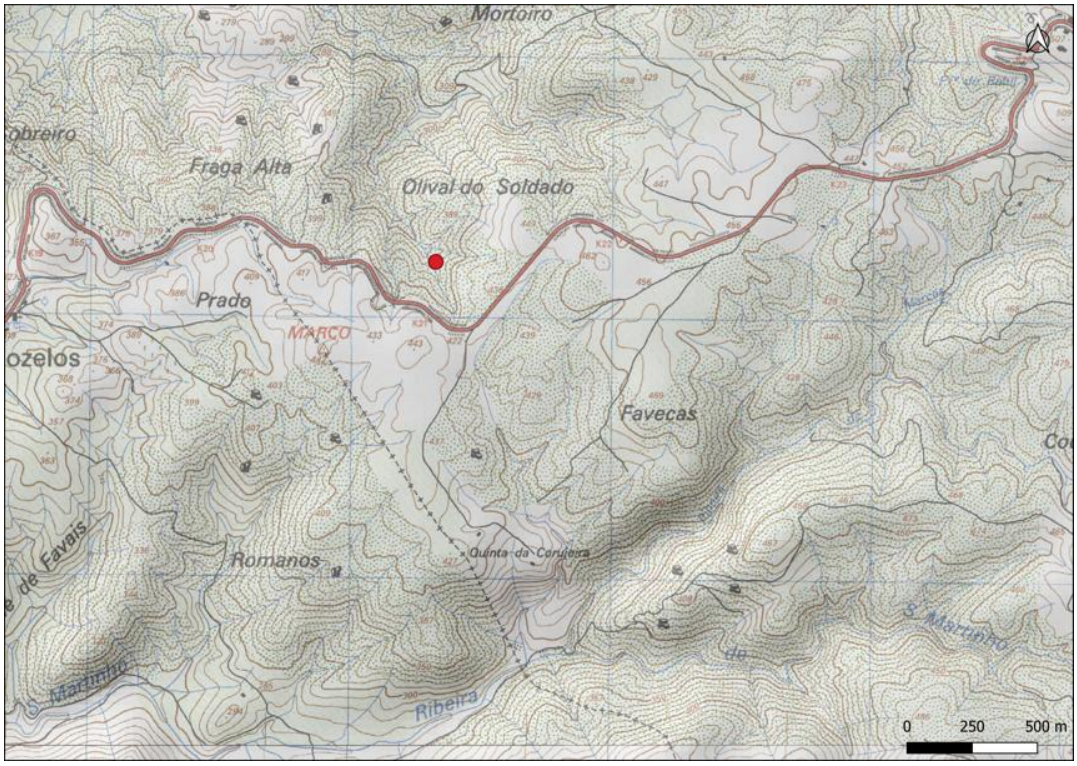


Figura 102 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 14.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 14, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto

cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 14, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 103) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

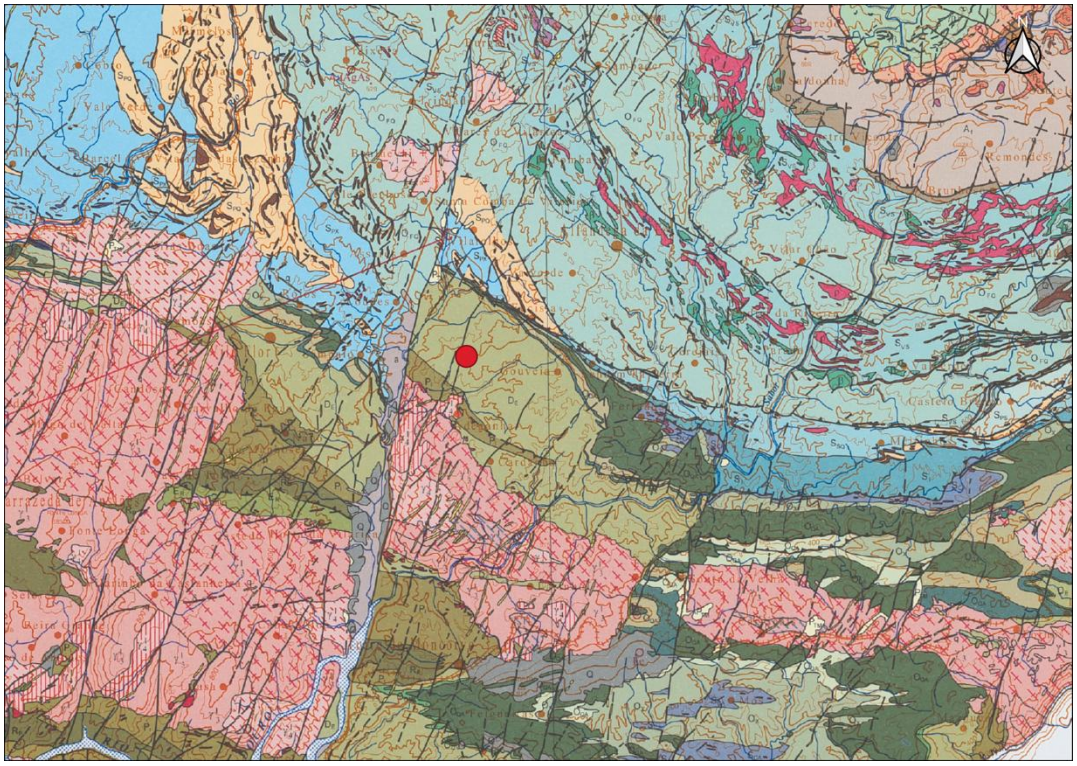


Figura 103 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 14.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 104). Os painéis estão orientados para oeste, bem visíveis na paisagem. A dimensão do afloramento

é de cerca de 1.80 metros de altura por 1.50 metros de largura. Os painéis gravados encontram-se a cerca de 1.50 m do solo.



Figura 104 - Rocha Favecas 14 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados dividem-se em dois painéis. No painel A (Fig. 105) identificaram-se linhas raspadas, paralelas entre si, e algumas entrecruzadas. Existem alguns traços, também raspados, em posição horizontal, mas de visualização menos evidente. Também são visíveis algumas linhas curvas. No painel B (Fig. 106), foram efetuadas linhas incisas filiformes circulares e quatro pequenas linhas com incisão mais marcada, agrupando-se na parte mais inferior do painel. os motivos são difíceis de interpretar, e talvez aleatórios, eventualmente efetuados por populações históricas.

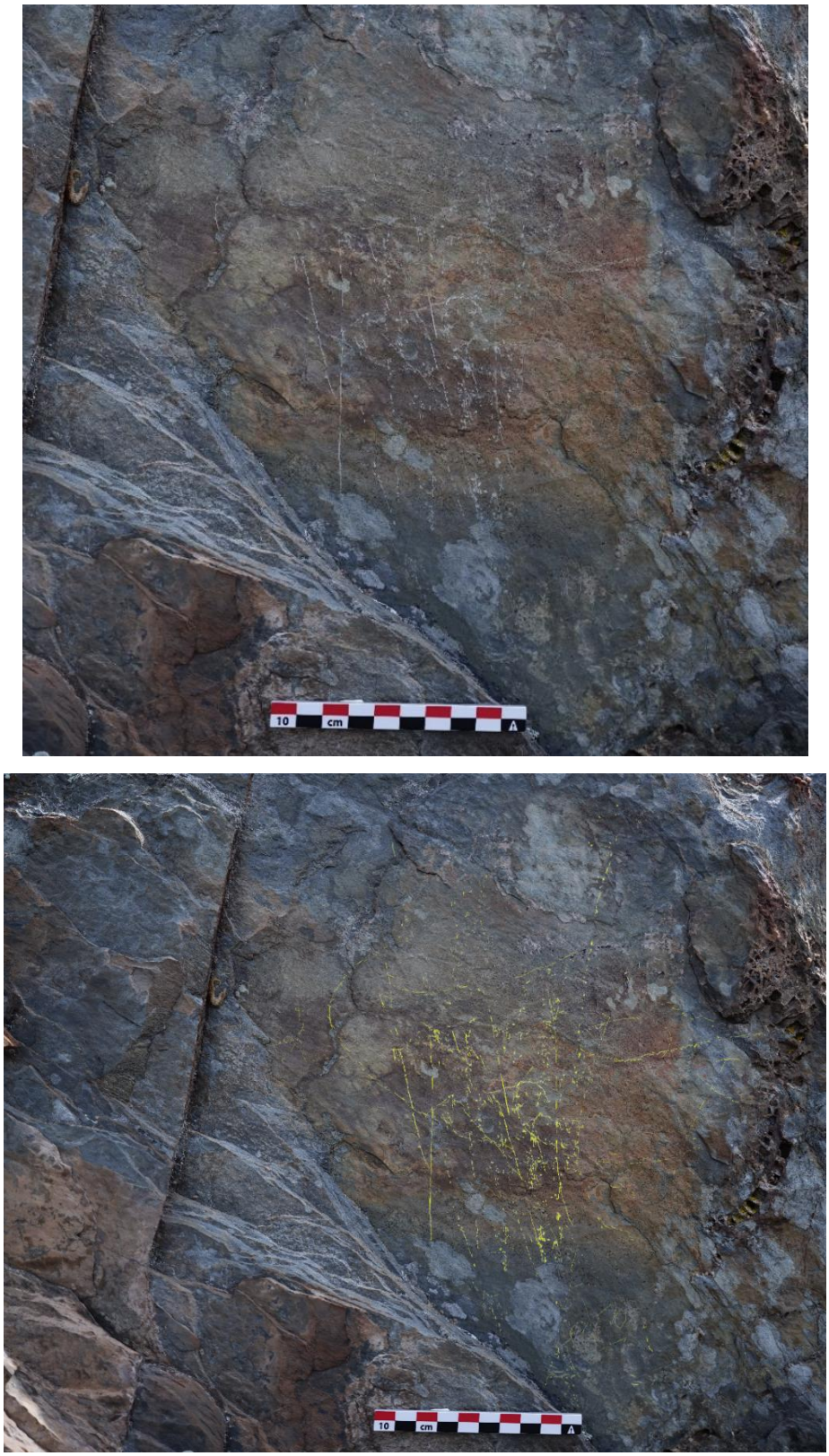


Figura 105 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas raspadas verticais e pequenas áreas raspadas densamente entre estas linhas. Levantamento sobre fotografia.



Figura 106 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas curvas incisas. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(15) Favecas 15

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30114 N; Longitude: -7.03641 O; Altitude: 425 m.

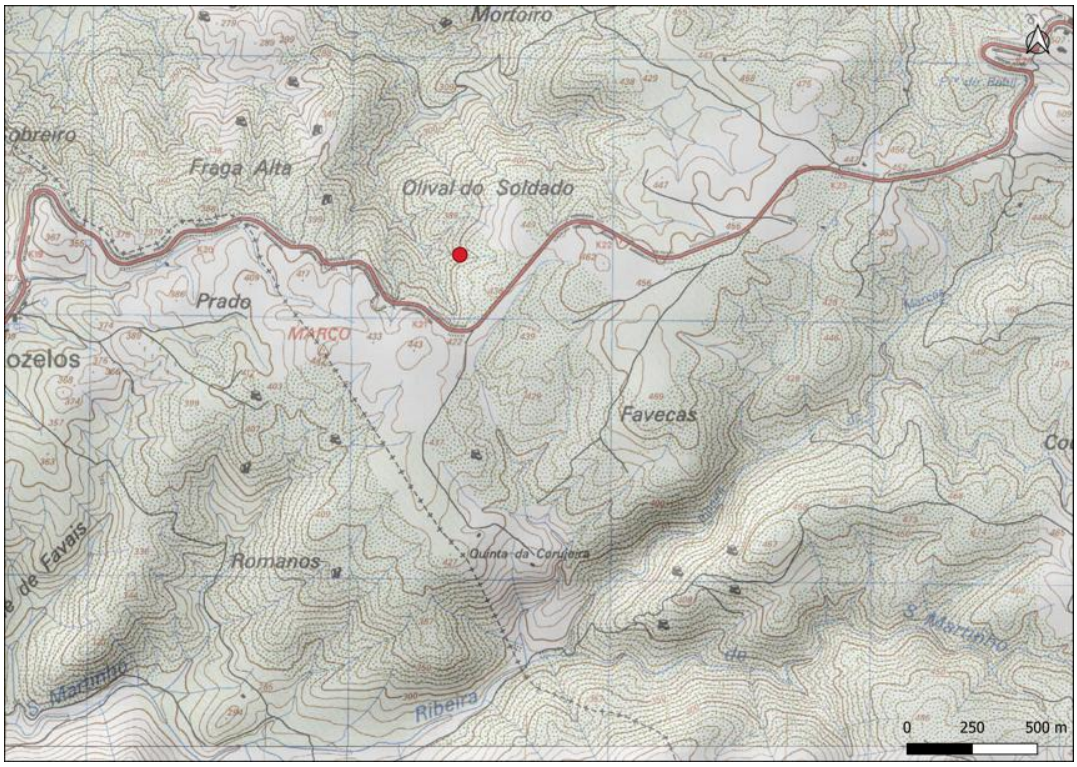


Figura 107 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 15.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 15, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de

Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 15, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 108) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

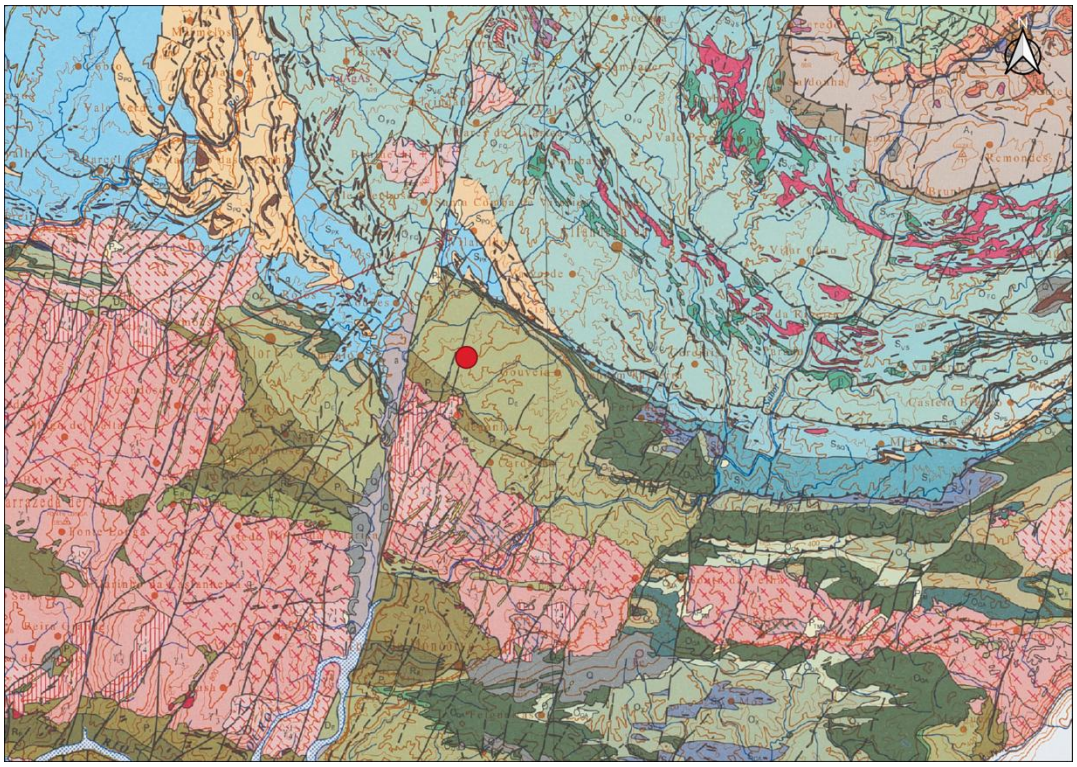


Figura 108 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 15.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 109). O painel gravado está orientado para sudoeste, bem visível na paisagem. A dimensão do

afloramento é de cerca de 1.20 metros de altura por 1.90 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 40 cm do solo.



Figura 109 – Favecas 15 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se num painel. Na parte inferior direita do painel, encontra-se gravado um motivo triangular com linha paralela oblíqua efetuado através da incisão filiforme (Fig. 110) e acima destas, pequenos picotados dispersos (Fig. 111).



Figura 110 – Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 15. Em baixo: motivo triangular. Levantamento sobre fotografia.

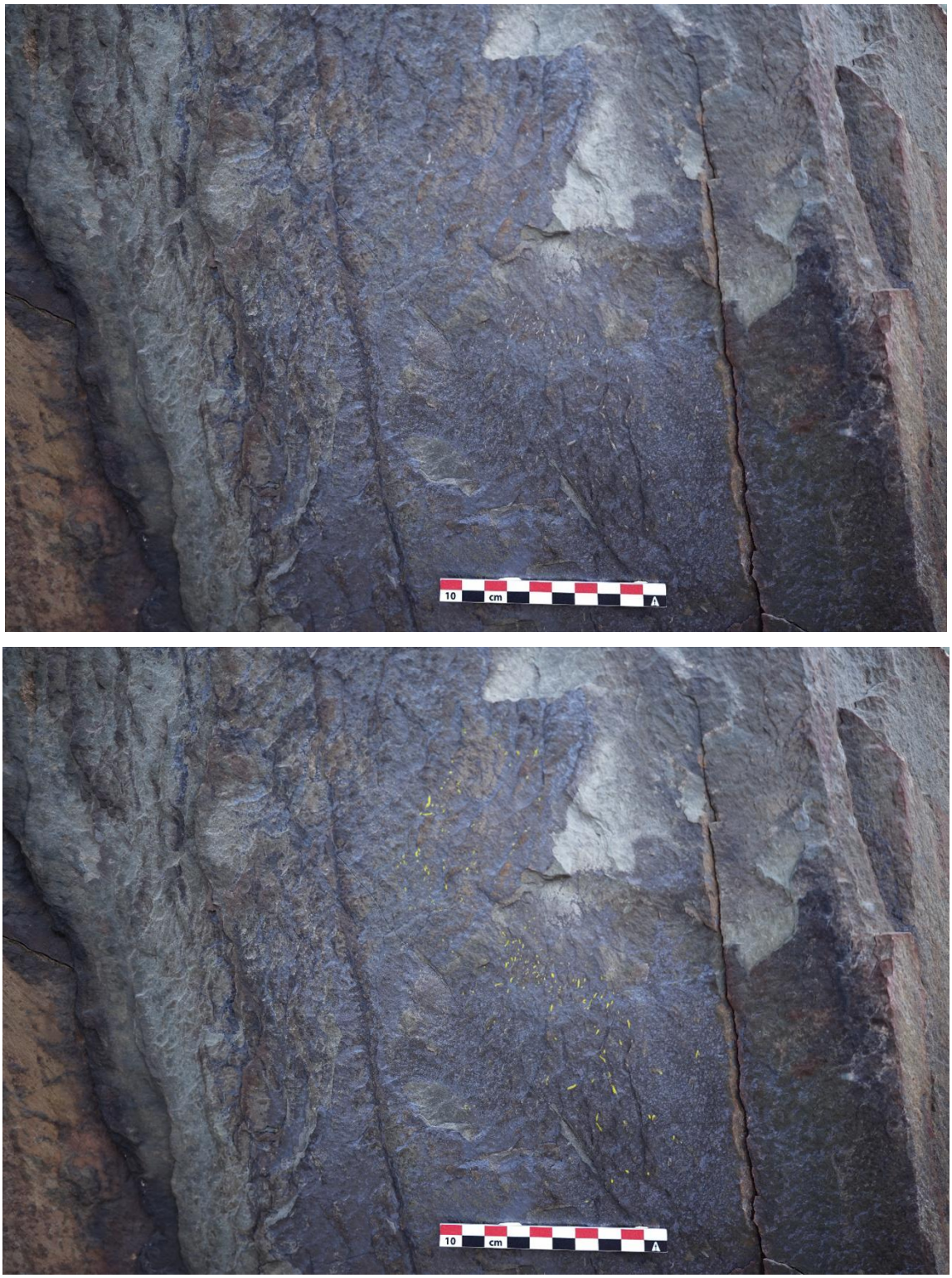


Figura 111 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 15. Em baixo: picotados dispersos longitudinalmente. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(16) Favecas 16

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29875 N; Longitude: -7.03465 O; Altitude: 432 m.

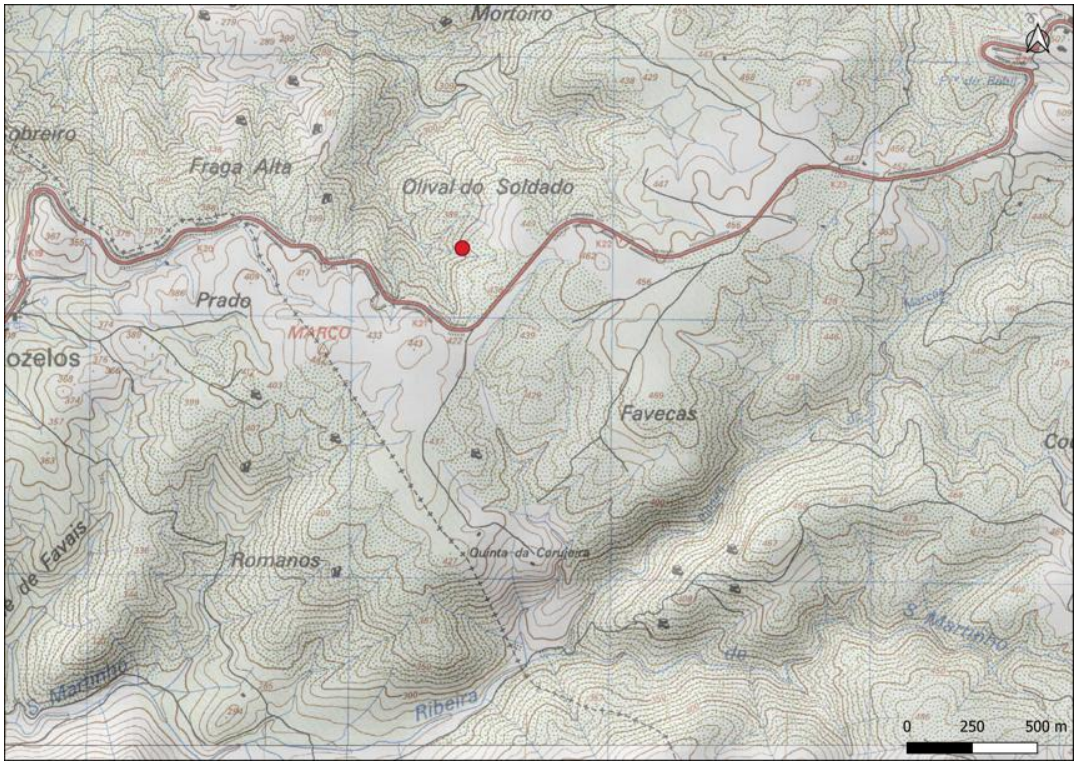


Figura 112 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 16.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 16, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto

cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 16, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 113) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

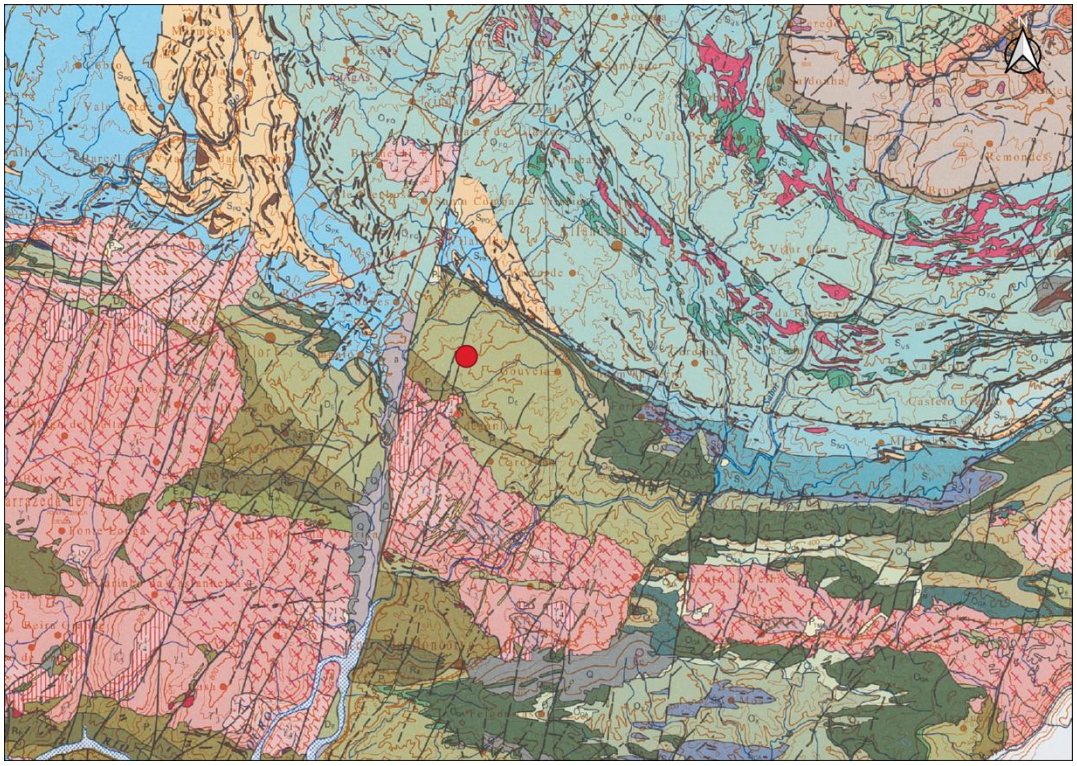


Figura 113 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 16.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 114). O painel gravado está orientado para sudoeste, bem visível na paisagem. A dimensão do

afloramento é de cerca de 1 metro de altura por 1.20 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 60 cm do solo.

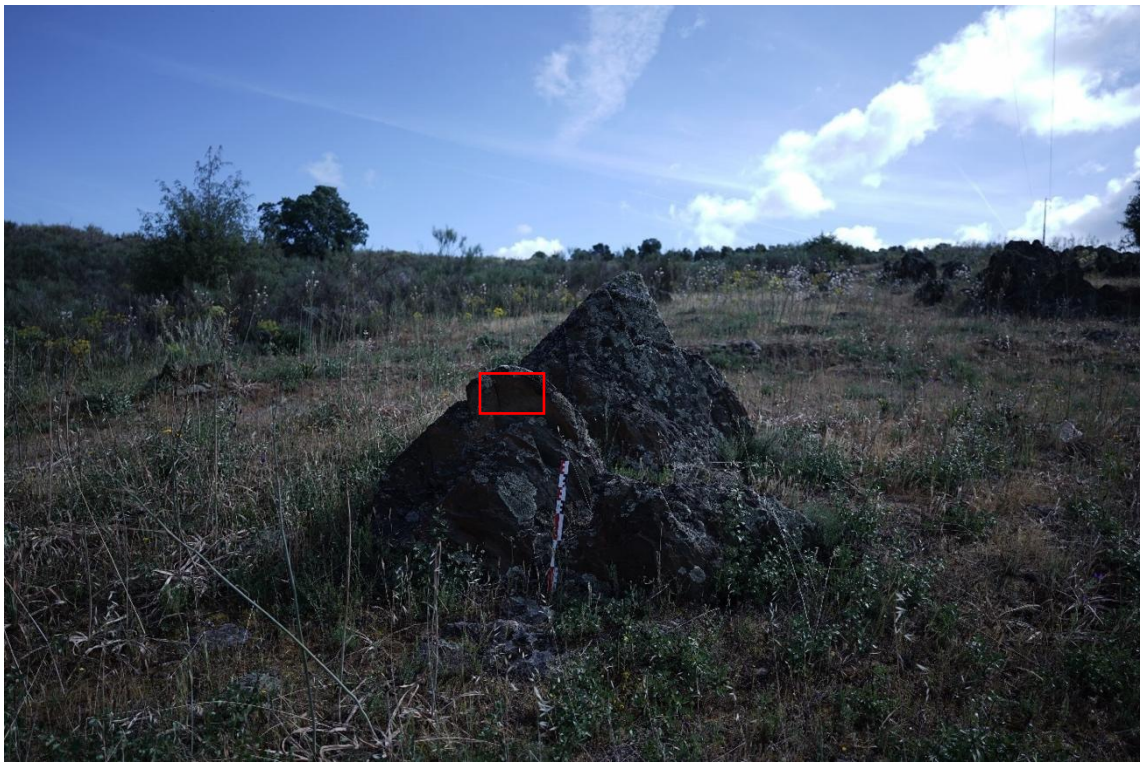


Figura 114 - Rocha Favecas 16 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se num painel (Fig. 115). Identificou-se um cruciforme acompanhado de pequenas linhas dispersas na lateral direita. Também foram identificados pequenos picotados. Os motivos são difíceis de interpretar, e talvez sejam aleatórios, eventualmente efetuados por populações históricas. A técnica utilizada foi a raspagem.

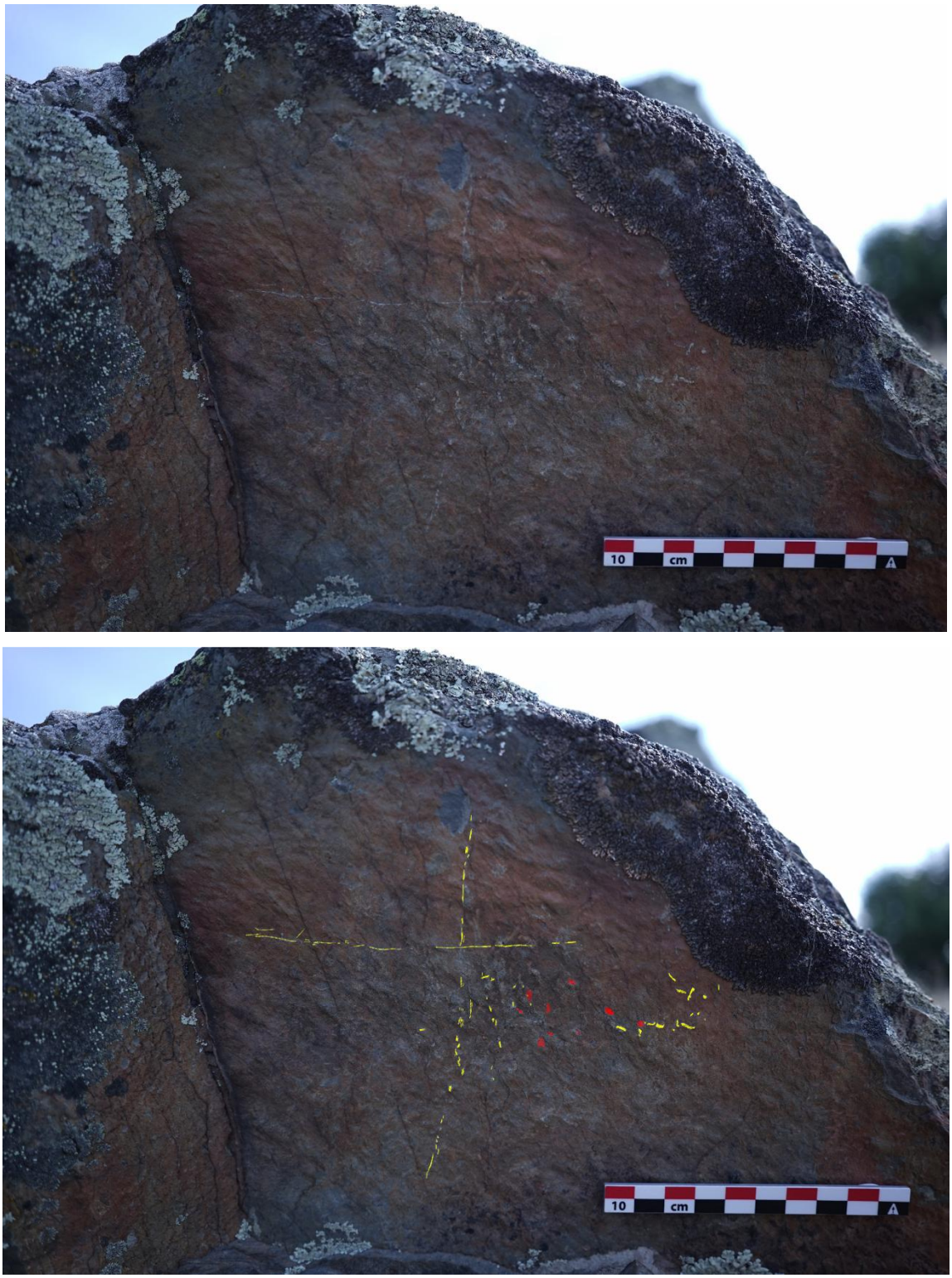


Figura 115 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 16. Em baixo: cruciforme e pequenas linhas raspadas a amarelo e picotados a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(17) Favecas 17

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29624 N; Longitude: -7.03275 O; Altitude: 436 m.

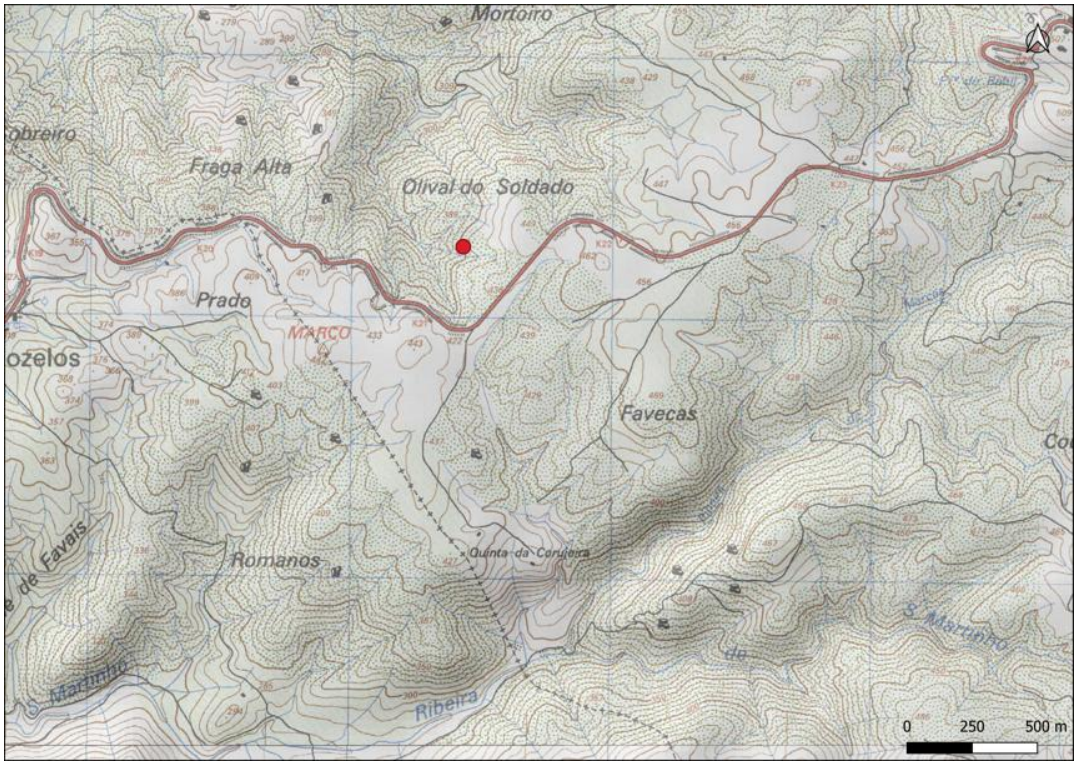


Figura 116 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 17.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 17, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto

cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 17, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 117) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

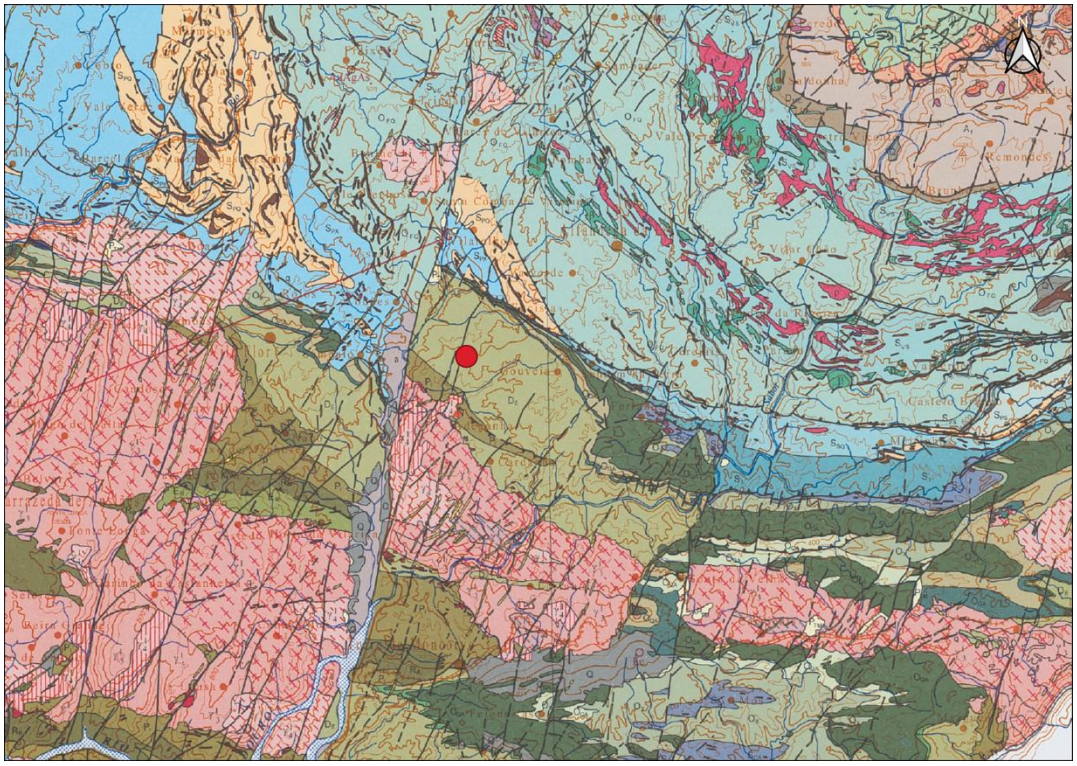


Figura 117 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 17.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 118). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A dimensão do

afloramento é de cerca de 2.20 metros de altura por 3 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 1 metro do solo.



Figura 118 - Rocha Favecas 17 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se num painel (Fig. 119). Identificou-se, ainda que "imperfeito", um reticulado, do lado esquerdo e um outro motivo com linhas paralelas verticais e com apêndice inferior. Entre estes dois motivos, surge uma linha horizontal e, a meio desta, um pequeno motivo que poderá corresponder à parte inferior de um antropomorfo. Os motivos são difíceis de interpretar, e talvez sejam aleatórios, eventualmente efetuados por populações históricas. A técnica utilizada, e aquela predominante, é a incisão filiforme, seguindo-se a raspagem.



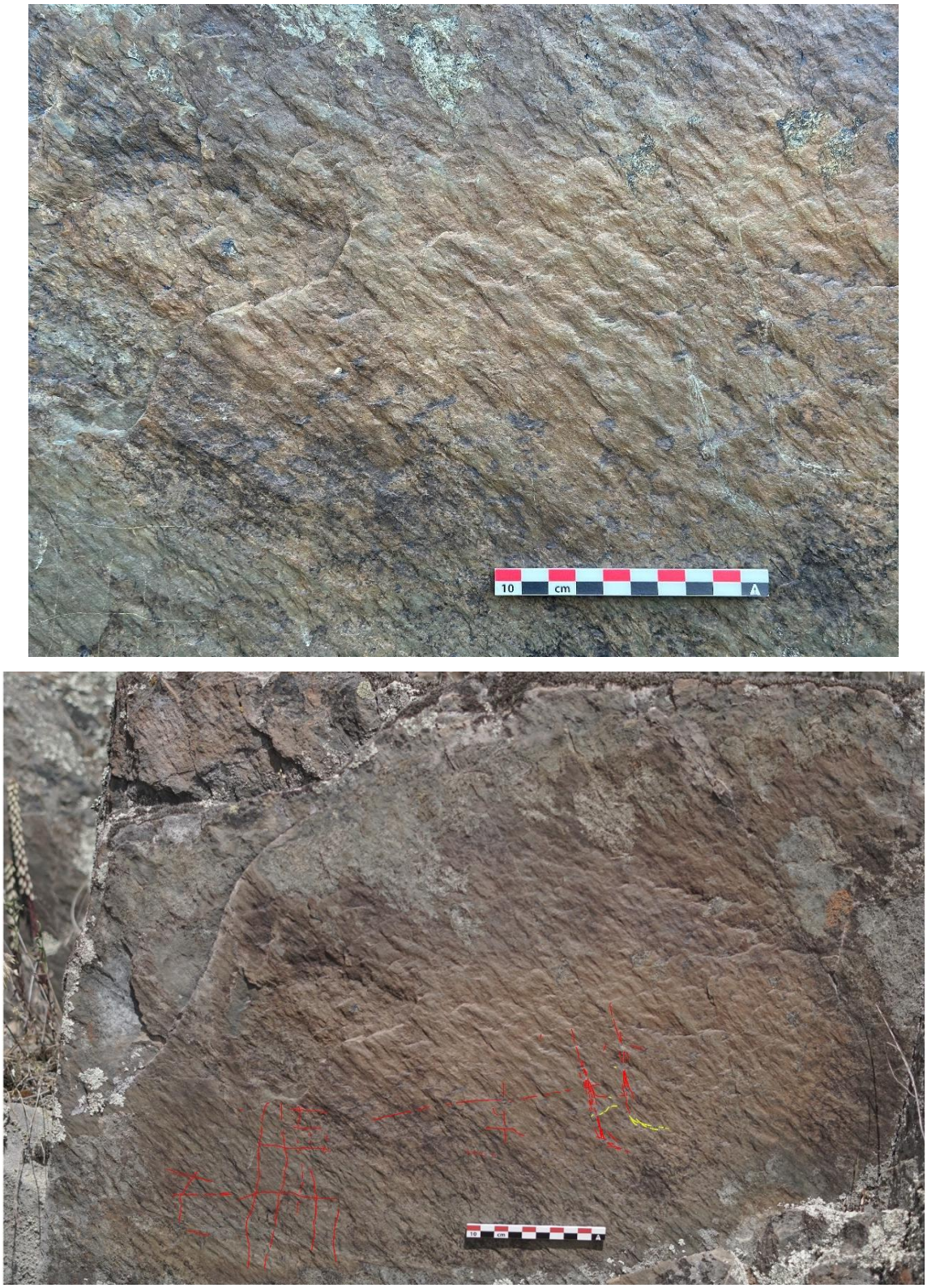


Figura 119 - Em cima: fotogrametria do painel com as gravuras da rocha Favecas 17. Ao centro: pormenor das gravuras. Em baixo: linhas incisas filiformes a vermelho e linhas raspadas a amarelo. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(18) Favecas 18

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29622 N; Longitude: -7.03262 O; Altitude: 428 m.

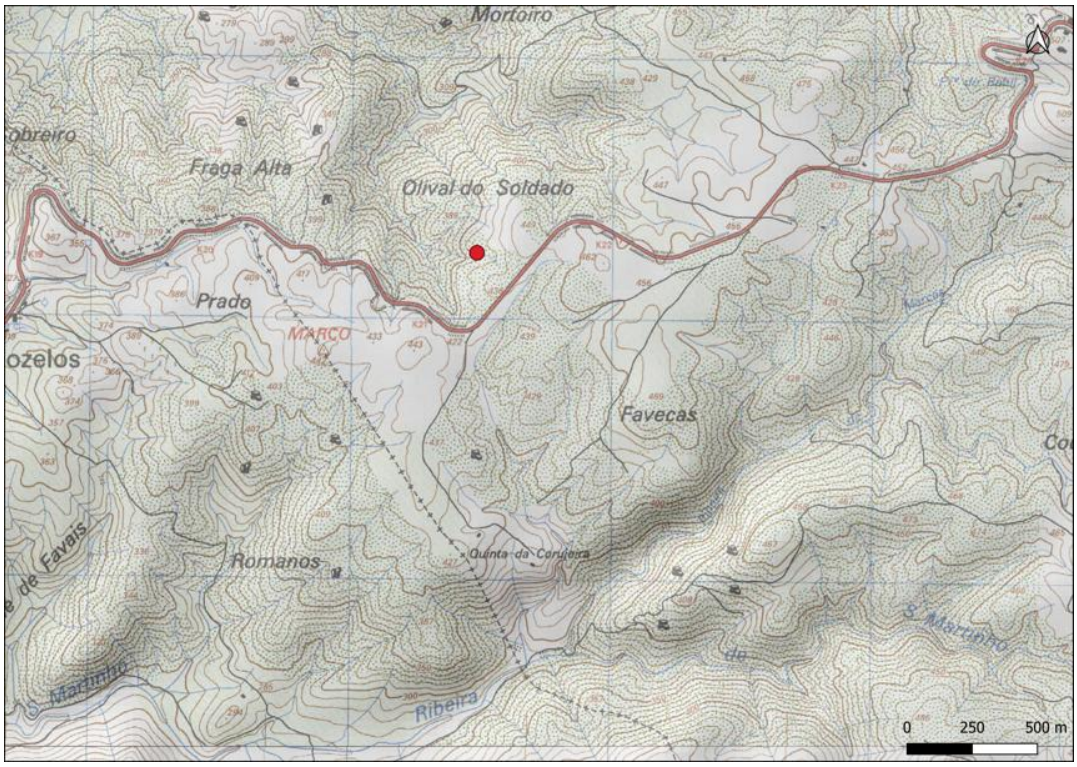


Figura 120 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 18.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 18, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas

devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 18, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontra a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 121) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

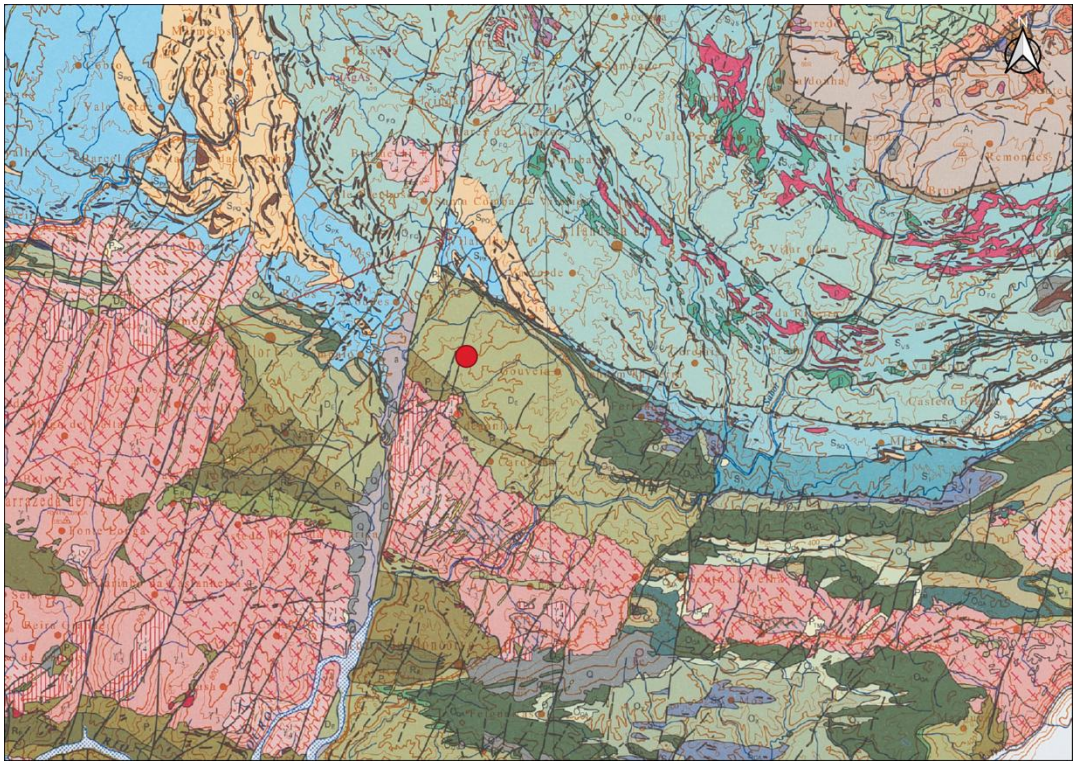


Figura 121 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 18.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 122). O painel gravado encontra-se orientado para sul. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de norte. Apresenta painéis naturais, de tamanhos variados, separados por fraturas. Apenas um destes painéis foi gravado. Este encontra-se numa uma posição inferior, ou seja, próximo do solo. As dimensões desta rocha são de cerca de 5 metros de largura por 1.20 metros de altura máxima. O painel gravado encontra-se a cerca de 40 cm do solo.



Figura 122 - Rocha Favecas 18 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a incisões filiformes, cujos motivos são difíceis de interpretar. No topo do painel existe uma linha curva, menos percetível (Fig. 123).

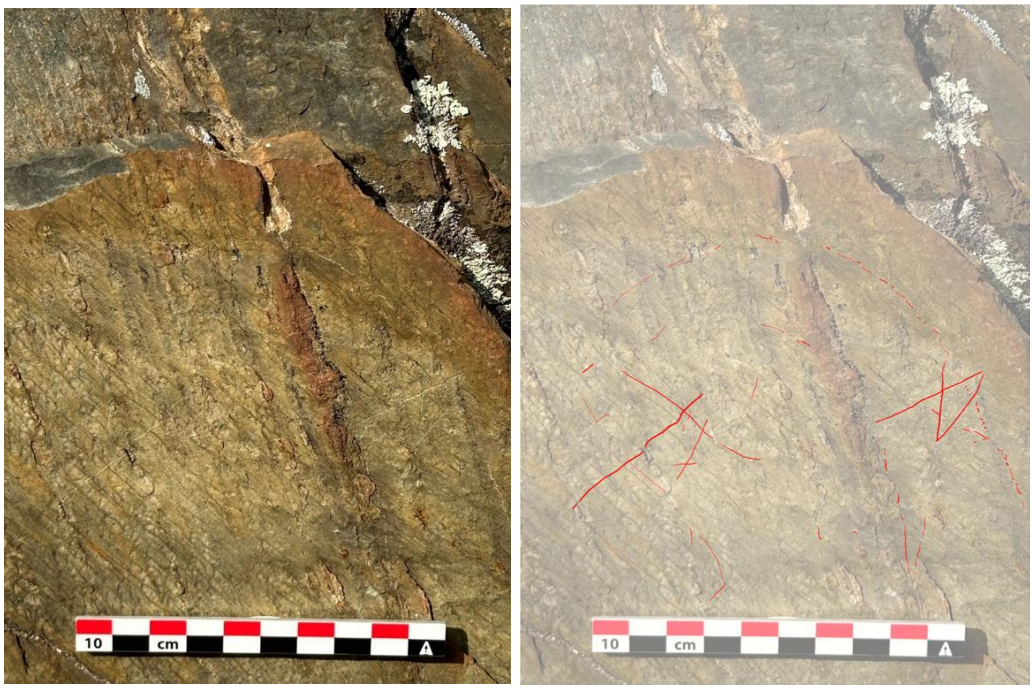


Figura 123 – À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Favecas 18. À direita: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(19) Favecas 19

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29629 N; Longitude: -7.03259 O; Altitude: 428 m.

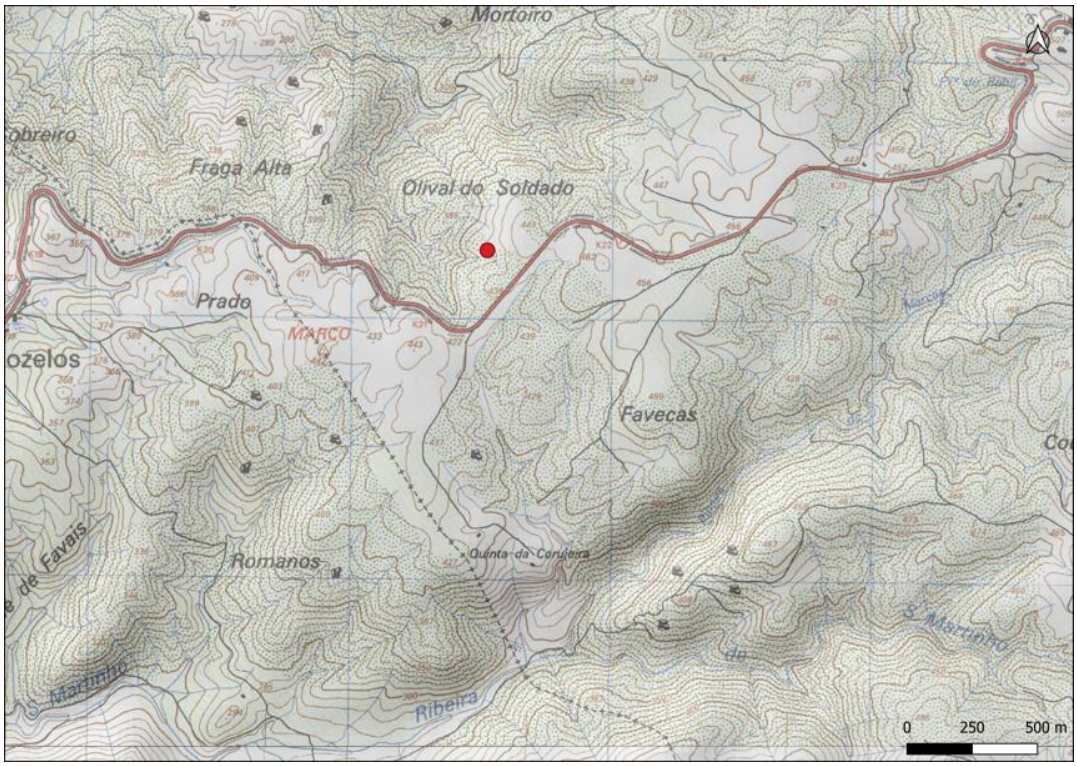


Figura 124 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 19.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 19, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 19, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 125) (PERERIA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

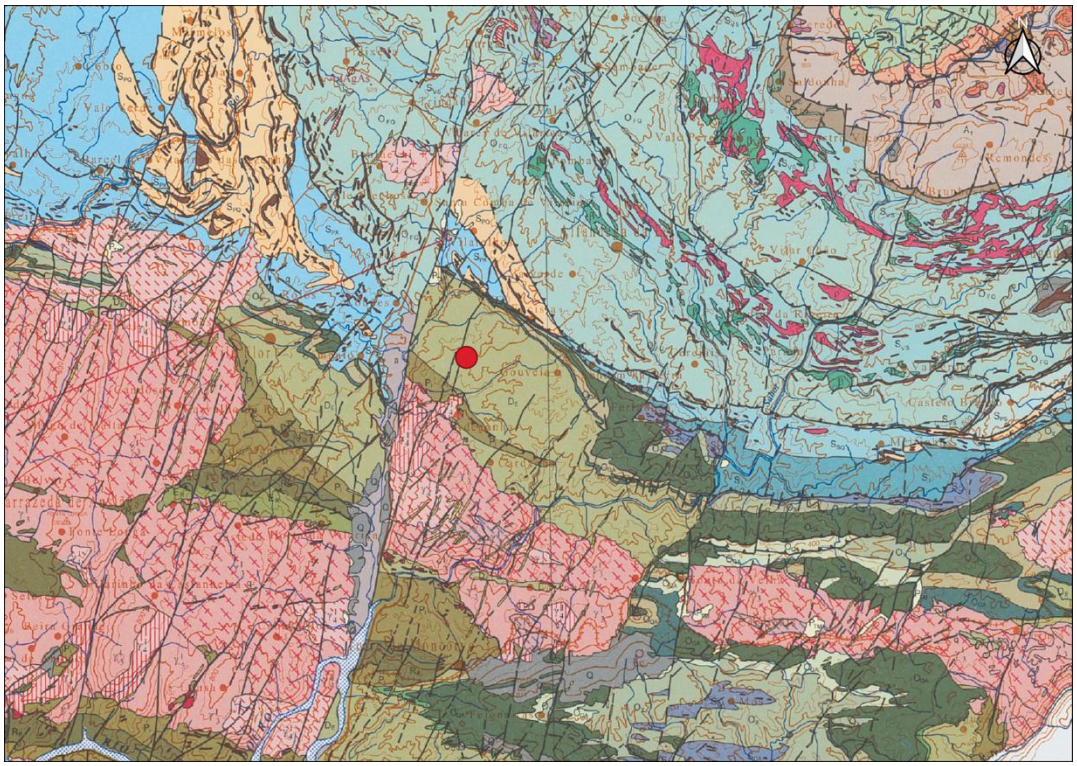


Figura 125 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 19.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 126). Os painéis gravados estão orientados para oeste, bem visíveis na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 1 m de altura por 1.50 m de largura. O painel A encontra-se a cerca de 60 cm do solo e o painel B a cerca de 40 cm.



Figura 126 - Rocha Favecas 19 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se em dois painéis. No painel A estão gravadas linhas raspadas que parecem formar um motivo (Fig. 127). No entanto, este é de difícil entendimento. No painel B, identificaram-se sulcos paralelos raspados, em posição vertical e paralelos entre si (Fig. 128). Estes encontram-se mais juntos, na parte superior, dispersando-se um pouco na parte inferior. Os motivos são difíceis de interpretar, e talvez sejam aleatórios, eventualmente efetuados por populações históricas.



Figura 127 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas raspadas em ziguezague com terminal inferior raiado. Levantamento sobre fotografia.

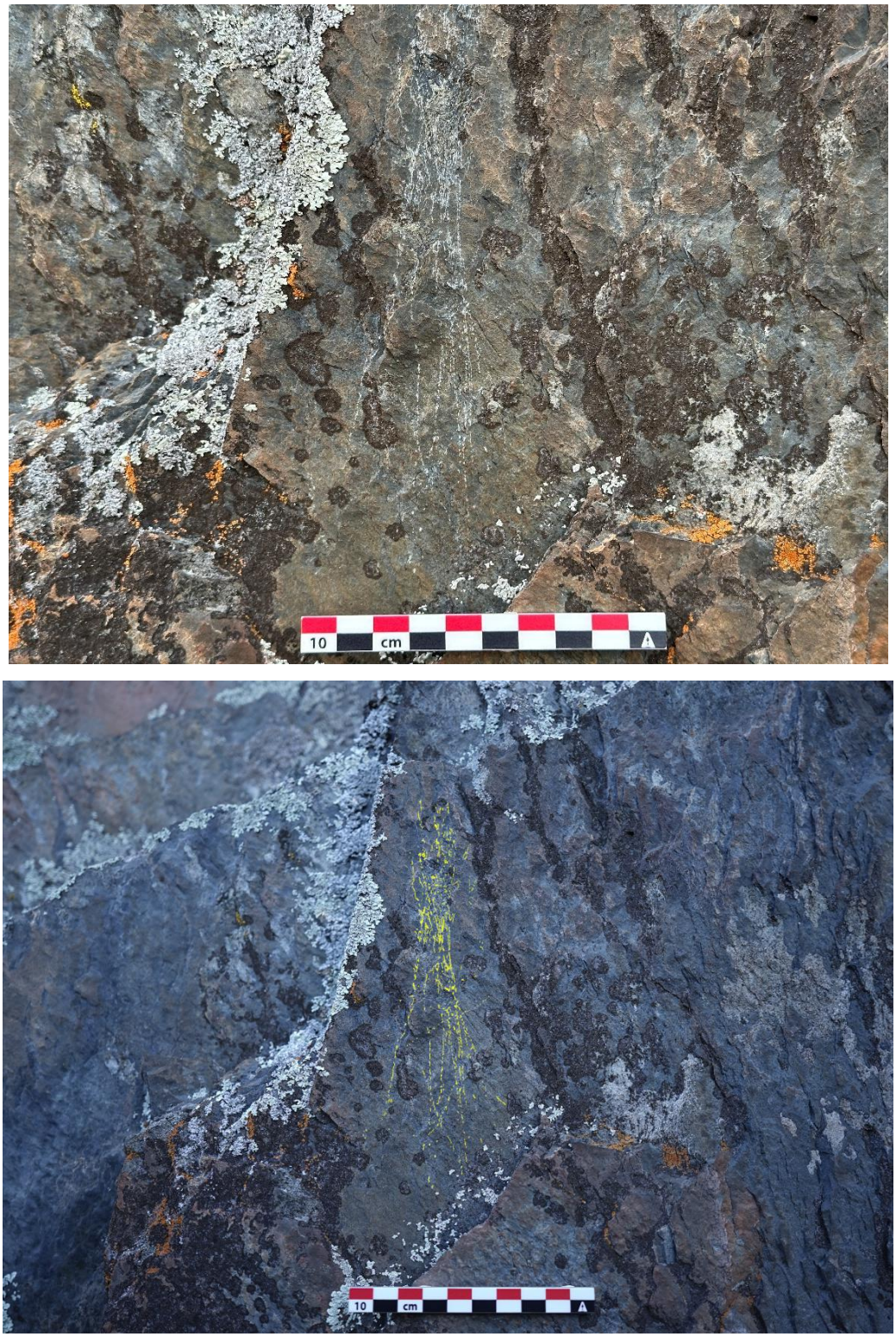


Figura 128 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas raspadas verticais. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(20) Favecas 20

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29652 N; Longitude: -7.03278 O; Altitude: 431 m.

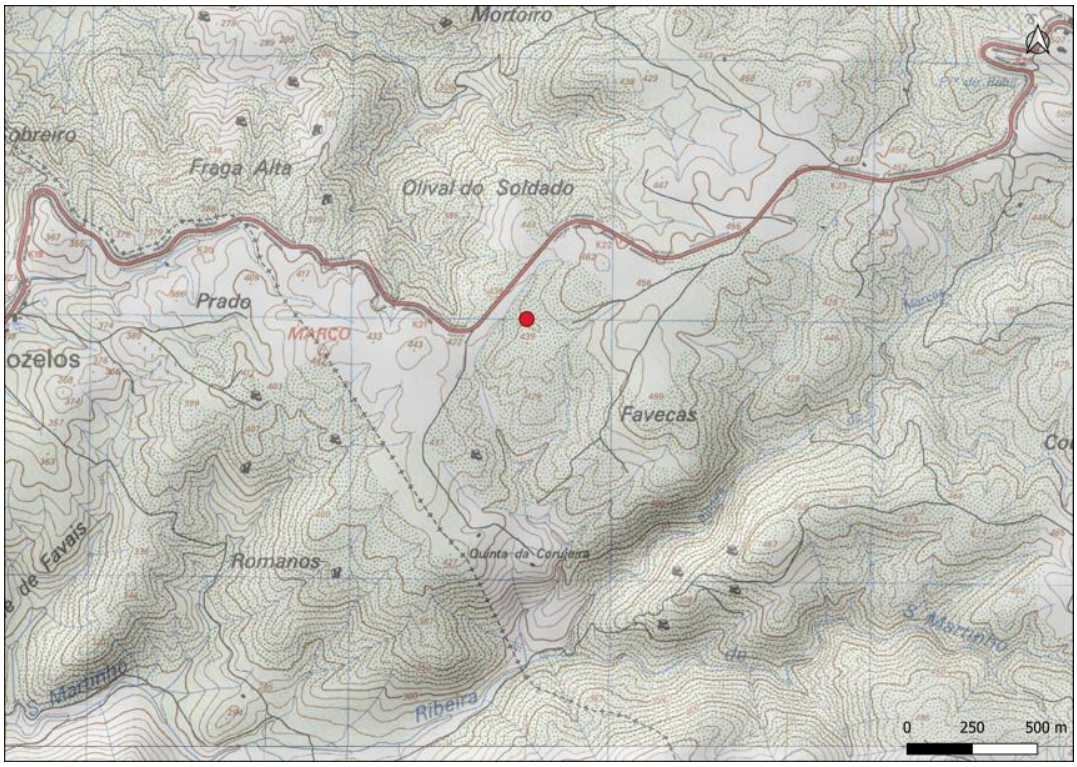


Figura 129 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 20.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 20, a escassos metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se numa vertente suave, na bordadura de um pequeníssimo vale em pleno planalto do Marco, sobranceiro à ribeira de S. Martinho, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua

posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes.

Onde está implantada a rocha Favecas 20, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 130) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

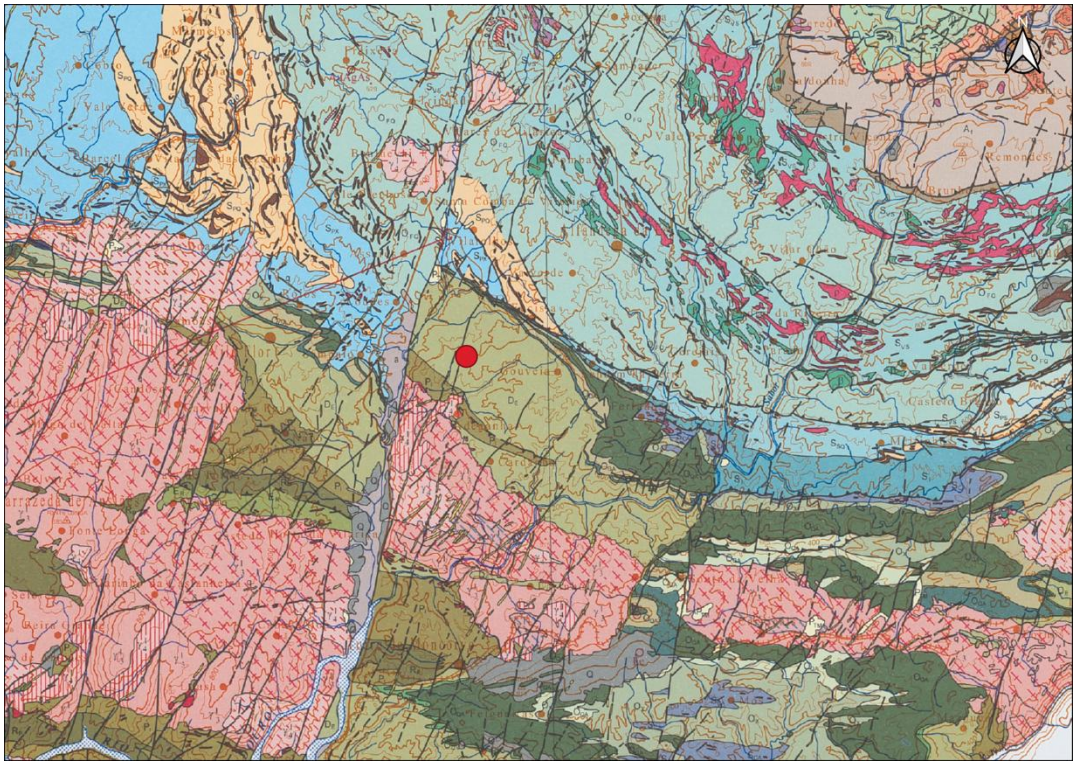


Figura 130 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 20.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 131). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 2 m de altura por 3 m de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 80 cm do solo.



Figura 131 - Rocha Favecas 20 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se num painel com dois grupos de gravuras (Fig. 132). As do grupo da esquerda correspondem a nove sulcos horizontais paralelos entre si e um sulco vertical, entre a linha superior até à sexta. No grupo da direita, mais completo e complexo, surge uma figura quadrangular, sem um dos lados gravado e um motivo que "lembra" um antropomorfo. Apresenta linhas curvas com uma linha vertical, percorrendo a totalidade do motivo. A técnica de gravação utlizada neste painel foi a incisão filiforme.



Figura 132 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 20. Em baixo: linhas incisas filiformes em dois grupos distintos. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(21) Favecas 21

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30160 N; Longitude: -7.03924 O; Altitude: 375 m.

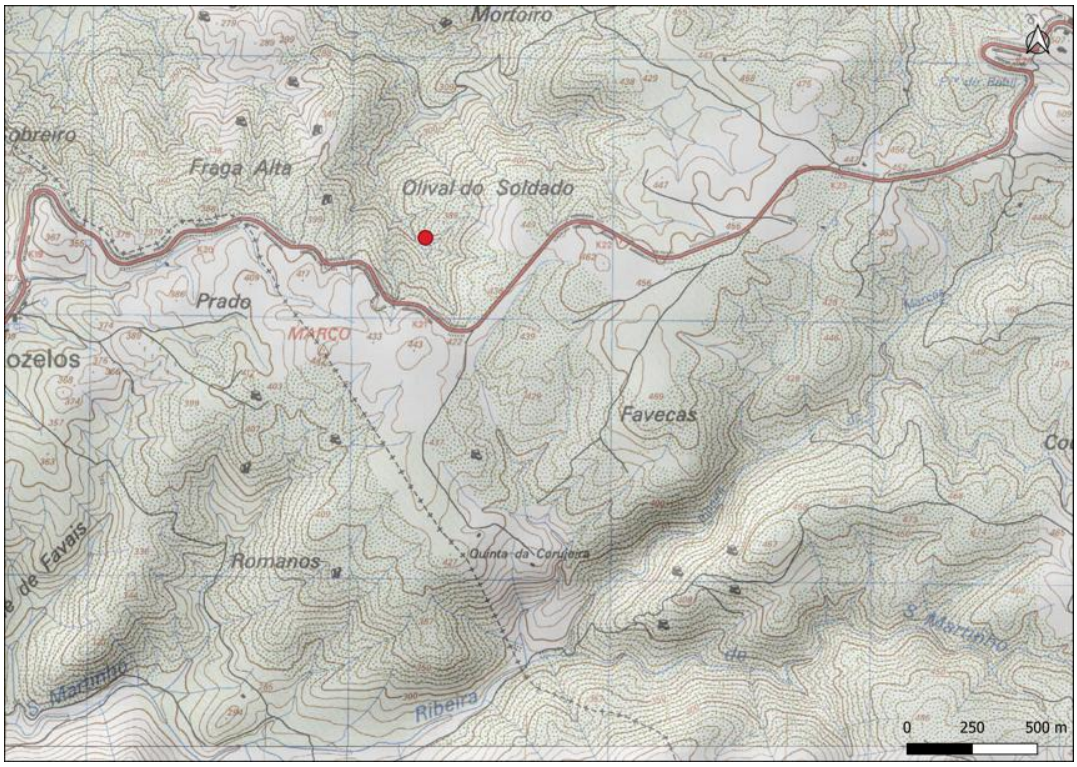


Figura 133 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 21.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 21, a cerca de 300 metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem direita da ribeira de Marcos. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas

devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça e da serra de Bornes. Onde está implantada a rocha Favecas 21, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 134) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

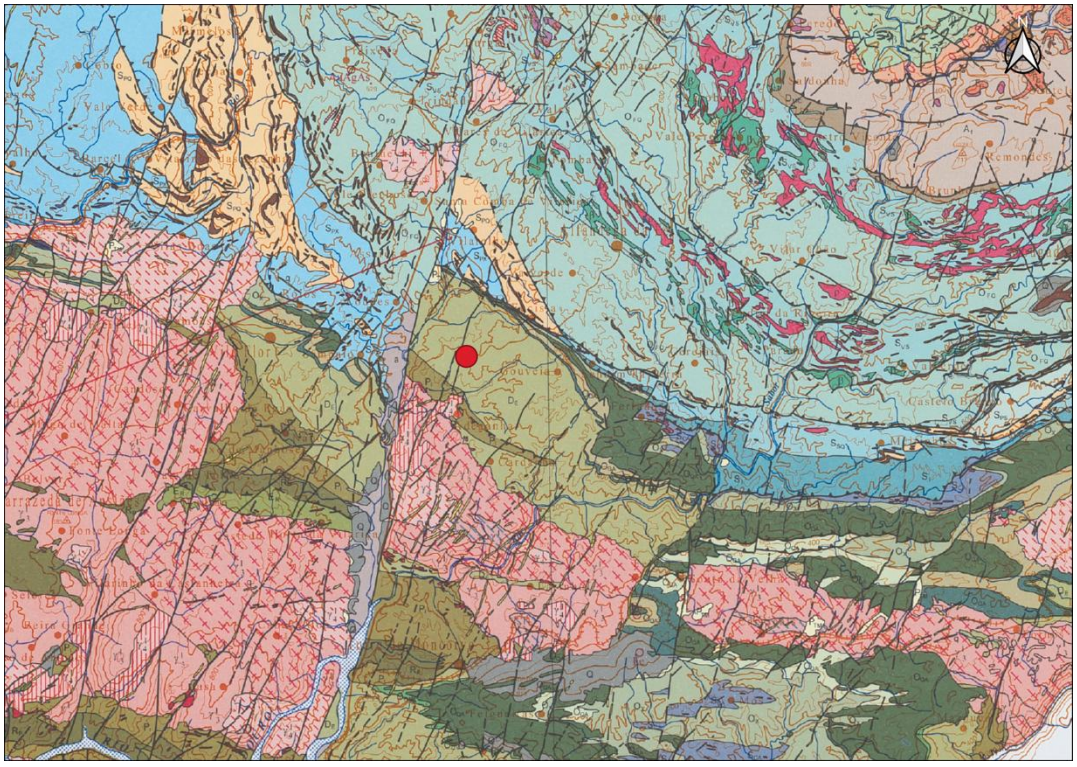


Figura 134 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 21.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 135). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 2 metros de altura por 2.20 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 1.30 metros do solo.



Figura 135 - Rocha Favecas 21 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 136). Existe um grupo de gravuras que corresponde a um motivo retangular, preenchido, maioritariamente, por linhas paralelas oblíquas e algumas verticais, no canto inferior direito do interior da forma retangular. No canto superior esquerdo do retângulo, há uma pequena área raspada. Pontualmente, existem linhas raspadas que seguem as fraturas do painel. A técnica utilizada foi a raspagem.

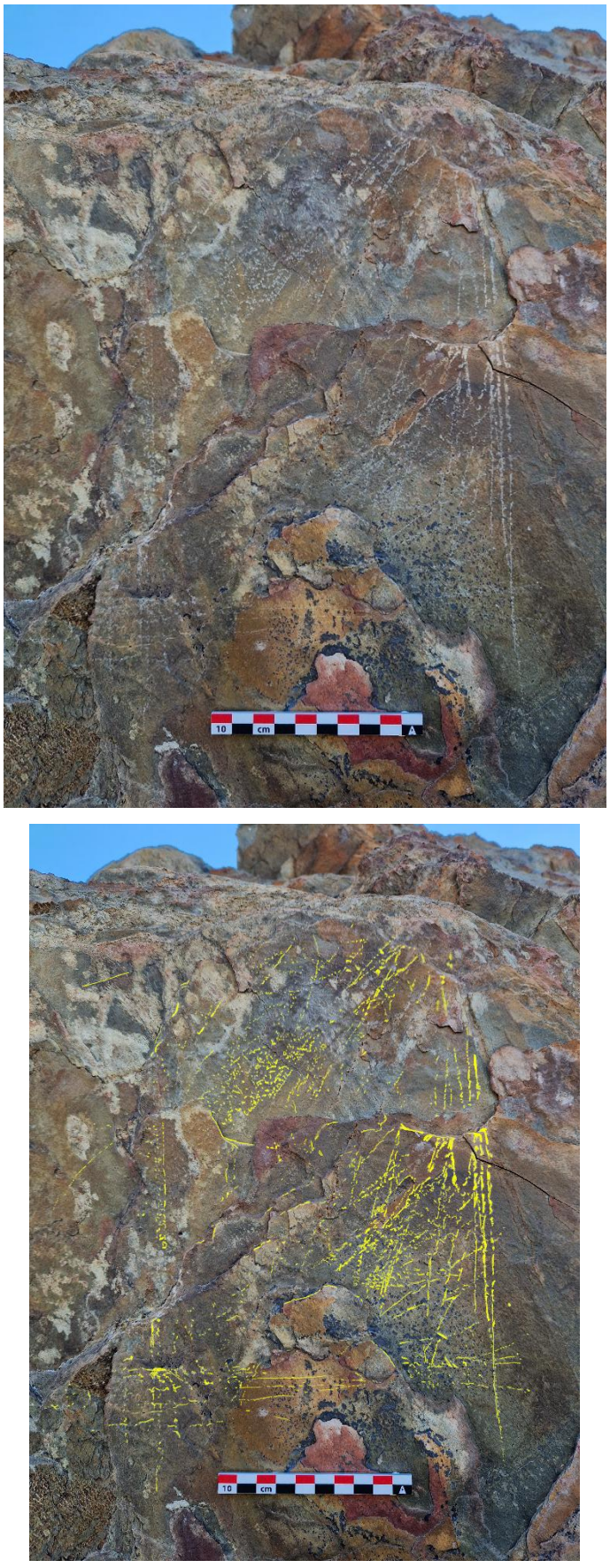


Figura 136 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 21. Em baixo: motivo retangular preenchido por linhas oblíquas, verticais e áreas com raspagem da superfície. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(22) Favecas 22

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30228 N; Longitude: -7.04016 O; Altitude: 373 m.

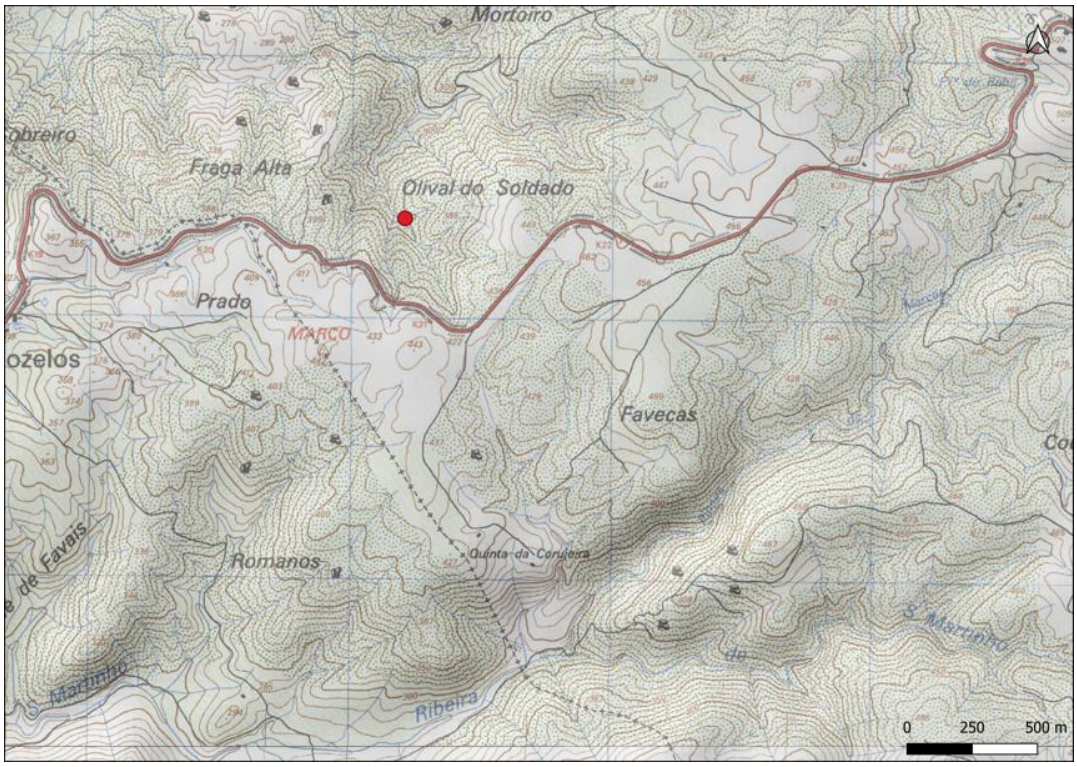


Figura 137 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 22.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 22, a cerca de 320 metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade seriam relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça. Onde está implantada a rocha Favecas 22, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 138) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

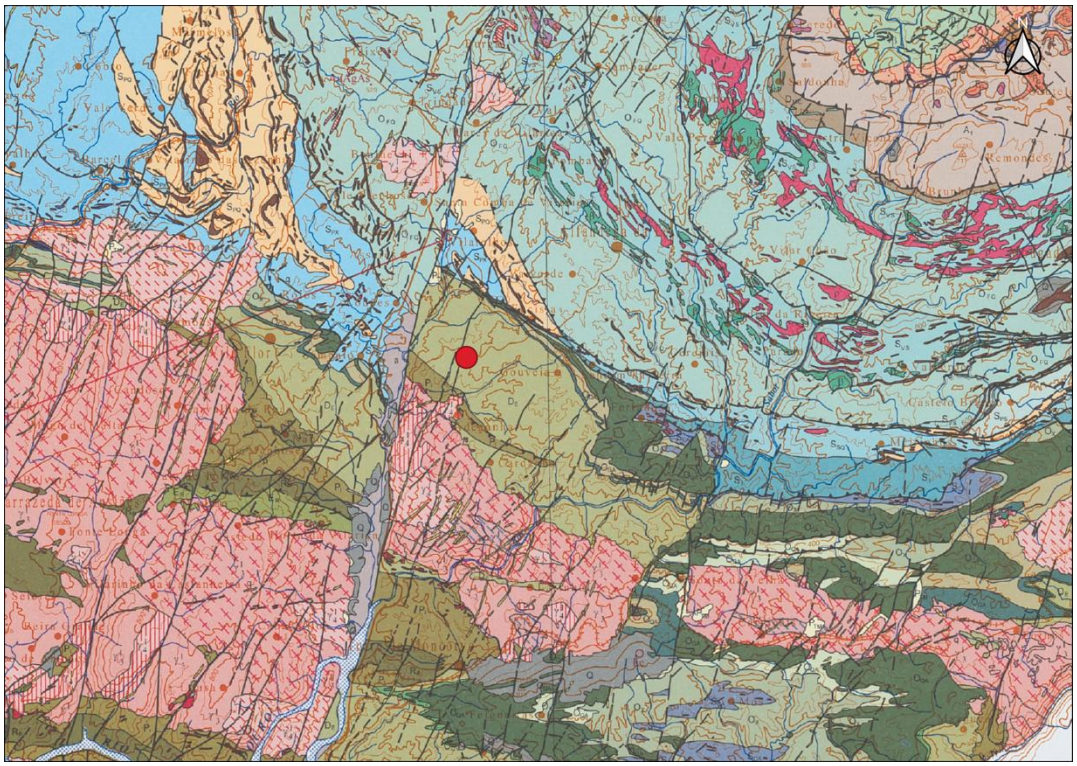


Figura 138 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de favecas 22.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento relativamente destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 139). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 1.30 metros de altura por 1.20 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 1 metro do solo.



Figura 139 – Favecas 22 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 140). Existe um grupo de gravuras que corresponde a dois motivos distintos: um composto por duas linhas verticais e horizontais que se entrecruzam, formando uma espécie de reticulado aberto. Mais acima, do lado esquerdo, outro motivo definido por duas linhas verticais, paralelas entre si, mas mais fechadas no topo. Este motivo poderá corresponder a um antropomorfo esquematizado e até inacabado. Sensivelmente a meio da gravura, existe uma pequena linha horizontal e outra oblíqua, também de

reduzida dimensão. Duas linhas oblíquas, paralelas entre si e de pequena dimensão, encontram-se um pouco afastadas dos motivos referidos, mas que podem ter alguma conotação com elas. A técnica utilizada foi a incisão filiforme. A patine das gravuras também é um pouco acentuada.

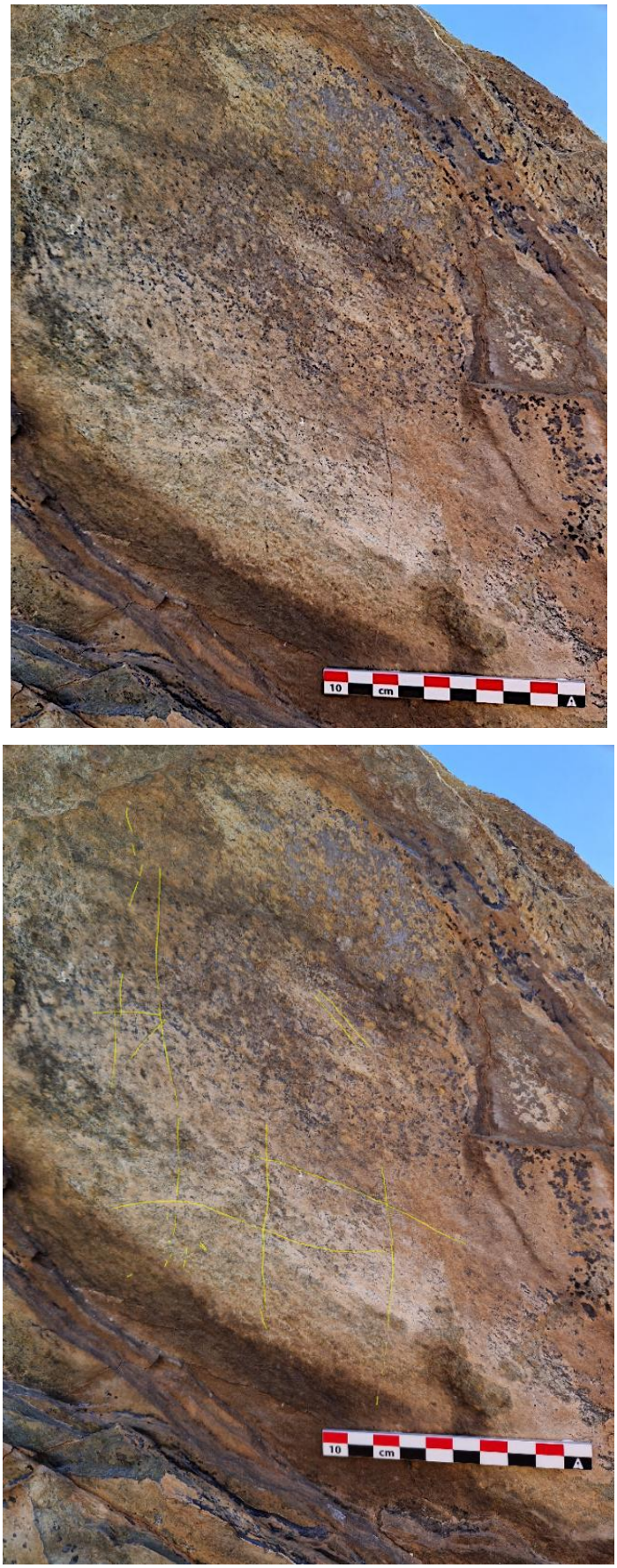


Figura 140 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha de Favecas 22. Em baixo: linhas paralelas incisas e linhas verticais e horizontais entrecruzadas. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(23) Favecas 23

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30238 N; Longitude: -7.04031 O Altitude: 350 m.

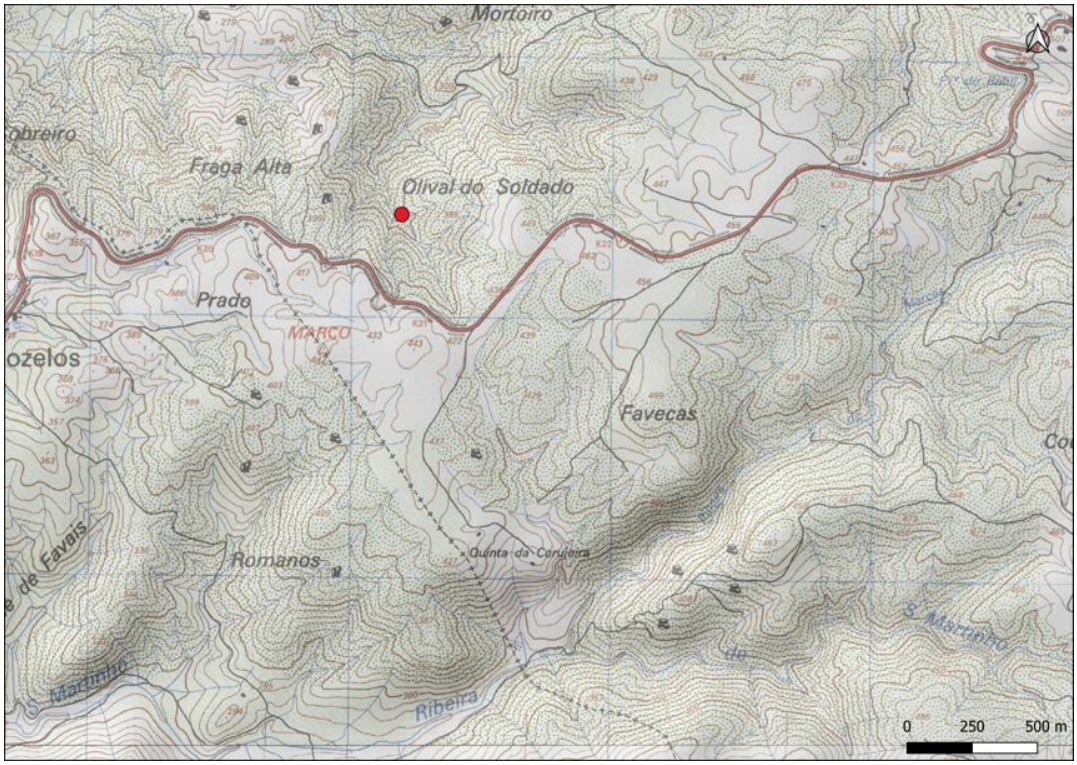


Figura 141 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 23.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 23, a cerca de 360 metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça. Onde está implantada a rocha Favecas 23, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 142) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

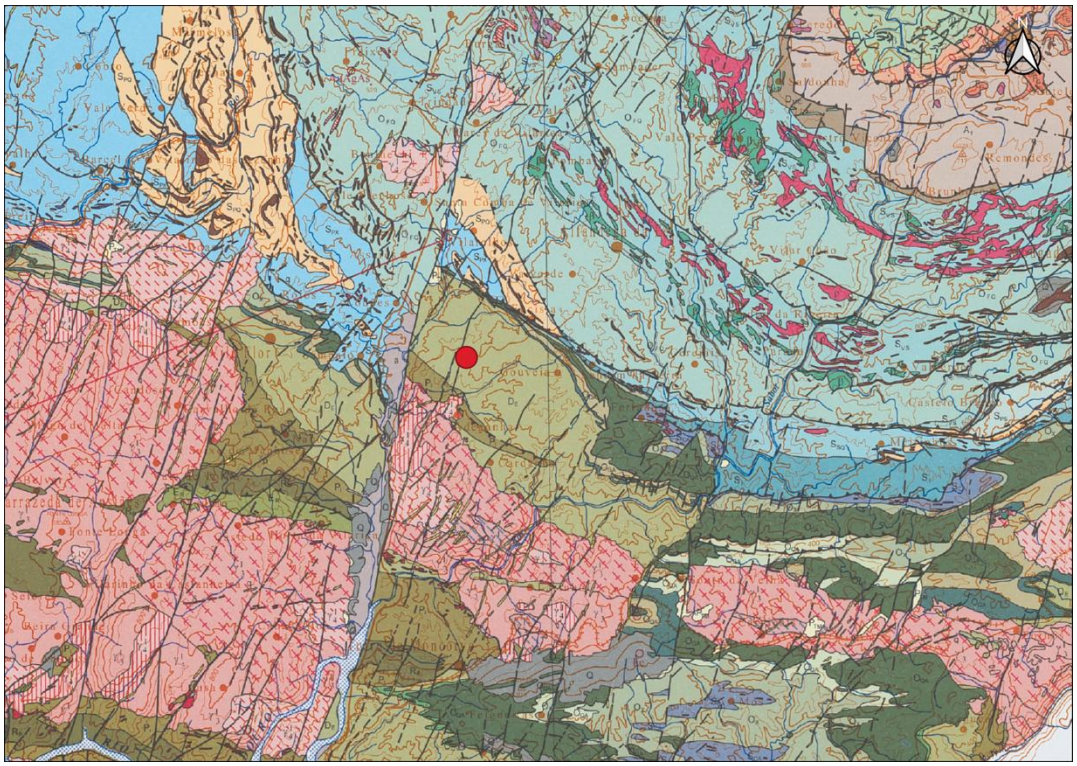


Figura 142 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, com a localização de Favecas 23.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento relativamente destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 143). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 1.50 metros de altura por 1.30 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 70 cm do solo.



Figura 143 - Rocha Favecas 23 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 144). É possível distinguir um reticulado, um motivo triangular com um dos lados abertos, linhas diagonais paralelas entre si e linhas curvas. Estas gravuras ocupam uma pequena parte do painel, havendo sobreposições. A técnica utilizada de gravação foi a incisão filiforme. A formação de patine é praticamente inexistente.

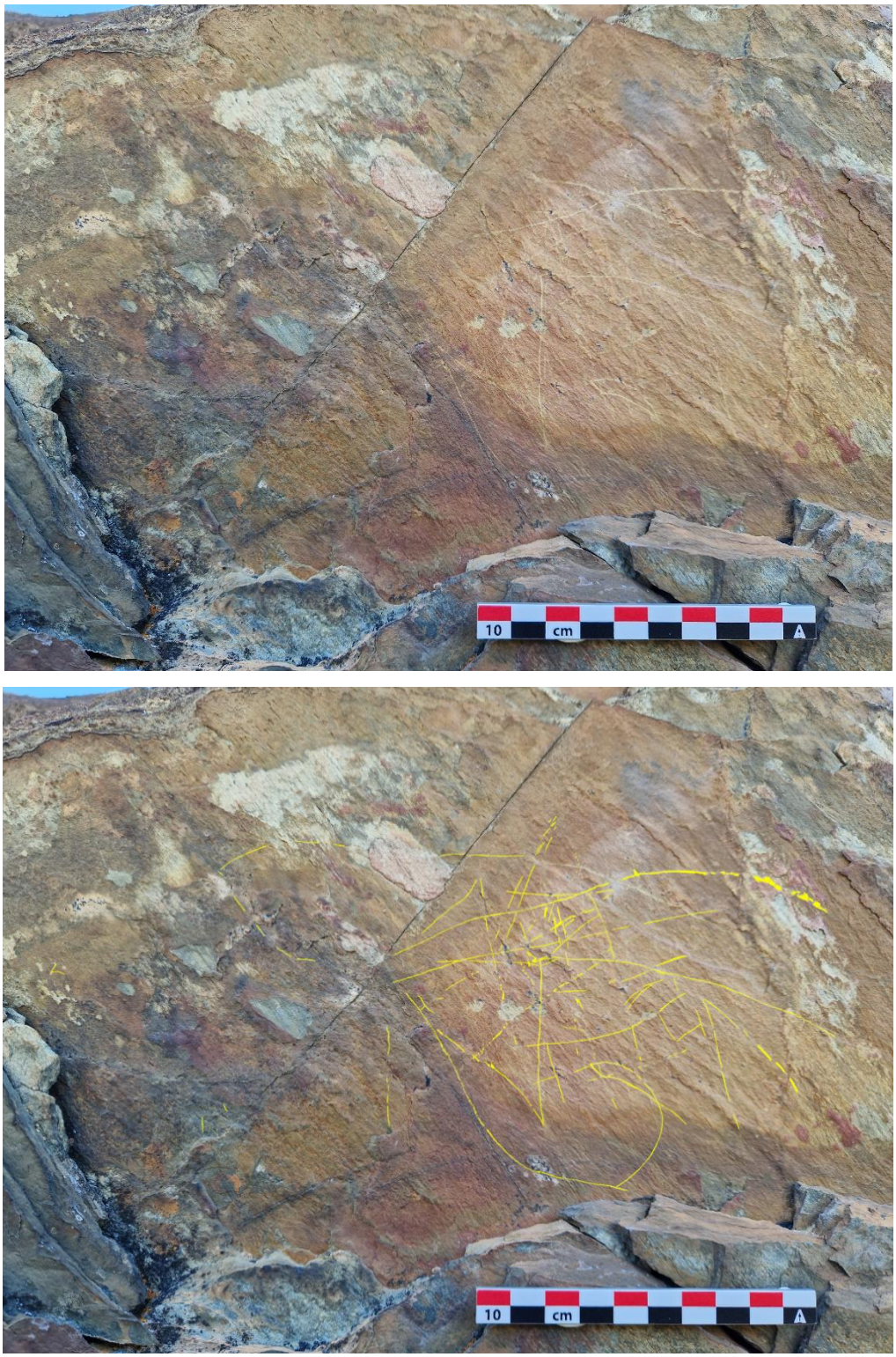


Figura 144 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 23. Em baixo: reticulado, triangulo aberto de um dos lados, linhas paralelas entre si e linhas curvas. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(24) Favecas 24

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Olival do Soldado.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30288 N; Longitude: -7.04061 O; Altitude: 347 m.

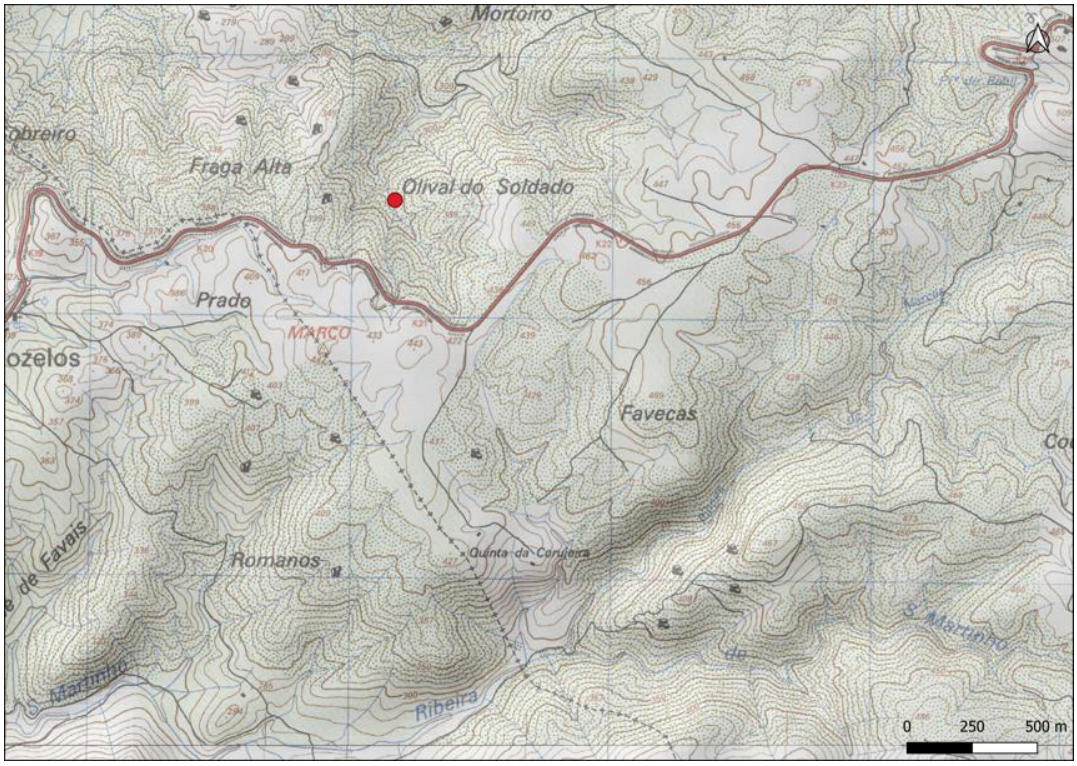


Figura 145 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 24.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde funcionou uma pequena pedreira, encontra-se a rocha Favecas 24, a cerca de 380 metros a norte desta estrada.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto

cardeal que o domínio visual é predominante. É possível ver uma parte do Vale da Vilariça. Onde está implantada a rocha Favecas 24, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 146) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

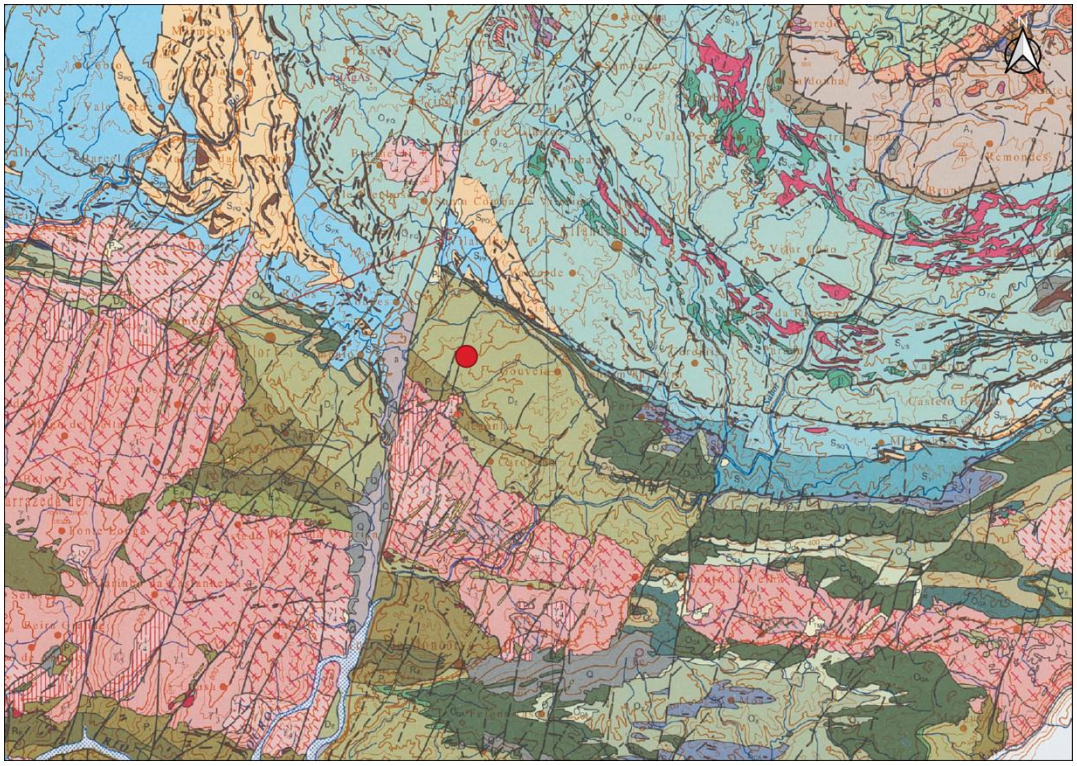


Figura 146 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 24.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento relativamente destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 147). O painel gravado está orientado para oeste, bem visível na paisagem. A

dimensão do afloramento é de cerca de 2.20 metros de altura por 1.90 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 1 metro do solo.



Figura 147 – Favecas 24 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 148). Correspondem a dois grupos de gravuras com o mesmo tema: linhas oblíquas paralelas entre si. A técnica utilizada de gravação foi a incisão filiforme. A formação de patine é praticamente inexistente.



Figura 148 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Favecas 24. Em baixo: dois grupos de linhas incisas oblíquas, paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(25) Fraga das Ferraduras

Tipo de sítio: Pintura e arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Proto-história (Idade do Bronze / Idade do Ferro).

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira do Rabil.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.305661 N; Longitude: -7.016172 O; Altitude: 426 m.

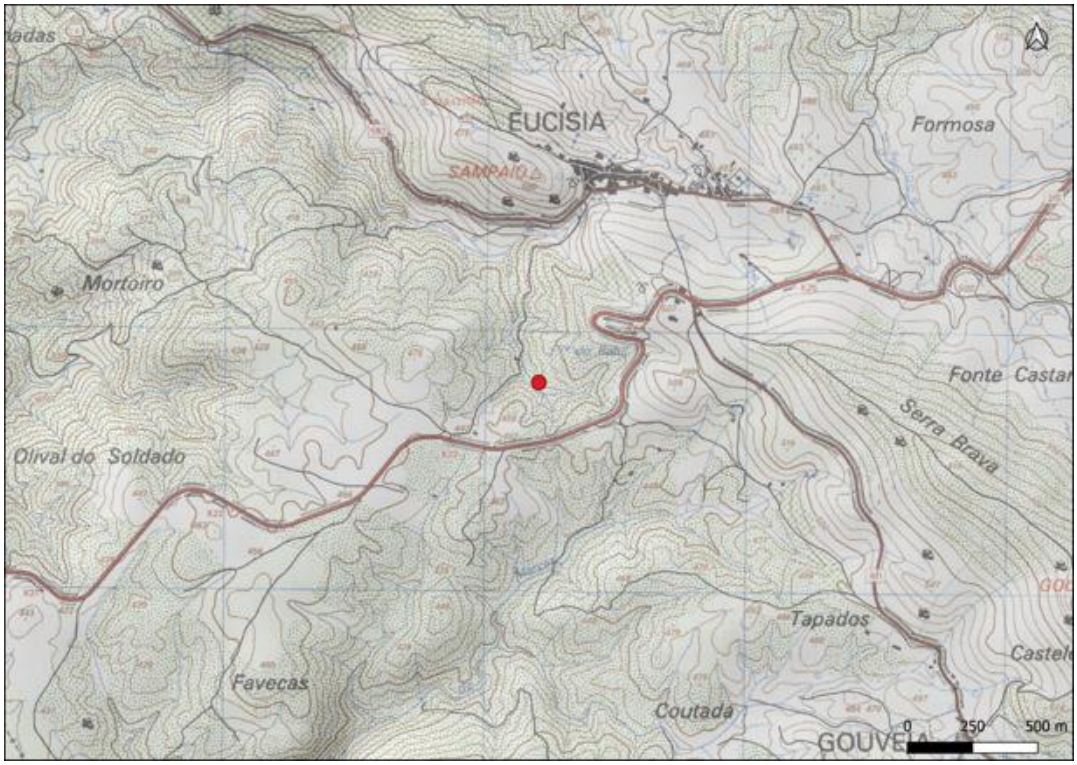


Figura 149 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Fraga das Ferraduras.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde se encontra uma bifurcação, seguir o caminho em direção a nordeste. Cortar à direita pelo paredão de uma mini-hídrica e a cerca de 30 metros encontra-se a Fraga das Ferraduras.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. Apesar desta zona se encontrar num pequeno vale, as condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para sudoeste, em direção ao Vale da Vilariça. Onde está implantada a Fraga das Ferraduras, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. A sudoeste são mais escassos e naqueles prospetados, apenas se verificou a rocha Fraga das Ferraduras 2. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 150) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

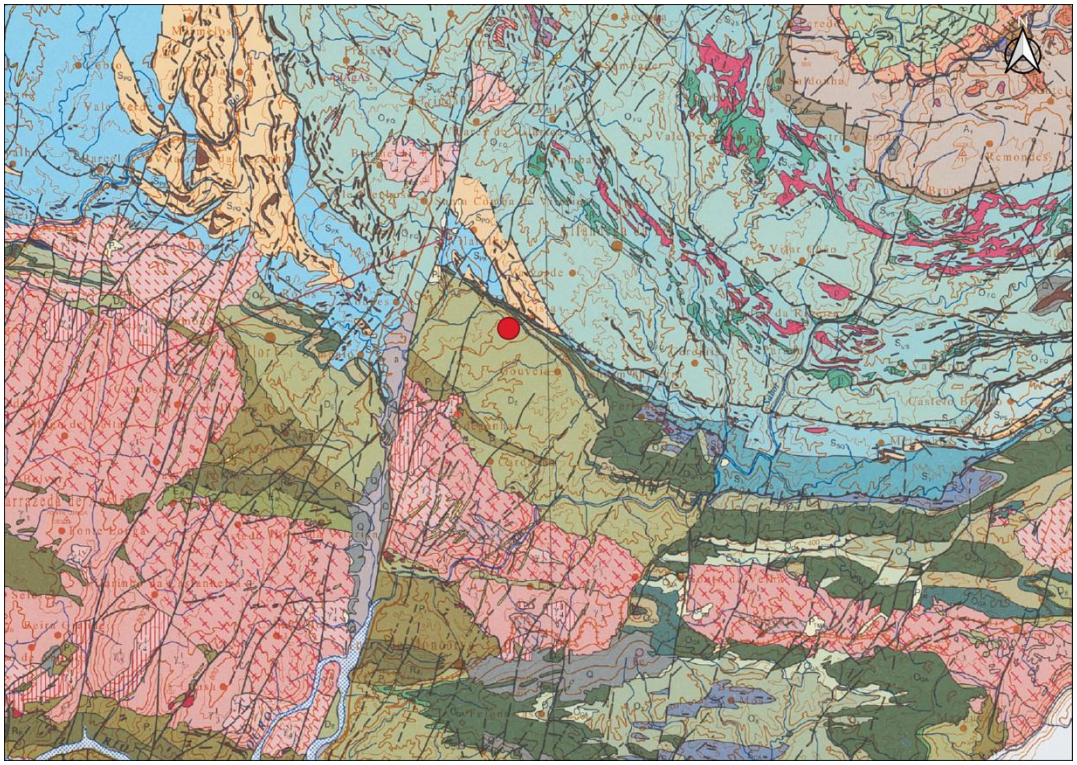


Figura 150 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, a localização de Fraga das Ferraduras.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.
Historial: Identificado por Francisco José Lopes, na década de 90 do século passado e dada a conhecer aos técnicos do então Instituto Português de Arqueologia. Em 2006, Francisco José Lopes publica uma notícia sobre as gravuras contidas nesta rocha (LOPES, 2006: 45 - 46). Nos inícios do século XX, foi estudada por Mila Simões de Abreu, no âmbito do projeto *Gravado no Tempo*, criado em 1991. Em 2003, ainda dentro deste projeto, a autora procede ao levantamento de, pelo menos, um dos painéis desta rocha (ABREU, 2012: 105) (Fig. 151). Em 2014, no âmbito da revisão do Plano Diretor Municipal, o local é inventariado e é-lhe atribuída uma área de proteção.



Figura 151 - Levantamento de um dos painéis da Fraga das Ferraduras efetuado por Mila Simões de Abreu (ABREU, 2012: 105).

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 152). Os painéis gravados estão orientados para sudoeste e são bem visíveis na paisagem. Tem entre 3 metros de altura e 4 metros de largura. As gravuras encontram-se em painéis

relativamente grandes, dispostos na vertical, na maioria dos casos e subvertical, num caso, próximo do solo. Os painéis gravados encontram-se entre os 30 cm e os 2.50 metros do solo.



Figura 152 - Vista geral da Fraga das Ferraduras a partir de sudoeste. A seta a vermelho indica o painel A, a seta a laranja o painel B, a seta verde o painel C e a seta azul o painel D. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados, são, na sua maioria, motivos em U e semi-ovalados, regionalmente conhecidos por "ferraduras". Também foram gravados podomorfos calçados. É possível verificar alguns sulcos incisos, paralelos entre si, e alguns pontos picotados dispersos nos painéis. Os motivos em U apresentam várias orientações, ou seja, na vertical com a abertura tanto para cima como para baixo, e na diagonal, embora em muito menor quantidade. O painel A encontra-se orientado para sul e é o único que contém incisões representadas através de sulcos paralelos entre si. Estão na parte mesial esquerda do painel, numa pequena área onde o xisto é mais "macio". É também neste painel que os pontos picotados se encontram em maior quantidade. Percebem-se alguns motivos em U, isolados e agrupados, sem ponto central (Fig. 153). Este é o único painel em que o xisto apresenta uma cor diferente dos restantes, bem como uma dureza inferior nalgumas partes. Recentemente, em nova visita a esta rocha, efetuada por nós, identificámos vestígios de motivos pintados, em grande parte destruídos pela degradação da rocha, nomeadamente, lascamentos. Atualmente o que se nota são pequenas linhas pintadas de cor avermelhada (Fig. 154). É percetível que as linhas incisas se sobrepõem

às pinturas que serão mais antigas do que as gravuras incisas filiformes. Por outro lado, notam-se que os motivos picotados se sobrepõem às incisões filiformes, sendo, portanto, posteriores. O painel B é aquele que apresenta a maior quantidade de gravuras, sendo estas, maioritariamente, motivos em U. Estes encontram-se agrupados, na vertical, percorrendo todo o painel e com a abertura tanto para cima como para baixo, embora em maior quantidade nesta posição (Fig. 155). É possível verificar dois podomorfos na parte inferior do painel. Estes podomorfos, calçados, em linha de contorno, parecem ter sido feitos através da junção de motivos em U. Encontra-se orientado para sudoeste. O painel C apresenta maiores fraturas, formando assim, pequenos subpainéis. No entanto, estes também foram gravados, ainda que em menor número e com gravuras mais ténues. Apenas na parte mesial do painel, duas delas foram efetuadas com um sulco picotado bastante profundo. Aqui, os motivos em U continuam a ser maioritários, com a abertura para baixo. Apenas na parte mesial do painel, dois deles apresentam um sulco picotado bastante profundo (Figs. 156, 157, 158, 159, 160 e 161). Encontra-se orientado para sudoeste. O painel D encontra-se a uma cota mais inferior (Fig. 162). É o único painel oblíquo da rocha. Contém motivos em U e um podomorfo calçado (?) (Fig. 163). É de destacar, nesta rocha, um grande motivo em U (o maior de todos), com a abertura para baixo, localizada na parte direita do painel. Todas as gravuras apresentam patine bastante acentuada. A orientação deste painel faz-se para sudoeste. Esta rocha apresenta, para além da pintura, gravuras efetuadas com duas técnicas, ou seja, a incisão filiforme, com algumas linhas horizontais paralelas, e o picotado, com motivos em "U" e os podomorfos.

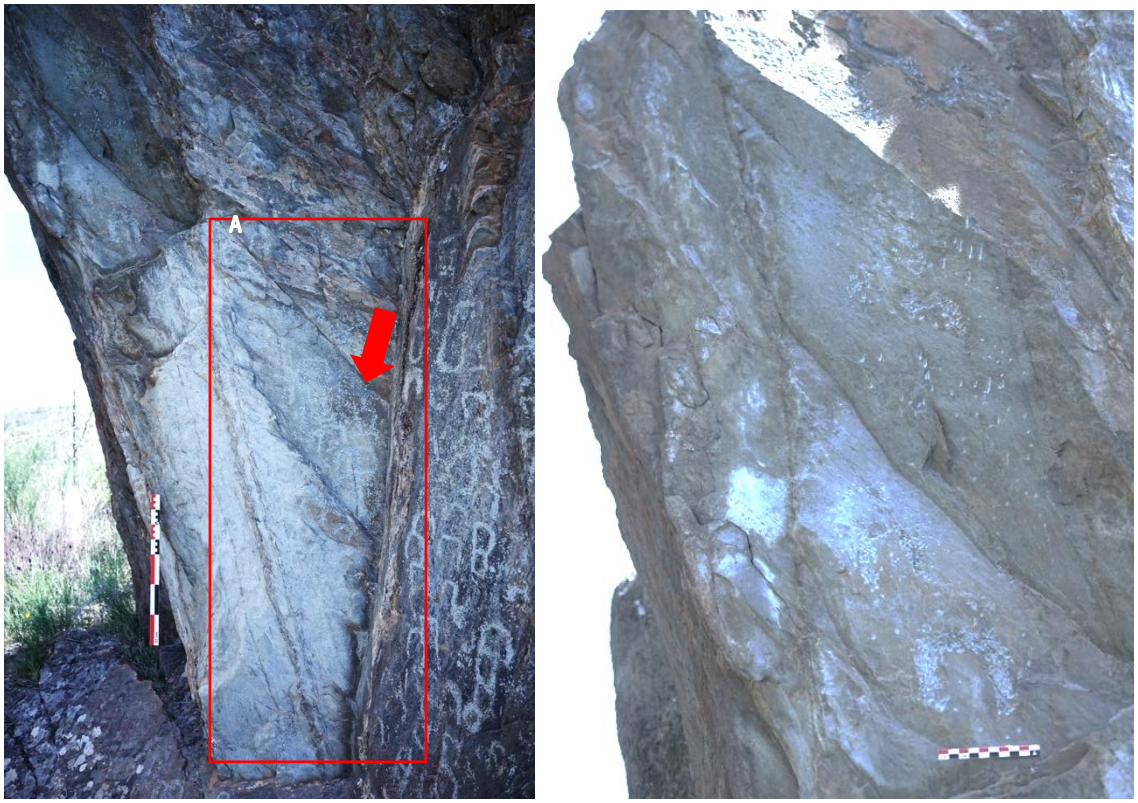


Figura 153 - Esquerda: motivos gravados no painel A: motivos em U. O retângulo a vermelho indica o painel A. A seta indica a localização dos motivos pintados. Direita: motivos gravados no topo superior do painel A. É possível identificar motivos em U e alguns pontos picotados dispersos. Fotografias do autor.

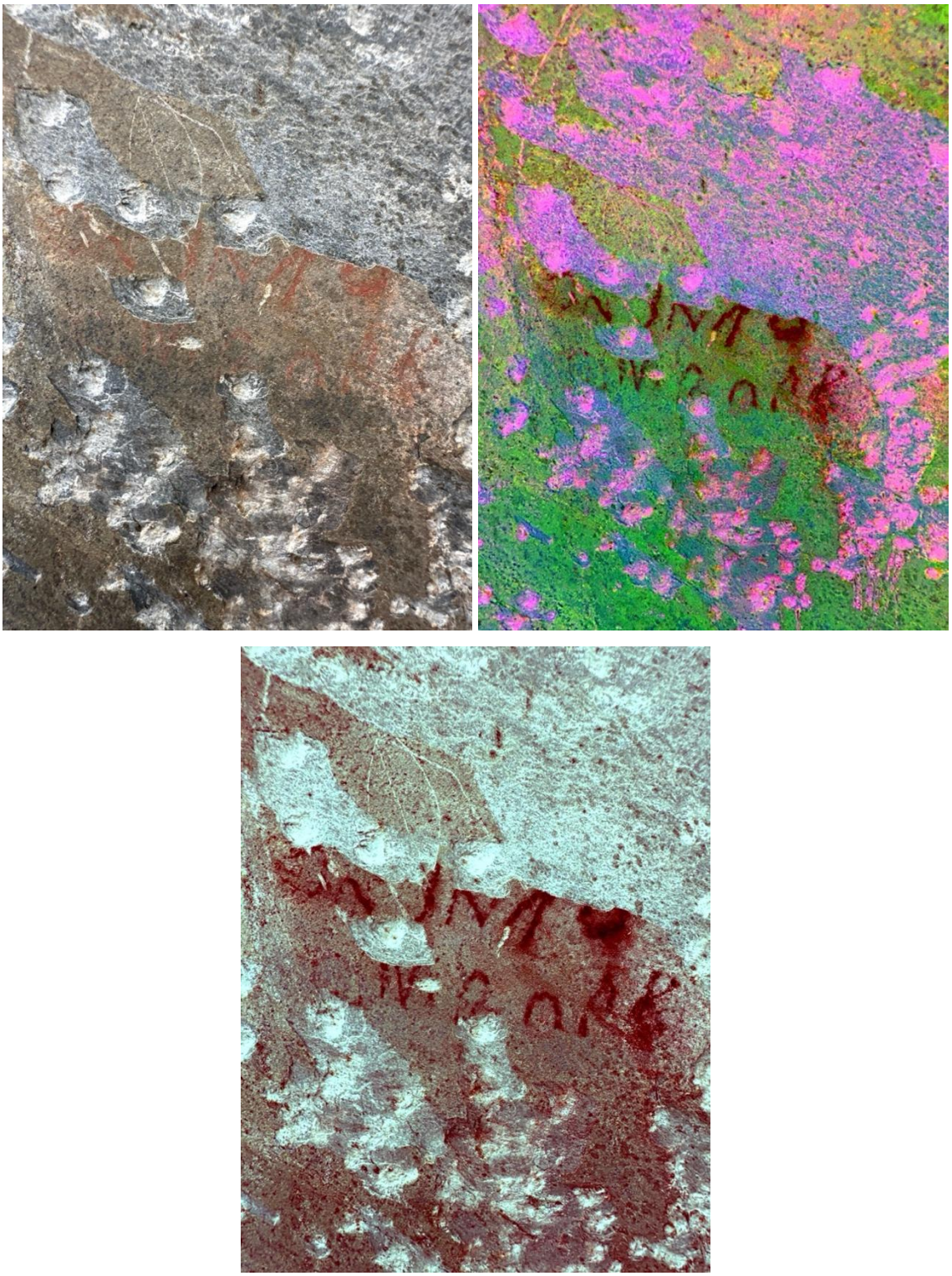


Figura 154 - Motivos pintados identificados recentemente no painel A. Os picotados sobrepõem-se às pinturas. A imagem superior esquerda corresponde a uma fotografia sem filtros. A imagem superior direita tem um filtro CRGB e a inferior esquerda, um filtro YRE.



Figura 155 - Motivos gravados no painel B: “ferraduras” ou motivos em U e podomorfos. Fotografia do autor.



Figura 156 - Grupos de gravuras assinaladas no painel C. Fotografia do autor.

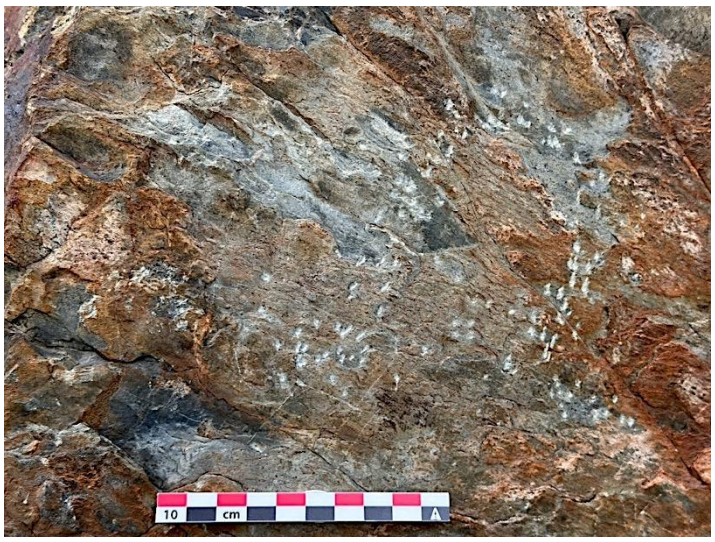


Figura 157 - Pormenor das gravuras do grupo A do painel C onde são visíveis picotados e incisões filiformes. Fotografia do autor.



Figura 158 - Pormenor das gravuras do grupo B do painel C onde se verificam motivos circulares, em U picotados e incisões filiformes. Fotografia do autor.

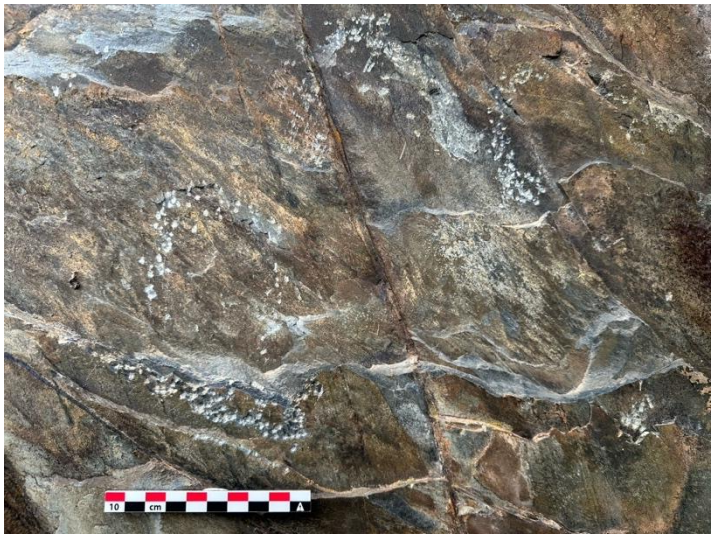


Figura 159 - Pormenor das gravuras do grupo C do painel C onde se verificam motivos em U picotados e incisões filiformes. Fotografia do autor.

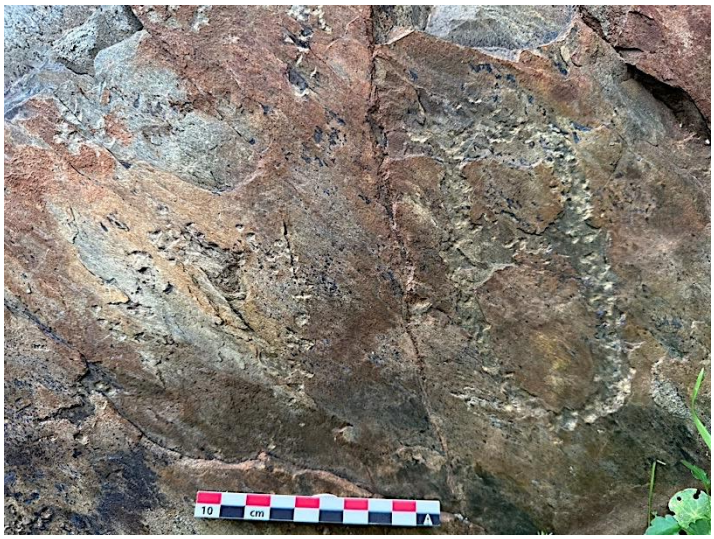


Figura 160 - Pormenor das gravuras do grupo D do painel C com motivos picotados em que o da direita parece ser um podomorfo. Fotografia do autor.



Figura 161 - Pormenor das gravuras do grupo E do painel C onde se verifica alguns picotados dispersos e um motivo em U, também picotado, bem como incisões filiformes. Alguns destes picotados dispersos poderão ser históricos. Fotografia do autor.



Figura 162 - Motivos gravados no painel D: "ferraduras" ou motivos em U e podomorfos. A seta indica um dos podomorfos. Fotografia do autor.



Figura 163 - Pormenor dos podomorfos do painel D. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: ABREU, 2006; LOPES, 2006; ABREU, 2012 e dados inéditos.

(26) Ferraduras 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Proto-história (?).

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira do Rabil.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30649 N; Longitude: -7.01692 O; Altitude: 412 m.

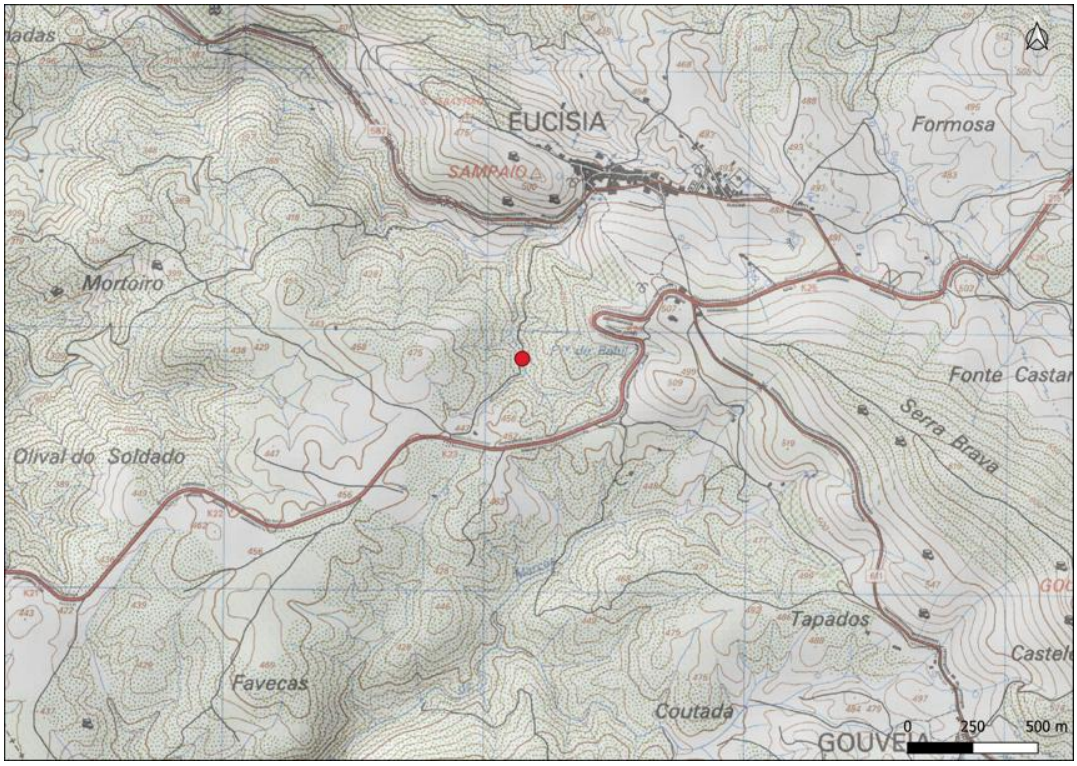


Figura 164 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Ferraduras 2.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, junto à estrada N215, onde se encontra uma bifurcação, seguir o caminho em direção a nordeste. A rocha Ferraduras 2 encontra-se junto ao caminho, quando este atravessa a linha de água onde esta rocha se localiza.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. Apesar desta zona se encontrar num pequeno vale, as condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada. Onde está implantada a rocha Ferraduras 2, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. É na margem direita desta linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. A sudoeste são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 165) (PEREIRA, 2000).

Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

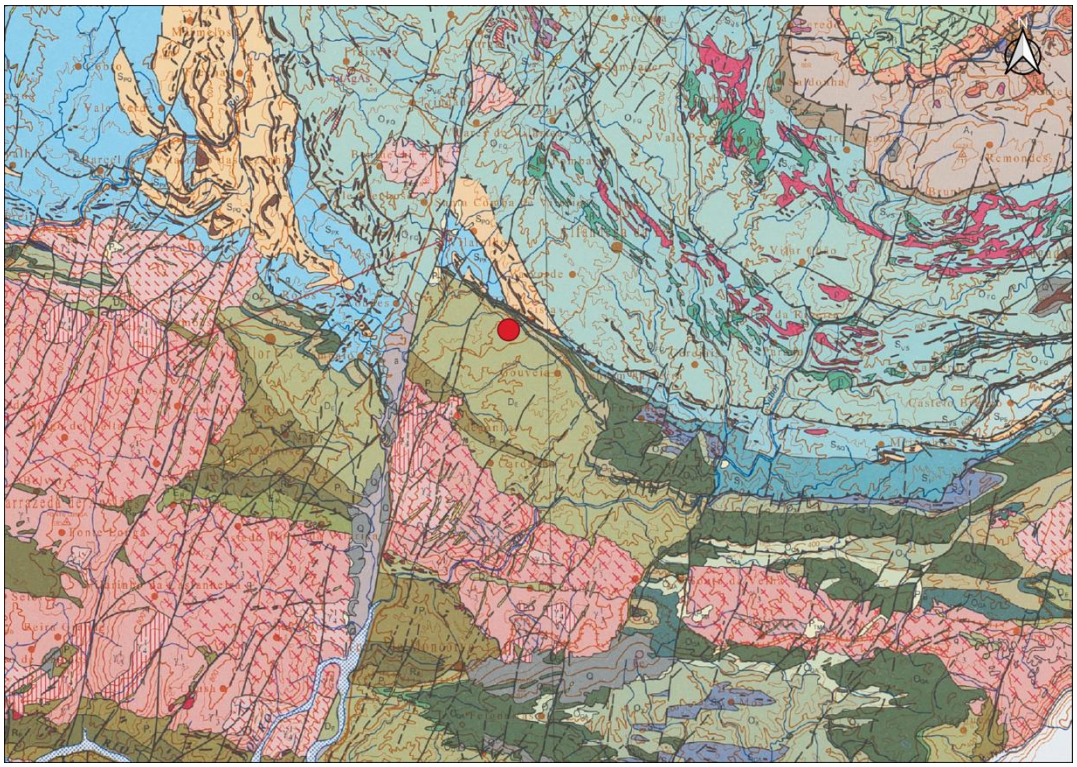


Figura 165 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Fraga das Ferraduras 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado vertical e subverticalmente (Fig. 166). Os painéis gravados estão orientados para sudoeste, bem visíveis na paisagem. A sua dimensão é de cerca de 2.20 metros de altura por 3 metros de largura. As gravuras encontram-se em pequenos painéis verticais e num subvertical, próximo do solo. Embora este painel seja o de maior dimensão, é aquele que apresenta menor número de gravuras. Os painéis gravados encontram-se a entre os 50 cm e 1.20 metros do solo.



Figura 166 - Ferraduras 2 com a localização dos painéis gravados. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras encontram-se distribuídas por dois painéis. Os motivos identificados são, essencialmente, motivos em U e algumas linhas incisas, ainda que em menor quantidade, prevalecendo, deste modo, os primeiros. A orientação dos motivos em U varia e podem apresentar a abertura para baixo, para cima e na diagonal. Não são todas do mesmo tamanho e morfologia, pois algumas terminam com uma ligeira curvatura e outras com um pequeno apêndice numa das pontas e algumas têm um ponto central. Os tamanhos podem variar entre os 7 e os 15 cm de comprimento e de largura. A técnica utilizada nestes motivos foi o picotado, mas não há uniformidade no seu fabrico, ou seja, algumas apresentam os picotados muito juntos e uniformes e noutras, estes picotados estão mais separados entre si, revelando vários atores ou momentos de gravação, o que também se evidencia pelas diferentes patines. É de referir que o painel inferior (B) (Fig. 167), ou seja, aquele mais próximo do solo, apresenta gravuras com patine mais acentuada, contrastando com as gravadas no painel superior (Fig. 168). Não sabemos se estas são mais recentes ou se estarão mais resguardadas dos agentes erosivos. As linhas incisas são pontuais, sendo difícil a perceção dos motivos.



Figura 167 - Motivos gravados no painel A: “ferraduras” ou motivos em U. Fotografias do autor.



Figura 168 - Motivos gravados no painel B: “ferraduras” ou motivos em U. A seta assinala o painel com as gravuras no lado direito da imagem. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(27) Ridevides 4

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro do Rabil.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.31177 N; Longitude: -7.02232 O; Altitude: 375 m.

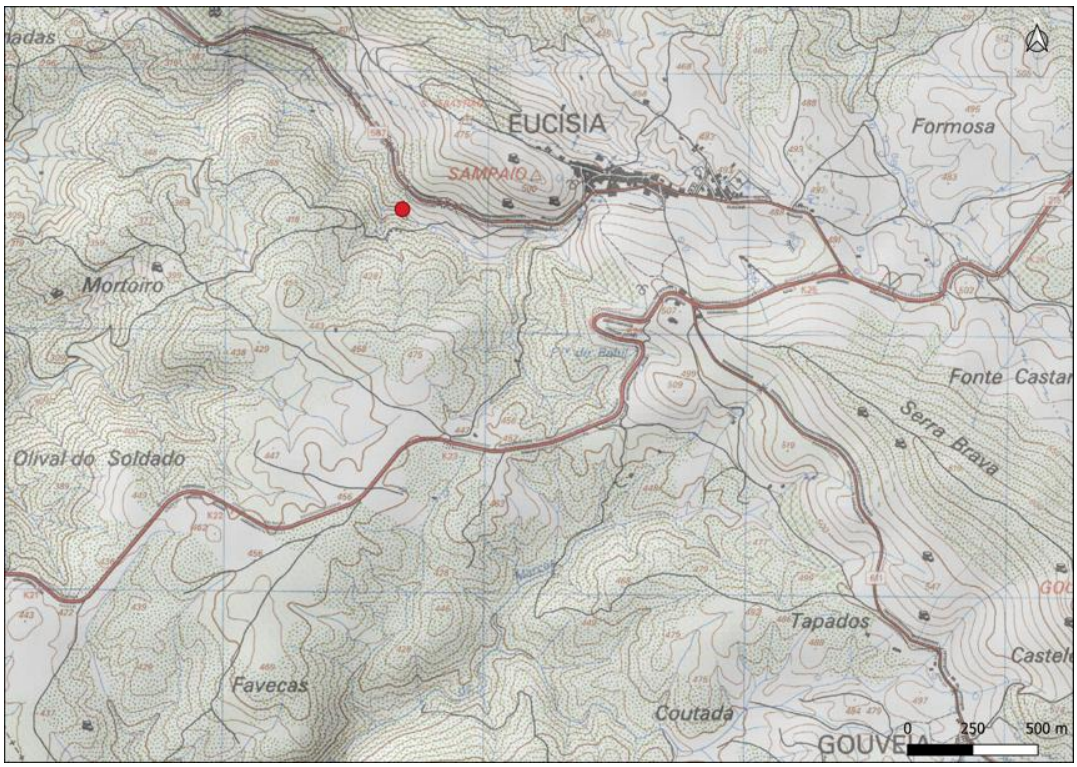


Figura 169 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Ridevides 4.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir o caminho de terra batida para oeste, que parte da estrada M587, em direção à ribeira de Ridevides. Ao chegar a um pequeno vale da margem

direita da mesma, seguir a pé, até à rocha de Ridevides 4 que se encontra, praticamente, na nascente desta linha de água.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. No entanto, é para este ponto cardeal que o domínio visual é predominante, nomeadamente para parte do Vale da Vilariça. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 170) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

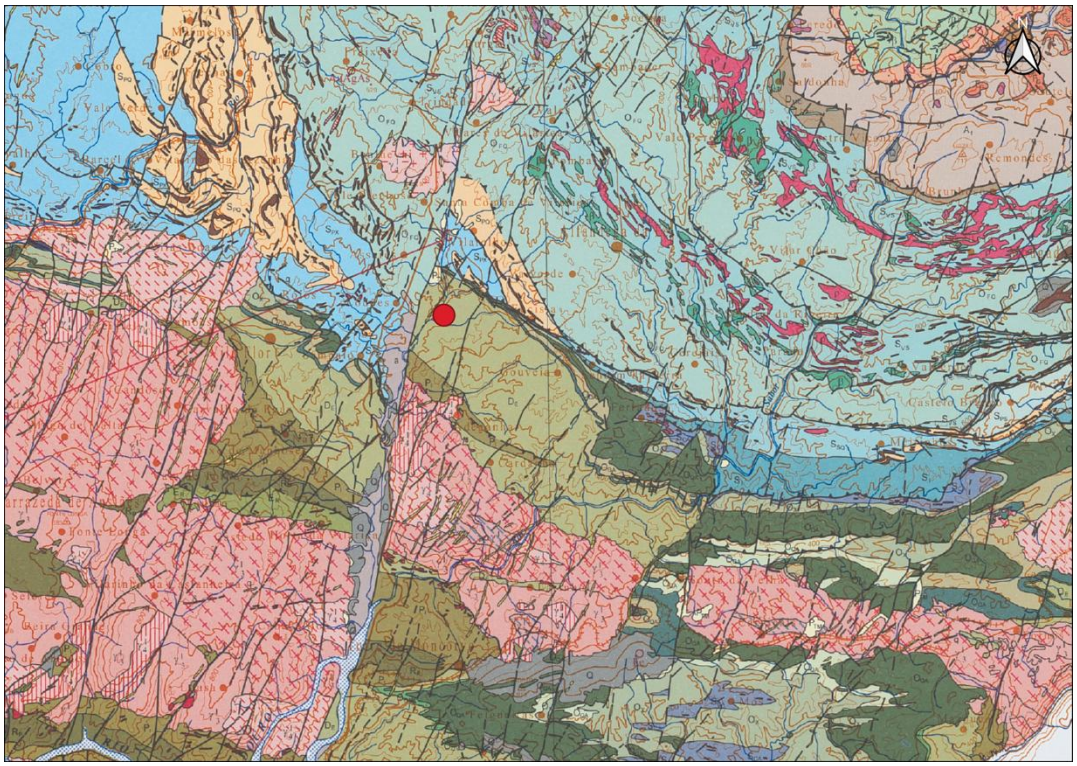


Figura 170 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Ridevides 4.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a noroeste, e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo.

A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente e subverticalmente (Fig. 171). Apresenta várias durezas com colorações castanhas e cinzentas, sendo estas últimas as áreas de menor dureza do xisto. É bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção do oeste. Apresenta painéis de tamanhos variados, embora de pequena dimensão e separados por fraturas naturais. Apenas quatro painéis foram gravados, ou seja, os painéis A, B e D, orientados para sudoeste e o painel C, para noroeste. As dimensões desta rocha são de aproximadamente 3 metros de largura por 2 metros de altura máxima. Os painéis A, B e C ficam a cerca de 1,50 metros do solo e o painel D a cerca de 50 cm.



Figura 171 - Rocha Ridevides 4 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. A seta indica a posição do painel C. À esquerda: vista a partir de sudoeste. À direita: vista a partir de noroeste. Fotografias do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas nestes painéis correspondem a pequenas incisões fusiformes, incisões filiformes, raspagens e picotados. No painel A é possível observar três ou quatro linhas incisas filiformes, dispostas verticalmente, e pequenos picotados, na parte inferior da composição (Fig. 172). No painel B, onde o xisto é mais brando, apenas foram identificadas linhas incisas filiformes verticais e diagonais (Fig. 173). No painel C, observam-se picotados em série, dispostos na vertical e na diagonal, e algumas raspagens, de visualização difícil (Fig. 174). Quanto ao painel D, este é o de menor dimensão e apresenta linhas incisas filiformes e duas linhas fusiformes diagonais de

pequenas dimensões e profundidade. Parece ter sido preparado de antemão, ou seja, a superfície foi alisada, uma vez que foi gravado numa parte branda do xisto (Fig. 175).

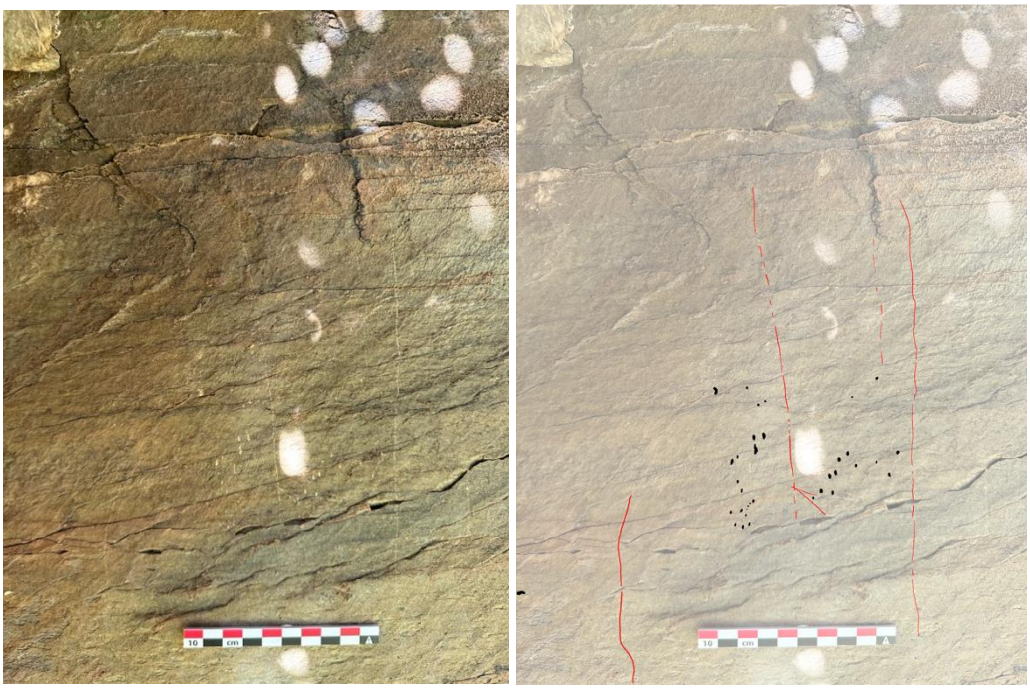


Figura 172 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas filiformes a vermelho e picotados a preto. Levantamento sobre fotografia.



Figura 173 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel B. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

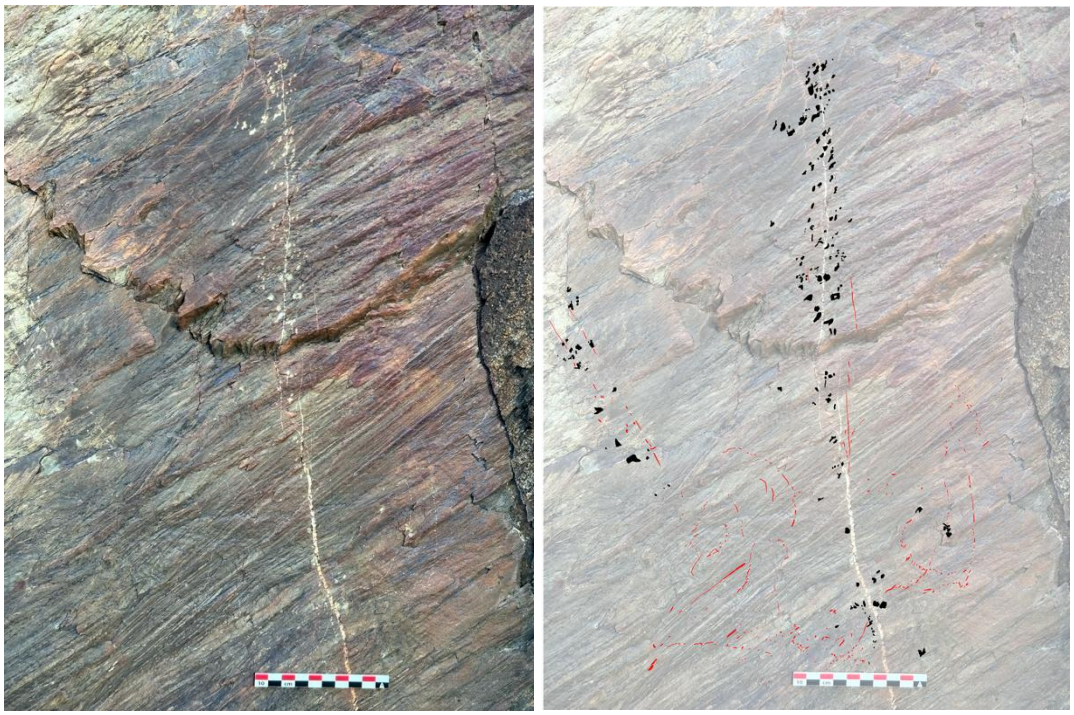


Figura 174 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C. À direita: linhas incisas a vermelho e picotados a preto. Levantamento sobre fotografia.

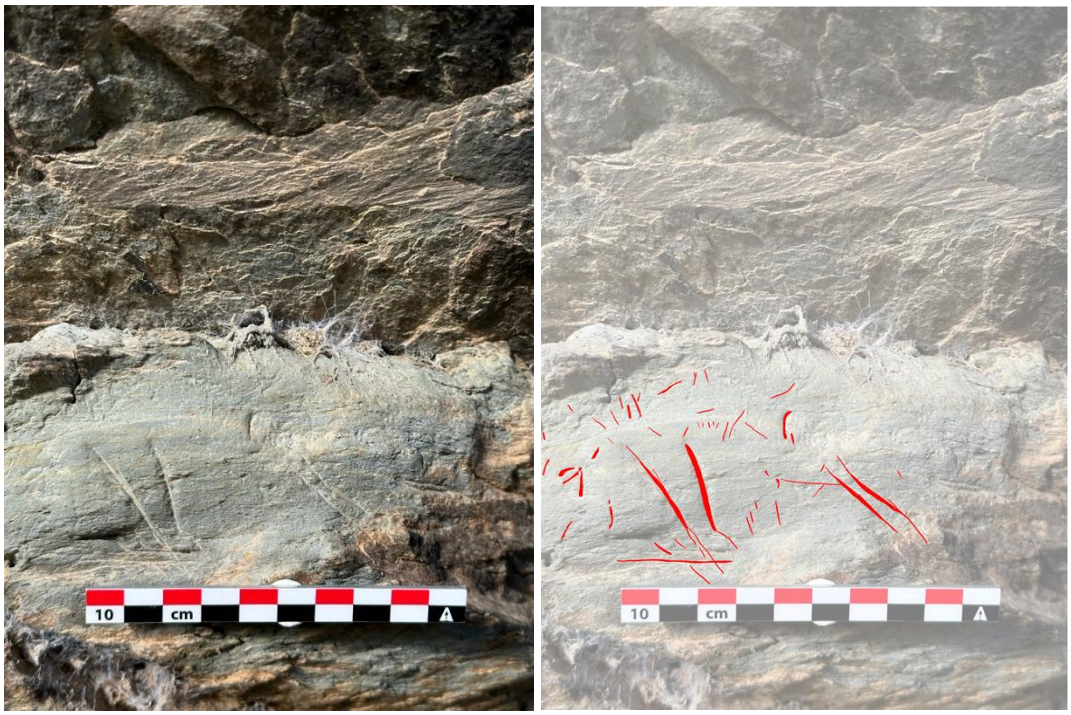


Figura 175 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(28) Serrinha 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Proto-histórica e indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro do Rabil.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.318799 N; Longitude: -7.030877 O; Altitude: 381 m.

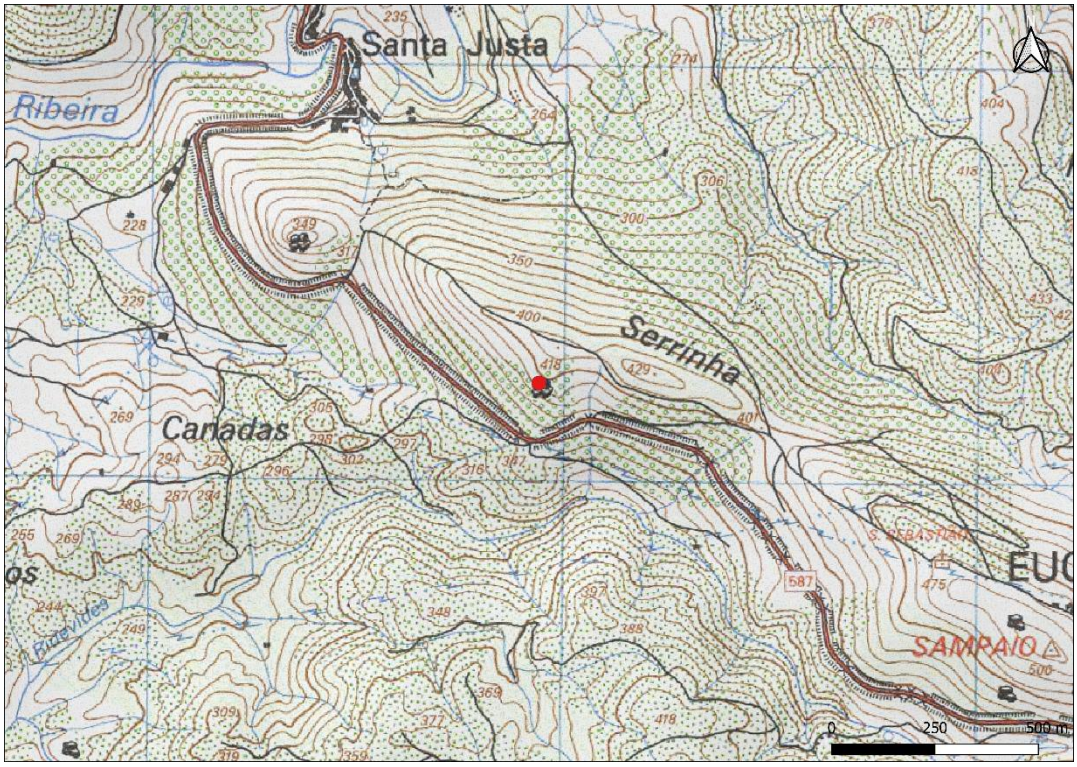


Figura 176 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Serrinha 1.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida para Oeste que parte da estrada M587, em direção à ribeira de Ridevides. Ao chegar a um pequeno lameiro, seguir a pé até à rocha Serrinha 1. Esta rocha encontra-se praticamente na nascente desta linha de água.

Localização física e ambiental: O local situa-se praticamente no topo de um monte na margem direita da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade são excelentes para noroeste e sudoeste com domínio visual predominante para parte do Vale da Vilariça. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de

água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 177) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

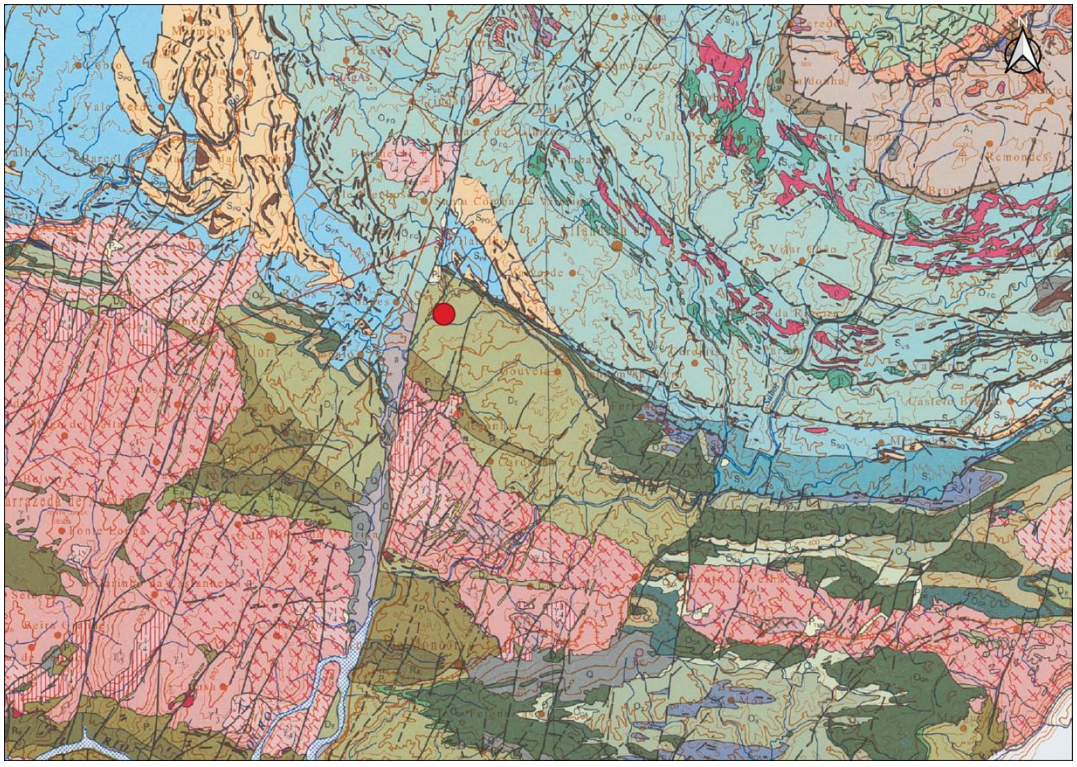


Figura 177 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Serrinha 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a noroeste, e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente e subverticalmente (Fig. 178). É bem visível a partir de noroeste e sudoeste. Apresenta painéis de tamanhos variados separados por fraturas naturais, sendo o que está voltado para sudoeste o de maior dimensão e onde se encontram as gravuras. As dimensões desta rocha são de aproximadamente 2 metros de largura por 1.50 metros de altura máxima. O painel gravado fica a cerca de 60 cm do solo.

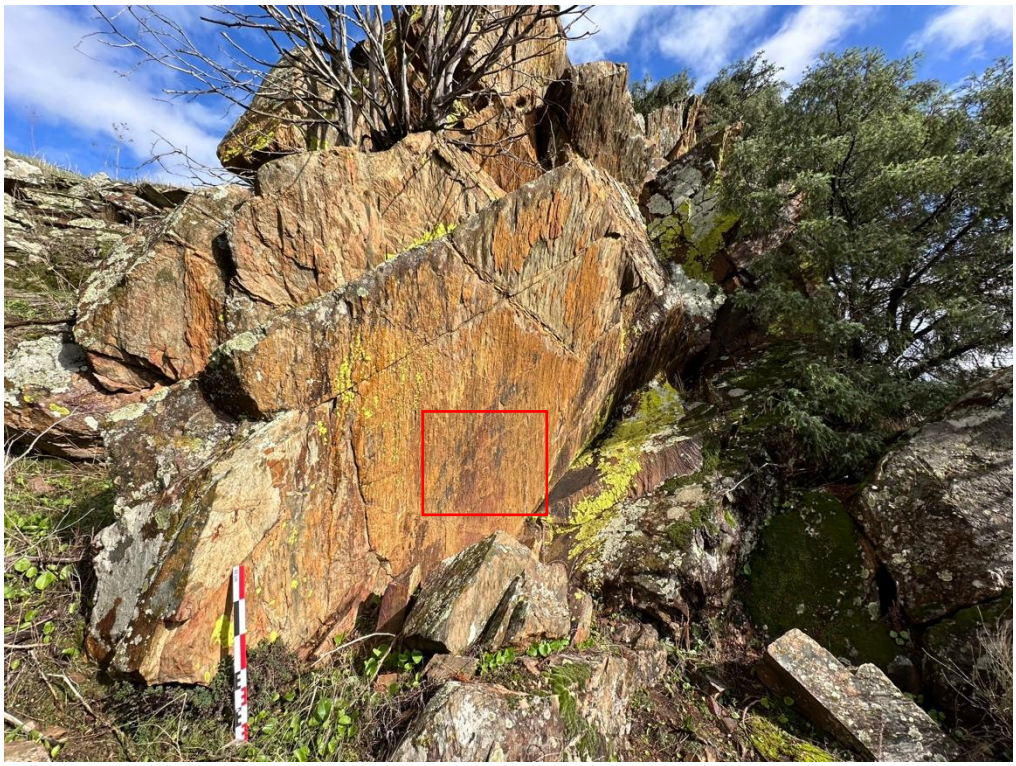


Figura 178 - Rocha Serrinha 1 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a dois motivos em U, picotados (Fig. 179), e a motivos filiformes (Fig. 180). Os motivos em U encontram-se agrupados com a abertura virada para baixo. As incisões filiformes parecem corresponder a um cruciforme, além de outras linhas incisas que surgem ao seu redor, mas sem aparente conexão.



Figura 179 - À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Serrinha 1. À direita: pormenor de um dos motivos em U. Fotografia do autor.



Figura 180 - Pormenor das incisões da rocha Serrinha 1. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

1.2.1.1.2 Gouveia

(29) Coutada 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Coutada.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29331 N; Longitude: -7.00983 O; Altitude: 452 m.

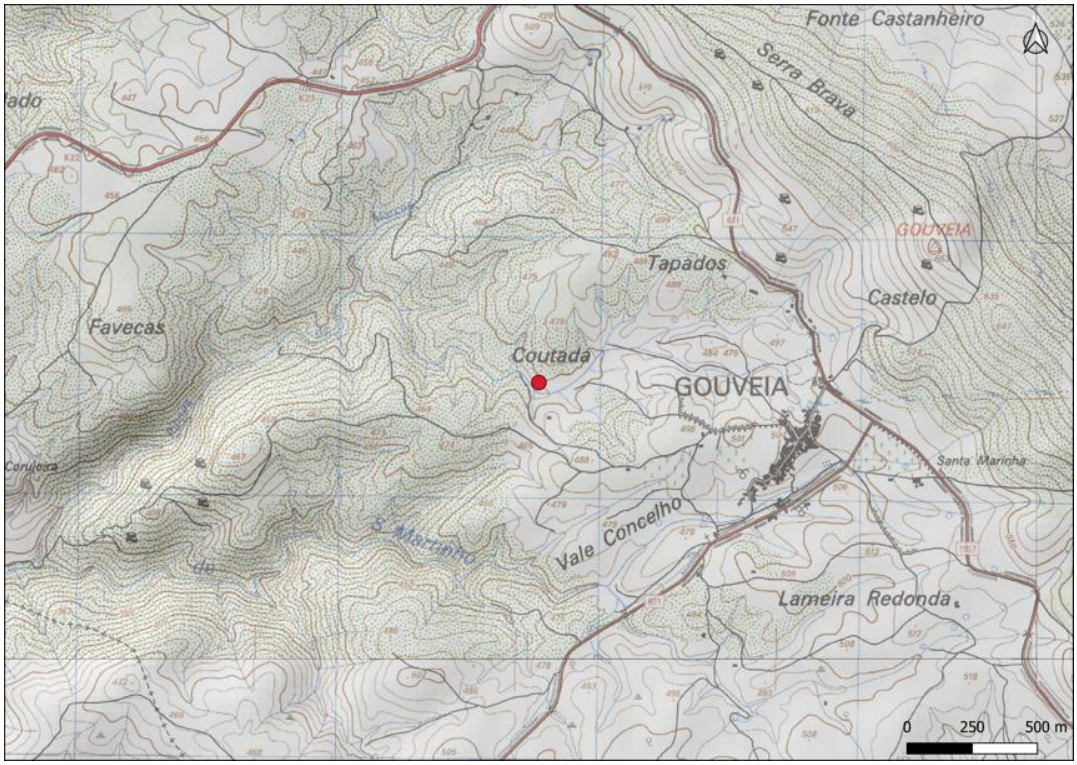


Figura 181 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Coutada 1.

Acessos: A noroeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para oeste, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha Coutada 1. Esta rocha encontra-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Marcos.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de um tributário da margem esquerda da ribeira de S. Marcos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, dominando apenas a envolvente que corresponde a um pequeno vale agricultado com oliveiras. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 182) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

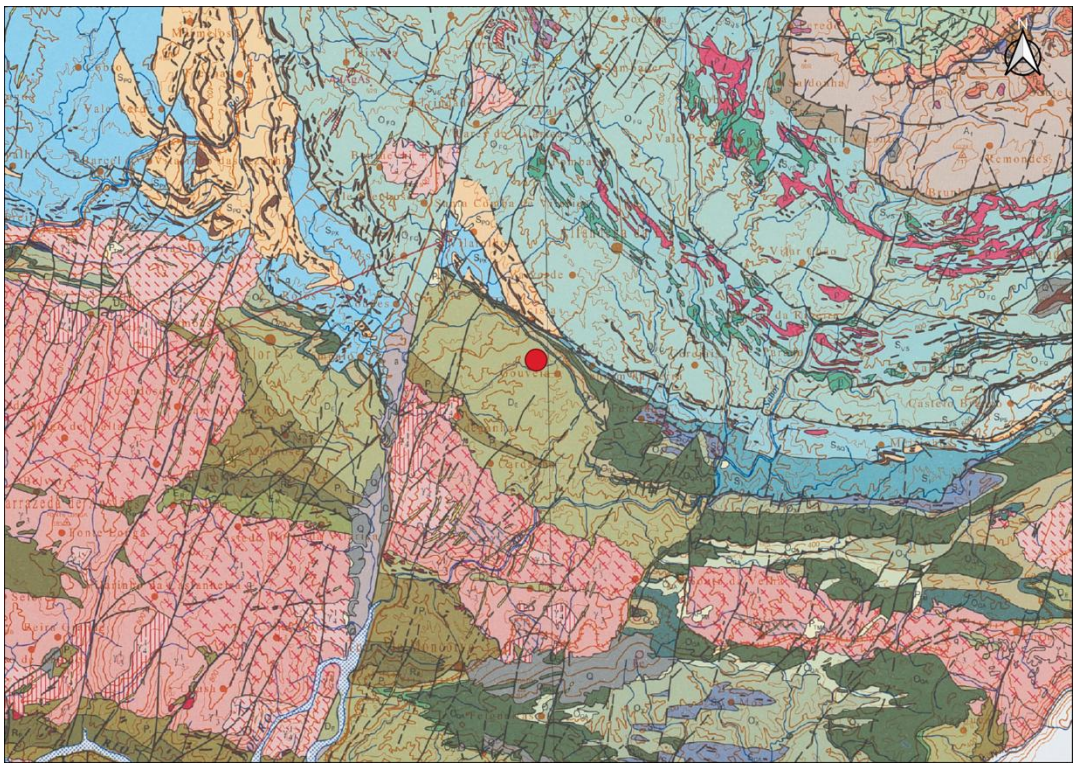


Figura 182 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Coutada 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo.

A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento pouco destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 183). Apresenta apenas um painel, embora este seja dividido por uma pequena fenda natural, fazendo com que existam dois grupos de gravuras. Esta rocha é relativamente visível a partir de oeste, orientação do painel gravado. As dimensões desta rocha são de aproximadamente 1.50 metros de largura por 80 cm de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 50 cm do solo.



Figura 183 - Rocha Coutada 1 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel encontram-se divididas em dois grupos. O grupo A corresponde a linhas horizontais e linhas curvas paralelas entre si, linhas diagonais, também paralelas entre si e pequenos picotados dispostos ao centro. Algumas linhas entrecruzam-se, formando dois reticulados. Na parte central do lado direito poderá existir a representação de uma ponta de lança (Fig. 184). No grupo B, apenas encontra-se um ziguezague verticalizado com a base de maior dimensão, cujo tamanho vai diminuindo em direção à extremidade superior (Fig. 185). A técnica utilizada foi a incisão filiforme e o picotado.



Figura 184 - Em cima: pormenor das gravuras do grupo A. Em baixo: linhas incisas a vermelho e picotados a lilás do grupo A. Levantamento sobre fotografia.

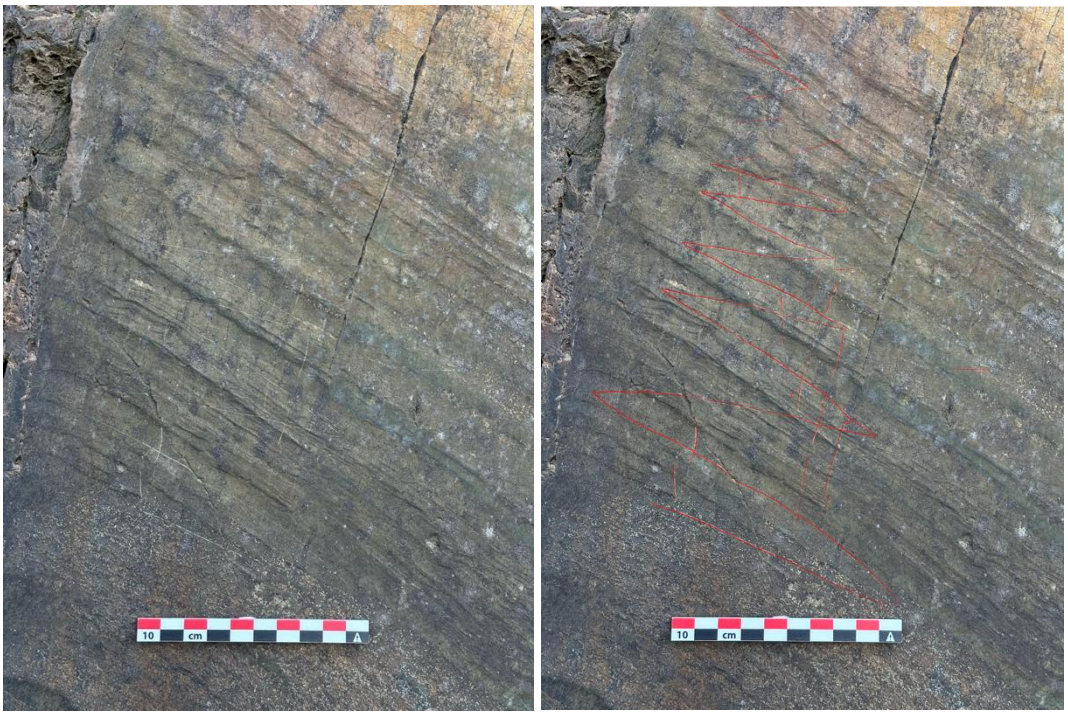


Figura 185 - Esquerda: pormenor das gravuras do grupo B. Direita: motivo em ziguezague, gravado através da técnica de incisão filiforme do grupo B. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(30) Coutada 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Histórico.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Coutada.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29327 N; Longitude: -7.00961 O; Altitude: 450 m.

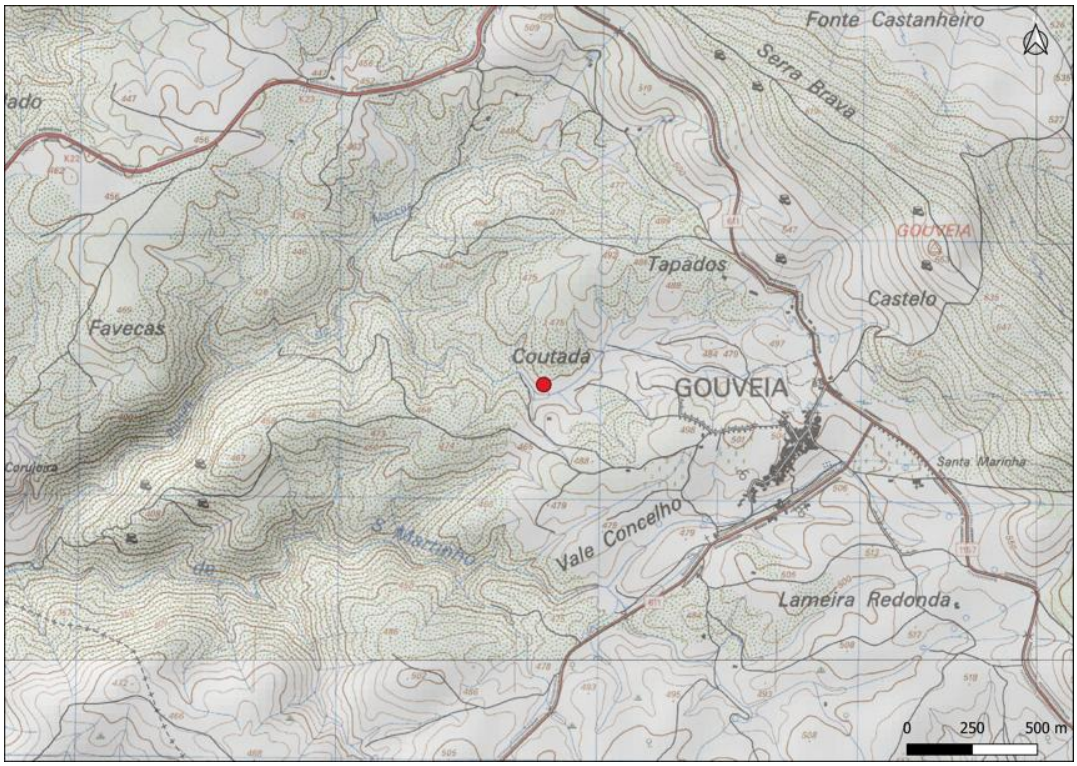


Figura 186 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Coutada 2.

Acessos: A noroeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para oeste, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha Coutada 2. Esta rocha encontra-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Marcos.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de um tributário da margem esquerda da ribeira de S. Marcos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, dominando apenas a envolvente que corresponde a um pequeno vale agricultado com oliveiras. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 187) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

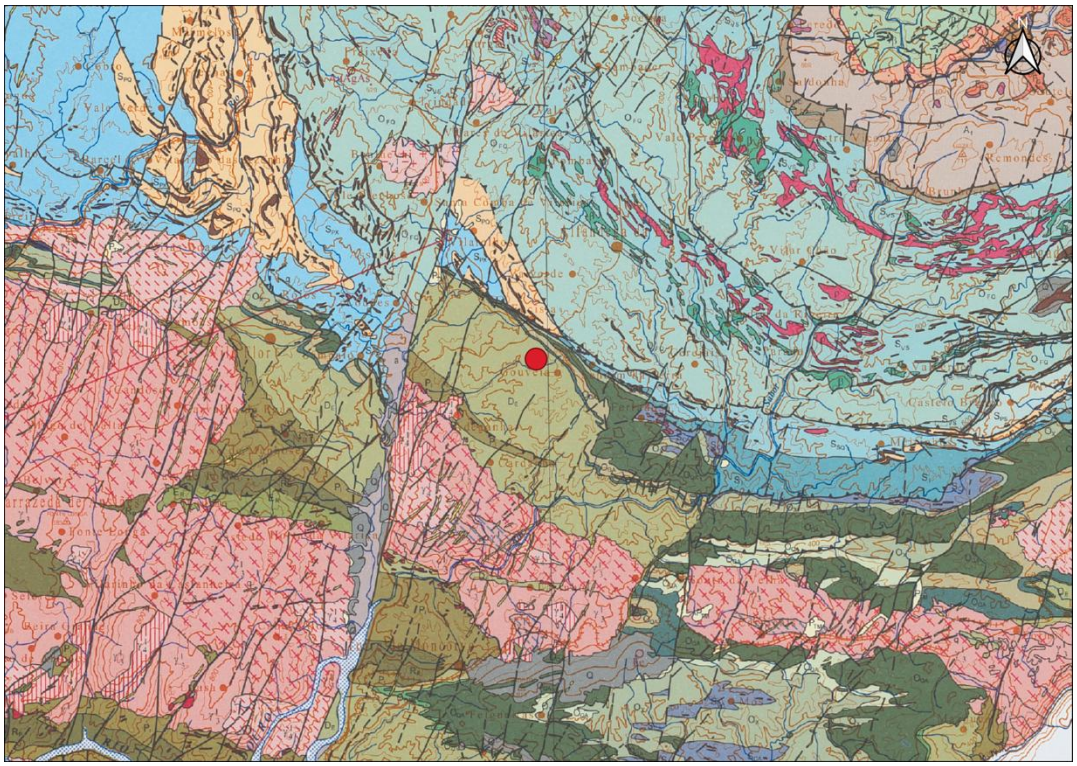


Figura 187 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Coutada 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento relativamente bem destacado do solo, laminado verticalmente e subverticalmente (Fig. 188). Esta rocha é visível a partir de oeste, orientação do painel gravado. As suas dimensões são de, aproximadamente, 2.50 metros de largura por 1.20 metros de altura máxima. Apresenta apenas um painel gravado. As gravuras encontram-se a cerca de 50 cm do solo.



Figura 188 - Rocha Coutada 2 com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel podem corresponder a um "tabuleiro de jogo", quadrado, preenchido por linhas horizontais, verticais e diagonais (Fig. 189). Parece estar inacabado. A técnica utilizada foi a incisão filiforme.

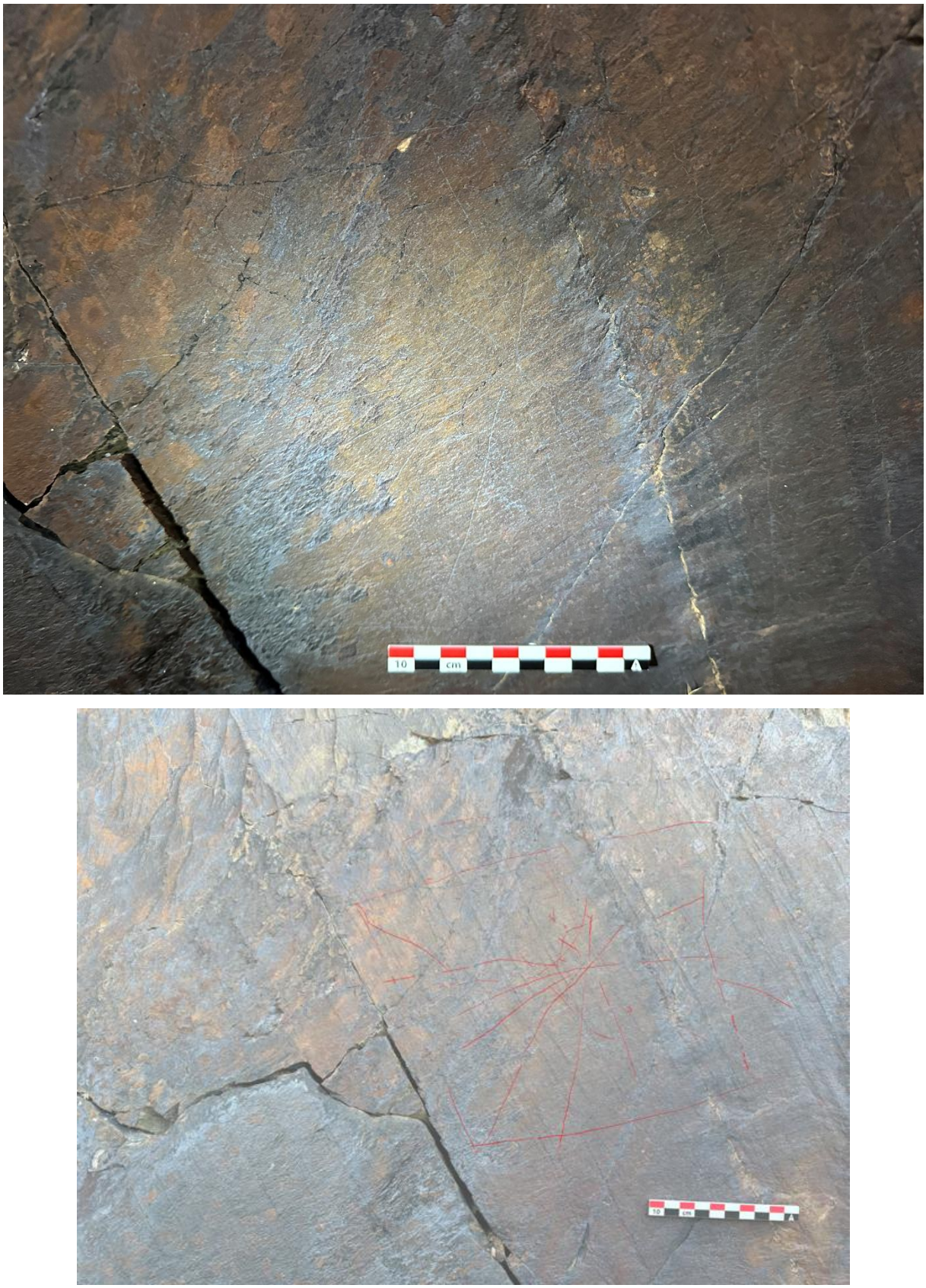


Figura 189 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Coutada 2. Fotografia noturna com luz rasante. Em baixo: "tabuleiro de jogo" a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(31) Favecas 28

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre, inscrições e traços aleatórios.

Cronologia: Idade do Ferro e histórico.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29522 N; Longitude: -7.01554 O; Altitude: 410 m.

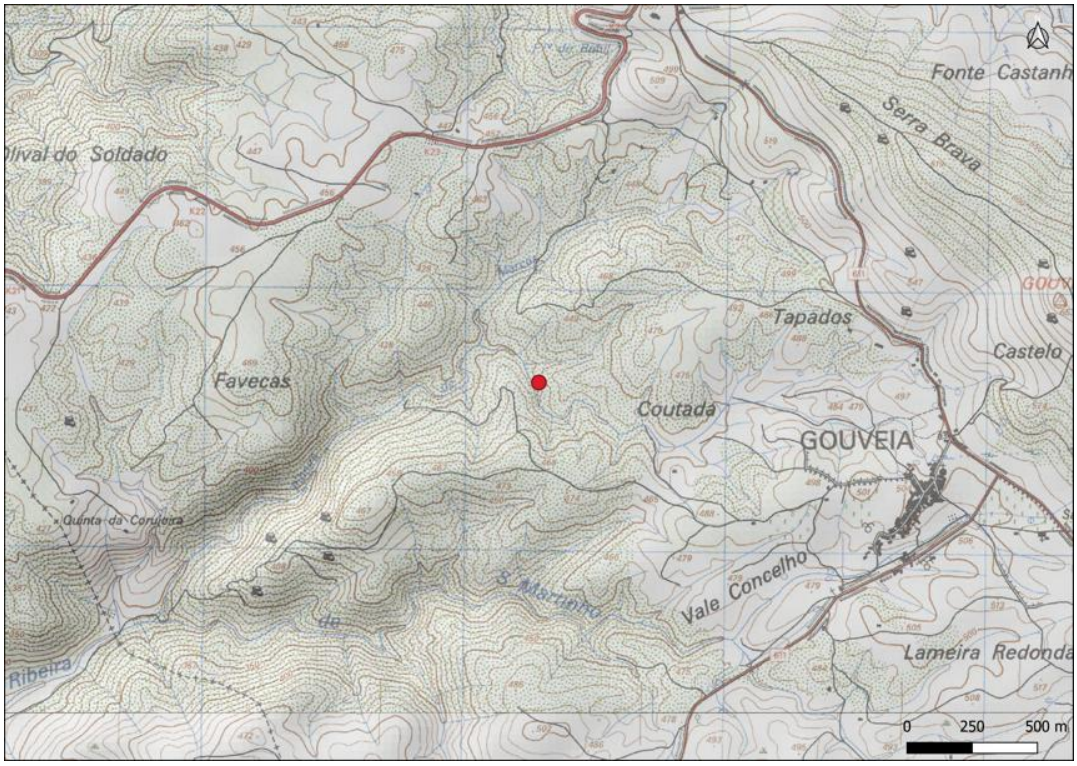


Figura 190 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 28.

Acessos: A noroeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para oeste, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha Coutada 2. Esta rocha encontra-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Marcos.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de um tributário da margem esquerda da ribeira de S. Marcos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, dominando, apenas uma pequena parte da envolvente, junto à linha de água. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 191) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

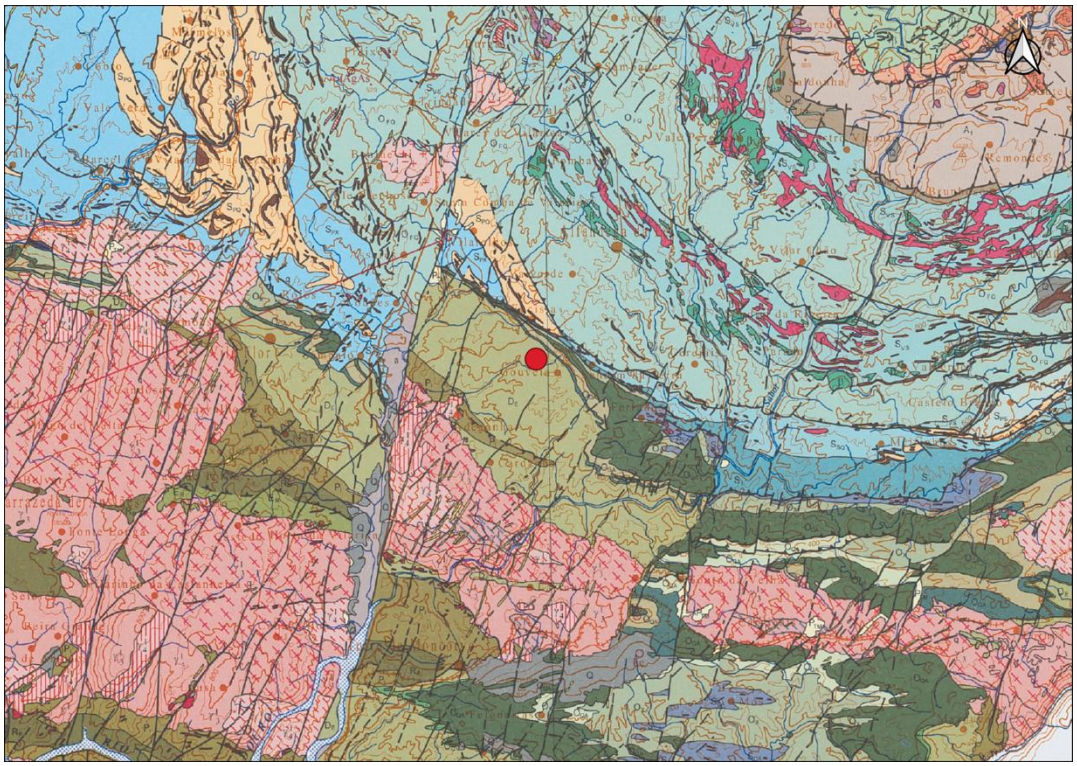


Figura 191 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 28.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto bem destacado do solo, laminado verticalmente e subverticalmente (Fig. 192). Apresenta quatro painéis gravados, divididos por pequenas fendas naturais. Os painéis C e D são oblíquos com a superfície para cima e o painel B, também é oblíquo, mas com a superfície para baixo. O painel A é o único com a superfície vertical. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são de aproximadamente 3.50 metros de largura por 3 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se entre 1 e 1.50 metros do solo.



Figura 192 - Rocha Favecas 28 com as áreas onde se encontram as gravuras assinaladas. A seta indica a posição do painel D. Vista a partir de sudoeste. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: No painel A foram identificadas pequenas linhas incisas. Duas delas formam um triângulo aberto (Fig. 193). Este painel está orientado para sul. No painel B há um motivo quadrangular que poderá, eventualmente, corresponder a um "tabuleiro de jogo" quadrado e preenchido por linhas horizontais, verticais e diagonais (Fig. 194). Parece estar inacabado. Está orientado

para sudoeste. No painel C gravaram-se pequenas linhas verticais, paralelas entre si e, em menor quantidade, horizontais (Fig. 195). Também se encontra orientado para sudoeste. O painel D é o que apresenta maior quantidade e diversidade de gravuras. Estas correspondem a linhas filiformes verticais e horizontais, paralelas entre si (Fig. 196 e 199). Surge um antropomorfo inciso, de braços abertos com um adereço na cabeça (chapéu?) (Fig. 197). Por fim, há a registar a presença de caracteres incisos, de difícil compreensão, mas que poderá corresponder a alfabetiformes (Fig. 198). Também está orientado para sudoeste. A técnica utilizada foi a incisão filiforme e a raspagem.

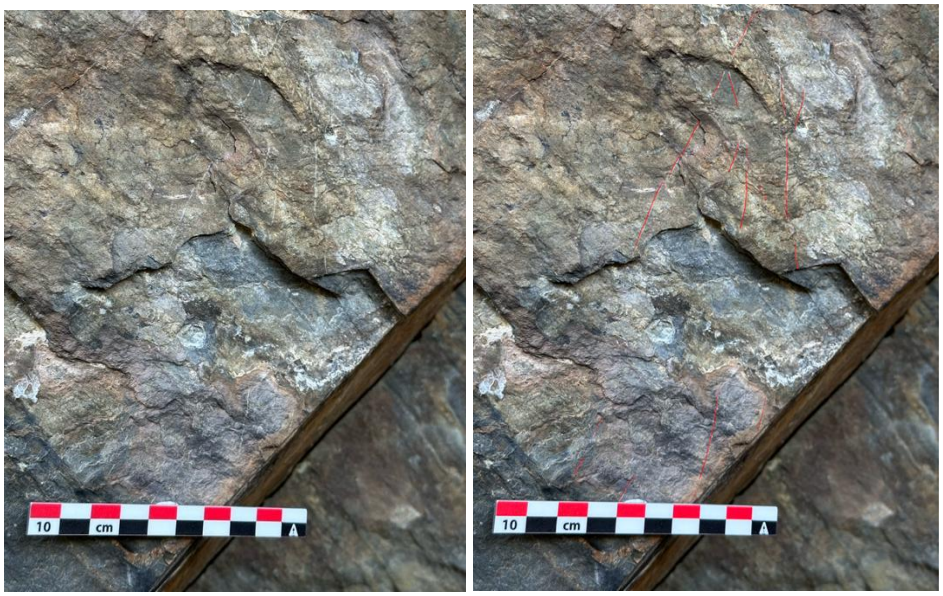


Figura 193 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.



Figura 194 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel B. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.



Figura 195 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C. À direita: linhas incisas a vermelho e raspadas a amarelo. Levantamento sobre fotografia.



Figura 196 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

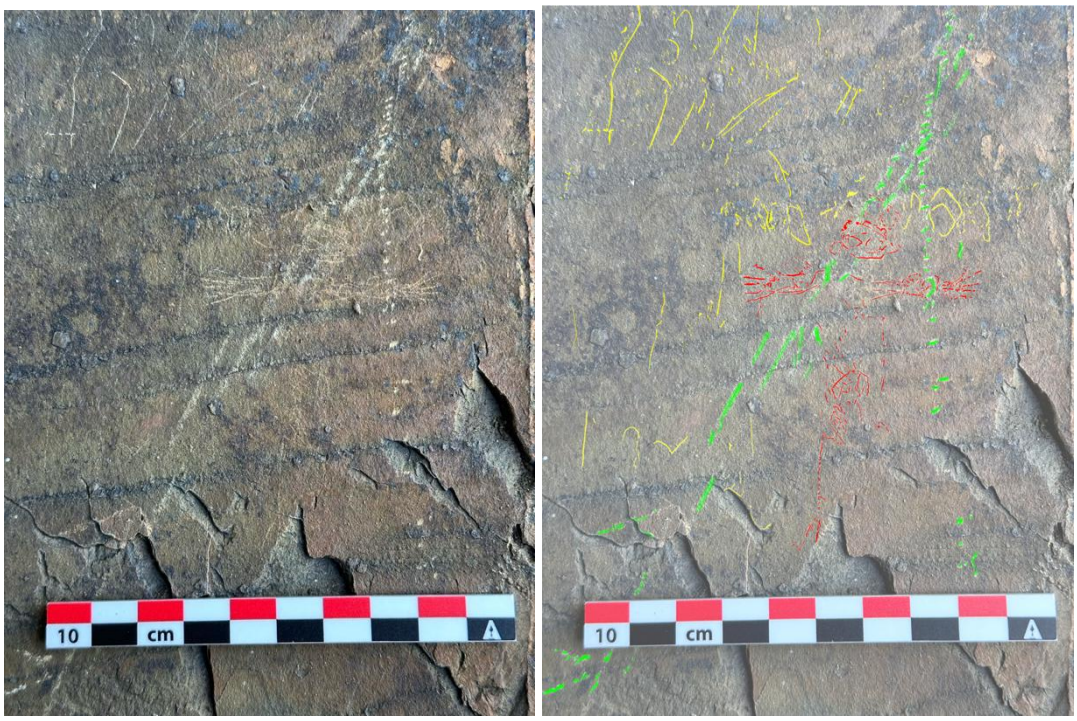


Figura 197 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas a vermelho indicam um antropomorfo, a amarelo incisões e a verde raspagem. Levantamento sobre fotografia.

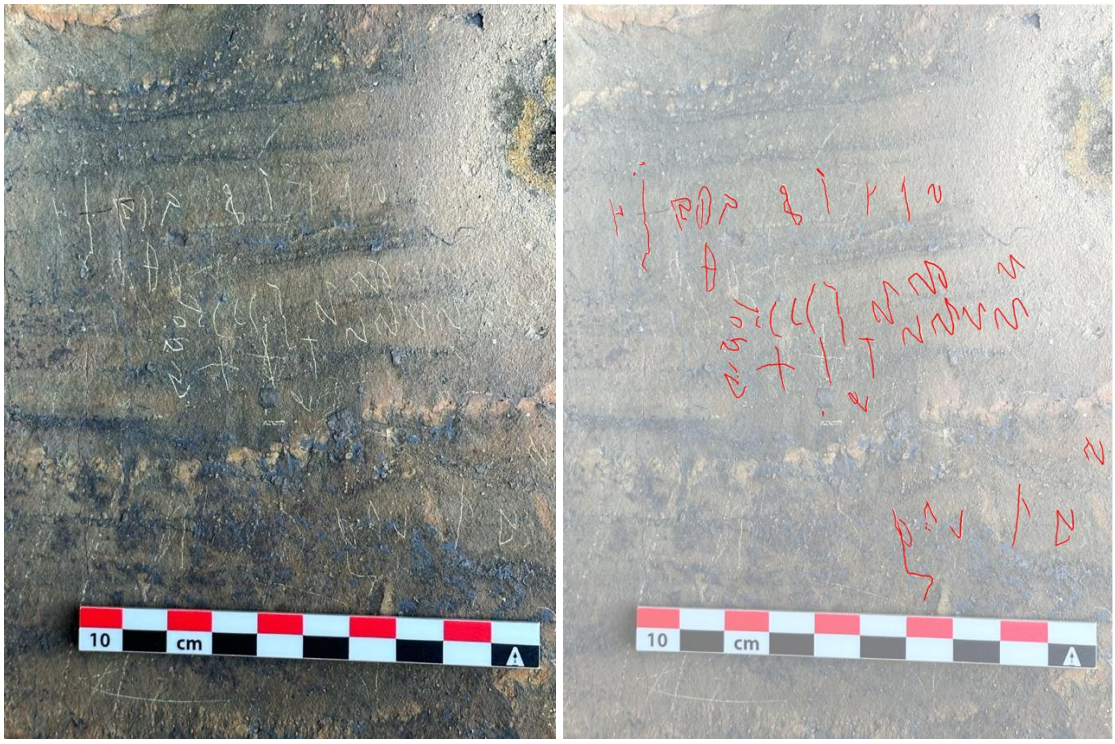


Figura 198 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: caracteres (?) incisos a vermelho. Levantamento sobre fotografia.



Figura 199 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(32) Favecas 29

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Favecas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.29407 N; Longitude: -7.01091 O; Altitude: 449 m.

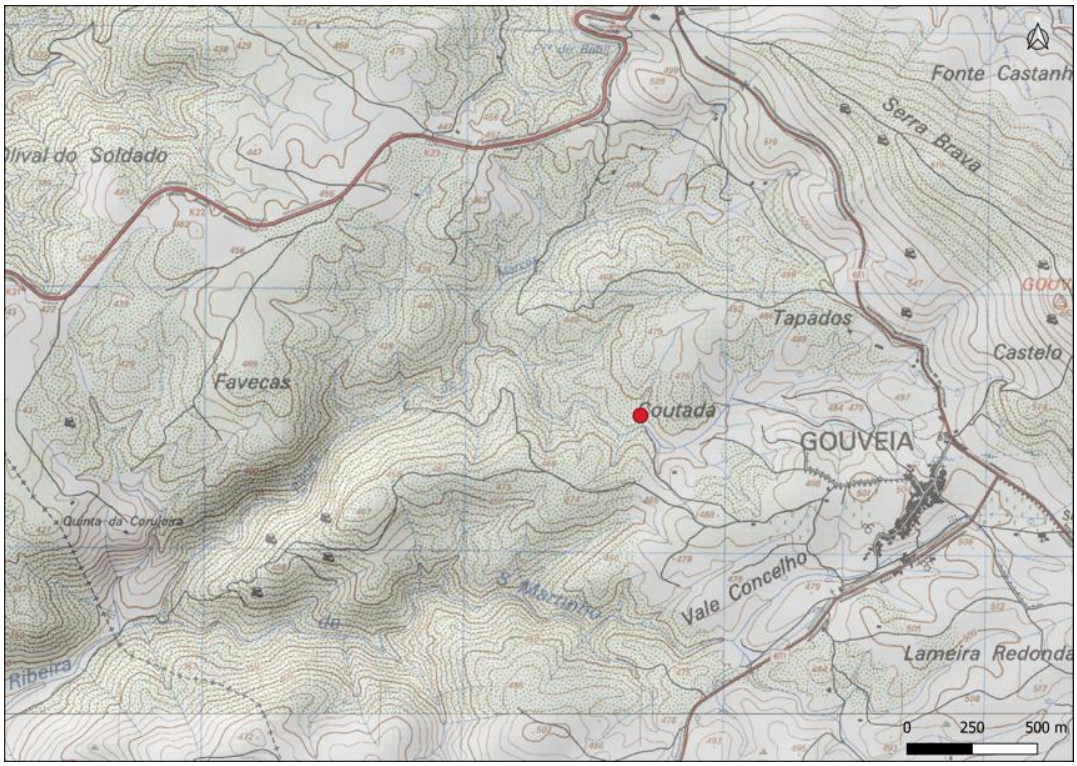


Figura 200 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Favecas 29.

Acessos: A noroeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para oeste, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à Favecas 29. Esta rocha encontra-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira de Marcos.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de um tributário da margem esquerda da ribeira de S. Marcos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, dominando apenas a envolvente que corresponde a um pequeno vale agricultado com oliveiras. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 201) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

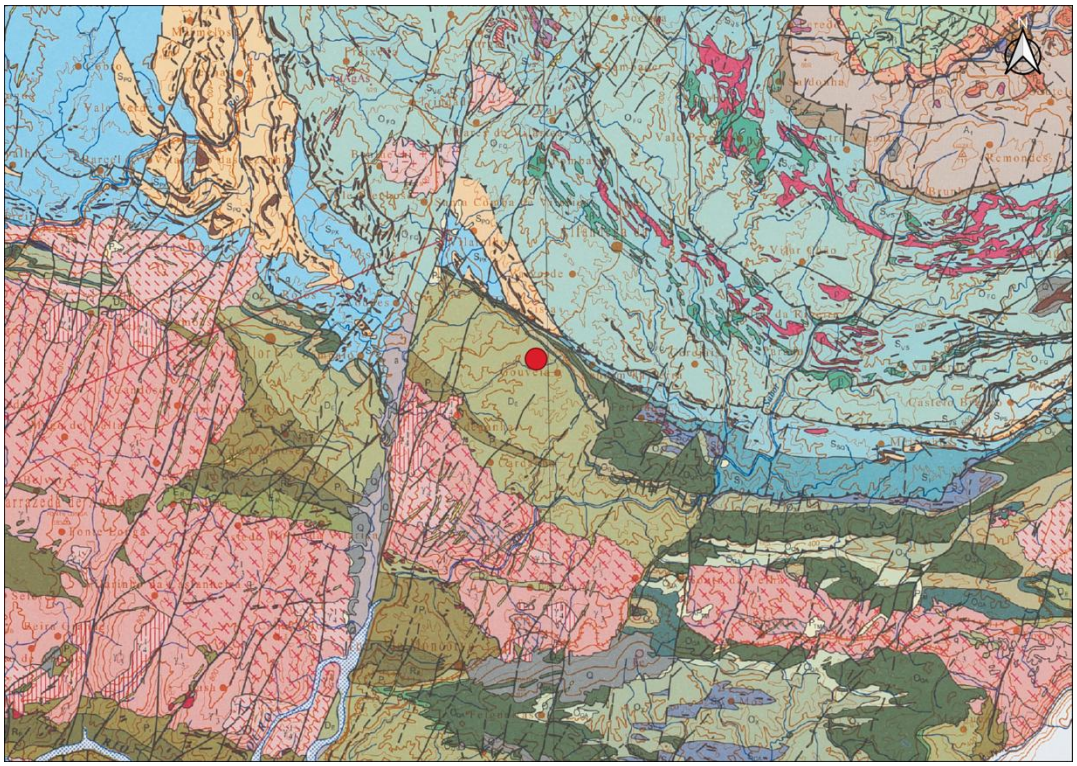


Figura 201 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Favecas 29.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os povoados mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto bem destacado do solo, laminado verticalmente e subverticalmente (Fig. 202). Apresenta vários painéis, divididos por pequenas fendas naturais. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são de aproximadamente 2 metros de largura por 1.50 metros de altura máxima.

As gravuras encontram-se a cerca de 40 cm do solo.



Figura 202 - Rocha Favecas 29 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Vista a partir de sudoeste. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas circunscrevem-se a um único painel (Fig. 203). Correspondem a linhas verticais, paralelas entre si, localizadas na parte central do painel, e a três linhas horizontais, que se sobrepõem às primeiras. Há, ainda, motivos triangulares, abertos. No topo, há linhas cruzadas mal definidas. A orientação do painel gravado faz-se para sudoeste. A técnica utilizada foi a incisão filiforme.



Figura 203 - À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Favecas 29. À direita: linhas incisas a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(33) Moinhos 1

Tipo de sítio: Inscrições.

Cronologia: Contemporânea.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira dos Moinhos.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28636 N; Longitude: -7.00705 O; Altitude: 455 m.

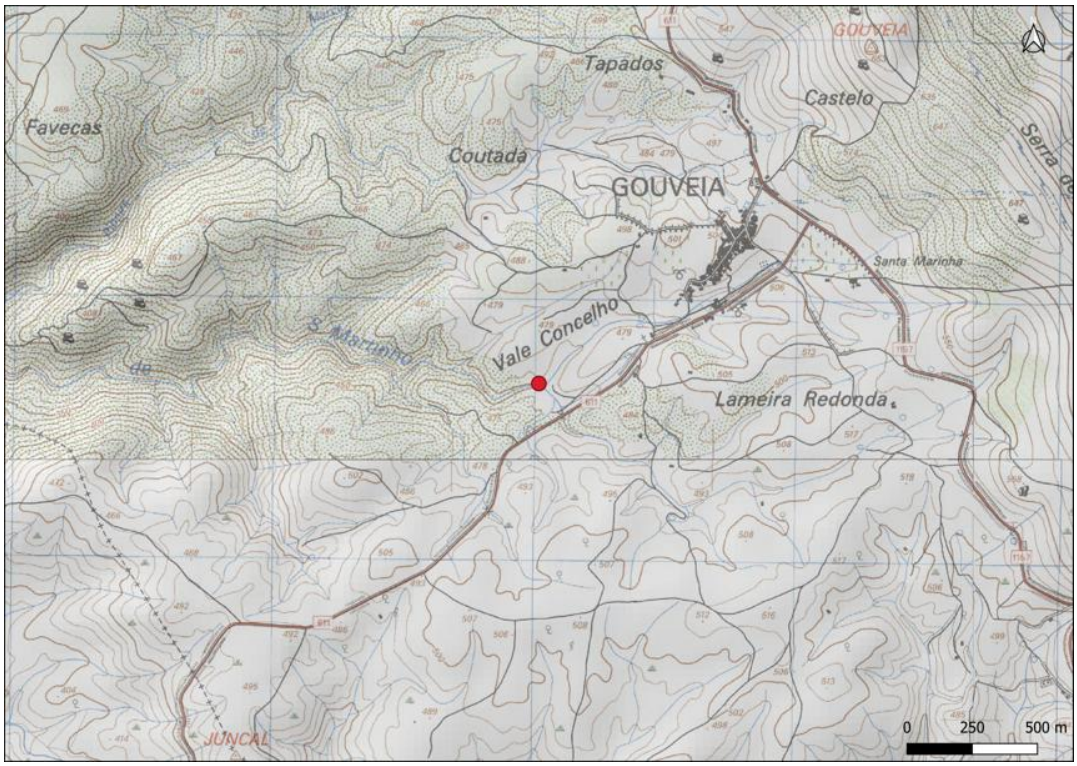


Figura 204 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 1.

Acessos: A sudoeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para noroeste que parte da estrada M611, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha Moinhos 1. Esta rocha encontra-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, tributária da margem esquerda da ribeira da Vilariça.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita do ribeiro dos Moinhos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, à exceção de este e oeste em que há um domínio sobre um pequeno vale. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 205) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival.

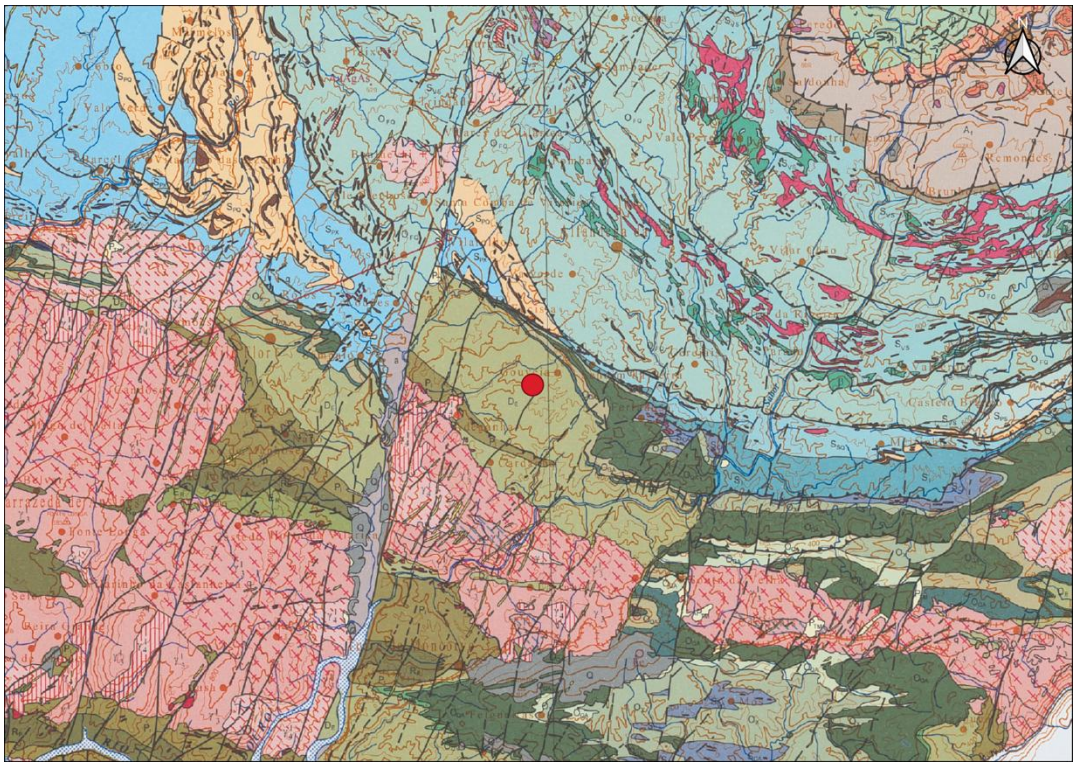


Figura 205 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto, bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 206). Apresenta um painel, dividido por pequenas fendas naturais. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são de aproximadamente 1.50 metros de largura por 1.30 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 1.10 m do solo. Encontra-se a escassos metros de um açude de um moinho hidráulico, podendo querer assinalar a construção do açude e/ou do moinho.



Figura 206 - Vista geral da rocha Moinhos 1. Os retângulos a vermelho assinalam as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas circunscrevem-se a um painel, divididos por uma fenda natural (Fig. 207). No grupo A, mais perto do topo, encontra-se a data 1831 (?). No grupo B, na parte mais lateral e inferior da rocha, forma gravados "caracteres" de difícil compreensão, mas onde se pode ler um E e um T. A orientação deste painel faz-se para sul. A técnica de gravação foi o picotado.



Figura 207 - À esquerda: pormenor das gravuras do grupo A. À direita: pormenor das gravuras do grupo B. Fotografias do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(34) Moinhos 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Idade do Ferro.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira dos Moinhos.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28643 N; Longitude: -7.00746 O; Altitude: 454 m.

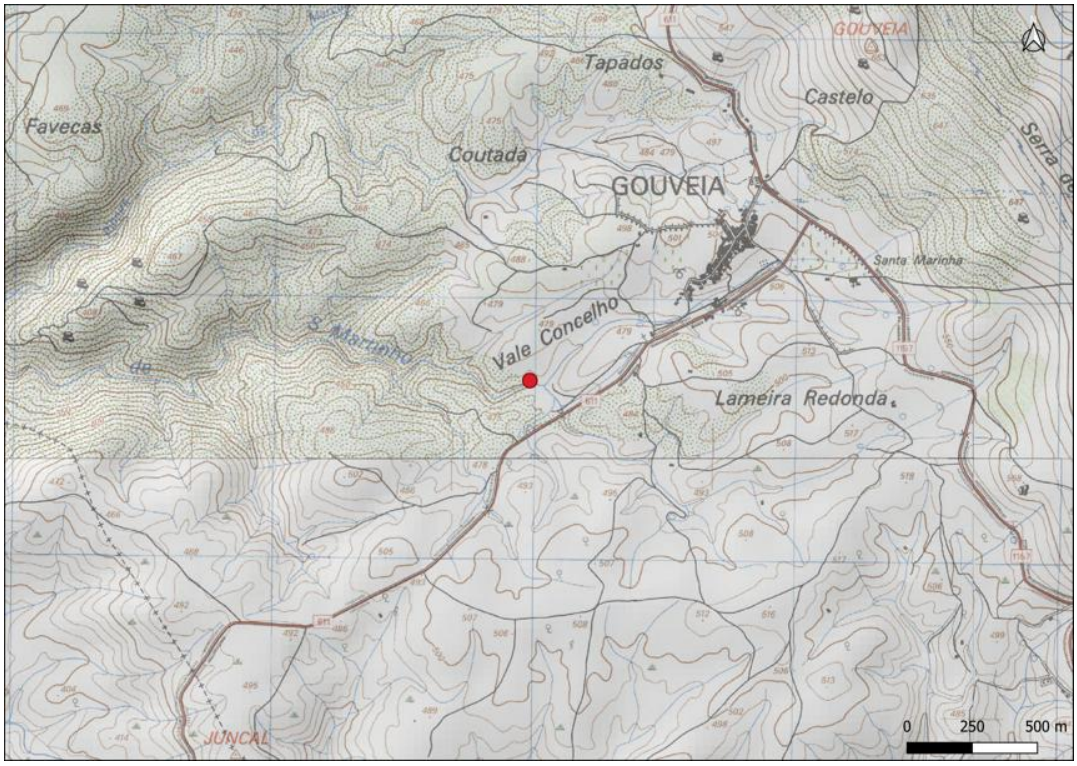


Figura 208 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 2.

Acessos: A sudoeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para noroeste que parte da estrada M611, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha Moinhos 2. Esta rocha encontra-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, tributária da margem esquerda da ribeira da Vilariça.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita do ribeiro dos Moinhos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste em que há

um domínio sobre um pequeno vale. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 209) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

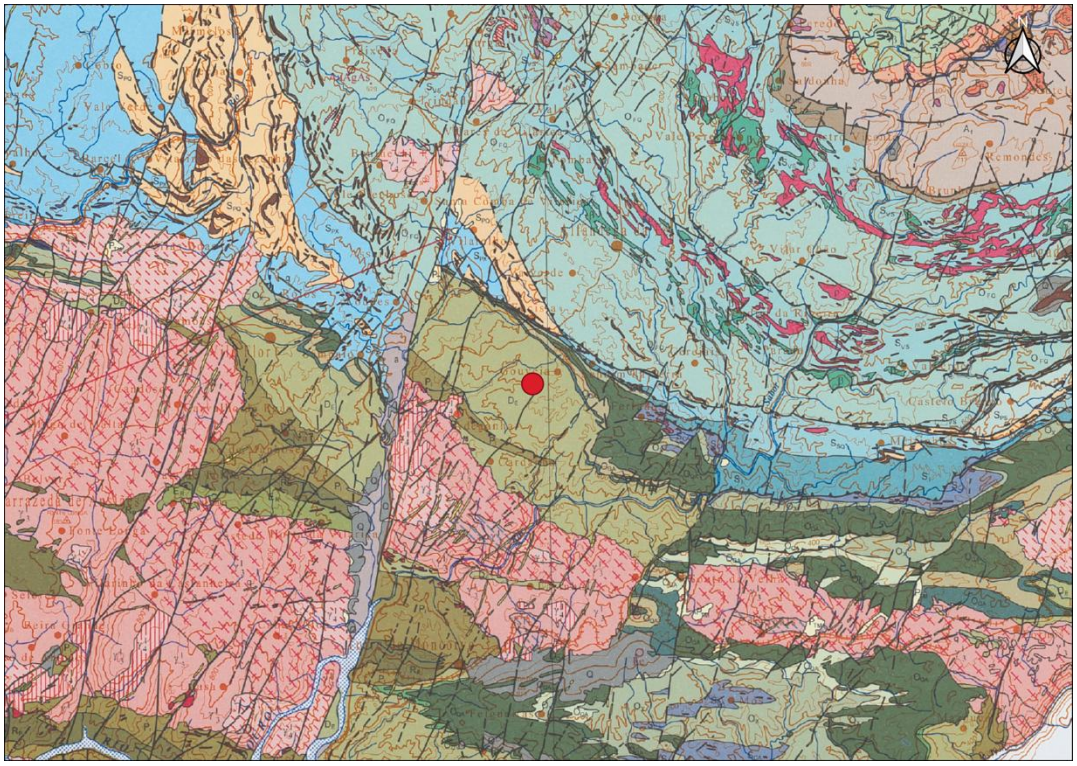


Figura 209 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios, a noroeste, e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca, a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 210). Apresenta um painel gravado. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são de aproximadamente 2 metros de largura por 1.50 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 70 cm do solo.



Figura 210 - Vista geral da rocha Moinhos 2. Os retângulos a vermelho assinalam as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas circunscrevem-se a um único painel, gravado em duas áreas distintas. As gravuras do grupo A correspondem a uma cena de caça onde, um antropomorfo muito esquemático, montado num equídeo, segura uma arma de arremesso com a mão direita que pretende lançar sobre um cervídeo (Fig. 211). Os quadrúpedes são semi-naturalistas. O pescoço do equídeo é atravessado por sulcos em ziguezague que poderão representar rédeas. No grupo B, foram efetuadas linhas incisas filiformes, formando, sobretudo, triângulos abertos (Fig. 212). A orientação deste painel faz-se para sul. A técnica de gravação é a incisão filiforme.



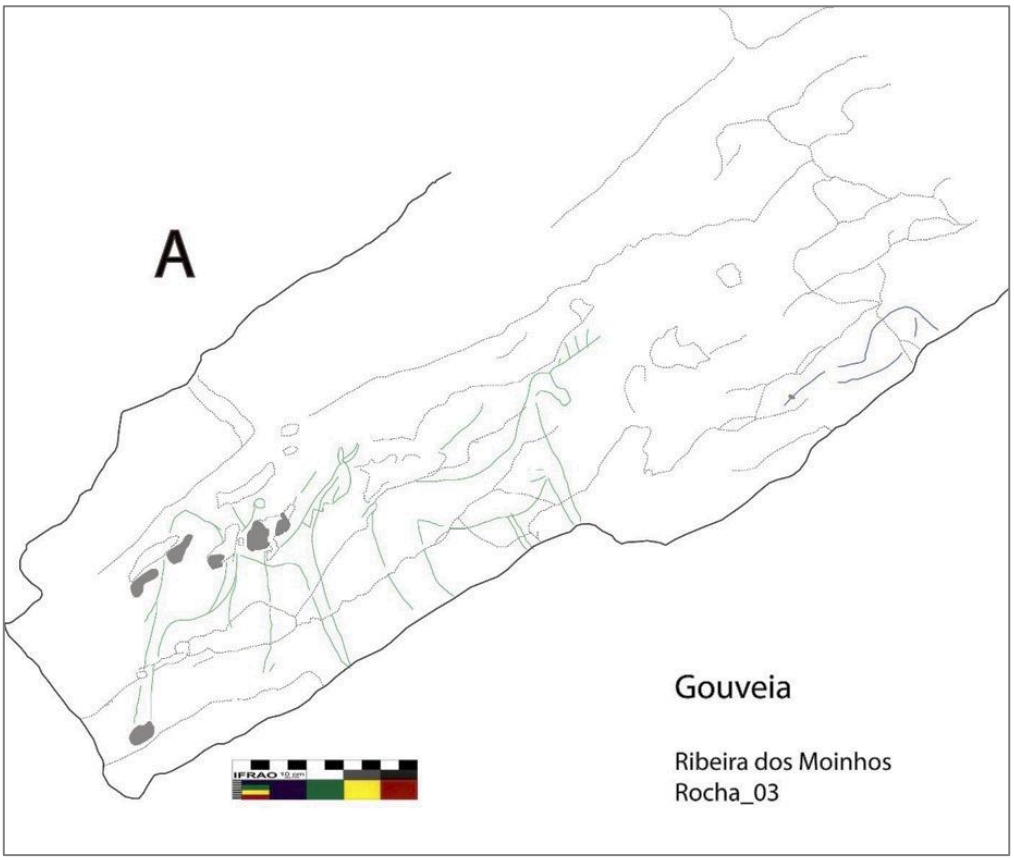


Figura 211 - Em cima: pormenor das gravuras do grupo A. Em baixo: levantamento sobre o painel onde estão representadas a verde as gravuras do grupo A. Os picotados são as fraturas naturais da rocha. Levantamento do autor.

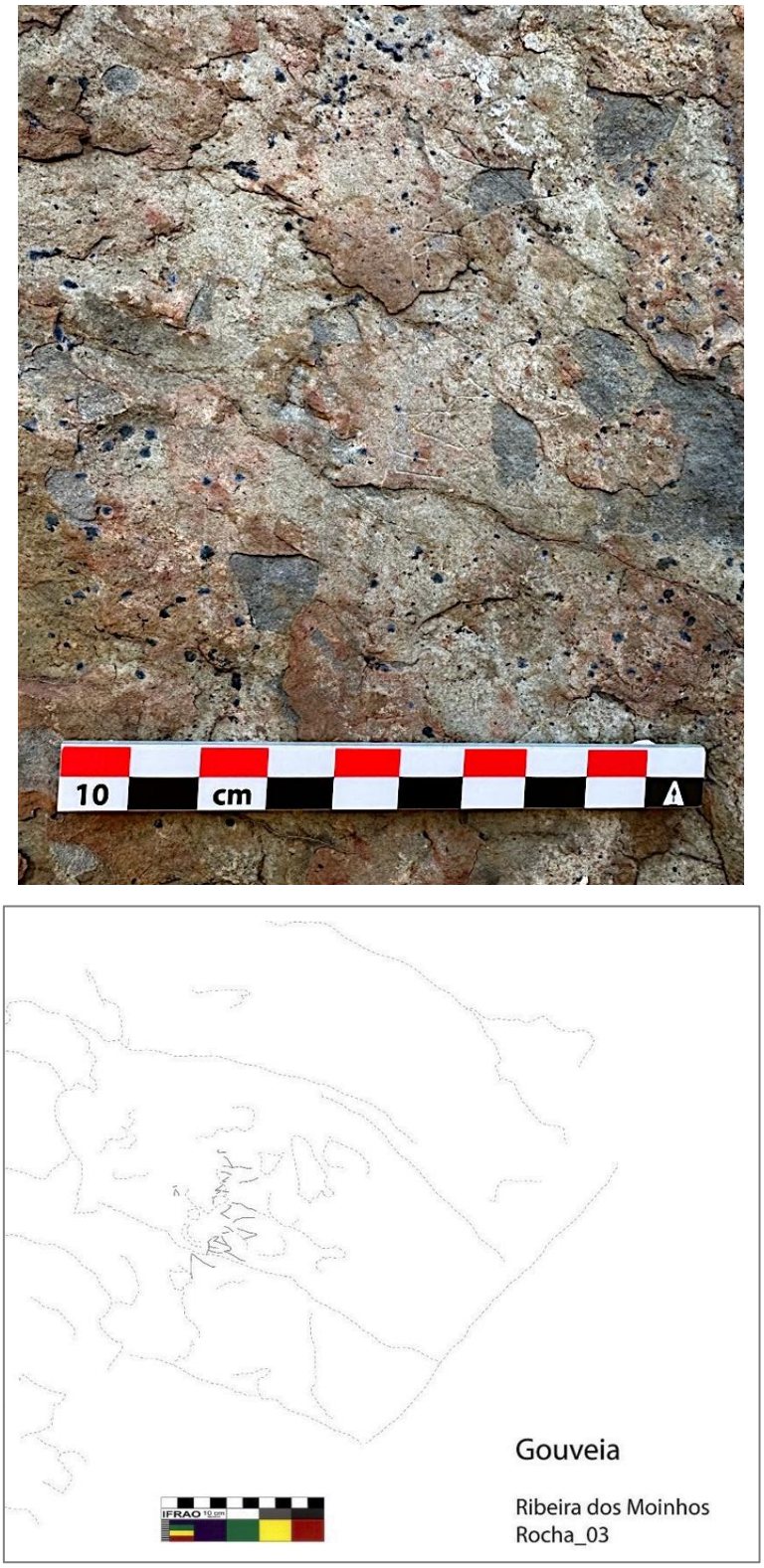


Figura 212 - Em cima: pormenor das gravuras do grupo B. em baixo: levantamento sobre o painel onde estão representadas a preto as gravuras do grupo B. Os picotados são as fraturas naturais da rocha. Levantamento do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em razoável estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(35) Moinhos 3

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Proto-história.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira dos Moinhos.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28626 N; Longitude: -7.00806 O; Altitude: 454 m.

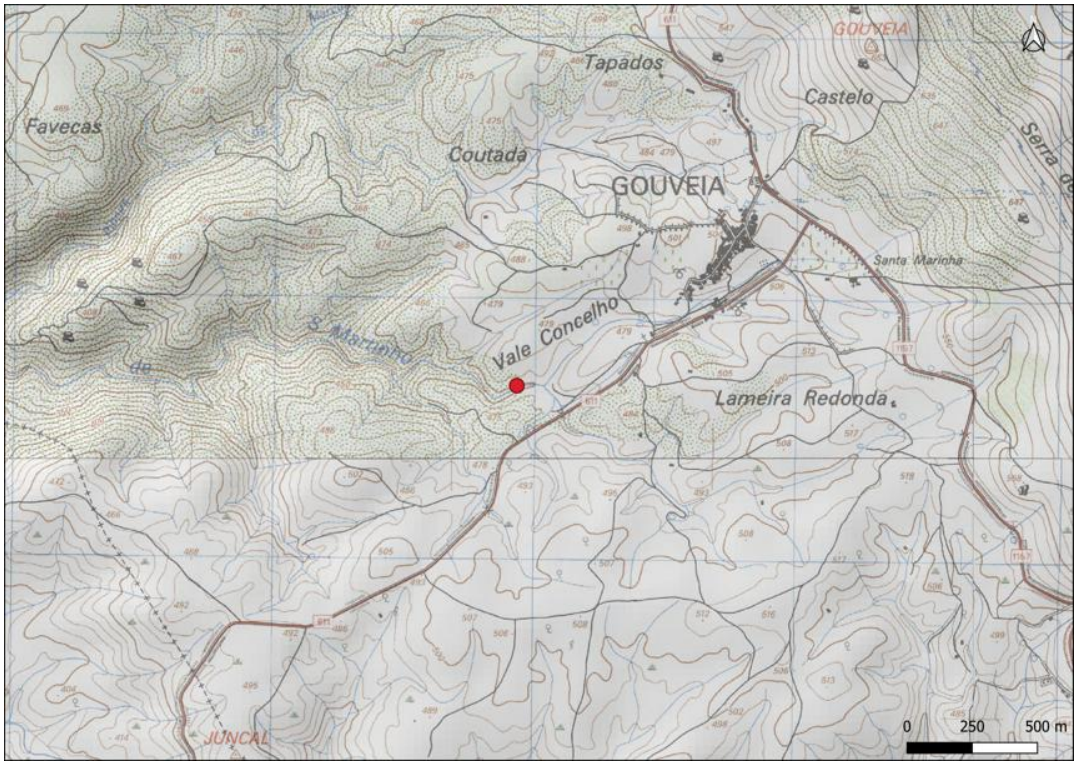


Figura 213 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 3.

Acessos: A sudoeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para noroeste que parte da estrada M611, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha dos Moinhos 3. Esta encontra-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, tributária da margem esquerda da ribeira da Vilariça.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita do ribeiro dos Moinhos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, à exceção de este e oeste em que

há um domínio sobre um pequeno vale. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 214) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

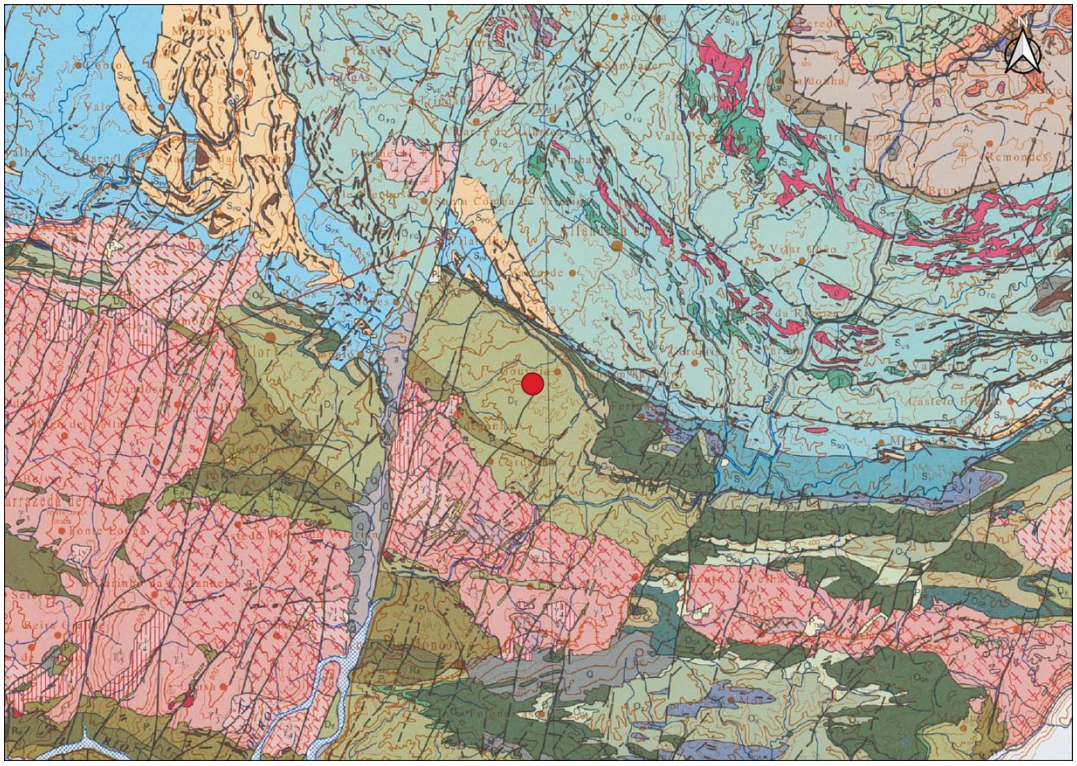


Figura 214 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 3.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 215). Apresenta vários painéis, divididos por pequenas fendas naturais. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são,

aproximadamente, de 2 metros de largura por 2 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 30 cm do solo.



Figura 215 - Vista geral da rocha Moinhos 3. O retângulo a vermelho assinala as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas circunscrevem-se a um único painel (Fig. 216). Correspondem a linhas ténues feitas com incisões pouco profundas, na parte esquerda do painel e um motivo em U, no ponto central. É de referir que esta é a única rocha em que um motivo em U é gravado com pequenas linhas incisas e não com picotado, como é habitual. Este painel encontra-se orientado para sul. A técnica de gravação é a incisão filiforme, pouco profunda.



Figura 216 - Pormenor das gravuras da rocha Moinhos 3. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(36) Moinhos 4

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: indeterminadas.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira dos Moinhos.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28602 N; Longitude: -7.00877 O; Altitude: 454 m.

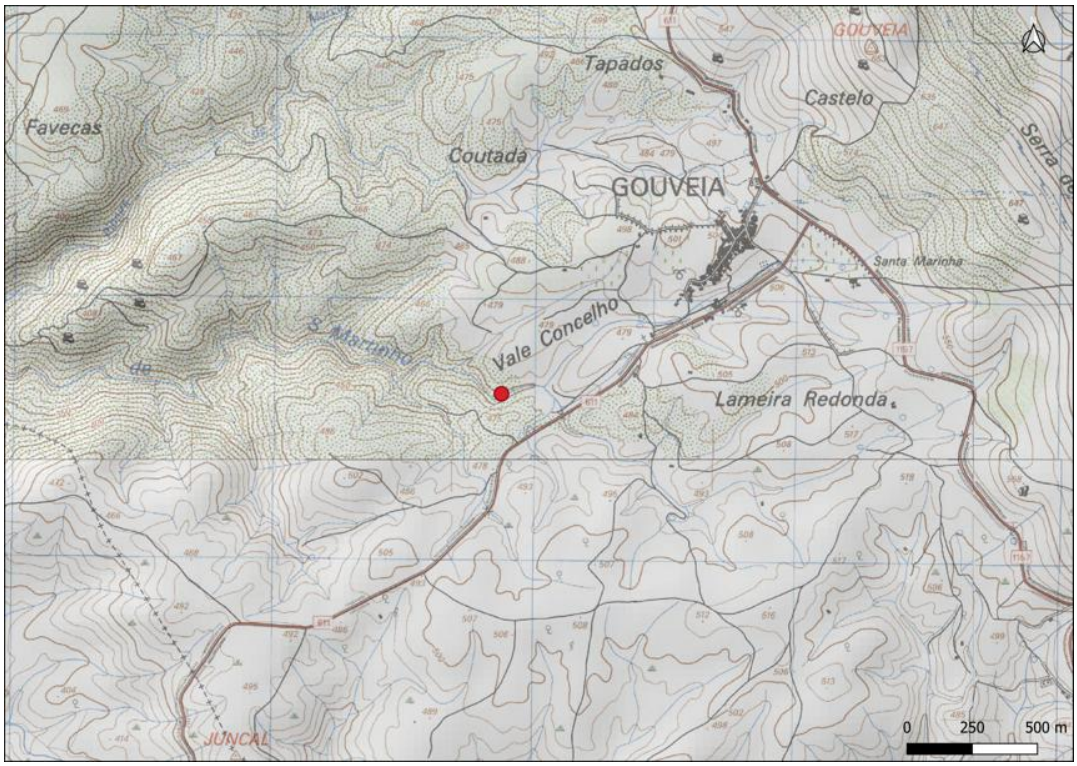


Figura 217 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 4.

Acessos: A sudoeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para noroeste que parte da estrada M611, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha dos Moinhos 4. Esta encontra-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, tributária da margem esquerda da ribeira da Vilariça.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita do ribeiro dos Moinhos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, à exceção de este e oeste em que há um domínio sobre um pequeno vale. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 218) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

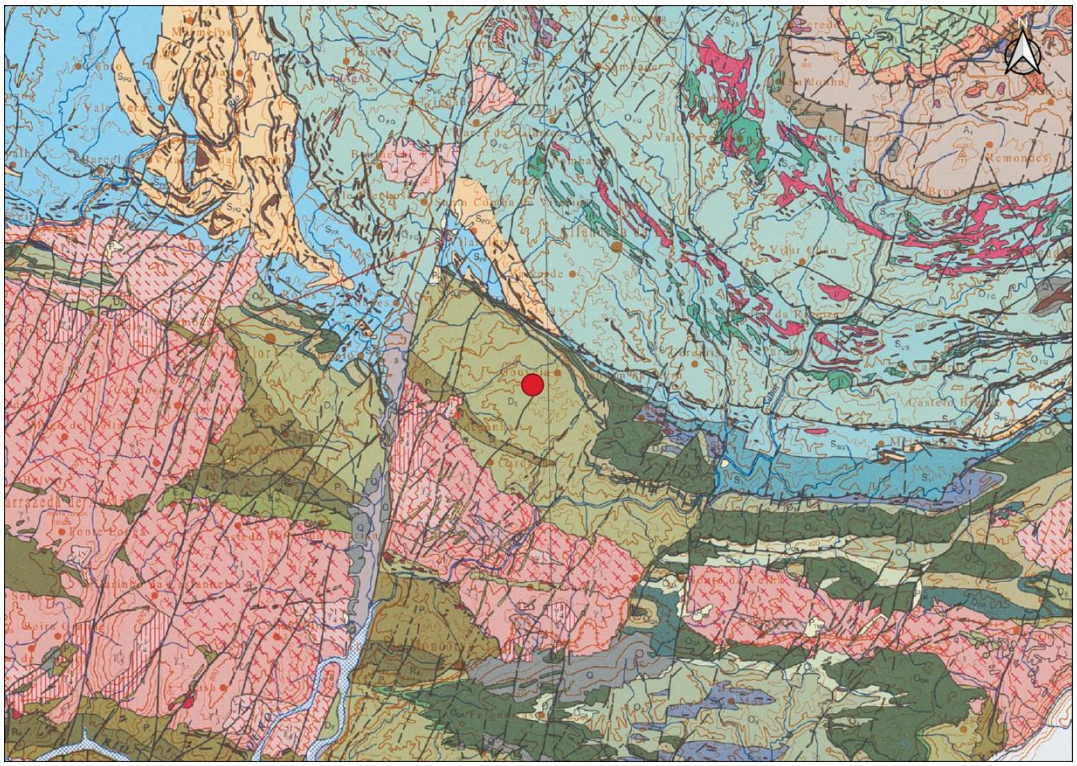


Figura 218 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 4.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 219). Apresenta um painel de dimensões consideráveis, bastante liso. Este é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são, aproximadamente, de 1.50 metros de largura, por 1.20 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 40 cm do solo.



Figura 219 - Vista geral da rocha Moinhos 4. O quadrado a vermelho assinala as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas circunscrevem-se a um único painel (Fig. 220). Correspondem a linhas incisas verticais e horizontais entrecruzadas, linhas em ziguezague com curvas arredondas, na parte direita do conjunto, e alguns picotados dispersos sobre as incisões, sendo estes mais recentes. A orientação deste painel faz-se para sul. A técnica de gravação é a incisão filiforme e o picotado. Os picotados pela ausência de patine parecem ser relativamente recentes.



Figura 220 - Pormenor das gravuras da rocha Moinhos 4. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(37) Moinhos 5

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Histórica.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeira dos Moinhos.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28740 N; Longitude: -7.01226 O; Altitude: 440 m.

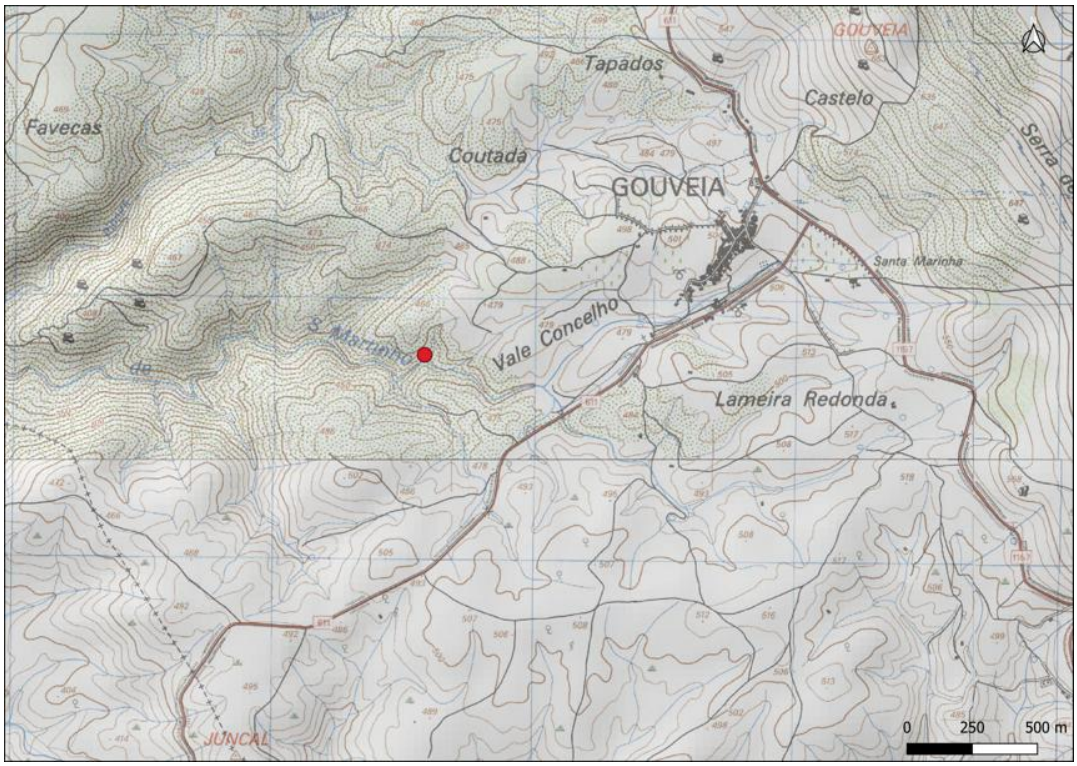


Figura 221 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Moinhos 5.

Acessos: A sudoeste de Gouveia, seguir caminho de terra batida para noroeste que parte da estrada M611, em direção à ribeira de S. Martinho. Ao chegar a um pequeno vale, seguir a pé até à rocha dos Moinhos 5. Esta rocha encontra-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, tributária da margem esquerda da ribeira da Vilariça.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita do ribeiro dos Moinhos. As condições de visibilidade são escassas para todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste e sudoeste em que há um domínio sobre um pequeno vale. No local é possível observar afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 222) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

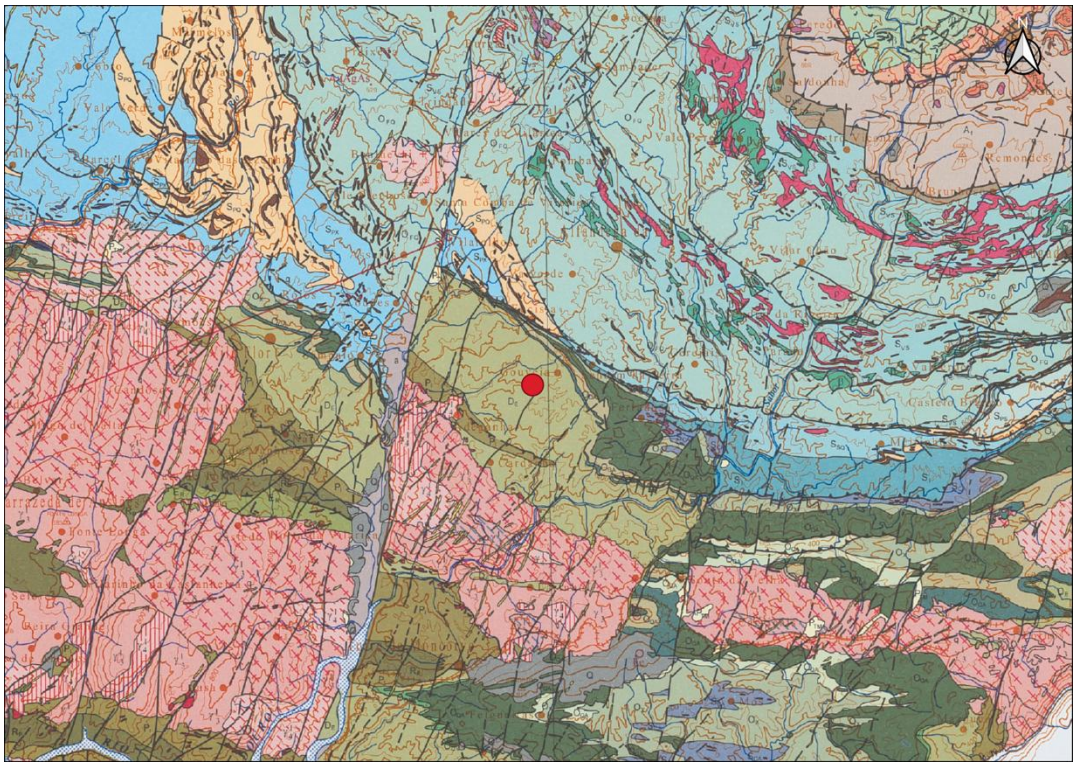


Figura 222 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Moinhos 5.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto, bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 223). Apresenta vários painéis, divididos por pequenas fendas naturais. É bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção do norte. As dimensões são, aproximadamente, de 3 metros de largura por 1.50 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 30 cm do solo.



Figura 223 - Vista geral da rocha Moinhos 5. O quadrado a vermelho assinala as gravuras. Vista a partir de sul. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas circunscrevem-se a um único painel. Correspondem ao que parece um "tabuleiro de jogo" (Fig. 224). Este motivo acompanha a orientação da rocha, posicionado na diagonal. De todos os motivos identificados neste trabalho, este é aquele que apresenta maior perfeição na sua execução. O painel encontra-se orientado para sul. A técnica de gravação é a incisão filiforme.



Figura 224 - Pormenor das gravuras da rocha Moinhos 5. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(38) Pias 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e traços eventualmente aleatórios.

Cronologia: Proto-história e indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28378 N; Longitude: -7.00278 O; Altitude: 475 m.

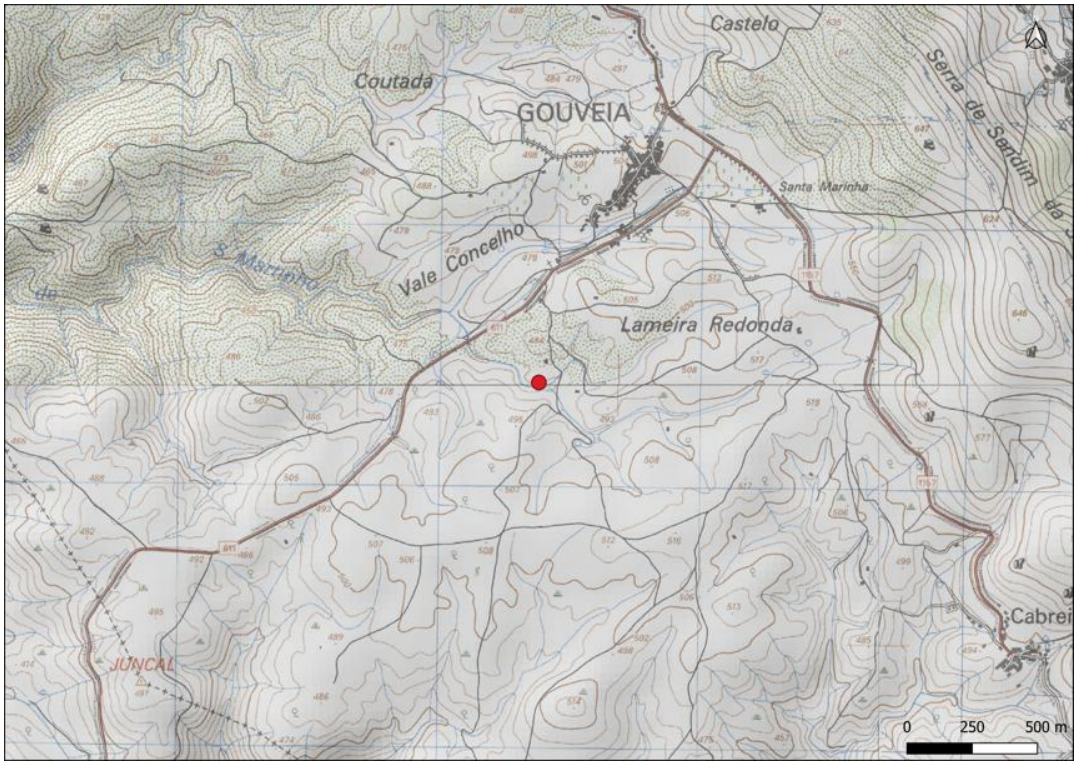


Figura 225 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 1.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para sudoeste. Junto a um lameiro, encontra-se esta rocha.

Localização física e ambiental: O local situa-se na bordadura de uma pequeníssima veiga localizada a este do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 1, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 226) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área

de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

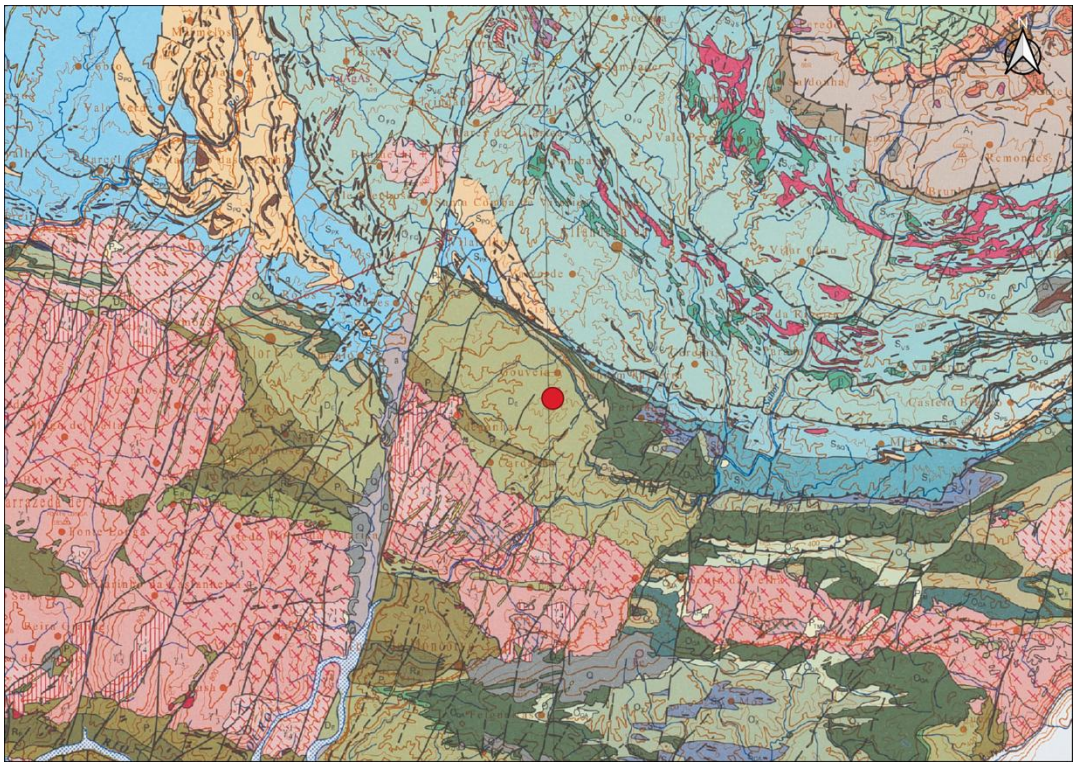


Figura 226 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000 com a localização de Pias 1.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, existe o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 227). Os painéis gravados encontram-se orientados para sudoeste, à exceção do painel F, que se encontra orientado para este. Esta rocha não é identificável a partir de norte, encontrando-se ao nível do solo, devido à pendente da encosta. No entanto, apenas é visível a partir de sudoeste. Apresenta pequenos painéis, sendo que o maior apenas contém dois motivos em U picotados e são os mais pequenos que contêm maior quantidade de gravuras. A maior parte dos painéis desta rocha são de pequenas dimensões e com algumas fraturas naturais. As dimensões desta rocha são de 2.5 metros de largura por 2 metros de altura máxima e cerca de 50 cm de altura mínima.

O painel A encontra-se a cerca de 90 cm do solo. O painel B, a cerca de 80 cm do solo. Relativamente ao painel C, este encontra-se a cerca de 60 cm do solo. O painel D é aquele que se encontra mais próximo do solo, a cerca de 50 cm. O painel E, encontra-se a cerca de 70 cm do solo. O painel F, o único gravado com uma orientação diferente dos restantes, encontra-se a cerca de 80 cm do solo.

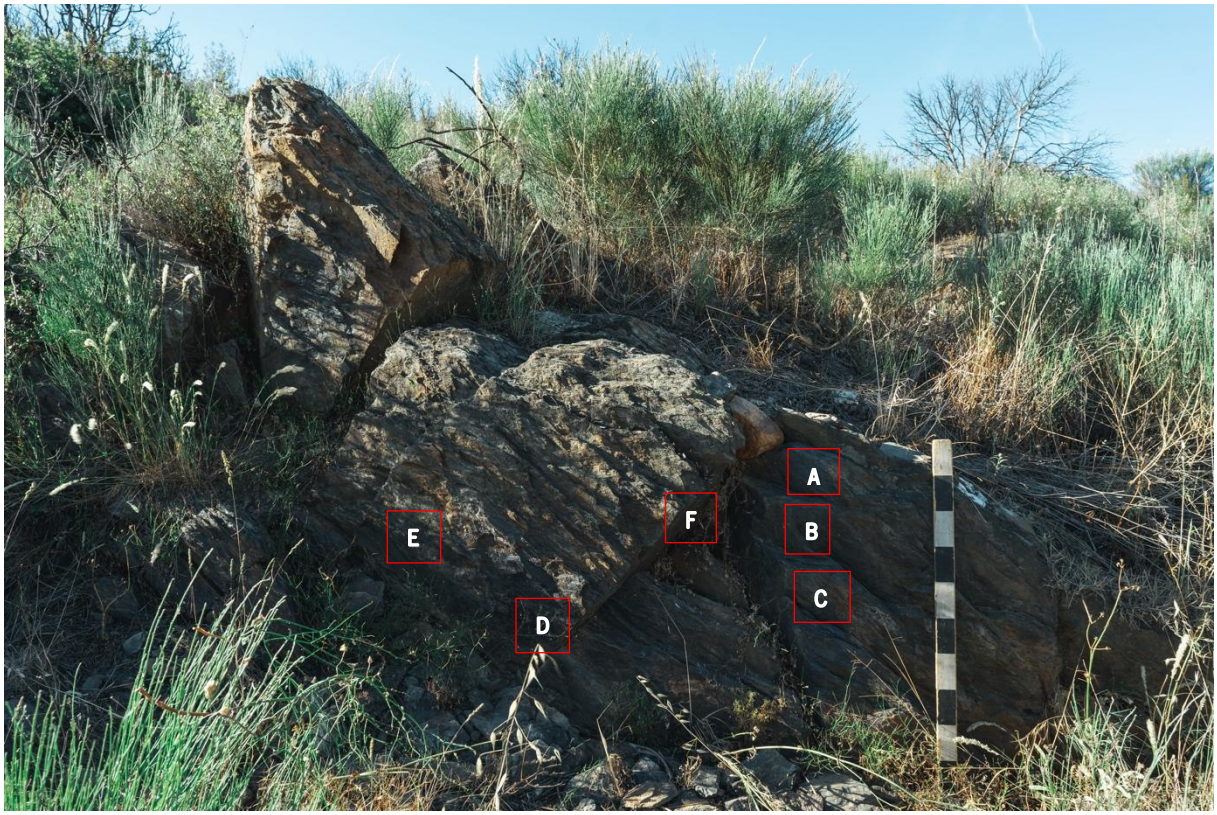


Figura 227 - Vista geral da rocha Pias 1 onde estão assinalados os seis painéis com gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados nestes seis painéis estão circunscritos a algumas partes dos mesmos. No painel A encontra-se um motivo picotado que pode corresponder a um antropomorfo e linhas incisas filiformes (Fig. 228). No painel B, identificaram-se duas linhas incisas paralelas entre si e três linhas subverticais de menores dimensões, também paralelas entre si e acima das verticais (Fig. 229). A técnica utilizada foi a incisão filiforme. O painel C é o mais elaborado, ou seja, estão presentes dois fusiformes de perfil em V, paralelos e subverticais; linhas incisas filiformes paralelas e perpendiculares entre si e em relação aos fusiformes; picotados um pouco dispersos, mas, sobretudo, sobre os fusiformes em que uns parecem ser mais recentes que outros devido à patine mais "gasta" (Fig. 230). No painel D apenas foi gravado um motivo em U com ponto central picotado, mas com uma forma quadrangular (Fig. 231). O painel E, encontra-se na mesma face do painel D, mas na outra extremidade da rocha. Aparentemente, está representado um motivo em U picotado, mas sugerindo a

ideia de que não foi terminado, uma vez que se percebe a forma, mas com picotados dispersos e pouco precisos, como se fosse um esboço (Fig. 232). Por fim, o painel F, onde são percetíveis linhas incisas relativamente oblíquas, em que uma é maior que a oposta e uma linha, também de menor dimensão, perpendicular a estas (Fig. 233).



Figura 228 - Em cima: Pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: possível antropomorfo picotado e linhas incisas. Levantamento do autor.

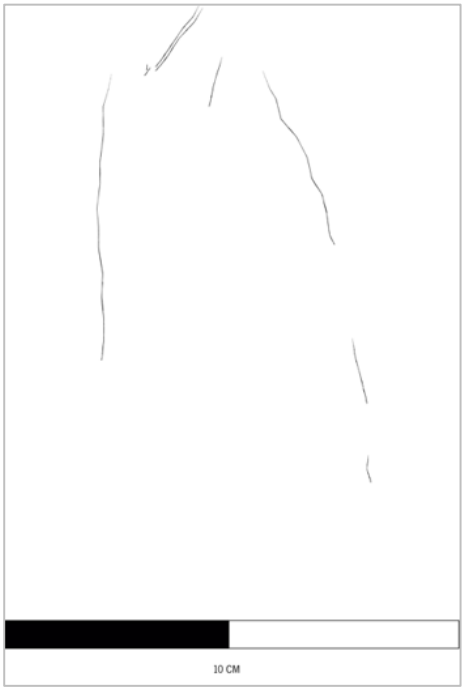


Figura 229 - Linhas incisas filiformes do painel B. Levantamento do autor.

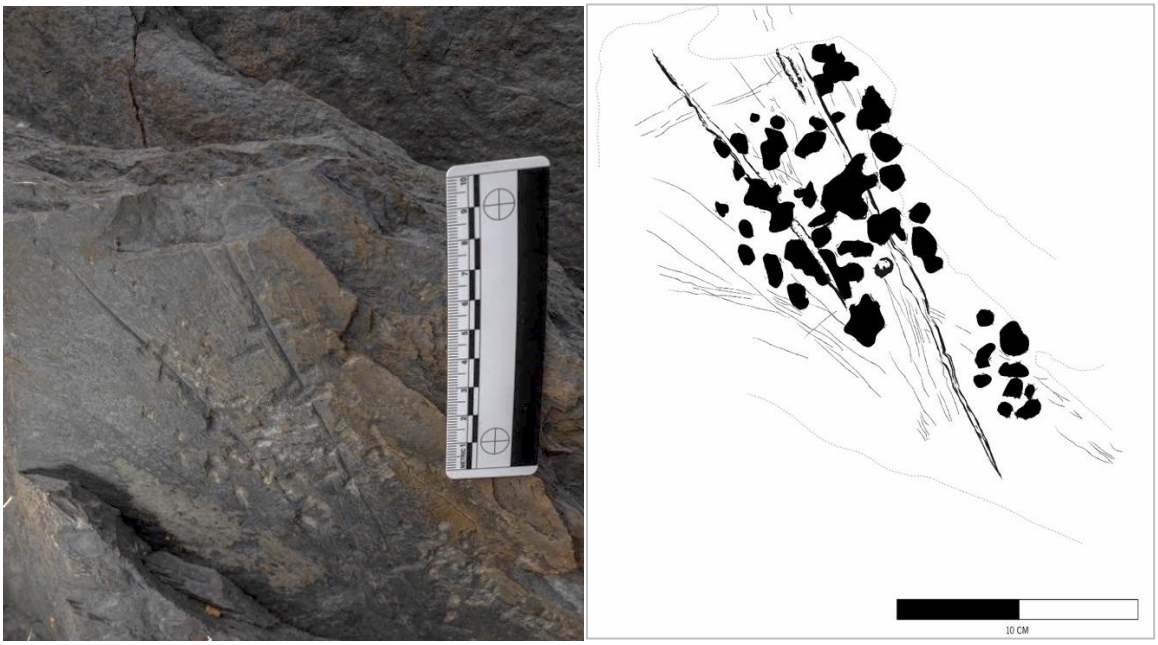


Figura 230 - Em cima: pormenor das gravuras do painel C. Em baixo: linhas incisas, picotados e fusiformes. Levantamento do autor.

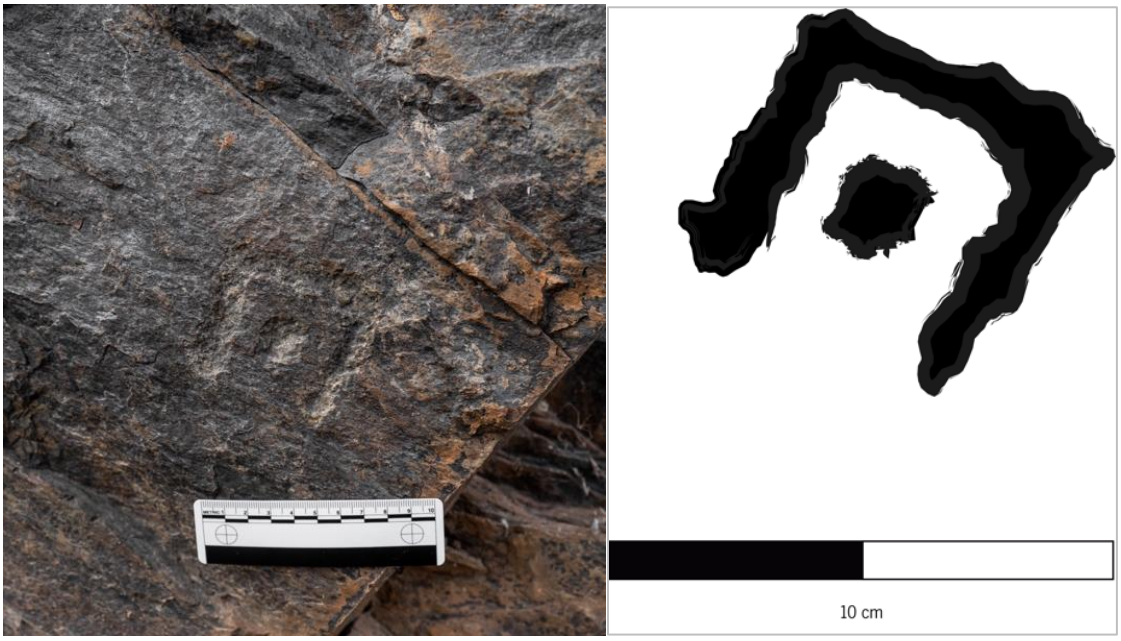


Figura 231 - Em cima: pormenor das gravuras do painel D. Em baixo: motivo em U ou “ferradura” picotado. Levantamento do autor.



Figura 232 - Em cima: pormenor das gravuras do painel E. Em baixo: provável motivo em U picotado. Levantamento do autor.

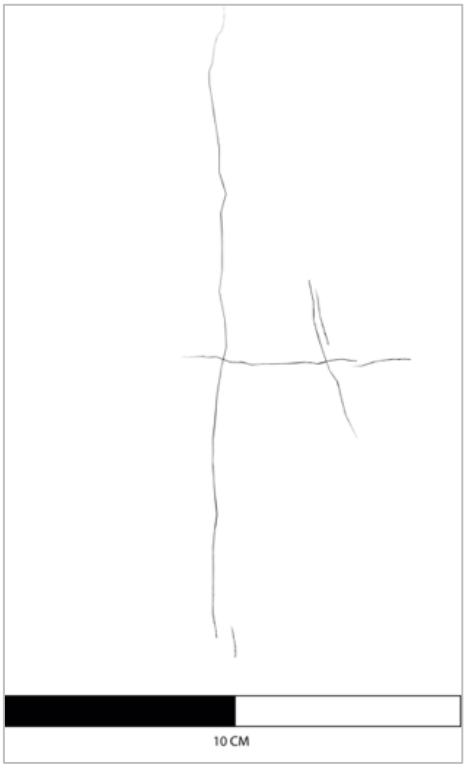


Figura 233 - Painel F com linhas incisas filiformes. Levantamento do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(39) Pias 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28448 N; Longitude: -7.00387 O; Altitude: 473 m.

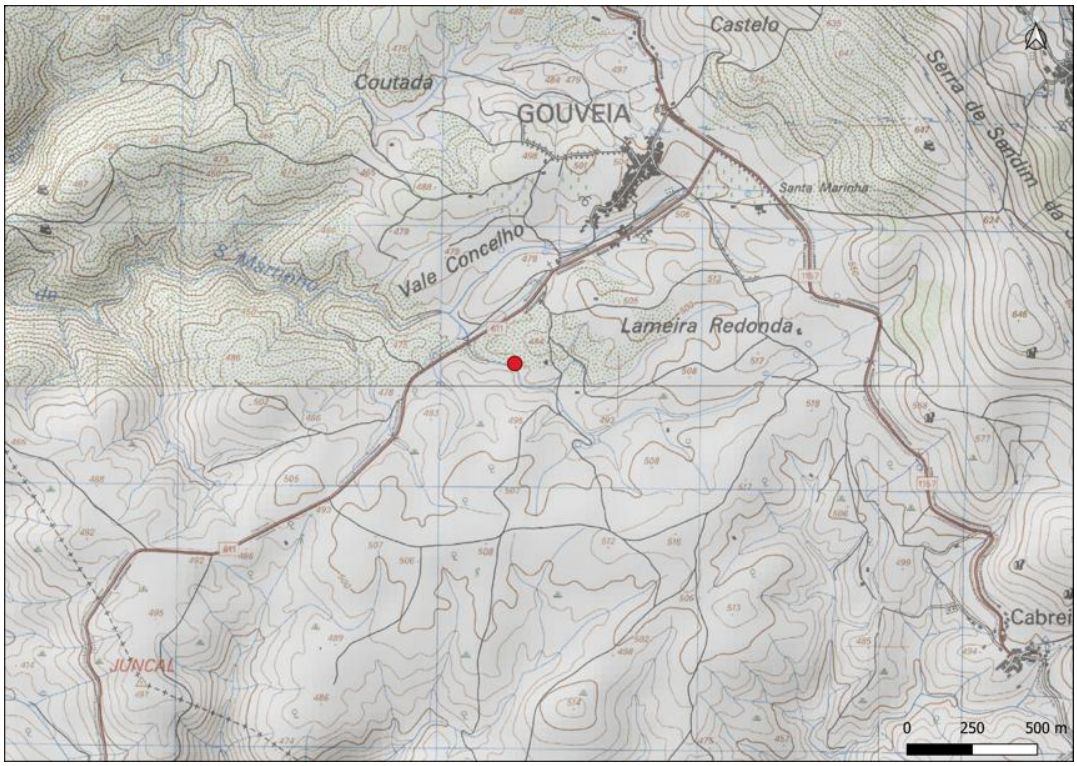


Figura 234 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 2.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina o caminho que vai dar uma propriedade, seguir a margem direita do ribeiro das Pias para montante e, na extremidade de um lameiro, encontra-se esta rocha.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte final de uma pequeníssima veiga localizada a este do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição

alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 2, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 235) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

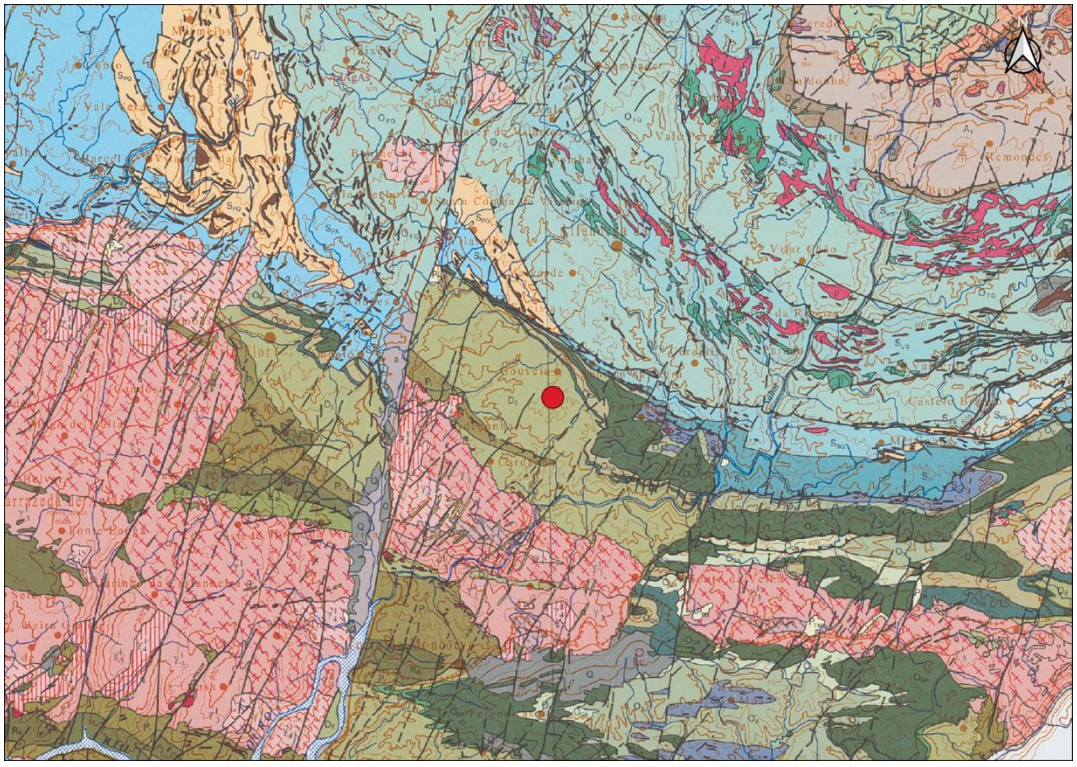


Figura 235 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal com a localização de Pias 2.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 236). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Esta rocha não é identificável a partir de norte, encontrando-se ao nível do solo, devido à pendente da encosta. No entanto, apenas é visível a partir de sudoeste. Apresenta painéis de tamanhos variados alongados e com fraturas naturais, sendo que foram gravados aqueles com maiores dimensões, embora de forma incipiente. As dimensões desta rocha são de 4.5 metros de largura por 2.5 metros de altura máxima. O painel A fica a cerca de 1.5 metros do solo. O painel B encontra-se a cerca de 1.7 metros do solo. Relativamente ao painel C, este encontra-se a cerca de 90 cm do solo.



Figura 236 - Vista geral da rocha Pias 2 onde estão assinalados os três painéis com gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados nestes três painéis estão circunscritos a algumas partes dos mesmos. No painel A encontra-se um pentagrama raspado, linhas raspadas verticais, horizontais, paralelas entre si e linhas curvas, todas efetuadas através da técnica de raspagem. Na parte inferior da área com gravuras, foram efetuadas linhas incisas filiformes paralelas entre si, formando um grupo distinto no espaço do painel. Junto ao pentagrama encontram-se duas linhas incisas paralelas

entre si. Em mais nenhuma parte da rocha há incisões. Também foram efetuados picotados, um pouco por todo o painel, embora a maior concentração coincida com as gravuras raspadas (Fig. 237). No painel B, identificou-se uma forma quadrada com linhas no interior entrecruzadas e paralelas entre si que poderão ter a ver com o esboço de um tabuleiro de jogo ou um ideograma mágico-religioso. Existem seis picotados onde foram gravadas estas linhas e um acima, quase na extremidade superior do painel. O outro motivo que se destaca, é um cruciforme picotado (Fig. 238). O painel C é o mais simples e corresponde a um cruciforme picotado (Fig. 239). As linhas gravadas através da técnica de raspagem são de difícil perceção. No entanto, não lhe podemos conferir uma maior antiguidade. Talvez os picotados tenham sido efetuados por populações mais recentes e que, eventualmente, pretendessem anular o simbolismo dos motivos anteriores.



Figura 237 - Em cima: pormenor do painel A. Em baixo: linhas incisas filiformes, linhas raspadas, picotados e um pentagrama raspado. Levantamento do autor.



Figura 238 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: linhas raspadas, picotados e um cruciforme picotado. Levantamento do autor.

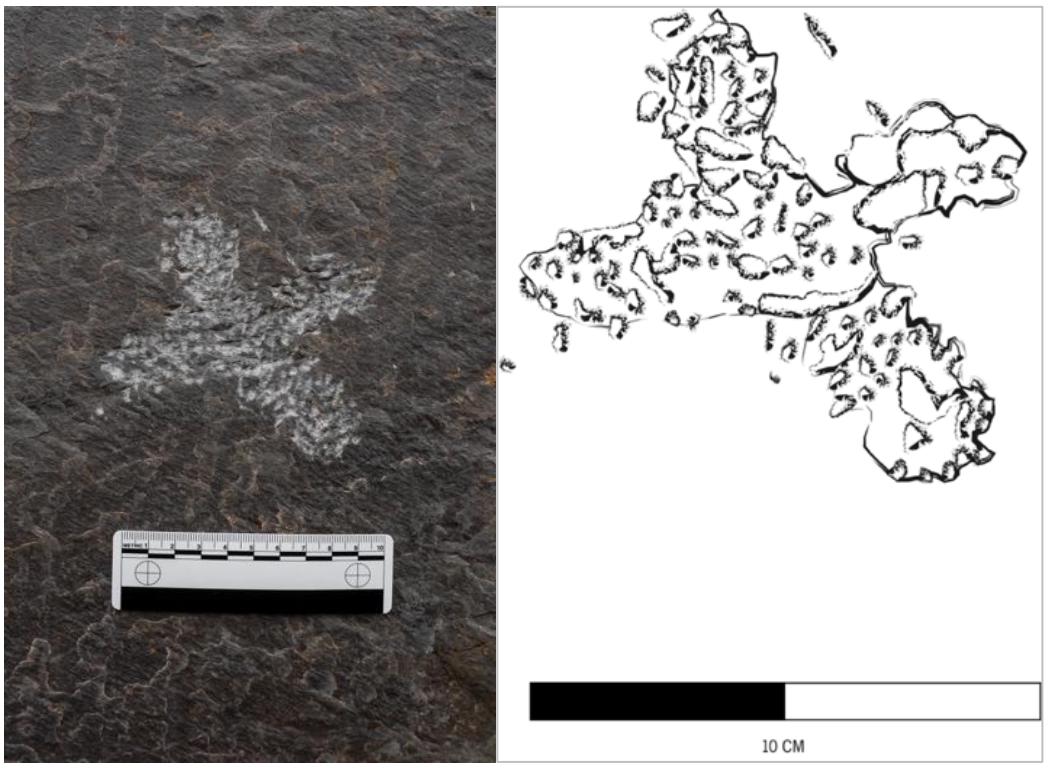


Figura 239 - Em cima: pormenor das gravuras do painel C. em baixo: cruciforme picotado. Levantamento do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(40) Pias 3

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28438 N; Longitude: -7.00306 O; Altitude: 480 m.

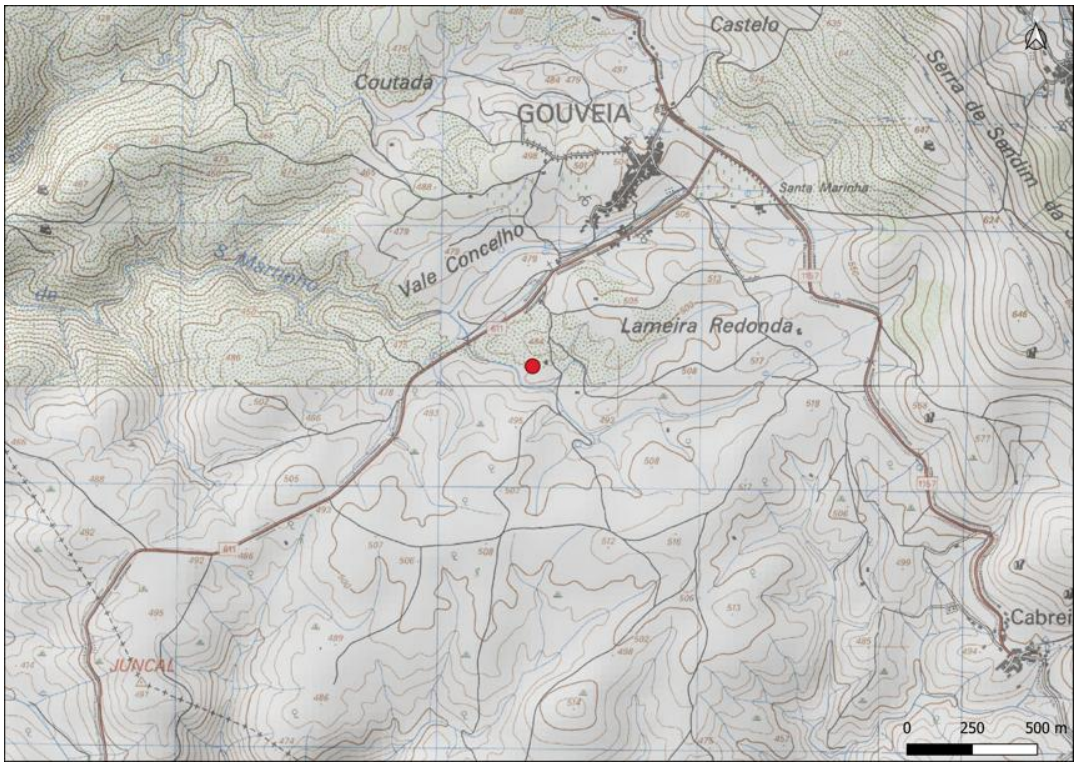


Figura 240 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 3.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Após esta bifurcação, seguir cerca de 60 metros e abaixo do caminho encontra-se esta rocha.

Localização física e ambiental: O local situa-se a meia encosta da margem direita do ribeiro das Pias. Este afloramento é o que se encontra a cota mais elevada e, consequentemente, mais afastado do leito do ribeiro. Apesar da sua posição geográfica, as condições de visibilidade são relativamente escassas

devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 3, verificam-se afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig.241) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

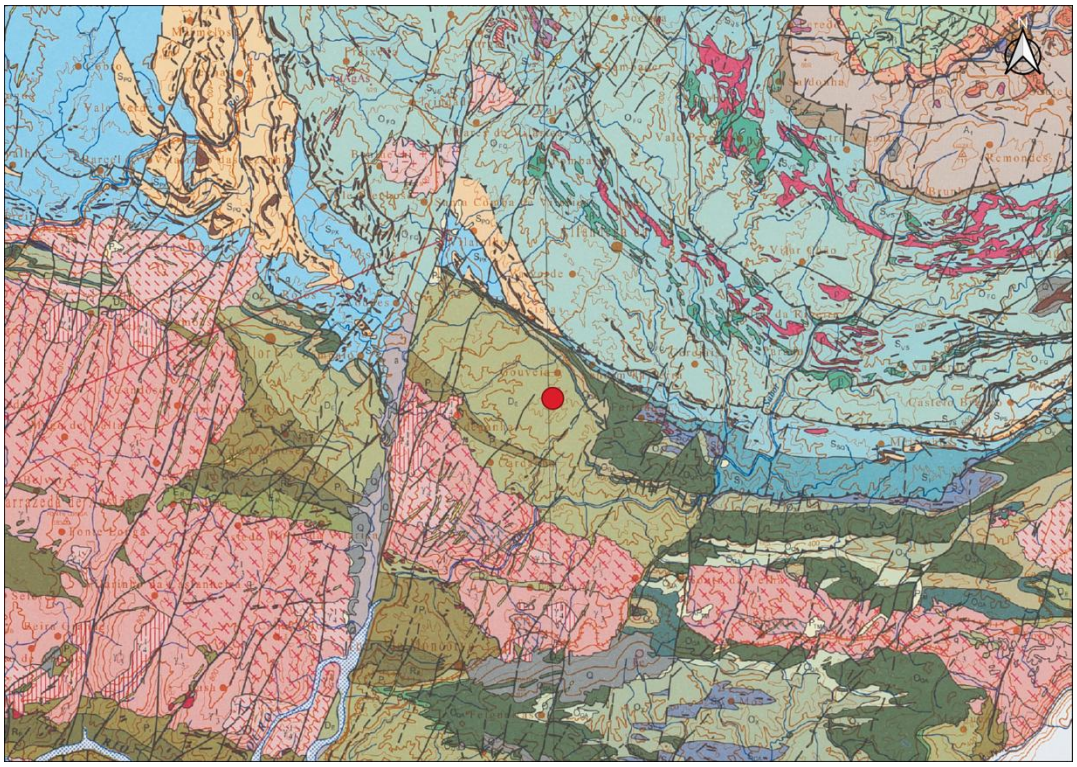


Figura 241 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 3.

Contexto arqueológico: A cerca de 1800 metros, a nordeste, encontra-se o Castelo de Gouveia e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 242). Os painéis gravados encontram-se orientado para sudoeste. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais. Apresenta painéis de tamanhos variados, embora de pequena dimensão e com fraturas naturais. Apenas dois destes foram gravados. As dimensões desta rocha são de 1.30 metros de largura por 1.20 metros de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 70 cm do solo.



Figura 242 - Vista geral da rocha Pias 3 onde está assinalado o painel com gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados estão circunscritos a uma pequena parte da rocha. No painel gravado encontram-se linhas paralelas entre si dispostas em posição oblíqua. No centro do motivo, as linhas são mais curtas relativamente às das extremidades (Fig. 243). A técnica de gravação é a incisão filiforme.

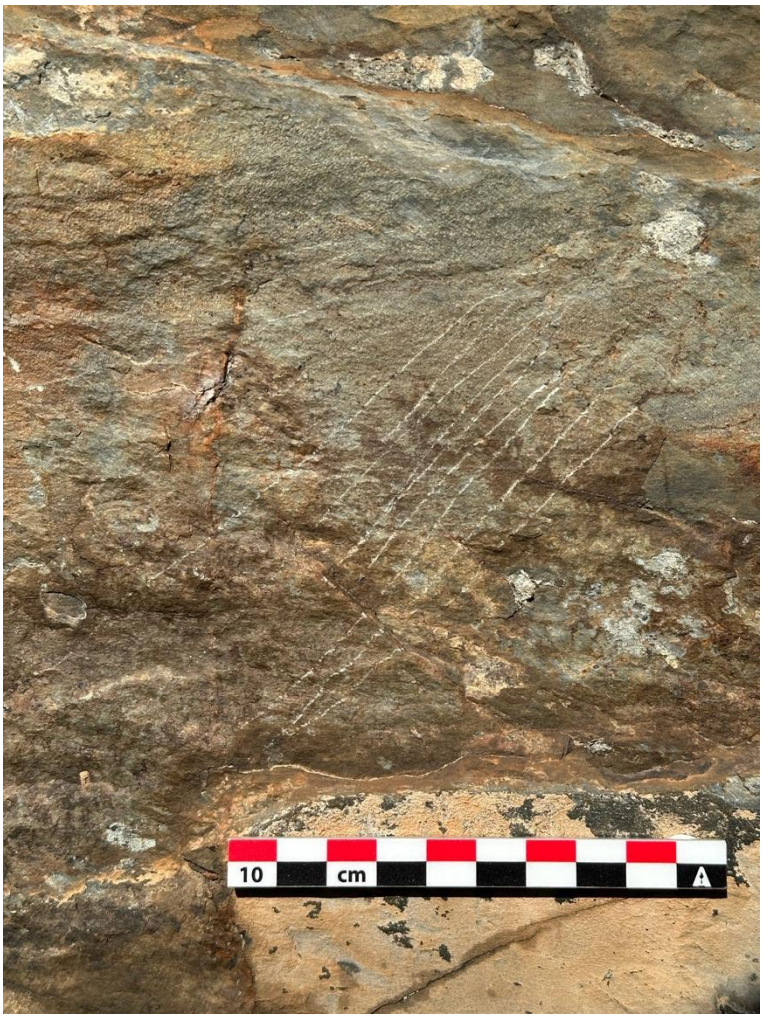


Figura 243 - Linhas incisas filiformes da rocha Pias 3. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(41) Pias 4

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28461 N; Longitude: -7.00453 O; Altitude: 476 m.

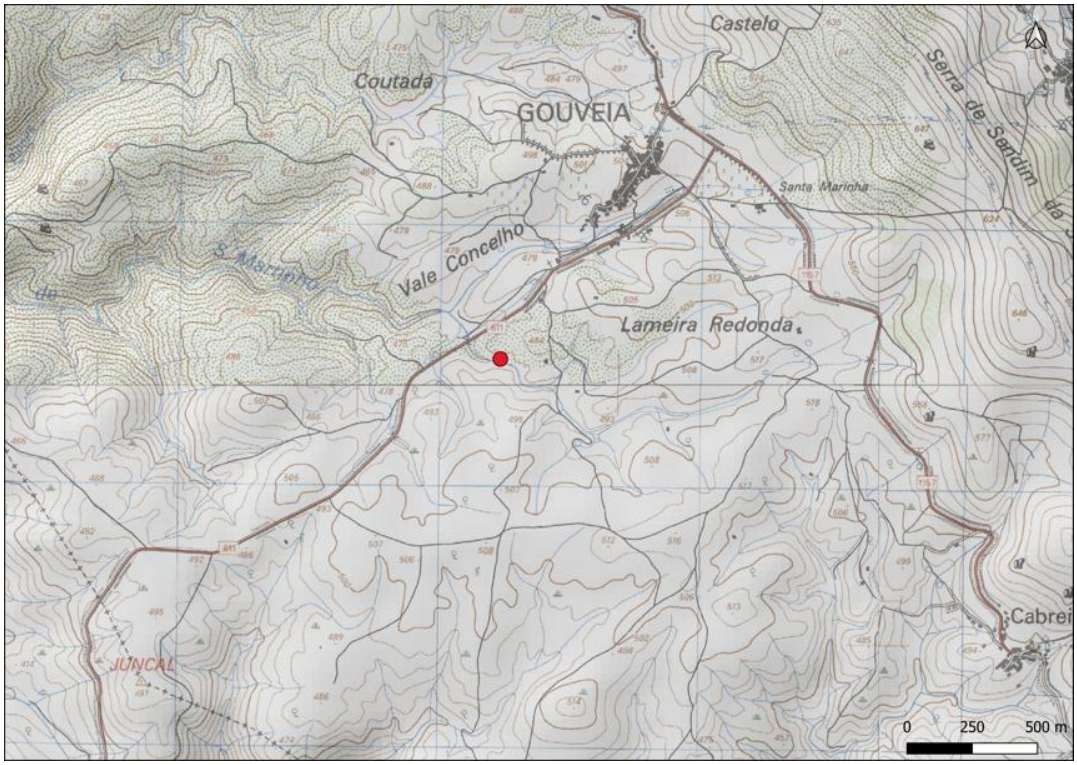


Figura 244 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 4.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina este caminho, há um afloramento junto a este do lado direito que corresponde a Pias 4.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia, a sudeste, e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 4, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig.245) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

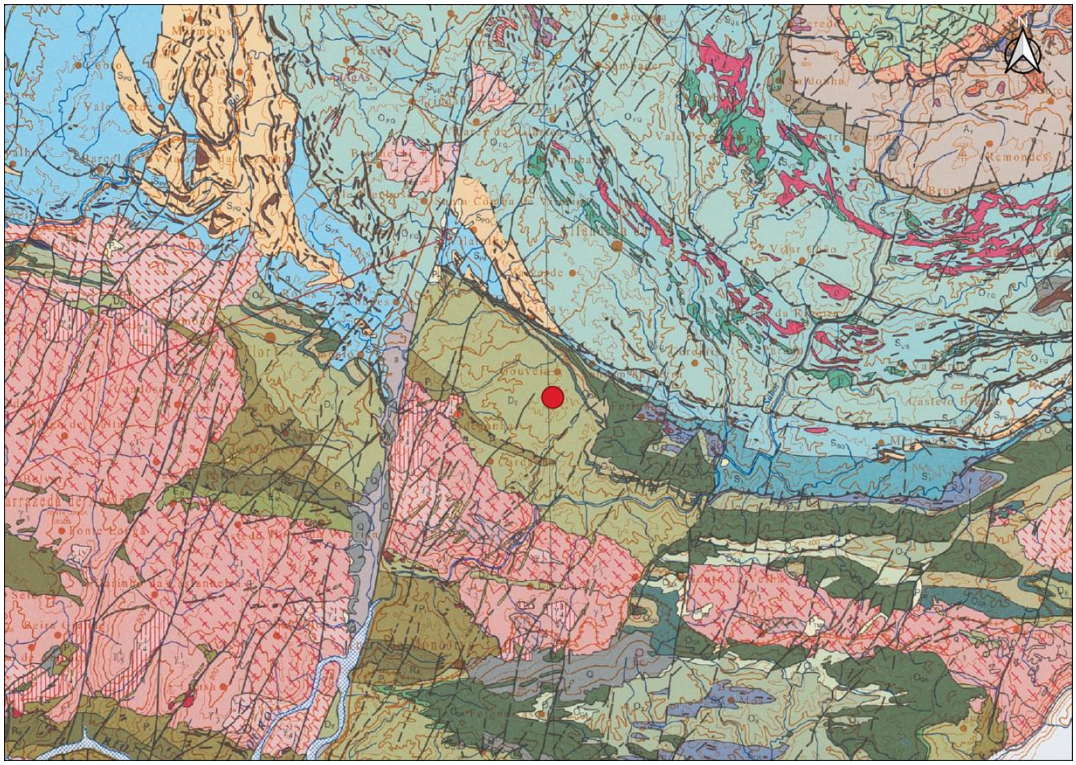


Figura 245 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 4.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros, e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 246). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Este é bem visível a partir de todos os pontos cardeais. Apresenta painéis de tamanhos variados, embora de pequena dimensão e com fraturas naturais. Apenas um destes foi gravado. As dimensões desta rocha são de 2 metros de largura por 1.30 metros de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 80 cm do solo.



Figura 246 - Vista geral da rocha Pias 4 onde está assinalado o painel com gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a linhas incisas filiformes, horizontais, verticais (em menor quantidade) e oblíquas (Fig. 247). As linhas horizontais são as de maior dimensão. As linhas de menor dimensão encontram-se na parte inferior deste painel.



Figura 247 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Pias 4. Em baixo: linhas incisas filiformes. Levantamento do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(42) Pias 5

Tipo de sítio: Inscrição numérica.

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: Freguesia: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28459 N; Longitude: -7.00484 O; Altitude: 472 m.

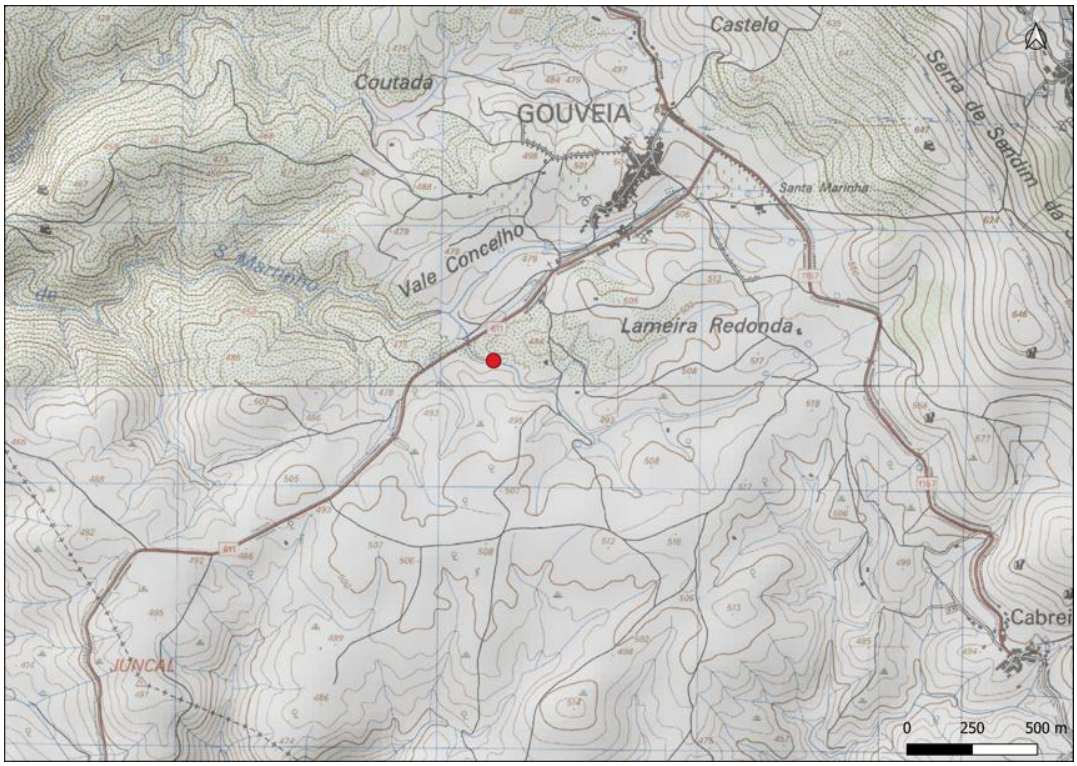


Figura 248 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 5.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina este caminho, há um afloramento a cerca de 40 metros que corresponde a Pias 5.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir

daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 5, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente e a vegetação é constituída por giestas, estevas e zimbros. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig.249) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

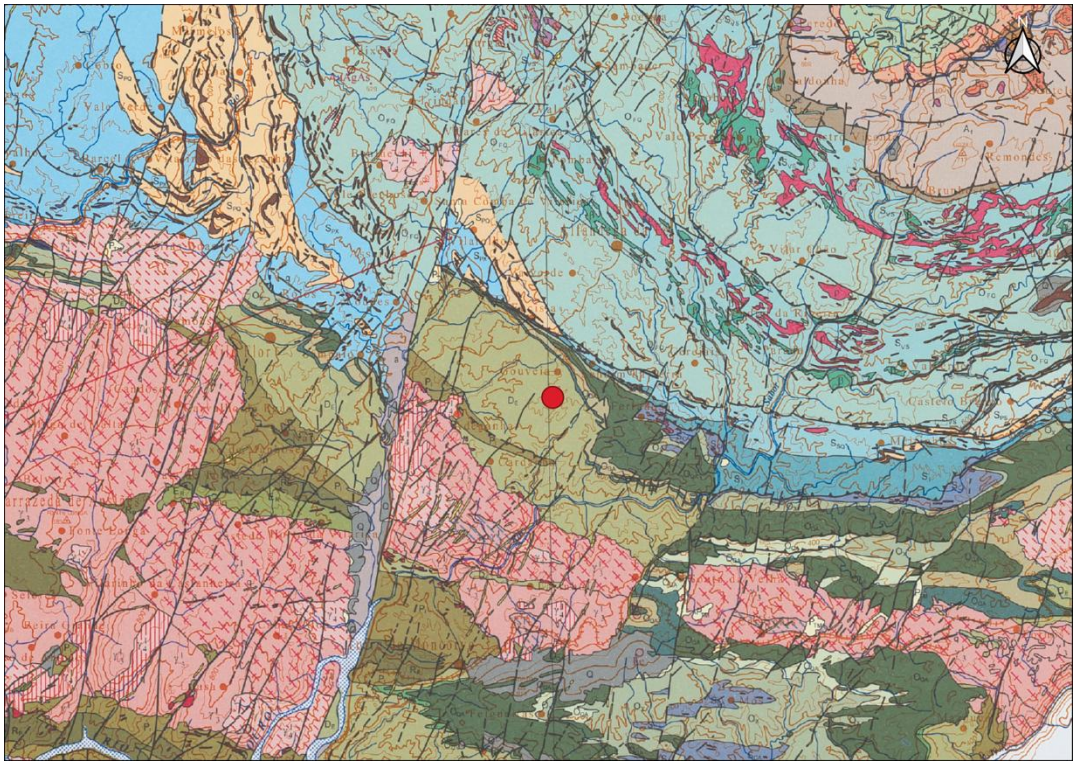


Figura 249 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 5.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 250). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Esta rocha é bem visível a partir de

todos os pontos cardeais, à exceção de norte. Apresenta um painel de tamanho relativamente grande para as dimensões médias que se verificam nas rochas deste ribeiro. As dimensões desta rocha são de 1.30 metros de largura por 70 cm de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 35 cm do solo.



Figura 250 - Vista geral da rocha Pias 5 onde está assinalado o painel com gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a linhas incisas filiformes que podem representar um tabuleiro de jogo ou um ideograma. Os picotados presentes parecem revelar uma data (?), uma vez que são identificados 3 dígitos. É bem identificável os números 8 e 9 e pode, também, ter sido gravado o número 1. Neste caso estaríamos perante uma data de finais do século XIX. Estas gravuras estão praticamente juntas, com a "data" picotada acima do painel e o motivo inciso encontra-se um pouco abaixo desta (Fig. 251).

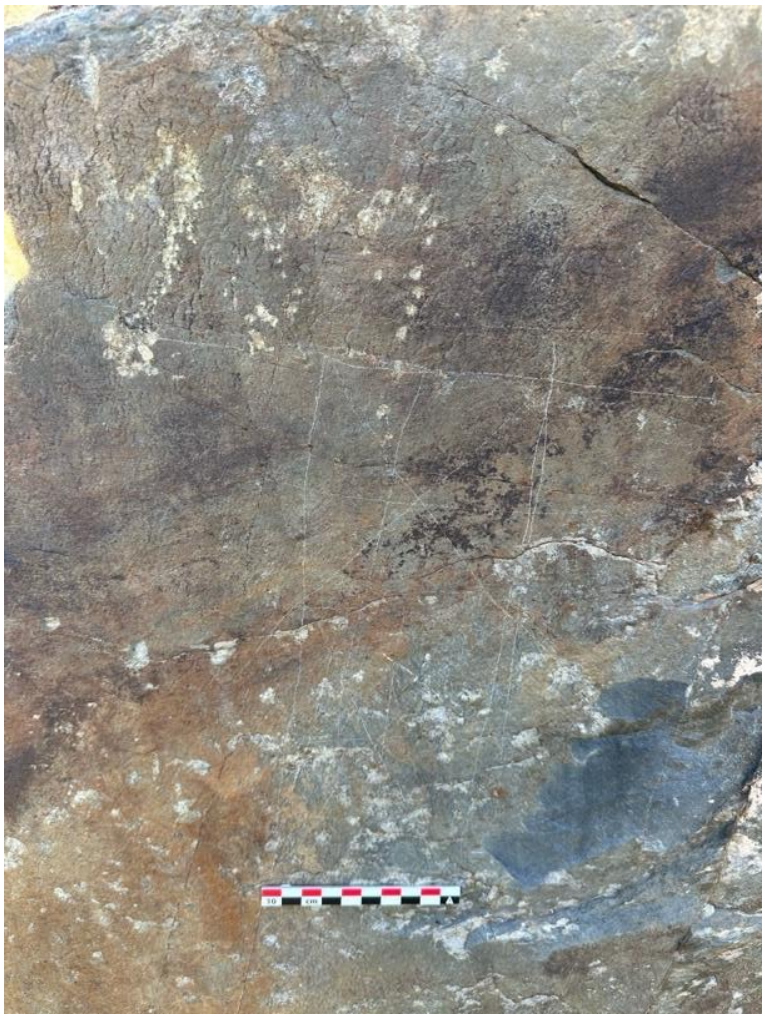


Figura 251 - Pormenor de parte de uma data picotada e um tabuleiro de jogo efetuado através da incisão filiforme. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(43) Pias 6

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e inscrições numéricas.

Cronologia: Proto-histórica e histórica.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28462 N; Longitude: -7.00501 O; Altitude: 469 m.

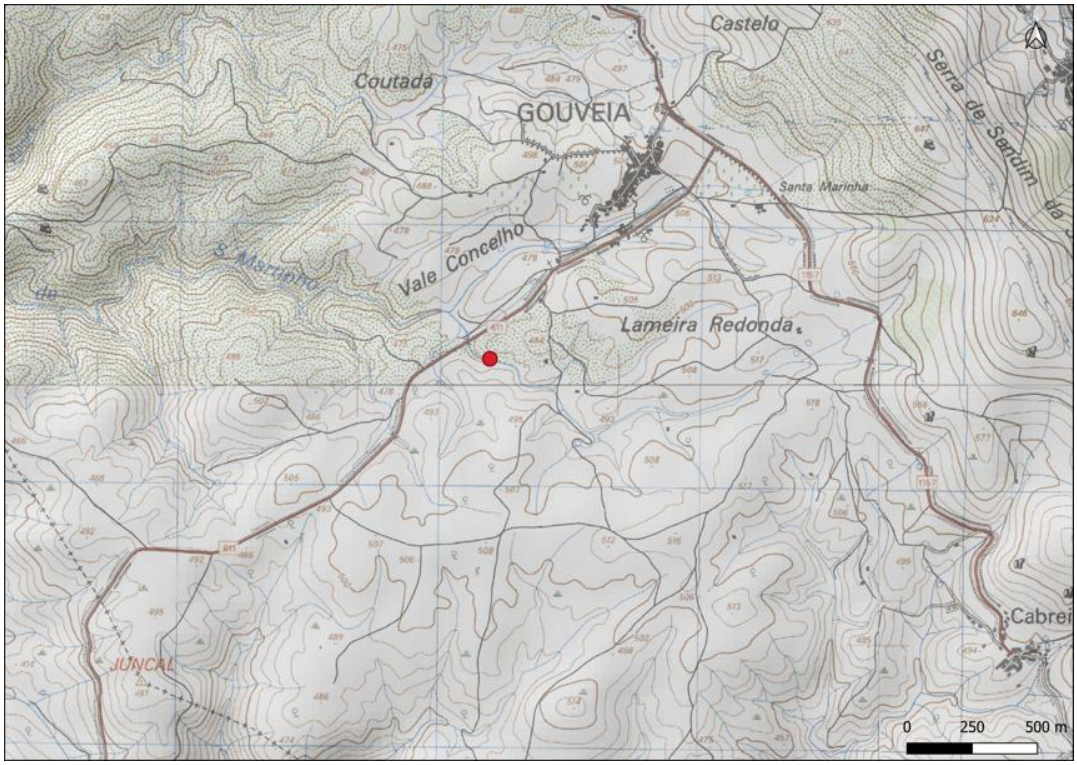


Figura 252 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 6.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina este caminho, há um afloramento a cerca de 60 metros que corresponde à rocha Pias 6.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 6, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 253) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

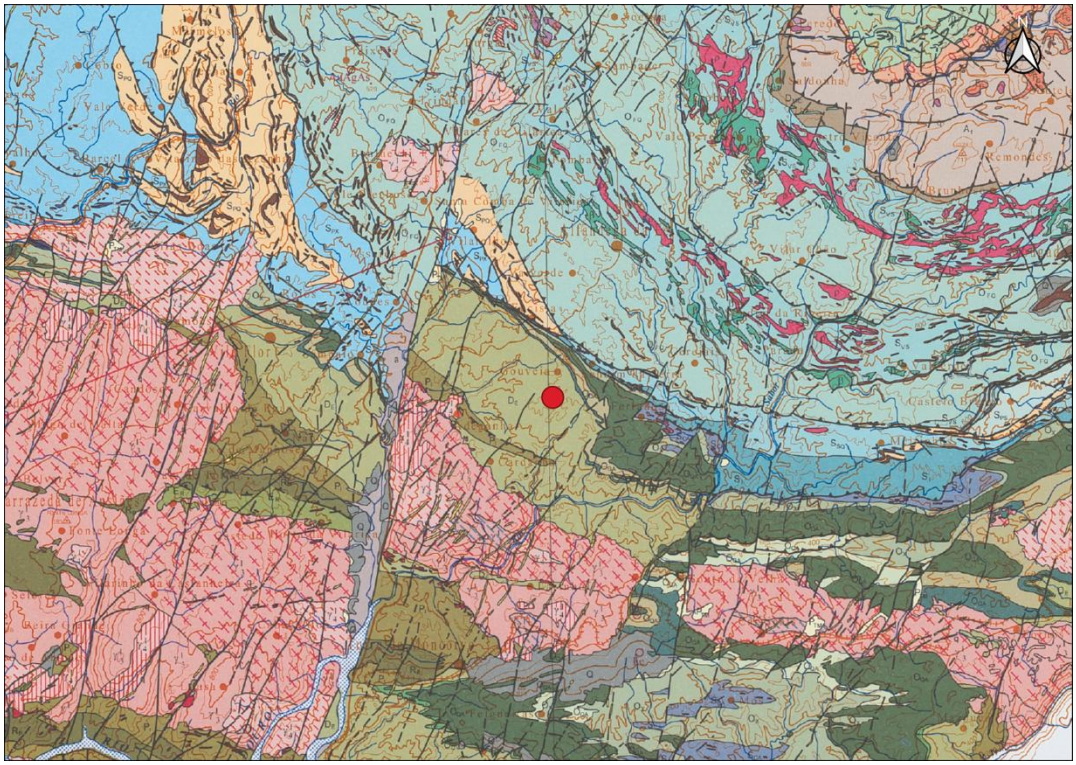


Figura 253 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 6.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 254). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de norte. Apresenta um painel de tamanho relativamente grande, sendo aliás, o maior painel existente nas rochas desta linha de água. É de referir que a parte central deste painel foi alterada por processos erosivos, tendo sofrido um estalamento da superfície, que poderia conter gravuras. As dimensões desta rocha são de cerca de 5 metros de largura máxima por 2.20 metros de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 1.50 metros do solo.



Figura 254 - Vista geral da rocha Pias 6. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a sulcos incisos filiformes, paralelos entre eles e a picotados que correspondem a motivos em U, com e sem ponto central, e dois antropomorfos esquemáticos também picotados. Um deles apresenta dimensões relativamente acentuadas (Fig. 255). As suas dimensões são de aproximadamente 18 cm de altura por 14 cm de largura. Acima de um dos membros superiores do antropomorfo da figura 250, existe, eventualmente, um outro de dimensões menores, com cerca de 10 cm tanto de altura, como de largura. Há, ainda, uma data. Esta é do ano de 1898 e encontra-se gravada, duas vezes, no painel. Os motivos em U estão espalhados um pouco por todo o painel, embora a maior quantidade esteja na parte inferior. Os antropomorfos encontram-se, também, na parte inferior, estando dois relativamente juntos e o outro, mais afastado, na parte inferior esquerda do painel (Fig. 256).

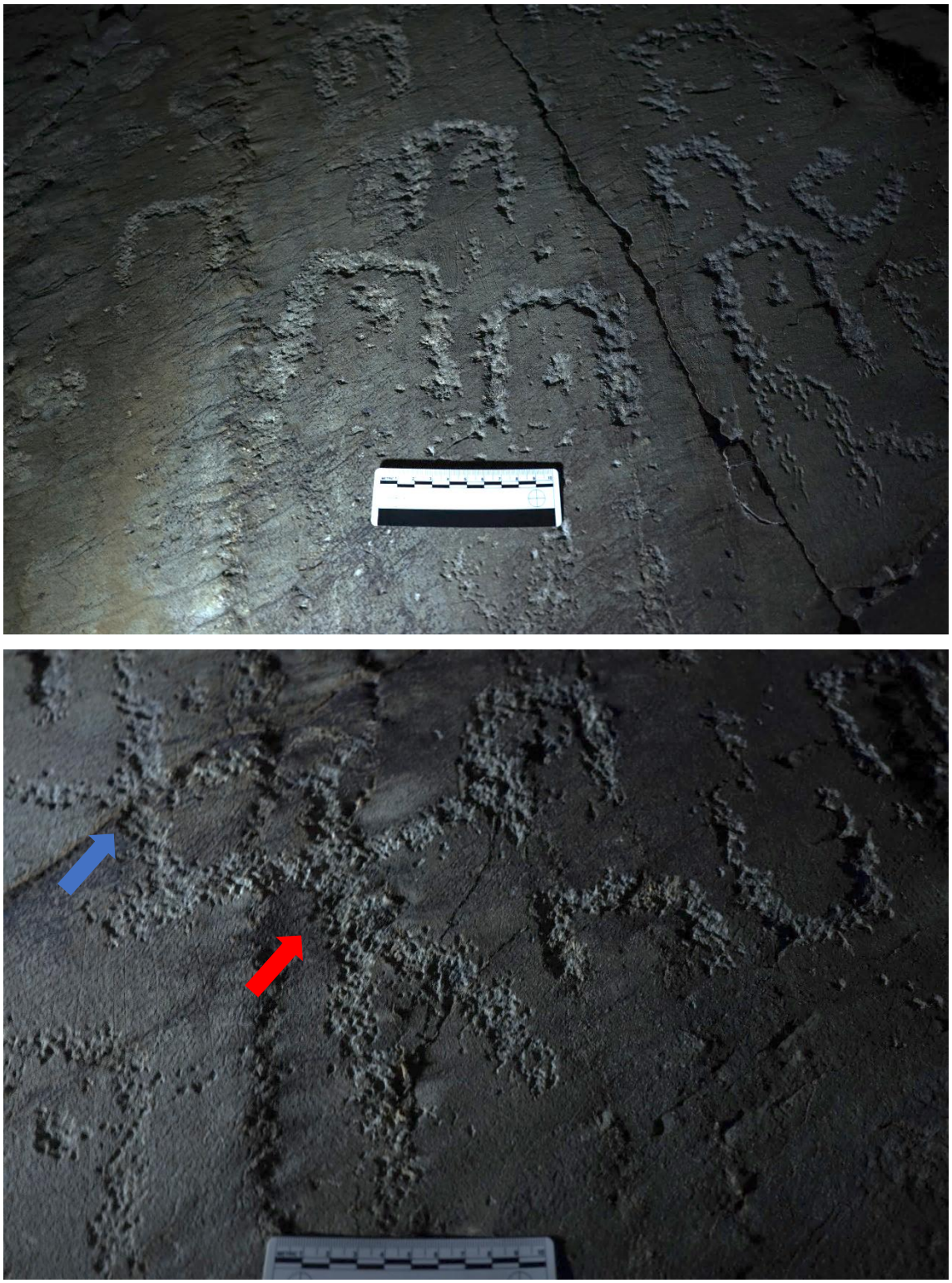


Figura 255 - Em cima: pormenor de alguns motivos em U da rocha de Pias 6 fotografados com luz rasante. Em baixo: a seta azul indica um eventual antropomorfo e a seta vermelha um outro antropomorfo, de maiores dimensões. Fotografias do autor.

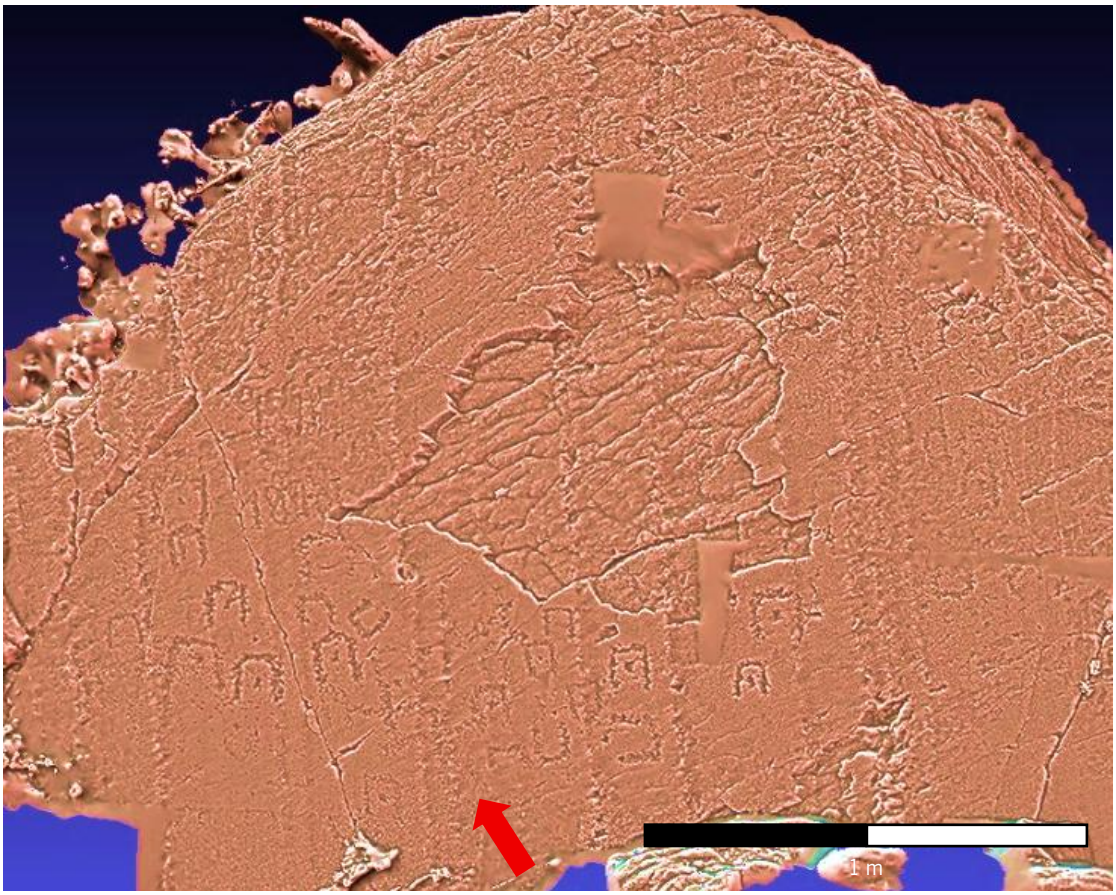


Figura 256 – Fotogrametria da rocha de Pias 6. A seta indica um eventual antropomorfo.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(44) Pias 7

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28480 N; Longitude: -7.00548 O; Altitude: 470 m.

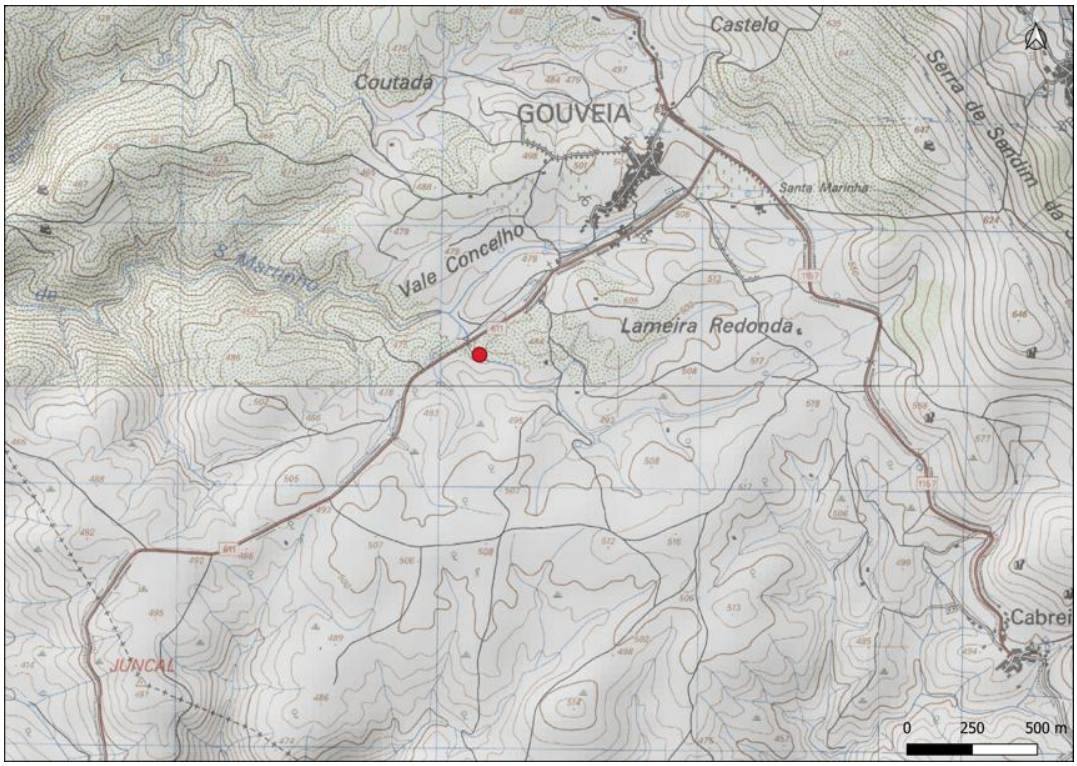


Figura 257 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 7.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina este caminho, há um afloramento a cerca de 100 metros que corresponde a Pias 7.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso médio do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 7, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig.258) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

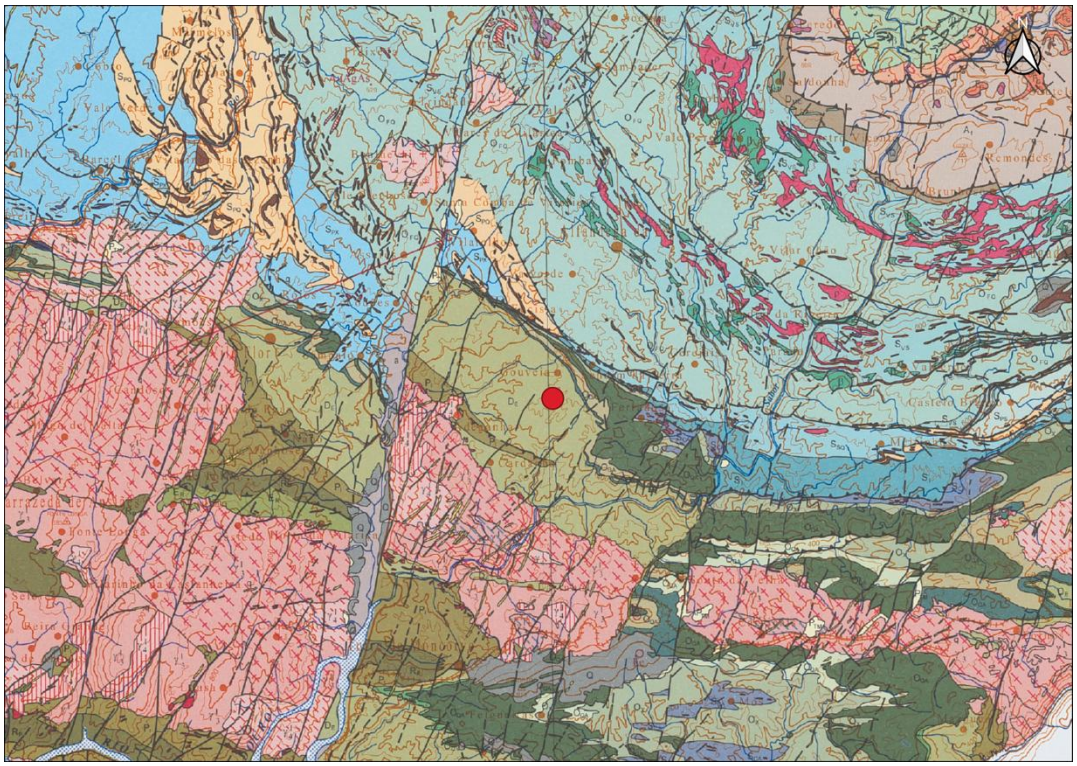


Figura 258 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 7.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 259). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de norte. Apresenta vários painéis de dimensões médias, orientados para várias direções, formando uma configuração côncava. O painel gravado está orientado para sul. As dimensões desta rocha são de 1.70 metros de largura por 70 cm de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 30 cm do solo.



Figura 259 - Vista geral da rocha Pias 7 com os grupos de gravuras assinalados no mesmo painel. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a linhas incisas filiformes, paralelas entre si, perpendiculares e oblíquas (grupo C). Parecem representar um tabuleiro de jogo ou um ideograma (grupo A), mas são de difícil interpretação, uma vez que não apresentam a perfeição de outros exemplares deste tipo de motivos. As linhas raspadas são paralelas entre si e encontram-se na parte central do painel (Grupo B) (Fig. 260). Com exceção do que parece ser um tabuleiro de jogo, os motivos são difíceis de interpretar e talvez sejam aleatórios, eventualmente, efetuados por populações históricas. Foi difícil efetuar o decalque sobre fotografia desta rocha, uma vez que o registo fotográfico também foi dificultado pelo acesso. A técnica de gravação foi a incisão filiforme e a raspagem.



Figura 260 - Em cima à esquerda: gravuras do grupo A que podem corresponder a um tabuleiro de jogo. Em cima à direita: grupo B constituído por linhas raspadas paralelas entre si e algumas entrecruzadas. Em baixo: grupo C que corresponde a linhas raspadas paralelas entre si, também com algumas entrecruzadas. Fotografias do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(45) Pias 8

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28489 N; Longitude: -7.00556 O; Altitude: 464 m.

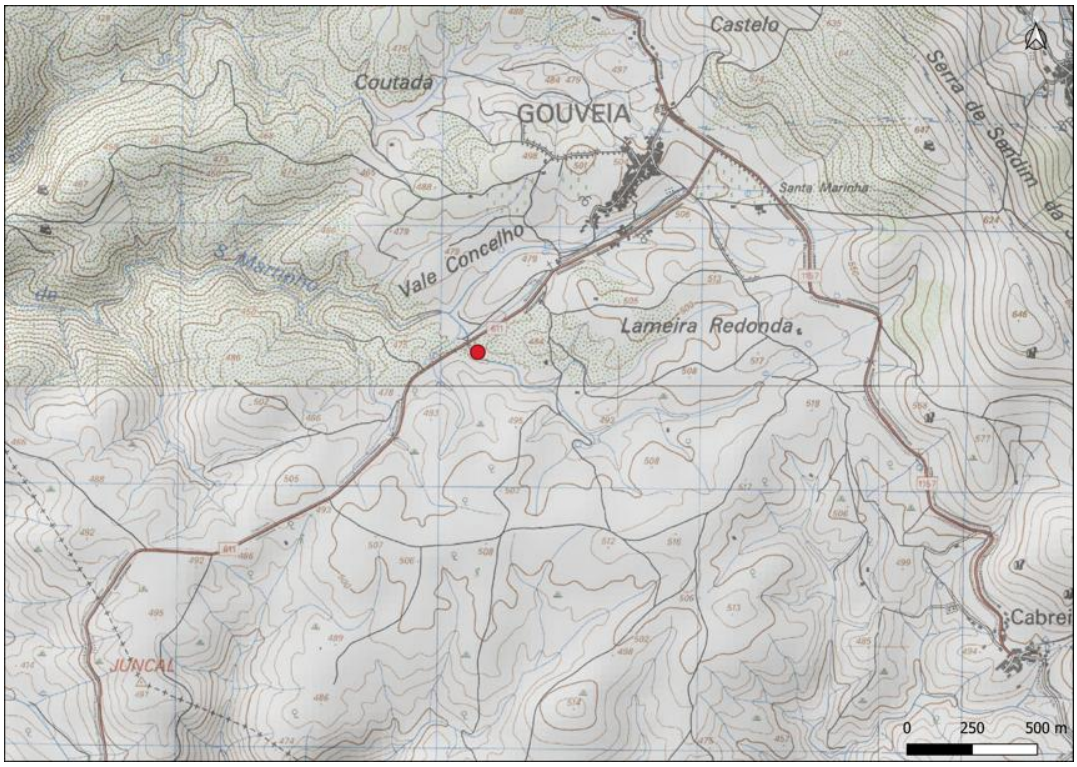


Figura 261 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 8.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina este caminho, há um afloramento a cerca de 100 metros que corresponde à rocha Pias 8. Esta rocha encontra-se a cerca de 50 metros da estrada M611, uma vez que esta corta o ribeiro das Pias.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso final do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste.

Onde se encontra implantada a rocha Pias 8, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 262) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

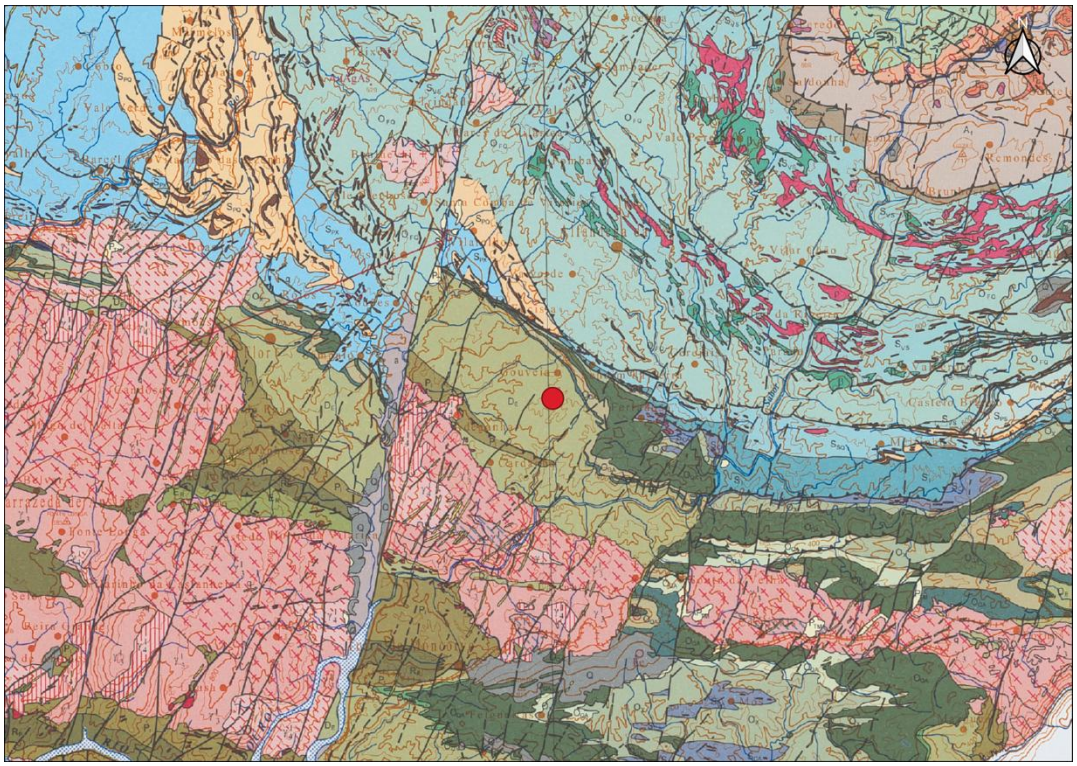


Figura 262 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 8.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 263). O painel gravado encontra-se orientado para oeste. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de norte. Apresenta vários painéis de dimensões pequenas e dois de dimensões médias. As dimensões desta rocha são de 4 metros de largura por 2 metros de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 1.60 metros do solo.



Figura 263 - Vista geral da rocha Pias 8 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel, na parte superior lateral esquerda, correspondem a linhas incisas filiformes entrecruzadas, formando um X e linhas incisas verticais, paralelas entre si, mas de tamanhos variados (Fig. 264). A forma como estas gravuras foram efetuadas, faz supor que foi utilizado um instrumento com ponta de secção retangular ou quadrangular, na gravação, devido ao tipo de incisão. Os motivos são difíceis de interpretar e talvez sejam aleatórios, eventualmente, efetuados por populações históricas.



Figura 264 - Pormenor das gravuras da rocha Pias 8. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(46) Pias 9

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e traços aleatórios?

Cronologia: Pré-história Recente (antropomorfos esquemáticos); Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28651 N; Longitude: -7.00689 O; Altitude: 462 m.

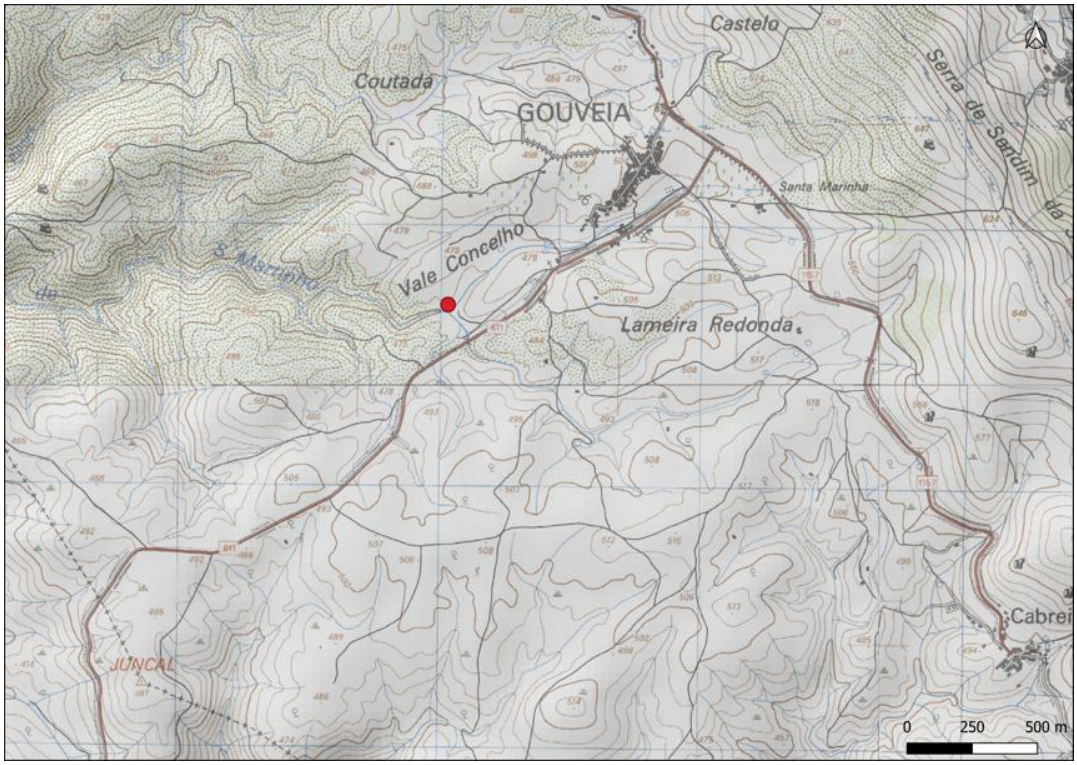


Figura 265 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 9.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 100 metros, existe uma bifurcação com um edifício em pedra e, a partir daí, seguir em direção ao leito da ribeira para oeste. Quando termina este caminho, há um afloramento a cerca de 125 metros que corresponde à rocha Pias 9. Esta rocha encontra-se a cerca de 30 metros da estrada M611, uma vez que esta corta o ribeiro das Pias.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. É apenas no curso final do ribeiro das Pias que o domínio visual é predominante. A partir daqui, é possível ver uma parte do planalto de Gouveia, a sul e a serra de Gouveia, a nordeste. Onde se encontra implantada a rocha Pias 9, verificam-se afloramentos verticais e subverticais, embora também sejam visíveis afloramentos praticamente horizontais, uma vez que aqui os solos tornam-se mais esqueléticos. O afloramento é em xisto, com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques,

correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 266) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

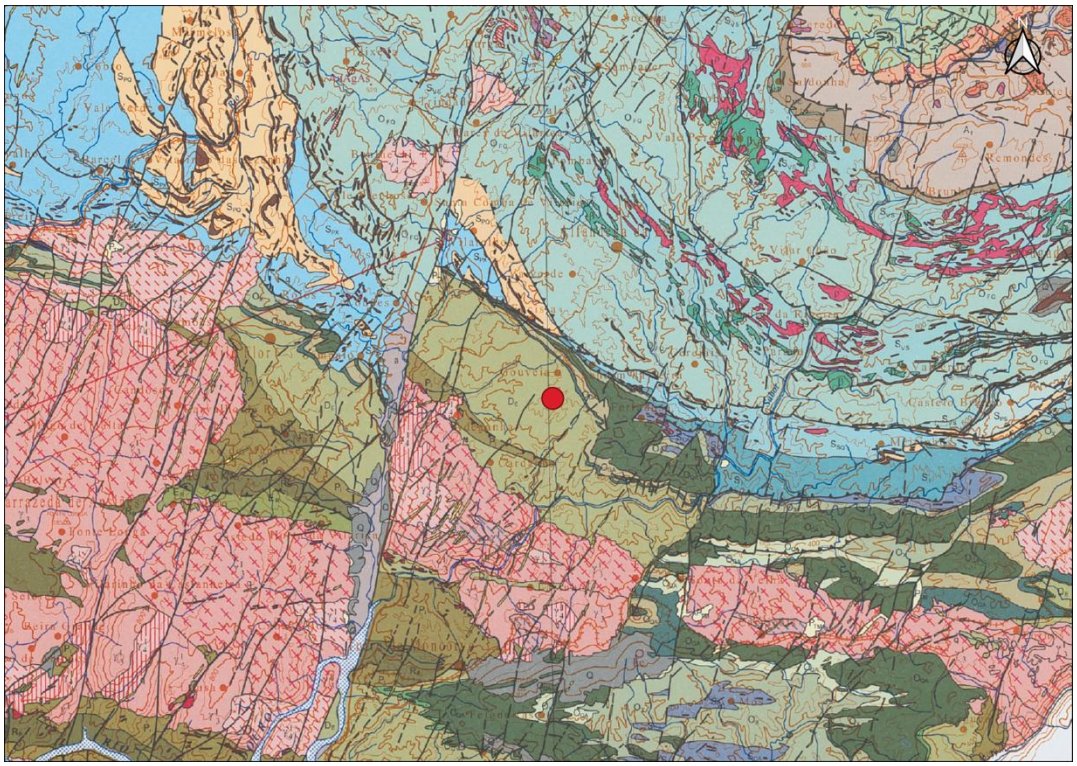


Figura 266 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1: 50 000, com a localização de Pias 9.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros e que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento pouco destacado do solo, com paredes verticais, horizontais e subverticais (Figs. 267 e 268). O painel gravado encontra-se orientado para oeste. Esta rocha é bem visível a partir de sul. Para os outros pontos cardeais, encontra-se ao nível do solo. Apresenta vários painéis com superfícies relativamente pequenas, embora as horizontais tenham proporções consideráveis. As dimensões desta rocha são de cerca de 5 metros de largura por 1.10 metros de altura máxima. Os painéis com gravuras ficam entre os 60 e os 70 cm do solo.



Figura 267 - Vista geral da rocha Pias 9 com os painéis gravados assinalados a partir de sul. Fotografia do autor.

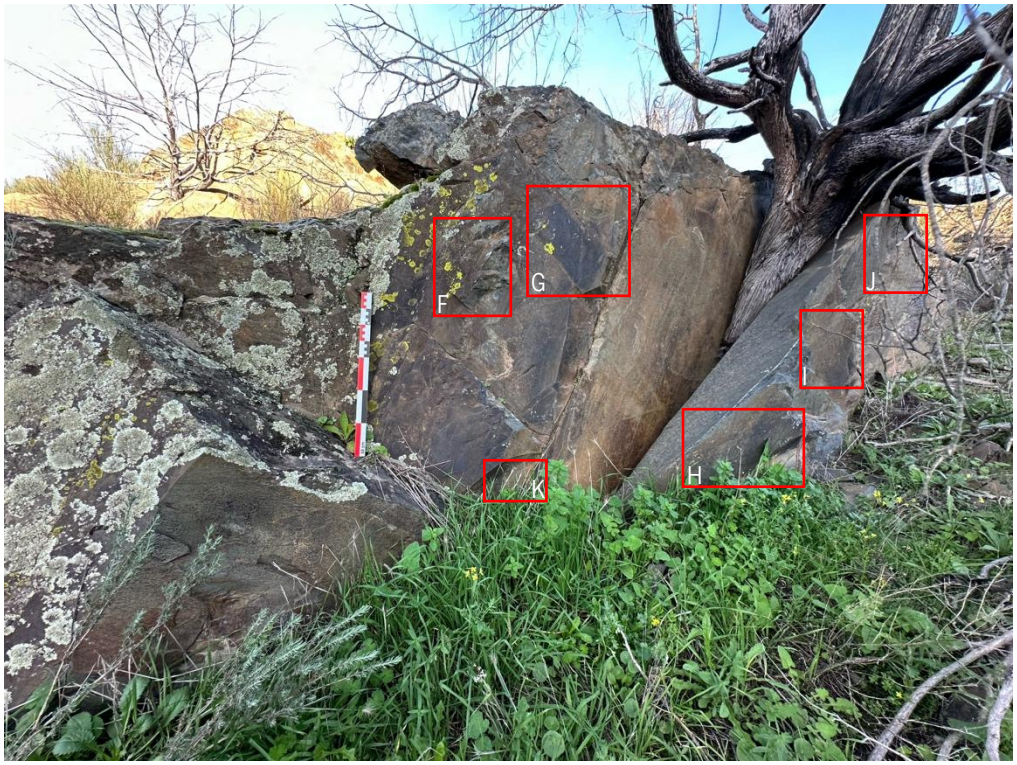


Figura 268 - Vista geral da rocha Pias 9 com os painéis gravados assinalados a partir de sudeste. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados nestes onze painéis estão circunscritos a algumas partes dos mesmos. No painel A encontram-se um linhas incisas paralelas na parte central e linhas dispersas abaixo e na parte direita destas. No canto superior esquerdo existe um pequeno grupo de linhas oblíquas, paralelas entre si (Fig. 269). No painel B (seta a vermelho), identificaram-se linhas incisas dispersas um pouco por todo o painel. Existem algumas gravuras agrupadas, sobretudo na parte central (Fig. 270). A técnica utilizada foi a incisão filiforme. O painel C é o mais elaborado. Há um motivo que se repete algumas vezes, semelhante a um A. Também se identificou um pequeno grupo de linhas oblíquas, paralelas entre si na parte superior do painel (Fig. 271). No painel D gravaram-se linhas incisas dispersas pela parte direita do painel e linhas raspadas, ocupando quase todo o painel. Também foi identificado um provável antropomorfo com uma linha horizontal à cintura. Do lado direito deste motivo, encontram-se dois pequenos picotados (Fig. 272). No painel E foram gravadas linhas incisas filiformes com a representação de um eventual antropomorfo na parte superior, semelhante ao do painel D, com picotados junto a este motivo. Existe, também, um pequeno grupo de gravuras raspadas (Fig. 273). Quanto ao painel F, encontram-se linhas raspadas na horizontal, paralelas entre si e duas linhas curvas, verticais, sobre as horizontais, e que convergem num ponto, acima do painel. Também foram gravadas linhas dispersas (Fig. 274). No painel G, existem linhas paralelas entre si numa posição oblíqua e, perpendiculares a estas, outras linhas, mas em menor número, quase como se formasse um axadrezado aberto (Fig. 275). Na parte lateral esquerda deste painel, foi gravado, um motivo picotado semelhante a um báculo (Fig. 276). Relativamente ao painel H, este tem alguma diversidade de motivos. Identificaram-se, também, linhas incisas paralelas entre si, assim como linhas paralelas, semelhantes ao axadrezado aberto do painel G, um ziguezague e, no fundo do painel, uma linha horizontal, com linhas perpendiculares a esta, com espaçamento curto entre si e de dimensão reduzida, não ultrapassando 1 cm de comprimento, para além de picotados dispersos (Fig. 277). Quanto ao painel I, temos uma forma quase quadrada, com linhas dispersas no seu interior. Estas gravuras forma efetuadas através da incisão filiforme (Fig. 278). No painel J, existe um picotado relativamente largo que não conseguimos identificar o seu significado (Fig. 279). Por fim, no painel K, foram identificadas linhas incisas filiformes, curvas, de pequenas dimensões e na parte inferior esquerda do painel, um pequeno motivo em "espinha" (Fig. 280). Alguns motivos picotados foram, eventualmente, efetuados por populações históricas. As técnicas de gravação foram a incisão filiforme, a raspagem e, em menor quantidade, a raspagem.

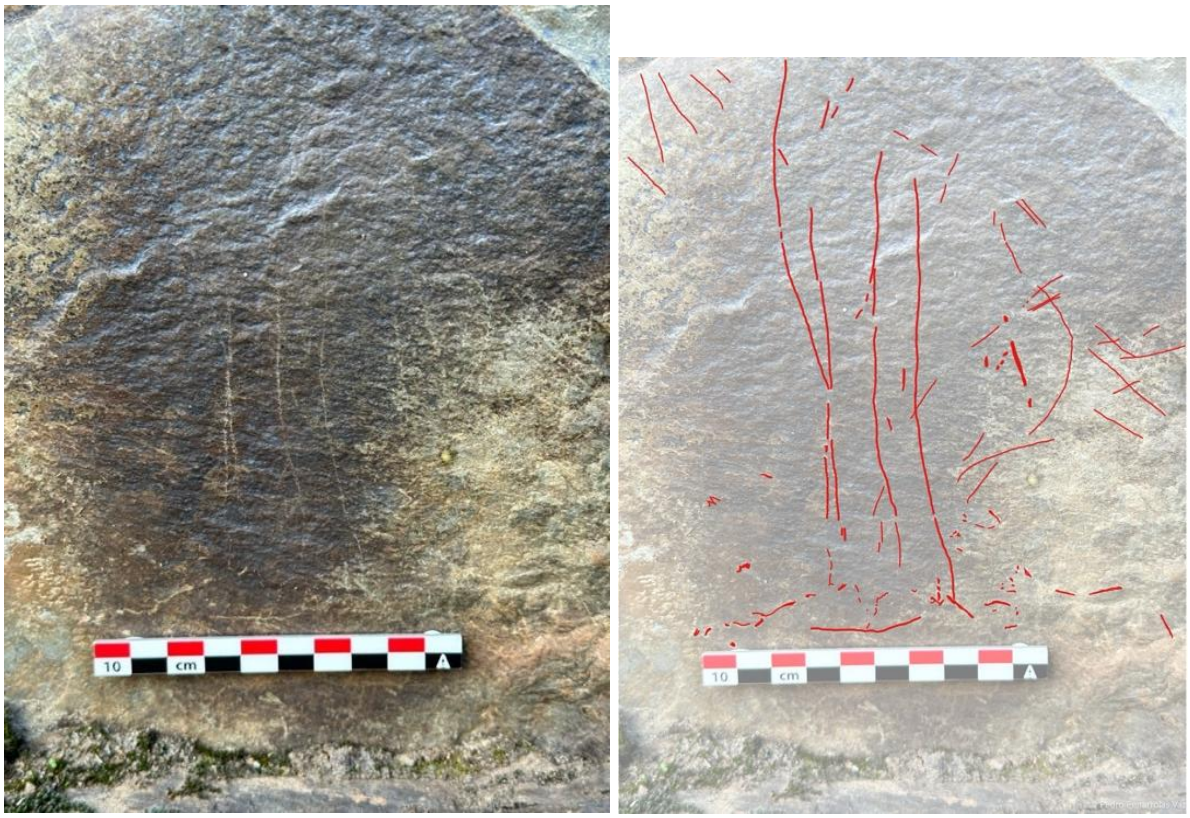


Figura 269 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas paralelas na parte central e linhas dispersas abaixo e na parte direita destas. No canto superior esquerdo existe um pequeno grupo de linhas oblíquas, paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia.

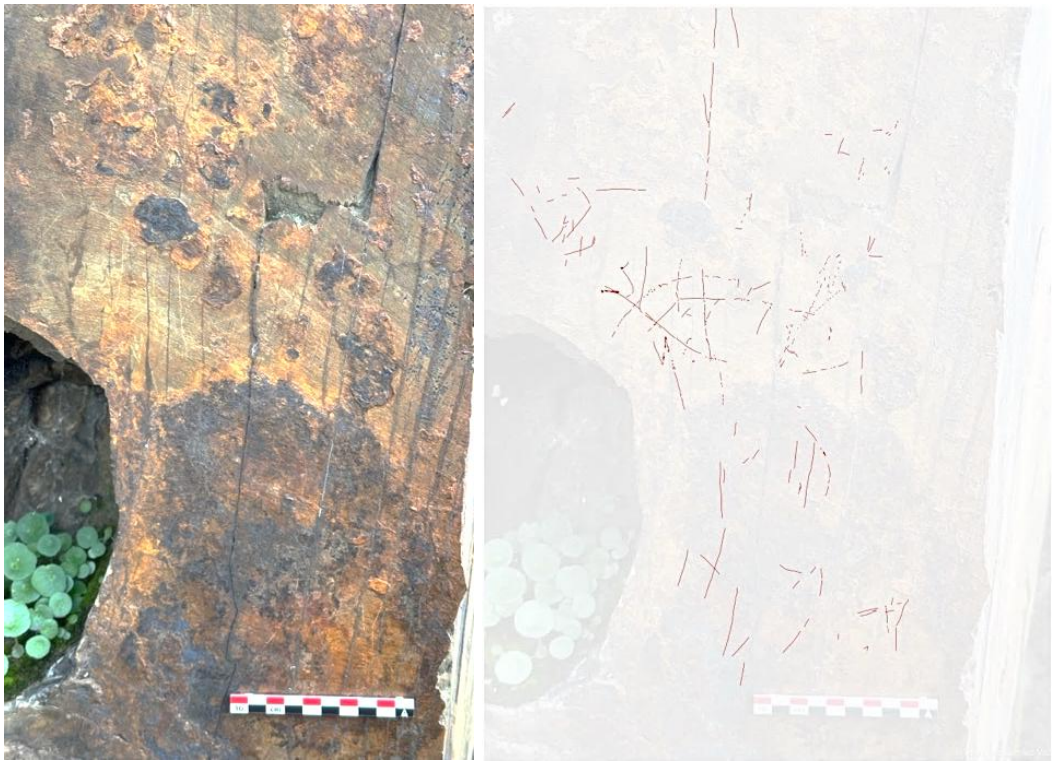


Figura 270 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel B (seta a vermelho). À direita: linhas incisas dispersas um pouco por todo o painel. Existem algumas gravuras agrupadas, sobretudo na parte central. Levantamento sobre fotografia.



Figura 271 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C. À direita: linhas um pouco por todo o painel. Há um motivo que se repete algumas vezes, semelhante a um A. As setas indicam esses motivos. Há um pequeno grupo de linhas oblíquas, paralelas entre si na parte superior do painel. As gravuras a preto correspondem a linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia.

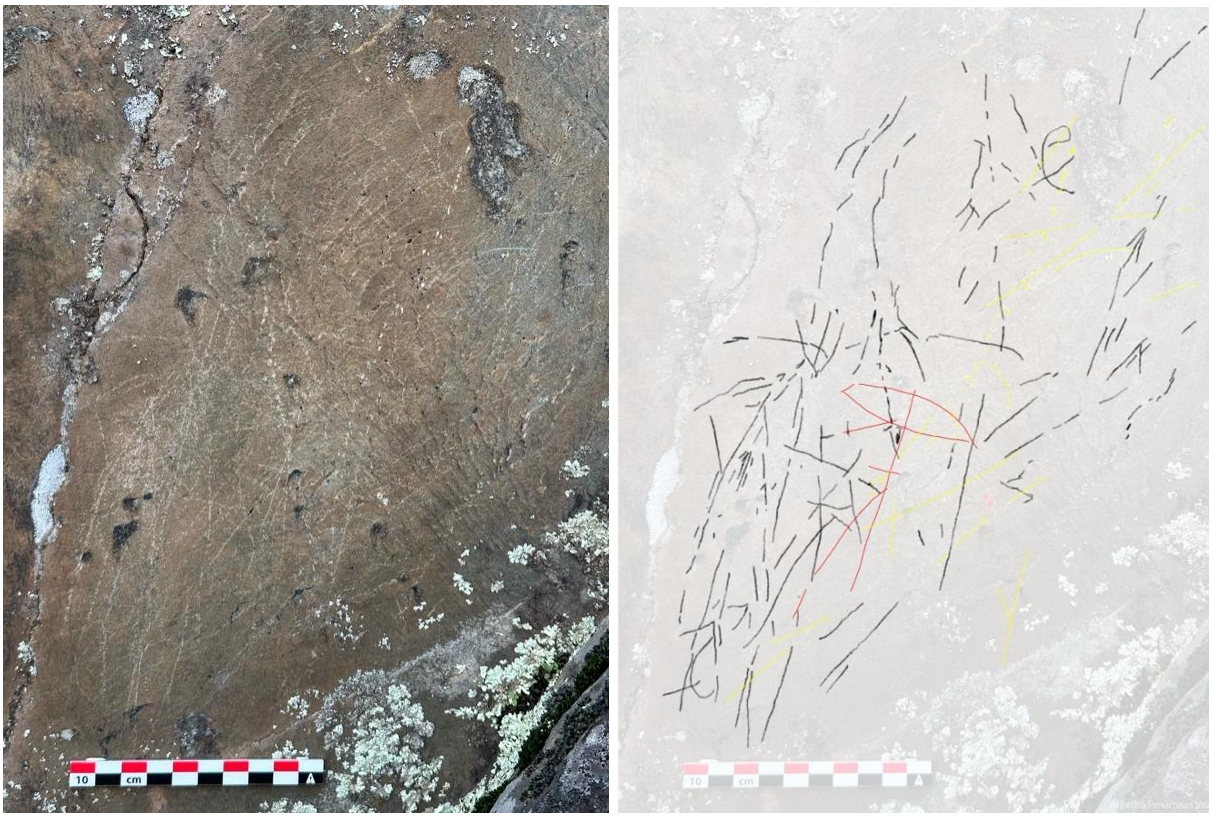


Figura 272 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel D. À direita: linhas incisas a amarelo, dispersas pela parte direita do painel. A preto linhas raspadas, ocupando quase todo o painel. A vermelho está identificado um eventual antropomorfo com uma linha horizontal à cintura. Do lado direito deste motivo, encontram-se dois pequenos picotados a rosa. Levantamento sobre fotografia.

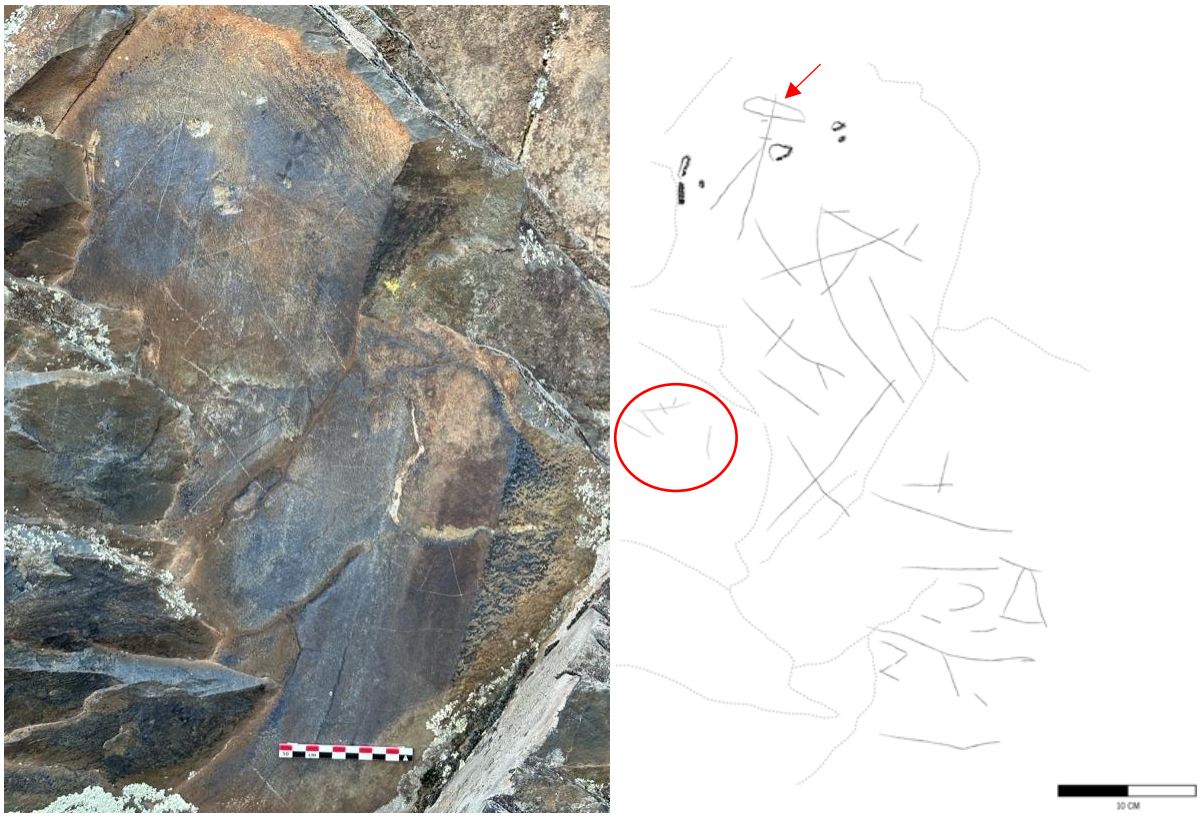


Figura 273 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel E. À direita: linhas incisas filiformes com a representação de um eventual antropomorfo na parte superior, semelhante ao do painel D, com picotados junto a este motivo. A seta a vermelho indica este possível antropomorfo. Há um pequeno grupo de gravuras raspadas, assinalado pelo círculo. Levantamento sobre fotografia.

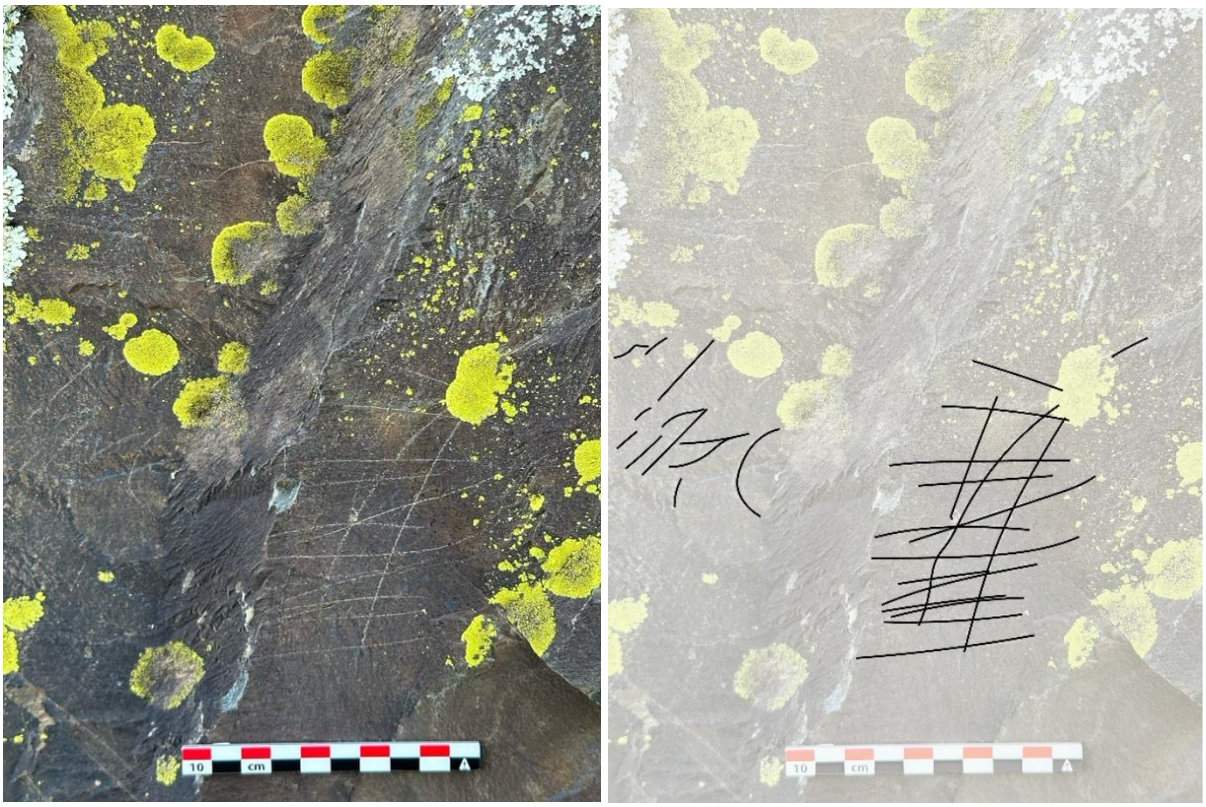


Figura 274 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel F. À direita: linhas raspadas horizontais paralelas entre si com duas linhas verticais curvas e uma oblíqua, de menores dimensões, no grupo da direita. No grupo da esquerda, linhas dispersas. Levantamento sobre fotografia.

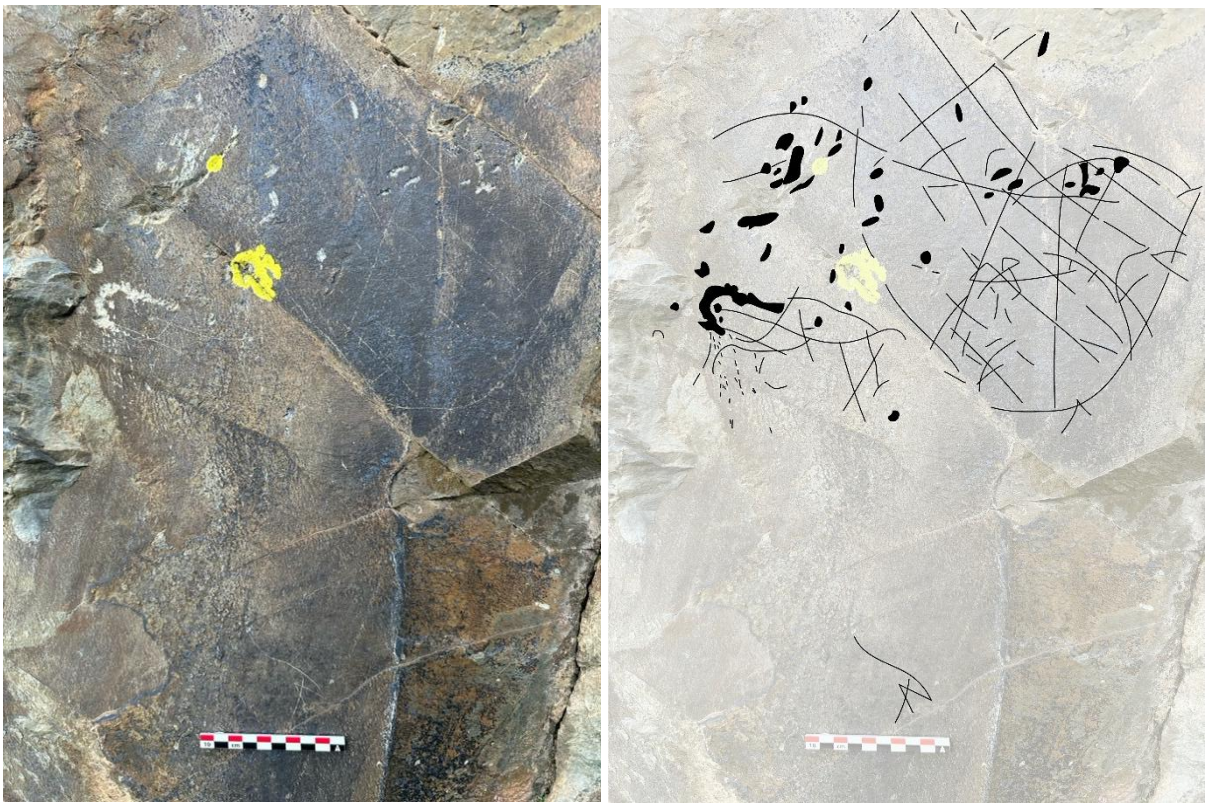


Figura 275 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel G. À direita: linhas paralelas entre si numa posição oblíqua e, perpendiculares a estas, outras linhas, quase como se formasse um axadrezado aberto. Na parte lateral esquerda deste painel, foi gravado, um motivo picotado semelhante a um báculo (?), para além de pontos dispersos. Levantamento sobre fotografia.



Figura 276 - Pormenor das gravuras do painel G. Fotografia do autor.



Figura 277 - Em cima: pormenor das gravuras do painel H. Em baixo: linhas incisas paralelas entre si, um ziguezague e, no fundo do painel, uma linha horizontal, com linhas perpendiculares a esta, para além de picotados dispersos. Levantamento sobre fotografia.



Figura 278 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel I. À direita: forma quase quadrada, com linhas incisas filiformes dispersas no seu interior. Levantamento sobre fotografia.



Figura 279 - Pormenor das gravuras picotadas do painel J.

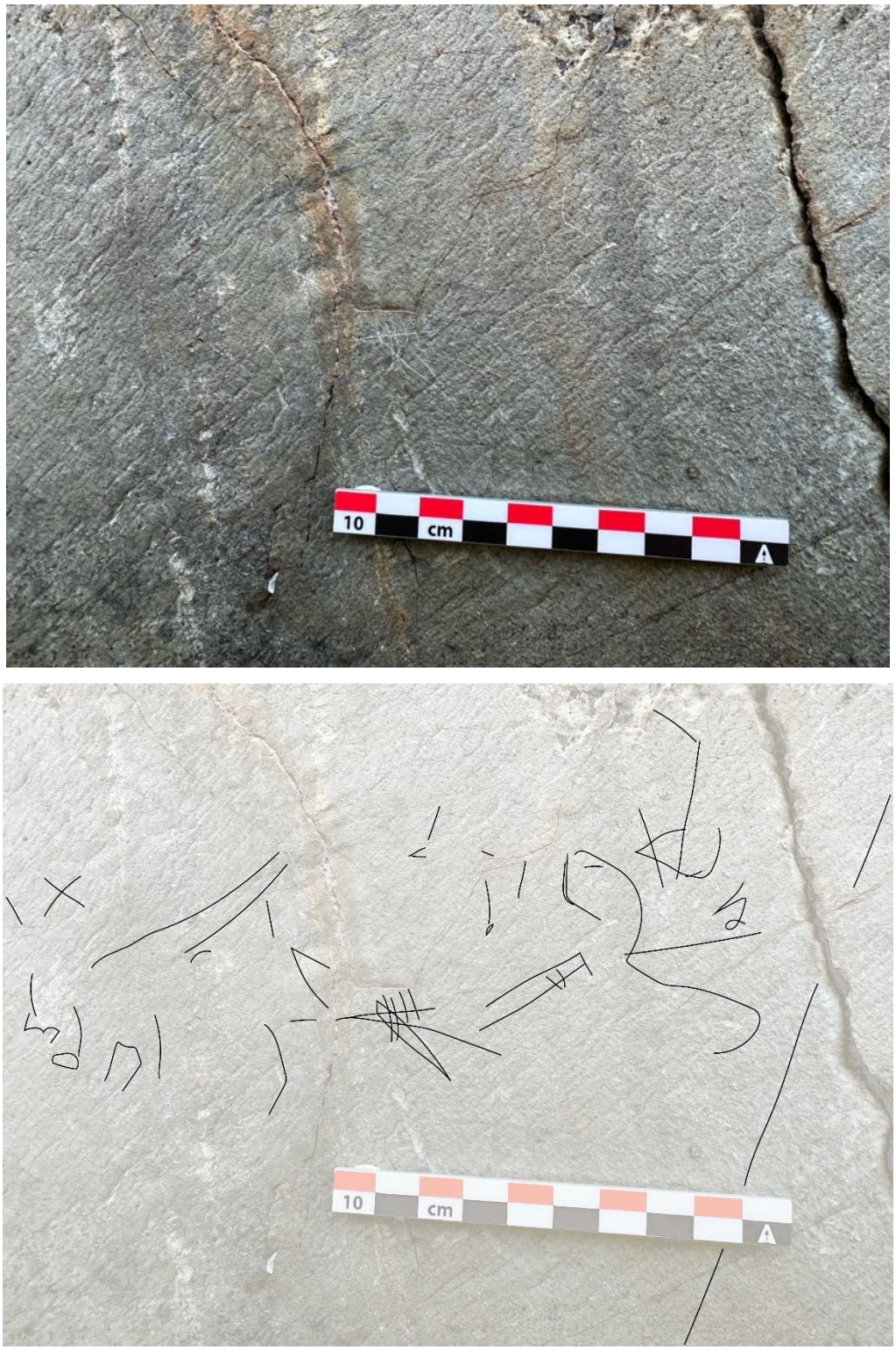


Figura 280 - Em cima: pormenor das gravuras do painel K. Em baixo: linhas incisas filiformes, curvas, e na parte inferior esquerda do painel, um pequeno motivo em "espinha". Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(47) Pias 10

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre, inscrições e traços aleatórios.

Cronologia: Idade do Ferro/Histórica.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28240 N; Longitude: -7.00103 O; Altitude: 484 m.

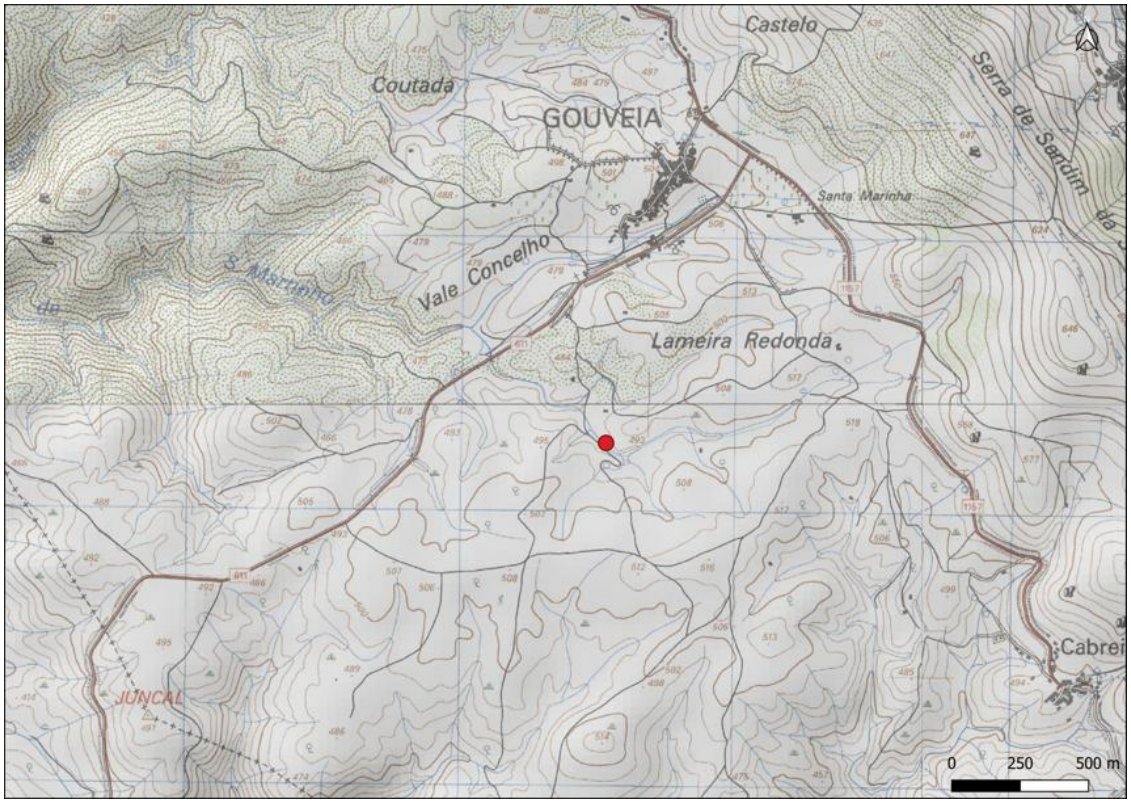


Figura 281 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 10.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 500 metros, encontra-se um lameiro junto ao caminho. Na extremidade oposta, encontra-se esta rocha.

Localização física e ambiental: O local situa-se junto de uma pequeníssima veiga formada por lameiros relativamente estreitos, localizados a este do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são boas, uma vez que é um dos pontos do ribeiro onde o vale abre mais e este passa no meio dos lameiros,

em pequenos leitos. Esta é a rocha identificada com arte rupestre, mais a montante do conjunto de rochas deste ribeiro. Onde se encontra implantada, verificam-se afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nesta área, existe uma quantidade muito menor de afloramentos relativamente a jusante do restante curso do ribeiro das Pias. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 282) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

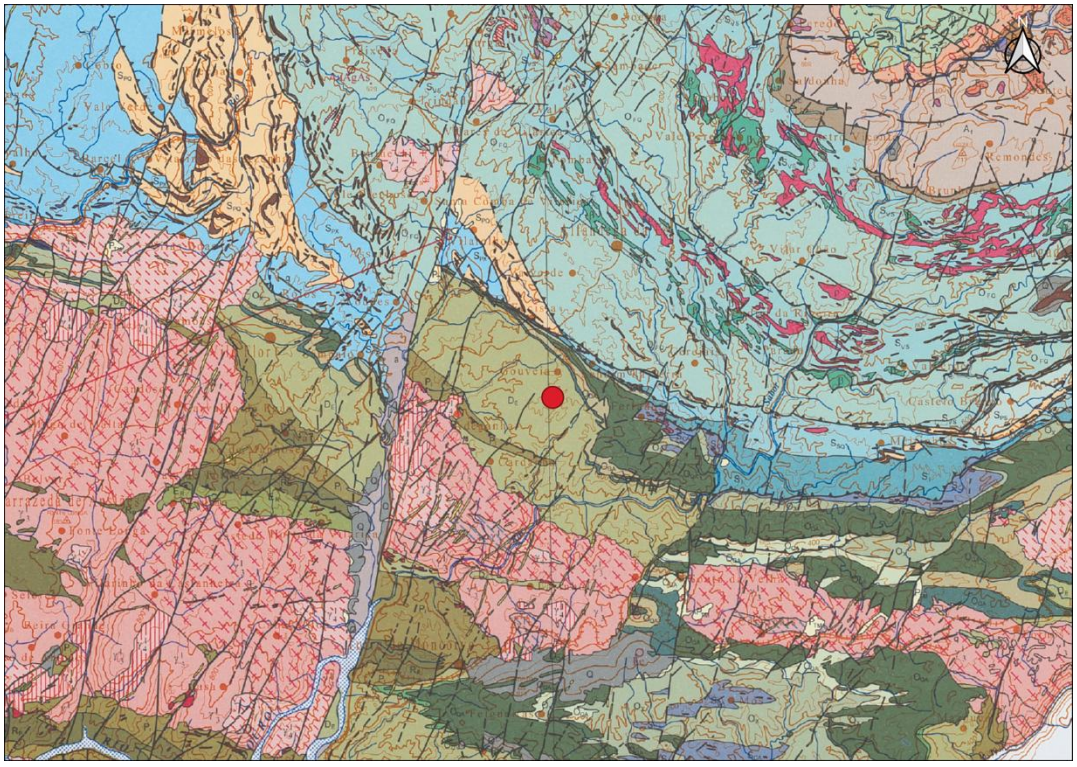


Figura 282 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 10.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 283). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Esta rocha é identificável a partir de todos os pontos cardeais, uma vez que se encontra em terreno direito e praticamente isolada. Apresenta painéis de dimensões medianas, embora um seja um pouco maior, destacando-se dos restantes. As dimensões desta rocha são de 7 metros de largura por 2.30 metros de altura máxima. O painel A fica a cerca de 1.7 metros do solo. O painel B encontra-se a cerca de 1.20 metros do solo. O painel C encontra-se a cerca de 1.10 metros do solo. O painel D está a cerca de 1.30 metros do solo. O painel E encontra-se a cerca de 90 cm do solo. O painel F encontra-se a cerca de 50 cm do solo. O painel G está a cerca de 40 cm do solo. Por fim, o painel H encontra-se junto ao solo, embora só na parte superior contenha gravuras a cerca de 30 cm do solo.



Figura 283 - Vista geral da rocha Pias 10 com os oito painéis gravados assinalados. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados nesta rocha, podem subdividir-se em três grupos, a saber: um grupo com três painéis gravados, no topo superior direito da rocha (painéis A, B e C); um conjunto mais central (painéis D, E e F) e outro, na extremidade esquerda da rocha (painéis G e H). No primeiro conjunto temos o painel A com sulcos incisos, todas eles filiformes, e de difícil interpretação. O que ressalta à vista neste painel é a existência alguns motivos triangulares, que podem

corresponder a caracteres. De notar que há algumas sobreposições. Existem, na parte inferior direita, logo abaixo dos filiformes, pequenas linhas raspadas, paralelas entre si (Fig. 284). O painel B é de pequena dimensão e apresenta um sulco em ziguezague, inciso (Fig. 285). Relativamente ao painel C, este apresenta um pentagrama, gravado através da incisão filiforme, e deverá corresponder à gravura mais recente desta rocha (Fig. 286). No segundo conjunto, temos o painel D, que apresenta um reticulado, efetuado através de linhas raspadas (Fig. 287). Quanto ao painel E, este apresenta sulcos incisos filiformes com destaque para sulcos verticais e horizontais. Há, ainda, sulcos oblíquos e um motivo triangular aberto. Também é verificável, na parte inferior, dois pontos picotados dispersos. É o único painel com picotados (Fig. 288). O painel F apenas contém linhas incisas filiformes, paralelas entre si (Fig. 289). O terceiro conjunto desta rocha (formado pelos painéis G e H) é o mais complexo, não na temática, mas na quantidade de linhas incisas filiformes formando, deste modo, dois painéis com gravuras dispostas de forma "caótica". O painel G tem pequenas linhas incisas filiformes, quase todas horizontais, embora se verifiquem algumas horizontais (um pouco dispersas) e algumas que se cruzam (Fig. 290). Quanto ao painel H, este também apresenta linhas incisas filiformes, de reduzidas dimensões, e efetuadas, praticamente todas, junto a fraturas naturais. Apresentam-se na vertical, na horizontal e, também, na diagonal. No topo da composição há pelo menos um motivo que se assemelha a um alfabetiforme. No canto inferior esquerdo, parece existir um quadrúpede esquemático, talvez um caprídeo (Fig. 291).



Figura 284 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Fotografia noturna com luz rasante. Em baixo: sulcos incisos filiformes, alguns deles parecendo alfabetiformes, e linhas paralelas raspadas. Levantamento do autor.



Figura 285 - Pormenor das gravuras do painel B com sulcos em ziguezague.

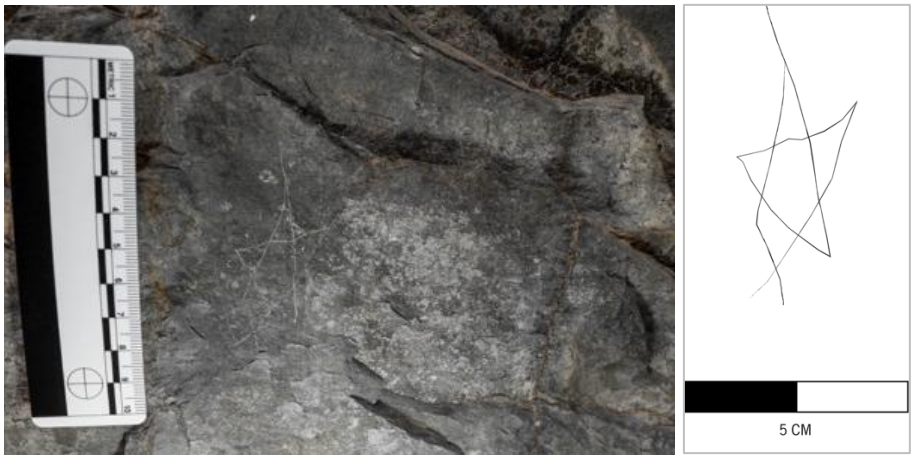


Figura 286 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel C: À direita: pentagrama gravado através de incisão filiforme. Levantamento do autor.



Figura 287 - Pormenor das gravuras do painel D com pequeno reticulado na parte inferior. Fotografia do autor.



Figura 288 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel E. À direita: linhas incisas filiformes verticais, horizontais e um motivo triangular aberto. Levantamento do autor.

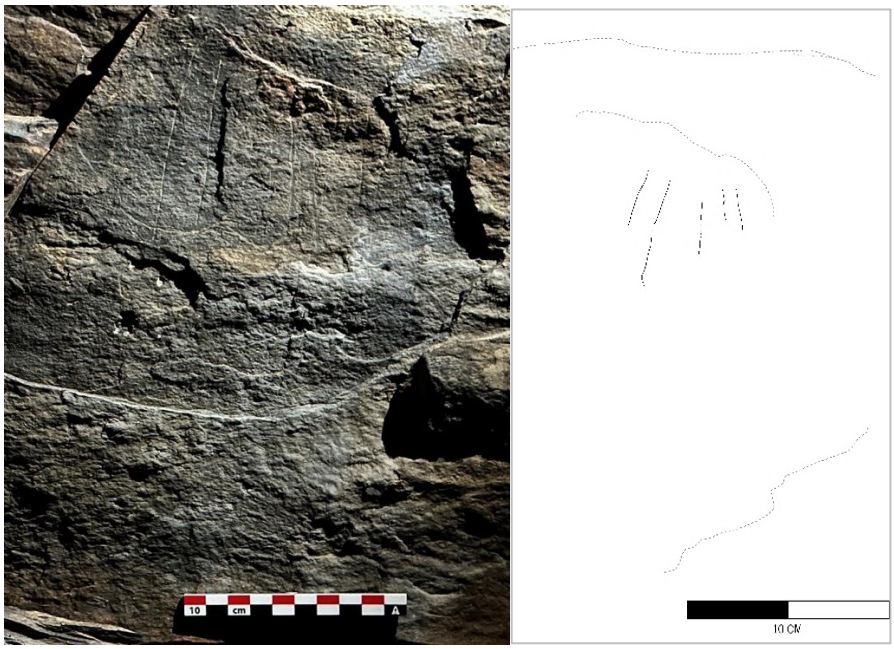


Figura 289 – À esquerda: pormenor das gravuras do painel F. Fotografia noturna com luz rasante. À direita: sulcos incisos filiformes na vertical. Levantamento do autor.



Figura 290 - Vista geral das gravuras do painel G com linhas incisas filiformes de difícil perceção. O retângulo assinala a área gravada. Fotografia do autor.


10
cm


10
cm



Figura 291 - Em cima: pormenor das gravuras na parte proximal do painel H. Ao centro: pormenor do eventual zoomorfo. Em baixo: sulcos incisos ao longo de quase todo o painel. No topo há, pelo menos, dois motivos que parecem alfabetiformes. Na base do painel (canto inferior esquerdo) parece existir um zoomorfo muito estilizado, com cauda curta (caprídeo?). Levantamento do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(48) Pias 11

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28260 N; Longitude: -7.00119 O; Altitude: 483 m.

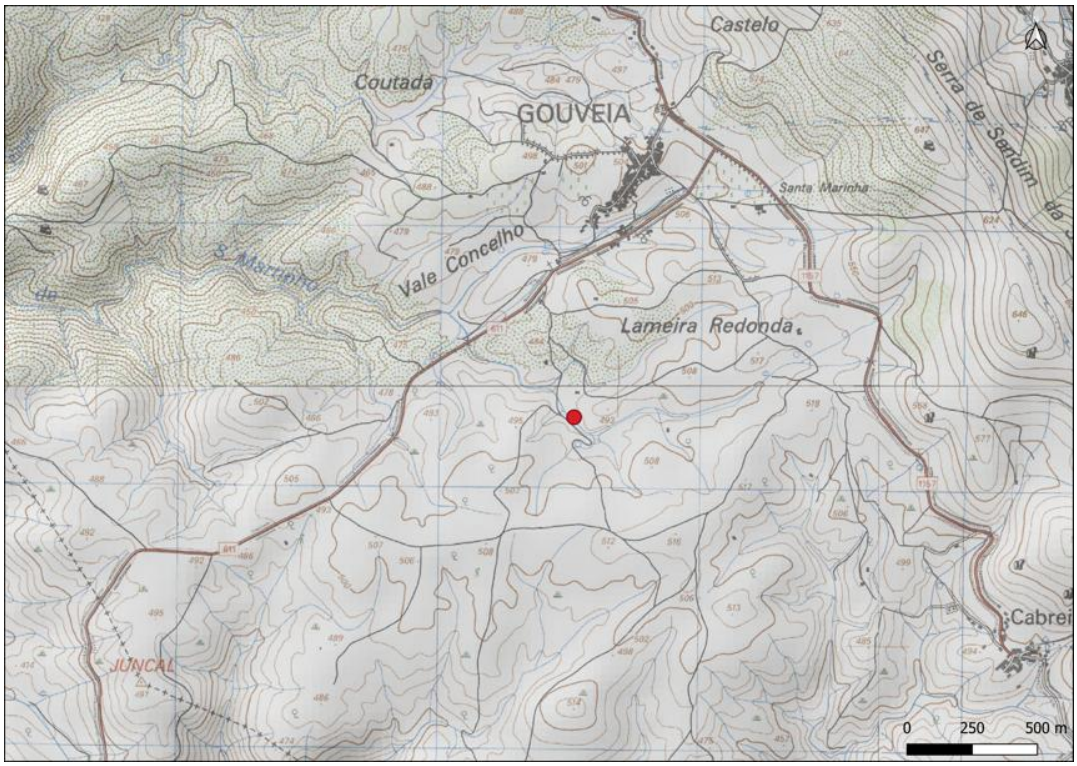


Figura 292 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 11.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 500 metros, encontra-se um lameiro junto ao caminho. Na extremidade oposta, encontra-se esta rocha.

Localização física e ambiental: O local situa-se junto de uma pequeníssima veiga formada por lameiros relativamente estreitos, localizados a este do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são boas, uma vez que é um dos pontos do ribeiro onde o vale abre mais e esta passa no meio dos lameiros, em pequenos leitos. Esta é a rocha identificada com arte rupestre mais a montante do conjunto de rochas gravadas deste ribeiro. Onde se encontra implantada a rocha Pias 10, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nesta área, existe uma quantidade muito menor de afloramentos relativamente a jusante do restante curso do ribeiro das Pias. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 293) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

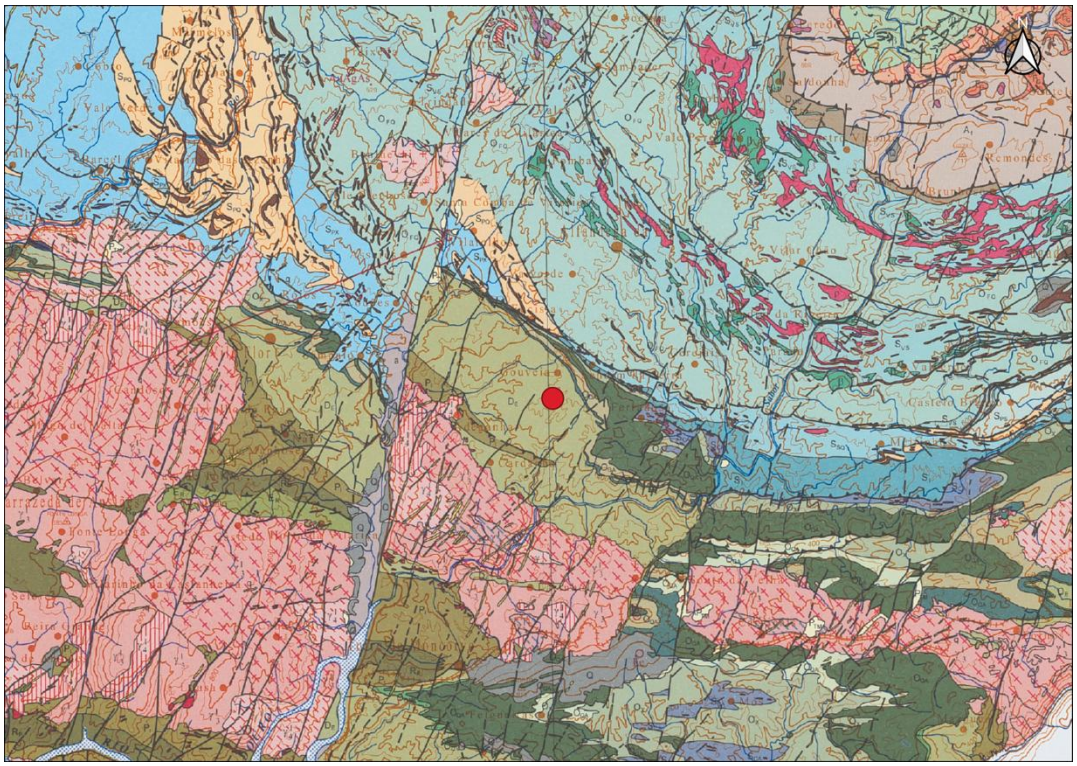


Figura 293 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 11.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1800 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 294). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. Esta rocha é identificável a partir de todos os pontos cardeais, uma vez que se encontra em terreno direito e praticamente isolada. Apresenta um painel de tamanho considerável. Apesar de se encontrar com bastantes líquenes, apenas identificámos as extremidades laterais das rochas gravadas. As dimensões desta rocha são de 2.6 metros de largura por 1.2 metros de altura máxima. Tanto o grupo A como o B, ficam a cerca de 50 cm do solo.

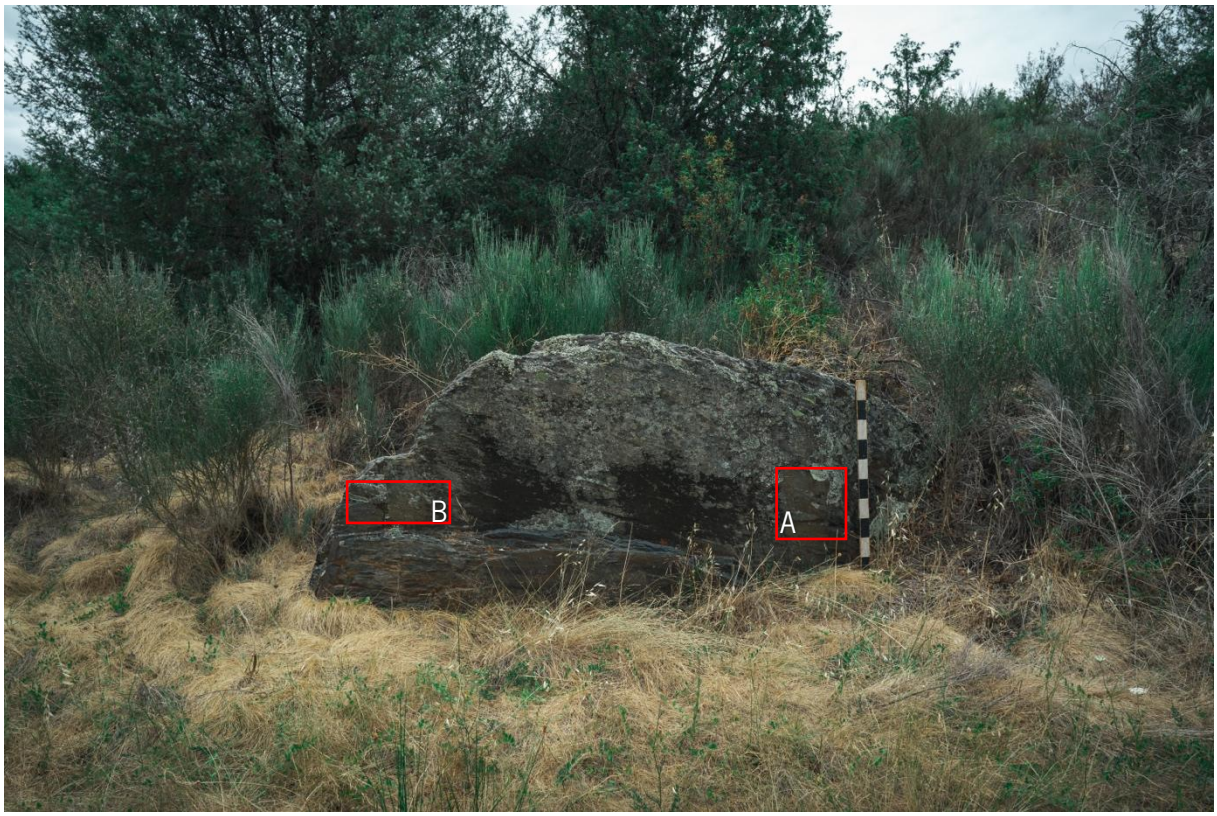


Figura 294 - Vista geral da rocha Pias 11 com a representação sítios gravados. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados nesta rocha estão circunscritos às extremidades laterais da mesma. No grupo A, encontra-se um intrincado de incisões, a saber: linhas incisas filiformes, paralelas entre si, tanto verticais como horizontais; linhas curvas; triângulos, por vezes abertos (pontas de seta?); linhas em ziguezague. Neste "caos", também estão presentes algumas linhas efetuadas através da técnica de raspagem. São, sobretudo, linhas entrecruzadas, paralelas entre si, e algumas curvas. Abaixo da área mais gravada, há um pequeno grupo de linhas filiformes paralelas e entrecruzadas, embora de menor tamanho, relativamente às superiores. Na extremidade inferior do painel, há um outro pequeno grupo de gravuras, também filiformes, formando sulcos na diagonal e curvos (Fig. 295). O grupo B é mais modesto e contem, apenas, cruciformes e alguns sulcos verticais e oblíquos. A técnica utilizada neste conjunto foi a incisão filiforme (Fig. 296).

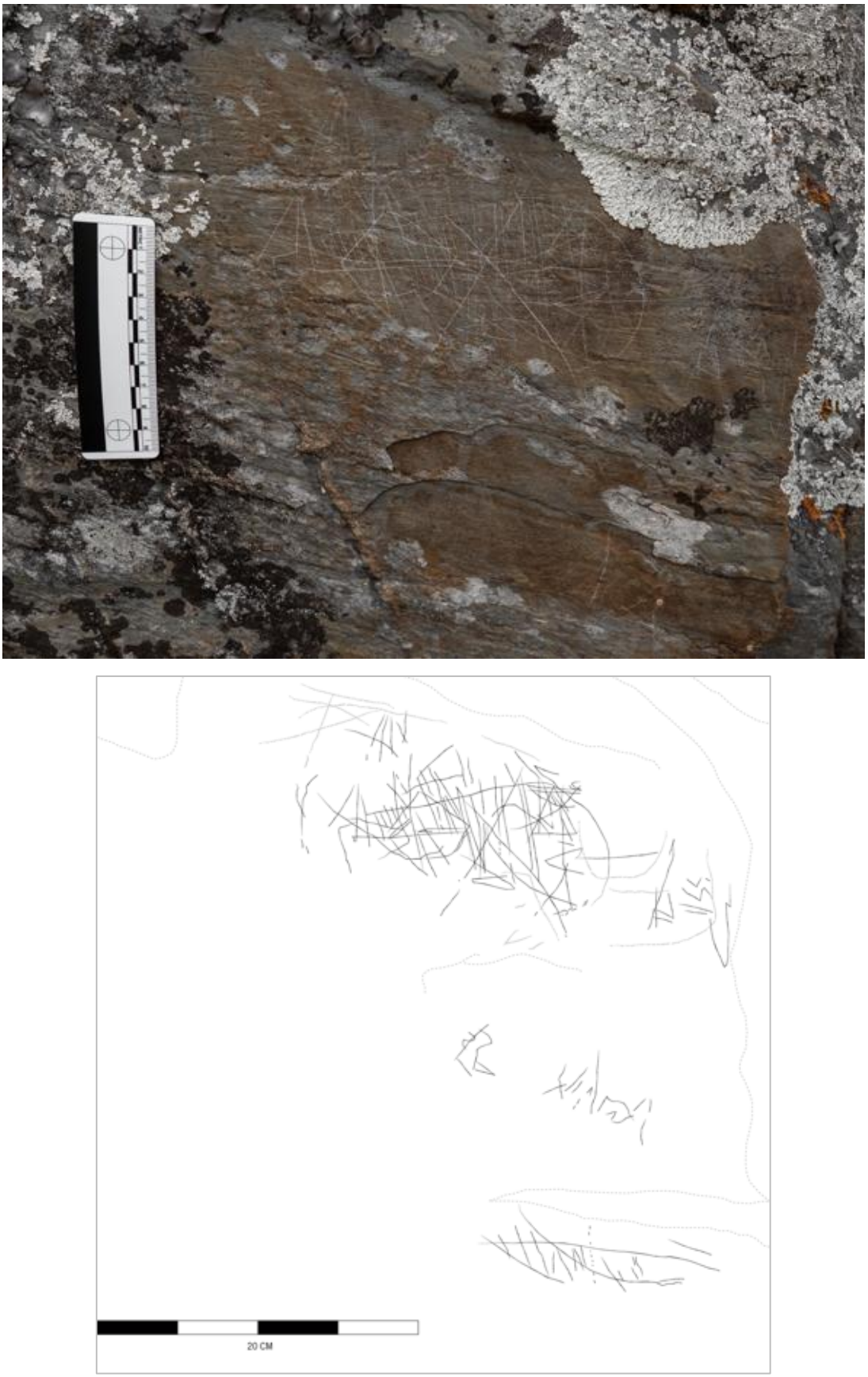


Figura 295 - Em cima: pormenor das gravuras do painel A. Em baixo: linhas incisas filiformes e raspadas (linhas ténues). Levantamento do autor.



Figura 296 - Em cima: pormenor das gravuras do painel B. Em baixo: cruciformes incisos. Levantamento do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(49) Pias 12

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Ribeiro das Pias.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.284696 N; Longitude: -7.005542 O; Altitude: 469 m.

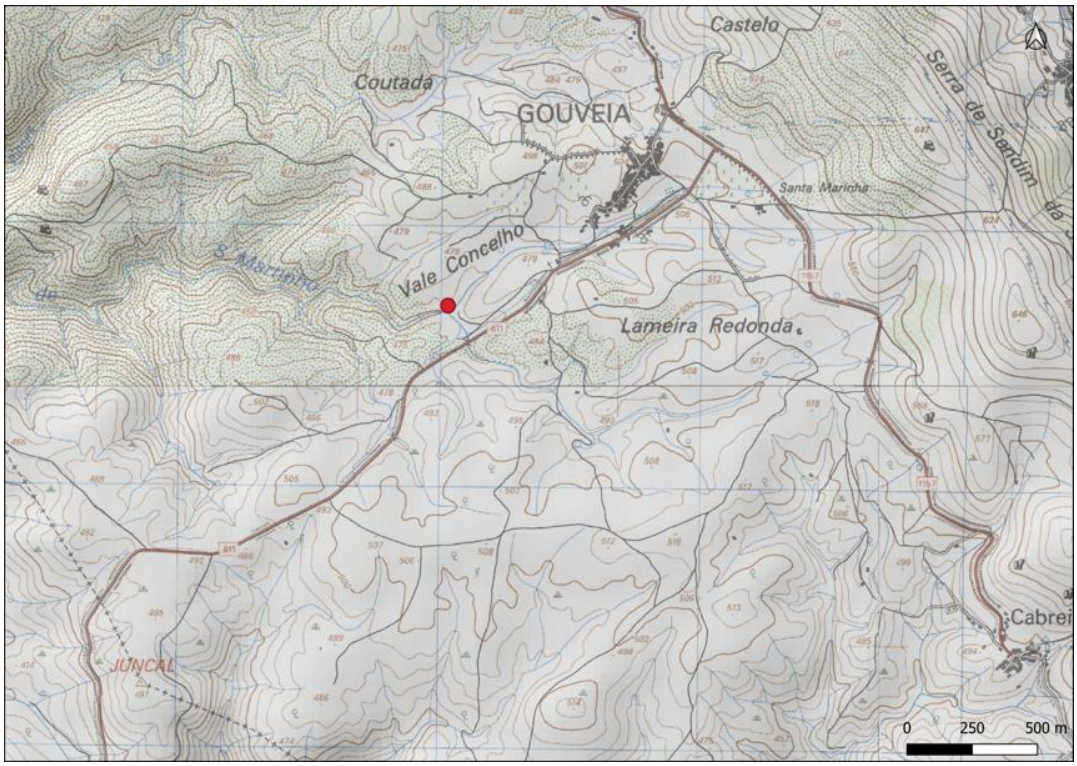


Figura 297 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pias 12.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção ao ribeiro das Pias. A cerca de 500 metros, encontra-se um lameiro junto ao caminho. Na extremidade oposta, encontra-se esta rocha.

Localização física e ambiental: O local situa-se junto de uma pequeníssima veiga formada por lameiros relativamente estreitos, localizados a este do ribeiro das Pias. As condições de visibilidade são boas, uma vez que é um dos pontos do ribeiro onde o vale abre mais e esta passa no meio dos lameiros, em pequenos leitos. Esta é a rocha identificada com arte rupestre mais a montante do conjunto de rochas deste ribeiro. Onde se encontra implantada a rocha Pias 12, verificam-se afloramentos verticais e

subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita do ribeiro das Pias. A margem oposta, praticamente não contém afloramentos à vista. Nesta área, existe uma quantidade muito menor de afloramentos relativamente a jusante do restante curso do ribeiro das Pias. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 298) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros.

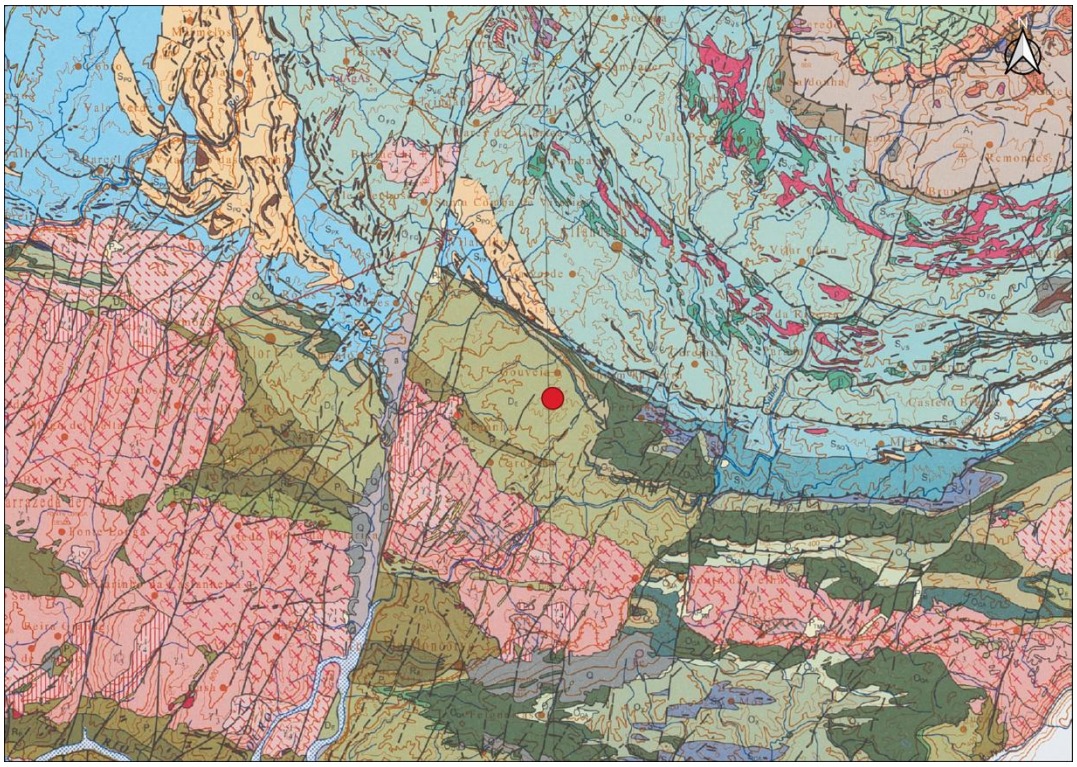


Figura 298 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pias 12.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto, bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 299). Apresenta um painel gravado. Esta rocha é bem visível a partir de todos os

pontos cardeais, à exceção de nordeste. As dimensões são de, aproximadamente, 2 metros de largura por 80 cm de altura máxima. As gravuras encontram-se a cerca de 30 cm do solo.



Figura 299 - Vista geral da rocha Pias 12 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras correspondem a pequenos picotados dispersos, não ultrapassando os 10 cm de largura e 7 cm de altura (Fig. 300). Os motivos são difíceis de interpretar e, talvez aleatórios, eventualmente efetuados por populações históricas devido à falta de patine.



Figura 300 - Pormenor dos picotados da rocha Pias 12. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(51) Vale Concelho 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Vale Concelho.

Coordenadas geográficas e altitude: Latitude: 41.28584 N; Longitude: -7.01246 O; Altitude: 483 m.

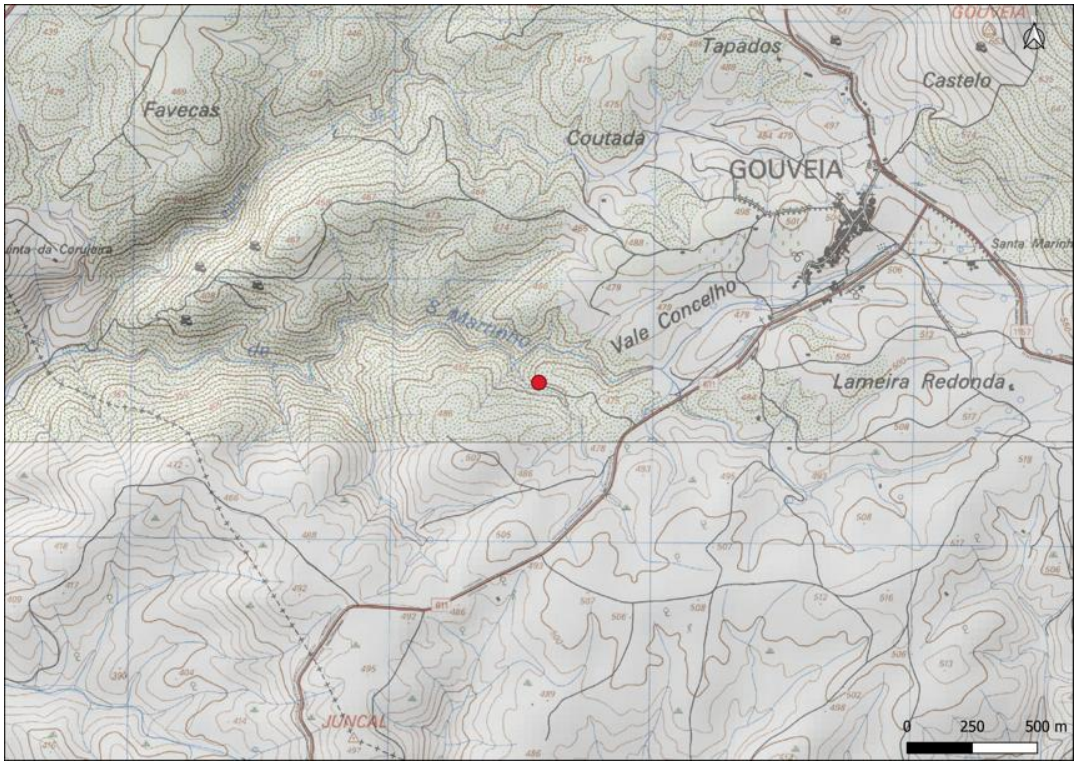


Figura 301 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 1.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção à ribeira dos Moinhos. Este caminho fica a cerca de 630 metros da localidade de Gouveia. Na bifurcação, seguir o caminho da esquerda e, a cerca de 220 metros, encontra-se a rocha Vale Concelho 1.

Localização física e ambiental: O local situa-se na parte mais encaixada, na margem direita de um dos tributários da margem esquerda da ribeira dos Moinhos. As condições de visibilidade são escassas devido à sua posição alcantilada entre o planalto de Gouveia a sudeste e o curso da ribeira com pendente para noroeste, em direção à ribeira dos Moinhos. Onde se encontra implantada a rocha Vale Concelho 1, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita desta linha de água. A margem oposta, contém menos afloramentos, mas com faces pouco lisas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 302) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

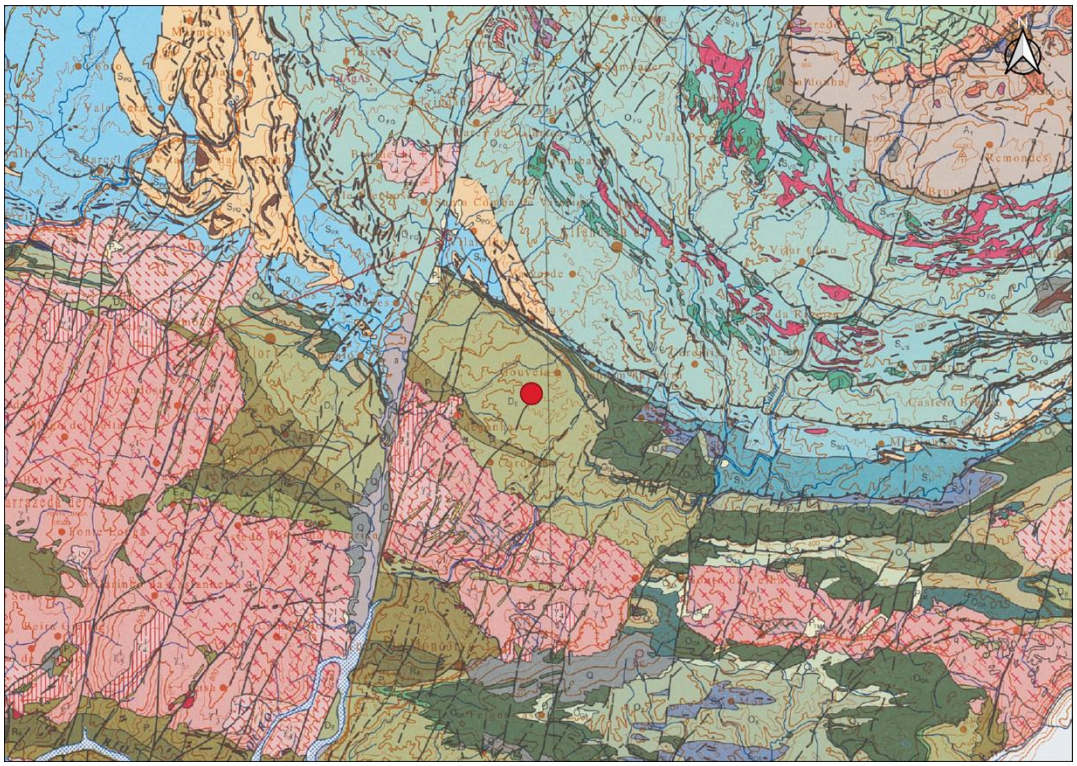


Figura 302 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 1.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 2150 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 2660 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado sub-verticalmente (Fig. 303). O painel gravado encontra-se orientado para noroeste. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de nordeste. Apresenta vários painéis de pequenas dimensões. As dimensões desta rocha são de 2 metros de largura por 1.30 metros de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 30 cm do solo.

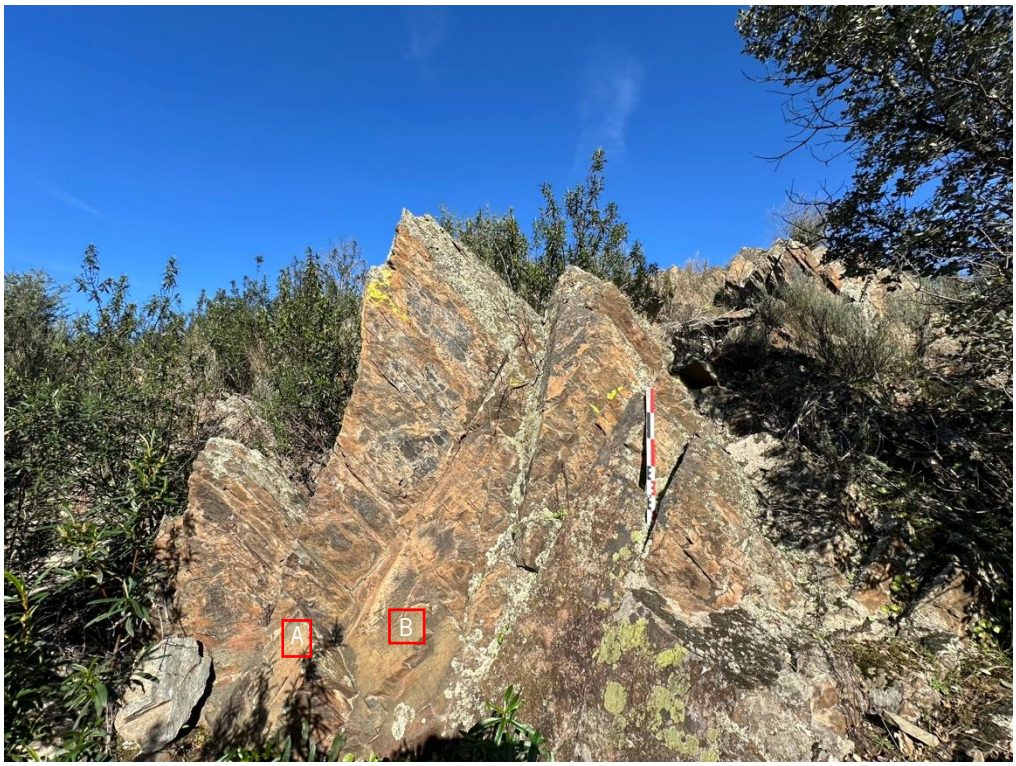


Figura 303 - Vista geral da rocha Vale Concelho 1 com os dois painéis gravados assinalados. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas nesta rocha encontram-se em dois painéis. As gravuras do painel A correspondem a linhas incisas filiformes, oblíquas e paralelas entre si (Fig. 304) e no painel B é possível verificar dois sulcos raspados, de difícil perceção, também paralelos entre si. Estes últimos, parecem convergir num ponto comum, fazendo supor um motivo em forma de "folha" (Fig. 305).



Figura 304 - À esquerda: pormenor das gravuras do painel A. À direita: linhas incisas paralelas entre si. Levantamento sobre fotografia.

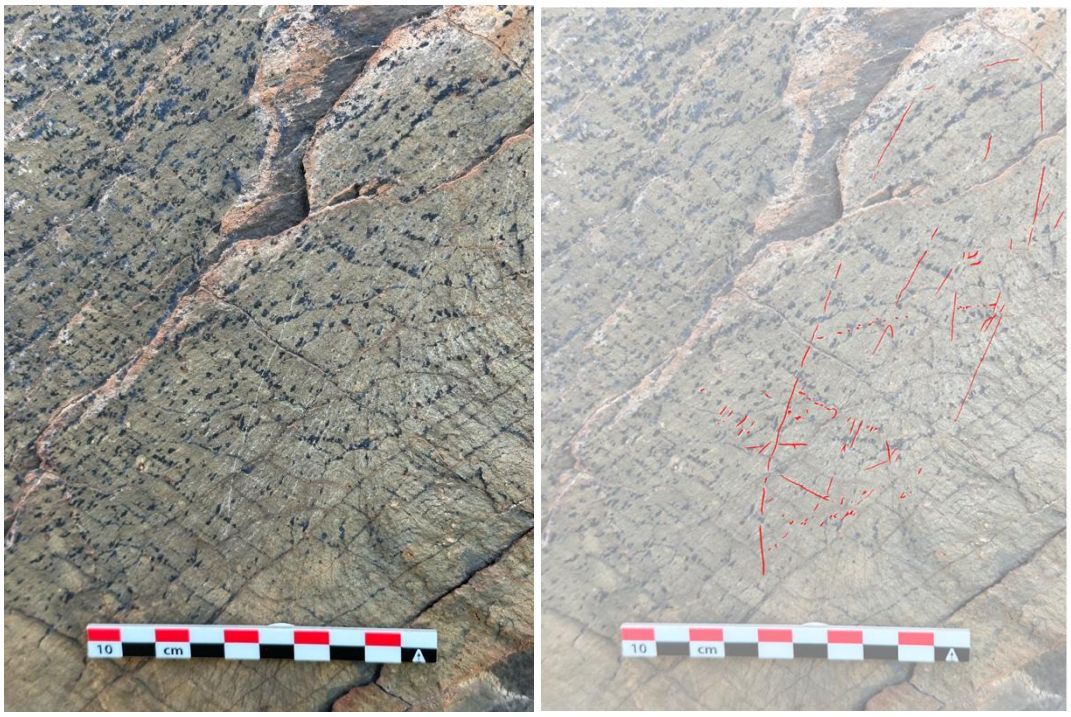


Figura 305 - Á esquerda: pormenor das gravuras do painel B. À direita: motivos efetuados através da técnica de raspagem em forma de "folha" com algumas linhas e pontos a preenchê-lo. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(52) Vale Concelho 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Vale Concelho.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28874 N; Longitude: -7.00333 O; Altitude: 477 m.

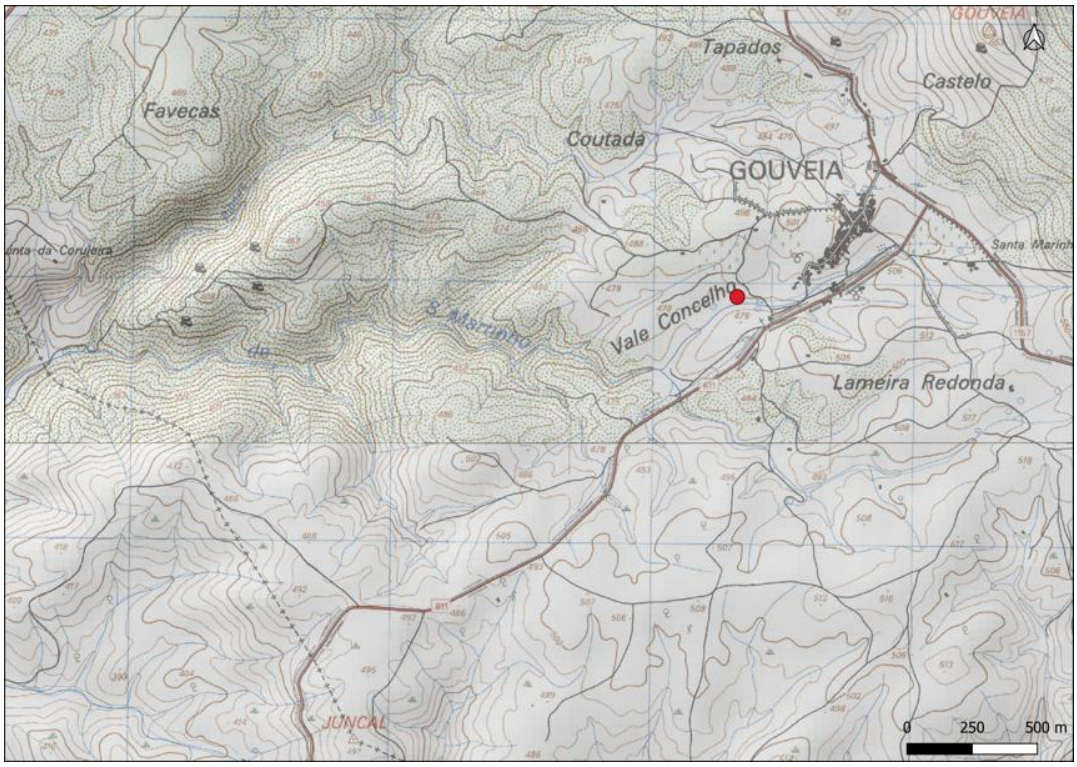


Figura 306 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 2.

Acessos: Na extremidade sudoeste da localidade de Gouveia, seguir um caminho de terra batida que passa na ETAR e, após atravessar a ribeira dos Moinhos, numa zona onde existem várias hortas, seguir o caminho da esquerda. A cerca de 6 metros a norte deste caminho encontra-se a rocha Vale Concelho 2.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, praticamente a nascente. As condições de visibilidade são relativamente amplas quer para este, quer

para oeste. A partir daqui é possível ver a serra da Gouveia, a este. Onde se encontra implantada a rocha Vale Concelho 2, verificam-se afloramentos verticais e subverticais, em xisto, com tamanhos variados, sobretudo na margem direita desta linha de água. A margem oposta, contém menos afloramentos, mas com superfícies pouco lisas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 307) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

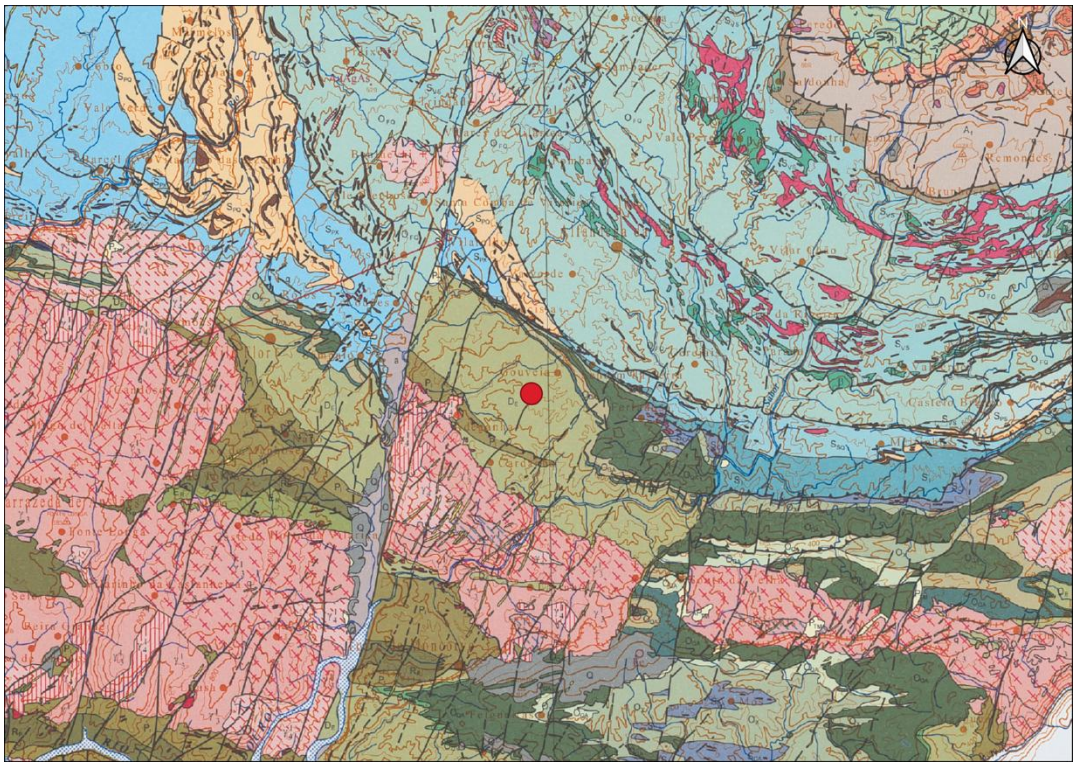


Figura 307 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 2.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1390 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento pouco destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 308). O painel gravado encontra-se orientado para sul. Esta rocha é bem visível a partir de todos os

pontos cardeais, à exceção de norte. As suas dimensões são de 2.50 metros de largura por 1 metro de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 40 cm do solo.



Figura 308 - Vista geral da rocha Vale Concelho 2 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a linhas incisas filiformes. Uma é oblíqua, outra vertical e outra horizontal. Estas linhas entrecruzam-se, formando um motivo triangular (Fig. 309).



Figura 309 - À esquerda: pormenor das gravuras da rocha Vale Concelho 2. À direita: motivo triangular inciso. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(53) Vale Concelho 3

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Vale Concelho.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28881 N; Longitude: -7.00352 O; Altitude: 477 m.

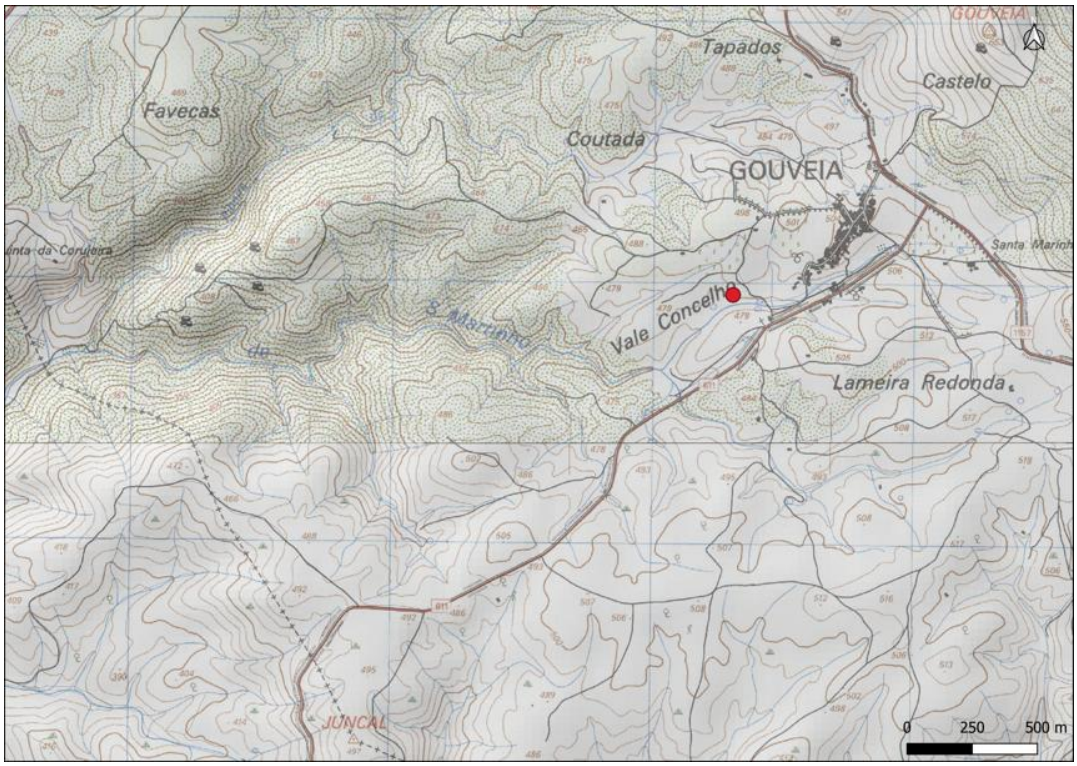


Figura 310 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 3.

Acessos: Na extremidade sudoeste da localidade de Gouveia, seguir um caminho de terra batida que passa na ETAR e, após atravessar a ribeira dos Moinhos, numa zona onde existem várias hortas, seguir o caminho da esquerda e quando este termina num olival, encontra-se a rocha Vale Concelho 3. Esta rocha encontra-se relativamente perto da aldeia.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, praticamente a Nascente. As condições de visibilidade são relativamente amplas quer para este, quer para oeste. A partir daqui é possível ver a serra da Gouveia a este. Onde se encontra implantada a rocha Vale Concelho 3, verificam-se afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sobretudo na margem direita desta linha de água. A margem oposta, contém menos afloramentos, mas com faces pouco lisas. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 311) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

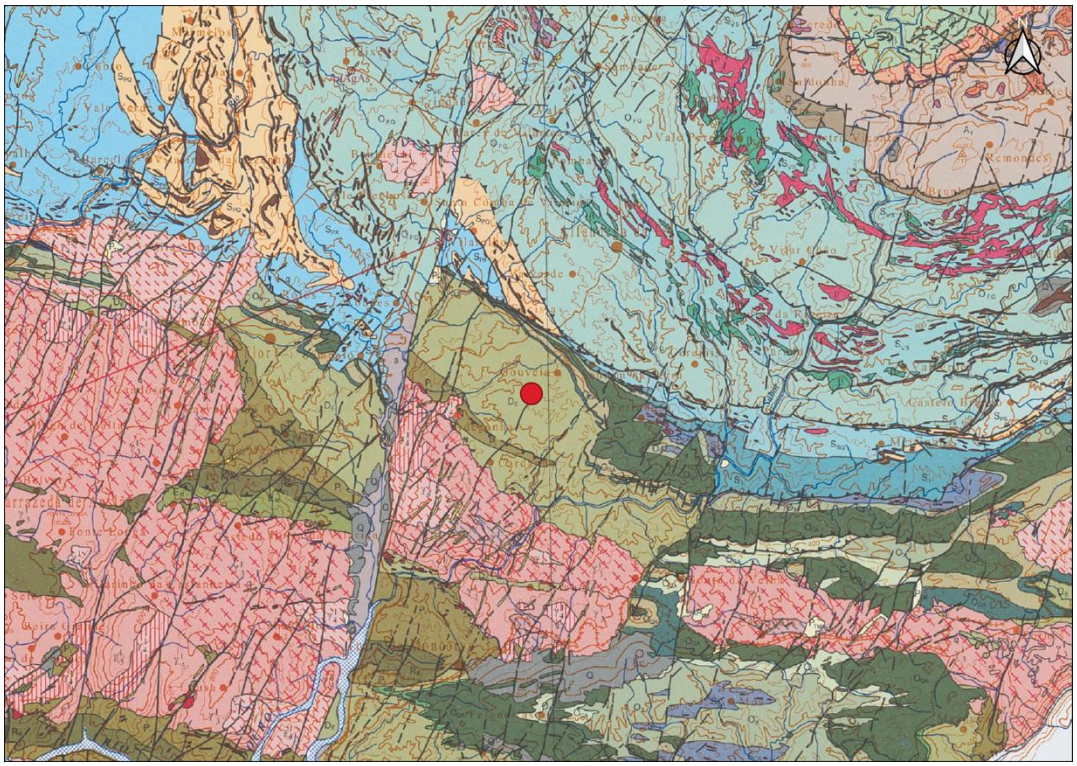


Figura 311 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 3.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1390 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 1900 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente, embora apresente um painel de pequenas dimensões, onde se encontram as gravuras, numa posição quase horizontal (Fig. 312). Esta rocha tem uma configuração semicircular e ao nível do solo é praticamente horizontal, formando uma parte relativamente abrigada. O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste. É bem visível a partir de todos os pontos cardeais, à exceção de norte. As dimensões desta rocha são de 3.50 metros de largura por 1.20 metros de altura máxima. O painel com gravuras fica a cerca de 15 cm do solo.



Figura 312 - Vista geral da rocha Vale Concelho 3 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas neste painel correspondem a linhas efetuadas através da técnica de raspagem. É difícil discernir os motivos aqui apresentados dada a "confusão" de linhas. Existem linhas horizontais, oblíquas e verticais e, nalguns casos, estas sobrepõem-se (Fig. 313).



Figura 313 - Á esquerda: pormenor das gravuras da rocha Vale Concelho 3. Á direita: linhas raspadas com várias disposições. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(54) Vale Concelho 4

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminado.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Vale Concelho.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28786 N; Longitude: -7.00498 O; Altitude: 468 m.

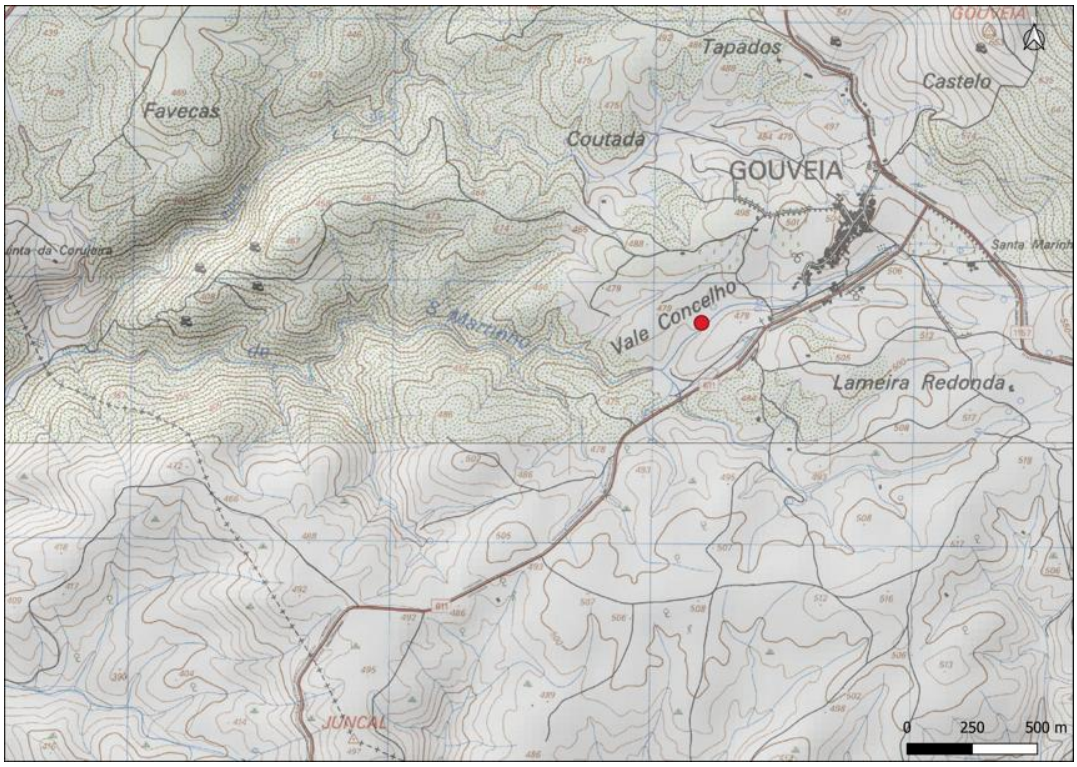


Figura 314 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 4.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção à ribeira dos Moinhos, logo após o fim da aldeia a sudoeste. Na segunda bifurcação, a cerca de 250 metros, seguir o caminho da direita até um pequeno vale cultivado. Em frente encontra-se um pequeno vale e é na extremidade oeste que se localiza a rocha Vale Concelho 4.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita da ribeira dos Moinhos, praticamente a Nascente. As condições de visibilidade são relativamente amplas quer para este, quer para oeste. A partir daqui é possível ver a serra da Gouveia a este. Onde se encontra implantada a rocha Vale Concelho 4, verificam-se alguns afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 315). (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas e estevas e a prática agrícola do olival e amendoal.

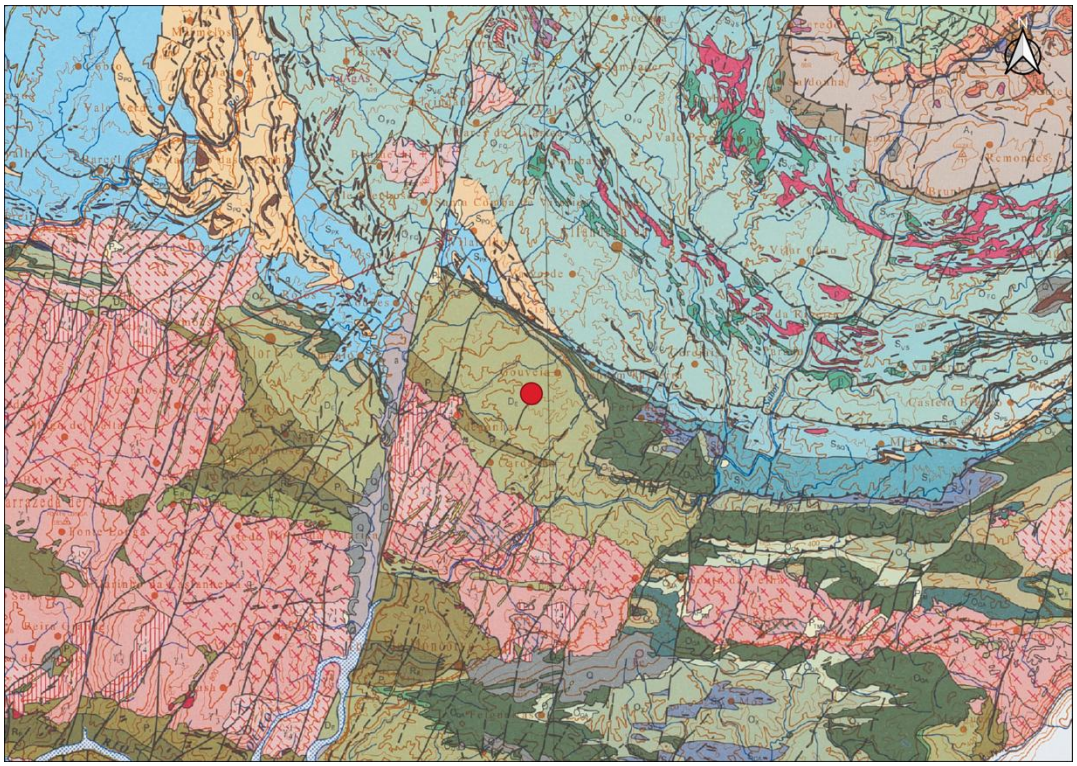


Figura 315 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 4.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1530 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 2000 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 316). Apresenta dois painéis gravados orientados para sul, de pequenas e médias dimensões, e

com fraturas naturais. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais. As suas dimensões são de 2 metros de largura por 90 cm de altura máxima. O painel com as gravuras fica a cerca de 60 cm do solo.



Figura 316 - Vista geral da rocha Vale Concelho 4 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas correspondem a linhas incisas muito ténues verticais e horizontais, divididas em dois grupos. Um, do lado esquerdo do painel, com linhas incisas filiformes verticais e oblíquas paralelas entre si com algumas de pequena dimensão, não ultrapassando 1 cm de comprimento. O grupo à direita, forma um motivo de difícil compreensão e caracteriza-se por linhas verticais, oblíquas e horizontais com provável conexão (Fig. 317). A técnica de gravação utilizada é a incisão filiforme.


10
cm

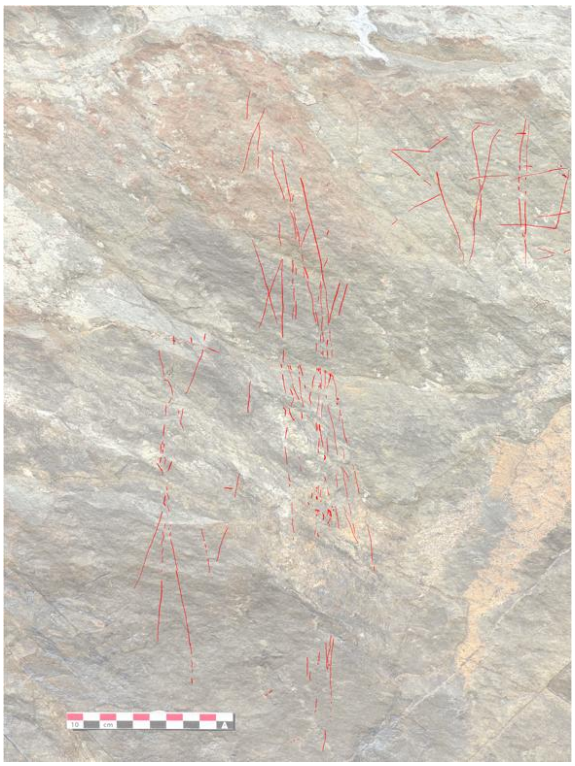


Figura 317 – Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vale Concelho 4. Em baixo: linhas incisas verticais, paralelas e entrecruzadas no grupo da esquerda e linhas verticais, oblíquas e horizontais no grupo da direita. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(55) Vale Concelho 5

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre, marcas de animais e traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Vale Concelho.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.28773 N; Longitude: -7.00525 O; Altitude: 471 m.

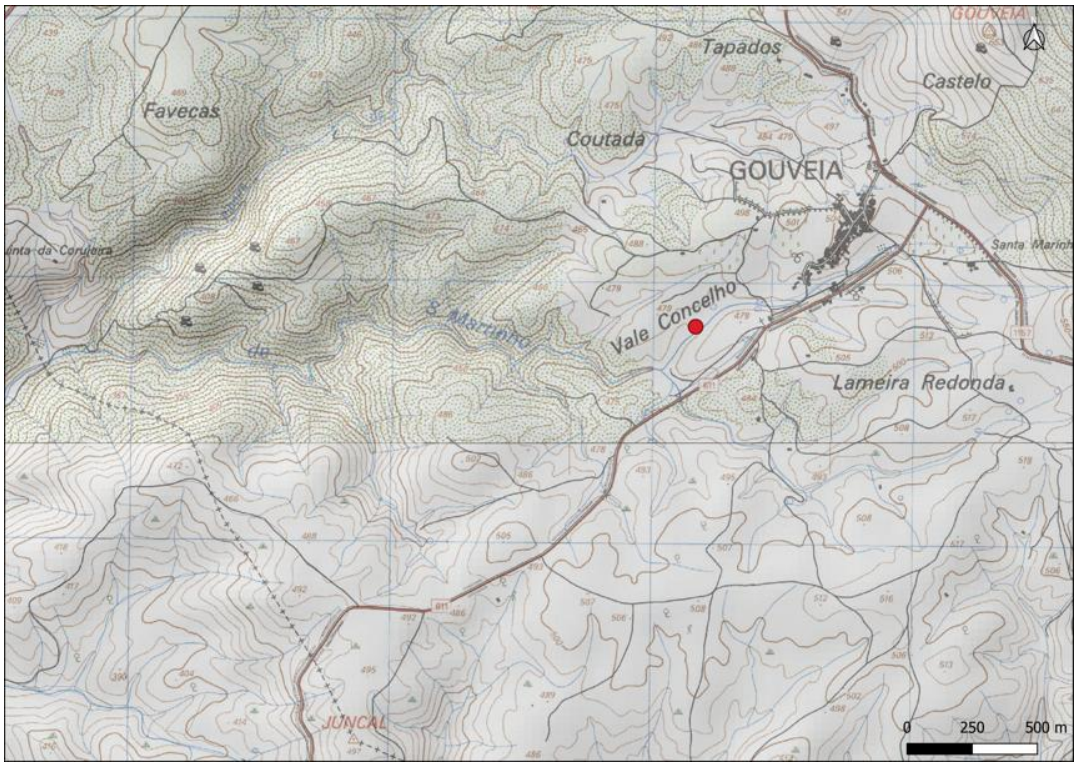


Figura 318 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vale Concelho 5.

Acessos: Entre as localidades de Gouveia e Cardanha, seguir o caminho de terra batida que parte da estrada M611 em direção à ribeira dos Moinhos, logo após o fim da aldeia a sudoeste. Na segunda bifurcação, a cerca de 250 metros, seguir o caminho da direita até um pequeno vale cultivado. Em frente encontra-se um pequeno vale e é na extremidade oeste que se localiza a rocha Vale Concelho 5.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita da ribeira de S. Martinho, praticamente a nascente. As condições de visibilidade são relativamente amplas quer para este, quer para oeste. A partir daqui é possível ver a serra da Gouveia a este. Onde se encontra implantada a rocha Vale Concelho 5, verificam-se alguns afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig.319) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas e estevas e a prática agrícola do olival e amendoal.

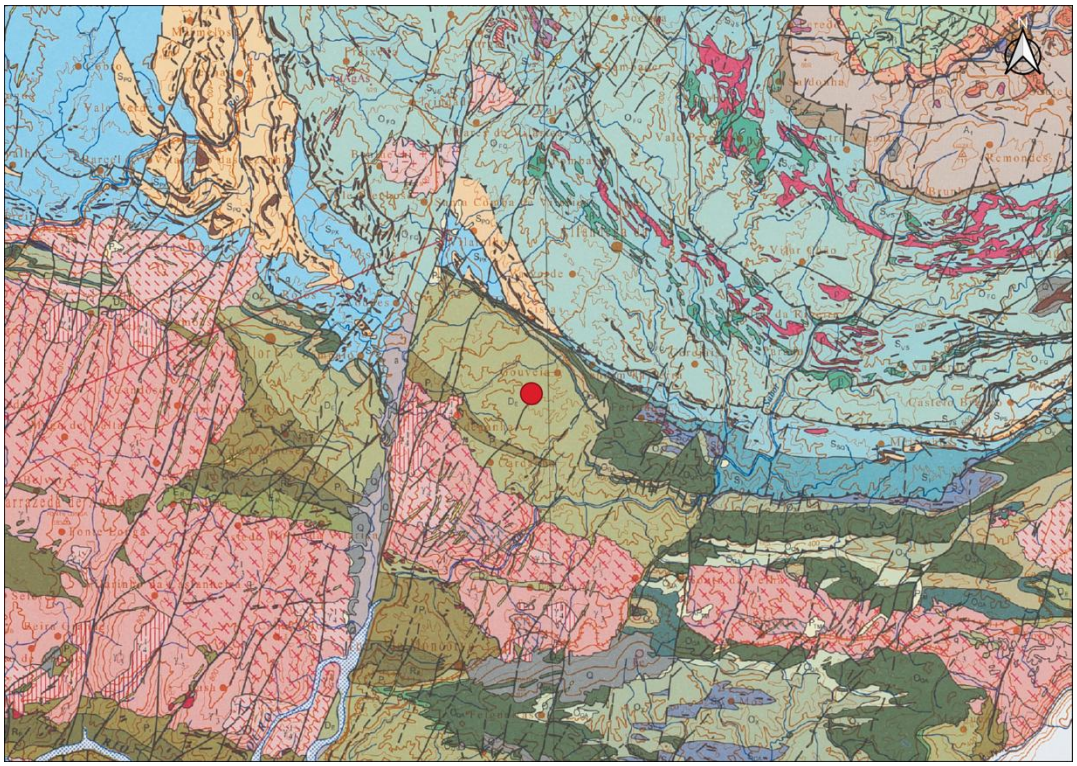


Figura 319 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vale Concelho 5.

Contexto arqueológico: A nordeste encontra-se o Castelo de Gouveia, a cerca de 1530 metros, que pode corresponder a um povoado da Idade do Ferro. A este, relativamente próximo do Castelo de Gouveia, encontra-se o Curral da Cerca, um povoado com cronologia indeterminada, que fica a cerca de 2000 metros.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 320). Apresenta três painéis gravados orientados para sul e sudeste, de pequenas e médias dimensões e com fraturas naturais. Esta rocha é bem visível a partir de todos os pontos cardeais. As suas dimensões são de 2.40 metros de largura por 1.95 metros de altura máxima. O painel A fica a cerca de 70 cm do solo e o painel B fica a cerca 30 cm. O painel C, com orientação para sul, encontra-se a cerca de 60 cm do solo.

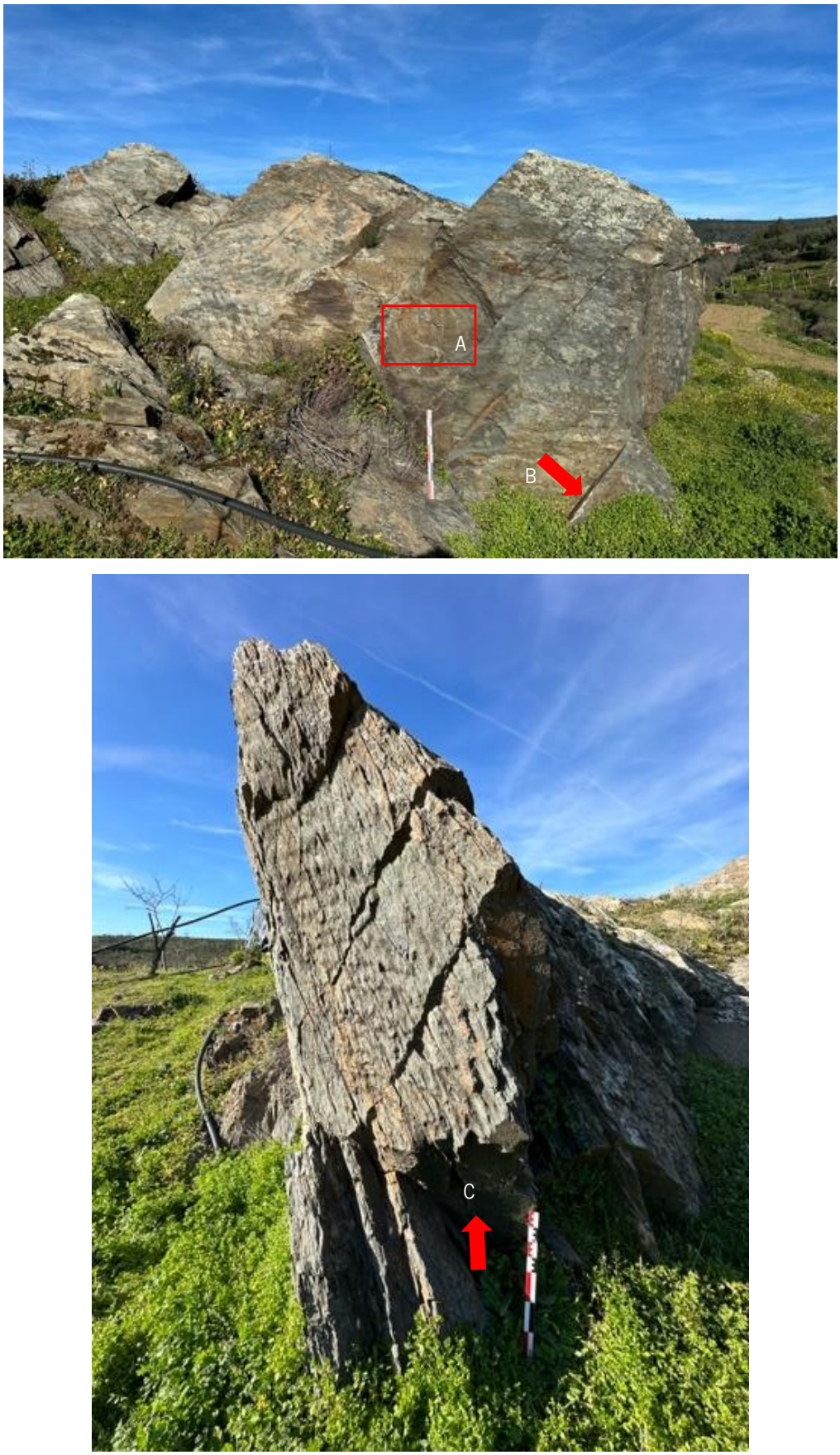


Figura 320 - Vista geral da rocha Vale Concelho 5 com as gravuras assinaladas. Fotografias do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas no painel A surgem em dois grupos distintos: o grupo que se encontra na parte superior corresponde a linhas incisas filiformes, paralelas entre si e dispostas na vertical, embora haja algumas, em menor quantidade, perpendiculares a estas. O grupo inferior apresenta linhas horizontais, verticais e oblíquas, entrecruzadas (Fig. 321). No painel B foram gravadas linhas incisas filiformes, de pequenas dimensões, que fazem uma quebra, ou seja, existem linhas um pouco acima e, alguns centímetros abaixo, existe outro grupo de linhas paralelas, denotando um vazio entre estes dois grupos (Fig. 322). Poderão as linhas dos painéis A e B corresponder a garras de animais? No painel C, surgem linhas incisas filiformes horizontais e paralelas entre si que vão deste o topo deste painel até meio, sensivelmente (Fig. 323). Os motivos são difíceis de interpretar, e talvez aleatórios, eventualmente efetuados por populações históricas.



Figura 321 - Pormenor das eventuais gravuras do painel A, com dois grupos de linhas incisas filiformes verticais paralelas entre si. Fotografia do autor.



Figura 322 - Pormenor das gravuras do painel B com incisões filiformes, formando dois pequenos grupos de linhas paralelas, um horizontal e o outro oblíquo. Fotografia do autor.



Figura 323 - Pormenor das gravuras do painel C com linhas incisas filiformes, de difícil interpretação. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

1.2.1.1.3 Santa Justa

(56) Pedra Nova

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Proto-história e indeterminada.

Localização administrativa: União de freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Canadas.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.320028 N; Longitude: -7.043233 O; Altitude: 229 m.

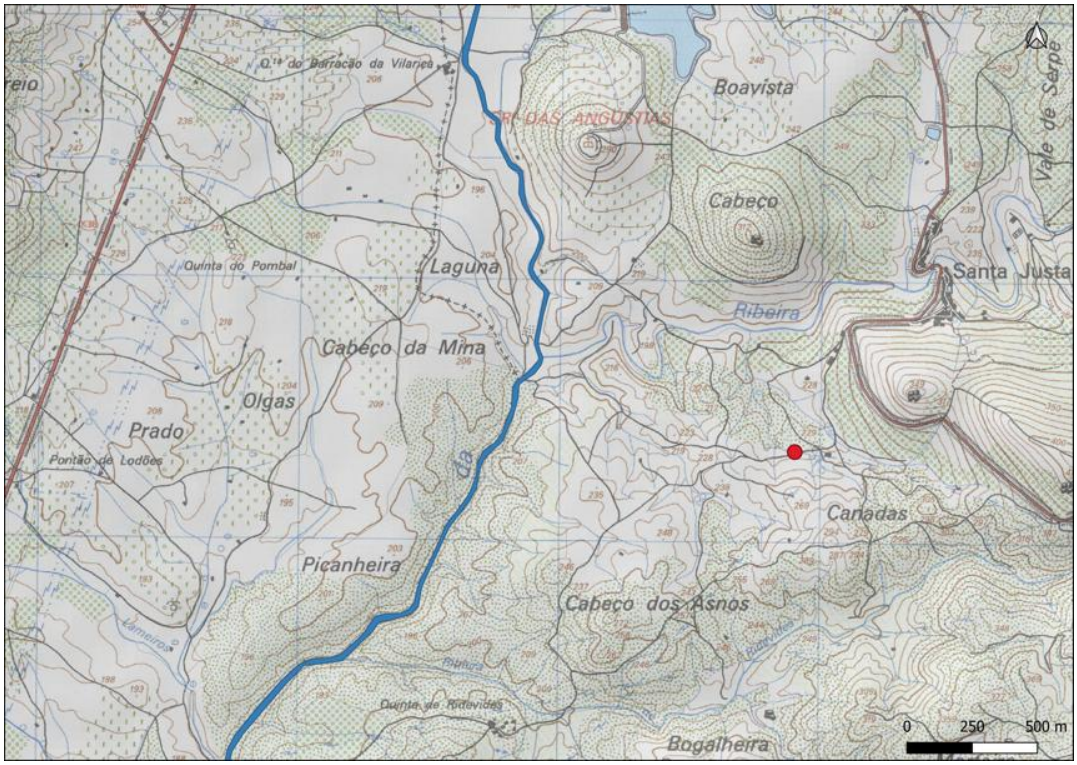


Figura 324 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pedra Nova.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. A cerca de 200 m, junto a uma linha de água de escorrências de vertente, encontra-se a rocha Pedra Nova. Está a 5 metros de um caminho, na margem direita desta linha de água.

Localização física e ambiental: Esta rocha localiza-se na margem esquerda de um pequeno tributário da margem esquerda da ribeira de Ridevides. Esta linha de água é proveniente de escorrências de vertente, com início no topo do monte designado por Favecas. É relativamente encaixada em alguns pontos. No entanto, esta rocha encontra-se num ponto em que o ribeiro é um pouco mais aberto, numa zona que forma um pequeníssimo vale. As condições de visibilidade são bastante amplas, quer para o Vale da Vilariça, a oeste, quer para o castro de Santa Justa, a norte. Os afloramentos são verticais e subverticais, geralmente de pequenas dimensões. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 325) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas, estevas e sobreiros e a prática agrícola do olival e amendoal.

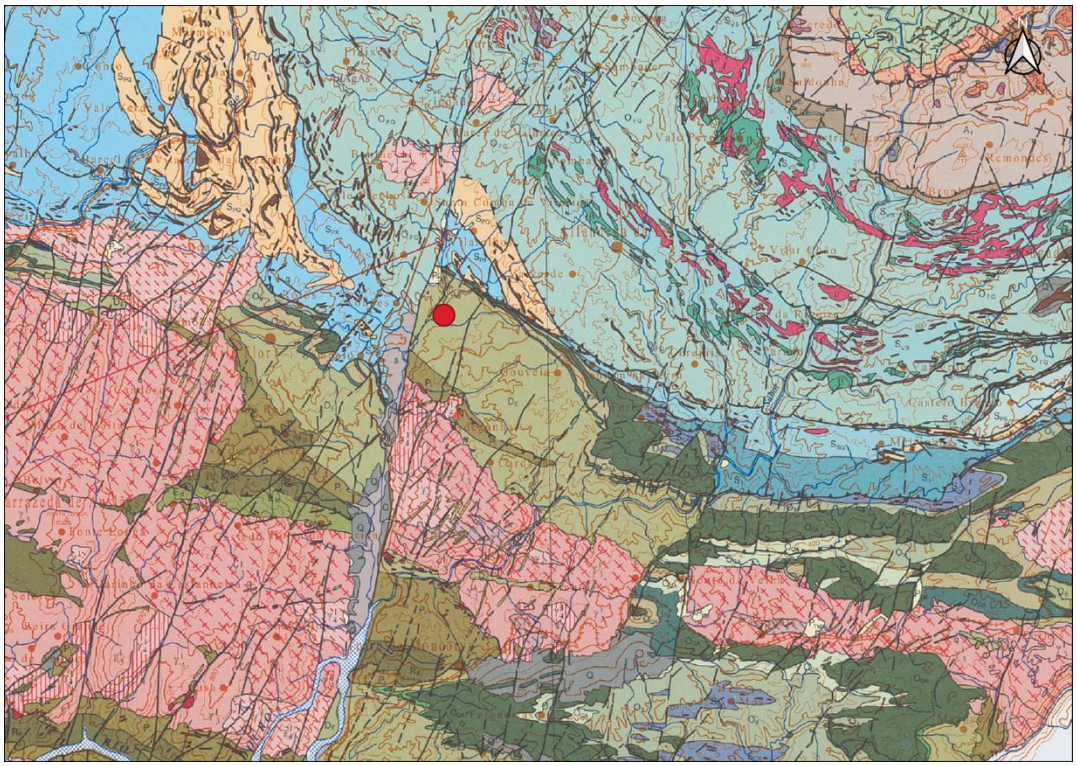


Figura 325 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Pedra Nova.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha existem vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa, a norte, e da Nossa Senhora dos Anúncios a noroeste e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a sudeste. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se bastante próximo. A sudoeste encontram-se os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Esta rocha foi identificada pelo historiador local Francisco José Lopes no início do século XXI. Foi publicada em 2006, não sendo pormenorizada em termos técnicos e quais os motivos que esta rocha contém.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento em xisto, bem destacado do solo, laminado verticalmente e subverticalmente (Fig. 326). Apresenta vários painéis, divididos por pequenas fendas naturais. Esta rocha é bem visível a partir de sul, ficando menos exposta relativamente aos outros pontos cardeais, uma vez que está ao nível do solo. As dimensões são de aproximadamente 5 metros de largura por 1.80 cm de altura máxima. As gravuras encontram-se entre os 30 cm e 1.60 m do solo.

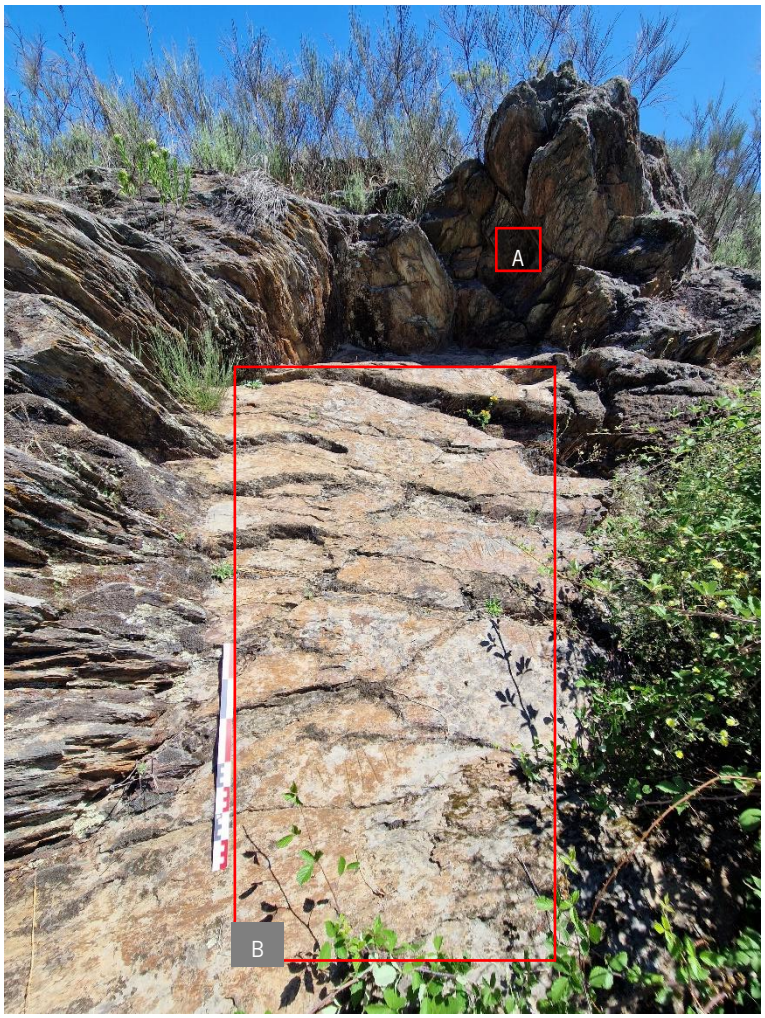


Figura 326 - Vista geral da rocha Pedra Nova com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: As gravuras apresentadas encontram-se em dois painéis e subdivididas em pequenos grupos. No painel A temos linhas incisas filiformes paralelas entre si e dispostas na diagonal (Fig. 327). No painel B, existem motivos em U, picotados, com a abertura virada para baixo, para cima e paralelos entre si (Figs. 328 e 329). Também há fusiformes paralelos entre si e dispostos na vertical do tipo "unhadas do diabo", com dimensões diferentes (Fig. 330, 331, 332 e 333). Todos os fusiformes têm secção em V, com a parte mais profunda a meio dos traços. As técnicas de gravação utilizadas foram a incisão filiformes, a incisão de vai-e-vem nos fusiformes e a picotagem. Todas as gravuras apresentam-se com patine acentuada.

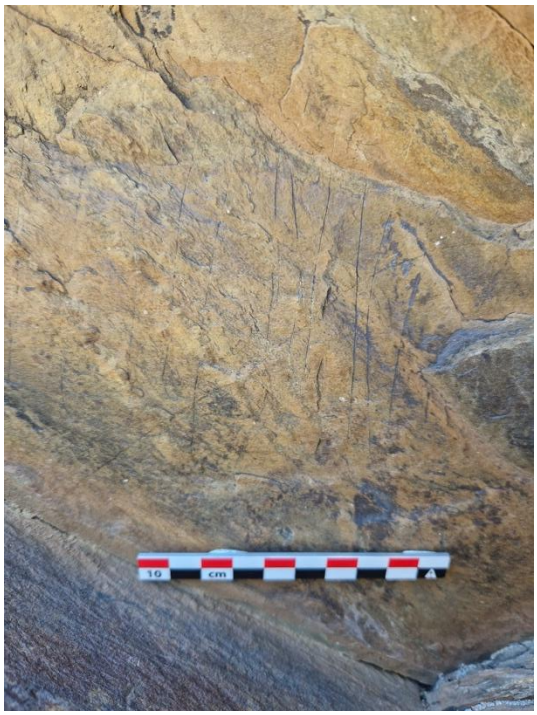


Figura 327 - Pormenor das gravuras do painel A, com incisões filiformes paralelas entre si. Fotografias do autor.



Figura 328 - Pormenor do grupo de motivos em U, picotados, do painel B. Fotografia do autor.

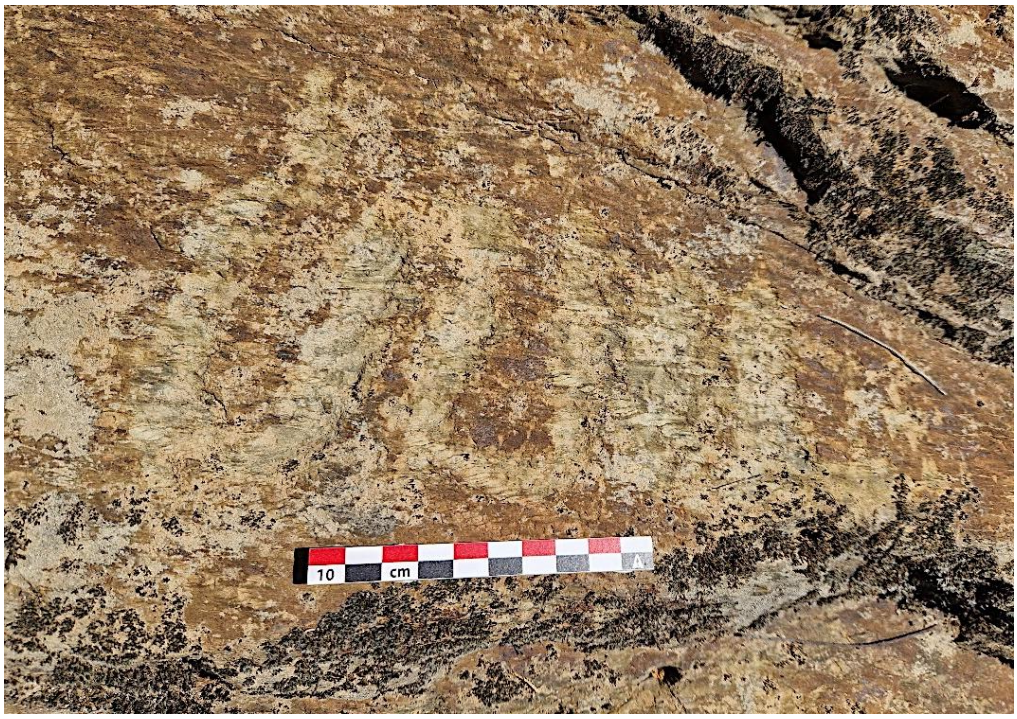


Figura 329 - Pormenor das gravuras do painel B onde se identificam motivos em U, picotados.

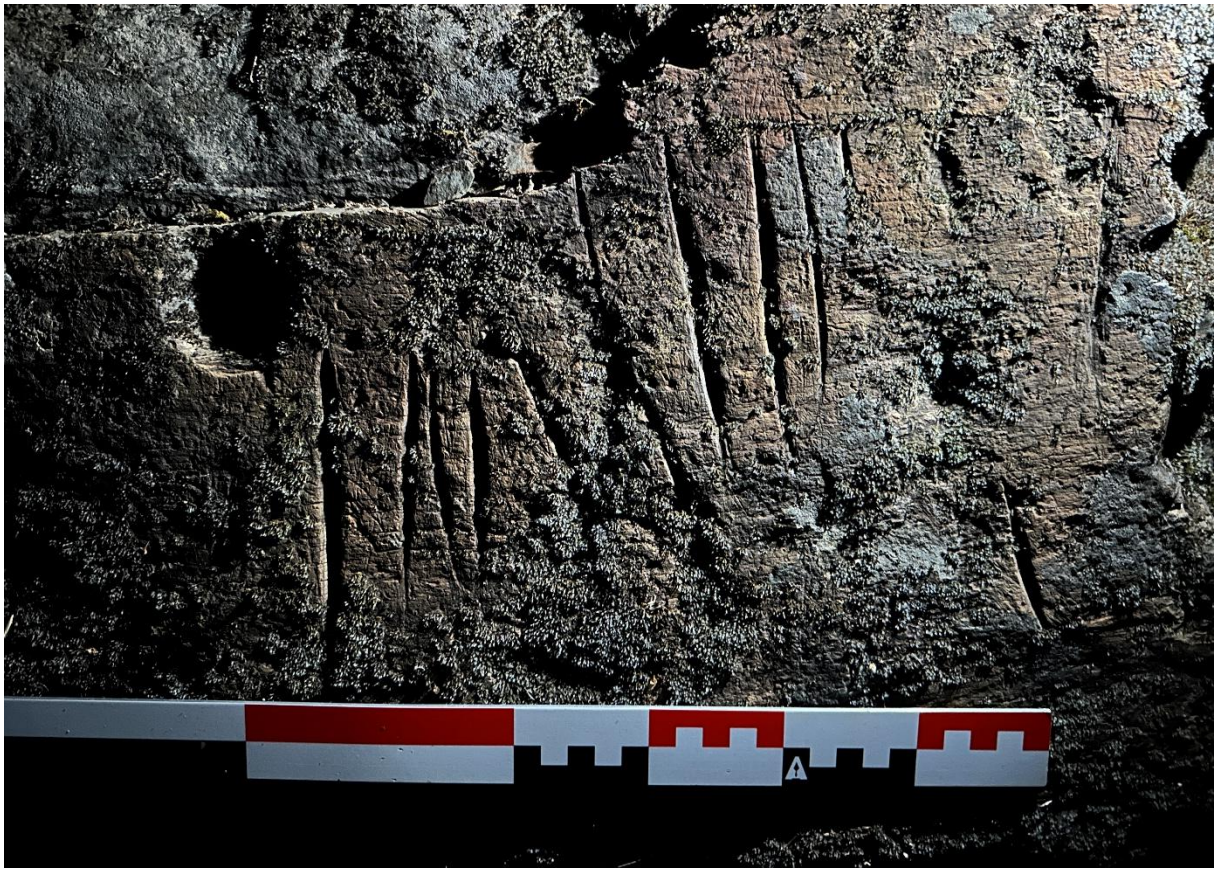


Figura 330 - Pormenor de um grupo de sulcos fusiformes do painel B. Fotografia noturna com luz rasante do autor.

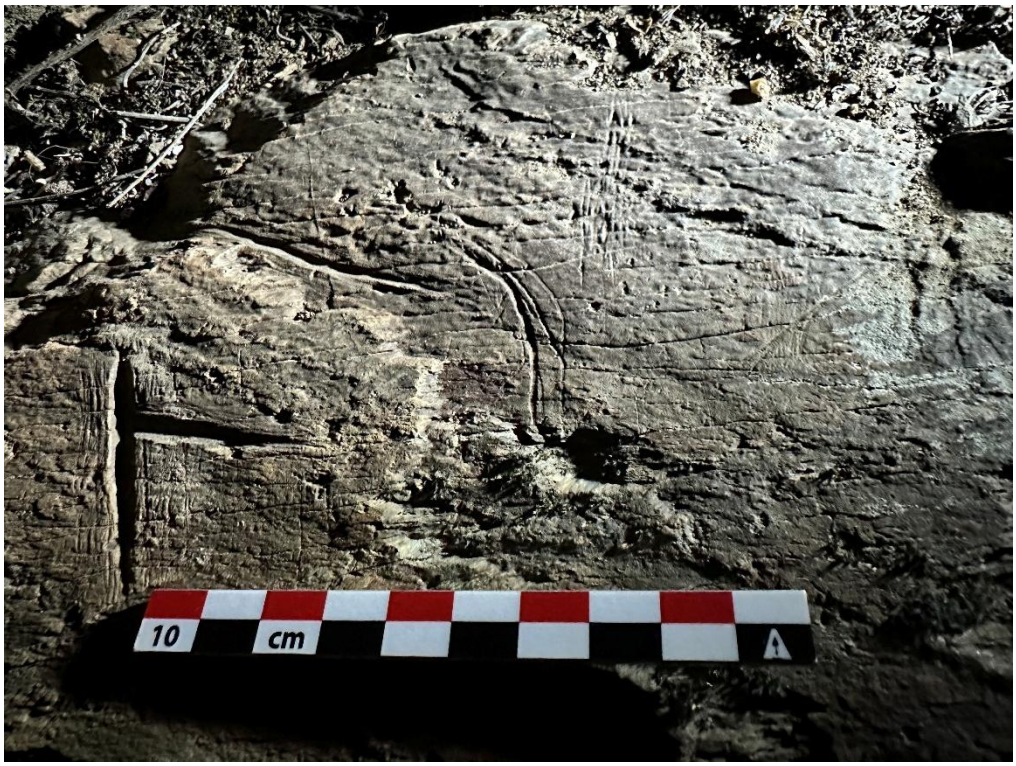


Figura 331 - Pormenor das gravuras do painel B onde se encontram incisões filiformes e fusiformes. Fotografia noturna com luz rasante do autor.



Figura 332 - Pormenor de um grupo de linhas fusiformes do painel B. Fotografia noturna com luz rasante do autor.



Figura 333 - Pormenor de um grupo de linhas fusiformes do painel B. Fotografia noturna com luz rasante do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: LOPES (2006) e dados inéditos.

(57) Bogalheira 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Bogalheira.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30781 N; Longitude: -7.04028 O; Altitude: 272 m.

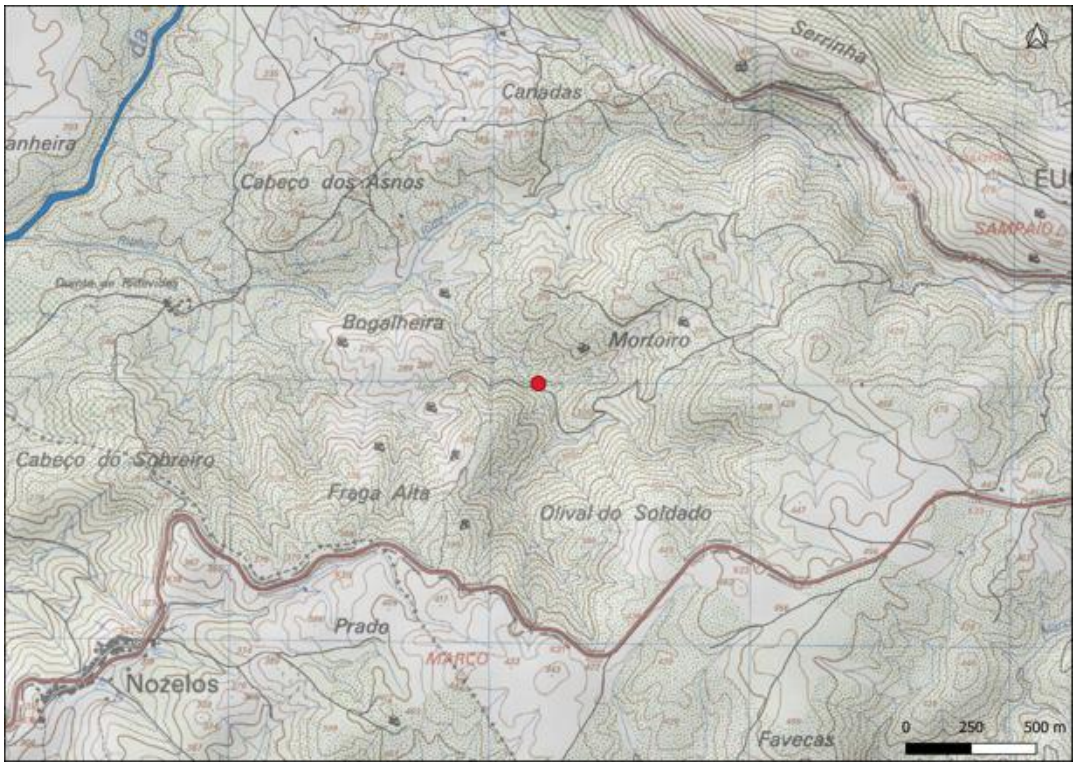


Figura 334 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Bogalheira 1.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, seguir um caminho a partir da estrada N215 em direção ao Vale da Vilariça. O caminho, ao chegar à margem esquerda de um dos tributários da margem esquerda da ribeira de Ridevides, apresenta uma bifurcação. Segue-se para a esquerda, em direção à estrada IC5 e, a escassos metros deste tributário, encontra-se a rocha Bogalheira 1.

Localização física e ambiental: Esta rocha localiza-se na margem direita de um tributário da margem esquerda da ribeira de Ridevides. Esta linha de água é proveniente de escorrências de vertente, com início no topo do monte designado por Favecas. Esta linha de água é relativamente encaixada em alguns pontos. No entanto, esta rocha encontra-se num ponto em que o ribeiro é um pouco mais aberto, numa zona que forma um pequeníssimo vale. As condições de visibilidade são bastante escassas, embora melhores para noroeste, já para o Vale da Vilariça. Os afloramentos são verticais e subverticais, alguns ravinosos no curso médio desta linha de água. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 335) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas e estevas e a prática agrícola do olival e amendoal.

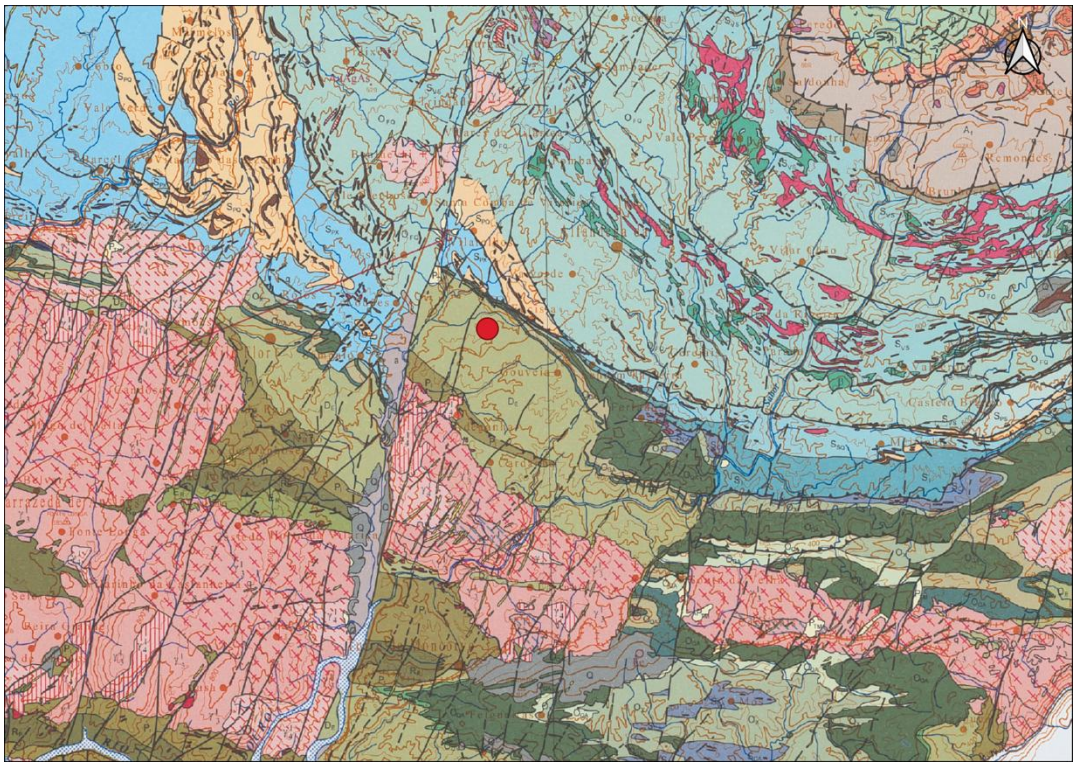


Figura 335 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Bogalheira 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 336). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste e é visível na paisagem. As suas dimensões são de cerca de 2.80 m de largura por 1.40 m de altura. As gravuras distribuem-se num pequeno painel semicircular e vertical com algumas fraturas naturais, orientado para oeste. Fica a cerca de 50 cm do solo.



Figura 336 - Vista geral da rocha Bogalheira 1 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados estão circunscritos a uma parte do painel, ou seja, não abarcam a totalidade da superfície rochosa. Estes correspondem a sulcos oblíquos e horizontais, paralelos entre si, com dimensões diferentes (Fig. 337). A técnica utilizada é a incisão filiforme.

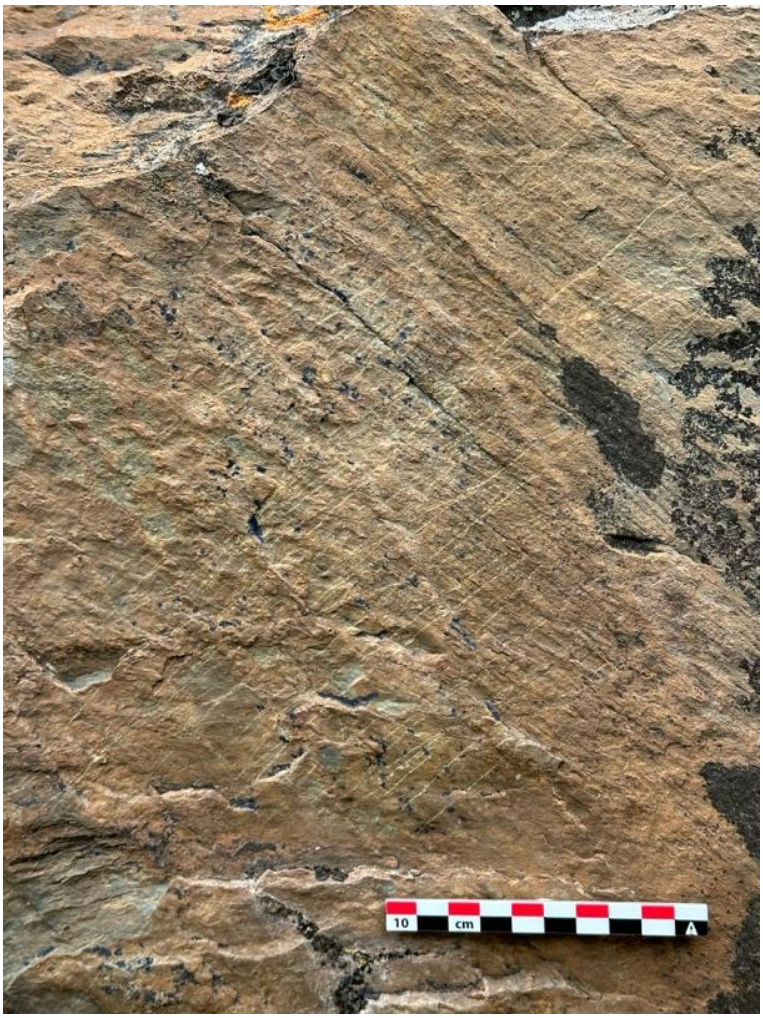


Figura 337 - Pormenor das incisões filiformes da rocha da Bogalheira 1. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(58) Bogalheira 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Bogalheira.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.30785 N; Longitude: -7.04046 O; Altitude: 274 m.

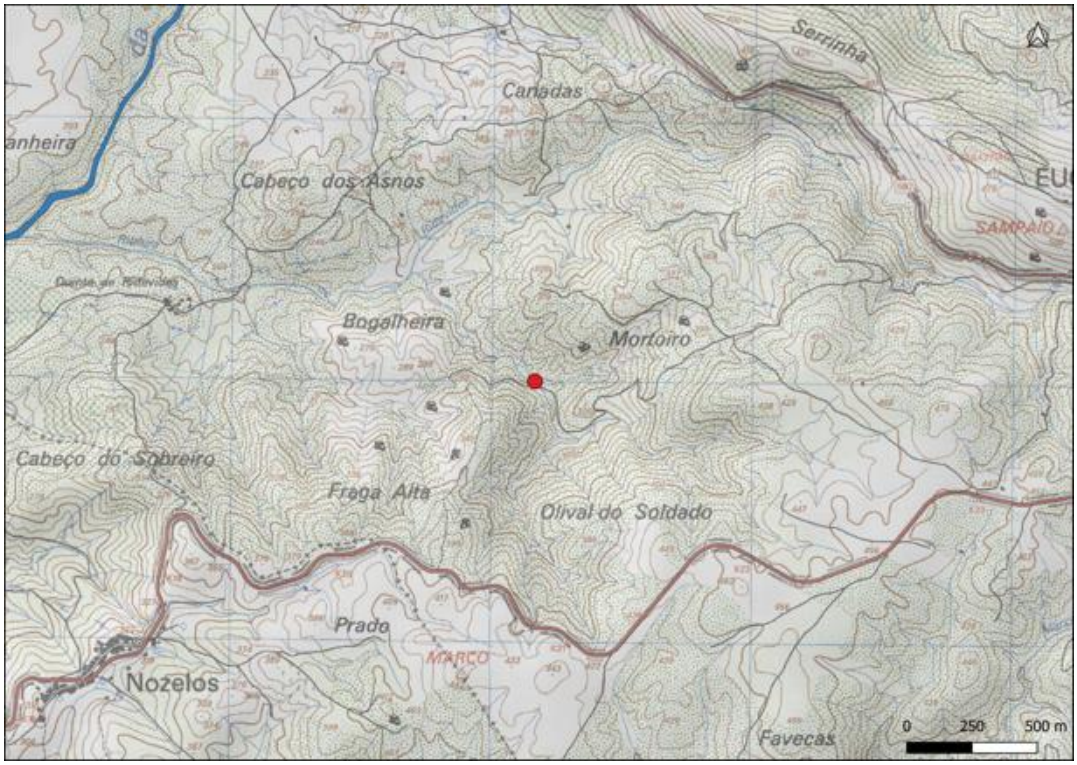


Figura 338 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Bogalheira 2.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Nozelos, seguir um caminho a partir da estrada N215 em direção ao Vale da Vilariça. O caminho, ao chegar à margem esquerda de um dos tributários da margem esquerda da ribeira de Ridevides, apresenta uma bifurcação. Segue-se para a esquerda, em direção à estrada IC5 e, a escassos metros deste tributário, encontra-se a rocha Bogalheira 2.

Localização física e ambiental: Esta rocha localiza-se na margem direita de um tributário da margem esquerda da ribeira de Ridevides. Esta linha de água é proveniente de escorrências de vertente, com início no topo do monte designado por Favecas. Esta linha de água é relativamente encaixada em alguns pontos. No entanto, esta rocha encontra-se num ponto em que o ribeiro é um pouco mais aberto, numa zona que forma um pequeníssimo vale. As condições de visibilidade são bastante escassas, embora melhores para noroeste, já para o Vale da Vilariça. Os afloramentos são verticais e subverticais, alguns ravinosos no curso médio desta linha de água. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 339) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área de pastoreio com vegetação constituída por giestas e estevas e a prática agrícola do olival e amendoal.

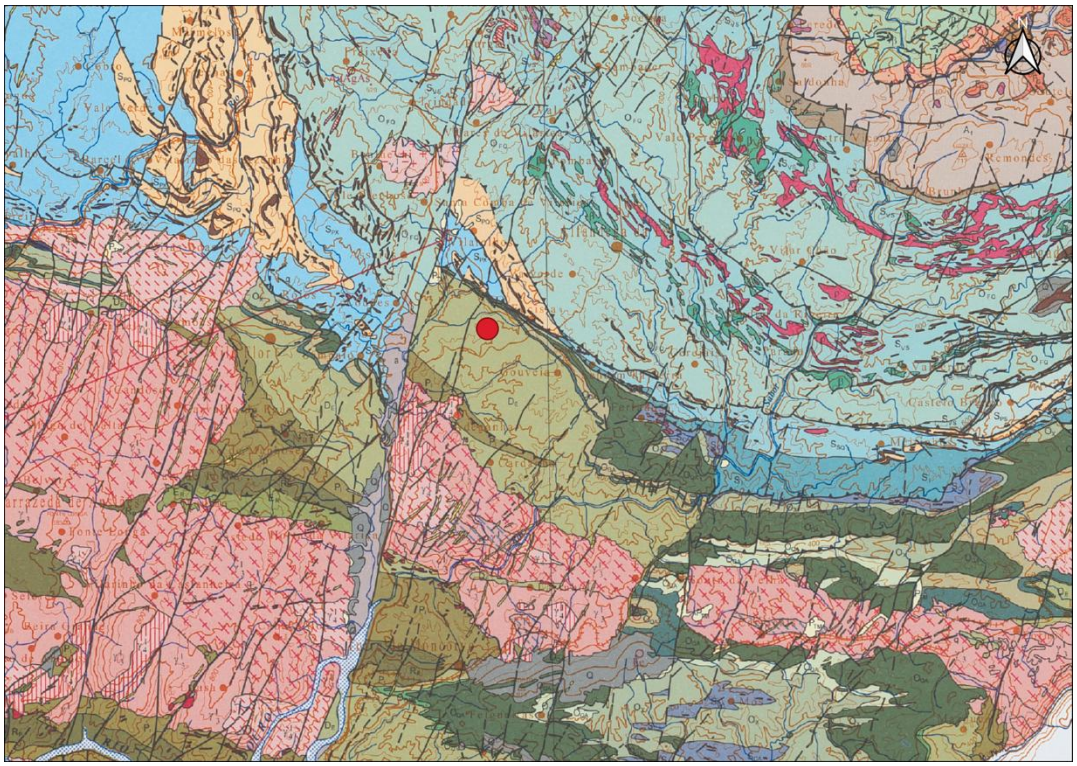


Figura 339 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Bogalheira 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo.
Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.
Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 340). O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste e tem algumas fraturas naturais, sendo bem visível. As suas dimensões são de cerca de 1.70 m de largura por 1.30 m de altura máxima. O painel gravado encontra-se a cerca de 70 cm do solo.



Figura 340 - Vista geral da rocha Bogalheira 2 com as gravuras assinaladas. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados estão circunscritos a algumas partes do painel, ou seja, não abarcam a totalidade da superfície rochosa. São de difícil leitura, embora seja possível visualizar alguns traços verticais, em triângulo e curvos (Fig. 341). A técnica utilizada é a raspagem.



Figura 341 - Pormenor das gravuras da rocha da Bogalheira 2. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(59) Cabeço da Mina 1

Tipo de sítio: Arte rupestre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.32011 N; Longitude: -7.05683 O; Altitude: 188 m.



Figura 342 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Cabeço da Mina 1.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir um caminho a partir da estrada M587 em direção ao Vale da Vilariça. Seguir o caminho que atravessa a ribeira da Vilariça e, ao longo da margem esquerda desta ribeira, seguir cerca de 130 metros para sudoeste.

Localização física e ambiental: Esta rocha localiza-se a meia encosta na margem esquerda da ribeira da Vilariça, distando cerca de 20 metros do leito. As condições de visibilidade são escassas para este e oeste, embora para nordeste e sudoeste o domínio visual seja um pouco maior devido ao percurso desta ribeira. Os afloramentos são verticais e subverticais de pequenas dimensões e em baixa quantidade. Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 343) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

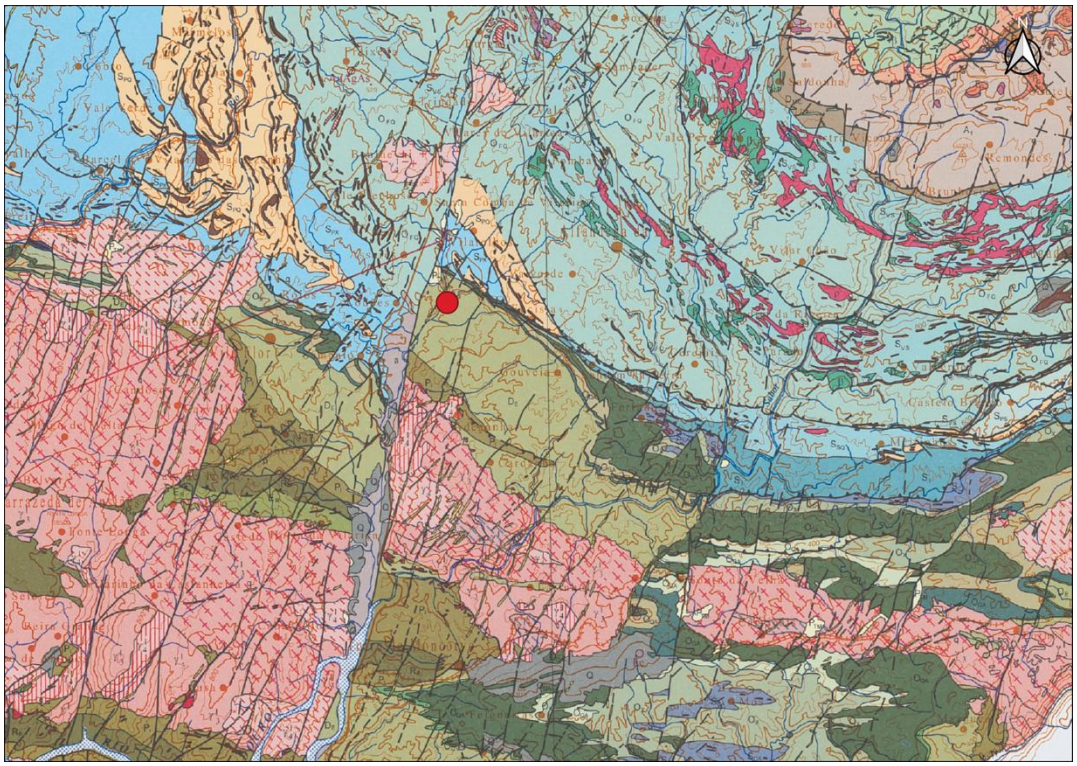


Figura 343 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Cabeço da Mina 1.

Contexto arqueológico: A cerca de 1580 metros a nordeste encontra-se o Castro de Santa Justa, a norte e a cerca de 1800 metros o castro da Nossa Senhora dos Anúncios. Relativamente ao Cabeço da Mina, este localiza-se a cerca de 2500 metros a noroeste.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado verticalmente (Fig. 344). Apresenta superfícies estaladas, um pouco soltas e relativamente rugosas. O painel gravado encontra-se orientado para sudoeste e visível na paisagem. As suas dimensões são de cerca de 1.60 m de largura por 1 m na parte onde se encontra gravado. As gravuras distribuem-se na parte central do painel, ocupando uma pequena parte deste. O painel gravado fica a cerca de 50 cm do solo.



Figura 344 - Rocha Cabeço da Mina 1 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados neste painel estão circunscritos a algumas partes do mesmo. Podemos distinguir dois grupos. O grupo da direita apresenta uma linha incisa com perfil em U, pouco profunda e com cerca de 4 mm de largura. Abaixo desta linha, encontram-se linhas incisas, horizontais e oblíquas, em ambos os casos paralelas entre si e algumas linhas formam motivos triangulares. O outro grupo, da parte esquerda do painel, apresenta picotados dispersos numa pequena parte do mesmo (Fig. 345). A técnica utilizada é a incisão, a incisão filiforme e o picotado.



Figura 345 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha do Cabeço da Mina 1. Em baixo: a amarelo, linha incisa com secção em U, a vermelho linhas incisas filiformes e a preto picotados. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(60) Abrigo do Castro de Santa justa

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e/ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.321920 N; Longitude: -7.038051 O; Altitude: 309 m.

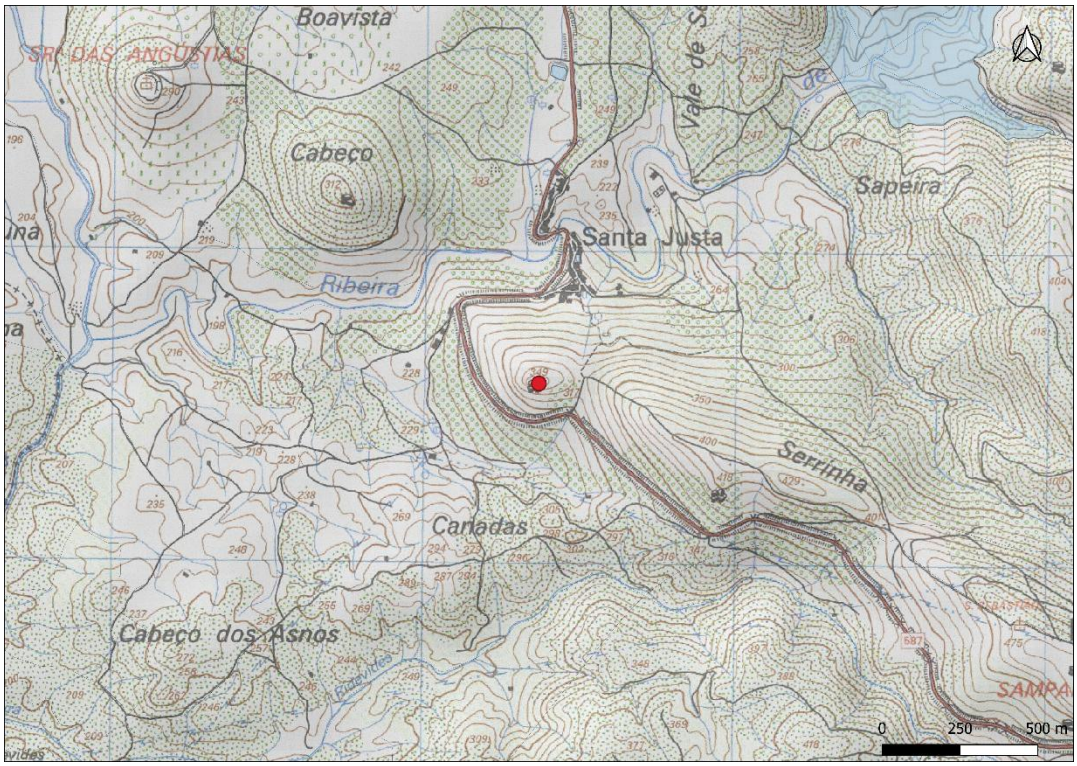


Figura 346 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização do Abrigo do Castro de Santa Justa.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir em direção à encosta sudoeste do castro de Santa Justa. Este abrigo encontra-se logo abaixo das escarpas.

Localização física e ambiental: Este abrigo localiza-se a meia encosta na margem direita da ribeira de Ridevides. As condições de visibilidade são excelentes para o Vale da Vilariça, que lhe fica a sudoeste. Os afloramentos são verticais e subverticais de dimensões variáveis que, vão desde escarpas com mais de 20 metros de alturas até pequenos afloramentos, na maioria soltos. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e

metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 347) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

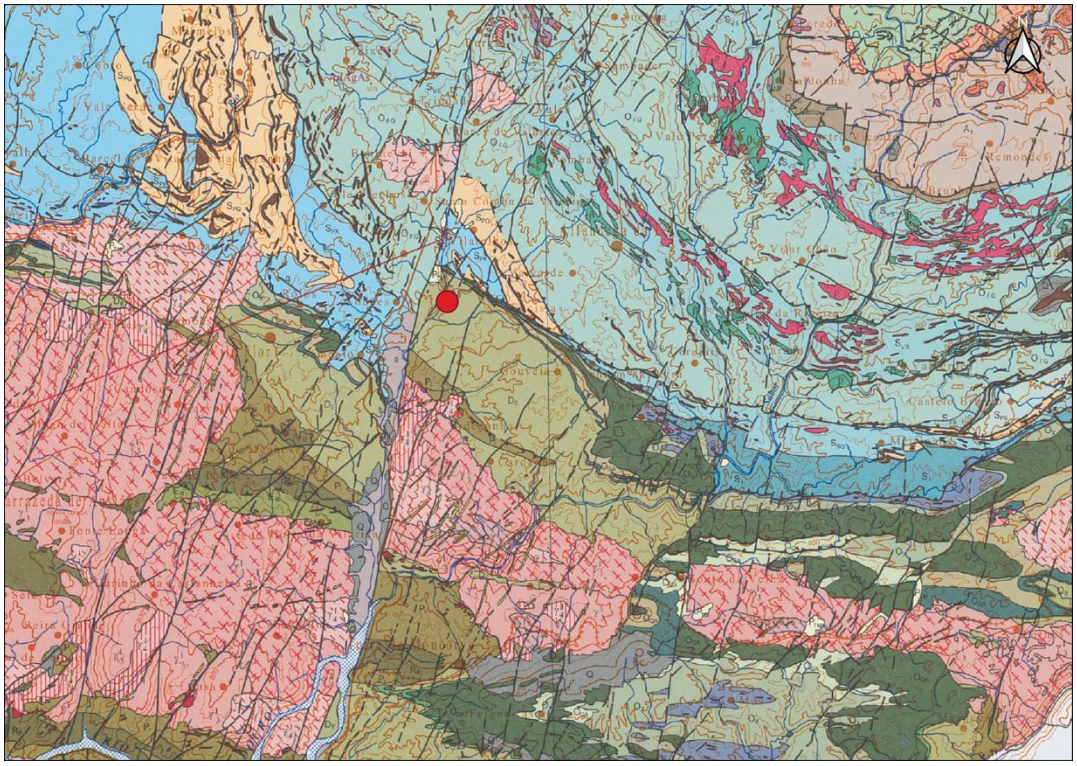


Figura 347 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização do Abrigo do Castro de Santa Justa.

Contexto arqueológico: Encontra-se na encosta sudoeste do Castro de Santa Justa, a escassas de zenas de metros da zona amuralhada. A cerca de 1400 metros encontra-se o castro da Nossa Senhora dos Anúncios, a noroeste, e o Cabeço da Mina a cerca de 2200 metros a oeste.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Pequeno abrigo na base de um afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente e verticalmente (Fig. 348). Os painéis gravados, em número de onze encontram-se no exterior e interior do abrigo. O interior desta cavidade é pequeno, sendo possível a entrada de apenas uma pessoa, pois a sua altura máxima não ultrapassa os 70 cm. O afloramento é em xisto com incursões de quartzo leitoso. Os painéis verticais, encontram-se orientados para sudeste, norte e sul. É apenas no interior do abrigo que se encontram dois painéis em posição horizontal. As suas dimensões são de cerca de 4 m de largura por 4.50 m de altura máxima. Os painéis gravados encontram-se entre os 60 cm e 1.20 m do solo.

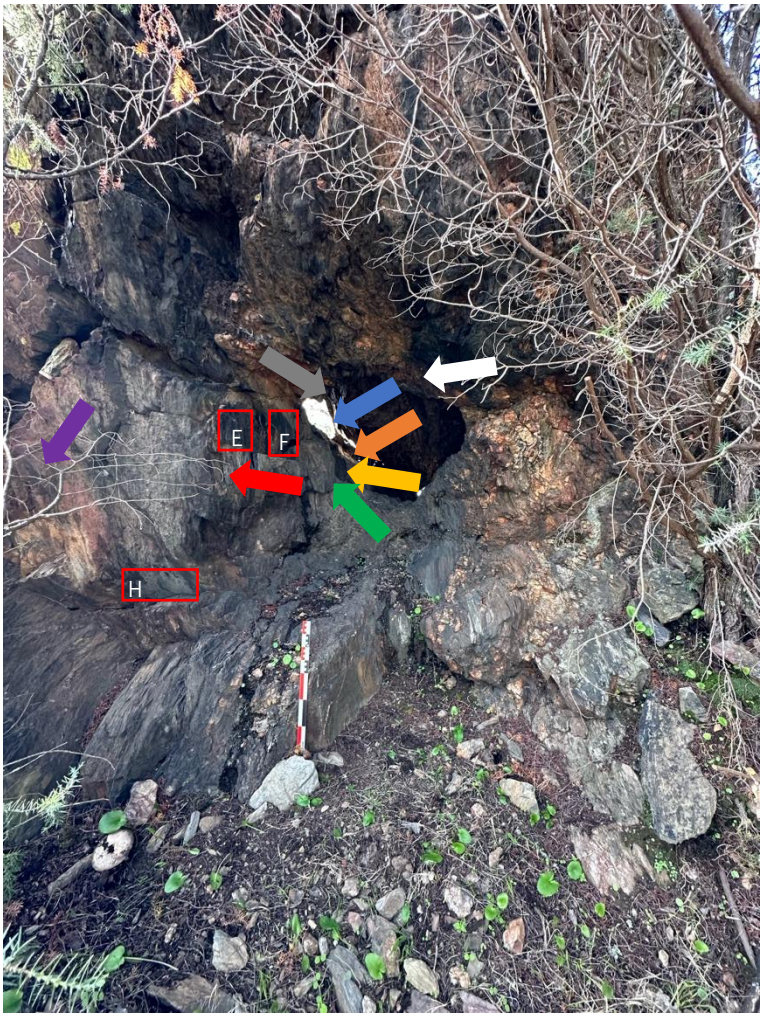


Figura 348 - Abrigo do Castro de Santa Justa com as áreas assinaladas onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se distribuídos por onze painéis com orientações variadas. No painel A, encontra-se uma covinha com secção em U, com cerca de 1.3 cm de profundidade e 5 cm de diâmetro (Fig. 349). O painel B apresenta o mesmo motivo, ou seja, duas covinhas: uma com secção em U e a outra em V, ainda que pouco pronunciado. A profundidade é de cerca de 2.5 cm e o diâmetro 3 cm (Fig. 350). No painel C estão gravadas linhas muito ténues que combinam as técnicas de raspagem e da incisão, de difícil visualização. No entanto, é possível observar linhas horizontais e verticais (Fig. 351). O painel D apresenta linhas incisas na diagonal, formando losangos (Fig. 352). Quanto ao painel E, contém linhas horizontais mais juntas em cima e mais afastadas em baixo. Estas linhas são raspadas (Fig. 353). Relativamente ao painel F, este apresenta uma linha horizontal e, perpendicular a esta, outras horizontais paralelas entre si, sobre a linha vertical. Aqui, a técnica utilizada também foi a raspagem. Encontra-se no canto inferior esquerdo do painel. No canto

oposto, verificam-se duas linhas verticais que se cruzam na parte superior e alongam-se para baixo, fazendo uma pequena curva na parte terminal. São incisões filiformes (Fig. 354). No painel G, identificaram-se linhas incisas filiformes paralelas entre si, na diagonal. Estas gravuras apresentam patine bastante acentuada (Fig. 355). No painel H há linhas verticais, horizontais e curvas, distinguindo-se um motivo circular no centro. No entanto, o caos de linhas não permite uma leitura mais precisa deste painel. A técnica utilizada foi a raspagem (Fig. 356). O painel I encontra-se no interior do abrigo e tem duas linhas incisas filiformes nas extremidades laterais e entre estas, linhas incisas de menor dimensão (Fig. 357). O painel J apresenta linhas raspadas formando um eventual axadrezado (Fig. 358). Por fim, o painel K, tem linhas incisas filiformes, formando vários X em posições variadas (Fig. 359). No geral, as técnicas de gravação utilizadas foram a incisão filiforme, raspagem e picotagem, antecedida de abrasão, no caso das covinhas. Alguns destes motivos poderão ter sido feitos em épocas não muito recuadas dada a ausência de patine.

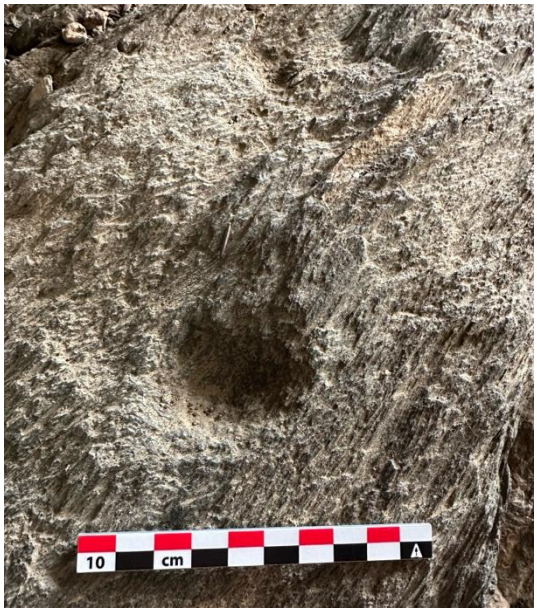


Figura 349 - Motivos gravados no painel A indicado pela seta azul: uma covinha. Fotografia do autor.

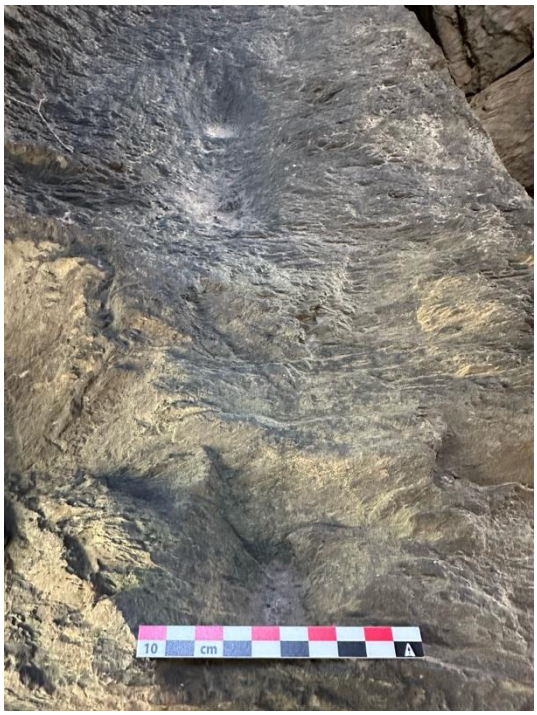


Figura 350 - Motivos gravados no painel B indicados pela seta laranja: três covinhas. Fotografia do autor.



Figura 351 - Esquerda: motivos gravados no painel C indicado pela seta amarela. Direita: linhas incisas filiformes. As linhas raspadas não constam neste levantamento devido à sua difícil perceção neste painel. Levantamento sobre fotografia.

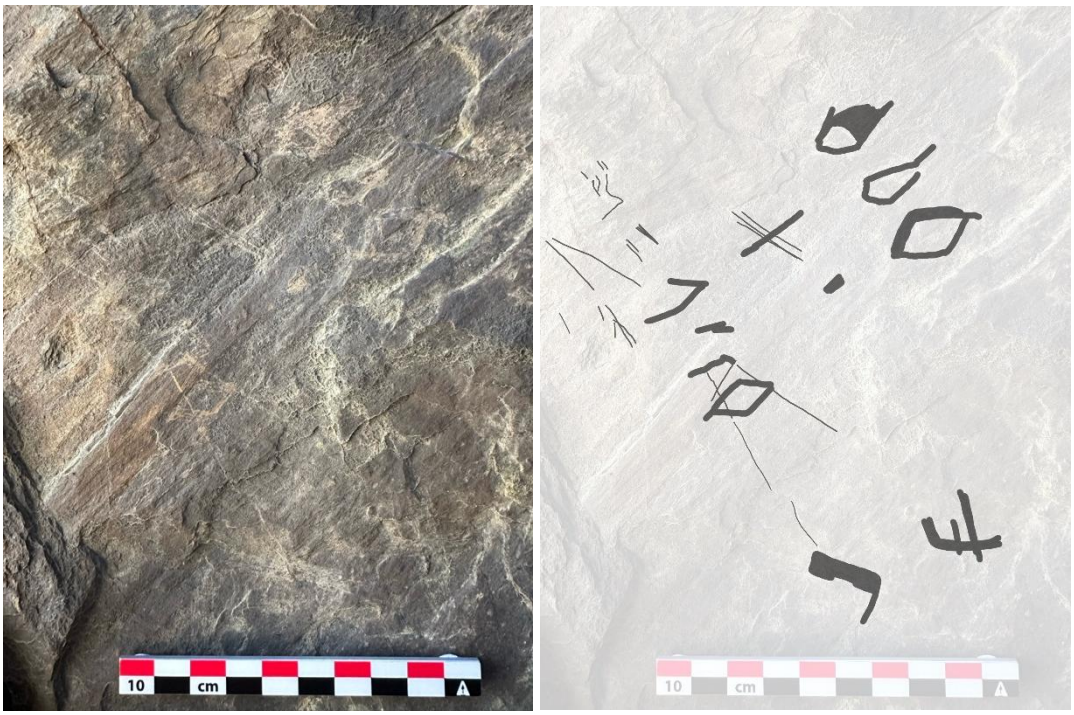


Figura 352 - Esquerda: Motivos gravados no painel D indicado pela seta verde: linhas incisas que formam losangos. Levantamento sobre fotografia.

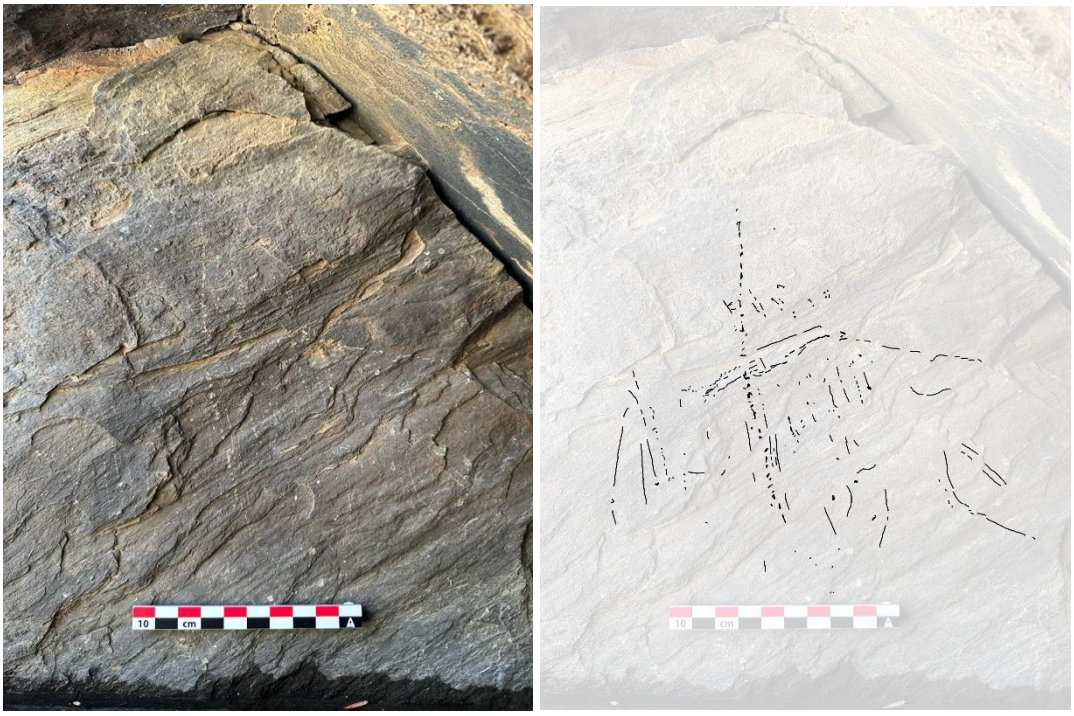


Figura 353 - Esquerda: motivos gravados no painel E. Direita: linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia.

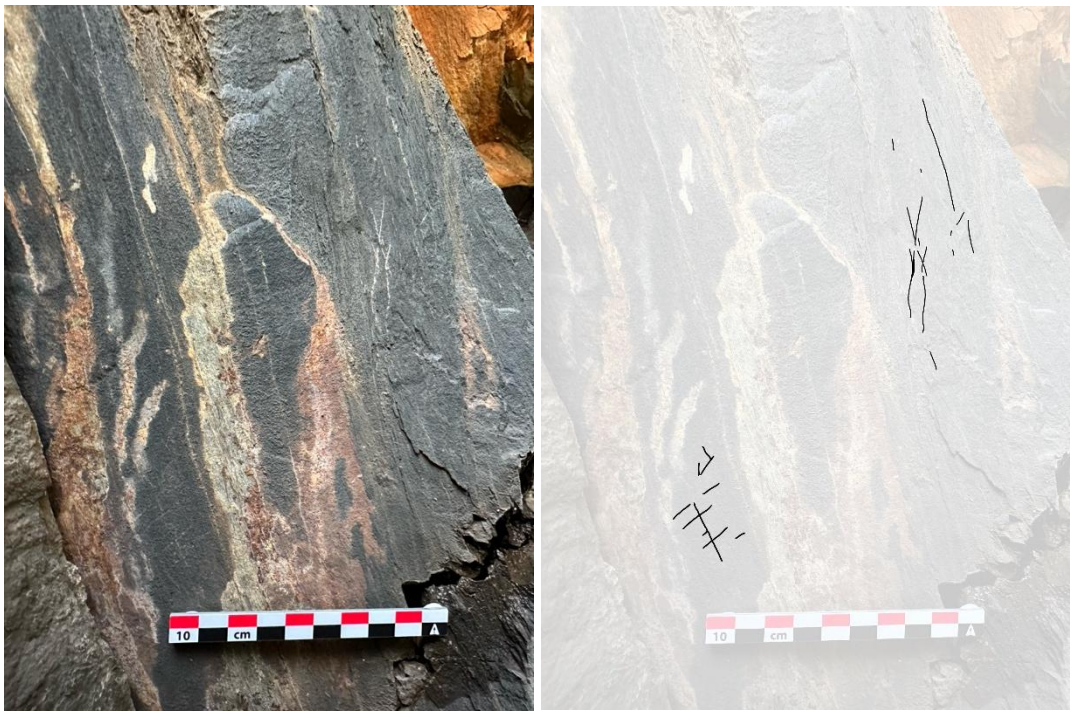


Figura 354 - Esquerda: motivos gravados no painel F. Direita: linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia.

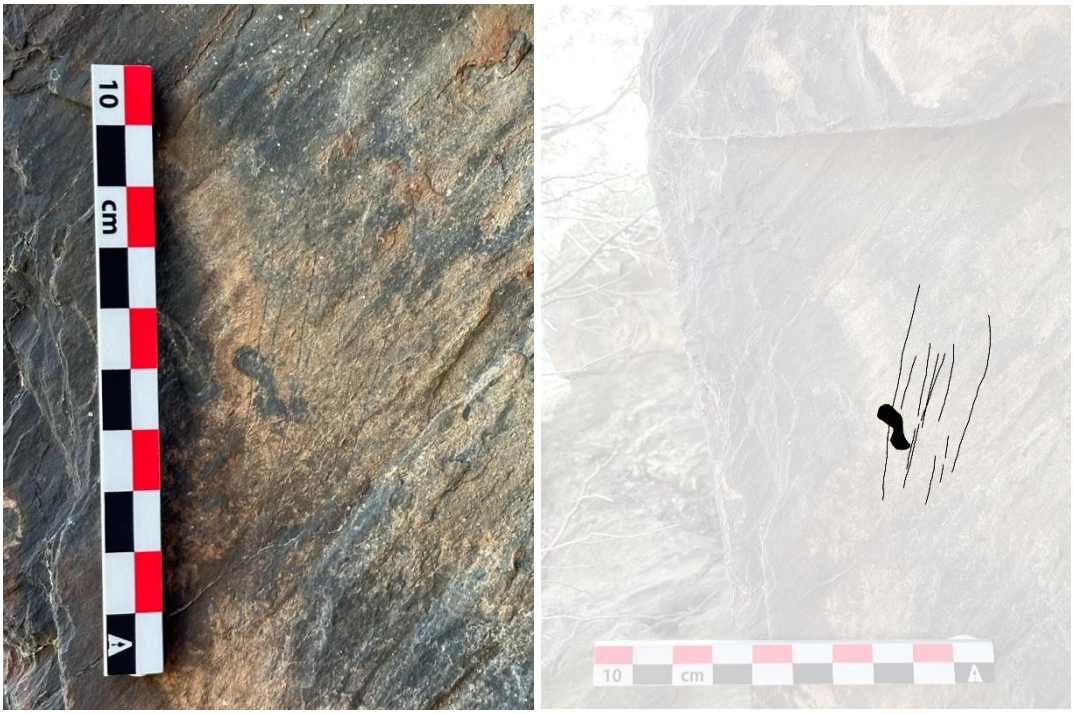


Figura 355 - Esquerda: motivos gravados no painel G indicados pela seta vermelha. Direita: linhas incisas filiformes com picotado sobre estas. Levantamento sobre fotografia.



Figura 356 - Esquerda: motivos gravados no painel H. Direita: linhas raspadas. Levantamento sobre fotografia.



Figura 357 - Esquerda: motivos gravados no painel I indicado pela seta cinza. Direita: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia.

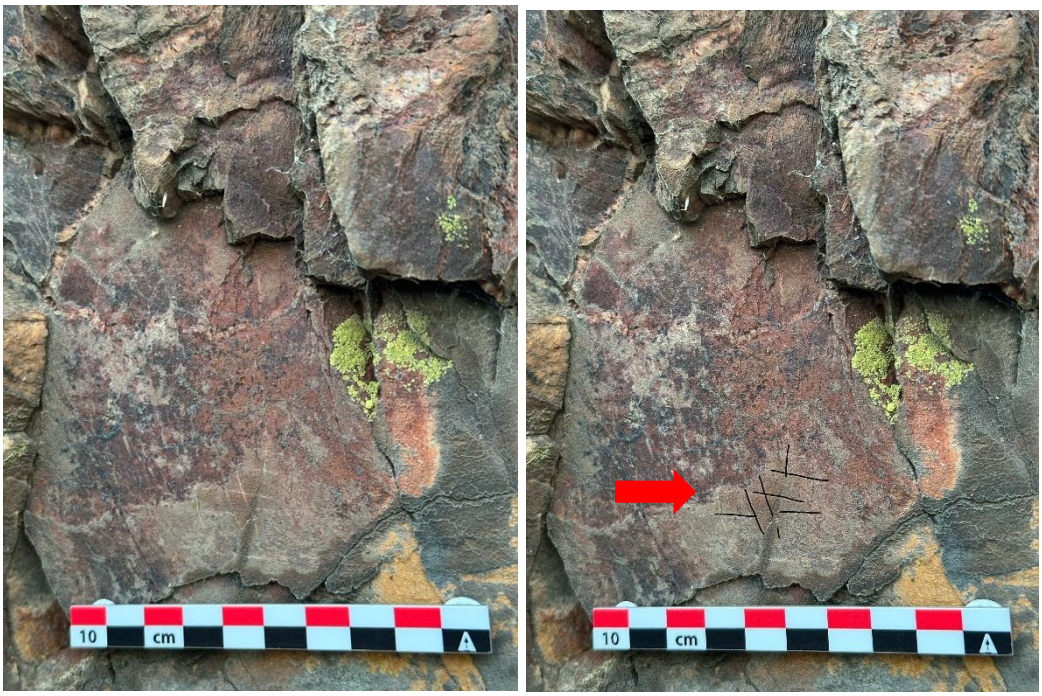


Figura 358 - Motivos gravados no painel J indicado pela seta lilás: a seta indica o eventual axadrezado raspado. Levantamento sobre fotografia.



Figura 359 - Esquerda: motivos gravados no painel K indicado pela seta branca. Direita: linhas incisas filiformes. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(61) Pedra Escrita de Ridevides 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Bronze Inicial e período posterior (Proto-história).

Localização administrativa: União de freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Quinta de Ridevides.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.32011 N; Longitude: -7.05683 O; Altitude: 202 m.



Figura 360 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pedra Escrita de Ridevides 1.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminha de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da Vilariça e na primeira bifurcação, seguir para a direita. A cerca de 150 metros, encontra-se a rocha Pedra Escrita de Ridevides 1.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita de uma linha de água, tributária da margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente amplas, uma

vez que já se encontra no Vale da Vilariça. Onde está implantada a rocha Pedra Escrita de Ridevides 1, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sendo esta rocha e a Pedra Escrita de Ridevides 2 as únicas naquela área diagonais, pouco acima do solo. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 361) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

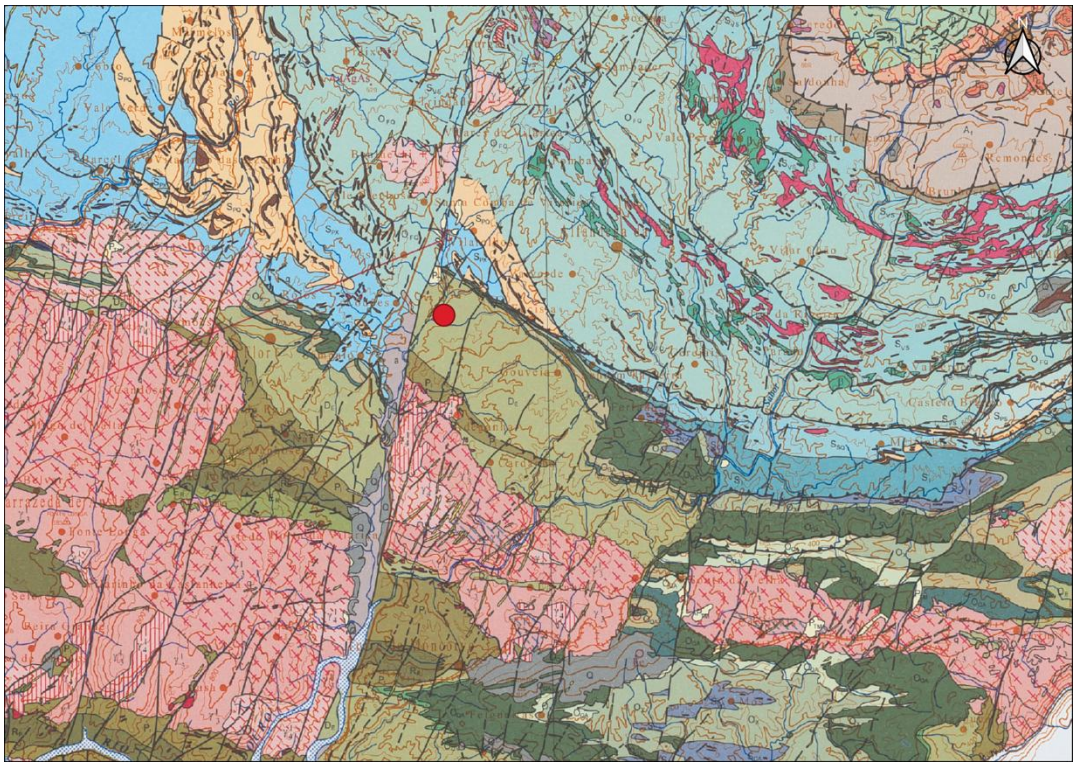


Figura 361 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização da Pedra Escrita de Ridevides 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha e os de Santa Marinha e Cabeço de S. Pedro em Sampaio e Lodões, respetivamente.

Historial: A primeira referência a esta rocha, remonta à primeira metade do século XX com os trabalhos do Abade de Baçal (1934) e de Santos Júnior (1930, 1940, 1963). O Abade de Baçal publica um

levantamento de uma pequena parte da rocha, bastante incompleto, mas ficando já uma perceção dos motivos gravados (Fig. 355) (ALVES, 2000: 649 – 652).

Algumas décadas mais tarde, mais propriamente em 1963, Santos Júnior publica um estudo monográfico da Pedra Escrita de Ridevides, embora o primeiro contacto com este sítio remonte aos primeiros anos da década de 30 (SANTOS JÚNIOR, 1963). Nesta publicação expõe um levantamento mais pormenorizado do que aquele apresentado pelo Abade de Baçal, para além das descrições e interpretações efetuadas pelo autor (Fig. 362). O trabalho levado a cabo por Santos Júnior ainda continua a ser uma referência, quer para o estudo desta rocha em particular, quer para o estudo da arte esquemática regional.

António Martinho Baptista analisa as gravuras filiformes de algumas rochas e sobre a Pedra Escrita de Ridevides refere as interpretações e datações avançadas por Santos Júnior na publicação da década de 60 do século passado (BAPTISTA, 1983: 78). Este autor identifica um possível idoliforme e remete a cronologia das gravuras desta rocha posteriores ao Bronze Médio (Fig. 363) (BAPTISTA, 1986: 31 – 56).

Nos meados da década de 90 do século XX, Orlando Sousa cataloga este sítio (SOUSA, 1996: 65).

Maria de Jesus Sanches, no âmbito da tese de doutoramento refere, para além de alguns motivos gravados e da cronologia de algumas destas gravuras, que é necessário enquadrar estas rochas com o santuário/recinto do Cabeço da Mina (Vila Flor) e com os povoados calcolíticos que se encontrem nas imediações (SANCHES, 1997: 224).

Carlos Cruz também refere esta rocha pegando naquilo que António Martinho Baptista refere em 1986 (CRUZ, 2000: 124).

Maria Emília Simões de Abreu (2006), e no âmbito do *"Projecto Gravado no Tempo – Inventário total da arte rupestre Portuguesa"* a Pedra Escrita de Ridevides foi visitada e estudada, sendo apresentada nesta pequena brochura, uma parte do levantamento efetuado. O mesmo ocorreu na sua tese de doutoramento (ABREU, 2012). É alvo de um decalque parcial por Abreu (Fig. 364 e 365) (2012: vol. IV, 109-110). Em 2021, as alabardas, são, em parte, reinterpretadas por Bettencourt (2021).

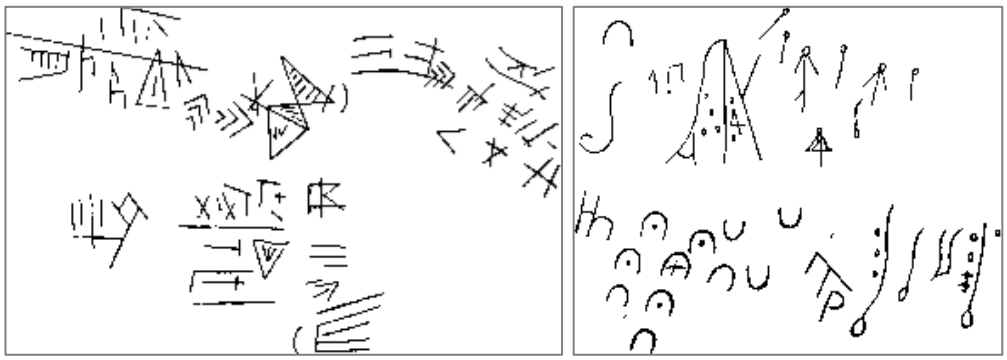


Figura 362 - Levantamentos efetuado pelo Abade de Baçal da Pedra Escrita de Ridevides, na primeira metade do século XX (ALVES, 2000: 650).

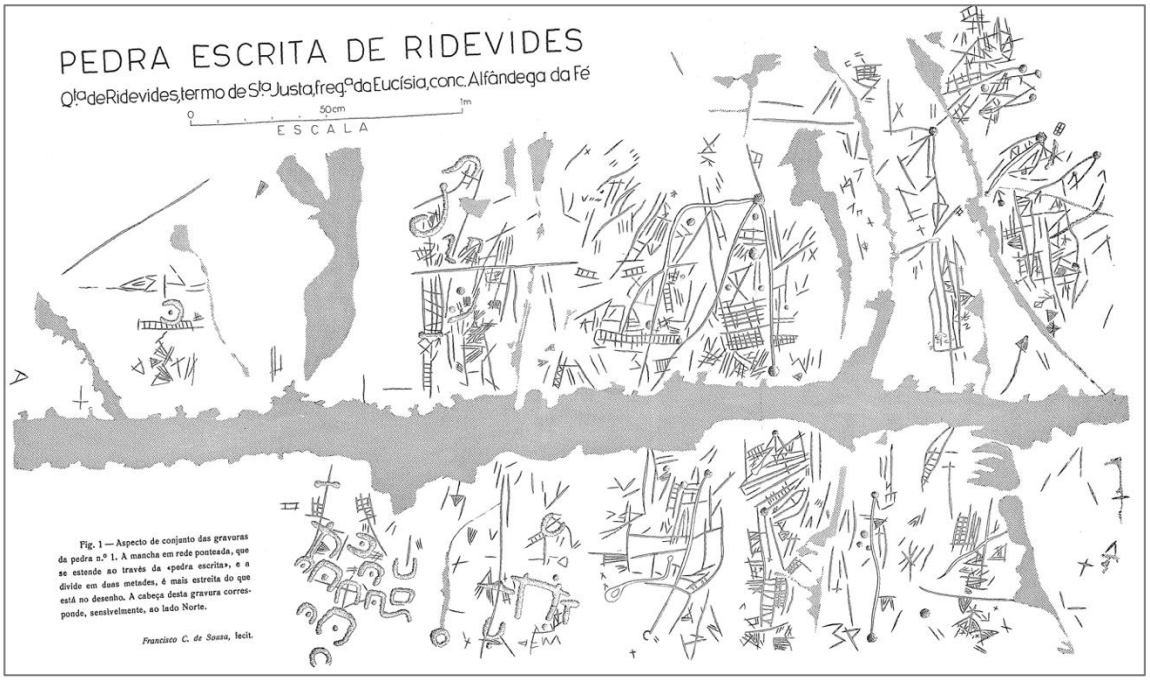


Figura 363 - Decalque de Santos Júnior (1963, n.p).



Figura 364 - Decalque efetuado por Emília Simões de Abreu e equipa, no contexto do Projeto Gravado no Tempo (Fotografia cedida por Francisco José Lopes).

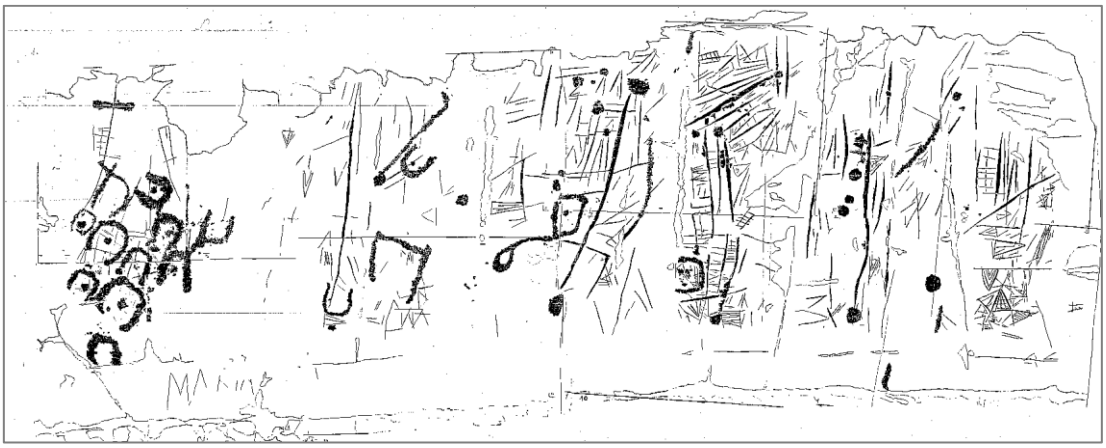


Figura 365 - Decalque parcial da Pedra Escrita de Ridevides, em Abreu (2012, vol. IV, 110) onde se verifica a sobreposição de um motivo em U sobre o cabo de uma alabarda invertida.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento pouco destacado, com elevação entre os 5 e os 30 cm relativamente ao solo, em posição diagonal com pendente para sudoeste. Tem um contorno quase quadrado, com alguns cantos arredondados. Apresenta cerca de 12 m^2, com a sua área praticamente toda gravada. Localiza-se junto a uma pequena linha de água proveniente de escorrências de vertente,

que desagua na margem esquerda da ribeira da Vilariça. A rocha, em xisto, encontra-se praticamente ao nível do solo, em posição semivertical, seguindo a pendente natural do terreno (Fig. 366). Alguns metros a nordeste desta rocha, encontra-se outra, na mesma posição, mas com menor número de gravuras. Neste caso, a Pedra Escrita de Ridevides é um conjunto de duas rochas gravadas.



Figura 366 - Vista geral da Pedra Escrita de Ridevides 1 a partir de sudoeste. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: A rocha Pedra Escrita de Ridevides 1, com cerca de 12 m², apresenta a superfície praticamente toda gravada (Fig. 367). Os motivos mais representativos são os triângulos (mais de três dezenas), simples ou com apêndices, por vezes com o interior preenchido com algumas incisões (SANTOS JUNIOR, 1963: 122). Bettencourt (2021) interpretou-os como alabardas. Nalguns casos, estes motivos encontram-se interligados, seja pelos lados, seja pelos vértices (Fig. 368). Há ainda, escalariformes de diferentes tamanhos (Fig. 369), doze axadrezados (Fig. 370), sulcos paralelos e convergentes (Fig. 371), quadrados e retângulos, incisões em ziguezague, um serpentiforme e cruciformes, alguns deles podendo ser antropomorfos esquemáticos. Todas estes motivos foram realizados por incisões. Existem também motivos em U, com e sem covinha central, motivos circulares e quadrangular picotados. Também se identificam linhas incisas filiformes, bastante "gastas", que, em

alguns casos encontram-se sobrepostas por fusiformes e por picotados, sendo, portanto, as mais antigas. Sobre esta questão, Bettencourt (2021) refere a sobreposições de motivos sendo os escalariformes e as alabardas incisas, mais antigas do que os motivos em U com ou sem covinha no interior, alteriformes e covinhas associadas a sulcos retilíneos e curvos, gravados por picotado (Fig. 372). Santos Júnior isola alguns motivos e refere a possibilidade da existência de um ídolo comparando-o às placas-ídolo neolíticas (SANTOS JÚNIOR, 1963: 128). Este corresponde a um motivo "isolado", ou seja, sem conexão com as restantes gravuras. Devido à escassez de tempo, não nos foi possível efetuar levantamento quer sobre a rocha, quer sobre fotografia.



Figura 367 – Fotogrametria da Pedra Escrita de Ridevides 1.



Figura 368 - Exemplos de alabardas com e sem cabo da Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografias do autor.



Figura 369 - A seta indica um escalariforme da Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor.



Figura 370 - Um exemplo de axadrezado da Pedra Escrita de Ridevides. Fotografia do autor.



Figura 371 - Alguns exemplos de sulcos incisos paralelos e convergentes da Pedra Escrita de Ridevides 1, bem como covinhas e covinha associada a sulcos retilíneos. Fotografia do autor.



Figura 372 - Esquerda: possível idoliforme da Pedra Escrita da Ridevides 1. Direita: levantamento do autor sobre fotografia deste possível idoliforme.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: SANTOS JÚNIOR, 1963; ALVES, 2000: 649-652; CRUZ, 2000: 123-124; GOMES, 2002: 153, 2010: 154, 378; LOPES, 2006; ABREU, 2012; BETTENCOURT, 2021 e dados inéditos.

(62) Pedra Escrita de Ridevides 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Bronze Inicial e período posterior

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Quinta de Ridevides.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.32011 N; Longitude: -7.05683 O; Altitude: 203 m.



Figura 373 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Pedra Escrita de Ridevides 2.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminha de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da Vilariça e na primeira bifurcação, seguir para a direita. A cerca de 150 metros, encontra-se a rocha Pedra Escrita de Ridevides 2.

Localização física e ambiental: Onde está implantada a rocha Pedra Escrita de Ridevides 2, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados, sendo esta rocha e a Pedra Escrita de Ridevides 1 as únicas naquela área diagonais, pouco acima do solo. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 374) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

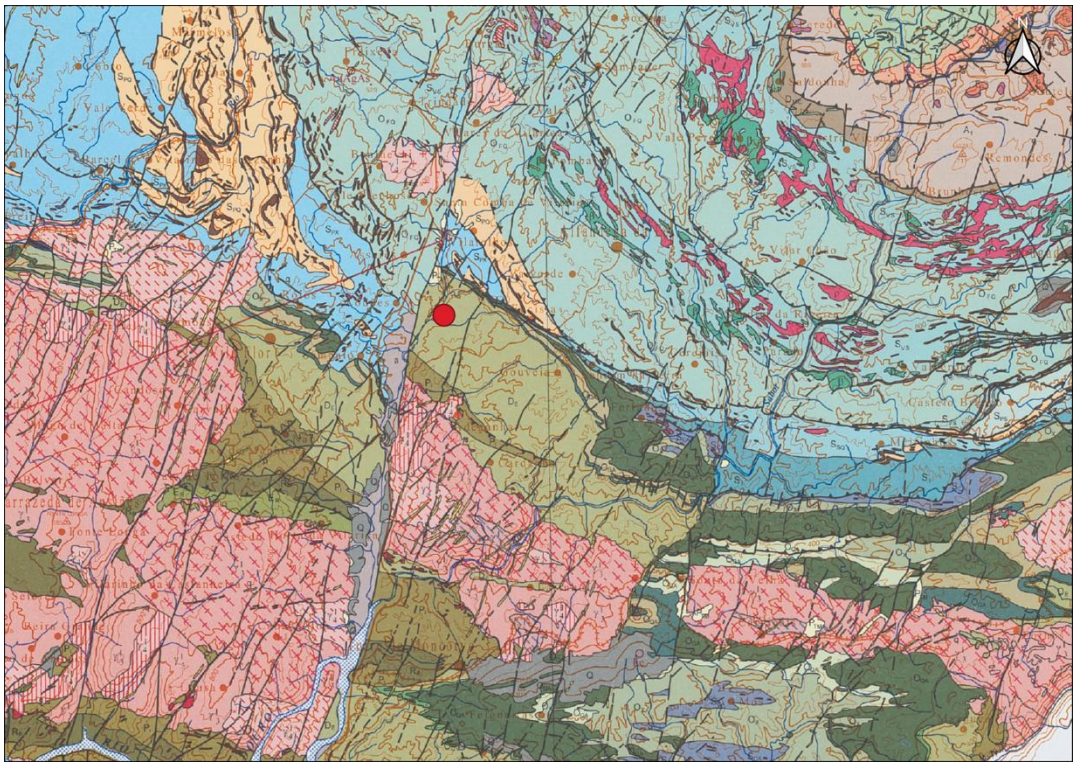


Figura 374 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização da Pedra Escrita de Ridevides 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha e os de Santa Marinha e Cabeço de S. Pedro em Sampaio e Lodões, respetivamente.

Historial: Identificado por Francisco Manuel Alves, na década de 20 do século passado, e estudado por Santos Júnior em 1963, momento em que foi publicado monograficamente. Santos Júnior faz um levantamento desta rocha que, em comparação com a Pedra Escrita de Ridevides 1, tem muito menos gravuras (Fig. 375) (JÚNIOR, 1963: 116).

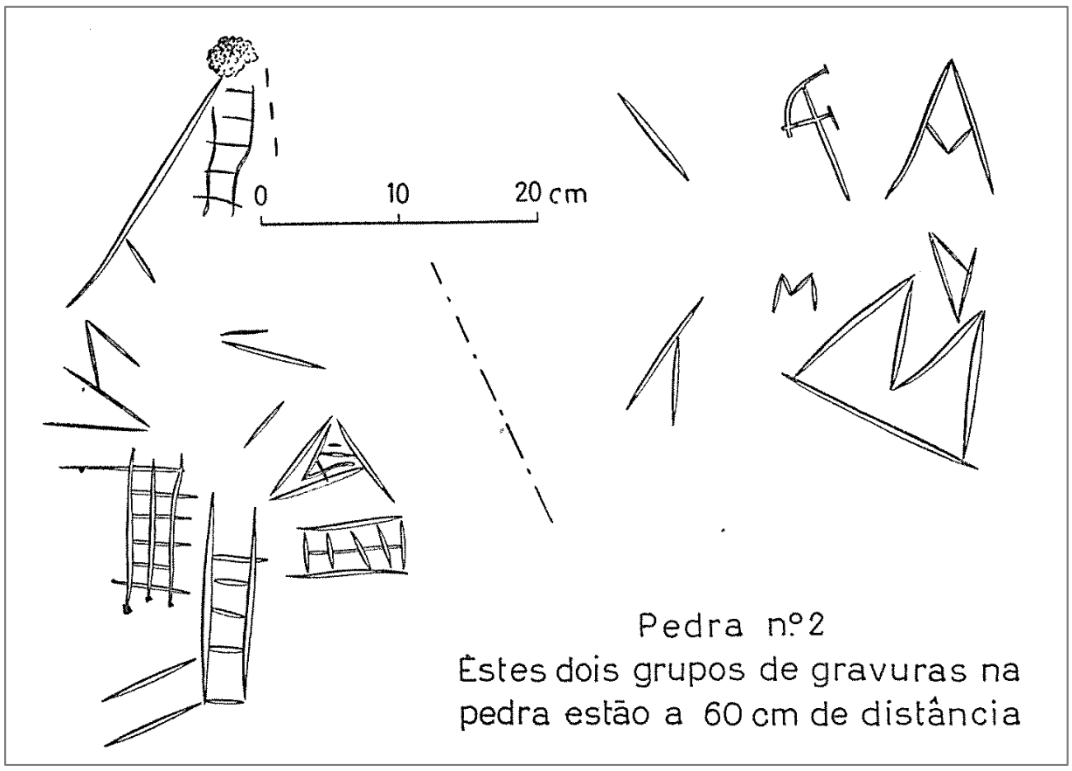


Figura 375 - Levantamento de Santos Júnior (1963: 116) onde se nota uma alabarda, escalariformes e reticulados, incisos, além de uma covinha associada, um sulco retilíneo e, do lado direito, alguns traços associados, formando um A e dois M, um maior do que o outro.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento pouco destacado, com elevação entre os 5 e os 10 cm relativamente ao solo, em posição diagonal com pendente para sudoeste (Fig. 376). Tem uma forma quase quadrada, com alguns cantos arredondadas. As suas dimensões são de cerca de 1.50 m de largura por 5.50 m de comprimento. Tem cerca de 8 m^2, embora a área gravada seja pequeníssima.



Figura 376 - Vista aérea vertical de Pedra Escrita de Ridevides 2. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos aqui gravados dividem-se em dois grupos e correspondem a dois axadrezados (Fig. 377), dois escalariformes, um fusiforme com covinha na extremidade (Fig. 377) e alguns traços incisos dispostos na diagonal e na horizontal. É possível verificar a representação de uma possível alabarda (Fig. 378). No outro grupo, que dista cerca de 60 cm deste, identificam-se incisões em forma de M e de A e pequenos traços fusiformes (Fig. 379). Santos Júnior ainda refere a existência de mais gravuras que correspondem a sulcos em forma de V e de X (SANTOS JÚNIOR, 1963: 121). É possível que esta rocha contenha mais gravuras, uma vez que a superfície encontra-se parcialmente coberta com líquenes, musgos e sedimentos. Devido à escassez de tempo, não nos foi possível efetuar levantamento quer sobre a rocha, quer sobre fotografia.



Figura 377 - As setas indicam os axadrezados da Pedra Escrita de Ridevides 2. Também se observa a lâmina de uma alabarda. Fotografia do autor.

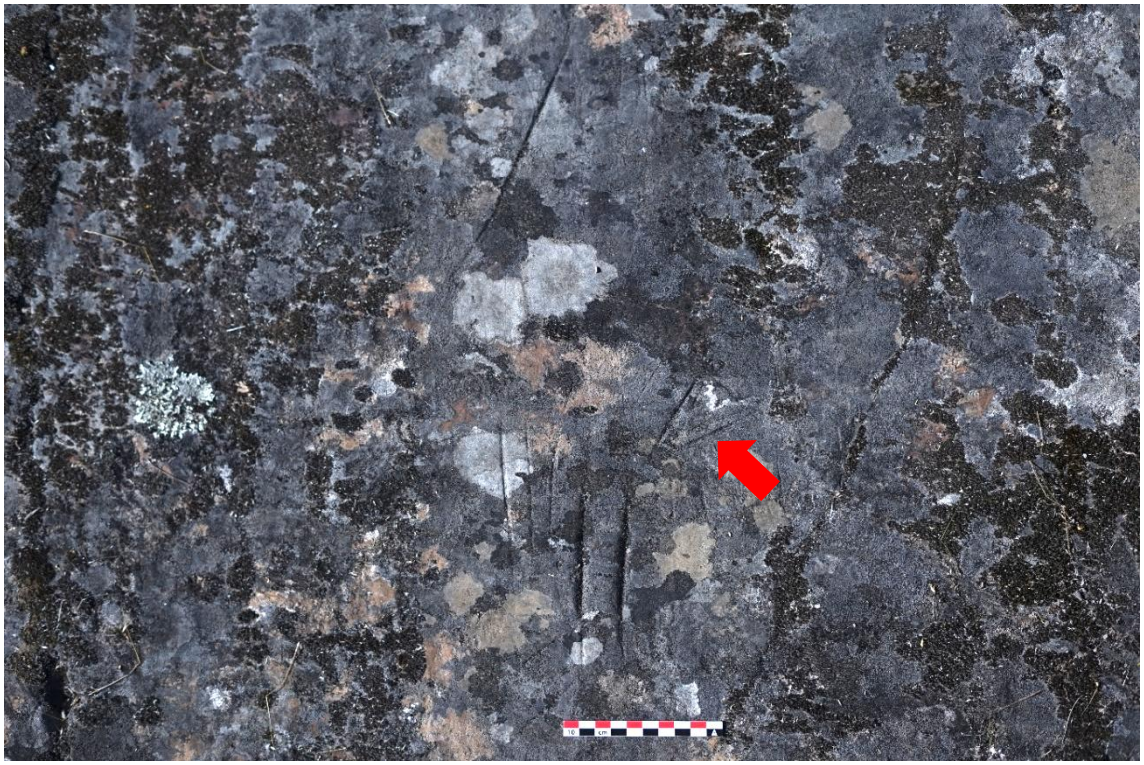


Figura 378 - A seta indica uma possível lâmina de alabarda da Pedra Escrita de Ridevides 2. Fotografia do autor.

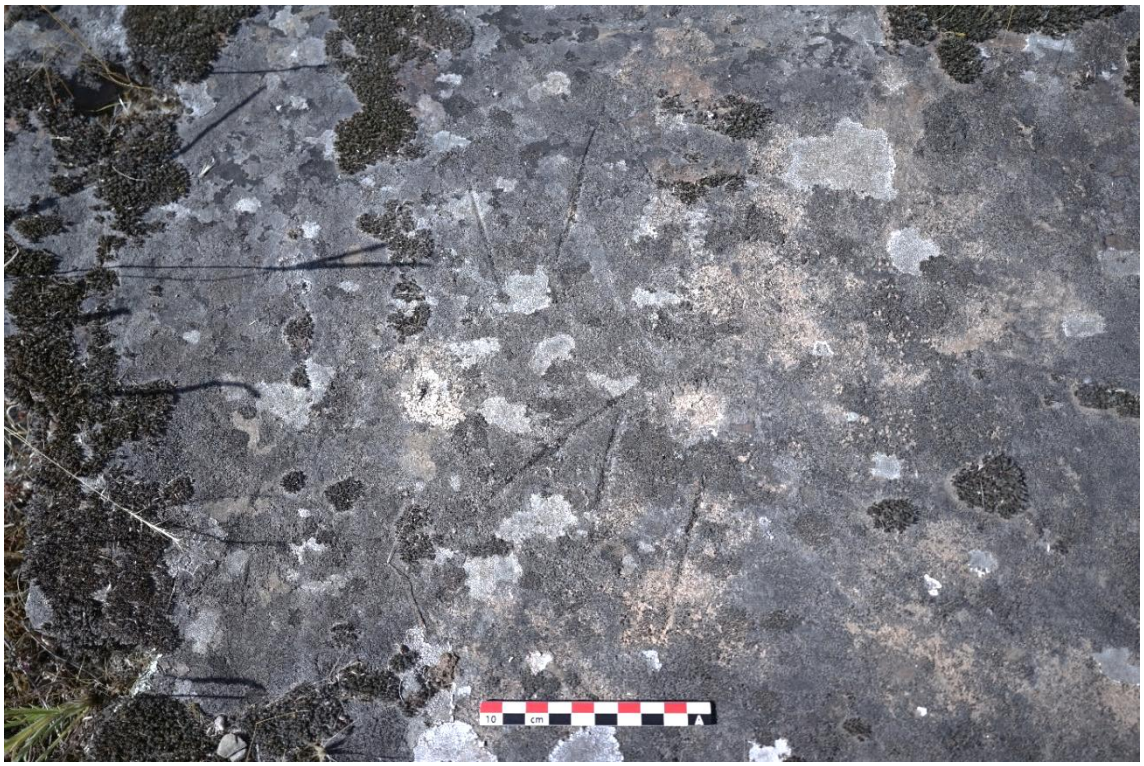


Figura 379 - Pequenas incisões em forma de M e de A e pequenos traços fusiformes da Pedra Escrita de Ridevides 2. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: SANTOS JUNIOR (1963); GOMES (2002); LOPES (2006); GOMES (2010) e dados inéditos.

(63) Vilariça 1

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.32254 N; Longitude: -7.05491 O; Altitude: 194 m.

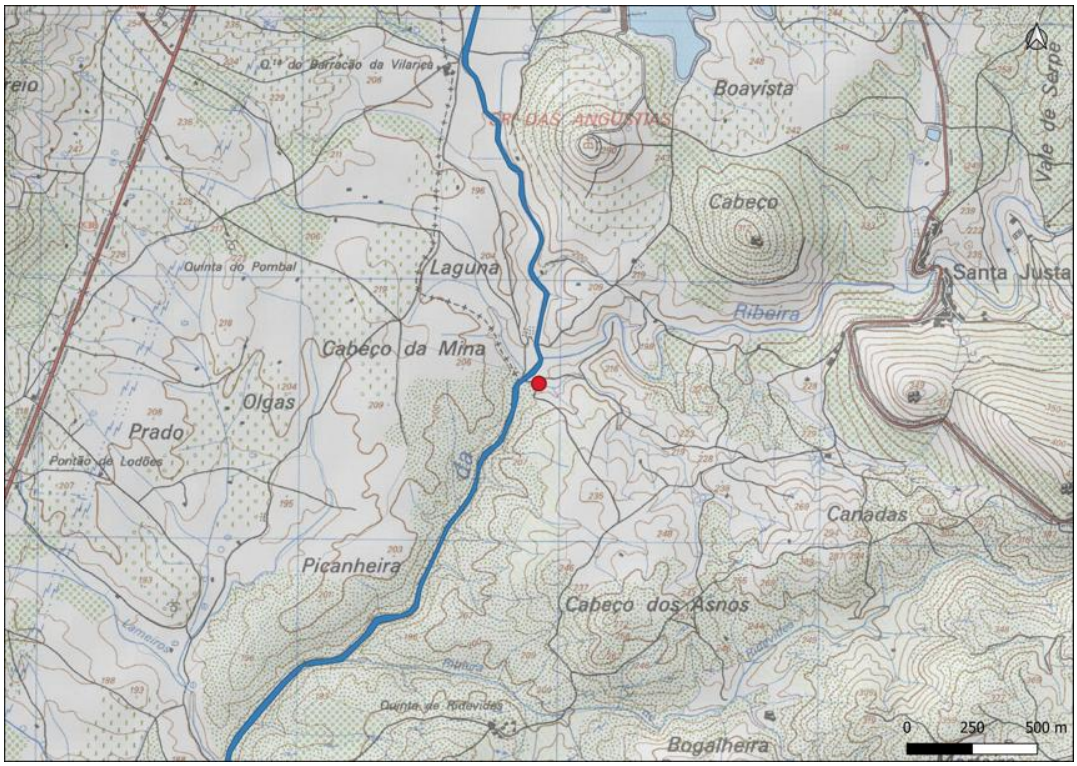


Figura 380 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 1.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da Vilariça e na primeira bifurcação, seguir para a direita. Junto ao caminho que passa sobre o leito da ribeira da Vilariça, encontra-se a rocha Vilariça 1.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. Onde está implantada a rocha Vilariça 1, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem esquerda desta ribeira que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem direita são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 381) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

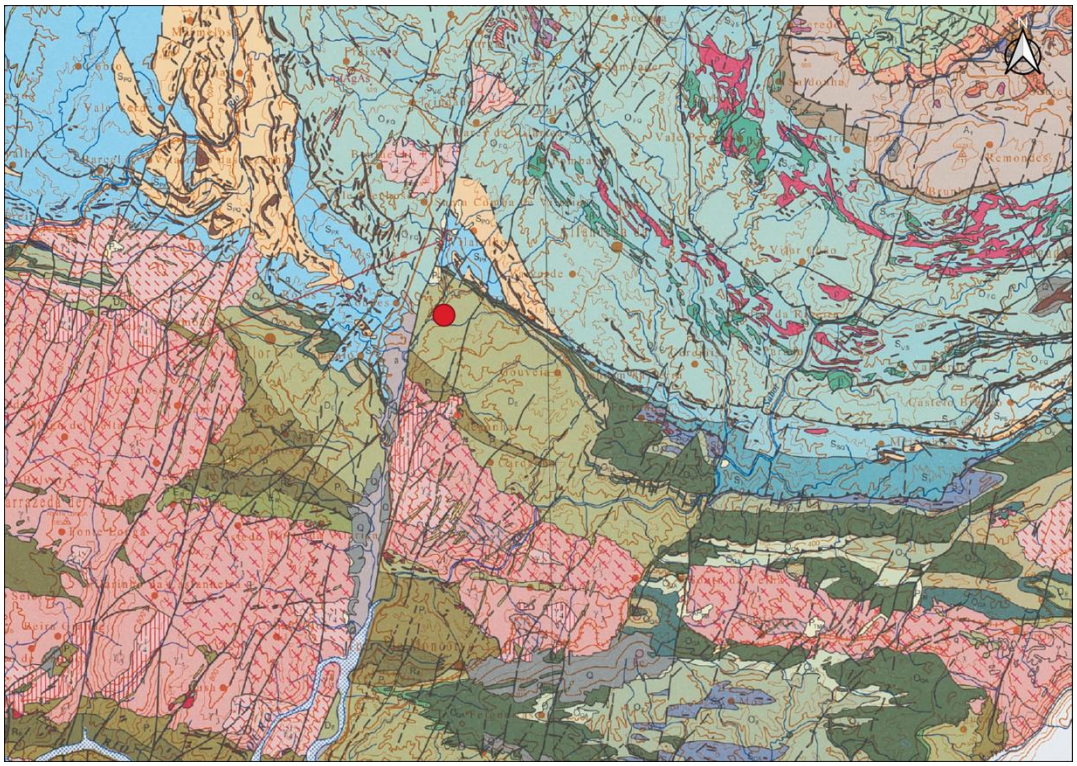


Figura 381 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 1.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se a cerca de 250 metros. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 382). O painel gravado está orientado para sudeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 3 metros de altura por 2 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 2 metros do solo.

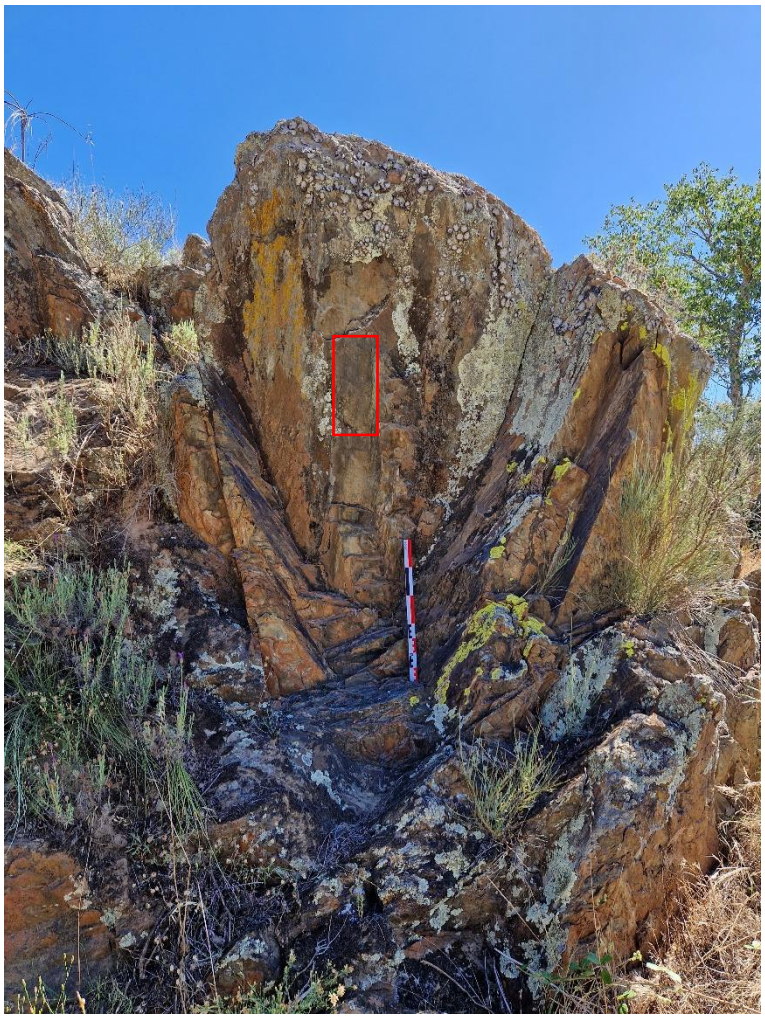


Figura 382 - Rocha Vilariça 1 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 383). É possível verificar uma linha vertical de cerca de 15 cm com 3 linhas horizontais perpendiculares a esta e de menores dimensões. Entre as linhas horizontais do meio e inferior, existem várias linhas, mais pequenas e diagonais do lado direito e mais verticais do lado esquerdo. Abaixo desta figura, do lado direito, identificam-se dois pentagramas inacabados. A técnica de gravação é a raspagem e a patine é inexistente.

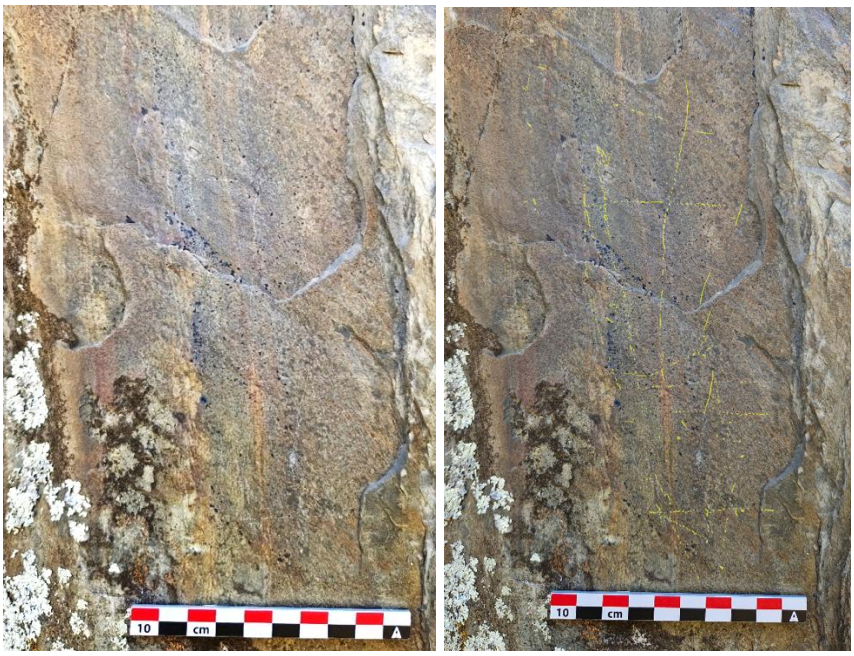


Figura 383 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vilariça 1. Em baixo: dois pentagramas abaixo do lado direito e linha vertical entrecruzada por linhas horizontais. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(64) Vilariça 2

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre ou traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.32247 N; Longitude: -7.05515 O; Altitude: 189 m.

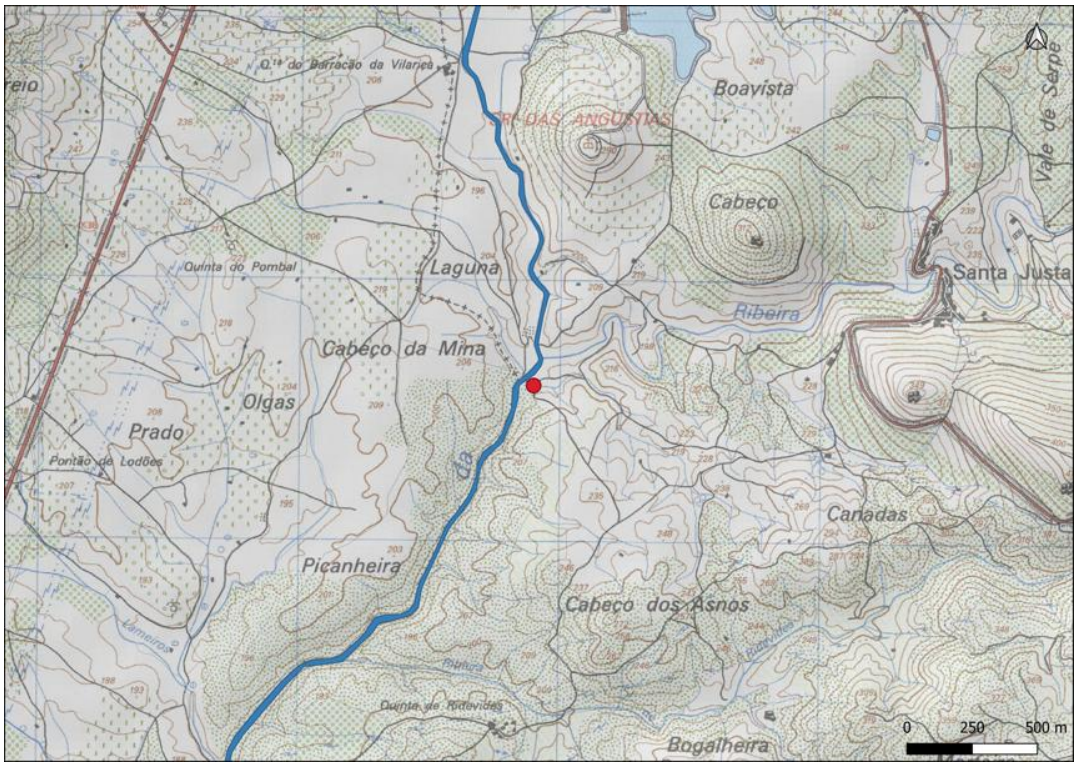


Figura 384 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 2.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da Vilariça e na primeira bifurcação, seguir para a direita. Junto ao caminho que passa sobre o leito da ribeira da Vilariça, encontra-se a rocha Vilariça 2.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para norte. Esta rocha encontra-se na margem direita, praticamente no leito de uma pequena linha de água proveniente de escorrências de vertente. Onde está implantada a rocha Vilariça 2, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem esquerda desta ribeira que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem direita são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 385) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

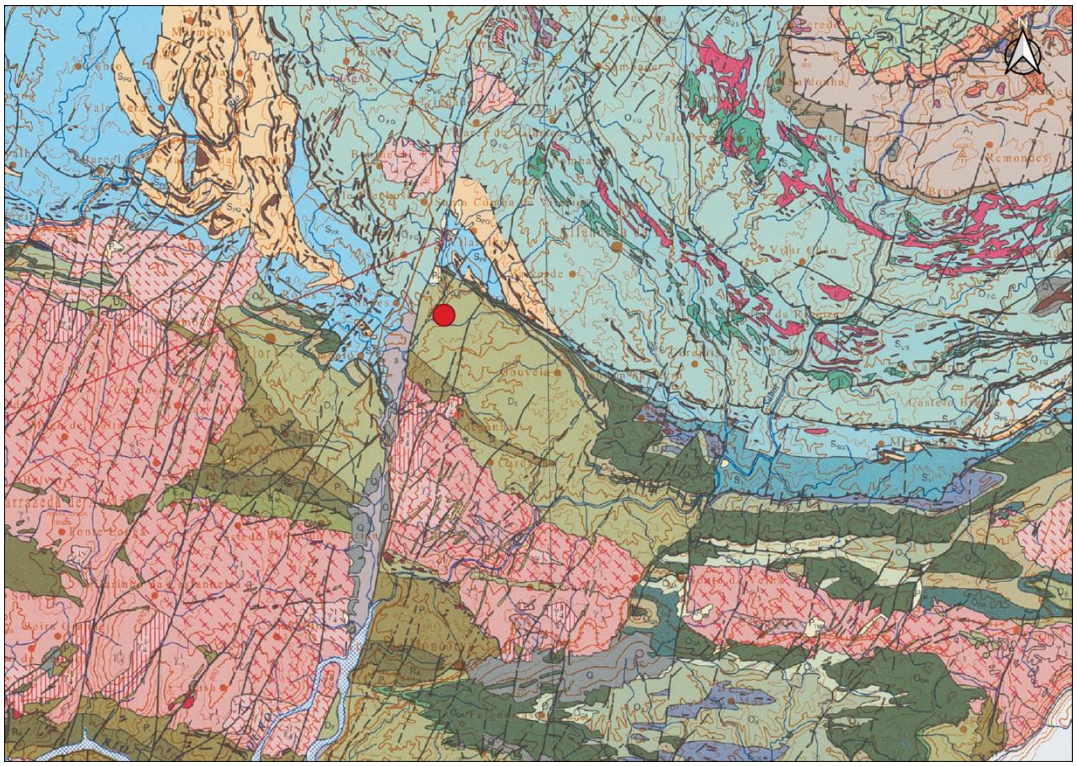


Figura 385 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 2.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se a cerca de 250 metros. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 386). O painel gravado está orientado para sudeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 2.20 metros de altura por 1.90 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 50 cm do solo.



Figura 386 - Rocha Vilariça 2 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 387). É possível verificar um grupo de linhas paralelas oblíquas e na parte mesial destas, outro grupo de linhas oblíquas, em menor quantidade e no sentido inverso, também paralelas entre si. Sobre as linhas oblíquas, foi efetuada uma linha horizontal de maior grossura. Na parte inferior, encontram-se alguns picotados dispersos por uma área diminuta, com presença de patine. Estes picotados são sobrepostos pelas linhas. A técnica utilizada para a gravação destas linhas foi a raspagem.



Figura 387 - Motivos gravados na rocha Vilariça 2: linhas raspadas oblíquas e picotados. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(65) Vilariça 3

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre e traços aleatórios?

Cronologia: Indeterminada.

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.320072 N; Longitude: -7.048530 O; Altitude: 217 m.

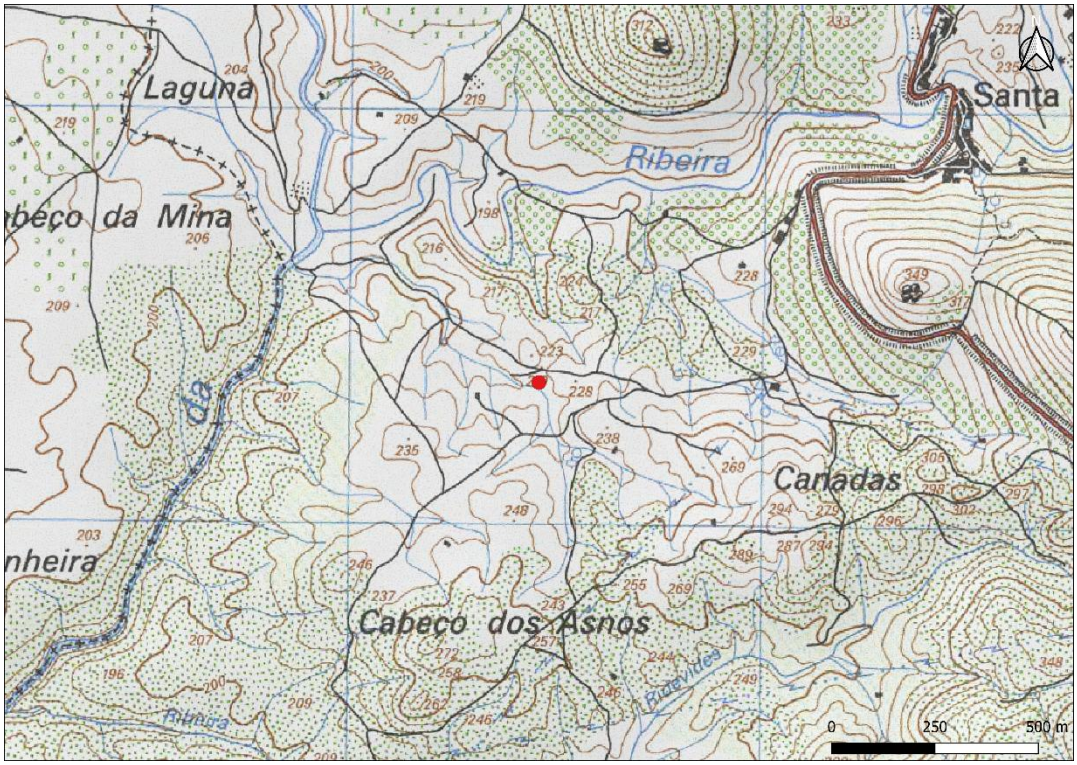


Figura 388 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 3.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da Vilariça e a cerca de 400 metros, próximo de uma pequena área cultivada, encontra-se a rocha Vilariça 3.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada, junto a uma linha de água proveniente de escorrências de vertente, tributário da margem esquerda ribeira da Vilariça. Onde está implantada a rocha Vilariça 3, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem direita desta pequena linha de água que se encontram a maior parte dos afloramentos. Na margem esquerda são mais escassos e naqueles prospetados não foram identificadas gravuras. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 389) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

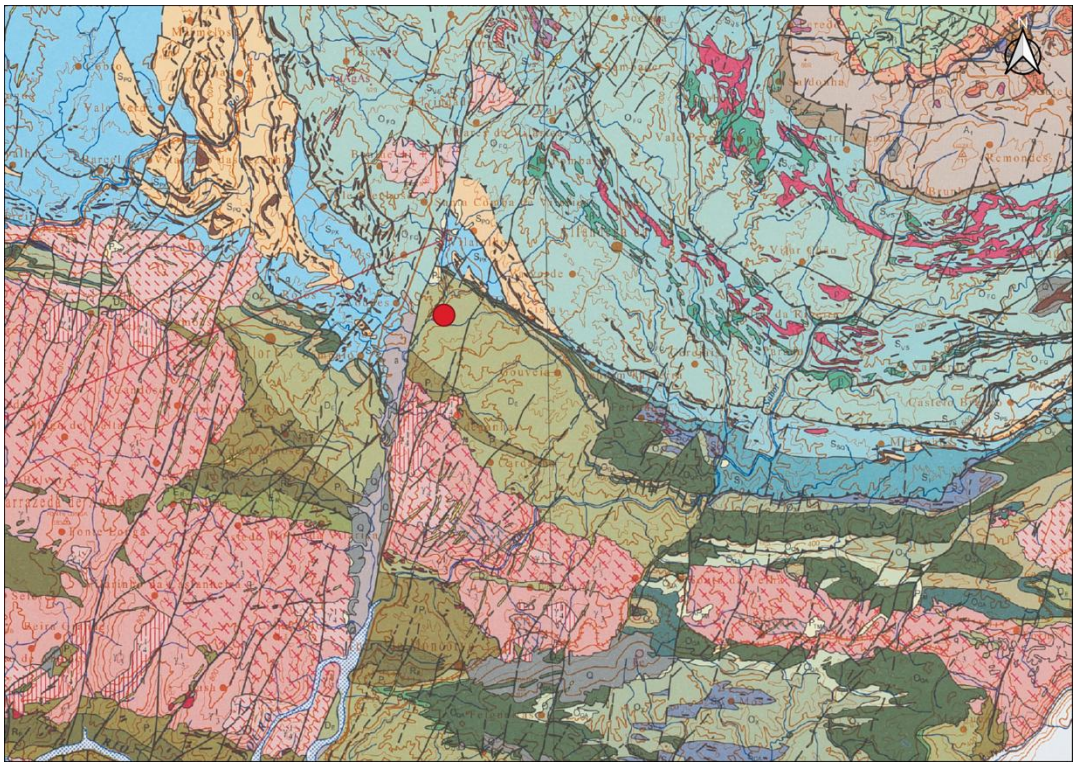


Figura 389 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 3.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se a cerca de 250 metros. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento bem destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 390). O painel gravado está orientado para sudeste, bem visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 1.40 metros de altura por 1.10 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 70 cm do solo.



Figura 390 - Rocha Vilariça 3 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 391). É possível verificar um grupo de linhas paralelas oblíquas e na parte lateral esquerda, outro grupo de linhas oblíquas, no sentido inverso, também paralelas entre si. As linhas da direita sobrepõem-se numa parte das restantes, formando um reticulado. A técnica utilizada para a gravação foi a incisão filiforme.

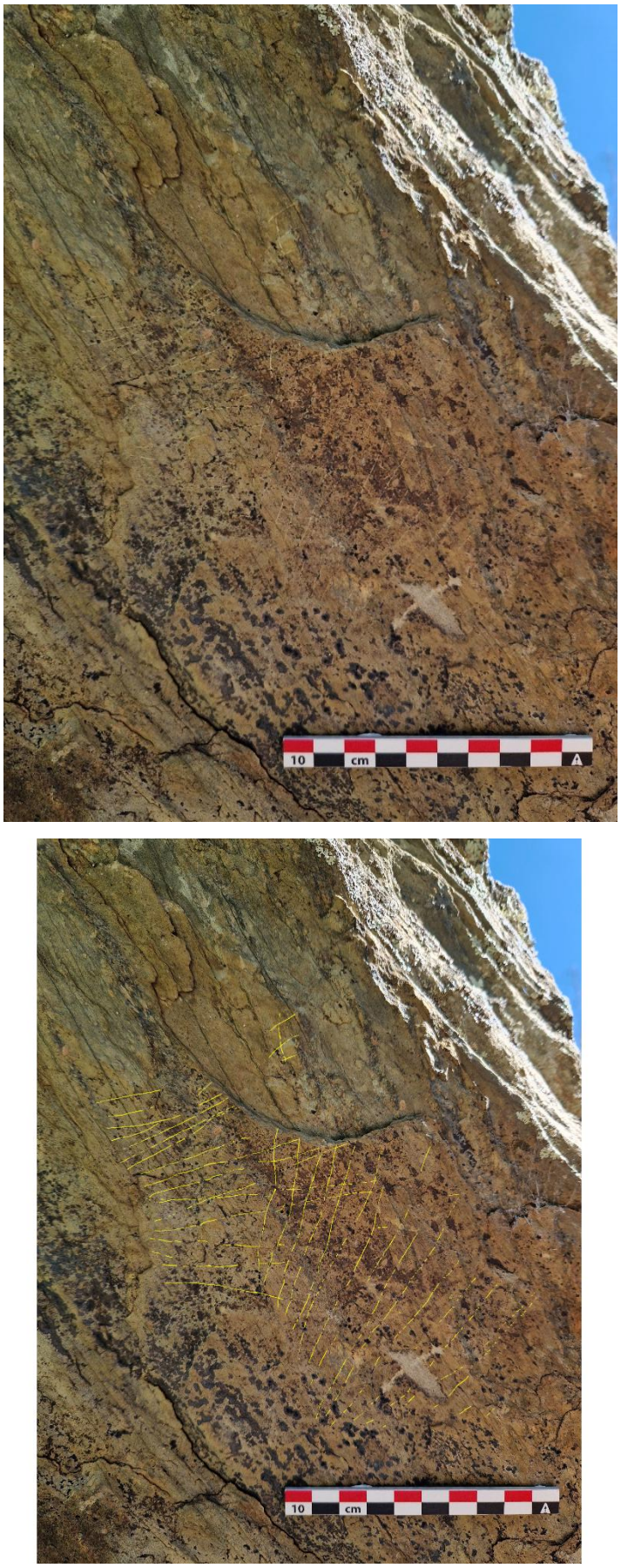


Figura 391 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Variça 3. Em baixo: linhas paralelas oblíquas e reticulado parcial. Levantamento sobre fotografia.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

(66) Vilariça 4

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Paleolítico Superior?

Localização administrativa: União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.31994 N; Longitude: -7.05739 O; Altitude: 187 m.

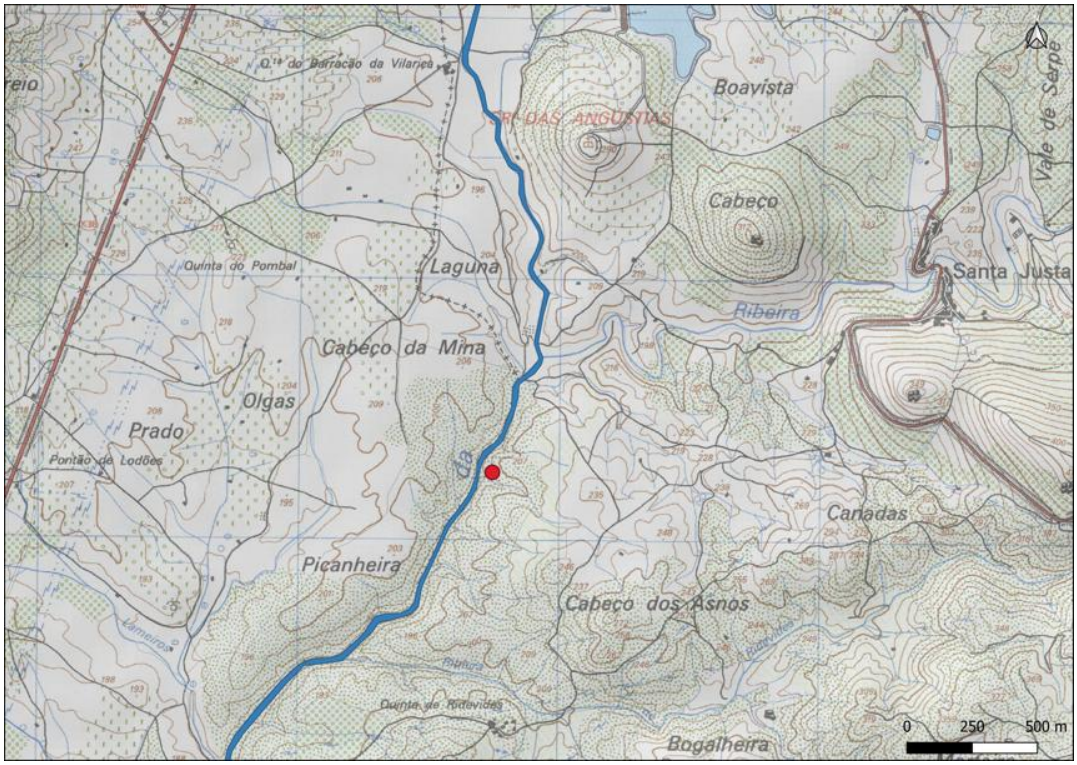


Figura 392 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Vilariça 4.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da

Vilariça e na primeira bifurcação, seguir para a direita. Junto ao caminho que passa sobre o leito da ribeira da Vilariça, encontra-se a rocha Vilariça 4.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente suave para noroeste. Esta rocha encontra-se na margem esquerda, muito próxima do leito da ribeira da Vilariça. Onde está implantada a rocha Vilariça 4, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos relativamente pequenos. É na margem esquerda desta ribeira que se encontram a maior parte dos afloramentos. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 393) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

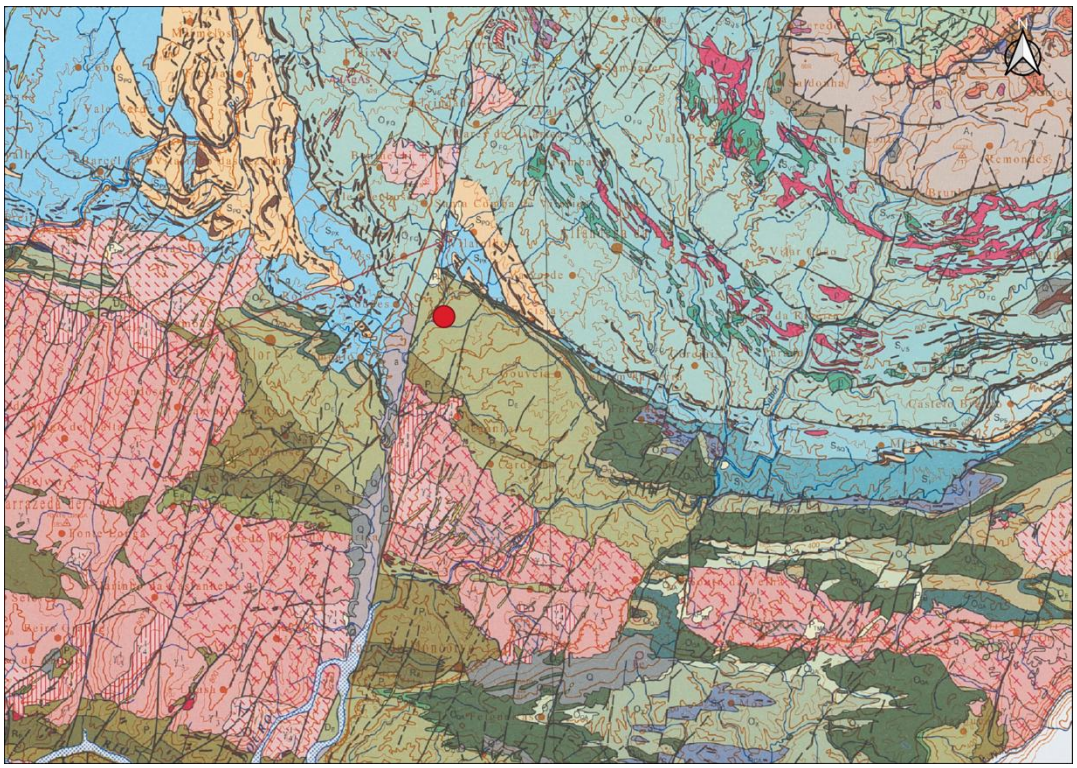


Figura 393 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização de Vilariça 4.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a noroeste, encontra-se a cerca de 250

metros. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha.

Historial: Descoberto no âmbito deste trabalho.

Descrição do afloramento gravado: Afloramento pouco destacado do solo, laminado subverticalmente (Fig. 394). O painel gravado está orientado para sudeste, pouco visível na paisagem. A dimensão do afloramento é de cerca de 60 cm de altura por 4 metros de largura. O painel gravado encontra-se a cerca de 50 cm do solo.



Figura 394 - Rocha Vilariça 4 com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Os motivos gravados encontram-se circunscritos a um painel (Fig. 395). É possível verificar um zoomorfo. Esta gravura deve corresponder a um auroque de cronologia paleolítica. Apenas foi gravada a cabeça, na extremidade superior do painel e em posição oblíqua, para

além de alguns traços fusiformes como é possível verificar na fotogrametria (Fig. 397). A técnica de gravação é a incisão com secção em U.



Figura 395 - Em cima: pormenor das gravuras da rocha Vilariça 4. Em baixo: possível face de auroque inciso, a amarelo. A vermelho há dúvida se há incisão, uma vez que também é o sítio de uma fratura natural. Levantamento sobre fotografia.

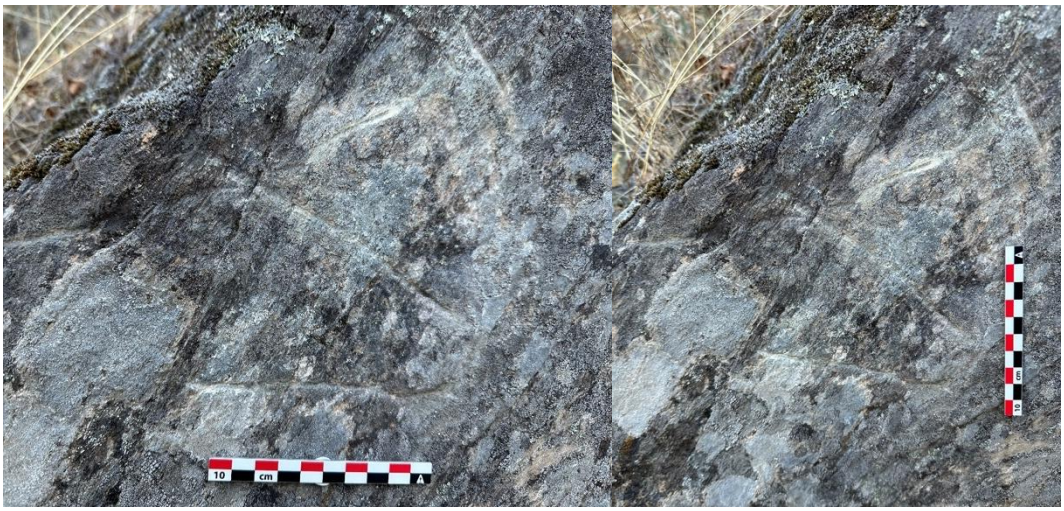


Figura 396 - Registos fotográficos do possível zoomorfo de Vilariça 4 em diferentes ângulos. Fotografias do autor.

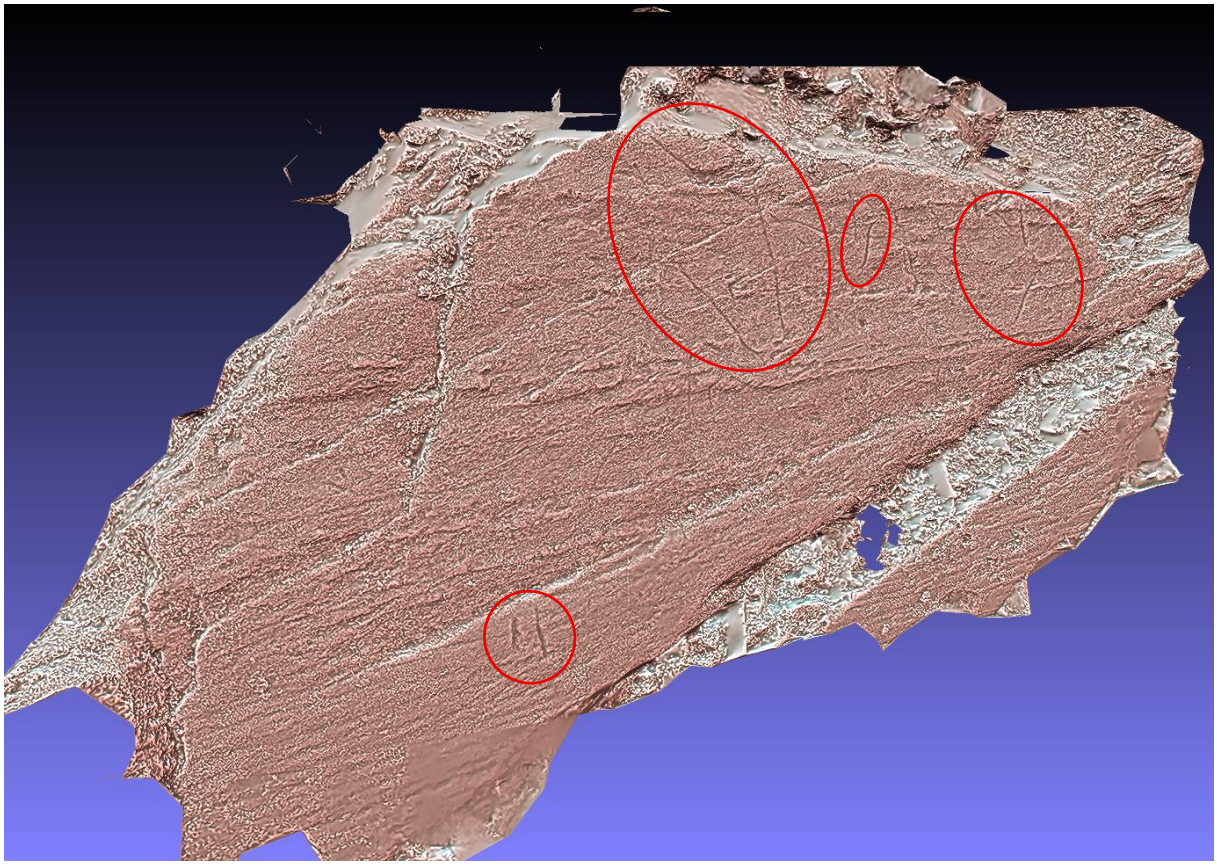


Figura 397 - Fotogrametria da rocha da Vilariça 4. As elipses assinalam as gravuras deste painel.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: Inédito.

1.2.1.2 Freguesia de Vilarelhos

(67) Poço da Moura

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Pré-história Recente e Idade do Ferro.

Localização administrativa: Freguesia de Vilarelhos.

Lugar: Cabeço da Mina.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.322594 N; Longitude: -7.055945 O; Altitude: 183 m.

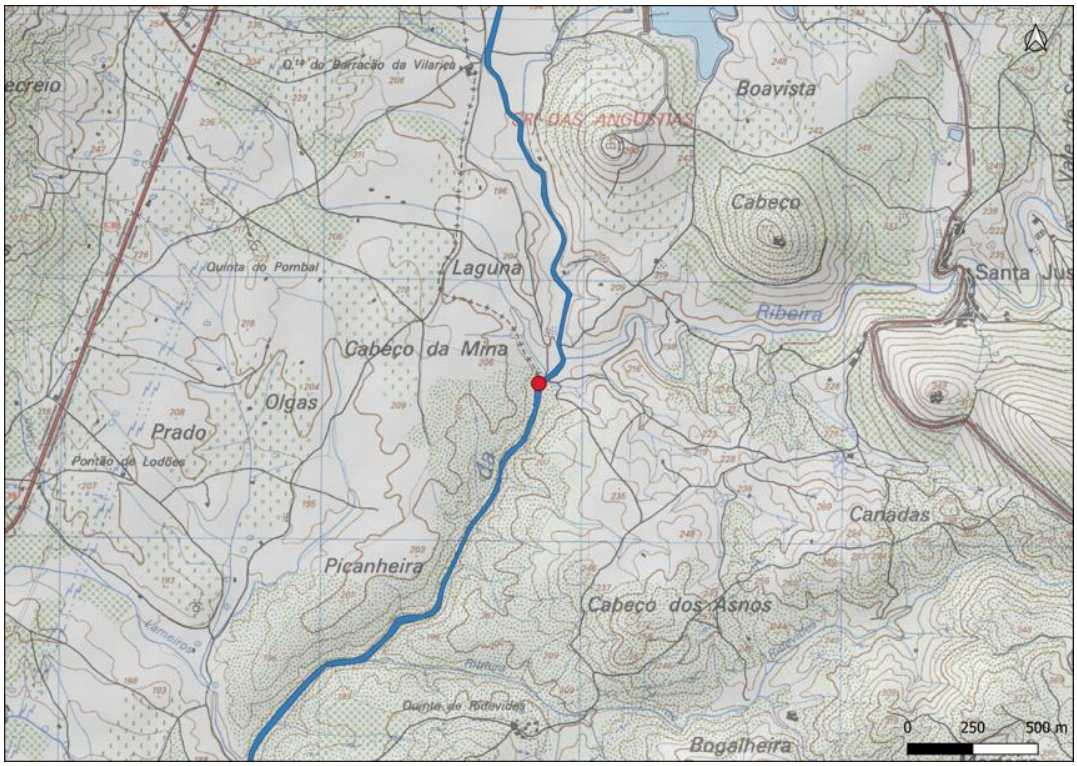


Figura 398 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização de Poço da Moura.

Acessos: Entre as localidades de Eucísia e Santa Justa, seguir caminho de terra batida que parte da estrada municipal, em direção a oeste. Seguir o caminho paralelo à margem esquerda da ribeira da Vilariça e na primeira bifurcação, seguir para a direita. O caminho atravessa a ribeira da Vilariça e, nessa área, a cerca de 30 m para oeste, encontra-se a rocha Poço da Moura.

Localização física e ambiental: O local situa-se na margem direita da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são relativamente escassas devido à sua posição alcantilada num vale com pendente

relativamente abrupta para sudeste. Esta rocha encontra-se na margem direita, muito próxima do leito da ribeira da Vilariça. Onde está implantada a rocha Poço da Moura, é possível verificar afloramentos verticais e subverticais em xisto com tamanhos variados. É na margem esquerda desta ribeira que se encontram a maior parte dos afloramentos. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto pela alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, correspondendo à Formação de Desejosa (Fig. 399) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, já inserida no Vale da Vilariça, com bons solos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

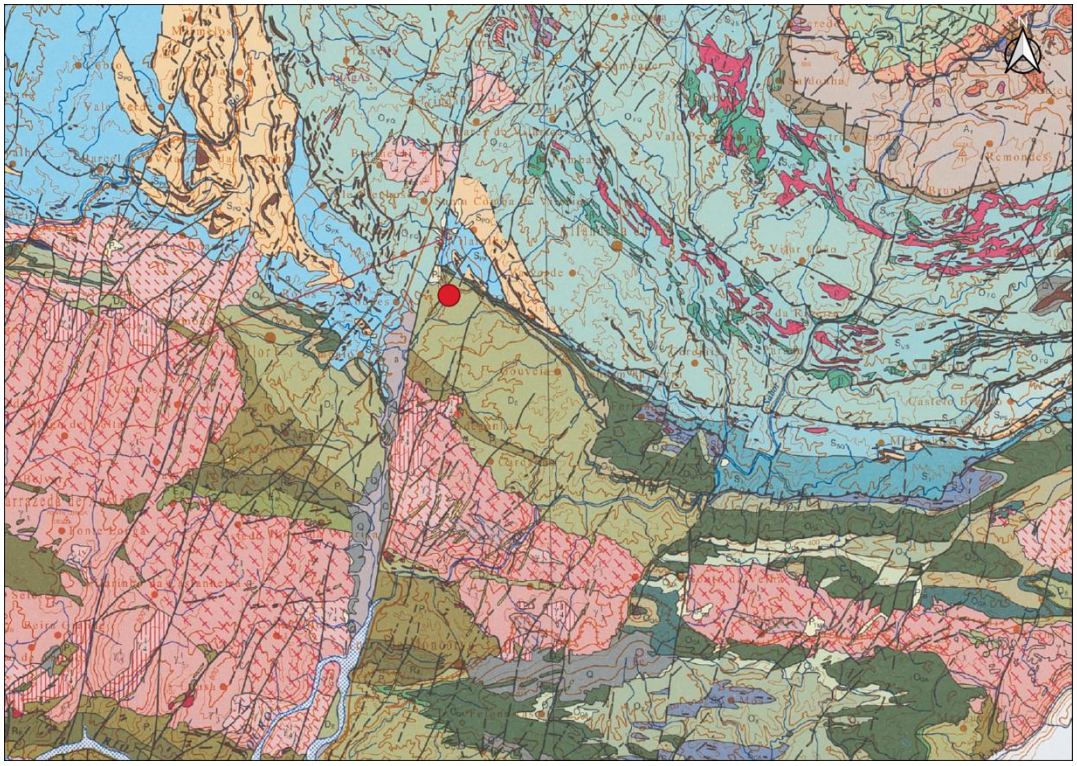


Figura 399 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização do Poço da Moura.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Santa Justa e da Nossa Senhora dos Anúncios a norte e os de Castelo de Gouveia e Curral da Cerca a este. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Mais a sul estão os povoados do Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha e os de Santa Marinha e Cabeço de S. Pedro em Sampaio e Lodões, respetivamente.

Historial: As primeiras referências a esta rocha pertencem ao Abade de Baçal (ALVES, 2000: 613) que, através de informação prestada por Santos Júnior, publica o que este último autor lhe escreveu numa carta enviada em 1932. Nesta pode ler-se o seguinte:

> Uma rocha com alguns sinais do mesmo tipo e factura da Pedra Escrita de Ride Vides, mas em que há a destacar dois novos sinais, e que são certamente, ou pelo menos se podem considerar, como símbolos solares (*idem*).

Na década de 60, Santos Júnior e Rogério Azevedo referem estas gravuras (JÚNIOR *et. al.*, 1961: 52). Dois anos mais tarde, Santos Júnior volta a referir esta rocha na monografia efetuada sobre a Pedra Escrita de Ridevides (JÚNIOR, 1963: 132).

Em meados da década dos anos 90 do século passado, Orlando Sousa (1996), tece algumas considerações interessantes sobre o Poço da Moura. Refere que teria dois momentos distintos de gravação, sendo os motivos solares os mais antigos, seguindo-se os motivos em U ou "ferradura", eventualmente duas armas e uma figura antropomórfica com toucado (SOUSA, 1996: 87). Os motivos solares foram efetuados através da incisão e os restantes motivos foram elaborados através da picotagem.

Carlos Cruz, poucos anos mais tarde, cataloga este sítio, usando a informação avançada por Orlando Sousa (CRUZ, 2000: 136). Francisco José Lopes também refere esta rocha, pegando na informação existente na bibliografia anterior (LOPES, 2006).

Em 2012, Mila Simões de Abreu, refere esta rocha e apresenta fotografias da mesma com algumas gravuras (Fig. 400, 401, 403 e 404) (ABREU, 2012: 106).



Figura 400 - Fotografia captada por Santos Júnior, em 1942, da rocha do Poço da Moura onde é possível ver as gravuras existentes adaptada de Abreu (2012: 106).

Descrição do afloramento gravado: O Poço da Moura corresponde a uma rocha sub-vertical, em xisto, que se encontra na margem direita da ribeira da Vilariça, praticamente junto ao seu leito (Fig. 401). Encontra-se parcialmente fraturada devido aos trabalhos mecânicos aí realizados nos inícios deste século, embora também apresente fraturas naturais. As suas dimensões são de cerca de 2.5 m de largura por 1.50 m de largura. Em visita recente, esta rocha estava coberta por vegetação e por sedimentos, uma vez que se encontra no leito de cheia desta ribeira (Fig. 402). Devido a estas condições e à quantidade de vegetação que a cobria, não foi possível efetuar a limpeza apropriada para um levantamento fotográfico, fotogramétrico e gráfico pormenorizado.



Figura 401 - Aspeto geral da rocha do Poço da Moura, nos inícios deste século (ABREU, 2012: 106).



Figura 402 - Vista atual da rocha Poço da Moura. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: Estes correspondem a motivos solares, efetuadas através de incisões seguidas de abrasão e motivos em U, sendo estes os de maior quantidade. As gravuras, segundo o registo fotográfico mais recente (Fig. 403) (ABREU, 2012: 107), apresentam patine acentuada. As técnicas de gravação utilizadas foram a incisão por abrasão e a picotagem.

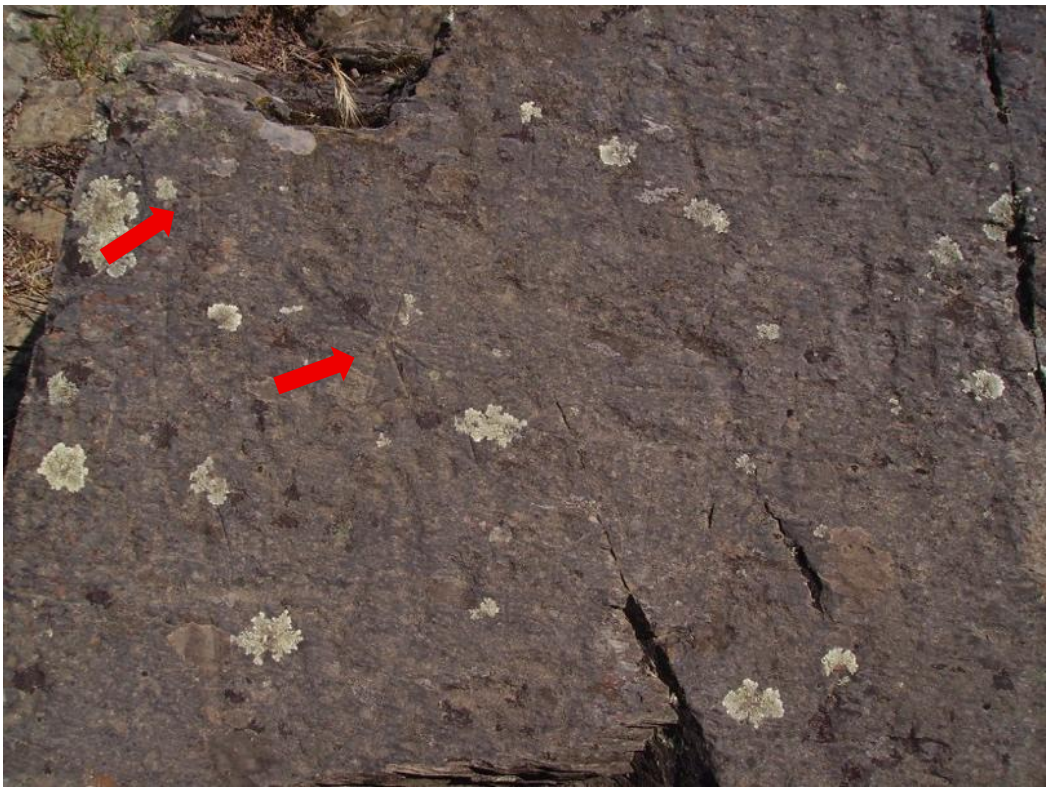


Figura 403 - Motivos solares, incisos e motivos em U, picotados do Poço da Moura, segundo Abreu (2012: 107). As setas indicam eventuais motivos solares.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Não foi possível verificar o seu estado de conservação devido à densa vegetação. No entanto, através da fotografia tirada por Santos Júnior (Fig. 400), em 1942, e por Mila de Simões Abreu (Fig. 401, 403 e 404), já no século XXI, é possível verificar que uma parte da rocha virada para oeste já não existe, tendo sido destruída aquando da tentativa de abertura de um caminho junto à margem direita da ribeira da Vilariça.

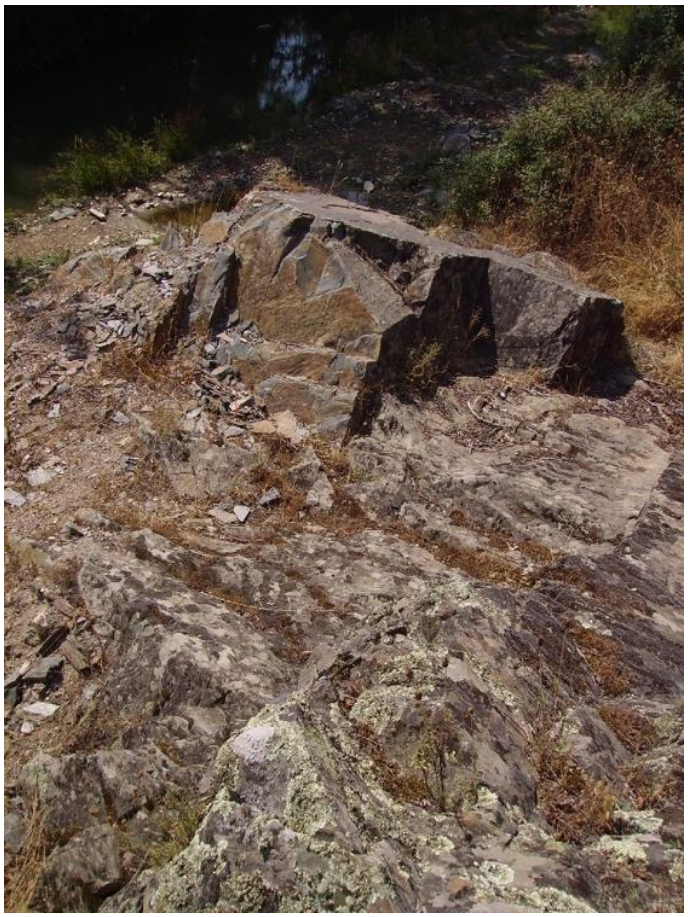


Figura 404 - Rocha Poço da Moura parcialmente destruída (ABREU, 2012: 107).

Bibliografia: SANTOS JÚNIOR (1961, 1963); SOUSA (1996: 69); ALVES (2000: 613); CRUZ (2000: 135-136); GOMES (2002: 154); LOPES (2006); GOMES (2010: 154); ABREU (2012).

1.2.2 Concelho de Torre de Moncorvo

1.2.2.1 União de Freguesias de Adeganha e Cardanha

1.2.2.1.1 Adeganha

(68) Penedo do Cobrão (Estevais)

Tipo de sítio: Arte rupestre de ar livre.

Cronologia: Idade do Ferro (?).

Localização administrativa: União de Freguesias de Adeganha e Cardanha.

Lugar: Quinta do Baldoeiro.

Coordenadas geográficas decimais e altitude: Latitude: 41.223234 N; Longitude: -7.086043 O; Altitude: 272 m.

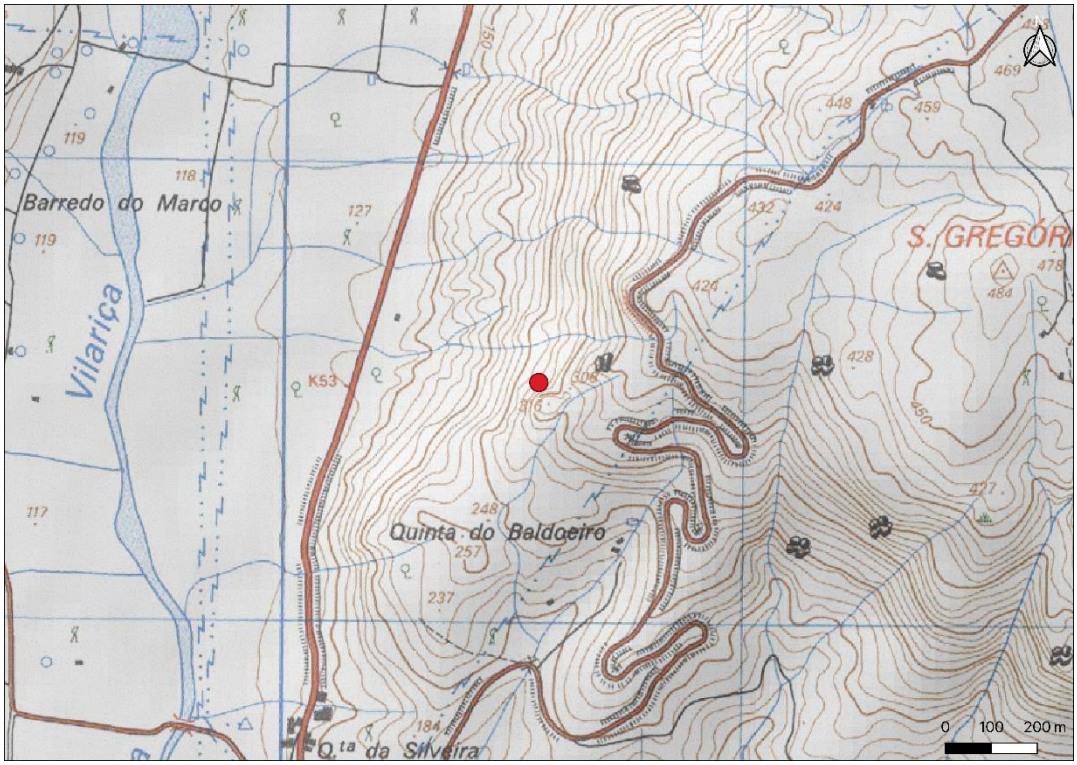


Figura 405 - Excerto da folha 105 da Carta Militar de Portugal, na escala 1:10 000, com a localização do Penedo do Cobrão.

Acessos: Seguir estrada N102 em direção à Quinta da Portela. Seguir estrada M611 e a cerca de 200 m, e seguir caminho de terra batida em direção à Quinta do Baldoeiro. Seguir para oeste até às ruínas da igreja românica e a partir daí seguir para norte. A cerca de 10 m de distância encontra-se um penedo isolado de dimensões consideráveis. A gravura encontra-se na face virada para oeste.

Localização física e ambiental: O local situa-se a meia encosta na margem esquerda da ribeira da Vilariça. As condições de visibilidade são excelentes para o Vale da Vilariça, à exceção de este. A rocha Penedo do Cobrão, encontra-se implantada num caos de batólitos com tamanhos variados. Nas imediações existem pequenas linhas de água provenientes de escorrências de vertente. O substrato geológico local é composto por granito de grão grosseiro a médio, porfiroide, de duas micas (Fig. 406) (PEREIRA, 2000). Ambientalmente, trata-se de área agrícola e de pastoreio, a meia encosta do Vale da Vilariça, com solos relativamente francos e algumas zonas húmidas, junto às linhas de água.

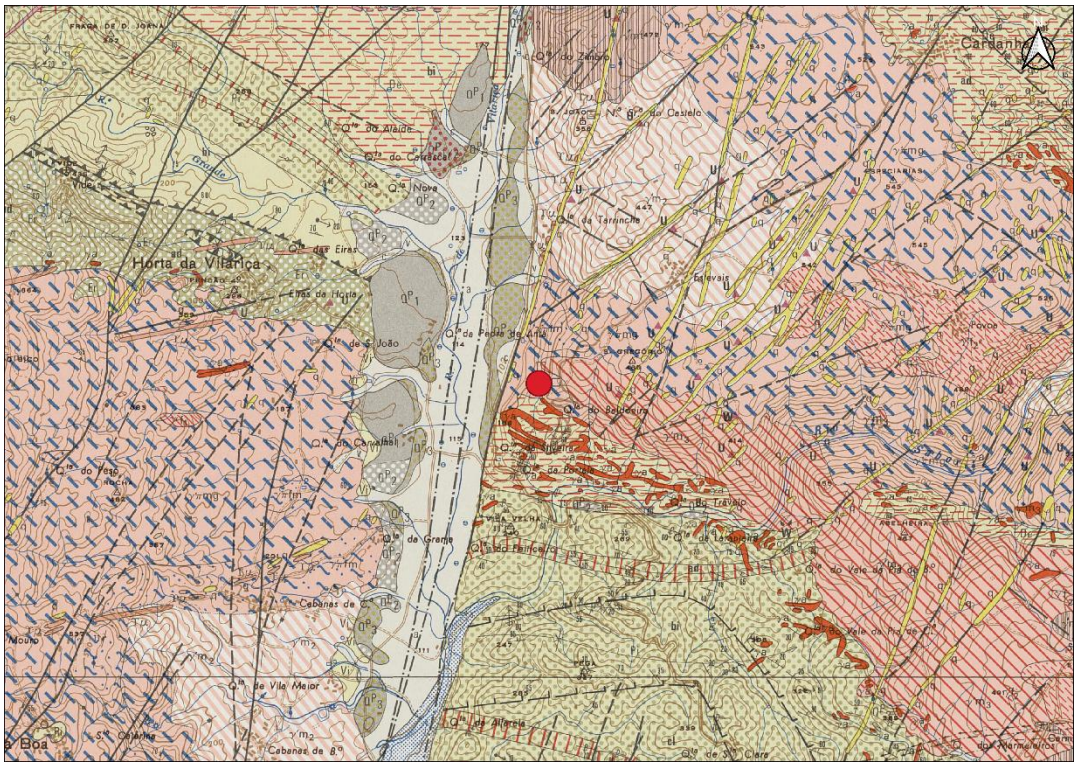


Figura 406 - Excerto da Folha 2 da Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, com a localização do Penedo do Cobrão.

Contexto arqueológico: Próximo desta rocha encontram-se vários povoados fortificados. Os mais próximos são os de Castelo e da Senhora do Castelo, ambos na freguesia de Adeganha e os de Santa Marinha e Cabeço de S. Pedro em Sampaio e Lodões, respetivamente. Mais distantes, a norte, os povoados de Santa Justa, da Nossa Senhora dos Anúncios, Castelo de Gouveia e Curral da Cerca. Também o Cabeço da Mina, que lhe fica a norte, encontra-se bastante próximo. Esta rocha encontra-se num possível povoado escavado durante a década de 90 do século passado com contextos calcolíticos e medievais.

Historial: Num artigo mais antigo, Afonso Pereira Cabral (1910), em *Notas sobre a Civitas* Baniensis descreve o seguinte:

> Entre os vestígios religiosos deverão a meu ver agrupar-se numerosas representações de serpentes de tamanhos muito variados, grosseiramente esculpidos nos rochedos.
>
> À medida que nos aproximamos do referido santuário encontram-se com mais frequência as serpentes que acima aludimos, em baixo-relevo nos penhascos abruptos, e segundo orientações definidas. O acesso ao santuário faz-se por uma enorme lájea declivosa; para se efectuar a subida ao alto do rochedo sagrado, existem duas ordens de escalões formados por mossas paralelas cavadas na pedra através dos quais, mas não sem risco, se atinge a cúspide ou ponto culminante do santuário. Aqui encontram-se umas escavações particulares, de forma rectangular, que o povo da região baptizou com o nome de *Medidas*, por se assemelharem aos nossos antigos alqueires. Além destas, uma enorme piscina,

> muitos nichos como já descritos, mais serpentes e alguns traços indecifráveis. E rodeando todo o enorme rochedo um sulco horizontal correndo ao longo dele parecia destinado a demarcar o perímetro do lugar sagrado (CABRAL, 1910: 58).

Santos Júnior, em 1930, a propósito das pinturas do Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães), publica uma fotografia desta rocha, onde é possível ver um serpentiforme (JÚNIOR, 1930: 38). O Abade de Baçal também refere esta gravura (ALVES, 2000: 624, 640) sem grandes descrições.

Nas prospeções levadas a cabo no contexto deste trabalho, nas imediações, apenas foi identificada esta rocha com um motivo serpentiforme.

Descrição do afloramento gravado: Batólito granítico com cerda de 6 metros de largura por 2 metros de altura máxima, solto, assente sobre outro ao nível do solo formando um pequeno abrigo orientado para oeste (Fig. 407). As gravuras encontram-se a cerca de 1.30 metros de altura.

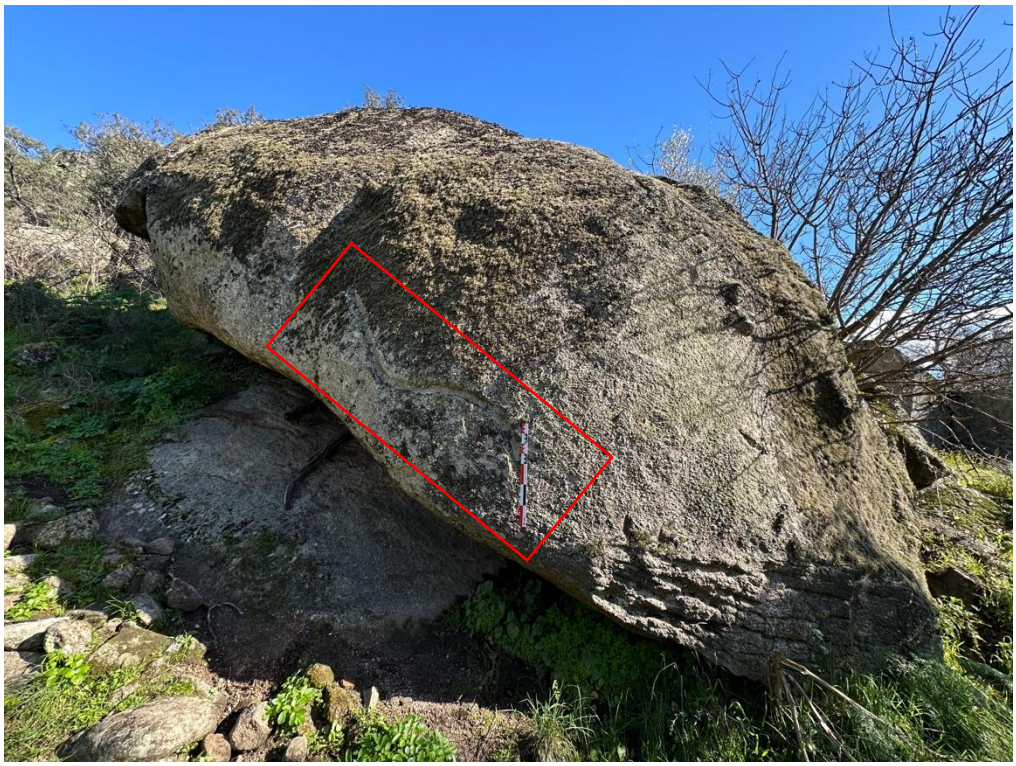


Figura 407 - Rocha do Penedo do Cobrão com a área assinalada onde se encontram as gravuras. Fotografia do autor.

Descrição dos motivos gravados: O motivo gravado identificado nesta rocha cinge-se a um serpentiforme em baixo-relevo com cerca de 4 cm de profundidade e 7 cm de largura e um comprimento de 1.40 metros (Fig. 408). O motivo gravado encontra-se orientado para oeste.



Figura 408 - Pormenor do serpentiforme gravado no Penedo do Cobrão. Fotografia do autor.

Atribuição de crenças: Não se conhecem.

Conservação: Em bom estado de conservação.

Bibliografia: CABRAL (1910); SANTOS JÚNIOR (1930); ALVES (2000).

PARTE V.

DISCUSSÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÕES

1. Introdução

Esta parte encontra-se dividida em cinco capítulos.

O capítulo 1 corresponde à introdução da discussão dos dados e interpretações.

O capítulo 2 trata o povoamento pré-histórico e proto-histórico no Vale da Vilariça onde são referidas as principais características de povoamento, por ordem cronológica (sempre que possível) associados ao seu enquadramento geomorfológico. Referem-se os monumentos megalíticos que, embora quantitativamente pouco representativos, quer pelo défice de prospeções arqueológicas, quer pela destruição de alguns, são importantes para evidenciar a ocupação Neolítica. Também se contemplam as estelas antropomórficas, com particular destaque para as do recinto do Cabeço da Mina (Assares, Vila Flor).

O capítulo 3, o mais extenso, refere-se à arte rupestre. Aqui, abordaremos a sua distribuição geográfica, o contexto geomorfológico, o tipo de superfícies gravadas, as técnicas e a síntese cronológica.

No capítulo 4 será abordada a arte rupestre e a sua relação com o povoamento através dos modelos dos percursos teóricos de circulação pedestre.

Por fim, o capítulo 5, refere-se às considerações finais.

2. Povoamento pré-histórico e proto-histórico

O Vale da Vilariça é cortado longitudinalmente pela ribeira que lhe dá o nome e é na margem esquerda desta que se encontra a maior quantidade de vestígios de povoamento dos períodos cronológicos tratados. No entanto, o curso final do rio Sabor, tributário da margem direita do rio Douro, também percorre uma pequena parte deste vale.

Os monumentos megalíticos na área do Vale da Vilariça são relativamente bem conhecidos da bibliografia, embora alguns não tenham chegado até aos nossos dias. Conhecem-se sete: Cabeço do Murado 2, no concelho de Alfândega da Fé; S. Martinho do Prado/Junqueira, Outeiro da Mula e Cimo do Valongo, no concelho de Torre de Moncorvo e, por fim, Chã Grande e Chã da Senhora da Rosa 1 e 2, no concelho de Vila Flor. Além destes contextos, globalmente inseríveis no Neolítico ou no Neo-calcolítico há ainda a registar o recinto de estelas do Cabeço da Mina. A cronologia debatida na bibliografia não reúne total consenso. As estelas com toucado da Quinta do Couquinho e do Cabeço da Mina, segundo alguns autores espanhóis, teriam uma cronologia mais precoce e, ao mesmo tempo, mais ampla, balizada entre os meados do V e o II milénio a.C. (BUENO RAMÍREZ *et. al.*, 2005, *apud* GUADARMINO

URIBE, 2010: 179). Para as estelas sem toucado, Guadarmino-Uribe já refere uma cronologia mais recente, ou seja, do Bronze Inicial (2200 – 1700 a.C.) (GUADARMINO URIBE, 2010: 276). Quanto às estelas com armas, a equipa de Primitiva Bueno sugere uma cronologia a partir de meados do IV milénio a. C. (BUENO RAMÍREZ *et. al.*, 2005, *apud* GUADARMINO-URIBE, 2010: 179), enquanto Guadarmino Uribe defende uma cronologia mais tardia, da segunda metade do III milénio a.C. (GUADARMINO URIBE, 2010: 179). No entanto, nas estelas do Cabeço da Mina e das restantes, não foi identificada uma iconografia relacionada com armas. Segundo Susana Jorge, o Cabeço da Mina pode ter tido uma ocupação inicial no IV – III milénio a. C. (JORGE, 1999). De facto, o Vale da Vilariça, no atual estado dos conhecimentos, conhece uma intensificação de povoamento na segunda metade do IV e III milénio a.C., sendo estas manifestações relacionáveis com as de outros sítios regionais, como as estelas antropomórficas de Picote - Miranda do Douro (Trás-os-Montes) (SANCHES, 2011: 143).

Os povoados pré-históricos e proto-históricos do Vale da Vilariça são bem conhecidos, graças ao trabalho desenvolvido pelo P.A.R.M. (Projeto Arqueológico da Região de Moncorvo). No entanto, foram pouquíssimos os sítios alvo de escavações arqueológicas e estas, quando existentes, foram quase sempre sondagens de diagnóstico. A identificação dos sítios deveu-se, na maioria dos casos, a prospeções arqueológicas e a sua atribuição cronológica aos achados de superfície.

Assim, na margem esquerda da ribeira da Vilariça conhecem-se oito povoados. A saber: Castelo de Gouveia, Curral da Cerca e Castro de Santa Justa, no concelho de Alfândega da Fé e, no concelho de Torre de Moncorvo, os povoados de Castelo dos Mouros, Fraga Amarela, Baldoeiro, Castelo da Junqueira e Senhora do Castelo. Na margem oposta também existem oito povoados: os do Cabeço do Murado e da Nossa Senhora dos Anúncios, no concelho de Alfândega da Fé; Barral dos Passadores, Castelo da Mina, Cabanas de Cima, no concelho de Torre de Moncorvo e, por fim, Moinho 2, Cabeço de S. Pedro e Santa Marinha, no concelho de Vila Flor. Relativamente ao curso final do rio Sabor, a ocupação pré-histórica e proto-histórica verifica-se na margem esquerda, com dois sítios, o Cabeço dos Apostolónios e o Cabeço da Alfarela, ambos no concelho de Torre de Moncorvo (Fig. 409).

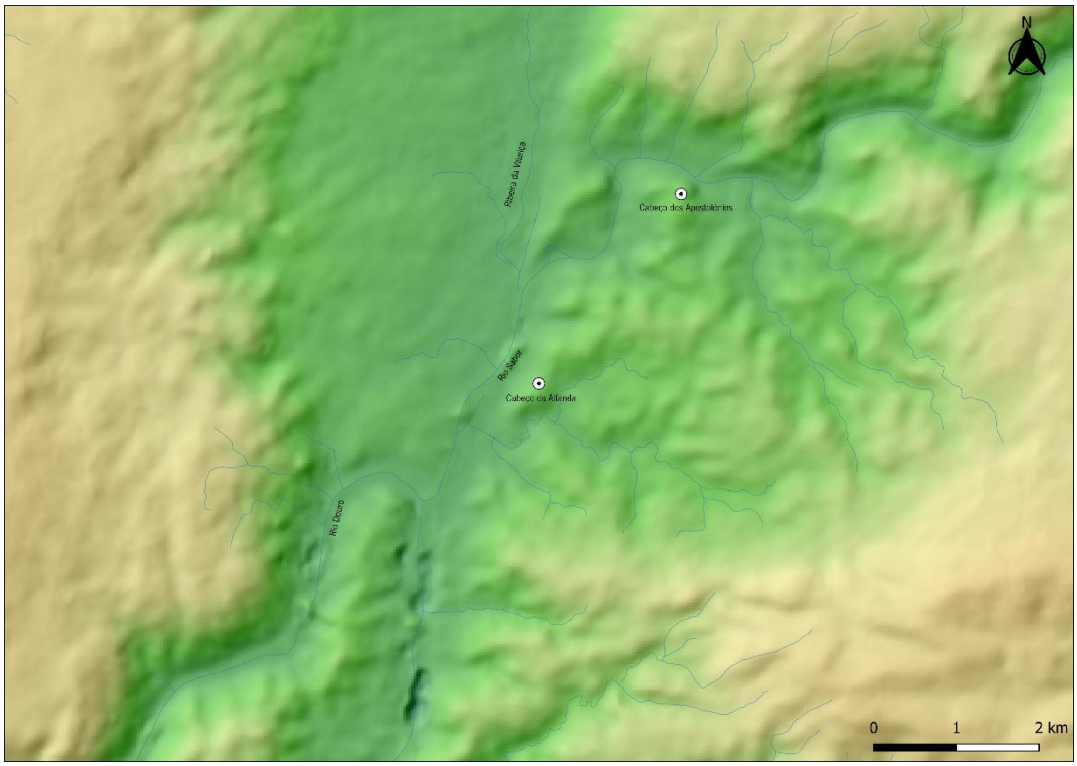


Figura 409 - Povoados do Cabeço dos Apostolónios e da Alfarela na margem esquerda do rio Sabor, no seu curso final, na escala 1:50 000.

Dois têm ocupação calcolítica e do Bronze Inicial (Baldoeiro e Senhora do Castelo), segundo Carlos Cruz (CRUZ, 2000) e Maria de Jesus Sanches (SANCHES, 1997: 283). O povoado de Barral dos Passadores poderá ter uma ocupação calcolítica, ainda que com as devidas ressalvas (CRUZ, 2000: 110, 111), e Santa Marinha também (CRUZ, 2000: 115). O castro de Santa Justa também poderá ter uma ocupação calcolítica, devido à descoberta de fragmentos de cerâmica penteada na superfície, aquando das várias visitas efetuadas a este sítio pelo autor deste trabalho.

Com ocupações do Bronze Final e da Idade do Ferro temos o caso do Castelo da Junqueira (CRUZ, 2000: 183, 184). Da Idade do Ferro encontram-se os povoados do Castelo dos Mouros, Castelo de Gouveia, Nossa Senhora dos Anúncios, Castelo da Mina e Cabeço de S. Pedro (CRUZ, 2000).

Há, ainda, vários povoados de cronologia indeterminada que não poderão correlacionar-se com os sítios de arte rupestre deste vale, o que constitui, agora, o maior número de ocorrências pré-históricas e proto-históricas deste vale (Fig. 410). Devemos salientar que, mesmo assim, apenas se incidiu o estudo na área do concelho de Alfandega da Fé, pelo que o número destas ocorrências no vale será consideravelmente maior.

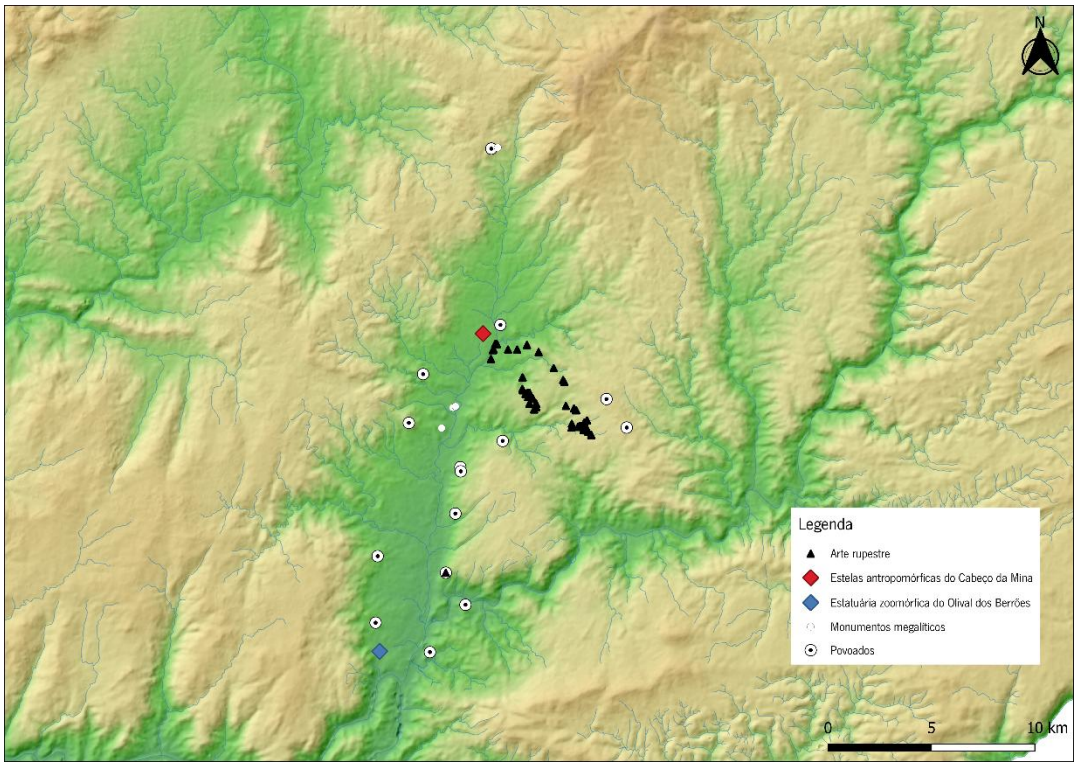


Figura 410 - Mapa geral com a arte rupestre, as estelas antropomórficas do Cabeço da Mina, a estatuária zoomórfica do Olival dos Berrões, os monumentos megalíticos e o povoamento, na escala 1:200 000.

3. Arte rupestre

3.1. Distribuição geográfica

A distribuição geográfica da arte rupestre em conjunto com os gravados, eventualmente aleatórios[8], ocorre, sobretudo, nos cursos de água tributários da margem esquerda da ribeira da Vilariça, a saber: ribeira de Ridevides; ribeiro das Pias; ribeira de Marcos; ribeira de Santa Justa; ribeira da Vilariça e ribeira de S. Martinho (Fig. 411).

Tal facto deve-se à prospeção arqueológica, efetuada no âmbito deste trabalho, ter incidido no território ao longo das linhas de água do concelho de Alfândega da Fé, bem como da prospeção realizada no âmbito da Carta do Património Concelhio, em 2021, pelo signatário deste trabalho. Para os concelhos vizinhos, apenas se referiram casos pontuais, resultantes de estudos publicados.

Assim, no concelho de Alfândega da Fé estão inventariadas sessenta e sete rochas com arte rupestre, principalmente na União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde com sessenta e cinco

[8] Dada a incerteza da intencionalidade da elaboração destes motivos como motivos simbólicos, resolvemos considerá-los nesta análise geral, embora não tenham sido considerados nas diferentes atribuições cronológico-culturais onde se inseriu a arte rupestre. De salientar que algumas das rochas com este tipo de motivos também apresentam outros passíveis de integração na categoria de arte rupestre.

rochas, seguindo-se a freguesia de Vilarelhos, com uma rocha. No concelho de Torre de Moncorvo está identificada uma rocha na União de Freguesias de Adeganha e Cardanha (Tab. 6).

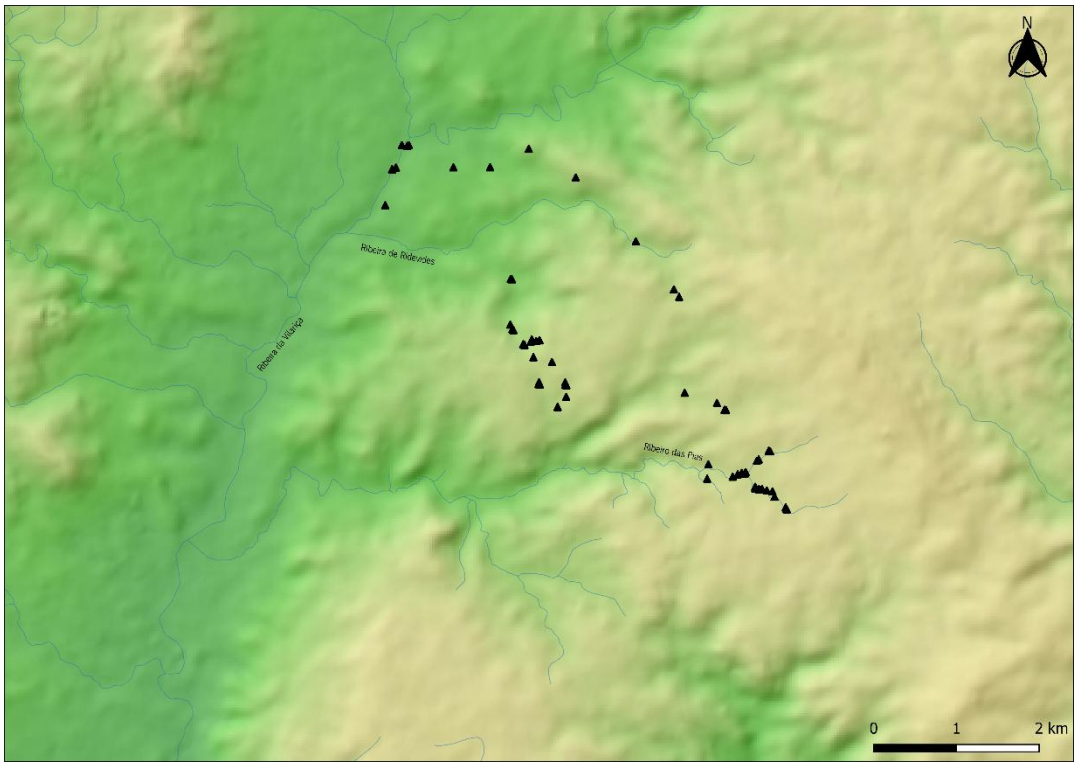


Figura 411 - Distribuição da arte rupestre nos tributários da margem esquerda da ribeira da Vilariça, na escala 1:50 000.

Tabela 6 - Distribuição da arte rupestre por concelhos

Sítios com arte rupestre	**Concelhos**
Favecas 1	Alfândega da Fé
Favecas 2	Alfândega da Fé
Favecas 3	Alfândega da Fé
Favecas 4	Alfândega da Fé
Favecas 5	Alfândega da Fé
Favecas 6	Alfândega da Fé
Favecas 7	Alfândega da Fé
Favecas 8	Alfândega da Fé
Favecas 9	Alfândega da Fé
Favecas 10	Alfândega da Fé
Favecas 11	Alfândega da Fé
Favecas 12	Alfândega da Fé
Favecas 13	Alfândega da Fé
Favecas 14	Alfândega da Fé
Favecas 15	Alfândega da Fé

Favecas 16	Alfândega da Fé
Favecas 17	Alfândega da Fé
Favecas 18	Alfândega da Fé
Favecas 19	Alfândega da Fé
Favecas 20	Alfândega da Fé
Favecas 21	Alfândega da Fé
Favecas 22	Alfândega da Fé
Favecas 23	Alfândega da Fé
Favecas 24	Alfândega da Fé
Fraga das Ferraduras	Alfândega da Fé
Ferraduras 2	Alfândega da Fé
Ridevides 4	Alfândega da Fé
Serrinha 1	Alfândega da Fé
Coutada 1	Alfândega da Fé
Coutada 2	Alfândega da Fé
Favecas 28	Alfândega da Fé
Favecas 29	Alfândega da Fé
Moinhos 1	Alfândega da Fé
Moinhos 2	Alfândega da Fé
Moinhos 3	Alfândega da Fé
Moinhos 4	Alfândega da Fé
Moinhos 5	Alfândega da Fé
Pias 1	Alfândega da Fé
Pias 2	Alfândega da Fé
Pias 3	Alfândega da Fé
Pias 4	Alfândega da Fé
Pias 5	Alfândega da Fé
Pias 6	Alfândega da Fé
Pias 7	Alfândega da Fé
Pias 8	Alfândega da Fé
Pias 9	Alfândega da Fé
Pias 10	Alfândega da Fé
Pias 11	Alfândega da Fé
Pias 12	Alfândega da Fé
Vale Concelho 1	Alfândega da Fé
Vale Concelho 2	Alfândega da Fé
Vale Concelho 3	Alfândega da Fé
Vale Concelho 4	Alfândega da Fé
Vale Concelho 5	Alfândega da Fé
Pedra Nova	Alfândega da Fé
Bogalheira 1	Alfândega da Fé
Bogalheira 2	Alfândega da Fé
Cabeço da Mina 1	Alfândega da Fé

Abrigo do Castro de Santa Justa	Alfândega da Fé
Pedra Escrita de Ridevides 1	Alfândega da Fé
Pedra Escrita de Ridevides 2	Alfândega da Fé
Vilariça 1	Alfândega da Fé
Vilariça 2	Alfândega da Fé
Vilariça 3	Alfândega da Fé
Vilariça 4	Alfândega da Fé
Poço da Moura	Alfândega da Fé
Penedo do Cobrão	Torre de Moncorvo

3.2. Contexto geomorfológico

O contexto geomorfológico em que foram identificadas as gravuras é uniforme, ou seja, corresponde à área de xistos, com uma exceção em granito porfiroide, de duas micas de grão grosseiro a médio (Fig. 412) - o Penedo do Cobrão (Estevais, Torre de Moncorvo). Quanto aos xistos, estes correspondem em alternância de filitos com laminação fina, paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, por vezes carbonatados (Fig. 412) (PEREIRA, 2000).



Figura 412 - Esquerda: contexto geomorfológico em xisto. Direita: contexto geomorfológico em granito. Fotografia do autor.

3.3. Tipo de superfícies gravadas

Relativamente ao tipo de superfícies gravadas, estas encontram-se em afloramentos com características distintas neste parâmetro, ou seja, quanto ao seu destacamento relativamente ao solo. Deste modo, foram três tipos. A saber: rasantes e pouco impressivos, destacados e impressivos e

destacados e pouco impressivos. Os rasantes e pouco impressivos são em menor número, apenas com três casos (4%). Os destacados e impressivos totalizam doze casos (18%) e, por fim, os destacados e pouco impressivos são os que mais se destacam do conjunto, totalizando cinquenta e dois casos (78%) (Tab. 7).

Tabela 7 - Tipo de superfície gravada relativamente ao seu destacamento

Tipo de superfície	Número de casos
Rasante e pouco impressiva	3 (4%)
Destacada e impressiva	12 (18%)
Destacada e pouco impressiva	52 (78%)
TOTAL	**67**

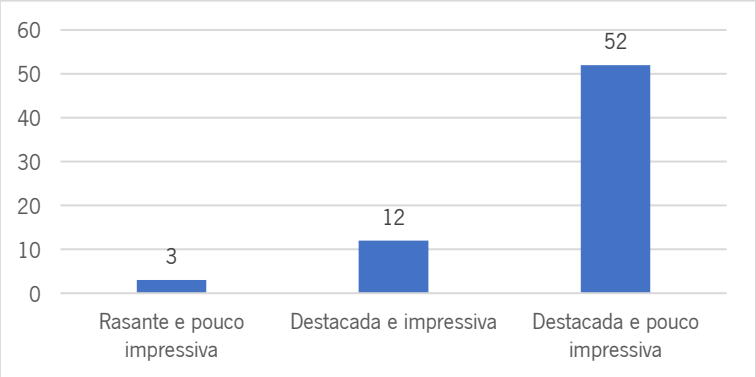


Gráfico 1 – Impressividade dos afloramentos com superfícies gravadas.

Quanto aos painéis gravados, estes apresentam-se de três formas, ou seja, horizontalizados, apenas com um caso (2%), em pendente ou subverticais com dezoito casos (24%) e verticalizados em cinquenta e cinco casos (74%) (Fig. 413) (Tab. 8).

Tabela 8 - Tipo de superfície dos painéis gravados

Tipo de superfície dos painéis gravados	Número de casos
Horizontalizado	1 (2%)
Pendente ou subvertical	18 (24%)
Verticalizado	55 (74%)
TOTAL	**74**

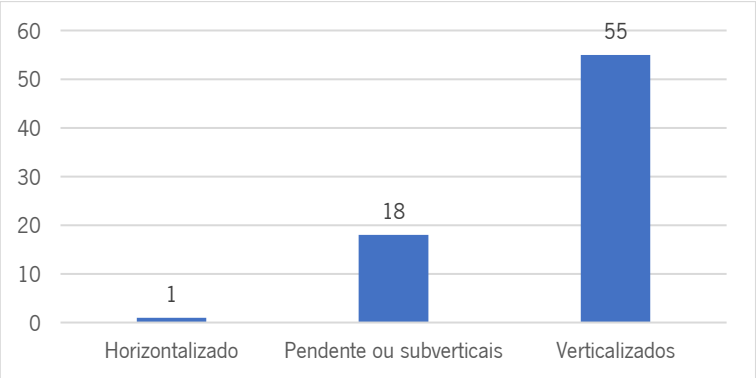


Gráfico 2 – Tipo de superfície dos painéis gravados.



Figura 413 - Da esquerda para a direita: exemplos de superfície horizontalizada, com pendente ou subvertical e verticalizada. Fotografia do autor.

3.4. Técnicas

Nas sessenta e sete rochas com arte rupestre verificaram-se cinco técnicas distintas: pintura (Fig. 414), raspagem, incisão fusiforme, incisão filiforme e picotado, por vezes coincidentes na mesma superfície (Fig. 415).



Figura 414 - Painel A da Fraga das Ferraduras com as técnicas de pintura e incisão filiforme. Fotografia do autor.



Figura 415 - Alguns exemplos das várias técnicas de gravação. Em cima: incisão fusiforme na rocha da Vilariça 4. Ao centro: incisão filiforme da rocha de Pias 11. Em baixo da esquerda para a direita: covinha do abrigo do Castro de Santa Justa e picotados da Fraga das Ferraduras. Fotografias do autor.

A pintura foi descoberta apenas num caso (1%). A incisão fusiforme ocorre em dez casos (9%). A raspagem aparece em vinte e três casos (22%). O picotado existe em vinte e quatro casos (22%) e, por fim, a técnica filiforme, sendo a mais usada, surge em cinquenta rochas (46%) (Tab. 9).

Tabela 9 - Várias técnicas existentes na área de trabalho

Técnica	Número de casos
Pintura	1 (1%)
Incisão fusiforme	10 (9%)
Raspagem	23 (22%)
Picotado	24 (22%)
Incisão filiforme	50 (46%)
TOTAL	**108**

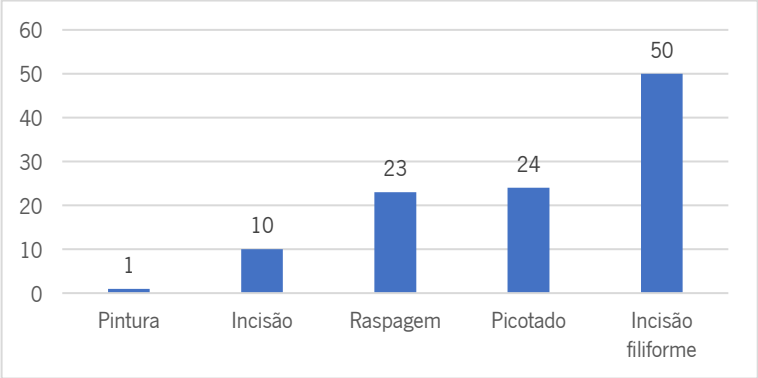


Gráfico 3 – Técnicas de gravação.

A pintura aparece apenas no painel A da Fraga das Ferraduras, em Eucísia, no concelho de Alfândega da Fé (Fig. 416).

As incisões fusiformes aparecem em Favecas 14, Ridevides 4, Pias 1, Pedra Nova, Cabeço da Mina 1, Pedra Escrita de Ridevides 1, Pedra Escrita de Ridevides 2, Vilariça 4, Poço da Moura e Penedo do Cobrão.

As rochas com raspagem surgem em Favecas 1, Favecas 5, Favecas 6, Favecas 8, Favecas 9, Favecas 10, Favecas 16, Favecas 17, Favecas 19, Favecas 21, Bogalheira 2, Vilariça 1, Pias 2, Vale Concelho 1, Vale Concelho 3, Favecas 2, Favecas 3, Favecas 4, Ridevides 4, Abrigo do Castro de Santa Justa, Vilariça 2, Favecas 28 e Pias 10.

As rochas que contêm picotado são Favecas 3, Favecas 8, Favecas 9, Favecas 12, Favecas 15, Favecas 16, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Ridevides 4, Serrinha 1, Coutada 1, Moinhos 1, Moinhos 4, Pias 1, Pias 2, Pias 5, Pias 6, Pias 9, Pias 12, Pedra Nova, Cabeço da Mina 1, Abrigo do Castro de Santa Justa, Pedra Escrita de Ridevides 1 e Poço da Moura.

As rochas que contêm gravuras filiformes são Favecas 1, Favecas 3, Favecas 6, Favecas 7, Favecas 8, Favecas 11, Favecas 12, Favecas 13, Favecas 14, Favecas 15, Favecas 17, Favecas 18,

Favecas 20, Favecas 22, Favecas 23, Favecas 24, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Ridevides 4, Serrinha 1, Coutada 1, Coutada 2, Favecas 28, Favecas 29, Moinhos 2, Moinhos 3, Moinhos 4, Moinhos 5, Pias 1, Pias 2, Pias 3, Pias 4, Pias 5, Pias 6, Pias 7, Pias 8, Pias 9, Pias 10, Pias 11, Vale Concelho 1, Vale Concelho 2, Vale Concelho 4, Vale Concelho 5, Pedra Nova Bogalheira 1, Cabeço da Mina 1, Abrigo do Castro de Santa Justa, Pedra Escrita de Ridevides 1, Pedra Escrita de Ridevides 2 e Vilariça 3.

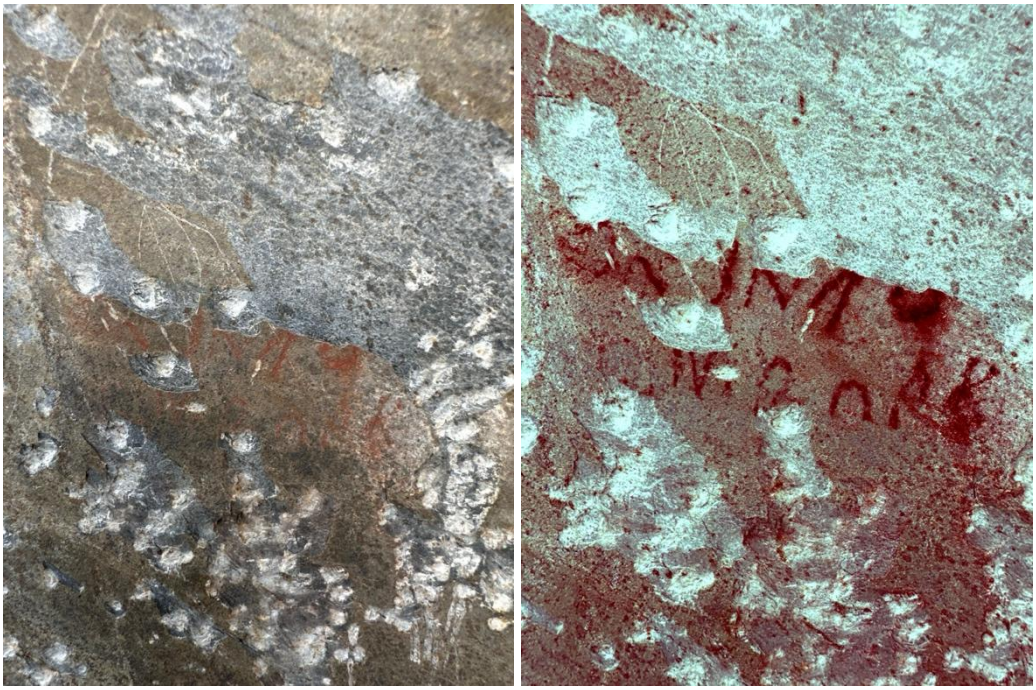


Figura 416 - Painel A da Fraga das Ferraduras com pinturas. Esquerda: fotografia sem filtro. Direita: fotografia com filtro CRGB.

Pode verificar-se que há rochas que apresentam a gravação de motivos, efetuados por várias técnicas.

Com apenas uma técnica há vinte e dois casos; com duas técnicas há dezanove casos; com três técnicas há nove casos e com quatro, apenas um exemplar. Aqui, subdividimos a incisão filiforme da incisão mais profunda, ou seja, a fusiforme.

As combinações mais frequentes são a incisão filiforme e o picotado. Encontram-se neste caso as rochas Favecas 3, Favecas 8, Favecas 12, Favecas 15, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Ridevides 4, Serrinha 1, Coutada 1, Moinhos 4, Pias 1, Pias 2, Pias 5, Pias 6, Pias 9, Pedra Nova, Abrigo do Castro de Santa Justa e Pedra Escrita de Ridevides.

Há apenas um caso onde coexistem três técnicas (incisão, picotado e pintura). Trata-se da Fraga das Ferraduras.

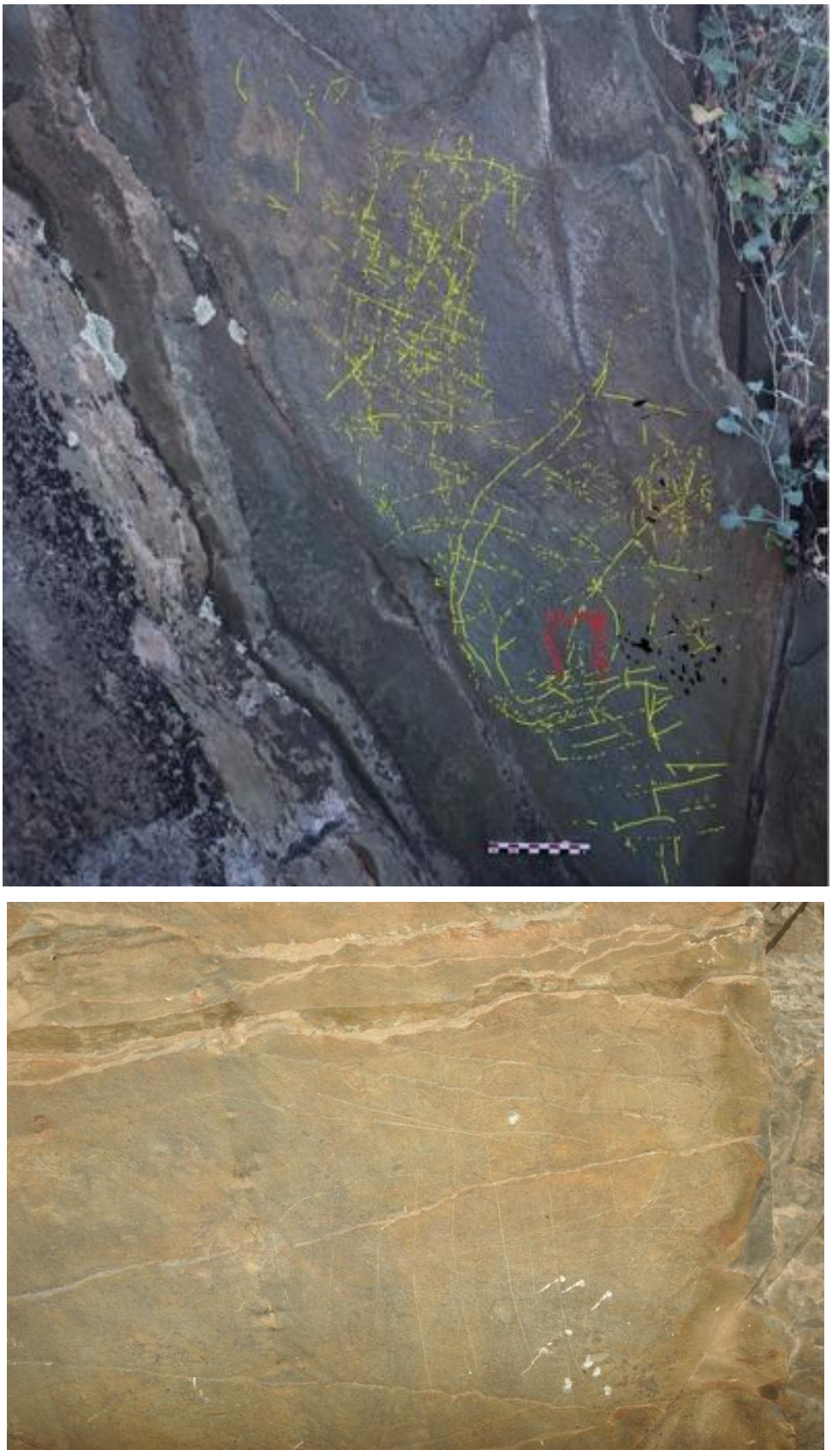


Figura 417 - Em cima: o motivo em U picotado sobrepõe-se às incisões filiformes do painel B de Favecas 3. Em baixo: pontos dispersos picotados sobre a incisão filiforme de Moinhos 4. Fotografias do autor.

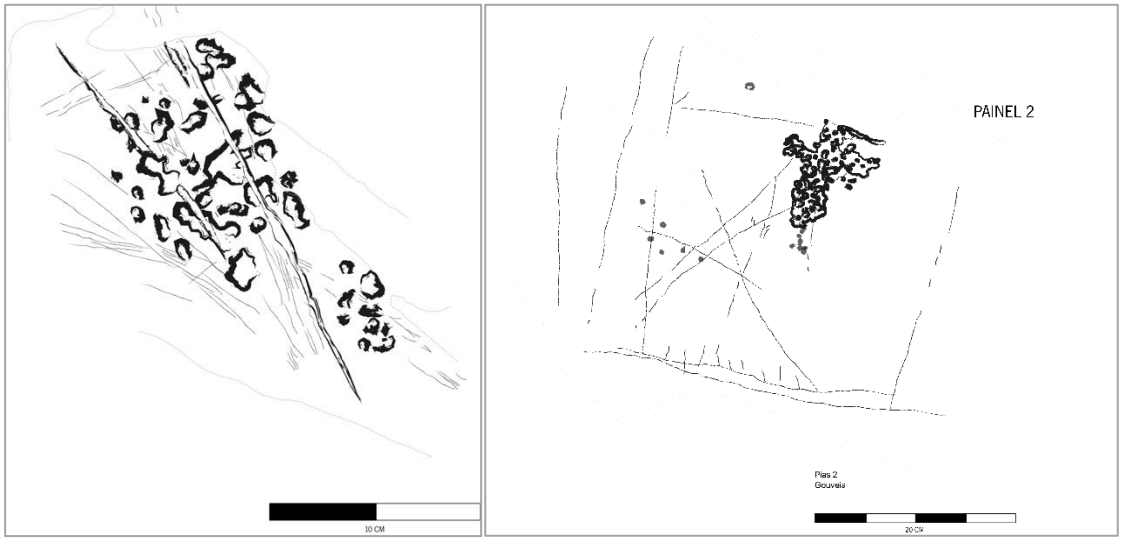


Figura 418 - Esquerda: os pontos picotados sobrepõem-se às linhas filiformes, em Pias 1. Direita: o cruciforme foi picotado sobre linhas incisas filiformes em Pias 2.

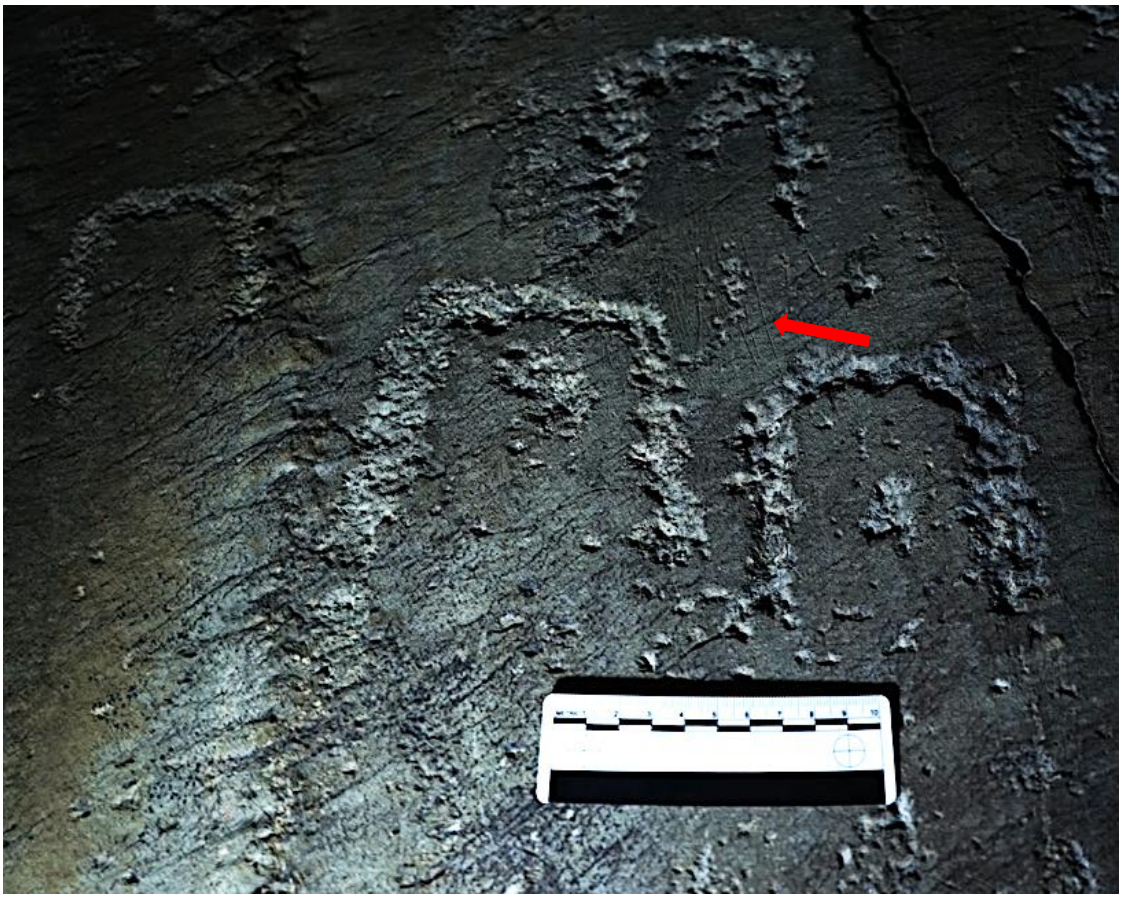


Figura 419 - Motivos picotados sobrepostos a incisões filiformes em Pias 6. A seta indica os filiformes. Fotografia do autor.

3.4.1 A arte pintada

3.4.1.1. Distribuição geográfica e contexto físico

O único caso onde surgiram motivos pintados foi na Fraga das Ferraduras, localizada na União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde, no concelho de Alfândega da Fé.

Trata-se de uma rocha situada na margem direita de uma linha de água da margem esquerda da ribeira de Ridevides, afluente da margem esquerda da ribeira da Vilariça. Situa-se a 426 m de altitude com acesso, quer ao longo das linhas de água com vales bastante encaixados, quer pelo topo dos montes, relativamente fácil.

Quanto às condições de visibilidade a partir das gravuras, este aspeto teve como base a análise cartográfica. No entanto, é de ressalvar que existem variantes que podem influenciar esta questão como, por exemplo, o coberto vegetal quando foram efetuadas as pinturas. A partir da Fraga das Ferraduras é possível ver um pequeno vale no sentido sudeste-noroeste para além dos relevos circundantes (Fig. 420). É certo que o meio foi bastante antropizado, mas a diferença substancial seria a menor deposição aluvionar a noroeste desta rocha, quando foi pintada.

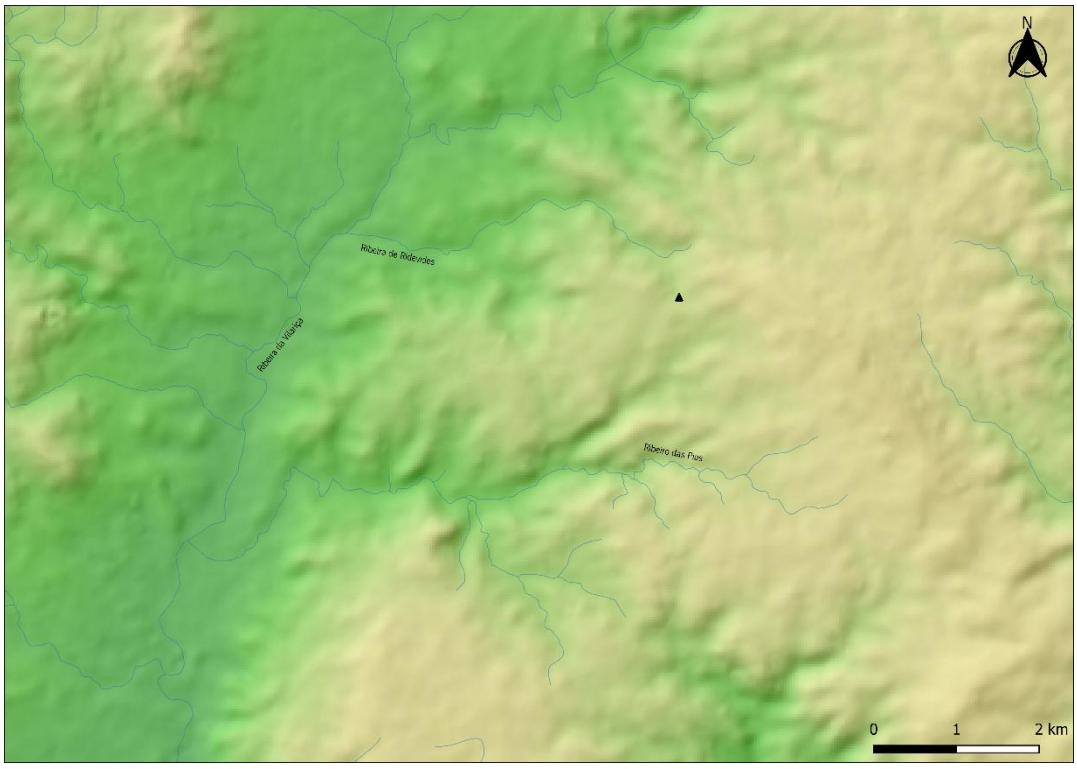


Figura 420 - Localização da Fraga das Ferraduras com pintura, na escala 1:50 000.

É em xisto e localiza-se na Formação da Desejosa onde existe a alternância de filitos com laminação fina paralela, metagrauvaques e metaquartzo grauvaques, por vezes carbonatados (PEREIRA, 2000).

Apresenta superfícies planas de grandes dimensões, com mais de 1 m^2, mas também superfícies muito mais pequenas e que também se encontram gravadas. As de maiores dimensões são pouco fraturadas, contrastando com as mais pequenas que são formadas precisamente pela forte fratura do afloramento.

A pintura encontra-se numa superfície com as maiores dimensões.

O painel A da Fraga das Ferraduras, onde se encontram os motivos pintados encontra-se orientado para sudeste (Fig. 421). Relativamente às condições de visualização das gravuras, estas são de fácil visualização a partir de sudeste, sudoeste e sul. A partir dos restantes pontos cardeais, não são visíveis, uma vez que o afloramento é vertical.



Figura 421 - Vista geral a partir de sudoeste da rocha Fraga das Ferraduras. A seta indica onde se encontram as pinturas. Fotografia do autor.

3.4.1.2. Localização e características

Os motivos pintados, que estavam inéditos, encontram-se na parte mesial direita do painel, numa área contígua a estalamentos que os destruíram parcialmente (Fig. 422). A coloração é alaranjada, em todos os motivos. As suas dimensões são bem mais pequenas do que as restantes gravuras existentes nesta rocha efetuadas com incisões filiformes e picotados, sendo inferiores a 1 cm.



Figura 422 - Painel A da Fraga das Ferraduras onde é possível verificar a verticalidade da superfície. A seta indica a localização da pintura. Fotografia do autor.

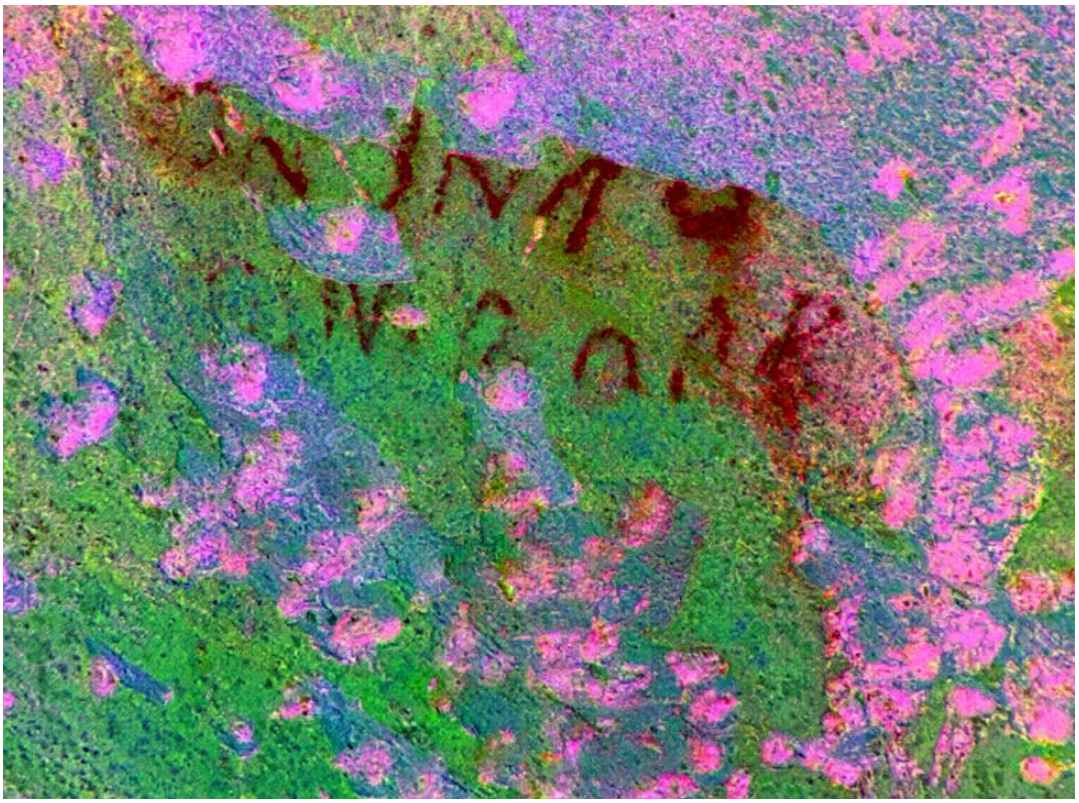


Figura 423 - Pintura da Fraga das Ferraduras com filtro CRGB aplicado através do *iDStretch*.

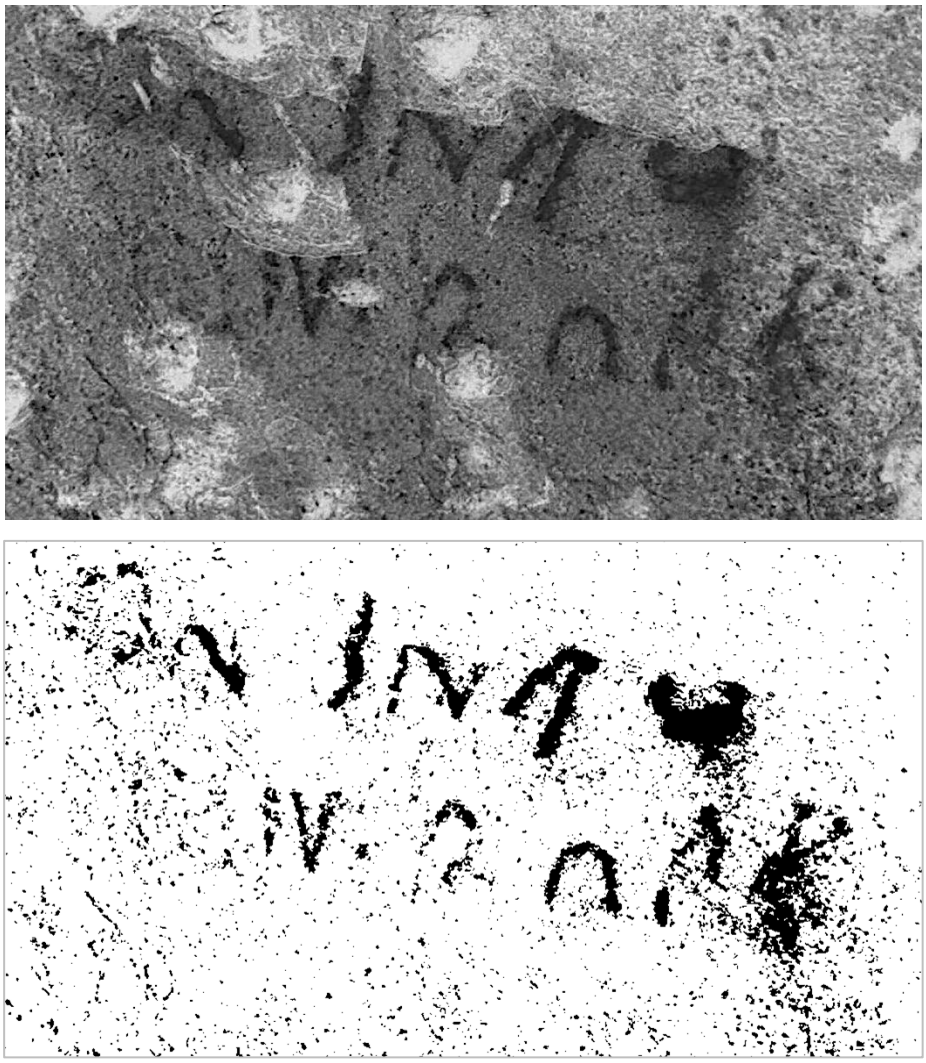


Figura 424 – Aplicação de filtro a preto e branco sobre a fotografia das pinturas da Fraga das Ferraduras.

Os motivos pintados são de difícil compreensão devido à sua destruição parcial. No entanto, na extremidade do lado direito parece visualizar-se, pelo menos, um antropomorfo esquemático, com os membros inferiores em V invertido e com o corpo mal definido, mas onde se parece notar um braço. A cabeça, alargada, é provida do que parecem cornos, arqueados para o interior. Ao seu lado direito, uma outra figura tem a cabeça pouco definida em relação ao tronco, embora pareça suportar hastes que terminam com um pequeno círculo. Não se consegue perceber se se trata de um antropomorfo ou de um animal, neste caso com as hastes engalanadas. Na proximidade do antropomorfo, ao seu lado esquerdo, parece existir, ainda, os membros inferiores de um outro antropomorfo, cujo resto foi destruído, a par de outras linhas e do que parece um círculo na extremidade do lado esquerdo. Na linha de baixo, há, ainda, dois motivos abertos entre outros difíceis de definir (Figs. 423, 424 e 425).



Figura 425 - Levantamento das pinturas da Fraga das Ferraduras através de filtro no *Adobe Photoshop*.

3.4.1.3. Sobreposições de motivos e problemáticas cronológicas

Na Fraga das Ferraduras, como já foi referido, existem motivos incisos e picotados. Tal com se pode verificar na fotografia, os motivos incisos (um sulco oblíquo e aquilo que parece ser uma ponta de lança com nervura central (?)) sobrepõem-se a alguns motivos pintados, como identificado na linha de cima (Fig. 425). Estas também são sobrepostas pelos motivos em U, picotados, como é nítido em ambas as bandas de pinturas, interrompendo vários linhas (Fig. 425).

Neste sentido, os motivos pintados são os mais antigos deste lugar. A discussão sobre as cronologias das várias técnicas será efetuada no capítulo da Discussão dos Dados e Interpretações.



Figura 426 - Pormenor das pinturas da Fraga das Ferraduras. É possível verificar a sobreposição das incisões filiformes e dos picotados, bem com o destacamento de uma parte da rocha onde, muito provavelmente, ainda existia pintura. Fotografia do autor.

3.4.2. As gravuras rupestres por raspagem

3.4.2.1. Distribuição geográfica e contexto físico

Foram identificadas vinte e três rochas com motivos efetuados através da raspagem, embora algumas destas rochas (46) possam ter sido gravadas com intuitos aleatórios em épocas históricas não podendo ser consideradas propriamente arte rupestre (Fig. 427)

Estas encontram-se no concelho de Alfândega da Fé, na União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde, embora seja a freguesia de Eucísia que contenha a maior quantidade.

Estes sítios ocorrem ao longo de linhas de água, tributárias da margem esquerda da ribeira da Vilariça, entre os 189 e os 484 m de altitude.

No que à topografia diz respeito, encontram-se cinco rochas em contexto de vertente e dezoito no vale, nove delas muito próximas do leito de inundação das linhas de água que aqui correm. Nos afluentes da margem esquerda da ribeira da Vilariça onde as rochas em contexto de vertente se encontram, as pendentes podem ser suaves ou relativamente abruptas. No entanto, o acesso, quer seja ao longo das linhas de água, quer pelo topo dos montes, é relativamente fácil.

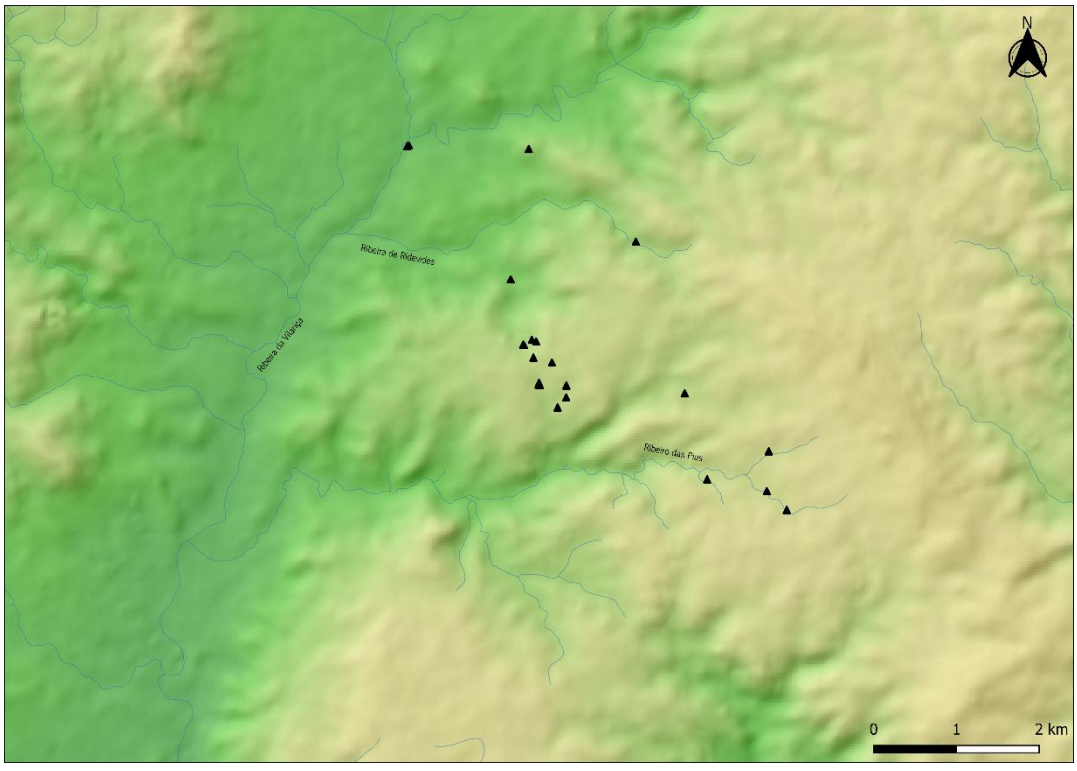


Figura 427 - Rochas com gravuras efetuadas através da técnica de raspagem, na escala 1:50 000.

Nas imediações das rochas gravadas, existem vários afloramentos de dimensões variadas que podem ser pequenos, não ultrapassando 1 m², até afloramentos com algumas dezenas de m².

Os vinte três afloramentos com gravuras efetuadas através da técnica de raspagem, partilham as mesmas características, uma vez que, do ponto de vista geológico, encontram-se no mesmo local, ou seja, na Formação da Desejosa onde existe a alternância de filitos com laminação fina paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, por vezes carbonatados (PEREIRA, 2000), correspondendo a afloramentos em xisto.

Embora se destaquem no meio físico, as rochas com esta técnica de gravação, são, maioritariamente (67%), pouco impressivas (Fig. 428), existindo, até, outras de maiores dimensões nas imediações. Estes correspondem a Favecas 1, Favecas 5, Favecas 6, Favecas 8, Favecas 9, Favecas 10, Favecas 16, Favecas 17, Favecas 19, Favecas 21, Bogalheira 2 e Vilariça 1, na freguesia de Eucísia e Pias 2, Vale Concelho 1 e Vale Concelho 3, na freguesia de Gouveia (Tab. 10).

Os mais impressivos, gravados em afloramentos destacados no meio físico, correspondem a 8 (33%) (Fig. 429). São Favecas 2, Favecas 3, Favecas 4, Ridevides 4, Abrigo do Castro de Santa Justa e Vilariça 2, na freguesia de Eucísia e Favecas 28 e Pias 10, na freguesia de Gouveia (Tab. 10).

Tabela 10 - Tipo de afloramento com raspagem relativamente ao seu destacamento no meio físico

Tipo de afloramento	**Nº de afloramentos**
Destacado e impressivo	8 (33%)
Destacado, mas pouco impressivos	15 (67%)
TOTAL	**23**

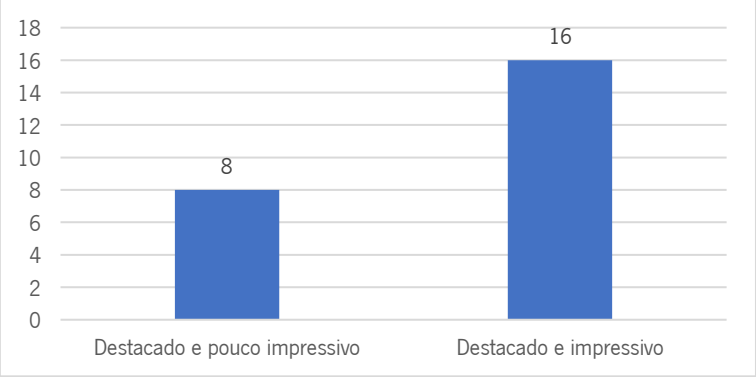


Gráfico 4 - Percentagem das gravuras efetuadas através da técnica de raspagem relativamente à impressividade dos afloramentos.



Figura 428 - Alguns exemplos de afloramentos destacados e pouco impressivos. A escala é de 50 cm. Só são visíveis a partir de um ponto cardeal. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 1 e Vilariça 1. Em baixo da esquerda para a direita: Moinhos 1 e Vale Concelho 3. Fotografias do autor.





Figura 429 - Alguns exemplos de afloramentos gravados, destacados e impressivos no meio físico. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 3 e Vilariça 2. Em baixo da esquerda para a direita: Favecas 28 e Pias 10. Fotografias do autor.

Relativamente à dimensão dos afloramentos, consideramos que as rochas são de pequena a média dimensão, atendendo à generalidade do tamanho dos afloramentos gravados.

Quanto à superfície dos afloramentos, estas são aplanadas, de dimensões muito variadas, existindo algumas com mais de 1 m². As de maiores dimensões são pouco fraturadas, contrastando com as mais pequenas que se inserem e parecem dialogar, com as fraturas do afloramento.

Os painéis onde se encontram são subverticais, em seis casos (24%) ou verticais, em dezanove casos (76%) (Tab. 11).

Tabela 11 - Forma das superfícies com motivos efetuados por raspagem

Forma das superfícies	**Nº de afloramentos**
Subvertical	6 (24%)
Vertical	19 (76%)
TOTAL	**25**

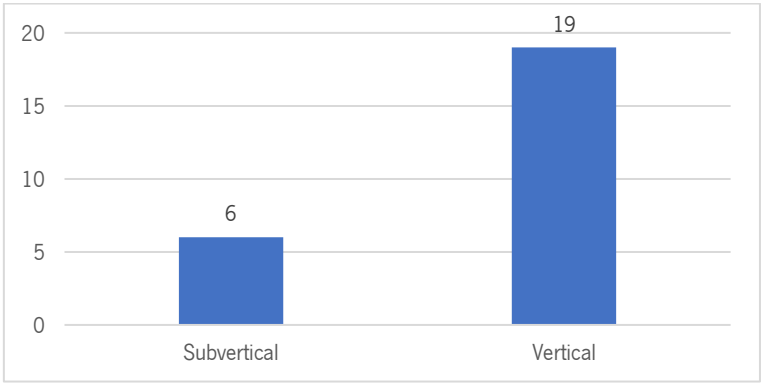


Gráfico 5 – Tipo de superfície dos painéis gravados com a técnica de raspagem.

Os painéis gravados apresentam orientações distintas. Sendo maioritários os orientados para oeste (44%), seguidos dos orientados para sudoeste (26%). Para noroeste existem dois (7%), para sudeste, dois (7%), para sul três (11%) e para norte um (4%) (Tab. 12). De uma forma geral a maioria orienta-se para diferentes posições do sol durante o ocaso, ao longo do ano (noroeste, oeste, sudoeste) em 77% dos casos. Os restantes para nascente no solstício de inverno (sudeste) e para estrelas de orientação (norte e sul), o que evidencia que tais escolhas não foram arbitrárias.

Tabela 12 - Orientação dos painéis com motivos efetuados por raspagem

Orientação dos painéis gravados	Nº de painéis
Norte	1 (4%)
Noroeste	2 (7%)
Sudeste	2 (7%)
Sul	3 (11%)
Sudoeste	7 (26%)
Oeste	12 (44%)
TOTAL	**27**

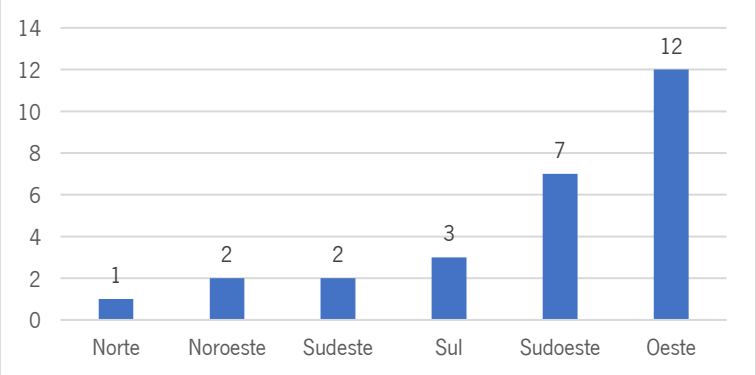


Gráfico 6 - Orientação dos painéis com motivos efetuados por raspagem.

Os painéis gravados orientados para oeste encontram-se em Favecas 1, Favecas 2, Favecas 3 (um painel), Favecas 4, Favecas 5, Favecas 6, Favecas 8, Favecas 9, Favecas 10, Favecas 17, Favecas 19 e Favecas 21. Para sul, encontram-se Favecas 3 (um painel), Moinhos 1 e um painel do Abrigo do Castro de Santa Justa. Para sudoeste estão Ridevides 4 (um painel), Favecas 28 (3 painéis), Pias 2, Pias 10, Vale Concelho 1, Vale Concelho 3 e Bogalheira 2. Um painel de Ridevides 4 e Favecas 28 encontram-se orientados para noroeste. Para sudeste encontram-se os painéis gravados de Vilariça 1 e Vilariça 2 e para norte, apenas o painel do Abrigo do Castro de Santa Justa.

3.4.2.2 Condições de visibilidade e de visualização das gravuras

Relativamente às condições de visualização das gravuras, pode admitir-se que estas são de fácil visualização, uma vez que se encontram em painéis verticais ou subverticais e, quase sempre, de fácil acesso. Estando junto aos afloramentos, as superfícies gravadas são todas de fácil visualização.

Relativamente às condições de visibilidade a partir destas rochas, este aspeto teve como base a análise cartográfica a partir do sítio. No entanto, é de ressalvar que existem variantes que podem influenciar esta questão como, por exemplo, o coberto vegetal quando foram efetuadas as gravuras. Deste modo, as rochas Favecas 3 e o Abrigo do Castro de Santa Justa apresentam uma visibilidade ampla (9%) para o frequentador destes locais. Relativamente à visibilidade reduzida, esta faz-se sempre para um pequeno vale, como são os casos de Favecas 5, Ridevides 4, Favecas 28, Moinhos 1 e Vale Concelho 1 (17%). Favecas 2, Favecas 6, Favecas 8, Favecas 16, Favecas 17, Favecas 19 e Favecas 21, também apresentam uma visibilidade ampla, mas apenas para um pequeno planalto (35%). A visibilidade ampla para o vale foi registada nos casos de Favecas 4, Favecas 9, Favecas 10, Pias 2, Pias 10, Vale Concelho 3, Bogalheira 2, Vilariça 1 e Vilariça 2 (39%) (Tab. 13).

Tabela 13 - Alcance visual a partir das rochas com motivos efetuados por raspagem

Alcance visual	Nº de rochas
Ampla	2 (9%)
Reduzida para vale	4 (17%)
Ampla para planalto	8 (35%)
Ampla para vale	9 (39%)
TOTAL	**23**

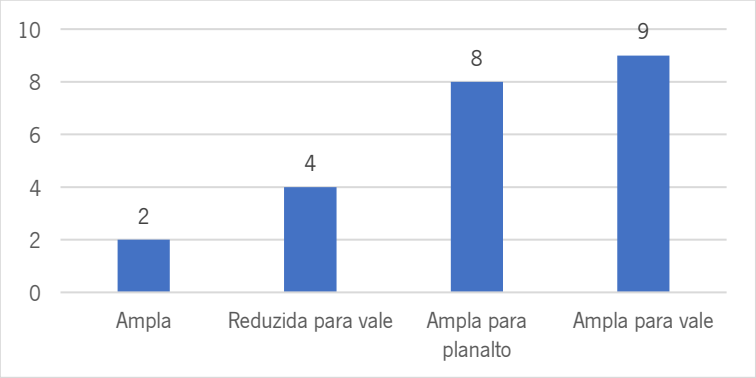


Gráfico 7 – Alcance visual a partir das rochas com motivos efetuados por raspagem.

3.4.2.3 Características

A raspagem corresponde a uma técnica efetuada apenas sobre o xisto onde os motivos são relativamente ténues. Para a sua gravação foi usado, provavelmente, um material com dureza igual ou inferior à da superfície gravada, deixando uma marca apenas raspada e não incisa. Ou seja, não há sulco na rocha. As larguras dos motivos variam entre 1 e 10 cm, sendo o comprimento também bastante variável, entre 1 e 15 cm.

Os motivos gravados através de raspagem são de difícil compreensão. Nesta situação contabilizámos doze casos, eventualmente gravuras aleatórias sem carácter simbólico. Nestes ocorrem raspagens dispersas parecendo formar um "caos" que não permite aferir com relativa segurança a existência de motivos. No entanto, foi possível identificar alguns motivos geométricos (em nove casos) e figurativos (em seis casos). No primeiro caso encontram-se triângulos (seis casos), retângulos (um caso), axadrezados (dois casos), pontos (dois casos) e linhas (vinte e sete casos). No segundo ocorrem antropomorfos (quatro casos), zoomorfos (dois casos) - embora um deles suscite algumas dúvidas (Favecas 3), uma eventual arma, cruciformes (um caso) e pentagramas (quatro casos).

Entre os motivos geométricos, os mais representativos são as linhas que ocorrem em vinte e sete casos. Estes podem apresentar-se dispersos (doze casos); paralelos entre si (na vertical, diagonal ou horizontal) (dez casos); em ziguezague (um caso); curvos (dois casos) ou sulco único (um caso). As linhas raspadas paralelas, verticais e horizontais encontram-se representadas com três casos cada. As linhas paralelas diagonais, em cinco casos e as linhas curvas, em dois casos.

As linhas dispersas encontram-se em Favecas 2, Favecas 3, Favecas 5, Favecas 6, Favecas 8, Favecas 9, Ridevides 4, Favecas 28, Pias 2, Vale Concelho 3, Bogalheira 2 e Abrigo do Castro de Santa Justa (Fig. 430). Quanto às linhas paralelas, na vertical, diagonal ou horizontal, foram identificadas em Favecas 1, Favecas 2, Favecas 3, Favecas 8, Favecas 9, Favecas 19, Pias 2, Pias 10, Abrigo do Castro de Santa Justa e Vilariça 2 (Fig. 431). Os ziguezagues surgem em Favecas 5 e Favecas 19 (Fig. 432). As linhas curvas, verificam-se em Pias 2 e no Abrigo do Castro de Santa Justa. A gravação de apenas uma linha foi identificada em Favecas 17.

Os triângulos abertos encontram-se em Favecas 5 e em Vale Concelho 1 e os triângulos fechados em Favecas 21 (Fig. 433). Há um retângulo preenchido com linhas diagonais em Favecas 21. Os axadrezados, ainda que ténues, surgem no Abrigo do Castro de Santa Justa e na rocha da Vilariça 1 (Fig. 433). Quanto aos pontos dispersos, estes estão presentes em Favecas 16 e Favecas 28 (Fig. 434).

No grupo dos motivos figurativos há apenas um possível antropomorfo em Favecas 28 (Fig. 434). Surge, ainda, uma possível representação de arma - neste caso uma ponta de lança (?), em Favecas 9 (Fig. 435). De assinalar um motivo cruciforme em Favecas 16 (Fig. 435) e pentagramas em Favecas 1, Pias 2 e Vilariça 1 (Fig. 436).

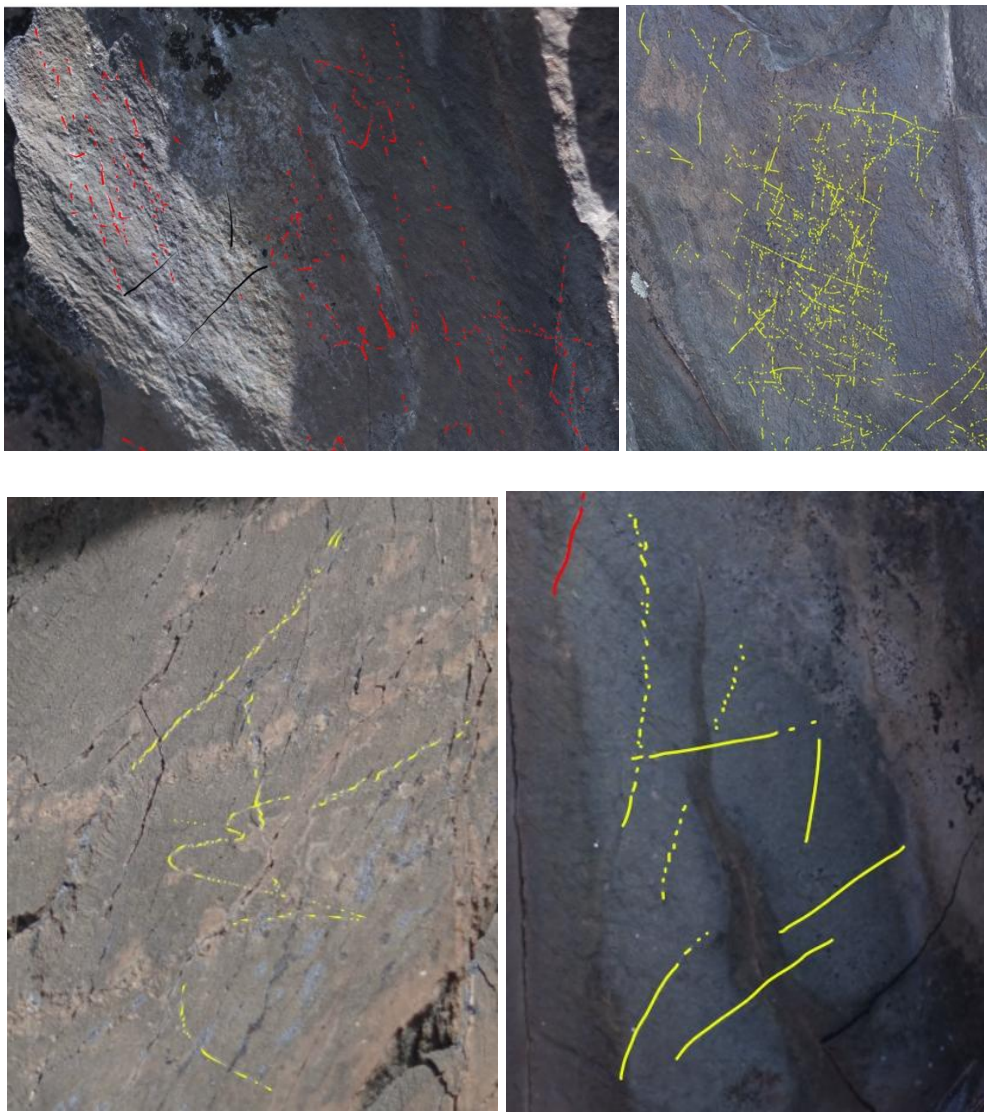


Figura 430 - Alguns exemplos de linhas dispersas raspadas, eventualmente gravados aleatórios. Em cima, da esquerda para a direita: painel B de Favecas 1 e painel B de Favecas 3. Em baixo, da esquerda para a direita: painel A de Favecas 5 e Favecas 8. Levantamento sobre fotografia.

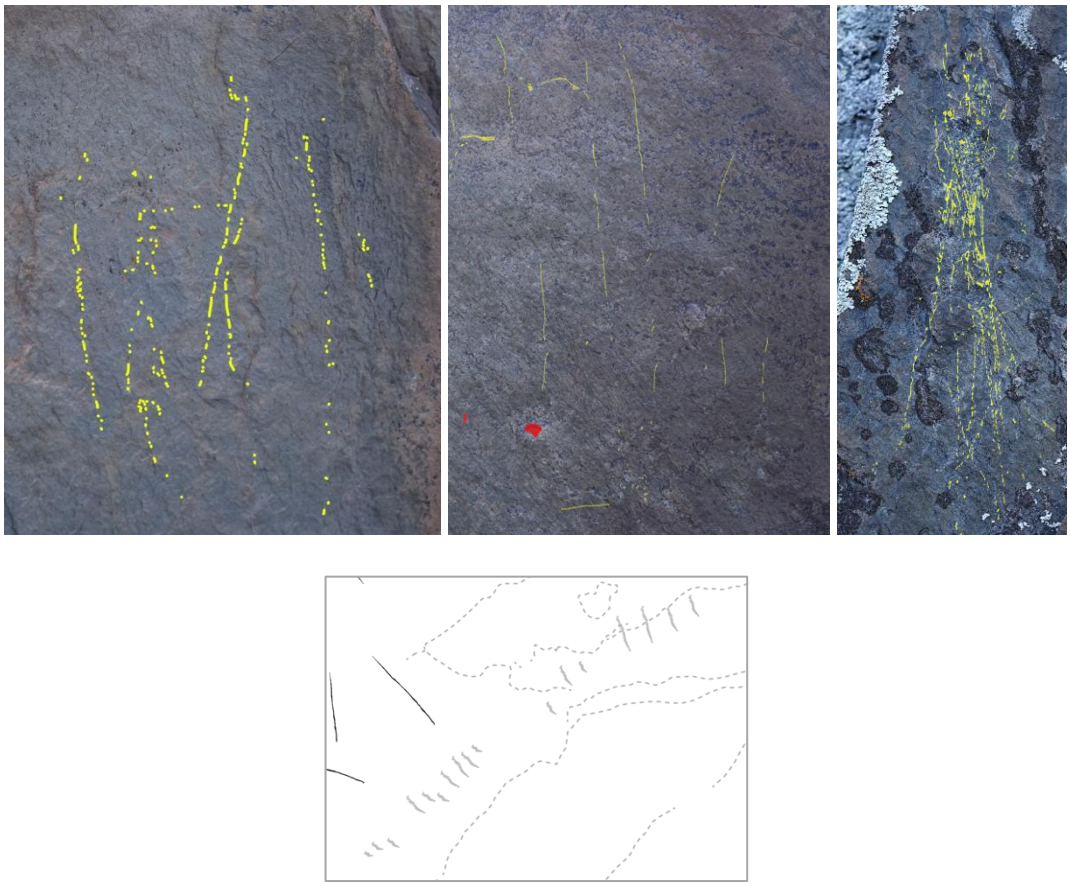


Figura 431 - Alguns exemplos de linhas paralelas efetuadas através da técnica de raspagem, eventualmente gravados aleatórios. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 8, Favecas 9 e Favecas 19. Levantamento sobre fotografia. Em baixo: painel de A Pias 10.

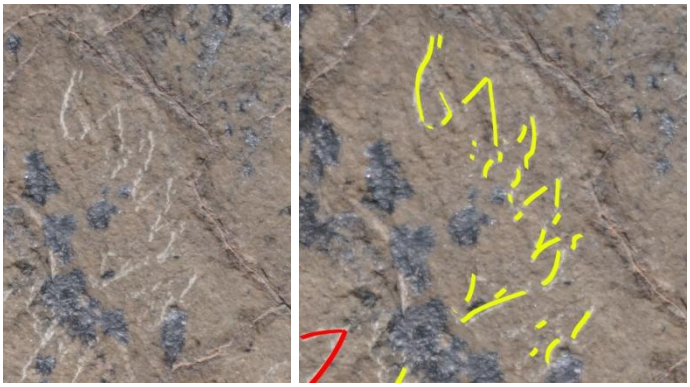


Figura 432 - Linhas em ziguezague raspadas, em Favecas 5, eventualmente gravados aleatórios. Levantamento sobre fotografia.



Figura 433 - Exemplo de um grande retângulo preenchido, efetuadas através da técnica de raspagem de Favecas 21. Gravura aleatória? Levantamento sobre fotografia.

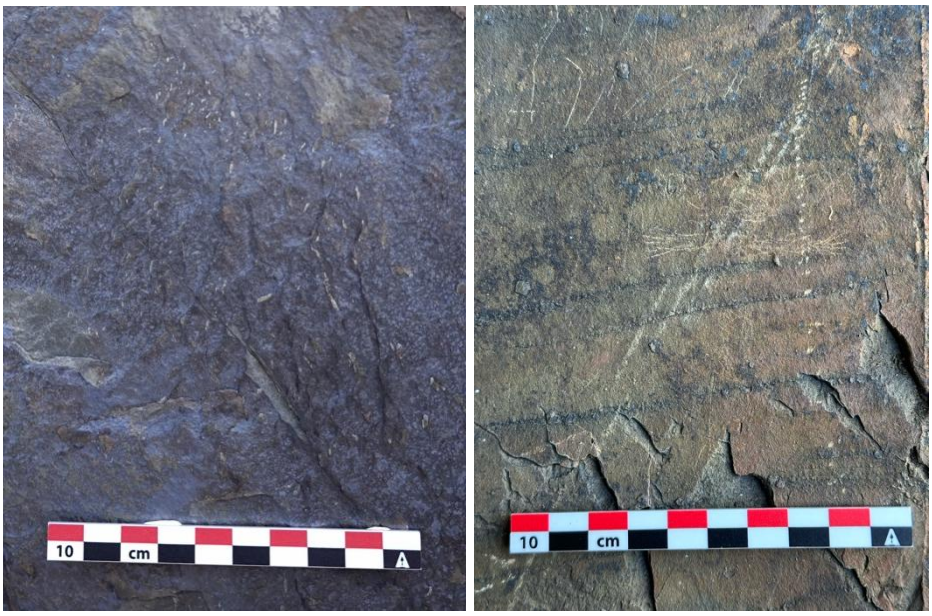


Figura 434 - Pontos dispersos, raspados, em duas rochas distintas. Da esquerda para a direita: Favecas 15 e Favecas 28. Nesta rocha, os pontos sobrepõem-se a um antropomorfo raspado. Estes dois motivos têm patines diferentes. Os pontos poderão ser vandalizações ou gravuras aleatórias. Fotografias do autor.

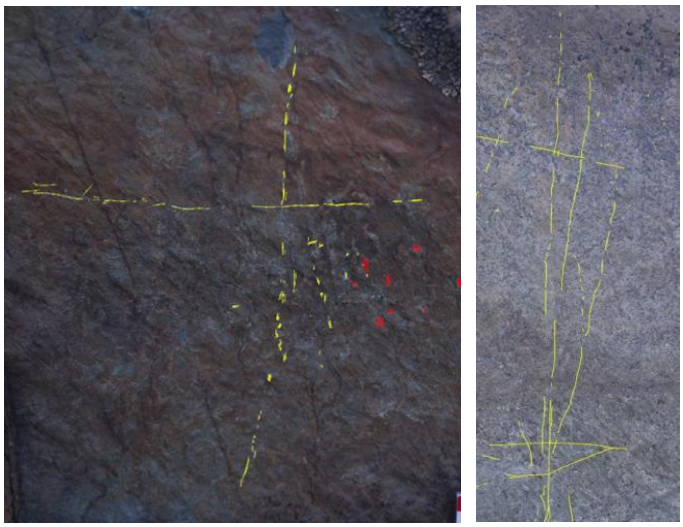


Figura 435 - Esquerda: representação de um possível cruciforme raspado, em Favecas 26. Direita: possível representação de uma arma, em Favecas 9. Levantamento sobre fotografia.



Figura 436 - Pentagramas raspados. Da esquerda para a direita: Favecas 1, Pias 2 e Vilariça 1. Levantamento sobre fotografia.

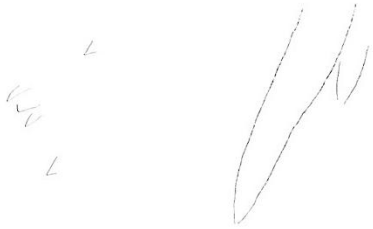
Tabela 14 - Principais motivos efetuados através da técnica de raspagem

Linhas paralelas	
Ziguezagues	

Linhas curvas



Triângulos abertos



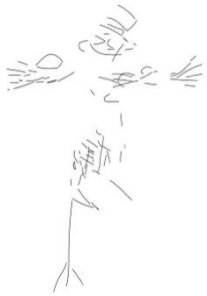
Retângulo preenchido



Axadrezados



Antropomorfos (?)



Arma



Pentagramas



Cruciforme



3.4.2.4 Sobreposição de motivos e problemáticas cronológicas

A raspagem, em alguns casos, sobrepõe-se a gravuras incisas filiformes e picotadas. Existem dois casos inequívocos em que vemos sobreposição da raspagem: nas rochas de Favecas 6 e de Pias 2. Em Favecas 6, os traços raspados sobrepõem um antropomorfo inciso filiforme (Fig. 437). Em Pias 2, as linhas raspadas, que podem corresponder a um tabuleiro de jogo, bastante disforme, sobrepõem-se a um cruciforme picotado. (Fig. 438). No caso de Favecas 3, verificam-se linhas raspadas junto a um motivo em U picotado em que este se sobrepõe (Fig. 439).

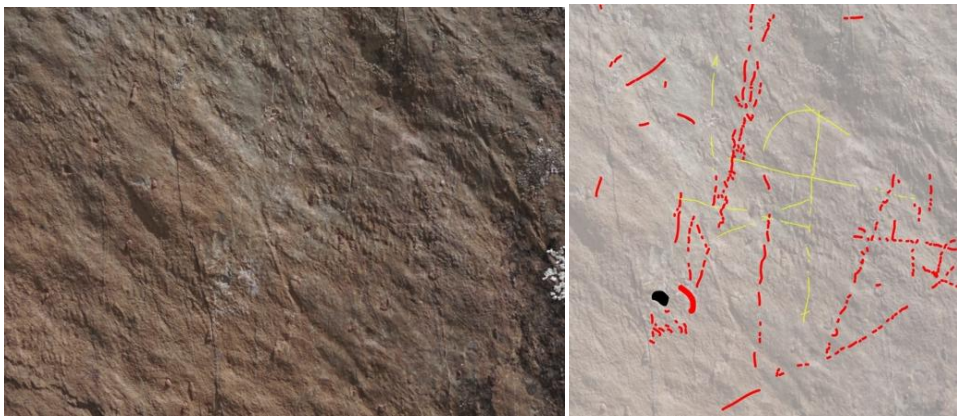


Figura 437 - Várias linhas raspadas sobrepõem-se a um eventual antropomorfo inciso filiforme, na rocha Favecas 6. Levantamento sobre fotografia.



Figura 438 - Duas linhas raspadas (verde) sobrepõem-se a um cruciforme picotado na rocha Pias 2. Levantamento sobre fotografia.



Figura 439 - Uma das linhas raspadas sobrepõe um motivo em U, na rocha Favecas 3. Fotografia do autor.

A atribuição cronológica desta técnica é, ainda, agravada pela ausência de patine, o que indicia cronologia mais recente, pelo menos em vários casos. No entanto, este facto pode estar, também, relacionado com a maior proteção do local onde se gravam os motivos, aos agentes exteriores.

Identificar paralelismos publicados para este tipo de técnica de gravação é uma tarefa árdua, devido à escassa bibliografia que se debruça sobre o tema.

Baptista *et. al.* (2008: 165) consideram que esta técnica foi usada desde o Paleolítico Superior, como é o caso dos cervídeos das rochas 10 da Penascosa, 1 da Vermelhosa e 10 da Foz do Côa (Fig. 440) (BAPTISTA *et. al.*, 2008: 166). Na rocha 17 da Penascosa, foi gravado um antropomorfo semi-esquemático, com incisão filiforme, mas preenchido ou realçado por raspagem, que foi datado da Pré-história Recente por Baptista *et. al.* (2008: 165).



Figura 440 - Exemplos de zoomorfos gravados com a técnica de raspagem combinada com a incisão filiforme, datados do Magdalenense, no Vale do Côa. Da esquerda para a direita: rocha 18 da Bulha com traço inciso e raspagem e rocha 10 da Foz do Côa efetuado através da técnica de raspagem (BAPTISTA *et. al.*, 2008: 177).

Já Luís Luís considera esta técnica pouco antiga ao referir o seguinte sobre este tipo de gravuras, existentes no Vale do José Esteves, em Vila Nova de Foz Côa (2020:187):

> Atribuímos (...) datação recente das incisões finas de tipo moderno, uma vez que, mais do que uma verdadeira gravação, elas resultam na sua maioria do contraste cromático criado pelos resíduos deixados pelo bloco utilizado no riscar da parede, ou, quando muito, numa ligeira raspagem na película silicometálica localizada na superfície da rocha. Esta superficialidade faz com que este tipo de gravuras "oportunistas" tenham geralmente poucas condições materiais para uma sobrevivência longa no tempo (LUÍS, 2020: 187).

Assim, para a área de estudo do Vale da Vilariça, tendo em conta as sobreposições, em correlação com os motivos mais figurativos e, portanto, mais facilmente identificáveis, pode considerar-se que esta técnica foi usada desde a Proto-história [tendo em conta as armas alongadas que parecem pontas de lança, com paralelos em Molelinhos (ABREU, 2012: 307) e na ponta de lança de Vale Forno 6, associada a um antropomorfo e zoomorfo (LUÍS, 2016: 63)] passando por momentos históricos (como Idade Média ou Moderna), onde se poderiam inserir os pentagramas até mais recentemente, onde se poderiam ter gravado a maioria dos motivos abstratos, eventualmente, aleatórios. De notar que esta técnica também se sobrepõe a um motivo em U, picotado, considerado por Bettencourt (2017b) da Proto-história, enquadrável na arte esquemática tardia e balizado entre os finais do III° até ao I° milénio a. C. (BETTENCOURT, 2017: 130) e a um cruciforme que aparenta ser uma cruz latina, ou seja, de época histórica!

3.4.3 Gravuras rupestres por incisão

3.4.3.1 Distribuição geográfica e contexto físico

Foram identificadas sessenta rochas com a técnica de incisão, cinquenta com incisão filiforme e dez com incisão fusiforme (Fig. 441).

A maior parte destas gravuras encontram-se no concelho de Alfândega da Fé, na União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde, embora seja a freguesia de Eucísia aquela que tem maior quantidade. No concelho de Torre de Moncorvo, apenas se verificou uma rocha gravada e que corresponde ao Penedo do Cobrão, na União de Freguesias de Adeganha e Cardanha.

Estes sítios ocorrem ao longo de linhas de água, tributárias da margem esquerda da ribeira da Vilariça, entre os 189 e os 484 m de altitude.

No que à topografia diz respeito, encontram-se catorze rochas na vertente e trinta e quatro no vale, oito no vale ou em pendente muito suave e vinte e seis, praticamente no leito das linhas de água.

O acesso, quer seja ao longo das linhas de água com vales bastante encaixados, quer pelo topo dos montes, é relativamente fácil.

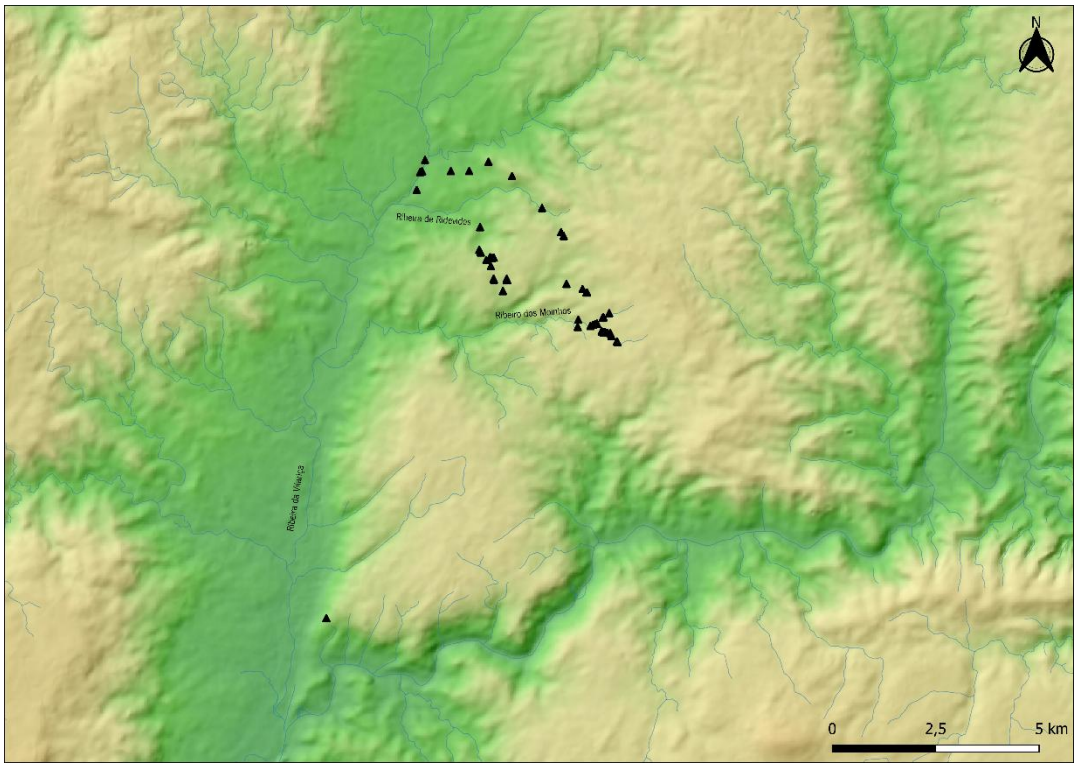


Figura 441 - Rochas com gravuras efetuadas através da técnica de incisão, na escala 1:100 000.

Nas imediações das rochas gravadas, existem vários afloramentos de dimensões variadas que podem ser pequenos, não ultrapassando 1 m^2, até afloramentos com algumas dezenas de m^2.

Cinquenta e dois afloramentos gravados partilham as mesmas características físicas, uma vez que, do ponto de vista geológico, encontram-se no mesmo local, ou seja, na Formação da Desejosa onde existe alternância de filitos com laminação fina, paralela, e metagrauvaques e metaquartzograuvaques, por vezes carbonatados (PEREIRA, 2000), correspondendo a afloramentos em xisto. A outra rocha, o Penedo do Cobrão é a única exceção pois é em granito e, porfiroide de grão grosseiro, essencialmente biotítico.

Embora se destaquem no meio, as rochas com esta técnica de gravação, são, maioritariamente, pouco impressivas, existindo, até, outras de maiores dimensões nas imediações.

Deste modo, Pedra Escrita de Ridevides 1, Pedra Escrita de Ridevides 2 e Vilariça 4, na freguesia de Eucísia, correspondem a afloramentos rasantes e pouco impressivos (5 %) (Fig. 442).

Favecas 3, Favecas 13, Fraga das Ferraduras, Ridevides 4 e Abrigo do Castro de Santa Justa, na freguesia de Eucísia; Favecas 28, Pias 6 e Pias 10, na freguesia de Gouveia e o Penedo do Cobrão, na freguesia da Adeganha, correspondem a afloramentos destacados e impressivos destas áreas (15%) (Fig. 443).

Já Favecas 1, Favecas 6, Favecas 7, Favecas 8, Favecas 11, Favecas 12, Favecas 14, Favecas 15, Favecas 17, Favecas 18, Favecas 20, Favecas 22, Favecas 23, Favecas 24, Ferraduras 2, Serrinha 1, Pedra Nova, Bogalheira 1, Cabeço da Mina 1 e Vilariça 3, na freguesia de Eucísia, Coutada 1, Coutada 2, Favecas 29, Moinhos 2, Moinhos 3, Moinhos 4, Moinhos 5, Pias 1, Pias 2, Pias 3, Pias 4, Pias 5, Pias 7, Pias 8, Pias 9, Pias 11, Vale Concelho 1, Vale Concelho 2, Vale Concelho 4 e Vale Concelho 5, na freguesia de Gouveia e, por fim, Poço da Moura na freguesia de Vilarelhos correspondem a afloramentos destacados do solo atual, mas pouco impressivos (68 %) (Fig. 444) (Tab. 15).

Tabela 15 - Tipo de afloramento com incisão relativamente ao seu destacamento do solo atual

Tipo de afloramento	**Nº de afloramentos**
Rasante e pouco impressivo	3 (5%)
Destacado e impressivo	9 (15%)
Destacado e pouco impressivo	41 (68%)
TOTAL	**53**

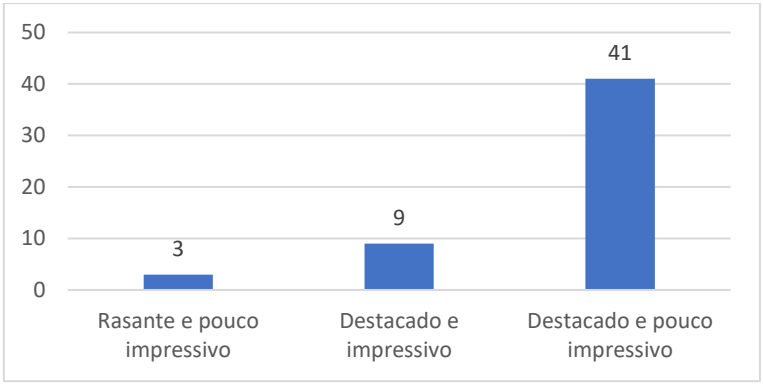


Gráfico 8 – Número de afloramentos relativamente à sua impressividade.



Figura 442 - Alguns exemplos rasantes ao solo atual e pouco impressivos. Esquerda: Pedra Escrita de Ridevides 1 (vista de cima). Direita: Vilariça 4. Fotografias do autor.





Figura 443 - Alguns exemplos de afloramentos destacados e impressivos no meio. Em cima da esquerda para a direita: Favecas e Fraga das Ferraduras. Em baixo da esquerda para a direita: Favecas 28 e Penedo do Cobrão. Fotografias do autor.



Figura 444 - Alguns exemplos de afloramentos destacados e pouco impressivos no meio. Em cima da esquerda para a direita: Favecas 1 e Favecas 6. Em baixo da esquerda para direita: Favecas 7 e Favecas 8. Fotografias do autor.

Relativamente à dimensão dos afloramentos, consideramos que as rochas são de pequena a média dimensão, atendendo à generalidade do tamanho de afloramentos gravados, face aos existentes nos arredores.

As superfícies gravadas são aplanadas, sendo a maioria dispostas na vertical e em paredes subverticais.

Os painéis gravados apresentam orientações distintas. Deste modo, para este encontra-se Pias 1 (2%) e para norte, também um painel do Abrigo do Castro de Santa Justa (2%). Favecas 12 apresenta o

painel A orientado para noroeste, bem como Ridevides 4 (4%). Para sudeste encontram-se Vale Concelho 5, Abrigo do Castro de Santa Justa e Vilariça 3 (5%). Para sul encontram-se as rochas Favecas 3, Favecas 18, Serrinha 1, Moinhos 2, Moinhos 3, Moinhos 4, Moinhos 5, Vale Concelho 4, Vale Concelho 5 e Pedra Nova (18%). Para oeste, estão os painéis gravados das rochas Favecas 1, Favecas 6, Favecas 7, Favecas 8, Favecas 11, Favecas 14, Favecas 17, Favecas 20, Favecas 22, Favecas 23, Favecas 24, Coutada 1, Coutada 2, Pias 8 e Penedo do Cobrão (27%). Para sudoeste estão as rochas Favecas 13, Favecas 15, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Favecas 29, Pias 1, Pias 2, Pias 3, Pias 4, Pias 5, Pias 6, Pias 7, Pias 9, Pias 10, Pias 11, Vale Concelho 1, Vale Concelho 2, Bogalheira 1, Cabeço da Mina 1, Pedra Escrita de Ridevides 1, Pedra Escrita de Ridevides 2, Vilariça 4 e Poço da Moura (42%) (Tab. 16).

Tabela 16 - Orientação dos painéis com a técnica de incisão

Orientação dos painéis gravados	**Nº de painéis**
Este	1 (2%)
Norte	1 (2%)
Noroeste	2 (4%)
Sudeste	3 (5%)
Sul	10 (18%)
Oeste	15 (27%)
Sudoeste	23 (42%)
TOTAL	**55**

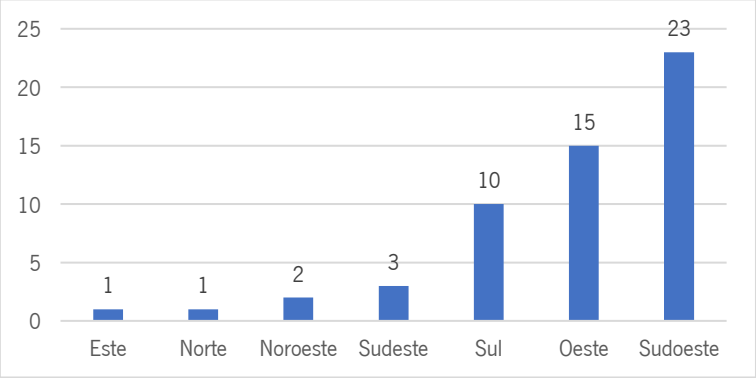


Gráfico 9 – Orientação dos painéis com a técnica de incisão.

3.4.3.2 Condições de visibilidade e de visualização das gravuras

Relativamente às condições de visibilidade a partir destas rochas, este aspeto teve como base a análise cartográfica e a visualização *in situ*. No entanto, é de ressalvar que existem variantes que podem

influenciar esta questão como, por exemplo, o coberto vegetal quando foram efetuadas as gravuras. Com alcance visual amplo, apenas temos as rochas Favecas 3 e Serrinha 1 (4 %). Favecas 1, Favecas 6, Favecas 7, Favecas 8, Favecas 11 e Favecas 17 também apresentam uma visibilidade ampla, mas neste caso para planalto (11 %). Deste modo, as rochas Favecas 12, Favecas 13, Favecas 14, Favecas 15, Pias 2, Pias 10, Pias 11, Vale Concelho 4, Vale Concelho 5, Pedra Nova, Pedra Escrita de Ridevides 1, Pedra Escrita de Ridevides 2, Penedo do Cobrão, Abrigo do Castro de Santa Justa e Bogalheira 1 apresentam um alcance visual amplo para um vale, independentemente da dimensão deste (28 %). Por fim, e em maior quantidade, temos as rochas com alcance visual reduzido para vale. A saber: Favecas 18, Favecas 20, Favecas 22, Favecas 23, Favecas 24, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Ridevides 4, Coutada 1, Coutada 2, Favecas 28, Favecas 29, Moinhos 2, Moinhos 3, Moinhos 4, Moinhos 5, Pias 1, Pias 3, Pias 4, Pias 5, Pias 6, Pias 7, Pias 8, Pias 9, Vale Concelho 1, Vale Concelho 2, Cabeço da Mina 1, Vilariça 3, Vilariça 4 e Poço da Moura (57 %) (Tab. 17).

Quanto às condições de visualização das gravuras, estas são de fácil visualização, uma vez que se encontram em painéis verticais ou subverticais e praticamente sempre de fácil acesso. No entanto, há casos em que as gravuras foram efetuadas em painéis de maiores dimensões e aí a visibilidade é melhor do que aquelas em que os painéis são de tamanho reduzido e pouco expressivos no afloramento. Deste modo, estando junto aos afloramentos, as superfícies gravadas com fácil visualização identificam-se em todas as rochas.

Tabela 17 - Alcance visual a partir das rochas com a técnica de incisão

Alcance visual	**Nº de rochas**
Amplo	2 (4%)
Amplo para planalto	6 (11%)
Amplo para vale	15 (28%)
Reduzido para vale	30 (57%)
TOTAL	**53**

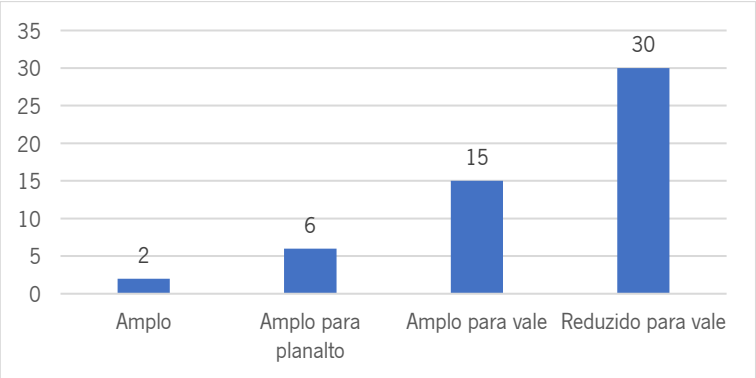


Gráfico 10 – Visibilidade a partir dos afloramentos gravados através da técnica de incisão.

3.4.3.3 Motivos

A incisão filiforme corresponde a uma técnica efetuada, na sua esmagadora maioria sobre o xisto, onde os motivos são relativamente ténues. A incisão fusiforme, efetuada em granito e no xisto, correspondendo a um corte largo e profundo na rocha.

As dimensões das gravuras são bastante diversas nos casos das linhas verticais ou horizontais, ultrapassando, nalguns casos, os 30 cm de comprimento. Quanto aos motivos, estes variam de larguras entre 1 e 10 cm, sendo o comprimento também bastante variável, entre 1 e 30 cm. Deste modo, não existe um intervalo uniforme de dimensões, sendo, por exemplo, sucessão de linhas paralelas com comprimentos inferiores a 5 cm e os mesmos motivos com dimensões superiores a 20 cm. Um dos maiores motivos, senão o maior, encontra-se na Pedra Escrita de Ridevides e corresponde a um motivo retangular preenchido com algumas incisões e que Santos Júnior compara-o com as placas-ídolo neolíticas (SANTOS JÚNIOR, 1963). Este motivo, gravado através da técnica de incisão fusiforme, tem cerca de 60 cm de altura, sendo, até ao momento o maior identificado na região.

Numa primeira abordagem percebe-se que o número de motivos é maior e mais diversificado na incisão filiforme, sendo bastante restrito na incisão fusiforme (Tabs. 18 e 19)

No grupo das incisões filiformes o motivo mais representativo são as linhas e dentro destas existem as linhas dispersas (em maior quantidade), totalizando nove casos: Favecas 11, Favecas 13, Serrinha 1, Moinhos 3, Moinhos 4, Pias 5, Pias 9, Pias 11 e Abrigo do Castro de Santa Justa (Fig. 445) e as linhas paralelas (vertical, diagonal ou horizontal), identificadas em trinta e quatro casos: Favecas 1, Favecas 3, Favecas 8, Favecas 12, Favecas 14, Favecas 17, Favecas 18, Favecas 20, Favecas 22, Favecas 23, Favecas 24, Favecas 28, Favecas 29, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Ridevides 4, Coutada 1, Pias 2, Pias 3, Pias 4, Pias 6, Pias 7, Pias 10, Pias 11, Vale Concelho 1, Vale Concelho 4, Vale Concelho 5,

Pedra Nova, Bogalheira 1, Cabeço da Minha 1, Abrigo do Castro de Santa Justa, Vilariça 3, Pias 10 e Pedra Escrita de Ridevides 1 (Fig. 446).

Outro motivo são as linhas curvas, que figuram em oito casos: Favecas 11, Favecas 13, Favecas 14, Favecas 18, Favecas 23, Moinhos 4, Pias 7 e Pias 11 (Fig. 449). Os ziguezagues, um terceiro motivo, surgem em Coutada 1, Pias 10, Pias 11 e Pedra Escrita de Ridevides 1, totalizando quatro casos (Fig. 447). As linhas entrecruzadas surgem apenas em Pias 7.

Os reticulados são visíveis em Favecas 11, Favecas 22, Favecas 23 e Moinhos 4 (Fig. 448).

Os triângulos abertos estão presentes em Favecas 13, Favecas 15, Favecas 23, Ridevides 4, Favecas 28, Favecas 29, Moinhos 2, Pias 5, Pias 9, Pias 10 e Abrigo do Castro de Santa Justa (Fig. 449). Deste modo, são contabilizados onze casos.

De admitir que, em muitos destes casos, não se consegue identificar o que é de facto arte rupestre e gravados ocasionais efetuados por populações mais recentes.

Quanto aos eventuais antropomorfos, estes foram identificados em Favecas 6, Favecas 11, Favecas 13 (?), Favecas 17 (?), Favecas 22 (?), Favecas 29 (?), Moinhos 2 e Pias 9 (?) (Fig. 450).

Relativamente aos zoomorfos, estes motivos estão presentes em Favecas 29 (?), Moinhos 2, Pias 10 e Vilariça 4 (Fig. 450). Dos quatro casos, apenas Favecas 29 suscita algumas dúvidas.

Em Moinhos 3 temos o único motivo em U gravado através da técnica de incisão (Fig. 451).

Em Favecas 28 e Pias 10 foram gravados caracteres que podem corresponder a escrita ibérica, com as devidas ressalvas (Fig. 452).

Em Favecas 7 foram gravados dois motivos que correspondem a rosetas quadripétalas, sendo esta a única rocha com este motivo (Fig. 453).

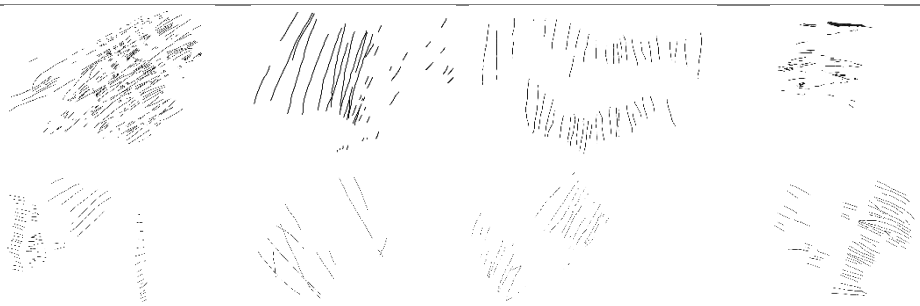
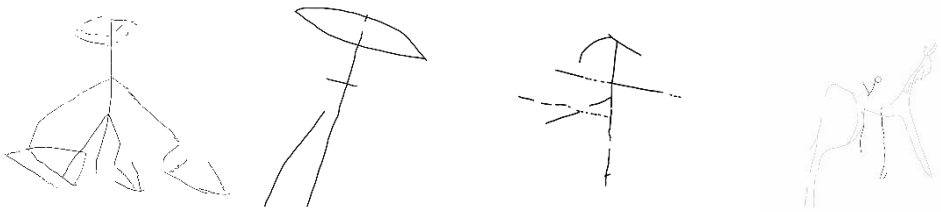
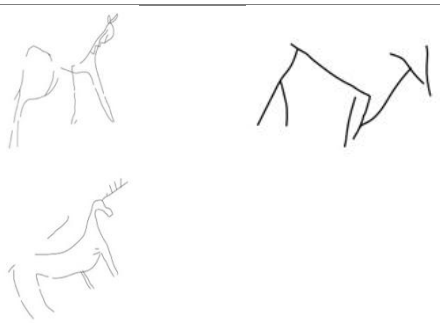
Os tabuleiros de jogo estão presentes em cinco casos: Coutada 2, Favecas 28, Moinhos 5, Pias 2 e Pias 5 (Fig. 454).

Os pentagramas, também raros, foram identificados, apenas, em Pias 10 (Fig. 455).

Os motivos em X, encontram-se em três casos: Pias 8, Pias 10 e no abrigo do Castro de Santa Justa (Fig. 456) sem que se possa admitir com segurança se correspondem a arte rupestre ou não.

Os cruciformes, encontram-se em Pias 11 (Fig. 457).

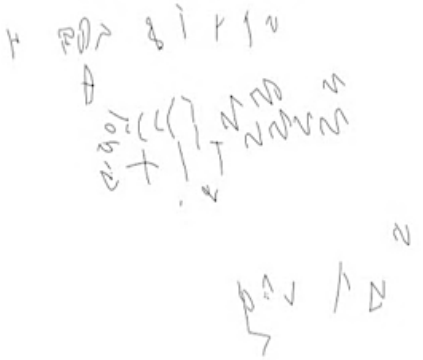
Tabela 18 - Principais motivos efetuados através da técnica de incisão filiforme

Linhas paralelas	
Linhas curvas	
Linhas entrecruzadas	
Ziguezagues	
Reticulados	
Antropomorfos (?)	
Zoomorfos	

Motivos em U



Caracteres (?)

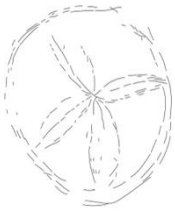






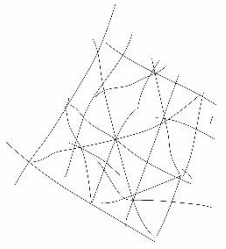
Motivos em X

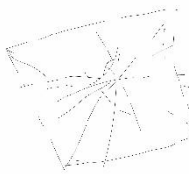




Roseta

Tabuleiro de jogo





Pentagrama





Figura 445 - Alguns exemplos de linhas dispersas. Da esquerda para a direita: Favecas 13 e Moinhos 4. Levantamento sobre fotografia.



Figura 446 - Alguns exemplos de linhas paralelas. Da esquerda para a direita: Favecas 1 e Favecas 11. Levantamento sobre fotografia.



Figura 447 - Alguns exemplos de linhas curvas em Favecas 14 (à esquerda) e de um ziguezague na Coutada 1 (à direita). Levantamento sobre fotografia.



Figura 448 – A seta indica o reticulado aberto de Favecas 11. Levantamento sobre fotografia.



Figura 449 – Triangulo de Favecas 15. Levantamento sobre fotografia.

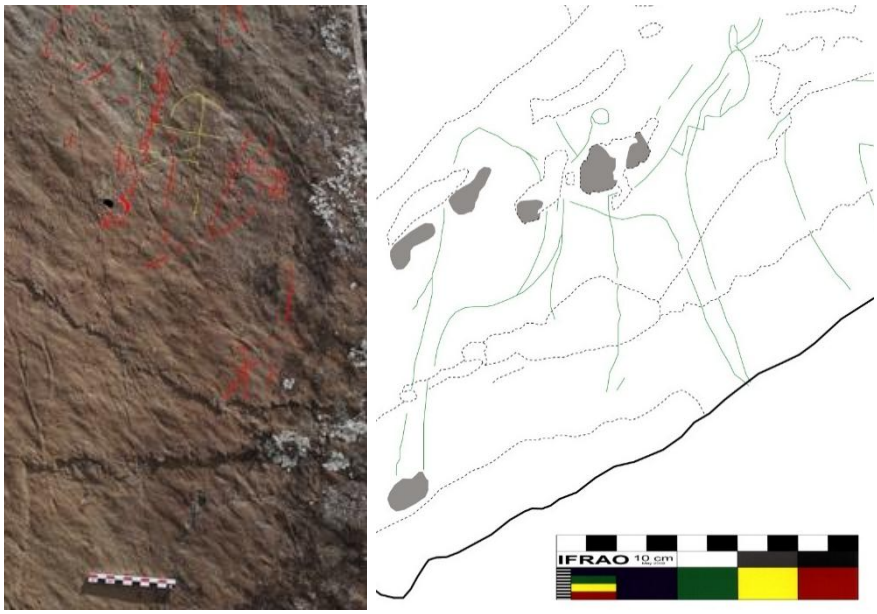


Figura 450 - Alguns exemplos de possíveis antropomorfos incisos. Da esquerda para a direita: Favecas 6 (a amarelo) e Moinhos 2. Levantamento sobre fotografia.



Figura 451 - Alguns exemplos de zoomorfos. Da esquerda para a direita: Moinhos 2, Pias 10 e Vilariça 4. Levantamento sobre fotografia.



Figura 452 - Motivo em U, inciso, de Moinhos 3. Fotografia do autor.



Figura 453 - Esquerda: tentativa de escrita ibérica do painel A de Pias 10. Direita: tentativa de escrita ibérica no painel D de Favecas 28. Levantamento sobre fotografia.



Figura 454 - Rosetas quadripétalas de Favecas 7. Fotografia do autor.

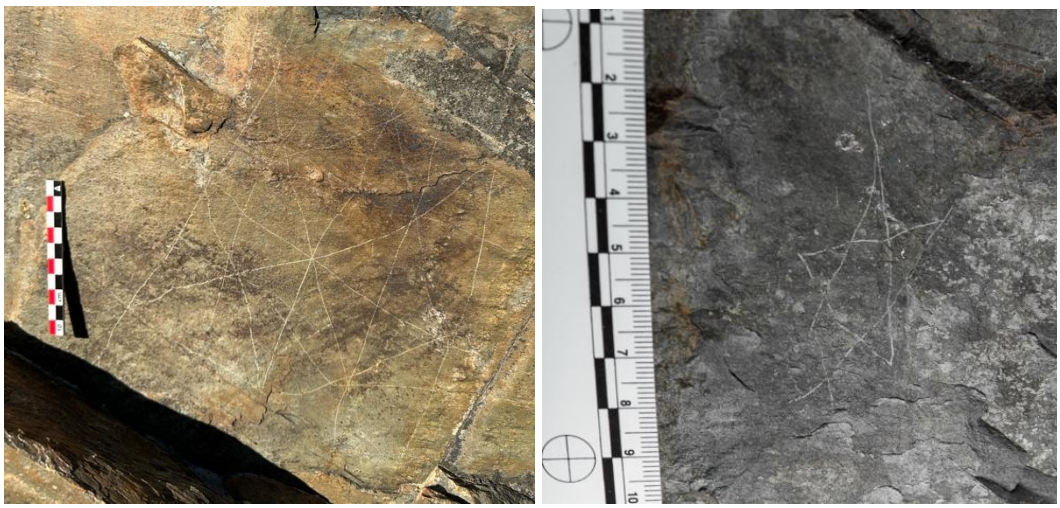


Figura 455 - Tabuleiro de jogo de Moinhos 5 e pentagrama em Pias 10. Fotografias do autor.



Figura 456 - Exemplo de motivo em X, em Pias 8. Fotografia do autor.



Figura 457 – Cruciformes de Pias 11. Levantamento sobre painel.

As incisões fusiformes estão presentes em Pias 1, Pedra Nova, Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, em Vilariça 4, em Ridevides 4, embora nesta rocha os fusiformes sejam mais ténues, e em Poço da Moura.

Através desta técnica foram efetuadas linhas paralelas em Pias 1, Pedra Nova, Pedra Escrita de Ridevides 1 e em Vilariça 4 (Fig. 458).

Motivos em ziguezague em Pedra Escrita de Ridevides 1.

Quanto às armas (alabardas) estas foram identificadas em dois casos: Pedra Escrita de Ridevides 1 e Pedra Escrita de Ridevides 2 (Fig. 459).

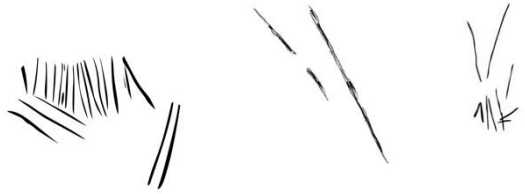
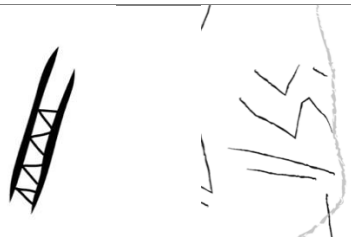
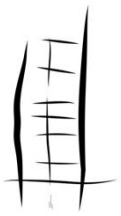
Os reticulados surgem em Pedra Escrita de Ridevides 1 (Fig. 460).

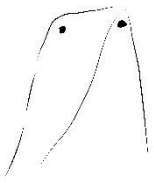
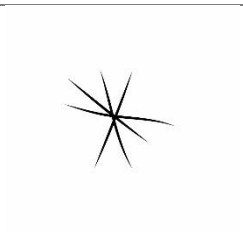
Os escalariformes encontram-se em Pedra Escrita de Ridevides 1 e Pedra Escrita de Ridevides 2 (Fig. 460).

Um eventual idoliforme em Pedra Escrita de Ridevides 1 e, por fim, um zoomorfo (auroque?) em Vilariça 4 (Fig. 461).

Os motivos solares apenas são identificados na rocha Poço da Moura (Fig. 462).

Tabela 19 - Principais motivos efetuados através da técnica de incisão fusiforme

Linhas paralelas	
Ziguezagues	
Armas	
Reticulado	
Escalariforme	

Idoliforme (?)	
Zoomorfo	
Motivos solares	

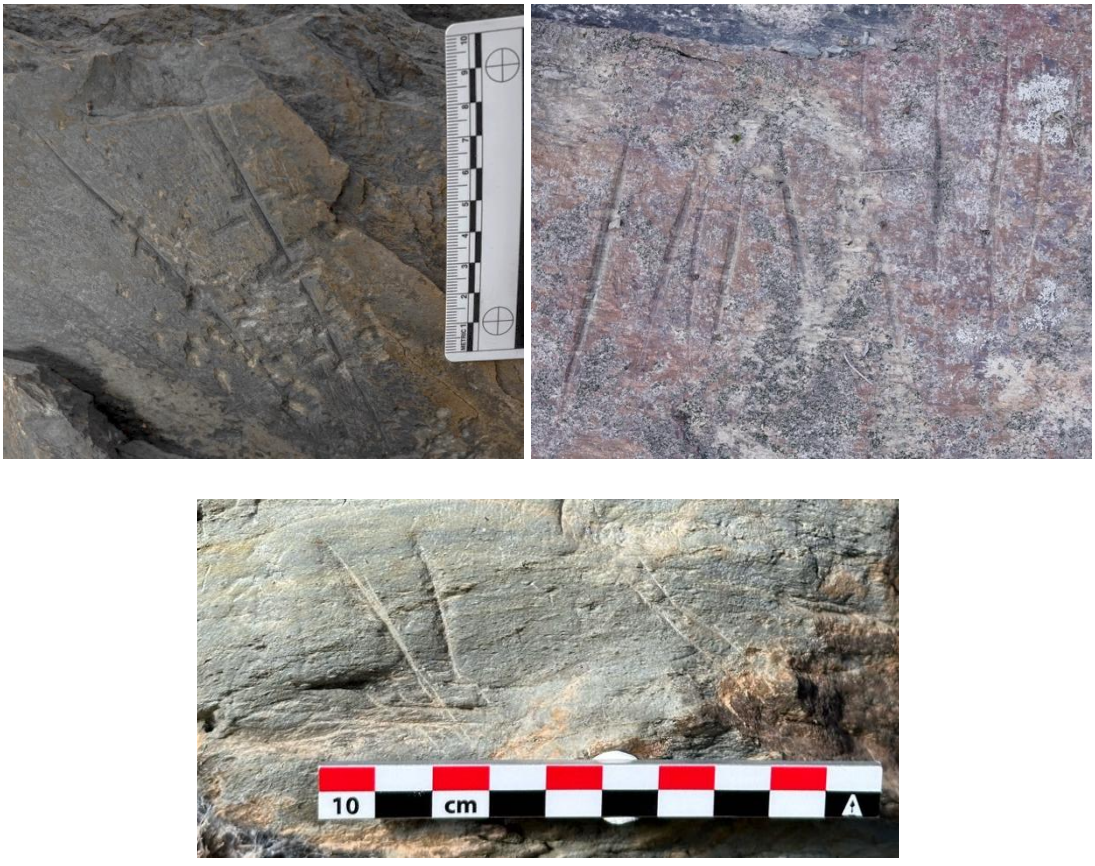


Figura 458 - Alguns exemplos de fusiformes paralelos. Em cima, da esquerda para a direita: Pias 1 e Pedra Nova. Em baixo: Ridevides 4. Fotografia do autor.



Figura 459 - Representações de alabardas e de lâminas de alabardas, na Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor.



Figura 460 - Escalariforme e reticulado da Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor.



Figura 461 - Esquerda: eventual idoliforme da Pedra Escrita de Ridevides 1. Direita: zoomorfo que corresponde a um auroque de Vilariça 4.

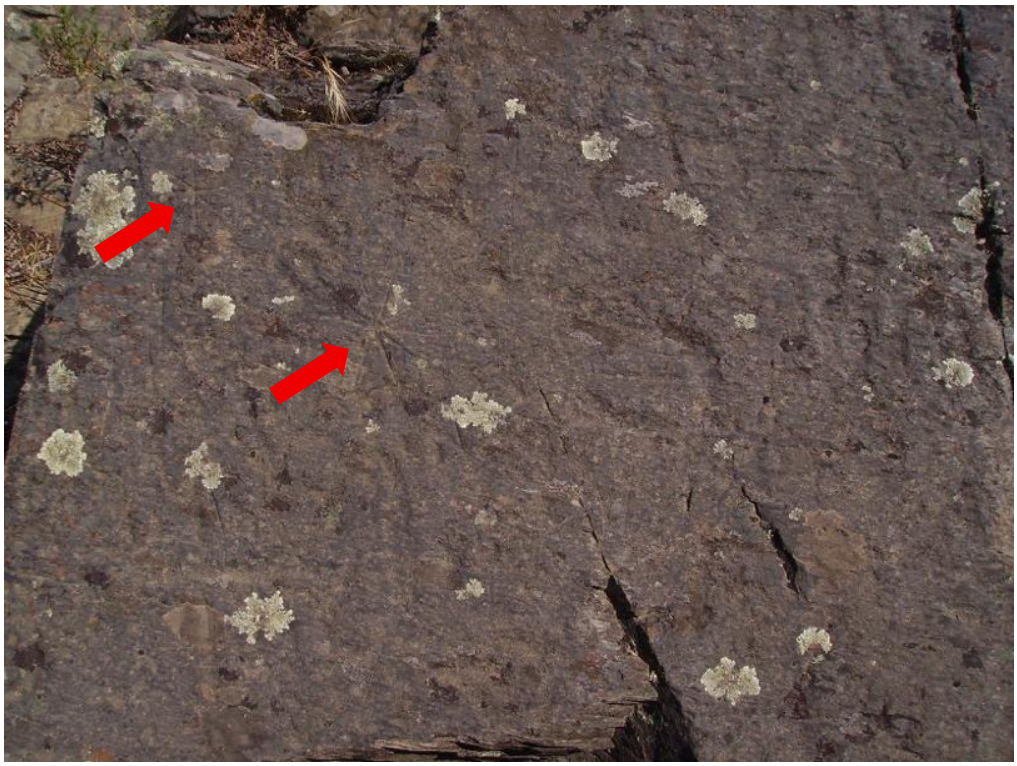


Figura 462 - A seta indica um motivo solar da rocha Poço da Moura. Fotografia de Mila Simões de Abreu (2012: 107). As setas indicam os motivos solares.

3.4.3.4 Sobreposição de motivos e problemáticas cronológicas

As incisões filiformes, são sobrepostas por gravuras efetuadas através da técnica de raspagem e picotado. No entanto, a incisão filiforme sobrepõe-se às pinturas da Fraga das Ferraduras. Os fusiformes, ou seja, as incisões com sulco profundo são sempre sobrepostas por picotados (Fig. 463).



Figura 463 - Exemplo de picotados sobrepostos a fusiformes na rocha Pias 1. Fotografia do autor.

Tal como tem acontecido para outras técnicas, rochas com gravuras efetuadas através da técnica de incisão também se mostram difíceis na sua atribuição cronológica.

Uma grande problemática tem a ver com a ausência de patine nalgumas situações, podendo dar a ideia de que as gravuras foram efetuadas num momento relativamente recente e de modo ocasional, sem que se possam considerar arte rupestre.

O motivo mais antigo, com os devidas ressalvas, parece ser a cabeça de auroque da rocha Vilariça 4, atribuível ao Paleolítico Superior.

Quanto às linhas paralelas entre si, quer por incisão filiforme quer por incisão fusiforme, também designadas por unhadas do diabo, Sanches e Teixeira (SANCHES *et. al.*, 2017: 34) consideram-nas de um período de transição do Magdalenense/Epipaleolítico para o Epipaleolítico/Mesolítico, com base nos dados do abrigo do Passadeiro, em Palaçoulo (Miranda do Douro). No entanto, Mário Reis (REIS, 2014: 47) considera-as do Neolítico/Calcolítico, o que Sanches e Teixeira (SANCHES *et. al.*, 2017: 35) não descartam, como prolongamento.

Alguns dos eventuais antropomorfos esquemáticos parecem encontrar paralelo na arte esquemática pintada do painel B da Rocha 2 de Vale Videiro no Vale do Côa (FIGUEIREDO *et. al.*, 2013: 308), sendo semelhante ao de Pias 1, embora também se possam considerar vulvas.

No caso das alabardas estas serão do Bronze Inicial, segundo Bettencourt (BETTENCOURT, 2021: 135).

No caso do cervídeo macho e do equídeo montado, sendo cavalo portador de rédea, os paralelos com a arte móvel do Castelinho e de outros sítios do Vale do Côa é evidente, com contextos regionais

bem demarcados. Quanto à iconografia, há figuras de equídeos com algumas semelhanças ao de Moinhos 2, mas apenas pequenas partes da figura como a cabeça, por exemplo. Deste modo, poderíamos considerar o equídeo da placa nº 149/001/A/07 do Castelinho (SILVA, 2020: 49) que indiciam a sua cronologia na Idade do Ferro.

Na verdade, há uma grande concentração de cervídeos, no vale do rio Sabor, em diversos contextos, como placas, abrigos e afloramentos, com uma amplitude cronológica desde o Paleolítico Superior à Idade do Ferro (Silva *et. al.,* 2016).

Quanto à cabeça do eventual bovídeo do Paleolítico Superior, é possível encontrar alguns paralelismos regionais, nomeadamente o auroque da rocha 13 da Ribeira de Piscos, em Vila Nova de Foz Côa (BAPTISTA *et. alli.*, 2008: 118), a rocha 40 da Canada do Inferno (BAPTISTA *et. alli.*, 2008: 130) ou até o da rocha de Redor do Porco, de Figueira de Castelo Rodrigo (BAPTISTA *et. al.*, 2011: 20).

Os eventuais caracteres por paralelo com os apresentados por Baptista (1982) e analisados por Gomes (2013), seriam também da Idade do Ferro. O antropomorfo de Favecas 28 poderia, eventualmente, dada a técnica, a proximidade e o paralelo com o encontrado no Castelinho, poderá ser desta mesma cronologia. Já a roseta e os pentagramas deverão inserir-se em época histórica, embora provavelmente em momentos distintos, podendo ser a roseta mais antiga, dado os paralelos existentes nos elementos arquitetónicos desde o Ferro Recente/Romanização, época romana e Idade Média (Calo Lourido 1994; Redentor, 2002; Barroca, 2000). No entanto deve referir-se que as rosetas da Idade do Ferro são quase todas de seis pétalas com uma exceção, segundo Calo Lourido (1994) e que o motivo, na época romana, é raro na região (Redentor, 2002).

Os motivos gravados por incisão parecem ter, assim, uma longa temporalidade no Vale da Vilariça. Estes parecem iniciar-se na Pré-história Antiga, nomeadamente no Paleolítico Superior e terminar, já em época histórica, passando pelo Neo-Calcolítico, Bronze Inicial e Idade do Ferro. Isto não significa, necessariamente, continuidade entre os diferentes períodos.

3.4.4 Gravuras rupestres por picotado

3.4.4.1 Distribuição geográfica e contexto físico

Foram identificadas vinte e quatro rochas com a técnica de picotado (Fig. 464).

Estas encontram-se no concelho de Alfândega da Fé, na União de Freguesias de Eucísia, Gouveia e Valverde, embora seja a freguesia de Eucísia a que tem maior quantidade.

Estes sítios ocorrem ao longo de linhas de água, tributárias da margem esquerda da ribeira da Vilariça, entre os 183 e os 475 m de altitude.

No que à topografia diz respeito, encontra-se uma rocha no topo de um monte, cinco rochas na vertente e dezassete rochas no vale, catorze delas muito próximas do leito de inundação das linhas de água, com acesso facilitado, quer seja ao longo das linhas de água, quer pelo topo dos montes.

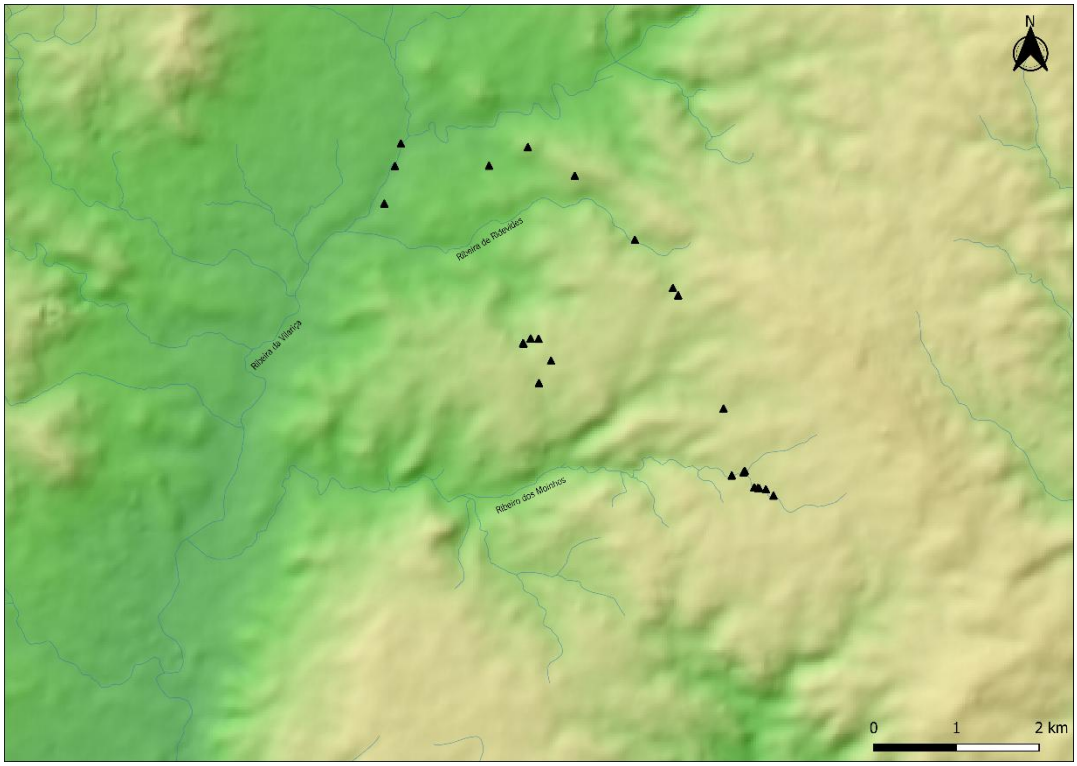


Figura 464 - Rochas com gravuras efetuadas através da técnica de picotado, na escala 1:50 000.

Nas imediações das rochas gravadas, existem vários afloramentos de dimensões variadas que podem ser pequenos, não ultrapassando 1 m², até afloramentos com algumas dezenas de m².

Os vinte e cinco afloramentos com gravuras efetuadas através da técnica de picotado, partilham as mesmas características, uma vez que, do ponto de vista geológico, encontram-se no mesmo local, ou seja, na Formação da Desejosa, onde existe a alternância de filitos com laminação fina paralela, metagrauvaques e metaquartzograuvaques, por vezes carbonatados, correspondendo a afloramentos em xisto.

Embora se destaquem no meio, as rochas com esta técnica de gravação, são, maioritariamente, pouco impressivas, existindo, até, outras de maiores dimensões nas imediações (Tab. 20).

A Pedra Escrita de Ridevides 1, na freguesia de Eucísia, é rasante ao solo atual e, portanto, pouco impressiva (4 %) (Fig. 465). Quanto aos afloramentos destacados e impressivos, estes correspondem às

rochas do Abrigo do Castro de Santa Justa, Favecas 3, Fraga das Ferraduras e Ridevides 4, na freguesia de Eucísia, e Pias 6, na freguesia de Gouveia (20 %) (Fig. 466). Relativamente às rochas destacadas e pouco impressivas no contexto físico temos Favecas 8, Favecas 9, Favecas 12, Favecas 15, Favecas 16, Ferraduras 2, Serrinha 1, Pedra Nova e Cabeço da Mina, na freguesia de Eucísia, Coutada 1, Moinhos 1, Moinhos 4, Pias 1, Pias 2, Pias 5, Pias 6, Pias 9 e Pias 12, na freguesia de Gouveia e, por fim, Poço da Moura, na freguesia de Vilarelhos (76 %) (Fig. 467).

Tabela 20 - Tipo de afloramento com picotado relativamente ao seu destacamento no contexto físico

Tipo de afloramento	**Nº de afloramentos**
Rasante e pouco impressivos	1 (4%)
Destacado do solo e impressivo	5 (20%
Destacado do solo, mas pouco impressivo	19 (76%)
TOTAL	**25**

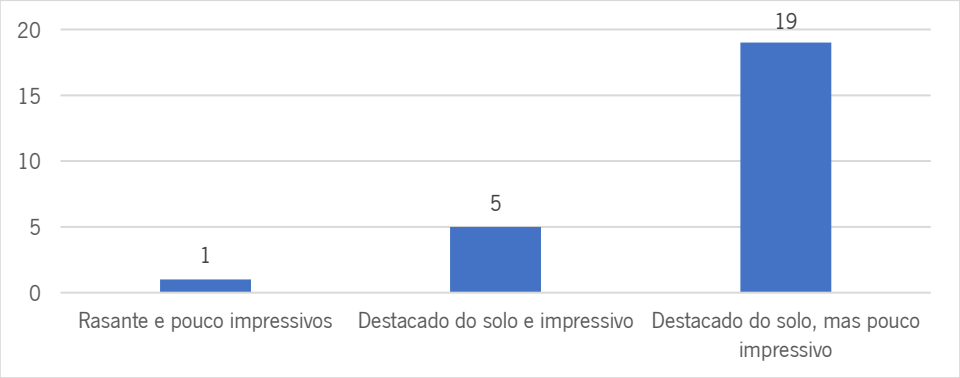


Gráfico 11 - Número de afloramentos relativamente à sua impressividade.



Figura 465 - Exemplo de afloramento rasante e pouco impressivo. Pedra Escrita de Ridevides 1. Fotografia do autor.



Figura 466 - Alguns exemplos de afloramentos destacados do solo e impressivos. Esquerda: Abrigo do Castro de Santa Justa. Direita: Favecas 3. Fotografias do autor.



Figura 467 - Alguns exemplos de afloramentos gravados, destacados do solo, mas pouco impressivos. Da esquerda para a direita: Favecas 8, Favecas 9 e Favecas 15. Fotografias do autor.

Relativamente à dimensão dos afloramentos, consideramos que são de pequena a média dimensão, atendendo à generalidade do tamanho dos afloramentos gravados.

Quanto às superfícies gravadas dos afloramentos, estas podem ser planas, de dimensões relativamente grandes, com mais de 1 m^2, mas também muito mais pequenas. As de maiores dimensões são pouco fraturadas, contrastando com as mais pequenas que se caracterizam por forte fratura.

Quanto à inclinação dos painéis gravados, em número de vinte e nove, estes são oblíquos ao nível do solo e acima do solo em um caso cada um, totalizando 6%. Seguem-se os subverticais em 18% dos casos e, por fim, os essencialmente verticais, em 76% dos casos (Tab. 21).

Tabela 21 - Inclinação dos painéis gravados

Forma das superfícies	**Nº de afloramentos**
Oblíquo ao nível do solo	1 (3%)
Oblíquo acima do solo	1 (3%)
Subverticais	5 (18%)
Verticais	22 (76%)
TOTAL	**29**

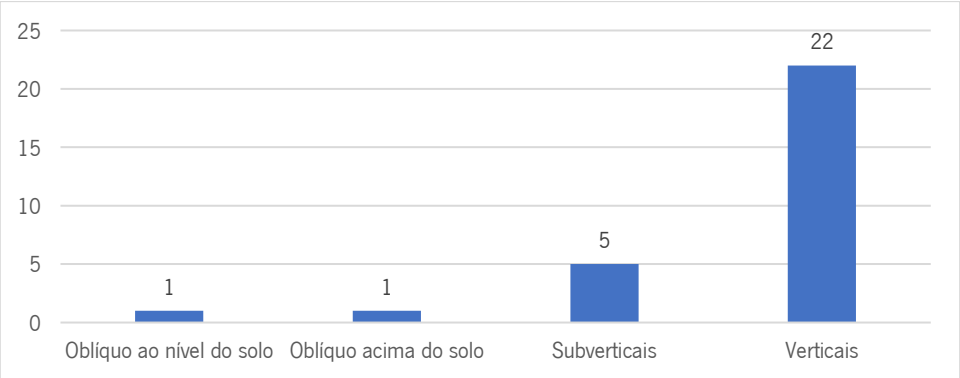


Gráfico 12 – Número de afloramentos relativamente à sua inclinação.

Os painéis gravados apresentam orientações distintas (Tab. 22). Para noroeste, apenas se encontra Ridevides 4 (3%). Para este encontram-se quatro painéis da Fraga das Ferraduras (14%). Para sul, encontram-se a Serrinha 1, Moinhos 1, Moinhos 4 e Pedra Nova (4%). Para oeste Favecas 3, Favecas 8, Favecas 9 e Coutada 1 (4%). Favecas 12, Favecas 15, Favecas 16, Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Pias 1, Pias 2, Pias 5, Pias 6, Pias 9, Pias 12, Cabeço da Mina 1, Pedra Escrita de Ridevides 1 e Poço da Moura têm painéis orientados para sudoeste (55%).

Apesar da maioria se orientar para o momento do ocaso no solstício de inverno (48%), há, também, alguns que se orientam para o ocaso nos equinócios (14%), sendo os orientados para o ocaso, no solstício de verão, os menos representados (3%). No entanto nota-se que a distribuição não é aleatória, sendo estes orientados maioritariamente para o ocaso (66%), o que parece revelar uma vinculação com o ciclo solar. Os virados a sul poderão relacionar-se com as estrelas de orientação, ou seja, o oposto da estrela solar.

Tabela 22 - Orientação dos painéis com motivos picotados

Orientação dos painéis gravados	**Nº de painéis**
Noroeste	1 (3%)
Este	4 (14%)
Sul	4 (14%)
Oeste	4 (14%)
Sudoeste	16 (55%)
TOTAL	**29**

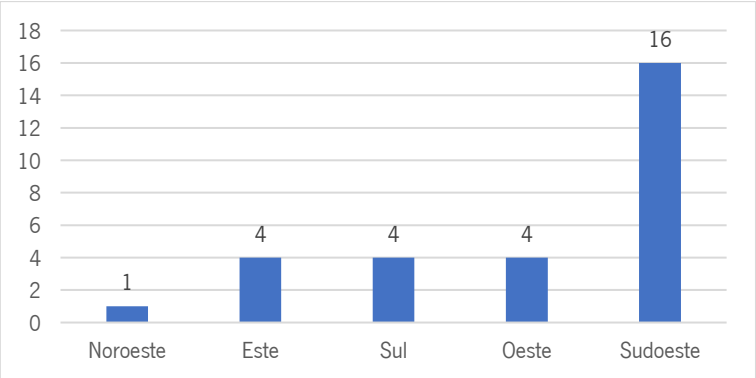


Gráfico 13 – Orientação dos painéis com motivos picotados.

3.4.4.2 Condições de visibilidade e visualização das gravuras

Estas gravuras são de fácil visualização, uma vez que se encontram em painéis verticais ou subverticais e praticamente sempre de fácil acesso. No entanto, há casos em que as gravuras foram efetuadas em painéis de maiores dimensões e aí a visualização é melhor do que aquelas em que os painéis são de tamanho reduzido e pouco expressivos no afloramento.

Relativamente às condições de visibilidade a partir destas rochas, este aspeto teve como base a análise cartográfica a partir do sítio. No entanto, é de ressalvar que existem variantes que podem influenciar esta questão como, por exemplo, as características do coberto vegetal quando foram efetuadas as gravuras (Tab. 23).

Atualmente, Favecas 3 e Serrinha 1 (8 %) apresentam ampla visibilidade para quem estivesse no local. Favecas 8 e Favecas 16 (8 %) também apresentam uma ampla visibilidade, mas apenas para um pequeno planalto. Quanto à ampla visibilidade para o vale, esta foi registada em 29 % dos casos, nomeadamente em Favecas 9, Favecas 12, Favecas 15, Pias 2, Pedra Nova, Abrigo do Castro de Santa Justa e Pedra Escrita de Ridevides 1. No entanto é a reduzida visibilidade para o meio circundante, nomeadamente um pequeno vale, que impera. Os casos são a Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Ridevides 4, Coutada 1, Moinhos 1, Moinhos 4, Pias 1, Pias 5, Pias 6, Pias 9, Pias 12, Cabeço da Mina 1 e Poço da Moura (54 %).

Tabela 23 - Alcance visual a partir das rochas com motivos picotados

Alcance visual	Nº de rochas
Ampla	2 (8%)
Ampla para planalto	2 (8%)
Ampla para vale	7 (29%)
Reduzida para vale	13 (54%)
TOTAL	**24**

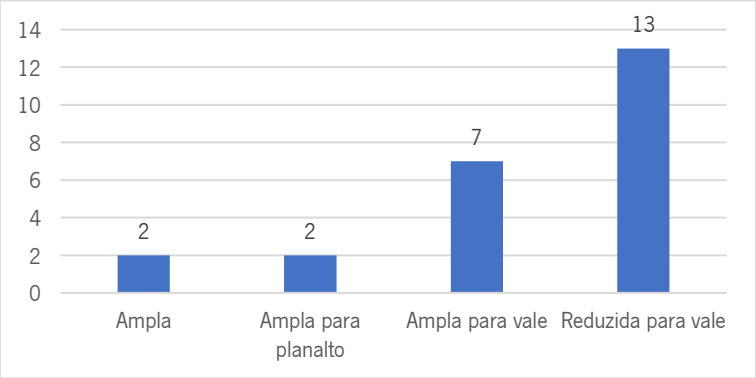


Gráfico 14 – Número de afloramentos relativamente ao alcance visual.

3.4.4.3 Motivos

O picotado corresponde a uma técnica efetuada apenas sobre o xisto onde os motivos são relativamente bem visíveis, existindo duas situações distintas, ou seja, uma em que as gravuras apresentam patine e outras, como no caso da Fraga das Ferraduras, em que alguns motivos não apresentam patine, o que pode dever-se às condições de maior exposição aos agentes erosivos ou a reavivamentos efetuados no tempo. As larguras dos motivos variam entre 5 e 10 cm, sendo o comprimento também bastante variável, entre 10 e 17 cm.

Algumas gravuras são difíceis de correlacionar com algum tipo de motivo específico, como os picotados dispersos (existentes em doze casos), os grupos de picotados (dois casos) e os picotados associados a um elemento natural da superfície (um caso). Nestes casos é possível que correspondam a gravados recentes e aleatórios, sem carácter simbólico. No entanto, noutras situações é possível identificar motivos como acontece com os designados motivos em U (oito casos)[9], antropomorfos (dois casos), podomorfos calçados (um caso), covinhas (dois casos), motivos quadrangulares (um caso), motivos circulares (um caso), cruciformes (um caso) e datas (três casos).

[9] Vulgarmente apelidados de ferraduras.

Os picotados dispersos encontram-se em Favecas 3, Favecas 8, Favecas 9, Favecas 15, Coutada 1, Moinhos 4, Pias 1, Pias 2, Pias 5, Pias 9, Pias 12 e Cabeço da Mina 1 (Fig. 468). Quanto aos grupos de picotados, estes surgem em Favecas 12 e Favecas 16 (Fig. 469). Os picotados associados a um veio fino de quartzo surgem em Ridevides 4 (Fig. 470).

Os motivos em U surgem na Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2, Serrinha 1, Pias 1, Pias 6, Pedra Nova, Pedra Escrita de Ridevides 1 e Poço da Moura e são os mais numerosos, na ordem das dezenas (Fig. 471). Estes motivos podem aparecer mais ou menos abertos, com covinha no centro ou, por vezes, subdivididos a meio. Neste caso há quem os considere antropomorfos estilizados ou representações de vulvas (COIMBRA, 2008: 122), sendo que no caso do painel 1 do Penedo de As Pizadiñas, em Laza, Ourense, existem gravuras de falos que parecem dirigir-se para motivos em U (COMENDADOR-REY *et. al.,* 2017: 55).

Os podomorfos calçados surgem apenas na Fraga das Ferraduras (Fig. 472) e são escassos.

Os antropomorfos aparecem, indiscutivelmente, em Pias 6 (Fig. 473) e são também escassos.

As covinhas surgem no Abrigo do Castro de Santa Justa e na Pedra Escrita de Ridevides 1 (Fig. 474).

Os motivos quadrangulares e circulares aparecem na Pedra Escrita de Ridevides.

Os cruciformes ocorrem em Pias 2 (Fig. 475).

Quanto às datas, estas surgem em Moinhos 1, Pias 5 e Pias 6 (Fig. 476) e não podem considerar-se arte rupestre.



Figura 468 - Alguns exemplos de picotados dispersos. Da esquerda para a direita: Favecas 8 (a branco) e Coutada 1 (a lilás). Levantamento sobre fotografia.

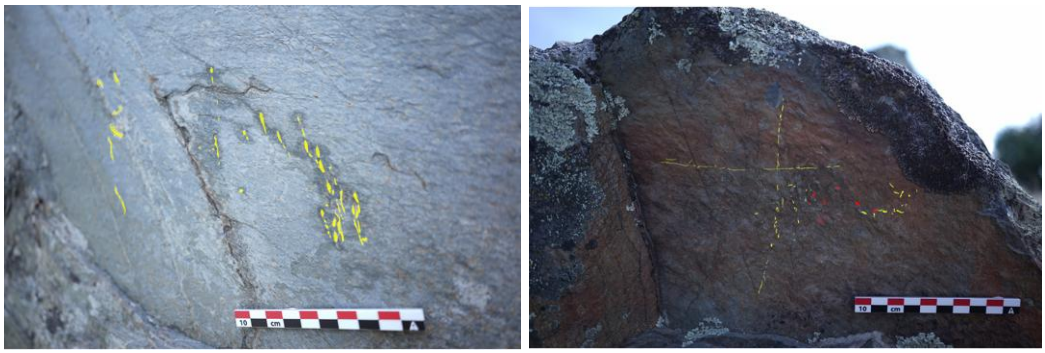


Figura 469 - Grupos de picotados. Da esquerda para a direita: Favecas 12 e Favecas 16 (a vermelho). A figura da direita apresenta picotados a vermelho. Levantamento sobre fotografia.

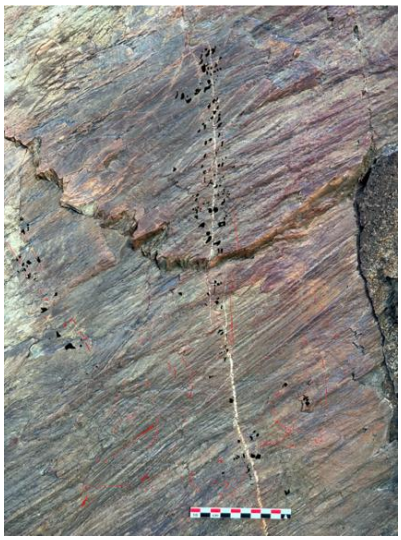


Figura 470 - Picotados associados elemento natural da superfície – um veio de quartzo branco. Ridevides 4 (a preto). Levantamento sobre fotografia.



Figura 471 - Alguns exemplos de motivos em U. Em cima: Fraga das Ferraduras. Em baixo: Ferraduras 2. Fotografias do autor.



Figura 472 - Podomorfo da Fraga das Ferraduras. Fotografia do autor.



Figura 473 - Esquerda: antropomorfo de Pias 6. Direita: possível antropomorfo ou vulva de Pias 1. Fotografias e levantamento do autor.

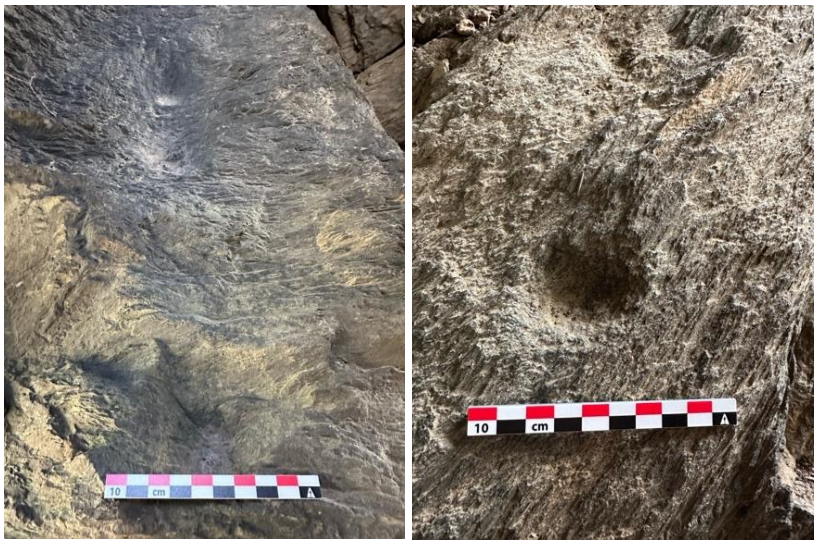


Figura 474 - Covinhas do abrigo do Castro de Santa Justa. Fotografias do autor.

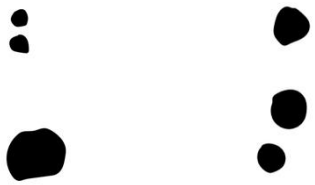
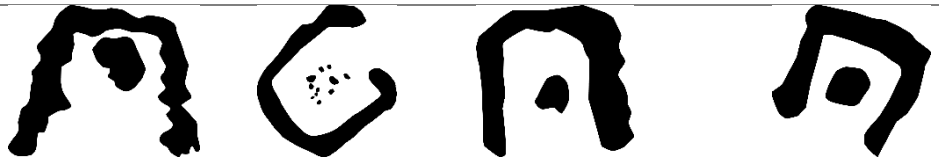
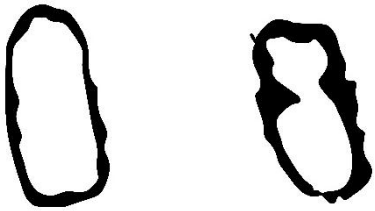
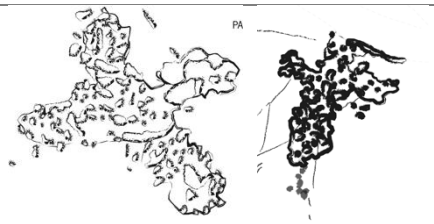


Figura 475 - Cruciformes de Pias 2. Fotografias do autor.



Figura 476 - Alguns exemplos de datas. Da esquerda para a direita: Moinhos 1 e Pias 6. Fotografias do autor.

Tabela 24 - Principais motivos efetuados através da técnica de picotado

Grupos de picotados	
Covinhas	
Antropomorfos	
Antropomorfos/vulvas	
Motivos em U	
Podomorfos	
Cruciformes	



3.4.4.4 Sobreposição de motivos e problemáticas cronológicas

Os picotados sobrepõem-se às restantes técnicas, sobretudo à incisão filiforme e até à incisão fusiforme (Fig. 477).

Tal como tem acontecido para os motivos gravados com outras técnicas, os efetuados através da técnica de picotado também apresentam celeuma na sua atribuição cronológica.

Uma grande problemática tem a ver com a ausência de patine, nalgumas situações, podendo tal evidenciar que as gravuras foram efetuadas num momento relativamente recente, como nas datas do século XIX e inícios do XX. No entanto, tal pode aparecer, também, em motivos em U da Fraga das Ferraduras ou de Pias 6. No caso da Fraga das Ferraduras, os motivos em U que se encontram mais próximos do solo, num painel oblíquo, são os que apresentam maior patine, tal como acontece na Pedra Escrita de Ridevides 1. Assim, no caso destes motivos, existência de maior ou menor patine pode não ser apenas cronológica, mas relacionar-se com maior ou menor exposição aos agentes erosivos.

Os motivos em U, tradicionalmente conhecidos como "ferraduras", ou designados por metades de círculo por Baptista *et al.* (2011) têm uma vasta extensão geográfica, tanto aparecendo no Noroeste português, em superfícies graníticas, aplanadas, no que Bettencourt (2017b: 131) considerou de arte esquemática tardia e que atribuiu a um momento posterior ao Bronze Antigo, por se sobreporem a uma alabarda incisa, na Pedra Escrita de Ridevides. Aparecem também no Centro-Norte de Portugal, no concelho de Tondela, Viseu, onde Santos (2006: 52) os considera proto-históricos e no Centro de Portugal, em Piódão (SANTOS *et. al.*, 2011).

Outros autores, como António Martinho Baptista, enquadra estes motivos na Idade do Bronze Final (BAPTISTA, 1983: 76) ou até da Idade do Ferro onde, por exemplo, se encontram associados a podomorfos (COIMBRA, 2008: 122).

Quanto aos podomorfos da Fraga das Ferraduras, estes poderão ser contemporâneos dos motivos em U a que se associam. A cronologia dos podomorfos não é unânime como ficou demonstrado na dissertação de mestrado de José Moreira, uma vez que se balizam entre o Bronze Final e a Idade do Ferro, sendo, por vezes, gravados em períodos mais recentes (MOREIRA, 2018: 13).

Já a atribuição cronológica das covinhas é problemática.

As cruzes, de morfologia latina, serão históricas e as datas da contemporaneidade.

Assim, tendo em conta as sobreposições e o tipo de motivos, consideramos que esta técnica foi aplicada, na ribeira da Vilariça, desde a Idade do Bronze até à época contemporânea.

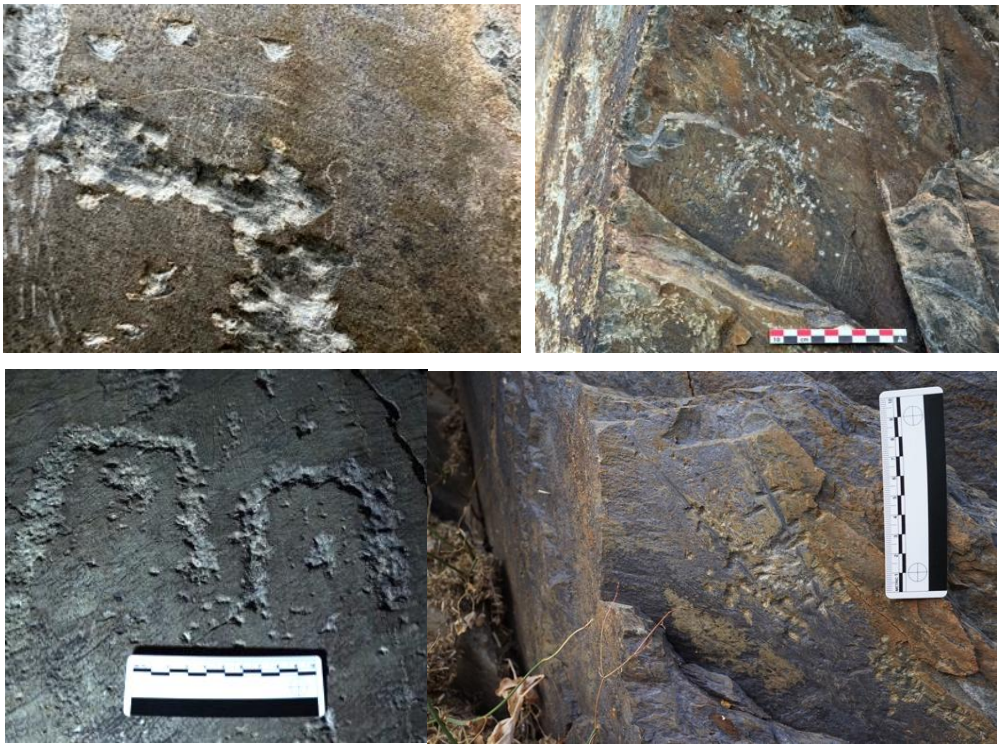


Figura 477 - Alguns exemplos de picotados que se sobrepõem a outras técnicas, nomeadamente a incisão filiforme (três casos) e à incisão fusiforme (um caso, em baixo, à direita). Em cima da esquerda para a direita: Fraga das Ferraduras. Em baixo: Pias 6 e Pias 1. Fotografias do autor.

3.5. Síntese cronológica

A questão da problemática cronológica em arte rupestre, torna-se bastante complexa, desde logo pela conjugação da técnica com os motivos gravados e, até, pela ausência de patine nalguns motivos incisos e picotados, dando a ideia de que o seu momento de gravação foi relativamente recente. Também é verdade que as intervenções arqueológicas nestes contextos são bastante escassas, adensando o problema de atribuição cronológica. Apesar de terem sido efetuadas algumas sondagens arqueológicas de diagnóstico, junto de algumas rochas gravadas, no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, estas não permitiram níveis estratigráficos preservados, embora fossem recolhidos alguns fragmentos de cerâmica manual e líticos (XAVIER *et. al.*, 2012: 94).

Assim, para o estabelecimento de uma cronologia geral, sempre provisória, usou-se o paralelismo, de preferências com gravuras de áreas geográficas próximas, como se verificou nos pontos anteriores.

Em síntese, na margem esquerda da Ribeira da Vilariça, pode considerar-se, embora com reservas, a existência de Arte do Paleolítica Superior (Fig. 478), manifestada em Vilariça 4 através da gravação de uma possível cabeça de auroque (Fig. 479), incisa, com paralelos em Vila Nova de Foz Côa, nomeadamente, na rocha 13 da Ribeira de Piscos (BAPTISTA *et al.,* 2008: 118), na rocha 40 da Canada do Inferno (BAPTISTA *et al.,* 2008: 130) ou na rocha de Redor do Porco, de Figueira de Castelo Rodrigo, e para a qual se aponta uma cronologia Gravetto-Solutrense, ou seja, entre os 25 000 e os 20 000 anos BP (BAPTISTA *et. al.*, 2011: 16). No entanto, existe maior semelhança com o auroque gravado por abrasão do painel 4 de Siega Verde (VÁZQUEZ MARCOS, 2018: 71), técnica usada, também, em Vilariça 4 (Fig. 479).

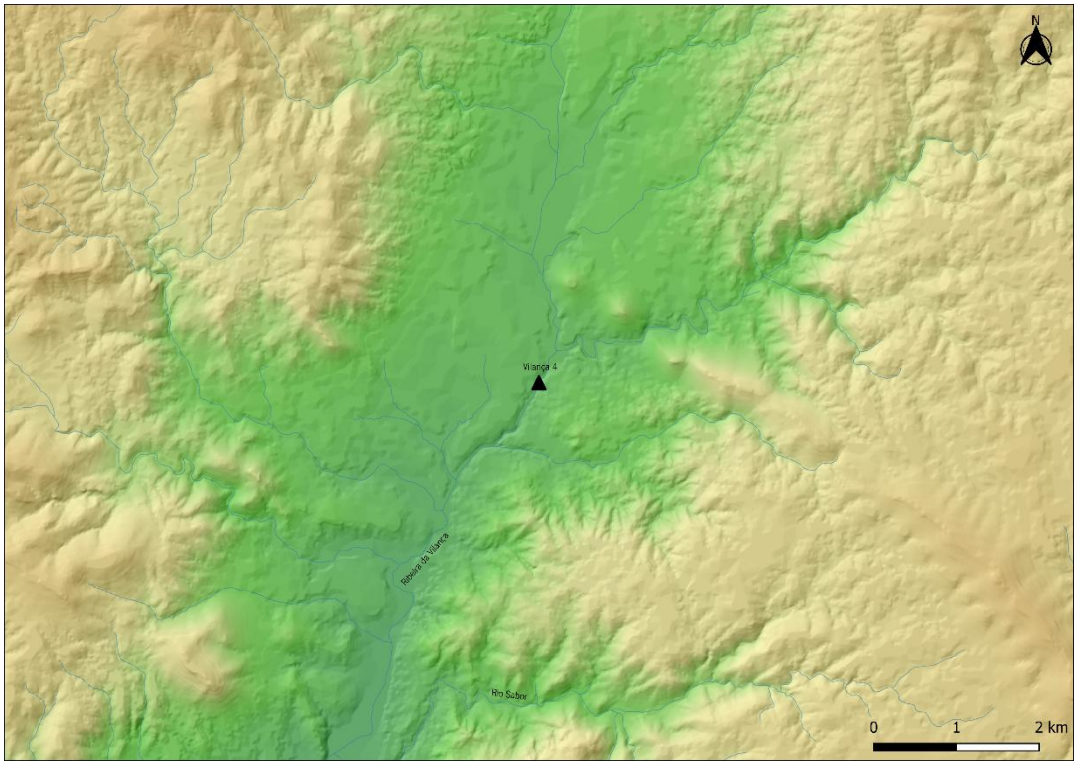


Figura 478 – Arte paleolítica na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000.



Figura 479 – Em cima: possível cabeça de auroque de Vilariça 4. Fotografia do autor. Em baixo, da esquerda para a direita: Rocha 13 da Ribeira de Piscos (BAPTISTA *et al.*, 2008: 118), rocha 40 da Canada do Inferno (BAPTISTA *et al.*, 2008: 130), rocha de Redor do Porco (BAPTISTA *et. al.*, 2011: 16) e o auroque do painel 4 de Siega Verde (MARCOS, 2018: 71).

Talvez da passagem do Paleolítico Superior para o Epipaleolítico /Mesolítico (Fig. 480), se possam considerar algumas linhas paralelas (vulgarmente conhecidas por Unhadas do Diabo) que ocorrem em Pedra Nova, Pedra Escrita de Ridevides 1 e Pias 1 (Fig. 481). Seguiu-se a cronologia atribuída por Teixeira *et. al.* (2017: 26) às linhas paralelas fusiformes do abrigo rupestre da Foz do Tua

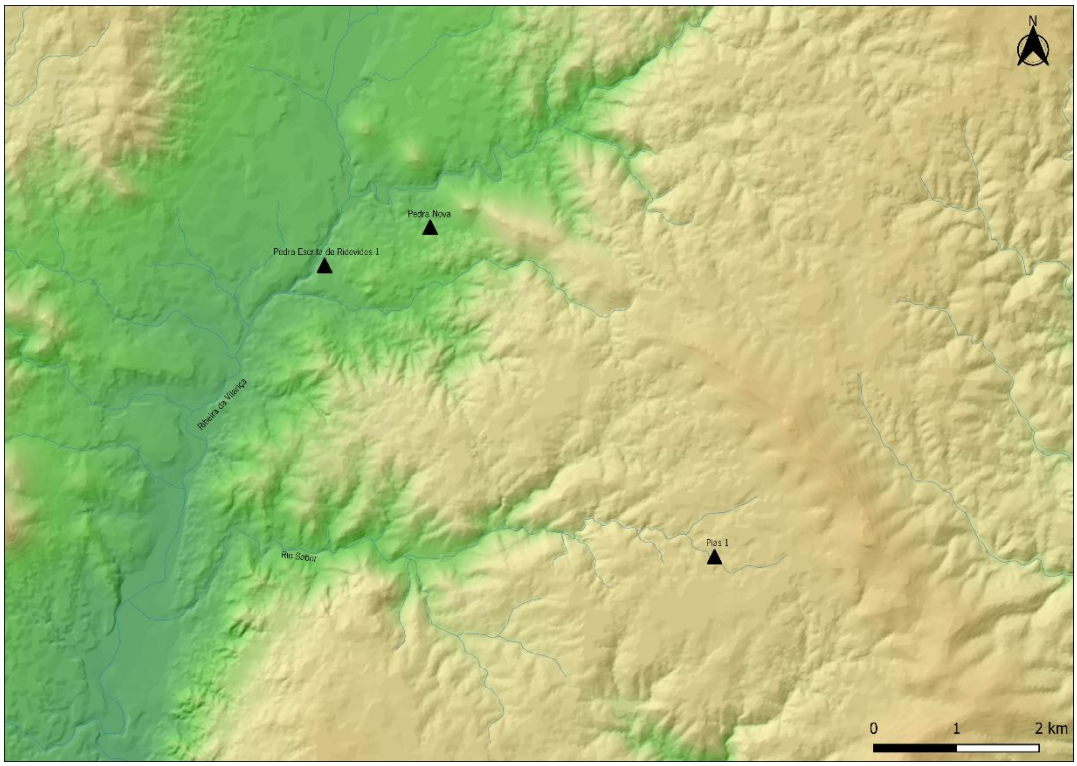


Figura 480 - Arte da passagem do Paleolítico Superior para o Epipaleolítico/Mesolítico na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000.

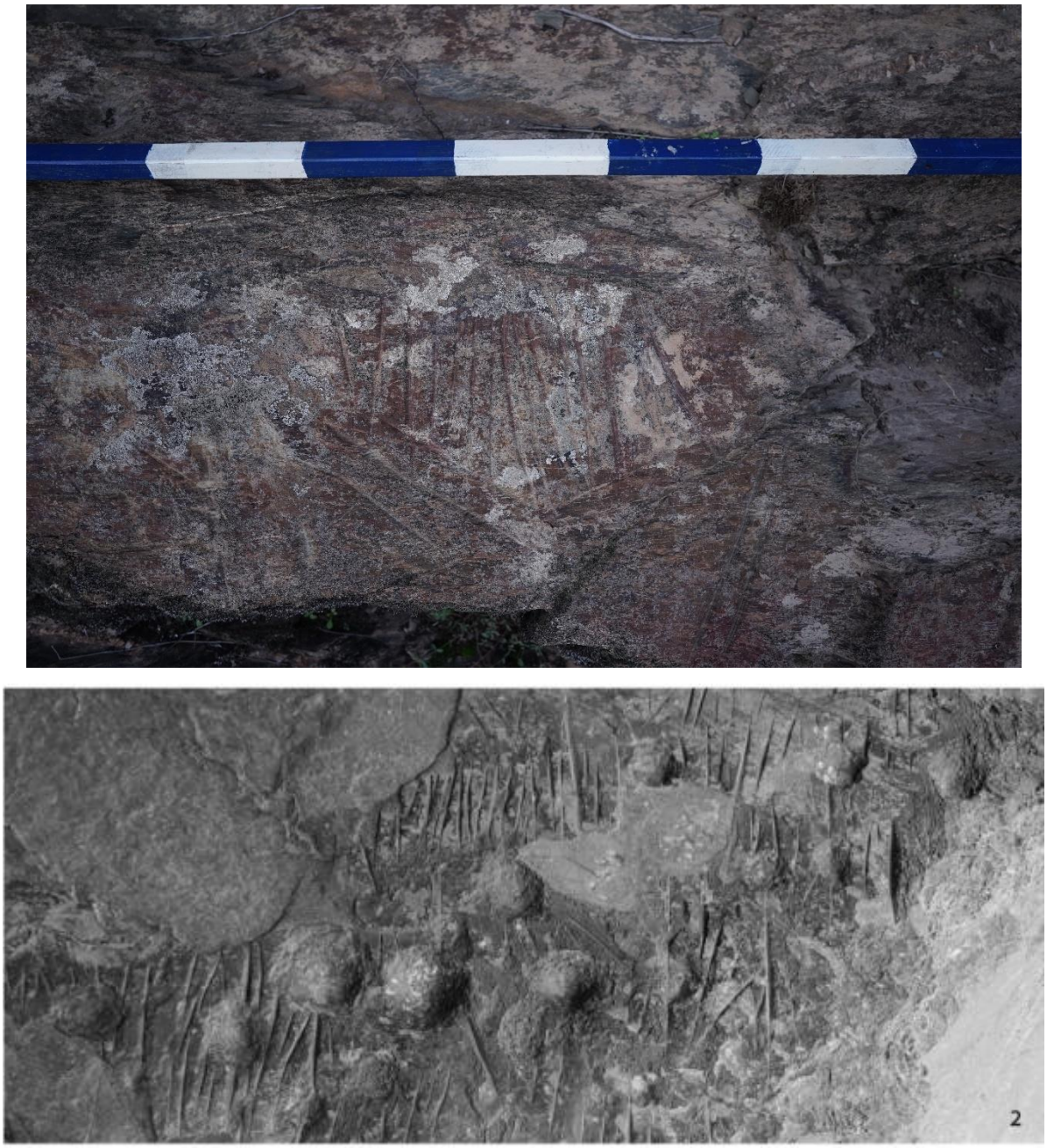


Figura 481 – Em cima: "unhadas do diabo" de Pedra Nova. Fotografia do autor. Em baixo: painel 6 do Abrigo Rupestre da Foz do Tua (TEIXEIRA *et. al.*, 2017: 41).

À Pré-História Recente (Fig. 482) poderão associar-se as figuras pintadas da Fraga das Ferraduras, onde existe, pelo menos, um antropomorfo com toucado (Fig. 483), com paralelos na arte rupestre esquemática do Baixo Douro, com algumas semelhanças com os antropomorfos do abrigo de Penas Roias (Mogadouro) (SANCHES *et. al.*, 2022: 117) ou das gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa) (GOMES, 2025: 251).

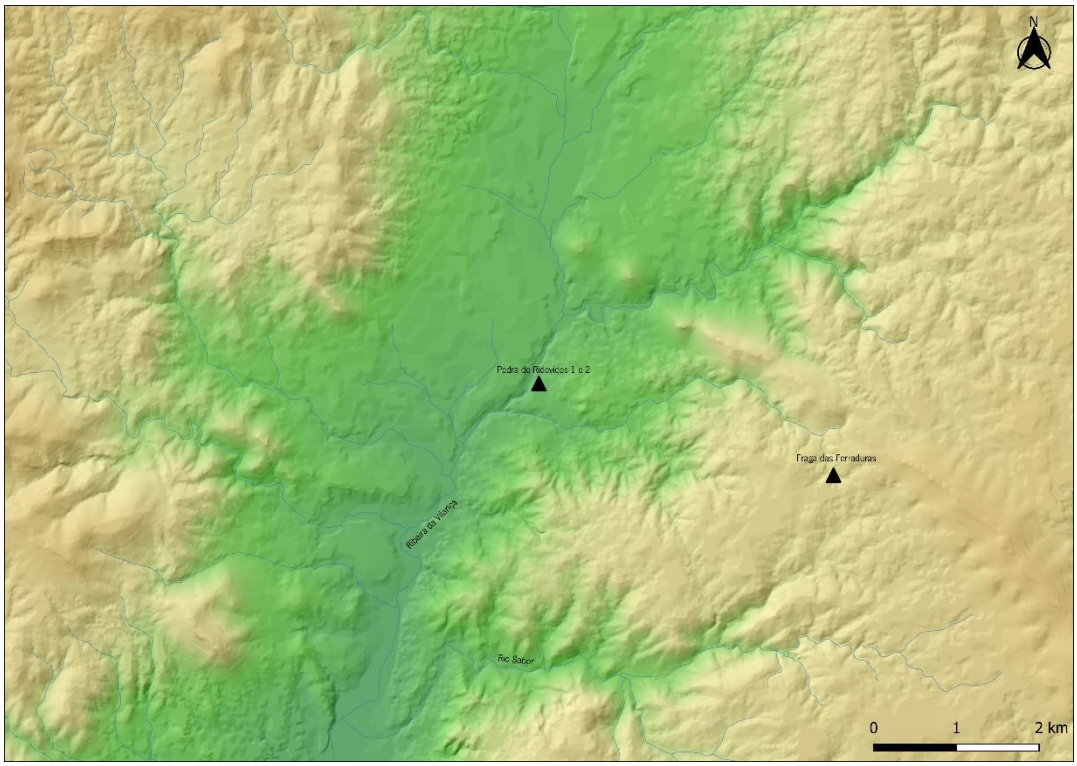


Figura 482 – Arte da Pré-história Recente na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1: 50 000.

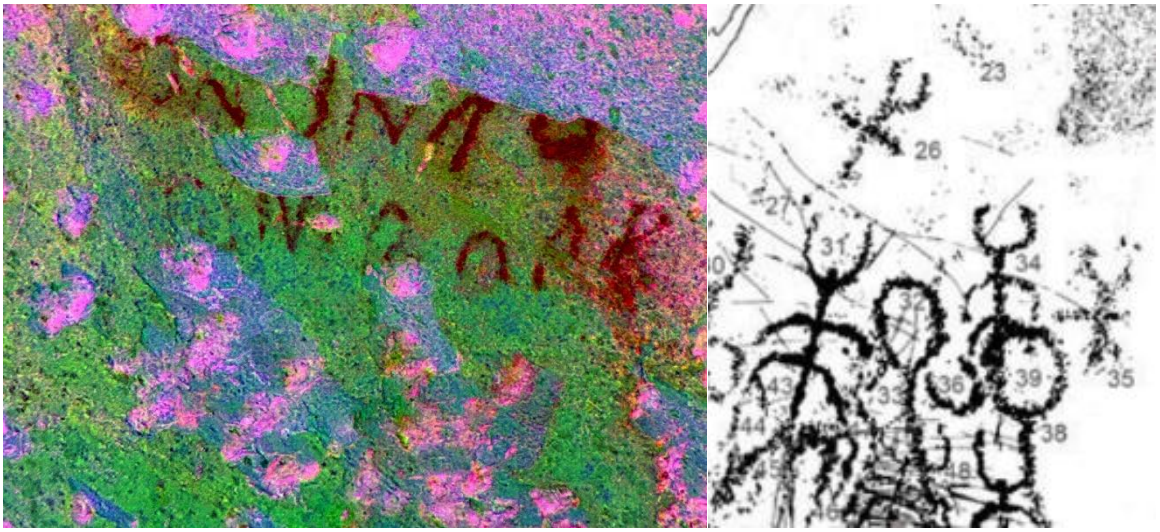


Figura 483 – Em cima: pinturas da Fraga das Ferraduras. Em baixo: Gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (GOMES, 2025: 251).

Do Calcolítico Final/Bronze Inicial serão as alabardas de Pedra de Ridevides 1 e 2 (Fig. 484 e 485), efetuadas por incisão fusiforme, ambas localizadas no concelho de Alfândega da Fé.

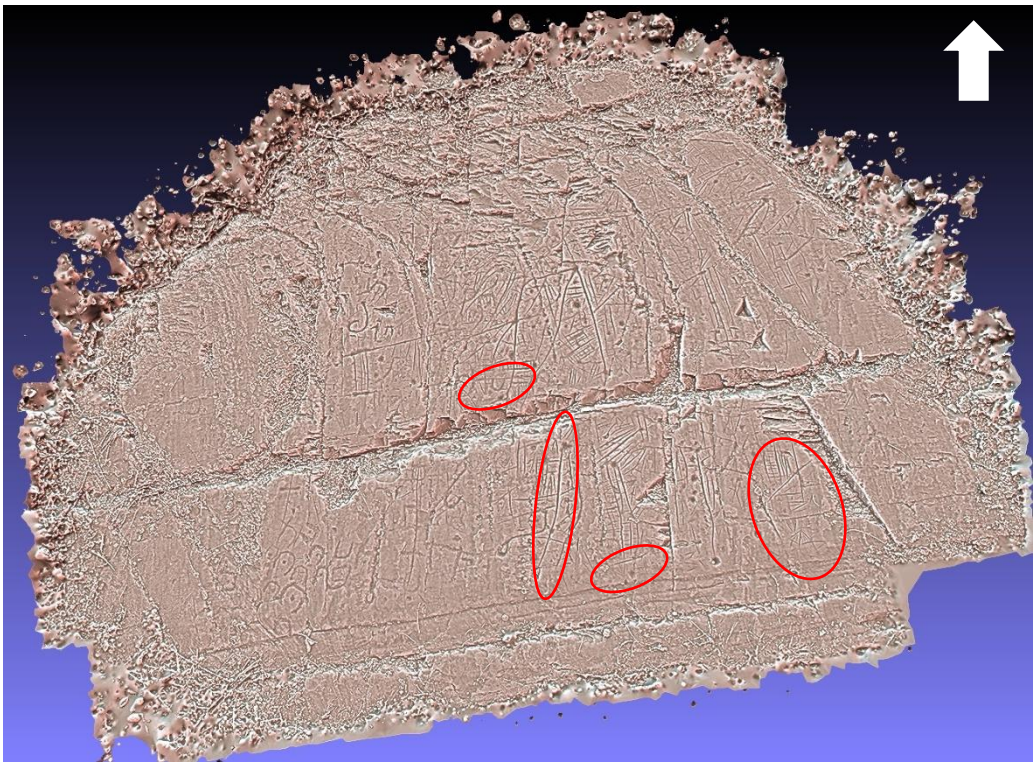


Figura 484 – Fotogrametria da Pedra Escrita de Ridevides 1, com as alabardas assinaladas.

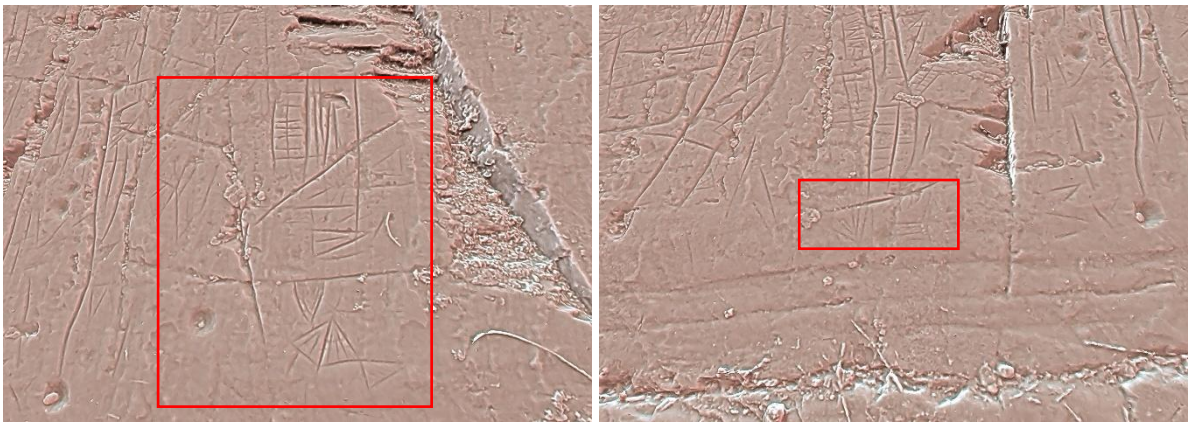


Figura 485 – Pormenor fotogramétrico de algumas alabardas da Pedra Escrita de Ridevides 1.

A um período posterior, da Idade do Bronze a inícios da Idade do Ferro (Fig. 486), será a gravação dos podomorfos e motivos em U, picotados, que são abundantes na área, nomeadamente na Fraga das Ferraduras, Ferraduras 2 (Figs. 487, 488), Pias 1 e Pias 6 (Fig. 489), Pedra Nova, Serrinha 1 (Fig. 490) e Pedra Escrita de Ridevides 1 (Fig. 484).

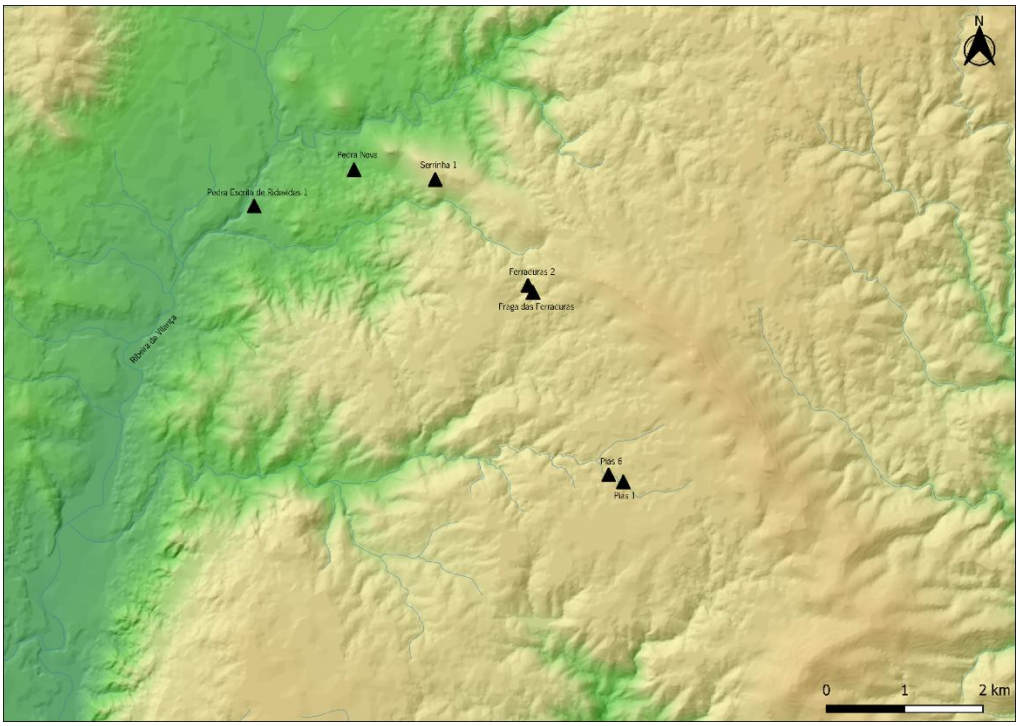


Figura 486 - Arte da Idade do Bronze a inícios da Idade do Ferro na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000.

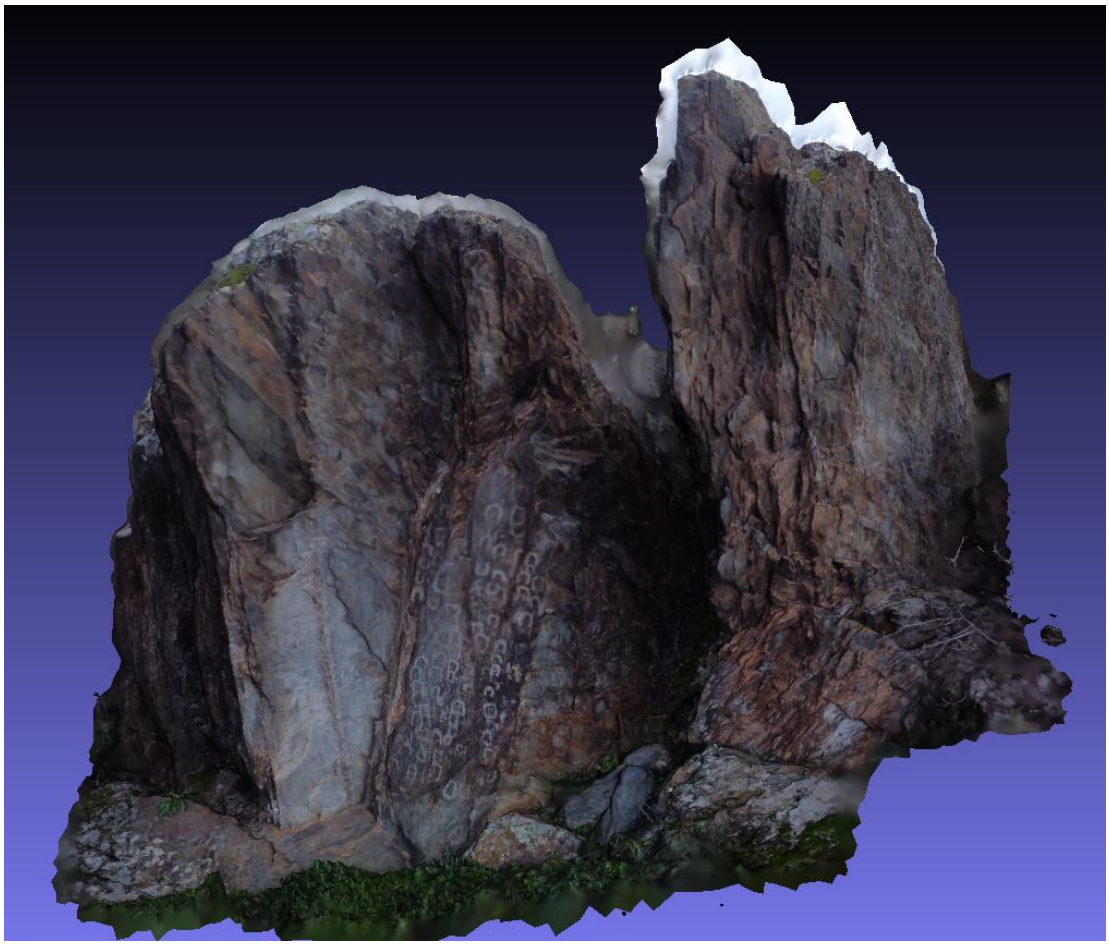


Figura 487 – Fotogrametria geral da Fraga das Ferraduras, onde se podem observar inúmeros motivos em U.

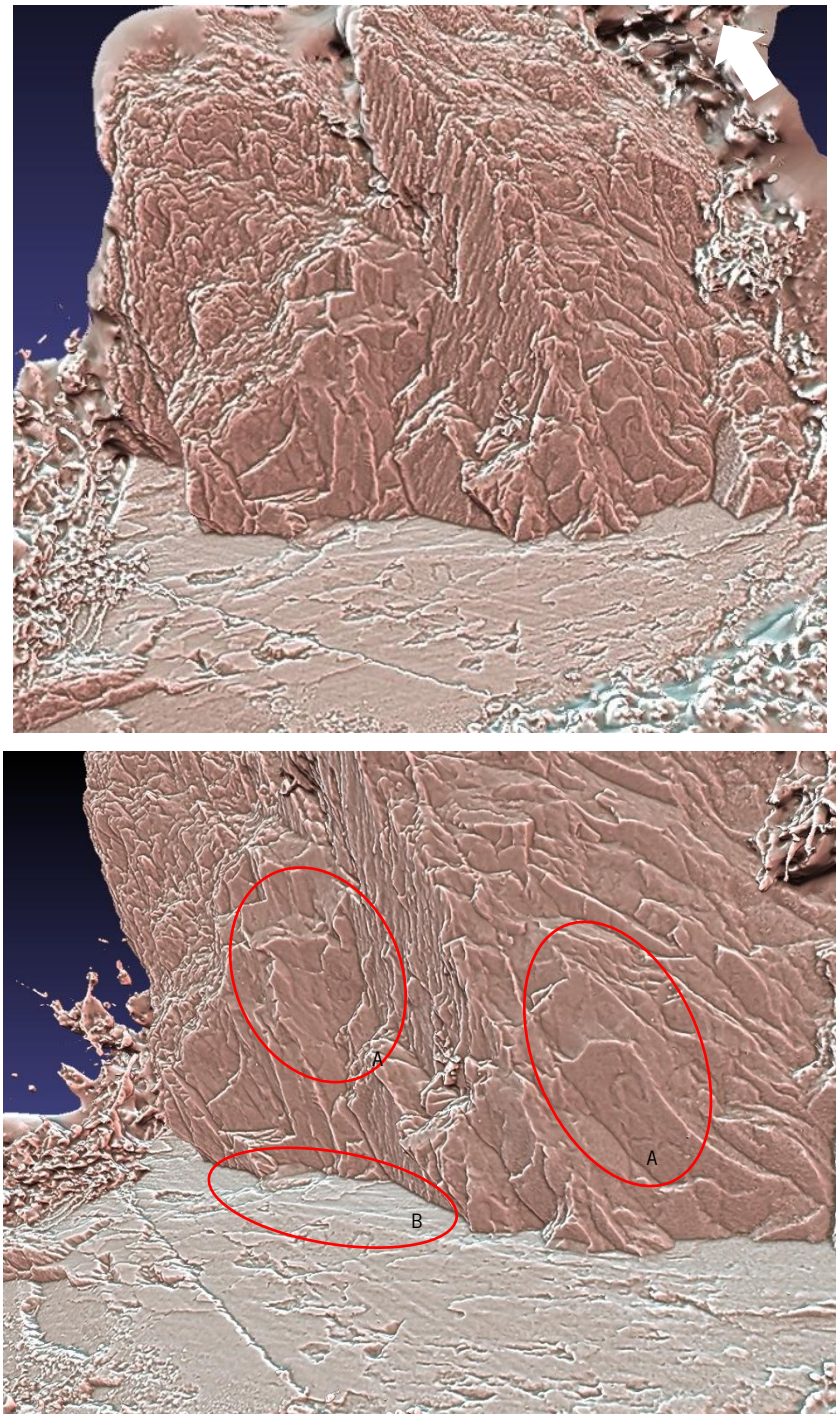


Figura 488 - Em cima: fotogrametria geral de Ferraduras 2. Em baixo: pormenor fotogramétrico dos painéis A e B com três grupos de motivos em U, assinalados.

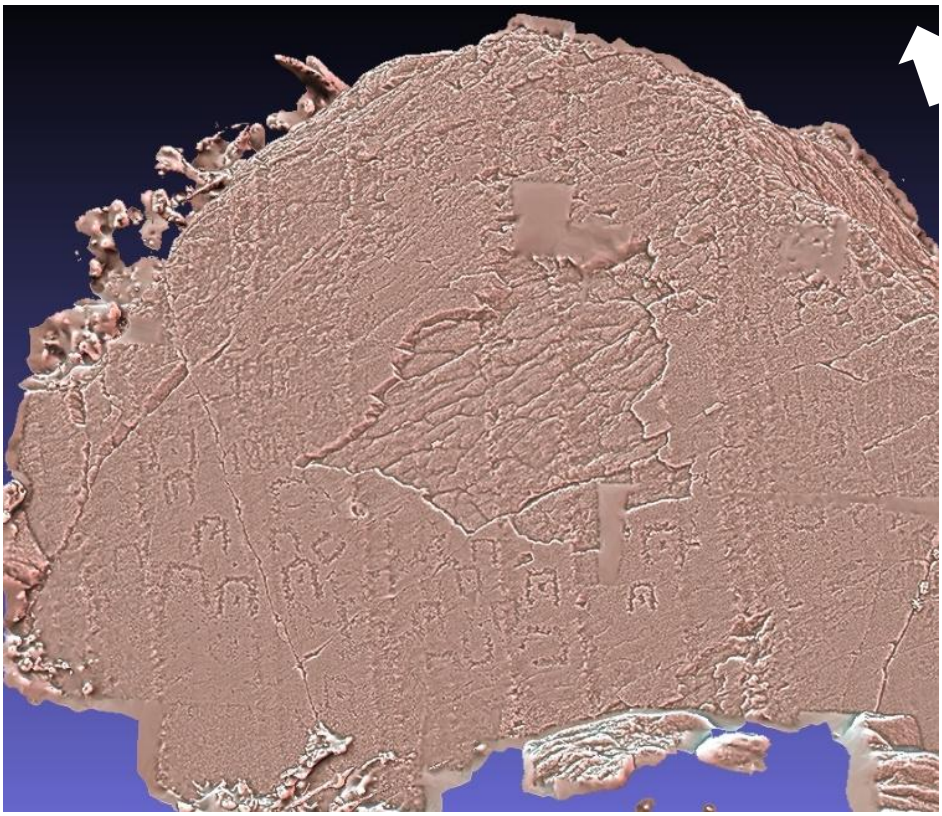


Figura 489 – Fotogrametria de Pias 6, com motivos em U e covinha central.

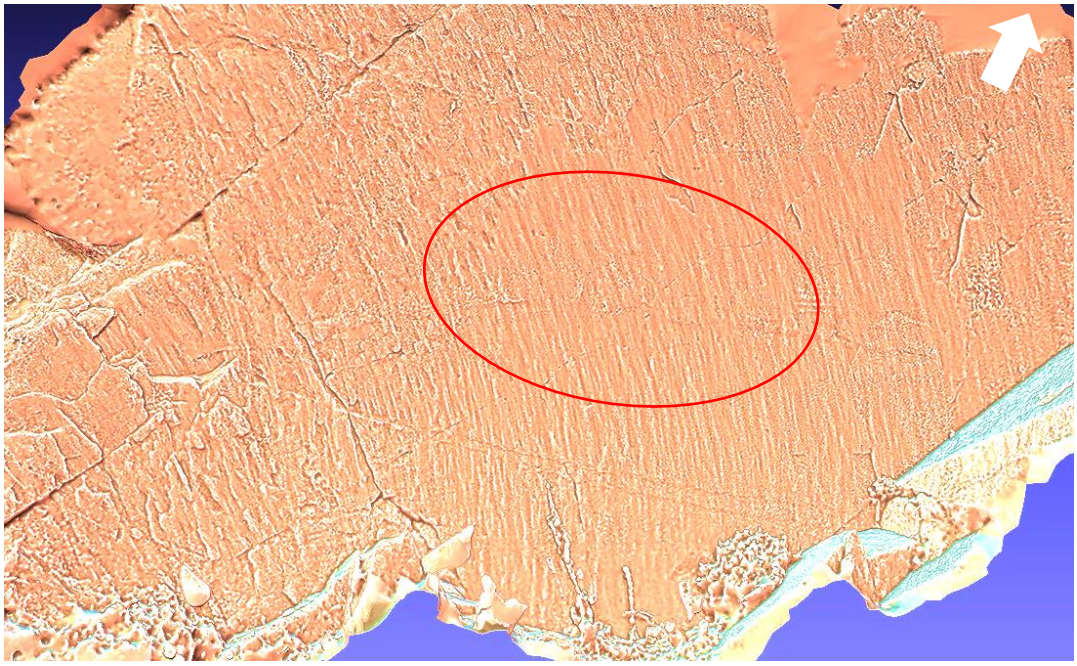


Figura 490 - Fotogrametria de Serrinha 1, onde os ténues motivos em U, picotados, não são visíveis.

Do Ferro Recente (Fig. 491) serão as representações de um cervídeo e de um cavalo montado por um cavaleiro portador de rédea, feito por incisão filiforme, de Moinhos 2 (Fig. 492) e as possíveis

inscrições de escrita de tipo ibérica de Pias 10 e Favecas 28, por paralelos com Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa) (Fig. 493 e 494).

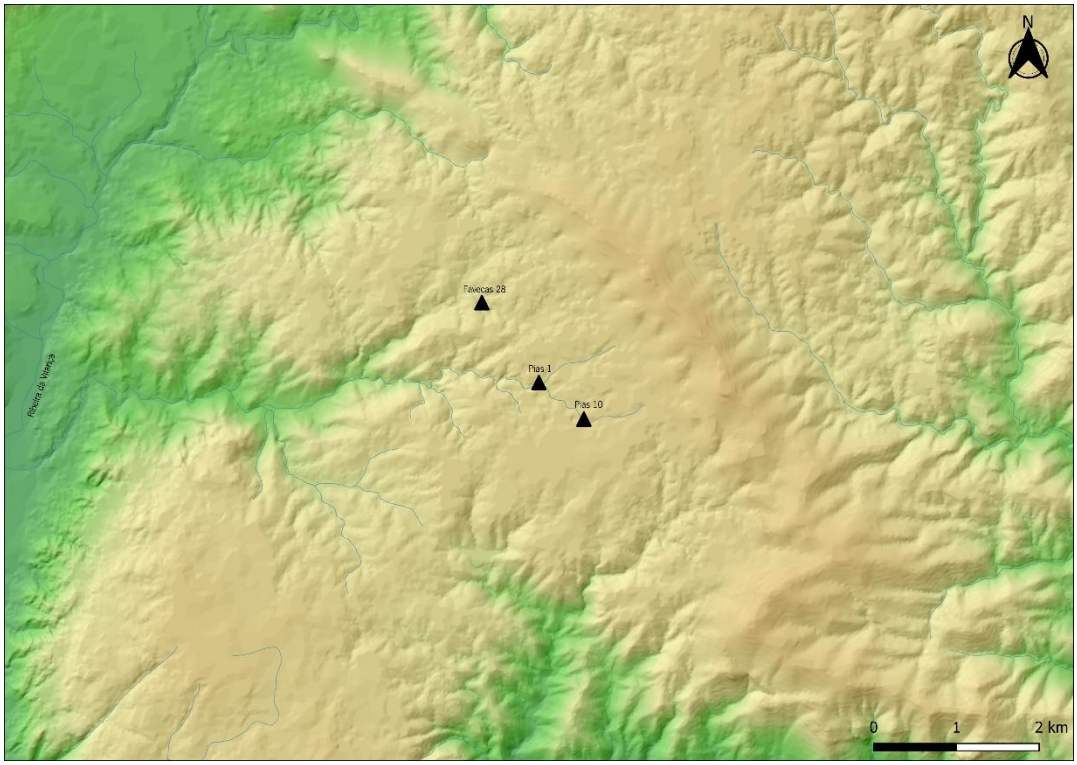


Figura 491 - Arte rupestre da Proto-história na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000.

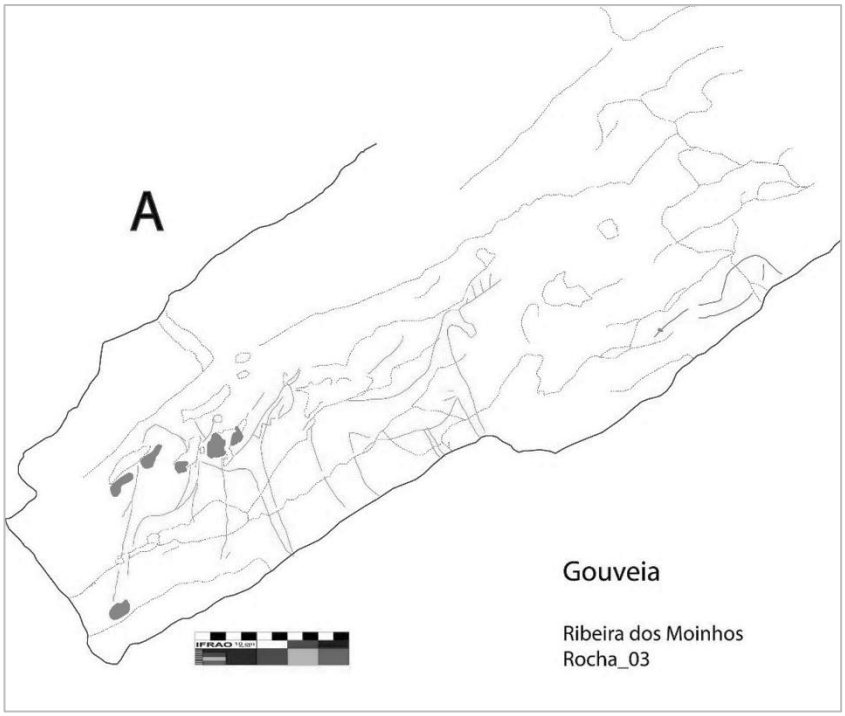


Figura 492 - Pormenor das gravuras do painel A de Moinhos 2. Levantamento do autor.

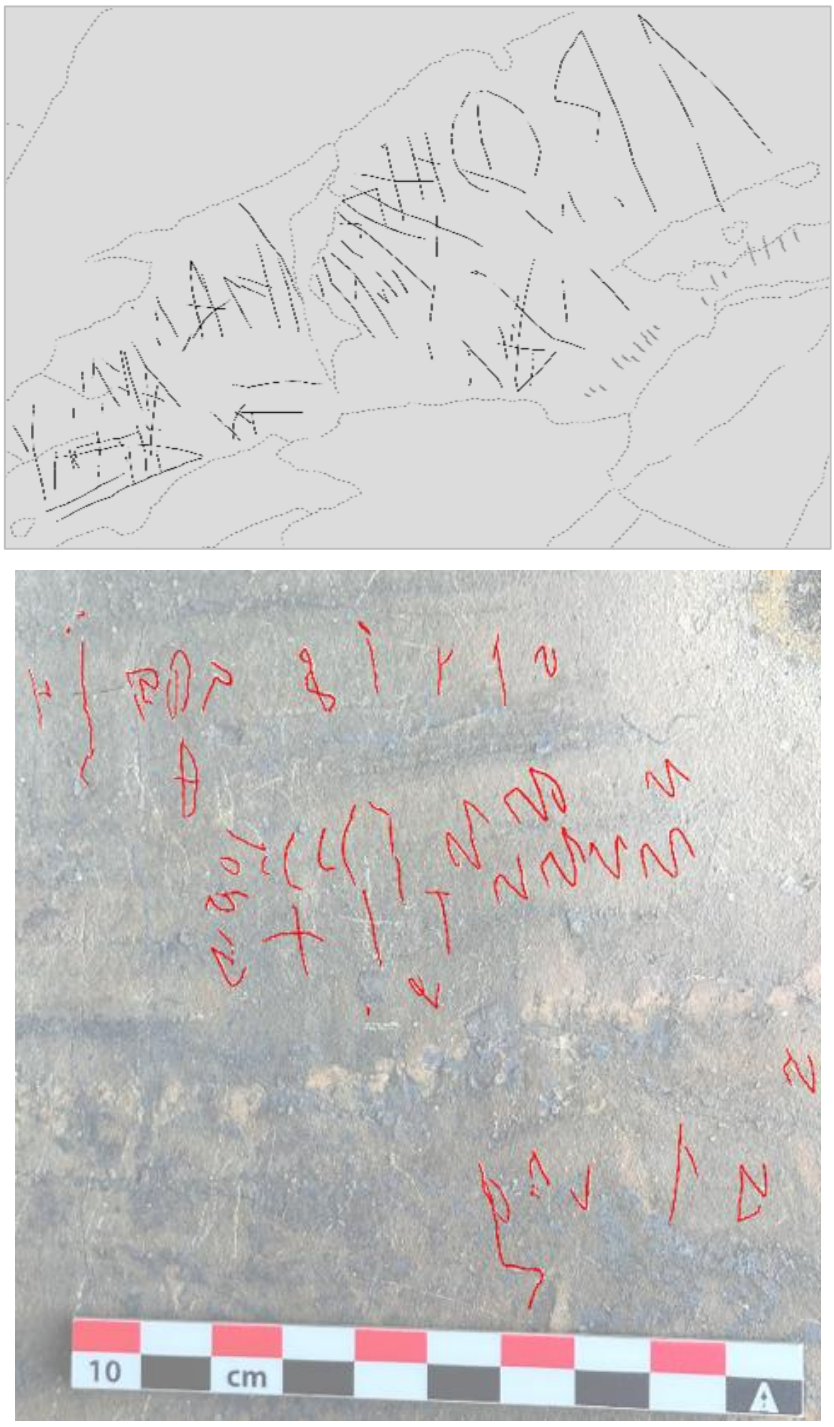
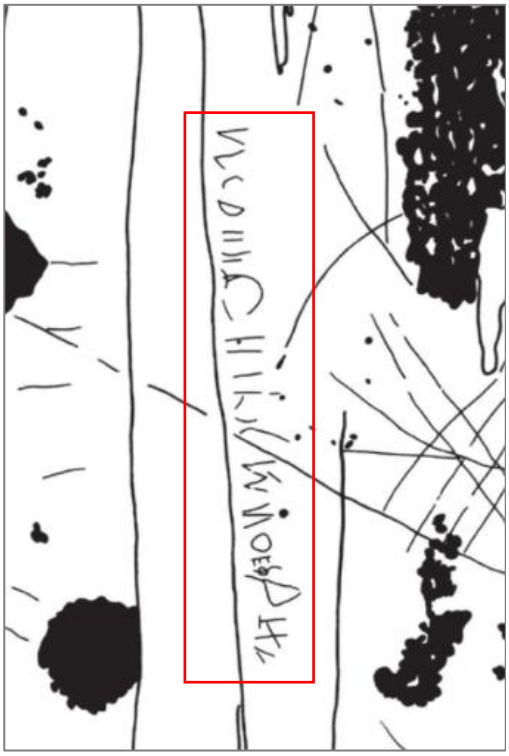


Figura 493 - Possíveis alfabetiformes de Pias 10 (esquerda) e de Favecas 28 (direita).



		Tera	Creta	Dipylon	Ática	Jónia e Anatólia	Corinto	Gregos do Ocidente	Etruria	Etruria (Clássico)	Roma Antiga	Vale da Casa
1	alpha											
2	beta											
3	gamma											
4	delta											
5	epsilon											
6	digamma											
7	dizeta											
8	eta											
9	theta											
10	iota											
11	kappa											
12	lambda											
13	mu											
14	nu											
15	xi											
16	omicron											
17	pi											
18	san											
19	koppa											
20	rho											
21	sigma											
22	tau											
23	upsilon											
24	phi											
25	khi											
26	psi											
27	omega											
28	sampi											

Figura 494 – À esquerda: alfabetiformes do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), segundo Mário Varela Gomes (2013: 78). À direita: quadro de alfabetos gregos arcaicos, etrusco e romano antigo e os identificados em Vale da Casa (GOMES, 2013: 85).

Quanto aos ziguezagues, se aceitarmos que poderão representar rédeas, segundo a interpretação de Soares (2023), poderão ser, também, deste período cronológico, embora este motivo possa ser mais antigo por paralelos com a arte megalítica (SANCHES, 2009) e a arte esquemática pintada.

Já as rosetas raspadas de Favecas 7, deverão ser de época romana ou medieval (Fig. 495), pois apesar de existirem no Ferro Recente/transição para a romanização, são quase sempre de seis folhas, neste período.

De época romana ou medieval, também podem ser os tabuleiros de jogo de Coutada 2, Moinhos 5 e Pias 2 (Fig. 496), efetuados por incisão filiforme e com paralelos em Laxe das Cruces, no sudoeste da Galiza (FERNANDEZ-PINTOS, 2017: 187), embora este autor não considere cronologias inferiores ao século V a. C. (FERNANDEZ-PINTOS, 2017: 200). Também no castelo de Vilar Maior, em Sabugal, foi identificado um tabuleiro de jogo gravado num afloramento, classificado como o jogo do Alquerque dos 12 (FERNANDES, *et. al.*, 2013: 95) e que se assemelha ao de Moinhos 5. Neste sítio também foram identificadas cerâmicas da Idade do Ferro (FERNANDES *et. al.*, 2013: 94).

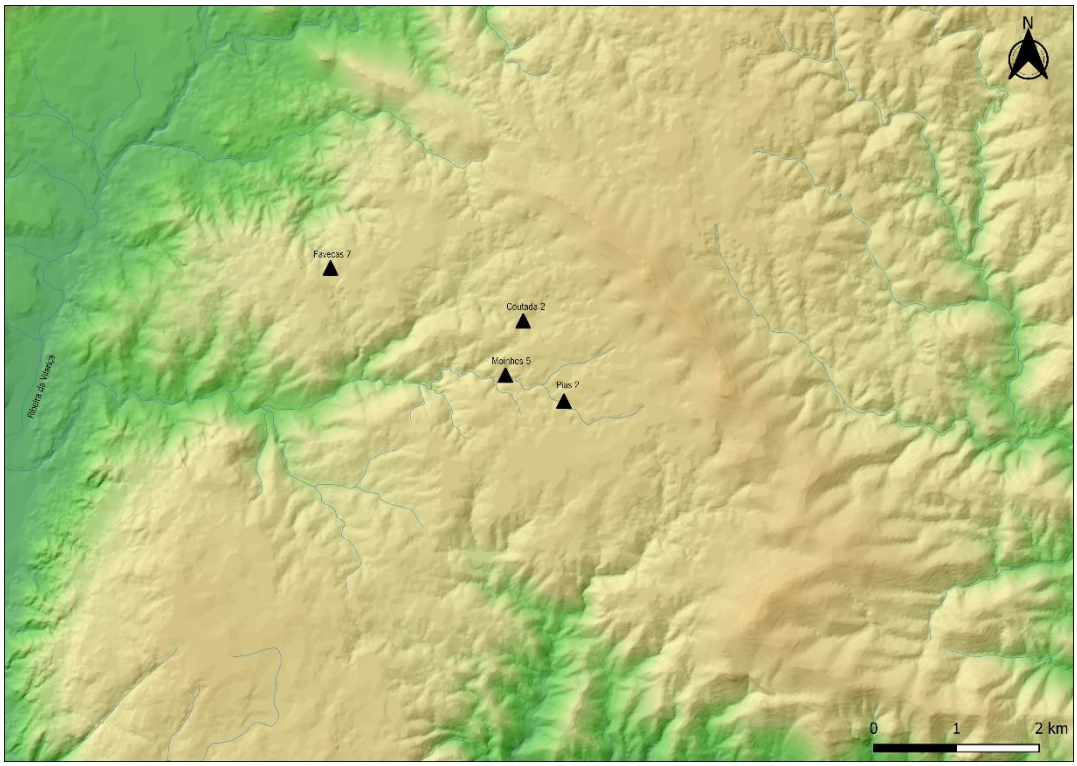


Figura 495 - Arte rupestre de época romana ou medieval na margem esquerda do Vale da Vilariça, na escala 1:50 000.



Figura 496 – Em cima: tabuleiro de jogo de Moinhos 5. Em baixo: possível tabuleiro de jogo de Coutada 2. Fotografia e levantamento do autor.

O pentagrama, inciso, de Pias 10 também poderá ser de época medieval ou moderna (Fig. 497).



Figura 497 – Pentagrama inciso de Pias 10. Fotografia do autor.

Alguns cruciformes latinos, como os de Pias 2, efetuados por picotado, parecem de época cristã.

As datas do séc. XIX e XX feitas por picotado de Moinhos 1 e Pias 6, atestam bem a persistência da gravação de rochas ao ar livre até épocas bem recentes.

Em suma, o território da margem esquerda da ribeira da Vilariça foi profusamente gravado, desde, provavelmente, o Paleolítico até à contemporaneidade, com especial ênfase para a Proto-história, aparentemente com hiatos e com significações e propósitos distintos no tempo.

Também não parece haver sucessão técnica, em termos cronológicos, com exceção da pintura, que neste contexto parece ser da Pré-história Recente, estando sobreposta por incisões filiformes e picotados.

3.6. Arte rupestre e povoamento

Um dos objetivos deste trabalho era o de articular a arte rupestre com outros sítios arqueológicos, o que se tornou muito difícil atendendo à pouca precisão cronológica de muitos sítios inventariados e às dificuldades encontradas para datar a arte rupestre. Mesmo assim, este exercício foi testado para sítios considerados, indiscutivelmente, de arte rupestre inseríveis entre a Idade do Bronze Inicial e o Ferro Recente.

O primeiro sítio a ser testado foi o santuário do Cabeço da Mina, atribuído por Jorge (1986, 1999a) ao Neo-calcolítico e por Diaz Guadarmino (2010) ao Bronze Médio com perduração por cronologias mais recentes. A conclusão a que se chega é a de que este santuário está muito próximo do Castro de Santa Justa (Pré-história Recente) e das gravuras da Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, ou seja, num aro de trinta minutos. Já os monumentos megalíticos ficam mais afastados, entre os trinta e os sessenta minutos, como é o caso do Chão da Senhora da Rosa 1 e 2, a sul. Entre os sessenta e os noventa minutos apenas se encontra o monumento megalítico de Chã Grande, também a sul. Entre os noventa minutos e as duas horas, encontra-se o povoado da Senhora do Castelo (Pré-história Recente) e o monumento megalítico do Cabeço do Murado 2, que lhe fica a norte. (Fig. 498).

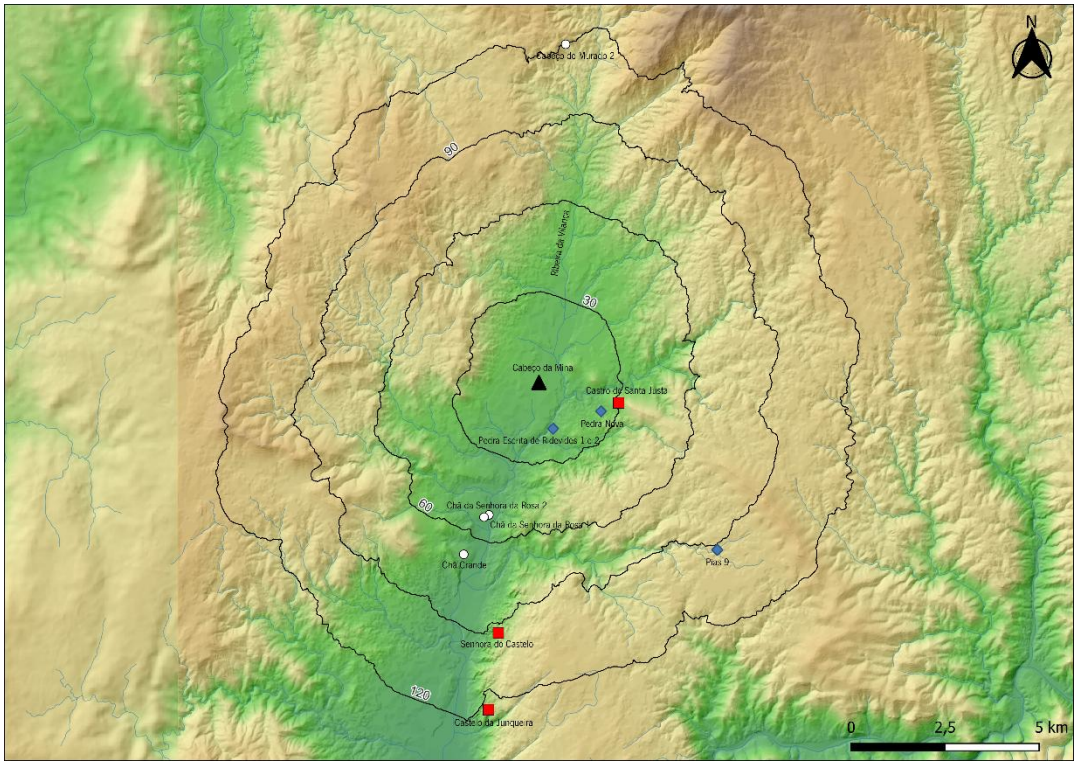


Figura 498 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:110 000, entre o santuário de estelas do Cabeço da Mina (triângulo a preto), os povoados do Castro de Santa Justa, Senhora do Castelo e Castelo da Junqueira (quadrados a vermelho), os monumentos megalíticos (pontos a branco) e as rochas com arte rupestre Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, Pedra Nova e Pias 9 (losangos azuis).

O exercício foi efetuado, também, para as gravuras da Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2 (com alabardas) e, portanto, com uma cronologia, pelo menos, do Bronze Inicial, face aos povoados considerados com ocupação genericamente contemporânea que são, pelo menos, Baldoeiro e Senhora do Castelo, segundo Sanches (1997: 283) e Cruz (2000). Os resultados para os territórios teóricos de circulação concluíram que só o povoado da Senhora do Castelo se encontra no limite das duas horas pedestres a partir destes lugares gravados (Fig. 499).

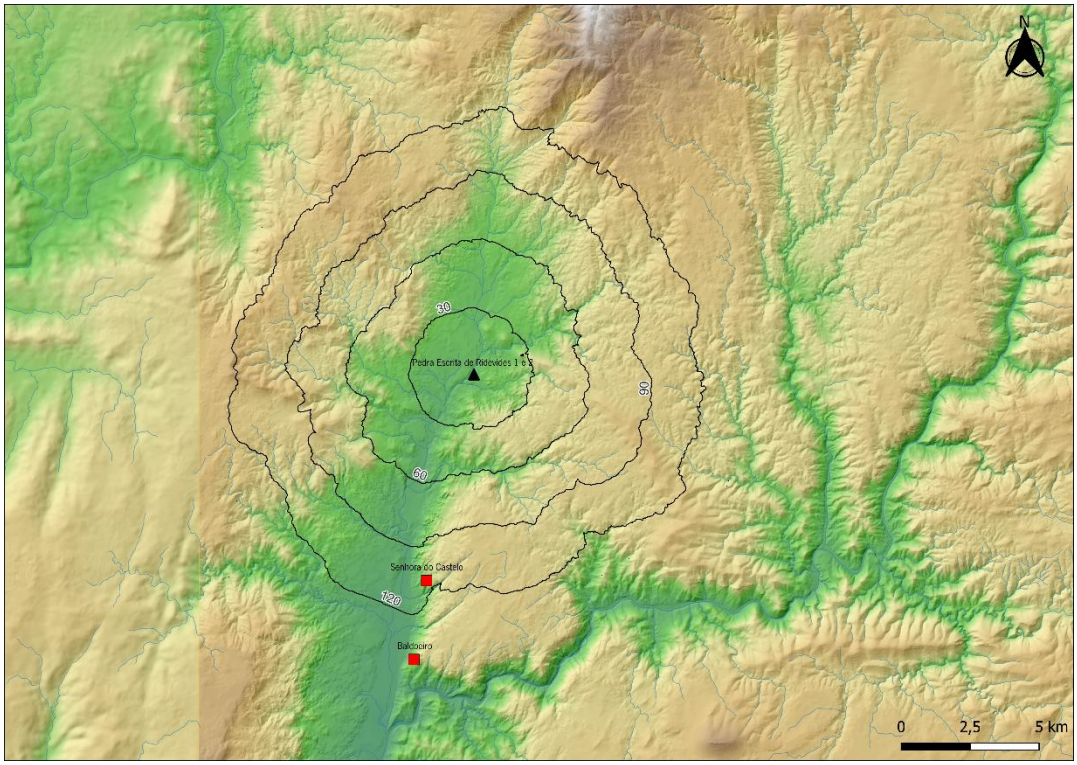


Figura 499 – Territórios teóricos de circulação, na escala 1:150 000, entre Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2 (triângulo a preto) e os povoados da Senhora do Castelo e Baldoeiro (quadrados a vermelho).

Também se testou a distribuição dos sítios com motivos em U e podomorfos face ao povoado do Castelo da Junqueira, que teria ocupações do Bronze Final e da Idade do Ferro (CRUZ, 2000: 183, 184). Quanto à rocha de Serrinha 1 com motivos em U, o resultado foi de praticamente duas horas relativamente a este povoado (Fig. 500). Relativamente à rocha Pedra Nova, esta já se encontra mais próxima do povoado do Castelo da Junqueira num percurso pedestre entre os noventa minutos e as duas horas (Fig. 501). Para o caso de Pias 1, o percurso, tal como acontece com a Pedra Nova, também se estabeleceu entre os noventa minutos e as duas horas (Fig. 502). Quanto a Pias 6, dada a proximidade a Pias 1, a escassas centenas de metros a jusante desta última, e na mesma linha de água, o Castelo da Junqueira localiza-se entre os noventa minutos e as duas horas de circulação pedestre (Fig. 503). Para a Fraga das Ferraduras, o Castelo da Junqueira também se encontra entre os noventa minutos e as duas horas de percurso pedestre (Fig. 504), acontecendo o mesmo para Ferraduras 2 (Fig. 505), até porque dista da Fraga das Ferraduras cerca de 100 metros para jusante.

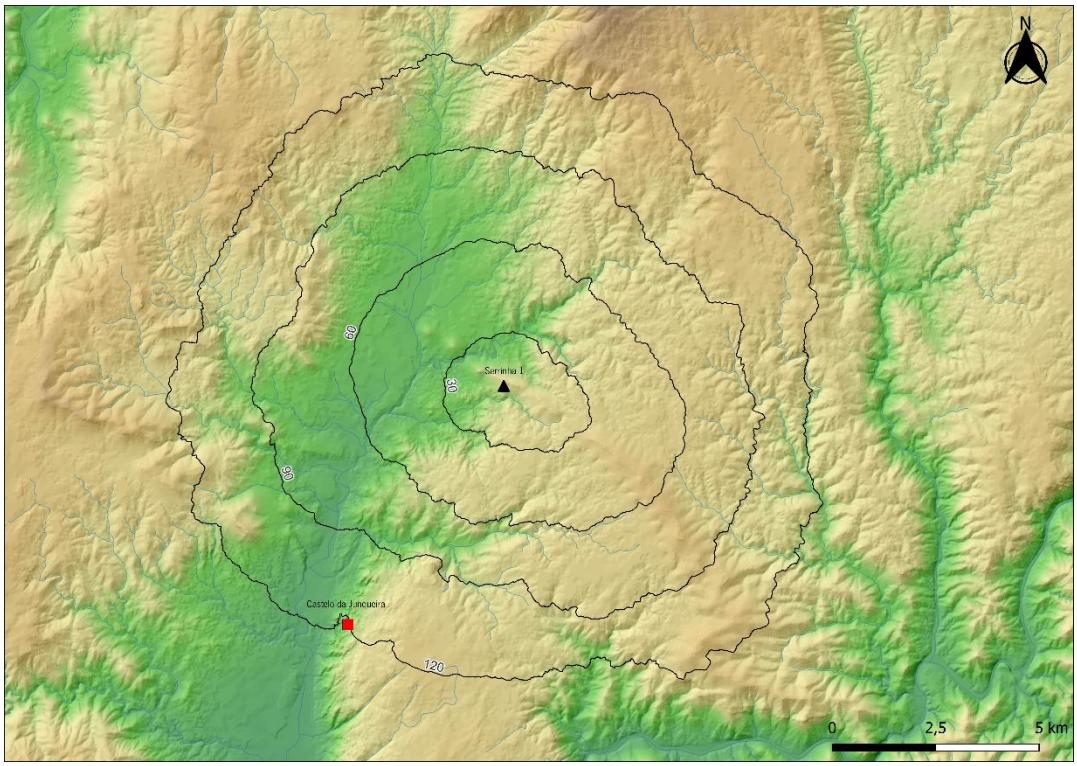


Figura 500 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Serrinha 1 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho).

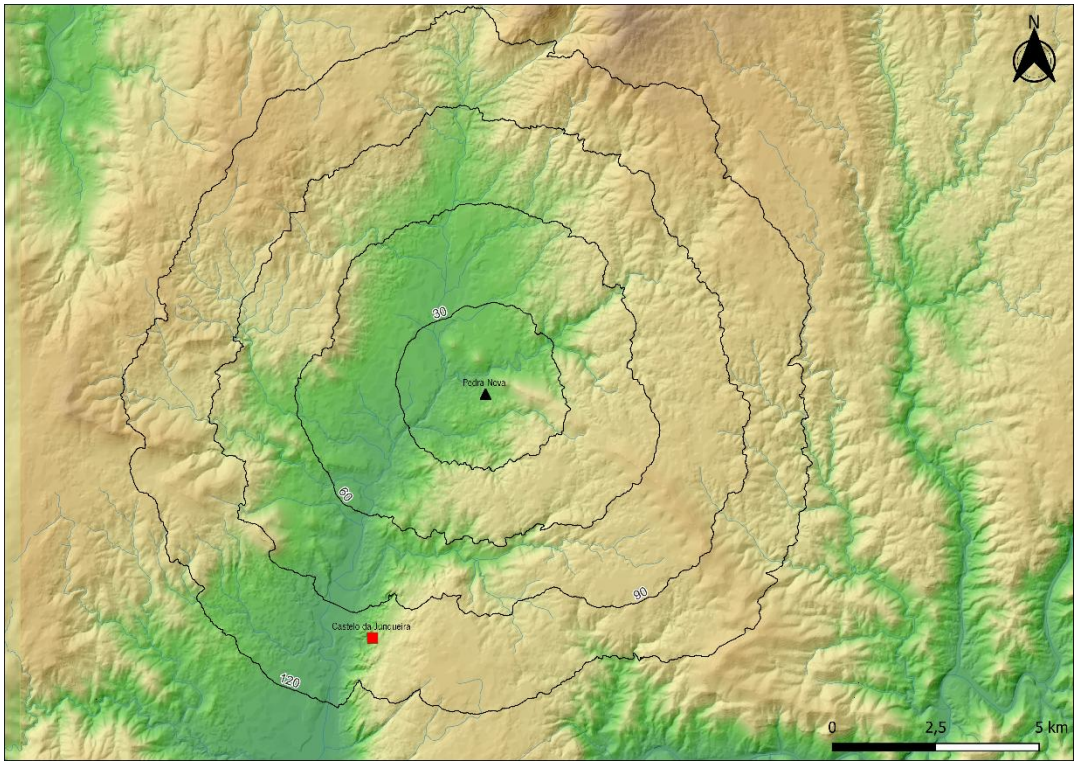


Figura 501 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pedra Nova (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho).

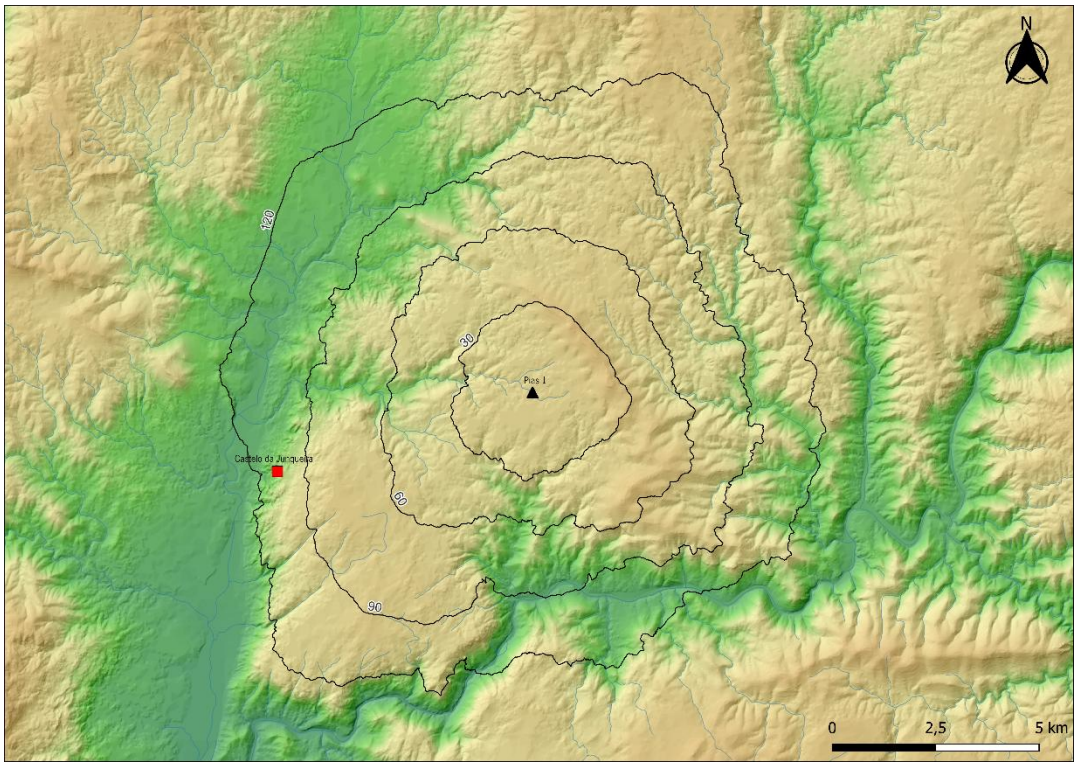


Figura 502 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pias 1 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho).

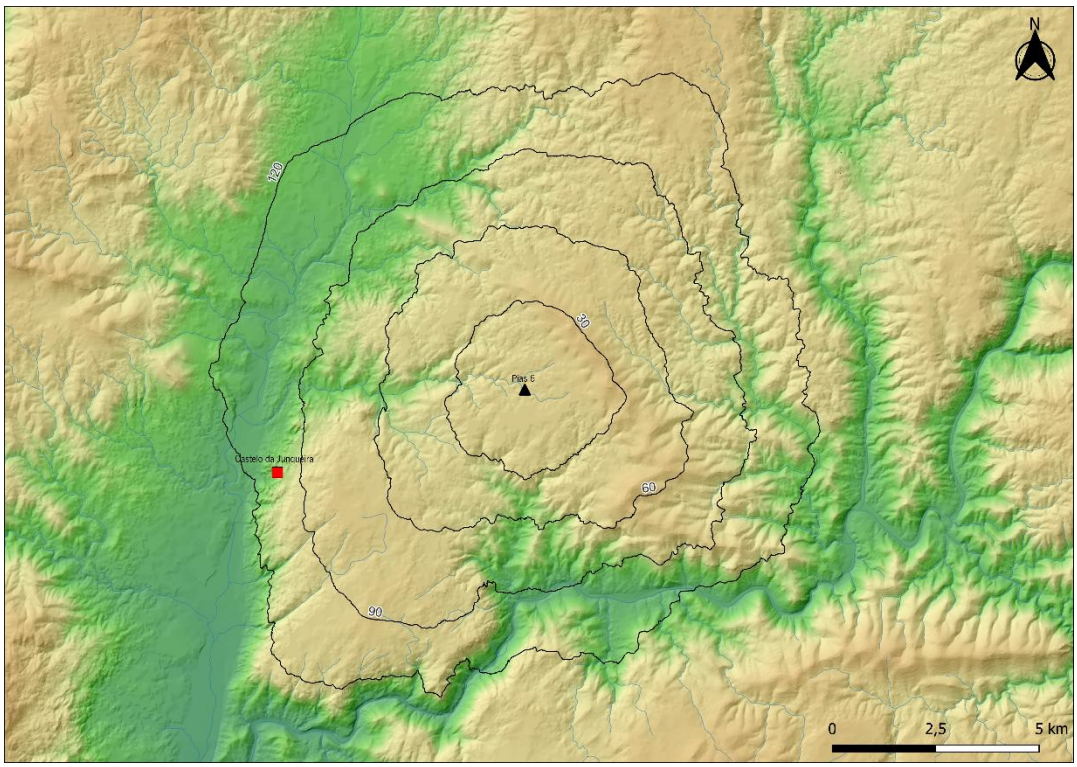


Figura 503 – Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pias 6 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho).

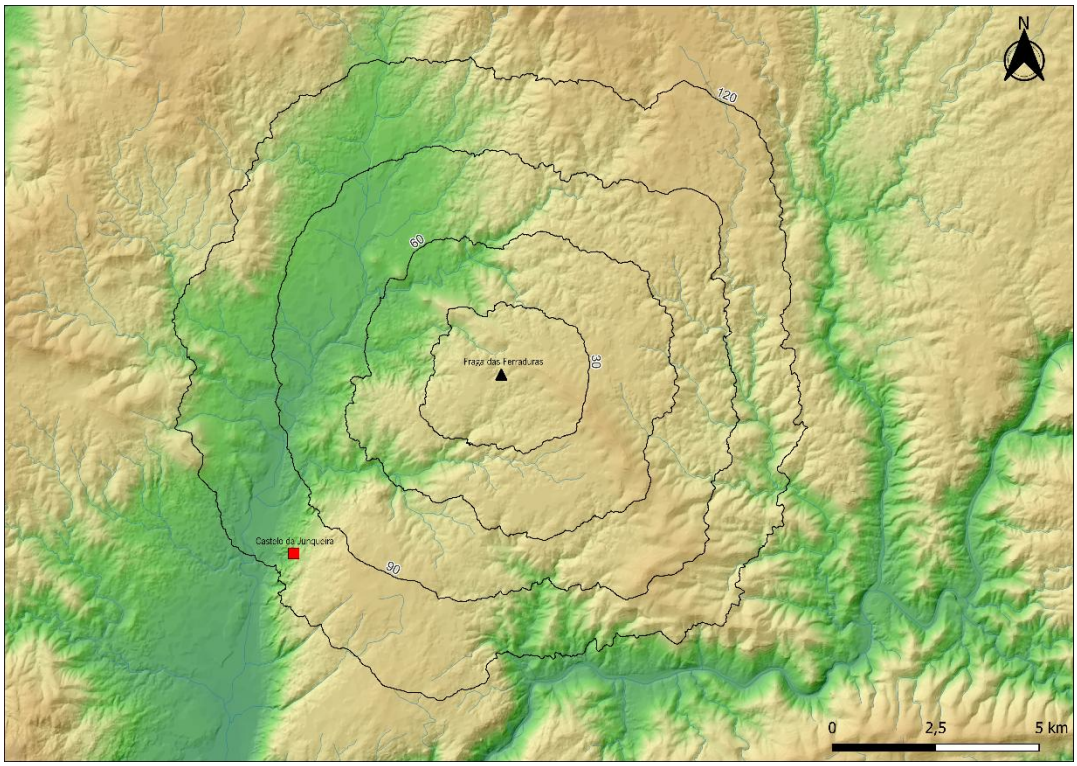


Figura 504 – Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Fraga das Ferraduras (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho).

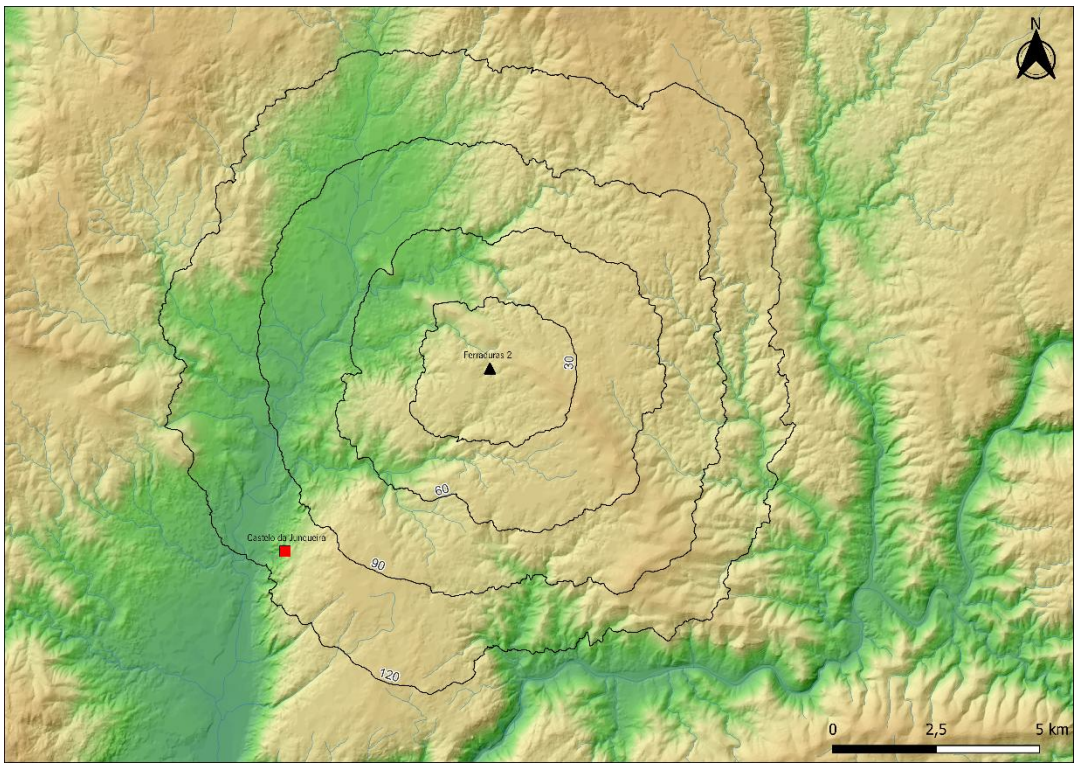


Figura 505 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Ferraduras 2 (triângulo a preto) e o povoado do Castelo da Junqueira (quadrado a vermelho).

Assim, para os lugares com motivos em U verifica-se que os povoados genericamente contemporâneos, se encontram, sempre, nos limites dos seus territórios teóricos de duas horas.

Já os lugares gravados do Ferro Recente (cavalo/cervo, inscrições e possível antropomorfo) foram estudados face ao território de circulação de duas horas pedestres dos povoados de Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia, considerados deste período por Cruz (2000). O resultado desta análise permitiu evidenciar que estes povoados se localizaram num percurso pedestre menor face os lugares gravados. No caso de Moinhos 2, onde surgiu um friso com um equídeo e cervídeo, o Castelo de Gouveia é o povoado mais próximo, não chegando aos trinta minutos, seguindo-se o povoado da Nossa Senhora dos Anúncios, entre os noventa minutos e as duas horas (Fig. 506). Quanto a Pias 10, onde foram identificados alfabetiformes filiformes, o Castelo de Gouveia encontra-se a menos de trinta minutos e Nossa Senhora dos Anúncios entre os noventa minutos e as duas horas (Fig. 507). Por fim, Favecas 28, também com alfabetiformes e um antropomorfo, partilha o mesmo modelo das rochas anteriores, ou seja, encontra-se a menos de trinta minutos do povoado de Castelo de Gouveia e entre os noventa minutos e as duas horas do povoado da Nossa Senhora dos Anúncios (Fig. 508).

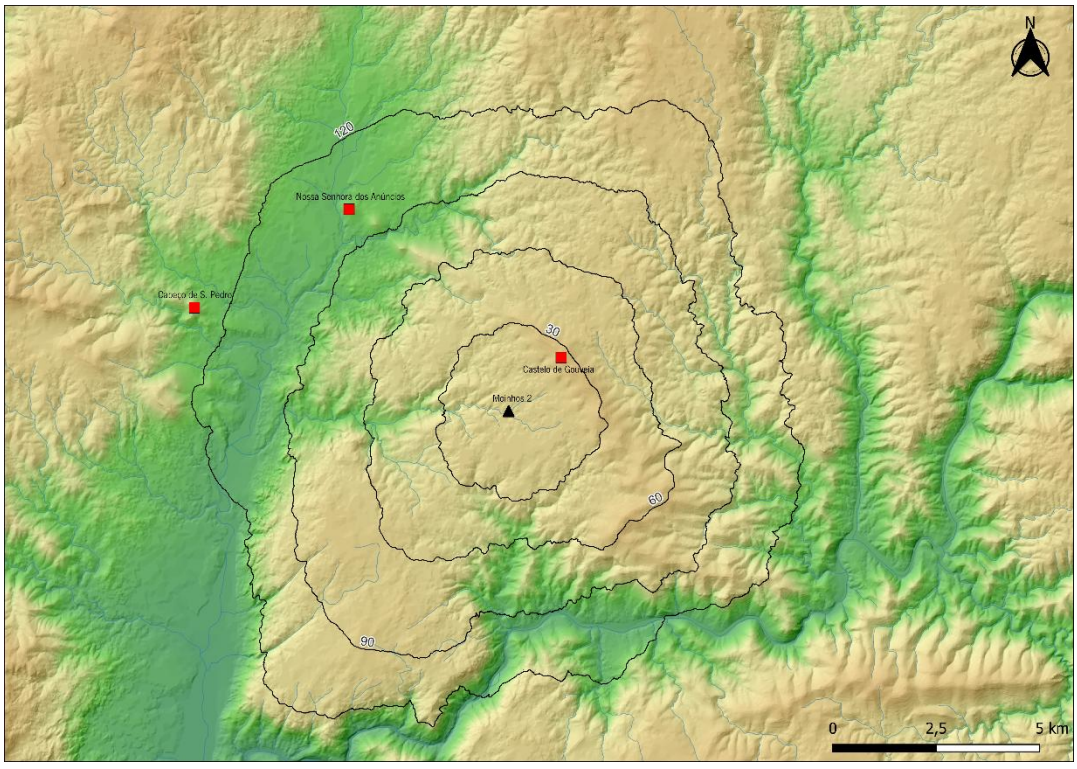


Figura 506 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Moinhos 2 (triângulo a preto) e os povoados da Idade do Ferro do Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia (quadrados a vermelho).

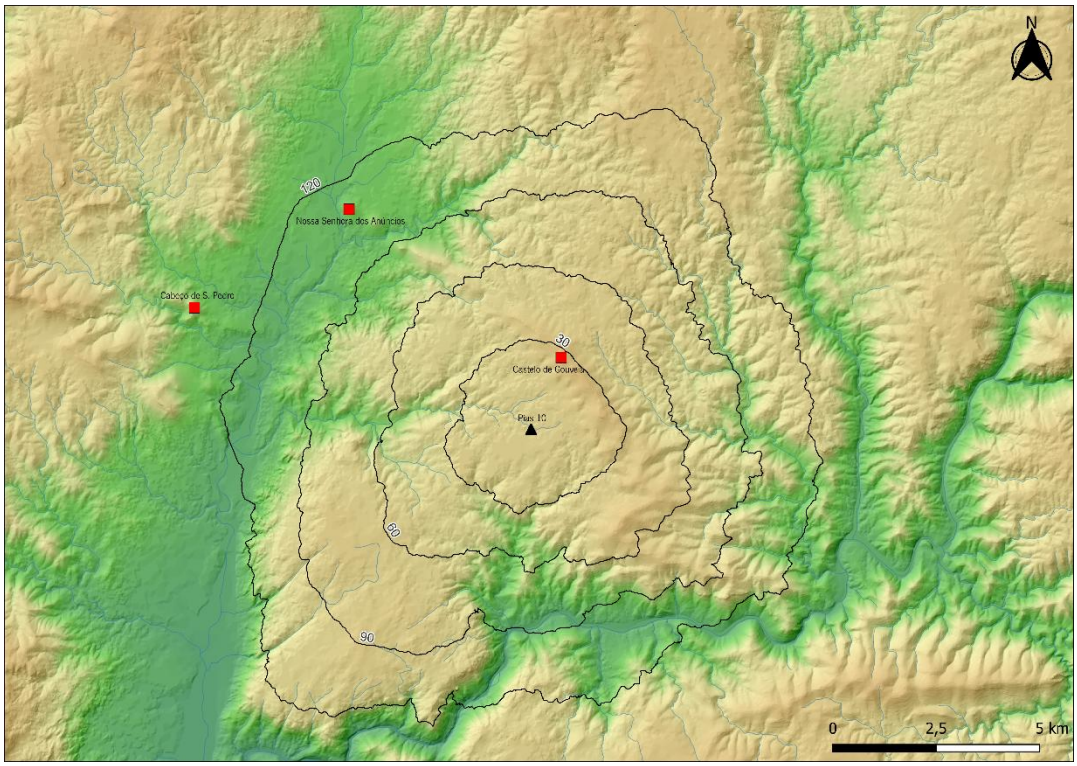


Figura 507 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Pias 10 (triângulo a preto) e os povoados da Idade do Ferro do Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia (quadrados a vermelho).

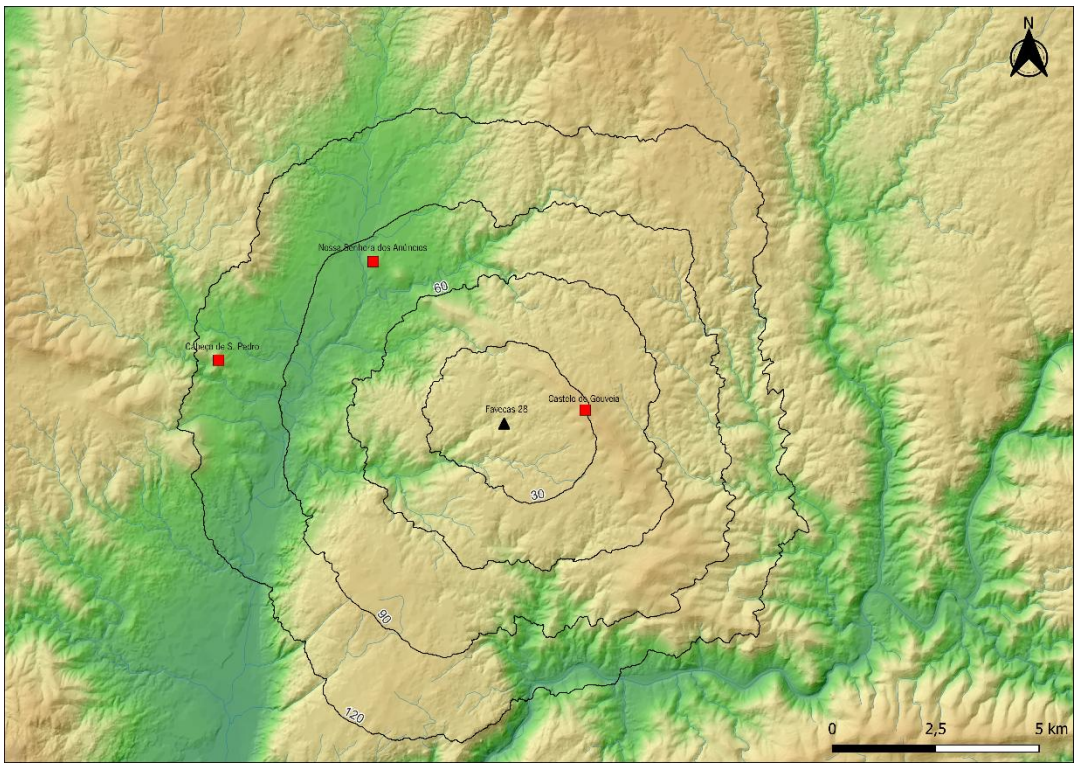


Figura 508 - Territórios teóricos de circulação, na escala 1:100 000, entre Favecas 28 (triângulo a preto) e os povoados da Idade do Ferro do Cabeço de S. Pedro, Nossa Senhora dos Anúncios e Castelo de Gouveia (quadrados a vermelho).

Se as cronologias dos povoados se vieram a confirmar, a proximidade entre as gravuras sidéricas e povoados contradiz a hipótese de Luís Luís (2009: 218) quando defende que a arte sidérica se encontra, intencionalmente, longe dos povoados, funcionando como demarcadora de fronteiras de territórios étnicos distintos.

Embora não seja possível atribui com segurança uma cronologia às rosetas de Favecas 7, é interessante verificar que se localizam relativamente próximas do sítio da Nossa Senhora dos Anúncios, com ocupação do período romano, e de um eventual ramal que sairia para a zona mineira de Vale de Ferreiros e para a *civitas* dos Banienses, já em pleno Vale da Vilariça (LEMOS, 1993: 318).

4. Considerações finais

Os objetivos deste trabalho tinham como intuito perceber a inter-relação entre o povoamento pré-histórico e proto-histórico e a arte rupestre.

Os sítios com arte rupestre, aqui identificados, encontram-se, fundamentalmente, na margem esquerda da ribeira da Vilariça, na bordadura dos ribeiros de Moinhos, Pias, Ridevides e da própria ribeira da Vilariça. Na margem direita, apenas se conhecem um sítio com arte rupestre: o Poço da Moura. Tal facto deve-se, apenas e só, à área selecionada para estudo, uma vez que abarcar toda a sua rede hidrográfica da ribeira da Vilariça seria tarefa demasiado exaustiva no âmbito deste trabalho. Mesmo assim, foram inventariados 67 sítios com arte rupestre.

Algumas dificuldades se impuseram na elaboração desta dissertação. Desde logo a não identificação, no campo, de rochas gravadas referidas na bibliografia. Referimo-nos à rocha 1 da Quinta do Feiticeiro, em Torre de Moncorvo, datada da Idade do Ferro por Neves (NEVES, 2012) e ao Poço da Moura, em Alfândega da Fé. Quanto ao Poço da Moura, foi possível identificar a rocha, mas não as gravuras, uma vez que o local se encontrava coberto por vegetação arbustiva muito densa, pelo que nos apoiamos, exclusivamente na bibliografia, para o seu estudo.

A inventariação de 67 rocha gravadas, onde 61 são inéditas, permitiu aferir que estas foram efetuadas por quatro técnicas de gravação distintas, a saber: pintura, raspagem, incisão (filiforme e fusiforme) e picotagem.

A pintura apenas foi identificada numa pequeníssima área do painel A da Fraga das Ferraduras, em Eucísia, no concelho de Alfândega da Fé e era, até agora, inédita, apesar deste sítio ser conhecido e descrita por vários autores (LOPES, 2006 e ABREU, 2012). Trata-se de, pelo menos, um antropomorfo com toucado, genericamente atribuído ao Calcolítico.

A raspagem foi identificada em 23 casos. Foi a técnica que mais dúvidas suscitou em termos cronológicos. Por um lado, o aspeto da patine é sempre "fresco", induzindo-nos a pensar que as gravuras são recentes. Por outro lado, apresentam motivos semelhantes àqueles efetuados por incisão, como é o caso de Favecas 9 com a possível representação de uma arma.

A incisão é, no espaço compreendido deste trabalho, a técnica mais usada (60 casos), subdividindo-se em incisão filiforme e incisão fusiforme, sendo a primeira a predominante (50 casos). Os motivos elaborados por esta técnica apresentam uma longa diacronia, ou seja, desde o Paleolítico Superior (como parece ser o caso da rocha da Vilariça 4, onde se parece representar a cabeça de um auroque), até à Idade do Ferro (com a cena de caça de Moinhos 2). A primeira com incisão fusiforme e a segunda com incisão filiforme.

Os fusiformes encontram-se relativamente circunscritos num espaço geográfico, nomeadamente o concelho de Alfândega da Fé. Correspondem à Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, Pedra Nova, Poço da Moura e Pias 1, esta um pouco mais distante das restantes. De uma forma geral parecem iniciar-se na Idade do Bronze Inicial (com a representação de alabardas).

Já os picotados, em número de 24, encontram-se mais dispersos no espaço. A iconografia predominante são os motivos em U (com ou sem covinha/sulco central) seguindo-se os antropomorfos e, em menor quantidade, os podomorfos, apenas identificados na Fraga das Ferraduras. Os motivos efetuados nesta técnica parecem ter ocorrido desde a Pré-história Recente e Proto-história (antropomorfo ou vulva; podomorfos e motivos em U) até à contemporaneidade (cruciforme e datas do século XIX). Se observarmos os motivos em U da Fraga das Ferraduras, vemos que as superfícies dos painéis A, B e C se encontram "frescas" como se estes tivessem sido feitos muito recentemente. No entanto, noutro painel desta rocha (C), os mesmos motivos encontram-se bastante patinados. Teriam os primeiros sido reavivados ou encontram-se assim por estarem em superfícies mais protegidas de agentes erosivos?

Relativamente à inserção destes lugares no povoamento pré-histórico e proto-histórico do Vale da Vilariça, colocam-se vários problemas.

O primeiro relaciona-se com o facto de a maioria dos sítios arqueológicos conhecidos, principalmente os povoados e os túmulos, não terem sido escavados, pelo que a sua atribuição cronológica se efetuou com base ou nas suas características arquitetónicas ou em materiais de superfície, por vezes, difíceis de classificar.

Apesar destas dificuldades, considerou-se importante efetuar alguns exercícios sobre possíveis inter-relações espaciais entre sítios gravados e outros elementos arqueológicos existentes no território, pois foram identificados povoados com ocupações Calcolíticas (Castro de Santa Justa, em Alfândega da

Fé ou Baldoeiro, em Torre de Moncorvo); da Idade do Bronze (Senhora do Castelo, em Torre de Moncorvo), e da Idade do Ferro, como por exemplo, Nossa Senhora dos Anúncios, em Alfândega da Fé.

Também é de destacar o grande recinto de estelas antropomórficas do Cabeço da Mina, em Vila Flor, considerado de elevado valor simbólico, durante o Neo-Calcolítico, por Jorge (1986, 1999) e da Idade do Bronze, por Diáz-Guadarmino (2010).

A aplicação de metodologias da Arqueologia Espacial, nomeadamente dos territórios de circulação teóricos, de 2 h pedestres, parece evidenciar que, no aro do Cabeço da Mina existiam quatro monumentos megalíticos e quatro lugares de arte rupestre com cronologias da Pré-história Recente (Pedra Escrita de Ridevides 1 e 2, Pedra Nova e Pias 9) o que reforça a hipótese, já equacionada por Jorge (1999), de que o Cabeço da Mina seria um grande centro cerimonial. É curioso verificar que os sítios mais próximos deste recinto, num aro de 30 minutos, são todos da Pré-história Recente, principalmente do Bronze Inicial.

Como hipótese de trabalho, equaciona-se a possibilidade de o Cabeço da Mina ter sido, talvez, o epicentro de uma área cerimonial maior onde se inscreveram outros lugares gravados, num aro de 30 minutos. Estes poderão ser contemporâneos ou posteriores, neste caso, localizando-se ali, num processo de adição, mas indiciando que o lugar se manteria ativo.

Verifica-se, ainda, em relação aos lugares gravados considerados calcolíticos que, no aro de 30 e 90 minutos, se localizam povoados genericamente contemporâneos.

Já os lugares gravados da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro, encontram-se, quase sempre, mais afastados de povoados considerados contemporâneos, todos eles, localizados no aro dos 90 ou 120 minutos.

Os lugares gravados atribuíveis ao Ferro Recente, também se encontram na fronteira dos territórios de 90 a 120 minutos pedestres dos povoados coetâneos, com uma exceção, o caso do Castelo de Gouveia, no aro de 30 minutos de gravuras rupestres, o que introduz novas dinâmicas territoriais em relação a esta arte, diferentes das propostas por Luís (2009).

Este trabalho, cumpriu, assim, os objetivos propostos, ao contribuir para o conhecimento da arqueologia do Vale da Vilariça, para o reconhecimento da sua arte rupestre, existente desde o Paleolítico até à Contemporaneidade, certamente com propósitos distintos, e para equacionar hipóteses sobre a interação entre lugares gravados e povoados.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M., S. (1992): Gravado no Tempo: Portugal. *Brigantia*, 12 (1): 255 – 258.

ABREU, M. S. (2006): *A Pedra de Ridevides e outras maravilhas. Vale da Vilariça, Portugal*, Departamento de Geologia. Universidade de Trás-os-Montes, Vila Real.

ABREU, M. S. (2012): *Rock Art in Portugal. History, Methodology and Traditions*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Tese de doutoramento).

ABREU, M. S.; JAFFE, L. (1995): Projecto Gravado no Tempo, Portugal, inventário total da arte rupestre: 1991–1993. In V. Jorge (coord.), *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 12 - 18 de outubro de 1993), Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia: 417 – 432.

ALMEIDA, C., A., F. (1973): Aspectos da mineração romana de ouro em Jales e Trêsminas (Trás-os-Montes). In *12º Congresso Nacional de Arqueologia*, 1971. Zaragoza : Secretaria General de los Congresos Arqueologicos Nacionales.

ALVES, F. (2000): *Memórias Arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, Bragança: Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal, Tomo IX.

ARGOTE, J., C., (1734): *Memorias para a historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, Officina de Joseph Antoni da Sylva, Tomo II.

AZEVEDO, P., A. (1896): Extractos archeologicos das "Memorias parochiaes de 1758". *O Arqueólogo Português,* 2 (série I): 62 - 64.

BAPTISTA, A., M. (1983): "O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)", *Arqueologia*, 8: 57 – 69.

BAPTISTA, A. M. (1984): Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perpectiva. In *Actas do Colóquio Inter-universitário de Arqueologia do Noroeste* (Portvgalia, Nova Série, Vol. IV/V). Porto: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 71 – 86.

BAPTISTA, A. M. (1986). Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, *História da Arte em Portugal – Do Paleolítico à Arte Visigótica*, vol. 1 (dir. Jorge Alarcão). Lisboa: Publicações Alfa: 31-56.

BAPTISTA, A., M.; SANTOS, A., T.; CORREIA, D. (2008): O santuário arcaico do vale do Côa: novas pistas para a compreensão da estruturação do bestiário gravettense e/ou gravetto-solutrense. In Rodrigo de Balbín (ed.), *Actas Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa.* Valladolid: Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo: 88 – 144.

BARROCA, M. (2000). *Epigrafia Medieval Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

BETTENCOURT, A.M.S. (2017). Gravuras rupestres do noroeste português para além das artes atlântica e esquemática. In J.M. Arnaud; A. Martins (eds.) *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da Questão.* Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1039-1053.

BETTENCOURT, A., M., S. (2017). Post-palaeolithic rock arts of north-western Portugal; an approach. In A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.) *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest,* British Archaeological Reports – BAR. Oxford: BAR Publishing, 123-149.

BETTENCOURT, A., M., S. (2021). West Iberian Bronze Age halberds in rock art sites: several ontological considerations. In A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estévez and H. Aluai Sampaio (eds.), *Weapons and Tools in Rock Art. A World Perspective*. Oxford & Philadelphia: Oxbow, 113-139.

BETTENCOURT, A., M., S. (2023). Thinking about the Bronze Age Rock Art of Portugal: What's new? In S. Garcês and G. Nash (eds.) *The Prehistoric Rock Art of Portugal. Symbolising Animals and Things*". London and New York: Routdlege, 303-325.

CABRAL, A. (1910): Castrum Baniensium (impressões de viagem), in *Ilustração Transmontana*, 3: 58 – 64.

CALO LOURIDO, F. (1994). *A plástica Castreja Galego-Portuguesa*, Pontevedra: Museo de Pontevedra, 2 vols.

CARDOSO, J., M. (2007): *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) – Um Recinto Monumental do III° e II° milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regiona*l, Porto: Universidade do Porto (Tese de doutoramento).

COIMBRA, F. (2008): Portuguese rock art in a protohistoric context. In Centro de Estudos de Pré-História do Alto Ribatejo (CEIPHAR) (ed.) *Arte Rupestre do Vale do Tejo e outros Estudos de Arte Pré-histórica* (Arkeos, 24). Tomar: 111 – 130.

COIMBRA, F. (2016): Exemplos de arte rupestre da Idade do Bronze e da Idade do Ferro no Vale do Tejo, In Museu Arqueológico do Carmo (ed.), *Actas das III Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo* (Açafa on-line, 11). Vila Velha de Ródão: 27 – 35.

COMENDADOR REY, B.; GONZÁLEZ INSUA, F. (2017). Rock art of upper Támega Valley, (Galicia, Spain). In A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.) *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest,* British Archaeological Reports – BAR. Oxford: BAR Publishing, 49-62.

CORREIA, A., M., V. (2010): *Estelas e Estátuas-menires no Centro e Norte de Portugal e Sudoeste da Meseta Superior.* Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Dissertação de Mestrado).

CRUZ, C. (2000): *A paisagem e o povoamento na longa duração. O NE transmontano – Terra Quente*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

DIAZ- GUADARMINO URIBE, M. (2010): *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid (Tese de Doutoramento).

FERNANDES, L., OSÓRIO, M. (2013): Tabuleiros de jogo e outras gravações no Castelo de Vila Maior, *Sabucale – Revista do Museu do Sabugal*, 5: 91 – 108.

FERNANDEZ-PINTOS, J. (2017): *Tableros de juego rupestres en el SO de Galicia*. Recuperado de https://www.academia.edu/35534627. Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional, disponível em https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/.

FERREIRA, P. (1895): Antiguidades de Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português* 1 (série I): 47 – 48.

FIGUEIREDO, A., M. (1895): Informações archeologicas colhidas no "Diccionaro Geographico" de Cardoso. *O Arqueólogo Português* 1 (série I): 143.

FIGUEIREDO, S. (2013): *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

FIGUEIREDO, S., BAPTISTA, A., M. (2013): A arte esquemática pintada em Portugal, In Ayuntamiento de Vélez-Blanco (ed.), *Actas del II Congresso de Arte Esquemático en la Península Ibérica*: 301 – 315.

FIGUEIREDO. S., MACIEL, J., L. (2015): Discutindo o conceito de arte móvel na Pré-História Recente do Nordeste Transmontano: dois novos achados do complexo de estelas do Cabeço da Mina. In International Federation of Rock Art Organizations (ed.), *XIX International Rock Art Conference – IFRAO 2015* (Arkeos, 37), Tomar: 1637 – 1645.

GOMES, M. V. (2025): As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa). Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do complexo rupestre Côa-Douro, In J. M. Arnaud, C. Neves e M. Diniz (eds.), *Estudos sobre Arte Rupestre*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 220 – 260).

PEREIRA, E. (2000): N*otícia explicativa da Folha 2. Carta Geológica de Portugal na escala 1:200 000,* Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.

HERCULANO, A. (1895): "Castellos" de Adeganha (Trás-os-Montes), *O Arqueólogo Português,* 1 (série I): 142 – 144.

JORGE, S. O. (1986): *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*, Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JORGE, S. O. (1999): Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): a Late Prehistoric Sanctuary with "Stelai" of the Iberian Peninsula. In K. Demakoulou, C. Eluère, J. Jensen, A. Jockenhö, J-P. Mohen (eds.), *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames and Hudson, 137:141.

JORGE, V. O.; JORGE, S. O. (1990). Statues-menhirs et stèles du nord du Portugal. *História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 7, ~~pp~~. 299 - 324.

LEMOS, F. S. (1993): *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento).

LOPES, F. J. (2006): *Alfândega da Fé – Registos de um percurso histórico*, vol. I, Vila Real.

LOPO, A. P. (1910): Uma excursão arqueológica a Roios: palas e buracos – o Cabeço de S. Pedro – Erva sagrada ou feiticeira, *O Arqueólogo Português,* 16 (série I): 48 – 51.

LUíS, L. (2009): "*Per petras et per signos*": A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In Primitivo Javier Sanabria Marcos (ed.) *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo – Cáceres*. Junta de Extremadura e o Museo de Cáceres: 213 – 240.

LUÍS, L. (2016): As gravuras da Idade do Ferro do Vale do Côa, *Vaccea*, 9, 61 – 70.

MORAIS, J., P., MAGALHÃES, A., S., P. (1985): *Memórias de Ansiães (1721)*, Carrazeda de Ansiães: Câmara de Carrazeda de Ansiães, p. 60.

MOREIRA, J. (2018): *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

NETO, J. M. (1975): *O Leste do Território Bracarense*, Torres Vedras.

NEVES, D.; DIAS, R.; COELHO, S.; XAVIER, P.; MORAIS, R.; CARVALHO, L.; FIGUEIREDO, S. (2011): A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro, In João Cascalheira e Célia Gonçalves (eds.) *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica* (Promontoria Monográfica 16). Faro: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia e Departamento de Artes e Humanidades, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve: 169 – 175.

PEREIRA, D. I.; AZEVÊDO, T. M. (1995): Evolução Quaternária do Graben da Vilariça (Trás-os-Montes, NE Portugal), *Caderno Lab. Xeolóxico de Laxe*, 20: 123 – 137.

REDENTOR, A. (2002). *Epigrafia romana da região de Bragança.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 24).

REIS, M: (2014): "Mil rochas e tal...!": inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (conclusão), *Portvgalia*, Nova Série, Vol. 35, 17 – 59.

RODRIGUES, A. V.; BRANDÃO, D. P. (1962): Missão de estudo arqueológico na região da Vilariça-Moncorvo, *Studium Generale*, 9 (1), 336 – 351.

RODRIGUES, M.; REBANDA, N. (1991): *Estudo preliminar das cerâmicas pré-históricas da estação arqueológica do Baldoeiro, Adeganha – Moncorvo*. Porto/Moncorvo (texto dactilografado).

RODRIGUES, M., REBANDA, N. (1998): Cerâmicas pré-históricas do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo), *Rev. Olaria*, 2, 105 – 114.

SANCHES, M. J. (1995): *O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no Contexto da Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SANCHES, M., J. (1996): Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal. (Serie Monografias y Estudios). Zamora: Fundação Rei Afonso Henriques: 83 – 84.

SANCHES, M. J. (2009): Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica, *Portugália*, Nova Série, 29-30, 5 – 42.

SANCHES, M., J. (2019): Os primeiros habitantes do território Bragançano: pré-história e proto-história. In F. Sousa (ed.), *Bragança: das Origens à Revolução Liberal de 1820,* Bragança: CEPESE e Município de Bragança: 19 – 67.

SANCHES, M. J., TEIXEIRA, J. (2017): Abstract and sub-naturalistic prehistoric rock art in the Trás-os-Montes and Alto Douro region of Portugal: the case study of the Passadeiro rock shelter – Palaçoulo (Miranda do Douro). In (editores???? A.M.S. Bettencourt, Manuel Santos Estévez, Hugo A. Sampaio e Daniela Cardoso (eds.), *Record Places, Experienced Places. The Holocene rock art of the Iberian Atlantic north-west.* Oxford: Bar Publishing, 29 – 37.

SANCHES, M. J., TEIXEIRA, J. C., BÉCARES PÉREZ, J. (2022): Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na Média e Baixa Bacia do Douro. *Arte sem Limites*. Côa & Siega Verde: Junta de Castilla y Léon-Consejeria de Cultura, Turismo y Deporte: 112 - 133

SANTOS, A. (2006). A arte rupestre na proto-história antiga do Vale de Besteiros: Interpretação e Territorialidade, *Conímbriga*, 45: 47-64.

SANTOS, A.; BAPTISTA, M. (2011). Rock art in the Iberian Central Chain. In P. Bueno, E. Cerrillo Cuenca; A. Gonzalez Cordero (eds.), *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region.* BAR International Series 2219, Oxford: Archaeopress:161-176.

SANTOS JÚNIOR, J. R. S. (1930): *Pinturas megalíticas no concelho de Carrazeda de Ansiães*. Porto.

SANTOS JÚNIOR, J. R. S. (1931): As serpentes gravadas do castro do Baldoeiro (Moncorvo – Trás-os-Montes). In *XV Congrès International d´Anthropologie & d´Archéologie Préhistorique*, IV Session de l´Institut International d´Anthropologie. Paris: Librairie e Nourry: 413 – 418.

SANTOS JÚNIOR, J. R. S. (1952): O Castro de Sampaio (Vilariça), *Revista de Guimarães*, 62 (3 – 4), 299 – 306.

SANTOS JÚNIOR, J. R. S. (1963): As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 9 (2), 111 – 144.

SANTOS JÚNIOR, J. R. (1975): A Cultura dos Berrões no Nordeste de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 22 (4), 353 – 515.

SANTOS JÚNIOR, J. R. (1982): A estação arqueológica de Vilarelhos e a cabeça de guerreiro lusitano, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 23 (2–3), 345 – 351.

SILVA, A., C. F. (1986): *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SOUSA, O. (1996): *Estatuária antropomórfica pré e proto-histórica do Norte de Portugal*, Porto: Universidade (Dissertação de Mestrado).

TAVARES, J. A. (1895): Archeologia do districto de Bragança, *O Arqueólogo Português,* Série I, 1: 126 – 129.

TEIXEIRA, J. C., SANCHES, M., J. (2017): O abrigo da foz do Tua no contexto da Arte Paleolítica e Pós-Paleolítica, *Portvgalia*, Nova Série, 38, 9 – 48.

VASCONCELLOS, J. L. (1910): Esculpturas prehistóricas do Museu Ethnológico Português, *O Arqueólogo Português* 15 (série I): 31 – 39.

VÁSQUEZ MARCOS, C. (2018): El arte paleolítico de Siega Verde (Serranilho, Salamanca, España): una sintética visión en el trigésimo aniversario de su descobrimento, *Estudos do Quaternário*, APEQ, 19. Braga: 63 – 82.

XAVIER, P.; CRISTO-ROPERO, A.; MACIEL, J.; FIGUEIREDO, S. S. (2014): Do ver ao compreender as gravuras "fusiformes" do Vale do Sabor. In J. Honardo Castro, M. A. Brezmes Ecribano, A. Tejeiro Pizarro, O. Rodríguez Monterrubio (eds.), A*ctas de las Segundas Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero: del Neolítico a la Antiguidad Tardia* (Glyphos, Vol. 2). Zamora: 87 – 98.

WEBGRAFIA

https://lendarium.org/pt/